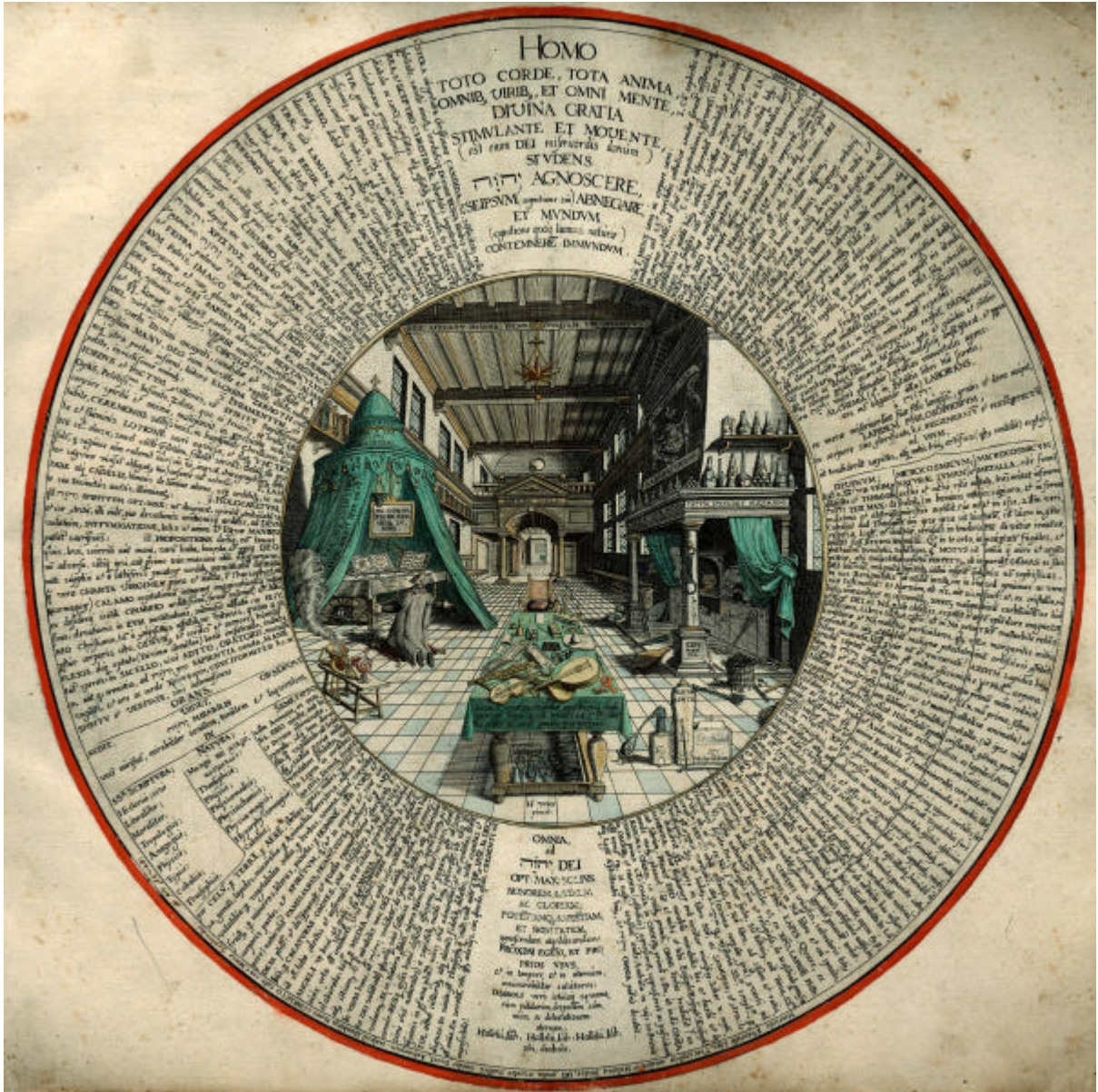


António de Macedo

A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes



Hermeticidade Rosacruz Max Heindel

Centro de Estudos Rosacruz

Editor: The Rosicrucian Fellowship



Raphael Sanzio (1483-1520), Escola de Athenas

Prefácio

A presente coletânea de artigos e textos de António de Macedo reúne um pouco das várias facetas de sua obra acadêmica, ensaística e mística, servindo de introdução à mesma. Compõe-se de artigos dispersos em diferentes sítios da Internet; materiais inéditos apresentados em colóquios e encontros acadêmicos; excertos de livros publicados; entrevistas concedidas, nos últimos anos etc. Tudo complementado por ilustrações, apêndices e adendos.

António de Macedo, nascido em 1931, em Portugal (onde reside ainda), é cineasta, esteta, ensaísta, romancista, professor de Esoterologia Bíblica (Universidade Nova de Lisboa), membro da Rosicrucian Fellowship e (como ele mesmo prefere) "alquimístico". Em todas essas áreas e especialidades tem se destacado, obtendo reconhecimento internacional, todavia, por limites de espaço, e coerente com a proposta da presente antologia, vamos nos ater apenas ao António de Macedo esoterólogo e esoterista.

O que é Esoterologia? Significa "estudo do Esoterismo", e por tal hoje se entende a disciplina acadêmica surgida há alguns decênios em universidades importantes tais como Sorbonne (França), Estadual de Michigan (EUA), Amsterdam e Utrecht (Holanda), Londres (EUA), Turim (Itália), Novakchott (Mauritânia) e outras, acompanhando uma reaproximação entre o mundo dos esoteristas, de um lado, e o mundo acadêmico, do outro, após uma "déblacê" de certo positivismo...Reaproximação esta fundada em sutis distinções metodológicas e ontológicas (Cf. "O que é Esoterismo", A. de Macedo, nesta coletânea).

E dentro deste quadro esboçado, A. de Macedo se destaca outrossim como especialista/professor de uma sub-disciplina, baseada numa abordagem transdisciplinar combinando hermenêutica, filologia, teodicéia, sociologia da religião etc.: a Esoterologia Bíblica, ie, "estudo do Esoterismo da Bíblia"; e diante de possíveis objeções vindas de outros estudiosos bíblicos, ou mesmo autoridades religiosas, A. de Macedo trata de esclarecer: "Que os próprios textos da Bíblia contêm material esotérico, é um dado observacional indiscutível, além do facto, também indiscutível, de terem

sido objeto de interpretações esotéricas, quer por parte da tradição judaica, quer da tradição cristã desde os seus primórdios" (In: "O Esoterismo da Bíblia". Lisboa: Ésquilo, 2002, p.19).

Enquanto no mundo civilizado atual a Esoterologia obtém força, credibilidade e espaço (por exemplo, em Portugal, nosso irmão de laços histórico-culturais, além de A. de Macedo, nesta área ainda são notáveis J. M. Anes e J.A. Mourão, também da Universidade Nova de Lisboa), no Brasil em contraste desconhecemos em absoluto qualquer iniciativa institucional – por motivos cuja análise foge ao escopo deste Prefácio- , sendo escassa a bibliografia especializada, mal existindo traduções de obras básicas (a não ser: "O Esoterismo: uma antologia", P. Riffard, Mandarim; e "O Esoterismo", A. Faivre, Papirus). Por semelhante razão, outrossim o contato do leitor virtual de aquém-mar com a obra de A. de Macedo implica em certo sentido acessar o que há de mais ousado, inovador e sério na área acadêmico-esotérica pelo mundo afora, não sem contar com a feliz coincidência idiomática, ie, a tardia "flor do Lácio"...

Mas não só acadêmico: António de Macedo é místico rosacruzista, membro da Fraternidade Rosacruz, fundada no início do séc. XX, nos EUA, pelo ocultista dinamarquês Carl Louis Von Grasshof que ao emigrar para a América adotou o pseudônimo de Max Heindel (Cf. "Max Heindel em busca do Templo Ignoto", "Max Heindel: uma cronologia", "Origem da oração rosacruz", "Prayer and the new Panacea"), se inserindo merecidamente numa linhagem de pensadores fecundos e versáteis engendrados por este movimento, a título de exemplo, Manly P. Hall e Corinne Heline (Cf. "Corinne Heline", "Corinne Heline: uma vida em imagens", "Meu tributo à Max Heindel").

Destarte, seja revolvendo a tradição rosacruz (Cf. "Alquimia espiritual dos rosacruzes", "A cosmologia dos rosacruzes"), herdeira do hermetismo e da alquimia, ou seja esquadrinhando os múltiplos aspectos (esotéricos, teológicos, históricos) do paleocristianismo (Cf. "Logos e Lithos", "Paulo: o iniciado", "O uso do Pergaminho e o Pecado original", "Inquisição e Tradição esotérica", "As diferentes concepções sobre o Jesus histórico", "Entrevista: Esoterologia Bíblica"), por sua vez tributário das tradições judaica (Cf. "A Misteriosa escrita de Jesus", "A ressurreição corporal judaica") e helênica, A. de Macedo demonstra conhecer os fundamentos do Esoterismo do Ocidente, transitando de modo livre pelas vários autores, escolas e correntes, de antanho e de hoje. Além do mais, é-lhe possível ainda falar de problemas intrínsecos da história oculta de Portugal (Cf. "Magia Áurea: o eneagrama sagrado"), da questão premente da iniciação feminina e do feminino universal (Cf. "Eu e o Pai somos Um", "Iniciação feminina: astrológica, mágica, alquímico-hermética ou cabalística?"), ou filosofar sobre as relações entre estética, ética e gnose (Cf. "Gaal Branco, Gaal Negro", "Regresso ao Pai de Amor", "O pássaro azul da felicidade"), sem deixar de apresentar um lado mais intimista e desenvolto (Cf. "Entrevista a Estela Guedes").

E isso é apenas uma tentativa inábil de nossa parte em resumir o presente material por temas centrais, entretanto, a bem da verdade, não há como fazê-lo, pois todos os textos e artigos se complementam na forma e no conteúdo, na amplitude e na profundidade, refletindo a unidade deste rico, colorido e fascinante moisco que é a obra de António de Macedo.

São Paulo, 17 de outubro de 2007.

Daniel R. Plácido*

*com a colaboração de Alexandre David **

- Daniel R. Plácido, nascido em 1983, em São Paulo, Brasil, é livreiro e pesquisador de Esoterismo.
- Alexandre David é designer digital e webmaster do site da Fraternidade Rosacruz no Rio de Janeiro.

A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes e Outros Ensaios

Antologia

Artigos, Ensaios e Excertos de Obras Esotéricas Publicadas

António de Macedo

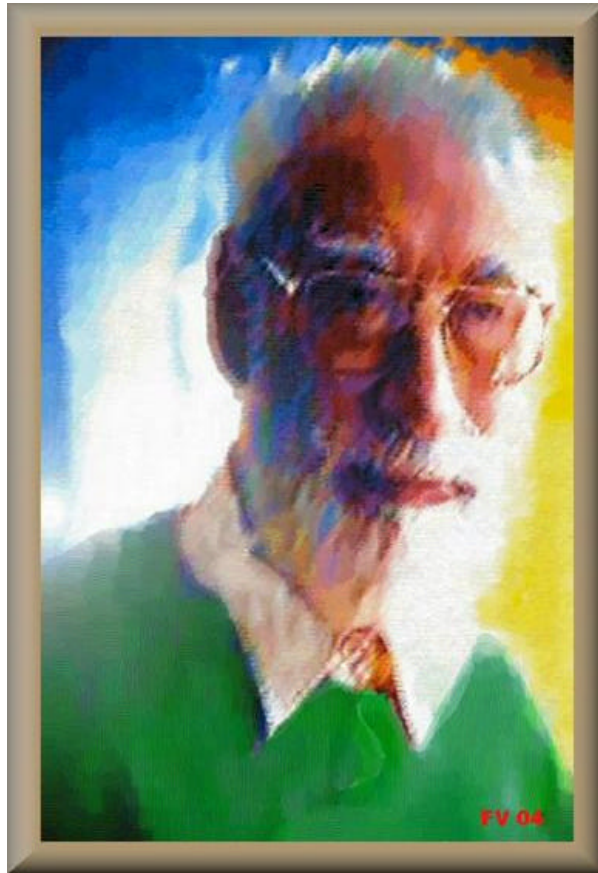
Index

	Prefácio	Pág 02
	Sobre o Autor e Sua Obra	05
I	O que é o Esoterismo?	08
II	Logos e Lithos: A Palavra Criadora e a Pedra Angular	15
III	Graal Branco, Graal Negro	25
IV	Paulo, O Iniciado	36
V	Magia Aurea: O Eneagrama Sagrado	48
VI	Os Solstícios e os Equinócios	59
VII	A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes	66
VIII	A Cosmologia dos Rosacruzes	80
IX	Eu e o Pai Somos Um: O Eterno Feminino na Nova Religiosidade	94
X	Iniciação Feminina: Astrológica, Mágica, Alquímico-hermética ou cabalística?	112
XI	A Misteriosa Escrita de Jesus	156
XII	O Uso do Pergaminho e o Pecado Original	159
XIII	A ressurreição corporal judaica	183
XIV	Regresso ao Pai de Amor	188
XV	O Pássaro Azul da Felicidade	196
XVI	Max Heindel: Em Busca do Templo Ignoto	203
XVII	Max Heindel – Cronologia , Segundo Ger Westenber	211
XVIII	Corinne Heline	227
	Corinne Heline: Uma vida em imagens	234
	Meu Tributo à Max Heindel por Corinne Heline	237
XIX	Prayer and The New Panacea	241
XX	Origem da Oração Rosacruz	248
XXI	Inquisição e Tradição Esotérica	252
XXII	As diferentes concepções sobre o "Jesus Histórico	270
XXIII	Esoterologia Bíblica: Entrevista concedida à Daniel Plácido em abril de 2007	276
XIV	Os Reinos Mágicos estão aqui mesmo: Entrevista concedida a Estela Guedes.	291
XV	Amor ou Caridade	297
XVI	Apelo às Novas Gerações	300
XVII	Resenha de livros publicados	308



“O Primeiro Estágio do Grande Trabalho”, mais conhecido como o “Laboratório do Alquimista” da obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae* de Heinrich Khunrath (1560-1605)

Sobre o Autor e sua Obra



Antonio de Macedo
Óleo sobre tela, Macarlo

«A inclinação para o maravilhoso, inata a todos os homens em geral, o meu particular apreço pelas impossibilidades, a inquietação do meu cepticismo habitual, o meu desprezo pelo que sabemos e o meu respeito pelo que ignoramos — eis as motivações que me levaram a viajar pelos espaços imaginários.»

Barão de Gleichen (Séc. XVIII)

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

António de Macedo nasceu, em Lisboa, em 5 de Julho de 1931. No início da sua carreira, e durante alguns anos, exerceu a profissão de arquitecto que abandonou em 1964 para se dedicar ao cinema, à literatura, à pesquisa de músicas de vanguarda. Especializou-se na investigação das religiões comparadas, das tradições esotéricas, de história da filosofia e da estética audio-visual, da literatura fantástica e da ficção científica, temas que tem abordado em inúmeros colóquios e conferências, e em diversas publicações.

Inclui na sua extensa filmografia dezenas de documentários e programas televisivos, bem como filmes de longa-metragem entre as quais se destacam *Domingo à Tarde* (1965), *Nojo aos Cães* (1970), *A*

Promessa (1972), *O Princípio da Sabedoria* (1975), *As Horas de Maria* (1976), *Os Abismos da Meia-Noite* (1982), *Os Emissários de Khalôm* (1987), *A Maldição de Marialva* (1989), *Chá Forte com Limão* (1993), etc.

Entre os seus livros contam-se, no ensaísmo, *A Evolução Estética do Cinema* (1959-1960), *Da Essência da Libertação* (1961), *Instruções Iniciáticas* (1999) e *Laboratório Mágico* (2002), e, na ficção, *O Limite de Rudzky* (1992), *Contos do Androthéllys* (1993), *Sulphira & Lucyphur* (1995), *A Sonata de Cristal* (1996), *Erotosofia* (1998) e *O Cipreste Apaixonado* (2000).

Tem leccionado em diversas instituições de ensino desde 1970: no IADE, na Universidade Lusófona, na Universidade Moderna e na Universidade Nova de Lisboa, regendo cadeiras como Teoria e Prática do Cinema, Análise de Imagem, Arte Narrativa e Esoterismo Bíblico.

Foi um dos promotores dos «Encontros Internacionais de Ficção Científica & Fantástico de Cascais», que se iniciaram em 1996, e de cuja Comissão Coordenadora tem feito parte.

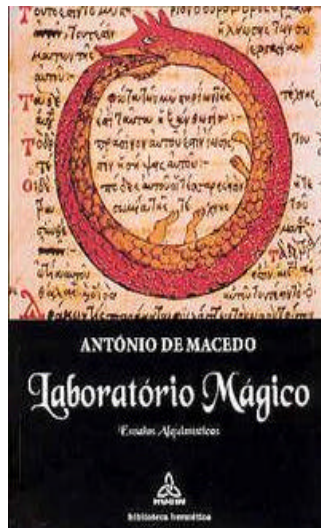
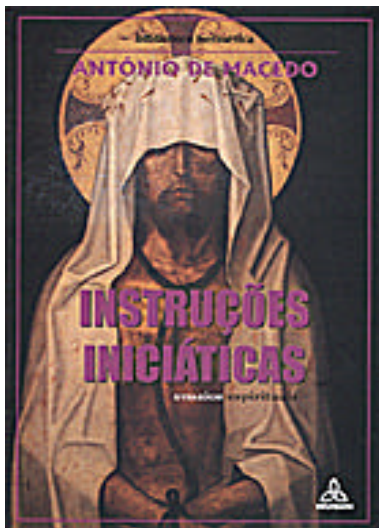
Obras de António de Macedo

1. Principais filmes:

- 1962 – VERÃO COINCIDENTE, curta-metragem
- 1963 – NICOTIANA, curta-metragem
- 1965 – DOMINGO À TARDE, longa-metragem
- 1967 – SETE BALAS PARA SELMA, longa-metragem
- 1969 – ALMADA-NEGREIROS VIVO HOJE, curta-metragem
- 1970 – NOJO AOS CÃES, longa-metragem
- 1972 – A PROMESSA, longa-metragem
- 1975 – O PRINCÍPIO DA SABEDORIA, longa-metragem
- 1975 – FATIMA STORY, telefilme
- 1976 – AS HORAS DE MARIA, longa-metragem
- 1976 – O OUTRO TEATRO, telefilme
- 1978 – O PRÍNCIPE COM ORELHAS DE BURRO, longa-metragem
- 1983 – OS ABISMOS DA MEIA-NOITE, longa-metragem
- 1987 – OS EMISSÁRIOS DE KHALÔM, longa-metragem
- 1988 – FERNANDO LANCHAS - OS 7 ROSTOS, telefilme
- 1989 – A MALDIÇÃO DE MARIALVA, longa-metragem
- 1992 – O ALTAR DOS HOLOCAUSTOS, série-TV
- 1993 – CHÁ FORTE COM LIMÃO, longa-metragem
- 1996 – SANTO ANTÓNIO DE TODO O MUNDO, telefilme

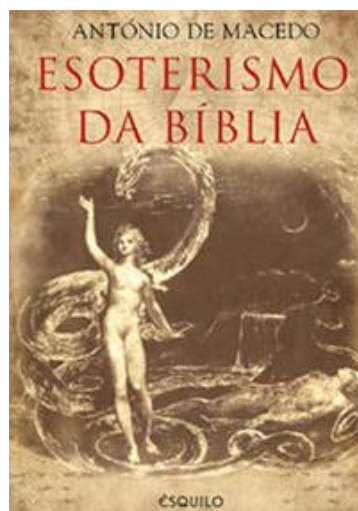
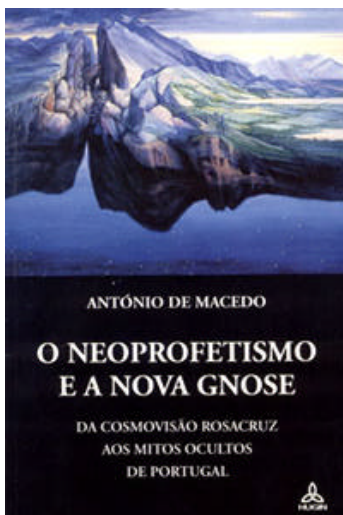
2. Ensaio:

- A EVOLUÇÃO ESTÉTICA DO CINEMA, vol. 1 1959, vol. 2 1960
- DA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO, 1961, 2.ª ed. 2002



INSTRUÇÕES INICIÁTICAS, 1999, 2.^a ed. 2000, Ed. HUGIN

LABORATÓRIO MÁGICO, 2002, Ed. HUGIN



O NEOPROFETISMO E A NOVA GNOSE, 2003, Ed. HUGIN

ESOTERISMO DA BÍBLIA, 2006, Ed. ESQUILO

3. Teatro:

A POMBA, 1983

A NOVA ILUSÃO, 1984

O OSSO DE MAFOMA, 1989

4. Ficção:

O LIMITE DE RUDZKY, contos 1992

CONTOS DO ANDROTHÉLYS, romance 1993

SULPHIRA & LUCYPHUR, romance 1995

A SONATA DE CRISTAL, romance 1996

EROTOSOFIA, romance 1998

O CIPRESTE APAIXONADO, romance 2000

I.

O que é o Esoterismo?



António de Macedo

O substantivo «esoterismo» é de formação relativamente recente, por comparação com o adjectivo «esotérico», de origem grega, donde deriva.

O adjectivo *eksôterikos*, -ê, -on («exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico») já existia em grego clássico, ao passo que o adjectivo *esôterikos*, -ê, -on («no interior, na intimidade, esotérico») surgiu na época helenística sob o Império romano. Diversos autores os utilizaram. Veremos dentro em pouco alguns exemplos.

Têm a sua origem, respectivamente, em *eisô* ou *esô* (como preposição significa «dentro de», como advérbio significa «dentro»), e *eksô* (como prep. significa «fora de», como adv. significa «fora»). Destas partículas gramaticais (preposição, advérbio) os gregos derivaram comparativos e superlativos, tal como no caso dos adjectivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é -*teros*, e para o superlativo é -*tatos*. Por exemplo, o adjectivo *kouphos*, «leve», tem como comparativo *kouphoteros*, «mais leve», e como superlativo *kouphotatos*, «levíssimo». Do mesmo modo, do adv./prep. *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, «mais interior», e o sup. *esôtatos*, «muito interior, interno, íntimo».

O adjectivo *esôterikos* deriva, portanto, do comparativo *esôteros*. Certos autores, porém, talvez mais imaginosos, propõem outra etimologia, baseada no verbo *têô* que significa «observar, espiar; guardar, conservar». Assim, *esô* + *têô* significaria qualquer coisa como «espiar por dentro e guardar no interior».

Platão (427-347 a. C.) no seu diálogo *Alcíbiades* (aprox. 390 a. C.) utiliza a expressão *ta esô* no sentido de «as coisas interiores», e no diálogo *Teeteto* (aprox.

360 a. C.) utiliza *ta eksô* com o significado de «as coisas exteriores». Por sua vez Aristóteles (384-322 a. C.) utiliza o adjetivo *eksôterikos* na sua *Ética a Nicómaco* (I, 13), cerca do ano 350 a. C., para qualificar o que ele chama os «discursos exotéricos», ou seja, as suas obras de juventude, de fácil acesso a um público mais geral.

O primeiro testemunho do adjetivo *esôterikos* encontramos-lo em Luciano de Samosata (aprox. 120-180 d. C.) na sua obra satírica *O Leilão das Vidas*, § 26 (também chamado *O Leilão das Escolas Filosóficas*), composta cerca do ano 166 d. C.

Mais tarde, os adjetivos *eksôterikos* e *esôterikos* passaram a ser aplicados, por engano, aos ensinamentos de Aristóteles por Clemente de Alexandria (aprox. 150-215 d. C.) na sua obra *Strômateis*, composta cerca do ano 208 d. C.: «As pessoas da escola de Aristóteles diziam que, entre as suas obras, algumas são *esotéricas* e outras destinadas ao público ou *exotéricas*» (*Strômateis*, Livro V, cap. 9, 58). Clemente supunha que Aristóteles era um iniciado, e portanto seriam «esotéricos» os ensinamentos que facultava no seu Liceu a discípulos já instruídos. Na verdade era apenas um ensino oral e Aristóteles qualificava-o como «ensinamento acroamático», que quer dizer «transmitido oralmente», nada tendo de esotérico no sentido iniciático do termo.

O teólogo alexandrino Orígenes (aprox. 185-254 d. C.), discípulo de Clemente, já usa ambos os adjetivos em conotação com o «oculto», ou melhor, o «iniciático»; contestando as críticas do anti-cristão Celso, diz Orígenes: «Chamar *oculta* à nossa doutrina é totalmente absurdo. E de resto, que haja certos pontos, nela, para além do *exotérico* e que portanto não chegam aos ouvidos do vulgo, não é coisa exclusiva do Cristianismo, pois também entre os filósofos era corrente haver umas doutrinas *exotéricas*, e outras *esotéricas*. Assim, havia indivíduos que de Pitágoras só sabiam “o que ele disse” por intermédio de terceiros; ao passo que outros eram secretamente iniciados em doutrinas que não deviam chegar a ouvidos profanos e ainda não purificados» (*Contra Celsum*, Livro I, 7).

O termo «esotérico» começou a ser usado como substantivo a partir de Jâmblico (aprox. 240-330 d. C.), filósofo e místico neoplatónico que se refere aos discípulos da escola pitagórica nos seguintes termos: «Estes, se tivessem sido julgados dignos de participar nos ensinamentos graças ao seu modo de vida e à sua civilidade, após um silêncio de cinco anos, tornavam-se daí em diante *esotéricos*, eram ouvintes de Pitágoras, usavam vestes de linho e tinham direito a vê-lo» (*Vita Pythagorica*, cap. 17, 72).

O conceito de «esoterismo» é de criação muito mais recente. Johann Gottfried Herder (1744-1803), que se opôs ao racionalismo Iluminista da sua época, foi o primeiro autor a utilizar a expressão *esoterische Wissenschaften* («ciências esotéricas»), referenciável no tomo XV das suas *Sämtliche Werke*, e o substantivo *l'ésotérisme* surgiu pela primeira vez na obra *Histoire critique du gnosticisme et de ses influences* (1828), de Jacques Matter. Na sequência, deve-se ao ocultista e cabalista Eliphas Lévi (1810-1875) a vulgarização dos termos «esoterismo» e «ocultismo» (este último na sua acepção moderna e mais lata de *corpus* de «ciências

ocultas», diferente da *Occulta Philosophia*, ou Magia, de Agrippa, por exemplo). A partir de então o termo adquiriu uma voga crescente, sobretudo depois que Helena P. Blavatsky, A. P. Sinnett, Annie Besant, C. W. Leadbeater, etc., da corrente teosofista da Sociedade Teosófica popularizaram o conceito, desde o último quartel do século XIX e ao longo dos inícios do século XX.

Paralelamente, certos autores começaram a encarar o estudo do esoterismo de um ponto de vista mais académico, não se considerando, eles mesmos, «esotéricos», mas investigadores quer da história quer das ideias de determinadas correntes espirituais, místicas ou ocultas. Entre estes contam-se por exemplo, nos finais do século XIX, George R. S. Mead e Arthur Edward Waite, cujos trabalhos, apesar de tudo, ainda se encontram a meio-caminho entre o «discurso esotérico» e a pesquisa universitária. No primeiro quartel do século XX, Max Heindel (1865-1919) estabeleceu a distinção técnica entre «o oculto» e «o místico», e, embora inserido numa específica corrente esotérica, deu forma consistente, nas suas obras, quer à vertente mística quer à vertente oculta do esoterismo. Por sua vez Rudolf Steiner (1861-1925), igualmente inserido numa corrente esotérica bem definida, abordou o esoterismo segundo um duplo enquadramento, ocultista e científico. René Guénon (1886-1951) trabalhou o esoterismo, genericamente, segundo uma perspectiva mais filosófica do que histórico-crítica, tendo o cuidado de distinguir entre o esoterismo cristão, o islâmico e o védico; todavia, o grande impulso para o estudo do esoterismo de um ponto de vista de investigação académica surgiu a partir de 1928, com a tese de Auguste Viatte sobre o Iluminismo, seguindo-se-lhe as pesquisas e os trabalhos de Will-Erich Peuckert sobre a pansofia e o rosacrucianismo, de Lynn Thorndike sobre a história da magia, da Prof.^a Frances A. Yates sobre o Iluminismo rosacruz e o esoterismo renascentista, etc., devendo-se a esta última o principal estímulo para uma pesquisa universitária, rigorosa, incidindo sobre o «território esotérico», o que fez alterar o respectivo panorama investigacional a partir dos anos 60 e 70 do século XX. O prof. Antoine Faivre, mais recentemente, chama a atenção para os estudos de Ernest Lee Tuveson sobre o hermetismo na literatura anglo-saxónica dos séculos XVIII e XIX, e de Massimo Introvigne sobre os movimentos «mágicos» dos séculos XIX e XX, sobretudo pelo facto de proporem abordagens novas, interdisciplinares.

Actualmente, é já bastante vasto o leque de autores que estudam o esoterismo em ambiente de investigação académica, tendo-se tornado consensual a designação de «esoterólogos» para alguns desses investigadores, o que pressupõe uma ciência da **Esoterologia** que está a ter acolhimento nos *curricula* de algumas Universidades. Nem todos coincidem, porém, nas suas posições e definições do campo investigacional do «esoterismo», podendo de certo modo, e sem tentar uma conciliação entre os diferentes autores, dizer-se que existem vários «esoterismos».

Por amor à brevidade, limitar-me-ei a salientar alguns esoterólogos contemporâneos cujos trabalhos são de capital relevância para a compreensão do «objecto temático» do esoterismo:

Prof. Antoine Faivre — Director de Estudos da École Pratique des Hautes Études - Section Sciences Religieuses (Sorbonne, França);

Dr. Wouter J. Hanegraaff — Professor de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas - Faculdade de Humanidades da Universidade de Amsterdão (Holanda) e orientador de pesquisas sobre História das Correntes Esotéricas - Departamento de Ciência das Religiões da Universidade de Utrecht (Holanda);

Prof. Pierre A. Riffard — Investigador de Metodologia de Esoterismo e professor Catedrático na Université de Novakchott (Mauritânia);

Prof. Massimo Introvigne — Historiador das Correntes Esotéricas Contemporâneas e Director do Centro Studi sulle Nuove Religioni, Turim (Itália);

Prof. Roland Edighoffer — Professor emérito na Université de Paris III (Sorbonne Nouvelle, França);

Prof. José Manuel Anes — Grão-Mestre da GLRP/LP (Maçonaria Regular de Portugal) e professor de História das Correntes Esotéricas no Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa (Portugal).

Em termos muito simplificados podemos dizer que duas grandes tendências gerais se perfilam entre estes autores: uma, poder-se-á designá-la por «universalismo pró-esotérico», e outra, por «estruturação histórico-crítica». O prof. Wouter J. Hanegraaff ainda considera uma terceira tendência a que chama «formas de anti-esoterismo», que, por não serem indispensáveis neste breve resumo, me abstenho de considerar aqui.

Na linha do «universalismo pró-esotérico» incluem-se os trabalhos e a actividade universitária de professores como Pierre A. Riffard e José M. Anes, por exemplo. Segundo Riffard, o esoterismo tanto existe no Ocidente como no Oriente, desde a pré-história até aos nossos dias, e tem a ver com o mistério da existência tal como é percebido pelos seres humanos; além disso, Riffard critica certos investigadores académicos que procuram estudar o esoterismo «de fora», como se pudesse existir um «fenómeno cultural esotérico» independentemente do esoterismo em si. Segundo Riffard, a essência do esoterismo é, ela mesma, «esotérica»; na sua monumental obra de perto de 400 páginas, *L'ésotérisme*, Riffard interroga-se: «Pode alguém ser um esoterólogo sem ser, ao mesmo tempo, um esotérico?» De acordo com este ponto de vista, elabora uma descrição do esoterismo segundo as oito invariáveis que, em sua óptica, o caracterizam:

- (1) A impessoalidade do autor;
- (2) A oposição esotérico/exotérico;
- (3) A noção de «o subtil» como mediador entre o espírito e a matéria;
- (4) Analogias e correspondências;
- (5) A importância dos números;
- (6) As ciências ocultas;
- (7) As artes ocultas;
- (8) A Iniciação.

Uma posição totalmente diferente é assumida pelos profs. Antoine Faivre e Wouter J. Hanegraaff, por exemplo, defensores da linha «histórico-crítica». Segundo Faivre não se deve falar em «esoterismo» mas em «esoterismos», ou melhor, em «correntes esotéricas e místicas», uma vez que ele considera que não há um esoterismo em si, mas apenas correntes, autores, textos, etc. Para que o *esoterismo* constitua uma especialidade acadêmica reconhecida pela comunidade científica, Antoine Faivre define-o do seguinte modo, de acordo com a Direção de Estudos da «Section des Sciences Religieuses» (Sorbonne), que ele mesmo integra com outros docentes: um *corpus* de textos que constituem a expressão dum certo número de correntes espirituais, na história Ocidental moderna e contemporânea, ligadas entre si por um «ar de família», bem como uma «forma de pensamento» que subjaz a essas correntes. Considerado de forma extensiva, esse *corpus* estende-se da Antiguidade tardia até hoje; considerado de forma limitativa, abarca um período que vai do Renascimento até à época contemporânea.

Isto implica que, ao contrário das teses «universalistas», ficam excluídos do conceito de *esoterismo* alguns significados que Antoine Faivre enumera de modo a deixar bem claro o que, de acordo com o seu critério, o esoterismo «não é»: (a) Um termo genérico, mais ou menos vago, que serve para os editores e livreiros classificarem coleções de livros ou rotularem prateleiras, e onde cabem o paranormal, as ciências ocultas, as tradições sapienciais exóticas, etc.; (b) Um termo que evoca a ideia de ensinamentos secretos e uma «disciplina do arcano», com diferenciação entre iniciados e profanos; (c) Um termo aplicável a um certo número de processos mais experienciais que racionais, e que se aproxima da ideia de Gnose no sentido universal, propondo-se atingir, mediante certas técnicas experienciais, o «Centro do Ser» (Deus, o Homem, a Natureza, etc.), não se excluindo, desta concepção, uma atitude filosófica que advoga a «unidade transcendente» de todas as religiões e tradições.

Em contrapartida, aquela «forma de pensamento» que Faivre considera como própria do conceito de esoterismo distinguir-se-ia por seis características ou componentes fundamentais, das quais quatro são «intrínsecas», no sentido em que a sua presença simultânea é uma condição necessária e suficiente para que um discurso seja identificado como esotérico, e duas são «secundárias» ou «extrínsecas», e cuja presença pode ou não coexistir ao lado das outras quatro. São elas:

(1) **A ideia de correspondência** («O que é em cima é como o que é em baixo», segundo a *Tábua da Esmeralda*)

(2) **A Natureza viva** (o Cosmos não é apenas complexo, plural, hierarquizado, etc.: é sobretudo uma Grande Entidade Cósmica viva);

(3) **Imaginação e mediadores** (a imaginação é a faculdade superior de penetrar nos códigos que se ocultam nos mediadores, os quais, por sua vez, são os rituais, as imagens do Tarot, as mandalas, etc., etc., símbolos carregados de polissemia cuja decifração cognitiva permite o acesso ao *mundus imaginalis* definido por Henri Corbin);

(4) **A experiência da transmutação** (percurso espiritual simbolizado alquimicamente por três graus: *nigredo*, ou obra em negro, morte, decapitação;

albedo, ou obra elevada ao branco; e *rubedo*, ou obra elevada ao vermelho, pedra filosofal);

(5) **A prática da concordância** (prática que visa descobrir os denominadores comuns a duas ou mais tradições aparentemente distintas, na expectativa de que, mediante esse estudo comparativo, se alcance o «filão escondido» que levaria à «Tradição primordial», da qual todas as tradições e/ou religiões concretas seriam apenas os «galhos» visíveis da grande «árvore» perene e oculta);

(6) **A transmissão** (conjunto de «canais de filiação» pelos quais se processa a continuidade de mestre a discípulo, ou de iniciação no interior duma sociedade, no pressuposto de que ninguém se pode iniciar sozinho e que o «segundo nascimento» passa obrigatoriamente por esta disciplina).

Outros autores simplificam a questão considerando que o esoterismo se constituiu no Ocidente como disciplina autónoma, a pouco e pouco, a partir de finais da Idade Média, porque a teologia e a ciência absorveram certos temas que o integravam, eliminando outros que, por serem mais inquietantes ou pertencerem ao imaginário mais perturbador, acabaram, com essa expulsão ou mesmo perseguição, por integrar as correntes esotéricas ocidentais, sobretudo a partir do Renascimento. No Oriente, pelo contrário, a teologia contém os temas esotéricos e por conseguinte o esoterismo não precisa de se constituir como disciplina aparte. Segundo este ponto de vista, pode-se falar em esoterismo associado às várias escolas e tendências que se desenvolveram no Ocidente na linha dos ensinamentos de Marsilio Ficino (1433-1499), de Pico della Mirandola (1463-1494) e de Johannes Reuchlin (1455-1522), esoterismo esse que floresceu, sobretudo, na Europa e nos séculos XVI e XVII. A sua principal característica é a rejeição da linguagem comunicativa como expressão da verdade, e a pretensão de que é nas camadas não-semânticas da linguagem que se oculta a antiga Sabedoria. Em extensão a este conceito, não se pode ignorar a importância do pensamento judaico e dos textos hebreus na Europa, cujo *torat hasod* (conhecimento esotérico) constituiu um corpo específico de tradições secretas na cultura judaica, no centro do qual, e a partir do século XIII, se encontra a Cabala, que teve uma influência de indiscutível relevo no esoterismo cristão.

Algumas referências:

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

ANES, José Manuel, e COSTA, Paula Cristina, «Os Mistérios do Povo Oculto», in *Portugal Misterioso*, Selecções do Reader's Digest, Lisboa 1998.

ANES, José Manuel, e MENDANHA, Victor, *O Esoterismo da Quinta da Regaleira*, Hugin Editores, Lisboa 1998.

ANES, José Manuel, «A Reabilitação Científica do Esoterismo», entrevista in LOUÇÃO, Paulo A., *A Alma Secreta de Portugal*, Ésquilo Edições e Multimédia, Lisboa 2002.

DAN, Joseph, «Christian Kabbalah: From Mysticism to Esotericism», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

- EDIGHOFFER, Roland, «La Rose-Croix: De la fabulation à la “tradition” maçonnique», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.
- FAIVRE, Antoine, *Accès de l'ésotérisme occidental*, 2 vols., nova ed. revista, Éditions Gallimard, Paris 1996.
- FAIVRE, Antoine, «Questions of Terminology proper to the Study of Esoteric Currents in Modern and Contemporary Europe», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.
- FAIVRE, Antoine, «Histoire de la notion moderne de Tradition dans ses rapports avec les courants ésotériques», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.
- HANEGRAAFF, Wouter J., *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*, E.J. Brill, Leiden/New York/Koeln 1996
- HANEGRAAFF, Wouter J., «On the Construction of “Esoteric Traditions”», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.
- HANEGRAAFF, Wouter J., «La fin de l'ésotérisme? Le mouvement du Nouvel Age et la question du symbolisme religieux», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVII^e-XX^e siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè / La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.
- RIFFARD, Pierre A., *L'ésotérisme : Qu'est-ce que l'ésotérisme? Anthologie de l'ésotérisme occidental*, Robert Laffont, Paris 1990.
- RIFFARD, Pierre A., *Dicionário de Esoterismo*, Editorial Teorema, Lisboa 1994.
- RIFFARD, Pierre A., «The Esoteric Method», in *Western Esotericism and the Science of Religion*, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.



II.

A Palavra e a Pedra

Logos e Lithos

A Palavra Criadora e a Pedra Angular



A Pedra Filosofal , JAKnaap

Conferência proferida no III Colóquio Internacional "Discursos e Práticas Alquímicas", organizado pelo Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) e pelo Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), no Instituto Rocha Cabral, Lisboa, em Junho 2001

por António de Macedo

*Quando, pela **Alquimia Espiritual**, nos tornarmos como Cristo, o Senhor da Vida, seremos imortais, libertar-nos-emos do nosso pai Samael e da nossa mãe Eva e a morte não mais terá poder sobre nós.*

*MAX HEINDEL, **Freemasonry and Catholicism**, 1919*

Li na primeira versão programática deste colóquio que o tema da «Palavra Perdida», sobre o qual gostaria de alinhar aqui alguns alvitres, deveria ser tratado, de preferência, segundo uma óptica específica, nomeadamente literária e apontando para bibliotecas e colecções de textos esotéricos. Vou fazê-lo tendo em vista, sempre que possível, uma das mais antigas e reputadas colecções literárias de textos esotéricos: a Bíblia.

Isto poderá parecer insólito porque a Bíblia é um livro sagrado — ou melhor, uma colecção de livros sagrados —, pelo menos para a nossa civilização ocidental, mas independentemente do facto de menos de um terço da população do planeta Terra assim a considerar, não deixa de ser verdade que a Bíblia contém e inclui uma vasta amostragem de textos e géneros literários, como por exemplo crónicas, listas de provérbios, conselhos e apotegmas, além de hinos, poemas, biografias, códigos jurídicos, cânticos, cartas, profecias, salmos, evangelhos, textos apocalípticos, etc. Por outro lado, afirmar que uma tão extraordinária colecção de textos inclui *também* textos esotéricos (ou que muitos dos atrás citados o são, a uma sétima leitura...) não deve surpreender-nos, pois na verdade uma vasta maioria desses textos, na Bíblia, são Rituais de Iniciação de vetustas Escolas de Mistérios, ou pelo menos fragmentos de antigas Instruções Iniciáticas...

Mas não pretendo alongar-me agora sobre este desvio, que daria para outro colóquio, e entro já na matéria que hoje aqui nos reúne.

Antes de falarmos em *palavras* e em *pedras*, perdidas ou achadas, comecemos pelos *pensamentos*, que estão na origem de tudo.

Diz-nos a antiga sabedoria que se pensarmos *sempre* com rectidão, agiremos *sempre* com rectidão.

Quem tenha pensamentos de amor para com os seus semelhantes, ou pensamentos de ajuda espiritual, mental ou física, não poderá tê-los sem deixar de exprimir na prática esses pensamentos. Se cultivarmos tais pensamentos em breve veremos o Sol radiar à nossa volta, e descobriremos que as pessoas virão ter connosco com o mesmo espírito e as mesmas ondas que lhes enviamos, de acordo com o ditado: «Dá ao mundo o melhor de ti mesmo, e o que o mundo tem de melhor ser-te-á retribuído», ou, segundo uma outra visão menos optimista: «Sorri e o mundo sorri contigo, chora e o mundo volta-te as costas».

Felizmente, como observa Max Heindel (1865-1919) no seu livro *Teachings of an Initiate* (7.^a ed. 1987), «os bons pensamentos são mais poderosos que os maus porque estão em harmonia com o rumo da evolução, e dia virá em que seremos capazes de controlá-los positivamente para ajudar a estabelecer no mundo uma paz estável e duradoura».

Tal como sucede com os *pensamentos*, o mesmo ou mais ainda se aplica às *palavras*:

«Antes de falar sou senhor das palavras, mas depois que as pronuncio torno-me escravo delas».

A palavra é em si mesma um *poder*.

A ideia de «palavra de poder» é muito antiga e encontramos-la em diversas tradições, a começar pela clássica egípcia: o papiro de Nesi-Amsu — talvez 3.000 anos antes de Cristo — relata uma história da Criação em que, antes que o mundo e tudo quanto nele se contém comesse a existir, existia apenas o deus

Neb-er-tcher («Senhor de Todas as Coisas») — pois nem os outros deuses existiam —, e no momento apropriado Neb-er-tcher proferiu as seguintes palavras criativas:

«Configurei a minha boca e pronunciei o meu próprio nome como uma Palavra de Poder e expandi-me em quanto evolução de Khepera [“Criador dos Deuses”] e desenvolvi-me a partir da matéria primeva que produzirá multidões de evoluções desde o princípio dos tempos».

Para além dos conteúdos, o poder vibratório da palavra é muito forte e bom seria se tivéssemos disposição e tempo para pesar e medir cada palavra antes de a soltarmos por ares e ventos, sabe-se lá com que fastos ou nefastos resultados — como recomendava Cervantes num colorido diálogo entre D. Quixote e Sancho Pança por entre andanças cavaleirescas, citando um provérbio antigo: «Antes de falares, pensa sete vezes». O que, não sendo fácil na prática, pelo menos acautelaria humanamente os tremendos e muitas vezes incontroláveis poderes desse divino dom.

Pela boca do profeta Isaías, declara Jahvé:

*Tal como a chuva e a neve caem do céu
e para lá não voltam sem ter regado a terra,
fertilizando-a e fazendo-a germinar
para dar o grão à sementeira e o pão a
comer,
assim é com a Palavra que sai da minha
boca:
não me regressará sem ter produzido efeito,
sem ter executado a minha vontade
e cumprido aquilo para que foi enviada. —
Isaías 55, 10-11.*

Sendo essa uma Palavra de *vida*, é, conseqüentemente, uma Palavra que *cura* — muitos a consideram uma **Palavra perdida** porque os homens não acertam maneira de a (re)encontrar, e na incansável busca desse tesouro, ou da solução desse enigma, se têm consumido durante séculos os mais diversos esquadrinhadores do oculto, afadigando-se infelizmente numa busca vã porque se extraviam por descaminhos em vez de buscarem a **Palavra de Vida**, com reverência e pureza de alma, na verdadeira Fonte:

*Clamaram a Jahvé na sua tribulação;
Ele salvou-os da aflição em que se
encontravam.
**Ele enviou a Sua Palavra e curou-
os,
E salvou a vida deles da morte.** —
Salmo 106 [107], 19-20.*

Em grego, «palavra» diz-se *logos* — que Jerónimo traduziu na Vulgata Latina por *verbum* —, e a Palavra enviada por Jahvé é, evidentemente, o Cristo-Logos que foi *enviado para nos curar e nos salvar da morte* : tal Palavra portanto nunca esteve perdida, pelo contrário, basta estudarmos os Evangelhos com reverência e maravilhado amor, e praticá-los, para a conhecermos e dela nos beneficiarmos — se, por nosso sincero e assíduo esforço, de tanto nos revelarmos dignos.

A divina Palavra é poderosa, sem dúvida, basta a simples vibração do *fiat lux* para criar universos:

*No princípio era a Palavra [gr. logos],
e a Palavra estava junto de Deus,
ela estava, no princípio, com Deus;
tudo foi feito por ela,
e sem ela nada do que foi feito se fez. —
João 1, 1-3.*

Mas a palavra humana — reflexo da divina — não deixa de ter um poder considerável, também, à sua própria escala:

Alguma vez o leitor se deteve a considerar o maravilhoso poder da palavra humana? Voando até nós nas insinuantes tonalidades do amor [carnal], pode desviar-nos dos caminhos da rectidão e precipitar-nos na ignomínia ou arruinar-nos a vida com pungentes dores e remorsos, ou pode impulsionar-nos às mais nobres aspirações para alcançarmos honra e glória, aqui ou no além. De acordo com a inflexão da voz, uma palavra pode infundir terror no coração mais intrépido, ou fazer com que uma tímida criancinha se deixe embalar num sono tranquilo. A palavra dum agitador pode atizar as paixões dum multidão e impeli-la a acções sangrentas, como na Revolução Francesa, em que, sob o mandato ditatorial duns quantos, a população matou e exilou a capricho, ou, inversamente, as doces palavras dum canção familiar podem reatar os laços numa família desavinda.

As palavras justas são verdadeiras e, por conseguinte, livres; nunca estão limitadas ou acorrentadas pelo espaço ou pelo tempo; chegam aos mais longínquos recantos da terra, e, mesmo quando os lábios que primeiro as pronunciaram já se desfizeram há muito no pó dos sepulcros, outras vezes espalharão com o mesmo entusiasmo a mesma mensagem de amor e vida, como por exemplo o místico poema *Come unto me*, cantado em inúmeras línguas e que tanto conforto tem proporcionado aos corações doloridos. Palavras de paz alcançaram vitórias onde a guerra teria significado uma derrota, e nenhum talento é mais desejável do que o de saber dizer a palavra certa no momento oportuno. (MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Mysteries*, 1911).

A palavra, mesmo a aparentemente rudimentar e fruste palavra humana, tem uma *força mágica*, é dotada de energia, positiva ou negativa: a boa palavra pode curar, erguer o ânimo, inspirar, fortalecer, confortar, orientar, dissuadir do mal,

persuadir ao bem, reconciliar, perdoar, fazer compreender, iluminar... Estas são autênticas palavras de **sabedoria** e **amor**, substância de oração, que *abençoam* não só aqueles a quem se dirigem, mas o próprio que as pronuncia.

«Como maçãs de ouro em bandeja de prata é a palavra dita a seu tempo» (Provérbios 25, 11).

Já a palavra falsa, negativa, injuriosa e desagregante acaba por falhar — ainda que muito estrago faça durante algum tempo — porque não é *substância de oração*, não tem existência em Deus.

Tudo quanto o ser humano investe no mundo repercute no lado invisível da vida, ficando depositado naquilo a que as doutrinas Rosacruz chamam o «Banco Cósmico». É de suma importância **o que** se «envia lá para cima», em pensamentos, palavras e actos, pelo menos por três ordens de razões:

a) O que projectamos e emitimos acaba por nos retornar acrescidamente, como já observava o sábio árabe: «Senhor, fazei que as minhas palavras sejam de mel, porque sei que terei de engoli-las de volta». Do mesmo nos adverte o velho provérbio chinês: «O passado é um tigre que nos ataca pelas costas quando menos o esperamos». Também lemos na Bíblia: «A desgraça não deixará a casa daquele que retribui com o mal o bem que recebeu» (Provérbios 17, 13), ou, pelo prisma oposto: «Quem faz o bem ao pobre empresta a Jahvé, que lhe restituirá com juros» (Provérbios 19, 17);

b) Os nossos pensamentos, palavras, emoções, gestos, intenções, propósitos ou obras — incluso criações artísticas — que lançamos ao mundo e cuja essência «enviamos lá para cima» contribuem para melhorar ou piorar a qualidade vibratória, branca ou negra, da atmosfera psiconoética do planeta, influenciando outras pessoas (para além dos directos destinatários) que, sem se darem conta, dela se impregnam podendo ser impelidos a este ou àquele acto, para o bem ou para o mal;

c) Finalmente, são esses mesmos pensamentos, palavras, gestos, obras que vão *construir* o nosso futuro lar nos reinos invisíveis, após a morte.

Trata-se dum autêntico investimento no Banco Cósmico. Nada se perde do que pensamos, dizemos ou fazemos. O poeta e ensaísta Coleridge (1772-1834) afirmava: «Todos os pensamentos são, em si próprios, imperecíveis».

Ora bem. Já falámos de pensamentos, palavras e actos; passemos finalmente à «pedra».

No seu *Curso de Cristianismo Esotérico*, vol. II, Lição 41, o instrutor rosacruziano Edmundo Teixeira (1922-1994) dá-nos o seguinte simbolismo alquímico:

Pedra é o fundamento espiritual. Moisés, com a vara do poder, feriu a ROCHA e dela tirou a Água da Verdade e da Vivência para orientar o seu povo, ou seja, para dessedentá-lo no deserto da esterilidade interna. Reclinando a cabeça sobre

uma PEDRA, Jacob alcança o entendimento espiritual e vê uma escada que vai até aos céus, ou seja, vislumbra o esquema da Evolução. Na qualidade de Rei de Israel, David vê-se à frente de um exército mais numeroso chefiado pelo gigante Golias: é, simbolicamente, a personalidade (David) a defrontar os desafios da existência, aparentemente insuperáveis (Golias). Mas consegue vencer os Filisteus, os Filhos das trevas, que são os «eus» viciosos, os nossos únicos inimigos, quando atira com a funda uma PEDRA à testa do gigante. Golias é prostrado por terra e os adversários de David ficam desmoralizados, ou seja, a ilusão do mal é diluída. Por fim — mas não por último! — Cristo edifica a sua Igreja sobre a ROCHA personificada por Pedro.

Esta associação de «pedra» e de «Pedro» é uma antiga tradição cristã que nem sempre tem sido examinada com a devida atenção. Debrucemo-nos um pouco mais sobre esta curiosa matéria. Aparentemente, aquele trocadilho ancestral (pedra/Pedro) estaria na origem da Igreja, e os seus partidários insistem que tal foi ensinado por Jesus e se encontra nos Evangelhos.

Não é totalmente verdade!

Se lermos os Evangelhos duma ponta à outra veremos que a palavra «Igreja», no sentido que hoje lhe damos, nem sequer neles é mencionada excepto por aproximação e apenas três vezes em dois versículos no Evangelho de Mateus (Mt 16, 18 e Mt 18, 17), pois a palavra grega original, usada por Mateus, *ekklêsia*, significa simplesmente «assembleia de convocados», neste caso a comunidade dos seguidores da doutrina de Jesus, ou a sua reunião num local, geralmente em casas particulares onde se liam as cartas e as mensagens dos apóstolos. Sabemo-lo pelo testemunho doutros textos do Novo Testamento, já que os Evangelhos a esse respeito são omissos. Veja-se por exemplo a epístola aos Romanos (16, 5) onde Paulo cita o agrupamento (*ekklêsia*) que se reunia na residência dum casal de tecelões, Aquila e Priscila, ou a epístola a Filémon (1, 2) onde o mesmo Paulo saúda a *ekklêsia* que se reunia em casa do dito Filémon; num dos casos, como lemos na epístola de Tiago (2, 2), essa congregação cristã é designada por «sinagoga». Nada disto tem a ver, portanto, com a imponente Igreja católica em quanto instituição formal estruturada e oficializada sobretudo a partir do século IV.

As Bíblias correntes costumam traduzir do seguinte modo o primeiro passo acima invocado de Mateus, em que Jesus diz a Simão Barjona: «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja» (Mateus 16, 18).

Na verdade a versão deverá ser: «Tu és um rochedo [gr. *petros*], e sobre esta/essa rocha [gr. *epi tautê tê petra*] edificarei a minha comunidade [gr. *ekklêsia*]», e nesta forma original, mais simples (mas talvez mais misteriosa) do que a versão corriqueira, decorrente de posteriores formulações dogmáticas da Patrística, sobretudo latina, e dos concílios, dificilmente descortinamos a fundação do papado tal como a Igreja pretende. Vejamos porque[1].

Aquela frase pode ter eventualmente dois significados, dependendo do sentido que se atribuir ao adjectivo demonstrativo *tautê* (dativo de *autê*, «esta» ou «essa»). Começemos por esclarecer que em português, os pronomes e os adjectivos demonstrativos «este», «esse», «aquele» se correlacionam com os pronomes pessoais (maior ou menor grau de proximidade):

***eu tenho este livro;
tu tens esse livro;
ele tem aquele livro.***

Outras línguas, como o grego ou o inglês, por exemplo, só apresentam duas formas distanciais:

<u>Grego</u>	<u>Inglês</u>
<i>oûtos = este, esse</i>	<i>this = este, esse</i>
<i>ekeînos = aquele</i>	<i>that = aquele</i>

Ou seja, *epi tautê tê petra* pode traduzir-se «sobre **essa** rocha (pedra)» ou «sobre **esta** rocha (pedra)». Teremos então duas possíveis interpretações divergentes:

A) «Tu és um rochedo, e sobre **essa** rocha[2], ou sobre essa pedra, edificarei a minha comunidade» — que poderá querer dizer, sem grande esforço e «modernizando» um tanto o sentido, algo como: «Tu, Simão, és um penedo, um autêntico calhau, mas como os humanos durante muitas gerações ainda serão tão calhaus como tu, não terei outro remédio senão edificar a minha futura comunidade sobre essa pedra, que Eu sei que me vai negar três vezes (na verdade, ao longo dos séculos, a Igreja de Roma saída de ti negar-Me-á muitas vezes mais do que três, com fausto, sede de poder, um papado e uma corte de cardeais atulhados em insultuosas riquezas, inquisições, intolerância, infraternidade, cupidez, perversão, torturas várias, ódios, guerras, repressões, tiranias, enfim, um autêntico rol de tudo quanto é mais contrário ao que Eu preguei)[3]; mas apesar disso, ainda é essa a maneira menos má e mais segura de transmitir *exotericamente* a Boa Nova a gerações e gerações de grandes massas ignorantes»[4].

B) «Tu és um rochedo, e sobre **esta** rocha edificarei a minha comunidade» — seguindo o mesmo raciocínio, pode-se interpretar assim: «Tu, Simão, és um penedo, um autêntico calhau, ainda por cima me vais negar três vezes, e como tal não podes servir de alicerce a uma futura comunidade que siga verdadeiramente os Meus ensinamentos mais puros, ou melhor, *esotéricos*, logo, sobre *esta* rocha, ou seja, sobre Mim mesmo, a *pedra angular* que os maus construtores rejeitaram, é que vou edificar a minha futura comunidade, baseada no Amor, na Verdade e na Vida — e quem melhor do que o Meu Discípulo Muito Amado, João, poderá servir de facho e guia, o discípulo capaz de receber e transmitir o Evangelho do **Amor**, cujos mais finos ensinamentos os empedernidos como tu, Simão, hão-de perseguir e tentar eliminar ao longo dos séculos?»

Ambas estas alternativas são verdadeiras, exotérica e esotericamente, e correspondem aos factos da História.

A segunda alternativa, por exemplo, é defendida por alguns sérios exegetas que consideram que «**esta** pedra» sobre a qual Jesus construirá a Sua *ekklêsia* é o próprio Jesus, segundo Ele mesmo o diz mais adiante: «Nunca lestes nas Escrituras: *A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular; isto aconteceu por obra do Senhor, e é admirável aos nossos olhos?*» (Mateus 21, 42)[5]. O próprio Simão (Pedro) o confirma, já depois da Ressurreição e Ascensão de Cristo, no discurso que proferiu no Sinédrio: «[Jesus Cristo, o Nazoreu] é a pedra rejeitada por vós outros, construtores, que se tornou pedra angular» (Actos 4, 11), e Paulo enuncia claramente que Cristo é a «pedra espiritual» (1 Coríntios 10, 4). Daí a capital importância, para o aspirante à Senda do Espírito, de «imitar Cristo» para que Cristo nasça e se forme nele: «E vós mesmos, como pedras vivas [gr. *lithoi zôntes*], entrai na construção dum edifício espiritual, para um sacerdócio santo» (1 Pedro 2, 5).

Mais ainda: em continuação daquela frase dita a Simão Barjona, Jesus acrescenta: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus, e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus» (Mateus 16, 19), o que deu azo à estranha doutrina de que Deus obedece ao papa[6].

Mas a verdade é que Jesus não limita apenas a Simão (Pedro) a faculdade de se lhe repercutir «no céu» o que atar ou desatar «na terra», pois alguns dias mais tarde, falando aos Seus discípulos em Cafarnaúm, repetiu, desta vez para todos: «Em verdade vos digo, o que ligardes na terra será ligado nos céus, e o que desligardes na terra será desligado nos céus» (Mateus 18, 18).

É um ensinamento importante, este de Jesus aos Seus discípulos: tudo quanto se ata ou desata cá em baixo, tudo quanto se tece ou destece — e não só pelas mãos de Pedro, ou do papa! —, *projecta-se para o alto* e tem um efeito análogo nos reinos supra-sensíveis e por conseguinte no Banco Cósmico, além de que vai construindo — ou desfazendo — a nossa futura morada «nos céus».

O rochedo, ou a pedra, da *personalidade material* não-redimida é simbolizada pela fase histórica da *Lei*, que foi dada a Moisés em tábuas de *pedra*, sendo portanto inferior, em mistério, à «pedra angular» ou «pedra espiritual»: a do *segredo crístico*. Tal fase — a da personalidade — só terá acesso ao Reino dos Céus a partir da superior *individualidade espiritual*, ou seja, a partir do «homem interno» de Paulo (2 Coríntios 4, 16), ou do «Cristo em formação» no ser humano (Gálatas 4, 18-19). Mesmo interpretando, como o faz a Igreja, que «sobre essa pedra» se refere a Pedro (símbolo da *persona* mundana) e não ao próprio Jesus, continua a fazer sentido que Cristo tenha descido até nós porque sabia que é neste mundo onde a *pedra* da *personalidade* impera que a Sua comunidade tem de ser erigida, em sofrimento, para o combate evolutivo indispensável até que nos seja possível atingir a «perfeição do Pai». Por isso ao dizer: «sobre essa pedra construirei a minha comunidade» estaria a referir-se, neste caso, à pedra personalística que O «negou três vezes», tal como a mesma Igreja o tem negado

tantas através dos séculos, e provavelmente negará, antes que a divina compreensão unifique todos os homens e mulheres em puro AMOR universal.

Por seu turno, a redenção que se alcança através da *individualidade espiritual* é a autêntica *chave* do Reino dos Céus, que sabemos encontrar-se no NOSSO SER pela revelação que Jesus nos faz por intermédio do místico Evangelho de Lucas: «Olhai que o Reino de Deus está dentro de vós» (Lucas 17, 21). É o diamante oculto no interior da pedra bruta — a Sétima Morada da alma, de Santa Teresa de Jesus, a mais íntima e a mais divina[7] —: o diamante só brilhará em todo o seu esplendor após se aplicar à pétrea crosta, onde se oculta, o esmeril para desbastá-la, o esmeril que faz a «pedra» chiar com a violência do desgaste, ou seja, gemer com as dores e com o sofrimento de andar (andarmos!) no mundo e no aprendizado da vida, até que, pelo exercício da *Gnosis* e pela graça da *Sophia* sejamos dignos de alcançar a redenção e a **paz**, «a paz de Deus que excede todo o entendimento», como nos ensina Paulo (Filipenses 4, 7) e nos confirma um dos seus discípulos:

«... a fim de conhecerem o mistério de Deus, isto é, Cristo, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria [gr. *sophia*] e do conhecimento [gr. *gnôsis*]» (Colossenses 2, 3)[8]. *António de Macedo*.

[1] O outro passo onde a Igreja costuma fundamentar o primado de Pedro como «pastor» máximo da Igreja é João 21, 15-17, em que Jesus diz a Pedro, ou melhor, a Simão filho de João, por três vezes: «Apascenta as minhas ovelhas». Convém referir todavia que esta tripla injunção vem na consequência de Jesus lhe ter perguntado, também por três vezes: «Tu amas-me?» — remetendo para o triplo *amor divino* já expresso no Deuteronómio (6,5) e repetido em Mateus (22, 37): *amar com todo o entendimento* (natureza mental), *com todo o coração* (natureza emocional), *com todas as forças* (natureza físico-etérica). Com isto, o autor deste Evangelho espiritualiza a rocha da personalidade, que Pedro simboliza, purificando-a e elevando-a pelo amor. É uma instrução iniciática, e não um acto de fundação institucional numa organização como a Igreja. Por outro lado, este último capítulo de João, 21, foi acrescentado posteriormente, e embora sérios exegetas acreditem, pela crítica interna, que seja do mesmo autor do restante Evangelho, ou dalgum discípulo bom conhecedor do seu estilo, não é de excluir que o acrescento tenha sido redigido quando a Igreja já havia institucionalizado o «primado papal» de Pedro, que assim se veria reforçado com este pequeno episódio.

[2] As palavras gregas *petros* e *petra* traduzem um original aramaico *kepha*, que significa rocha, rochedo. Cf.: «Tu és Simão, filho de João, e te chamarás Kepha» (João 1, 42). — Alguns exegetas entendem que este «Kepha», aqui, não significa «pedra», mas seria uma adaptação do aramaico *qayyepha* (Caifás) correspondente a um título, qualquer coisa como «inquiridor/prognosticador», e que nos Evangelhos é considerado como nome do sumo sacerdote que presidiu ao julgamento de Jesus. Os meus modestos recursos não me permitem tomar partido nestas querelas de eruditos...

[3] O episódio em que Pedro nega Jesus três vezes, declarando que não é Seu discípulo nem tem nada a ver com Ele, após Jesus ter sido preso no Gethsemani, vem relatado nos quatro Evangelhos: Mateus 26, 69-75; Marcos 14, 66-72; Lucas 22, 54-62; João 18, 15-18.24-27.

[4] É a confirmação de Pedro como «pescador de homens» (Lucas 5, 10), pese embora as suas imperfeições: pois não somos todos imperfeitos, antes que possamos alcançar a «perfeição do Pai»? Esta esperança é-nos repetida no passo do Evangelho de João onde se refere a pesca milagrosa de Pedro após a Ressurreição de Cristo: Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede, e trouxe-a cheia com 153 peixes (João 21, 11). Por sua vez o Apocalipse informa-nos que são 144 mil os eleitos de Deus assinalados, e que serão salvos das catástrofes que sobrevirão quando for aberto o Sexto Selo (Apocalipse 7, 3-4). Tanto 153 como 144.000 se resolvem cabalisticamente em 9 ($1+5+3=9$ e $1+4+4=9$), e 9 é o número de Adão, ou da **humanidade**: as três letras hebraicas que formam a palavra «Adão», *aleph*, *daleth* e *mem* têm os valores numéricos 1, 4 e 40, respectivamente, o que soma: $1+4+40=45$, que por sua vez se resolve em: $4+5=9$. Admitindo que o que se dissimulava nos sistemas numéricos hebraico e grego se tornou transparente quando o homem foi iluminado com o sistema decimal, eis uma antiga e oculta mensagem endereçada (por que não?) à idade moderna, e que nos afirma: *Deus quer que TODOS sejam salvos*.

[5] Inspira-se no Salmo 117 [118], 23-24:

*A pedra que os construtores rejeitaram
Tornou-se pedra angular;
Isto foi obra de Jahvé,
E os nossos olhos maravilham-se.*

[6] O episódio da alegórica paragem do Sol e da Lua, a mando de Josué, tal como é narrada no Antigo Testamento, pode levar apressadamente a concluir que Deus «obedece» ao papa tal como então «obedeceu» a Josué e parou o Sol: «Não houve, nem antes nem depois, um dia como aquele, em que **Jahvé tenha obedecido à voz dum ser humano**, porque Jahvé combatia por Israel» (Josué 10, 14). — No entanto, o facto de a Bíblia dizer «nem antes nem **depois**» parece anular explicitamente aquela papal pretensão.

[7] Cf. SANTA TERESA DE JESUS, «Moradas ou Castelo Interior» (1577), in *Obras Completas*, Edições Carmelo, Aveiro 1978.

[8] O estudo atento da carta ao Colossenses e da carta aos Efésios, inseridas no *corpus* paulino do Novo Testamento, levou os especialistas a concluir que são textos compósitos, eventualmente de Paulo na sua origem, mas com importantes acrescentos e desenvolvimentos (redigidos por um ou vários discípulos «paulinistas») que só se justificam em face de situações e concepções surgidas já no século II d. C.

III.

Graal Branco, Graal Negro



*Parsifal. J.A.Knaap **

Da Obra "Instruções Iniciáticas"

por António de Macedo

Há pouco mais de meia dúzia de anos tive oportunidade de assistir a uma manifestação artística ocorrida em Lisboa que envolveu os mais heterodoxos meios e se espalhou por cerca de trinta locais diferentes, entre eles várias casas particulares que amavelmente se ofereceram e colaboraram, disponibilizando uma ou duas dependências para determinadas «instalações» e *performances*. Foi uma iniciativa de gente jovem e muito entusiasta, cheia de ideias e de imaginação, e os «objectos expostos» como que floresciam numa interminável diversidade, tanto se podia ver um par de manequins sentados num sofá, iluminados e vestidos (ou despidos) de certa maneira, e em intencional atitude, como presenciar pequenas

encenações com música, luzes e som, como abrir a porta da despensa e deparar com uma colorida e desconcertante surpresa, como ainda tudo quanto a inventiva da arte pós-modernista nos permita fantasiar.

Um casal de jovens, meu amigo, que fazia parte do grupo criativo, insistiu em que no final duma das apresentações eu participasse num pequeno colóquio com alguns elementos do grupo, que, conhecendo-me na qualidade de realizador de filmes, estavam curiosos por ouvir a minha opinião. A conversa resultou assaz instrutiva, devo dizê-lo, talvez mais para mim do que para eles. Tornou-se-me muito claro desde o início que a preocupação daqueles rapazes e raparigas não era meramente lúdica, tinham uma consciência muito aguda da fecundidade e da versatilidade do mundo em que viviam, e desejavam naturalmente não apenas reproduzi-lo ou criticá-lo, mas sobretudo participar *da* criação desse mundo, em geral, e se possível agir *sobre* ela.

Foi um diálogo muito animado, primaveril e cativante, e em dado momento alguém do grupo se interrogou para que serviria, afinal, aquilo que estavam a fazer, e o que lucraria o mundo com isso. A discussão animou-se mais ainda, parecia um debate, contei algumas histórias da minha experiência pessoal de cineasta, que vinham ao caso, e a interrogação deslocou-se um pouco ao longo do seu eixo de interesse, digamos: orientou-se no sentido de reinquirir até que ponto deve ou não o artista esforçar-se por corresponder às expectativas do mundo? Propus-lhes que reflectissem, como que em jogo, numa pequena história que me acontecera em meados dos anos 70.

Antes, porém, cabe recordar que em Maio de 1968 o festival de cinema de Cannes, na mesma onda de contestação que por esse mês famoso abalara a França, fora violentamente contestado pelos então jovens realizadores da «nouvelle vague», Truffaut, Chabrol, Godard, Malle, Rohmer..., por entenderem que o festival por de mais se havia enfeudado às *majors* americanas (como então se apelidavam as grandes produtoras-distribuidoras de Hollywood: a Metro, a Warner, a Paramount...) e por isso atendia menos aos valores artísticos e culturais da «sétima arte» do que aos económicos; o festival foi interrompido e nasceu um festival paralelo, também em Cannes e também em Maio, que a partir do ano seguinte passou a recuperar os filmes de qualidade que a «selecção oficial» de Cannes rejeitava: a «Quinzaine des Réalisateurs». O «délégué-général» da «Quinzaine», Pierre-Henri Deleau, que se manteve denodada e heroicamente no cargo durante quase trinta anos e que revelou nomes tão emblemáticos como Jim Jarmusch, Sean Penn ou Michael Haneke, veio por diversas vezes a Portugal visionar filmes para a hipótese de os seleccionar para a «Quinzaine» — e diga-se de passagem e honra lhe seja feita, mais de uma boa dúzia de filmes portugueses seleccionou e exibiu ao longo desses trinta anos.

Pois em meados dos anos 70, como comecei por referir, Pierre-Henri Deleau veio a Portugal, uma das tais vezes, para visionamentos, e um dos filmes que viu, no Instituto Português de Cinema, era meu — não digo qual porque a incógnita deve fazer parte do jogo!

Eu estava presente com ele na sala, e no final da projecção Deleau virou-se para mim e disse simplesmente:

— Vous êtes un poète mystique.

E não quis o filme. Mais: nunca seleccionou nenhum filme meu, daí por diante. Bom, e descontando a ironia, isto leva a deduzir que os «poetas místicos» não se enquadram provavelmente nas expectativas do mundo, ou pelo menos do «mundo» da cultura e da crítica que Deleau representava, e aqui voltamos, agora com uma outra óptica, à interrogação inicial: quando o artista cria algo que não existia antes — música, pintura, romance, filme, poesia, escultura... — *para que precisa o mundo desse novo objecto?*

Há várias respostas para isto e as mais inteligentes já foram dadas — desde Aristóteles; e não merece a pena cair na tentação de descobrir enfim a verdadeira — ou apenas a enésima? — chave do mistério da obra de arte. Pois que de mistério, na verdade, se trata! Apesar do mundo se encontrar atulhado de objectos, desde pedras e árvores e vacas a casas e automóveis, desde a alegria duma jovem mãe até um pôr do sol, desde a inveja dum parente até uma montanha, desde a guerra israelo-árabe, as ondas do mar e as emissões de rádio até um assassínio... mesmo assim, ainda há quem sinta necessidade de atravancar o mundo com *ainda mais* objectos, que vislumbrou na imaginação e não resistiu a concretizar em formas físicas — seja um bailado, uma estátua, ou um soneto. Se pensarmos bem, é uma grande responsabilidade! Senão vejamos.

Apesar da infinita multidão de objectos que povoam o mundo, podemos facilmente classificá-los em dois grandes grupos e colocá-los em uma de duas prateleiras: não preciso de fazer um grande esforço intelectual para perceber que um insulto do meu vizinho, uma guerra ou um atropelamento não podem ficar na mesma prateleira onde coloco um pensamento de gratidão, um riso feliz de criança ou o desabrochar duma rosa num jardim, em plena Primavera. (A Ética, a Psicologia e a Estética por vezes indestrinçam-se!)[1] Mais: a respectiva qualidade vibratória é antagónica, e se for o espírito do homem — e não apenas um fenómeno natural — a provocar certos actos, essa qualidade vibratória tem muita força e tinge intensa e correspondentemente a «psicosfera» e a «noosfera» (as atmosferas globais das emoções e dos pensamentos) que rodeiam o planeta[2]. Se deito uma gota de vinagre num copo de água, é quanto basta para que a água mude de qualidade e se torne, ainda que imperceptivelmente, acidulada; se lhe deito uma gota de mel, a água muda de qualidade, também, mas amacia-se. Como nos adverte uma máxima da Unity School of Christianity: «Tudo o que fazemos vai tecendo os efeitos futuros no lado invisível da vida».

Ao nos encontrarmos envolvidos nessa atmosfera psiconoética para cujo contínuo incremento contribuímos, não podemos deixar de receber dela, reciprocamente, a respectiva impregnação com as nossas antenas psíquicas e mentais. Por isso já dizia o sábio árabe: «Senhor, fazei que as minhas palavras sejam de mel, porque sei que terei de engoli-las de volta». Depende de cada um de nós emitir vinagre ou mel. Basta um simples pensamento de ódio ou um simples gesto de carinhosa ajuda a alguém que precisa. Infelizmente, o mundo materializado e materializante

de hoje ignora o terrível alcance da invisível e formidável batalha sem tréguas que se trava nesse plano suprafísico:

A batalha entre as forças do bem e as forças do mal é travada com uma intensidade que ninguém pode entender — a menos que esteja directamente envolvido nela. Os Irmãos Maiores da Ordem Rosacruz e doutras Ordens similares que, podemos dizê-lo, na sua totalidade representam o Santo Graal, vivem e subsistem pelo amor e pela essência do serviço inegoísta que no mundo praticam aqueles que buscam viver uma vida espiritualmente norteada, e que os Irmãos Maiores ajuntam e enceleiram como as abelhas ajuntam o mel. Com isto acresce o brilho do Santo Graal, que por sua vez irradia a sua luminosa influência, assim fortalecida, sobre os espiritualmente receptivos, imbuindo-os de maior zelo e maior entusiasmo no bem fazer e no bem combater. Do mesmo modo, as forças do Graal Negro vicejam e prosperam pelo ódio, pela perfídia, pela crueldade e por todas as acções demoníacas da longa lista do mal. Tanto as forças do Graal Branco como as do Graal Negro requerem alimento, umas de bondade, outras de maldade, para prosseguirem a sua existência e ganharem poderes para a sua luta. Se o não obtiverem, debilitam-se e perecem. De onde a batalha sem quartel que não cessam de travar[3].

Por outro lado, não é apenas sobre o ser humano que os influxos conjuntos da psicofera e da noosfera se fazem sentir. Em resposta a uma consulta que lhe foi dirigida por um leitor, sobre a causa das perturbações por que está a passar o mundo e a frequência dos desastres naturais, cada vez mais repetidos e assíduos nos últimos tempos, a cientista rosacruziana Elsa M. Glover, doutorada em Física e professora universitária na Califórnia, escreveu o seguinte:

As correntes de energia em torno da Terra são influenciadas pelo estado mental e emocional das populações que a habitam. Quando as pessoas se encontram em estados de grande agitação, quando colectivamente desenvolvem pensamentos ou sentimentos de ódio, ansiedade e medo, geram-se «nuvens» mentais e emocionais que se condensam em «nuvens» etéricas, as quais por sua vez perturbam as correntes de energia que controlam o estado do tempo e a estabilidade do interior do planeta. Daí resultarem tempestades violentas, excesso de chuvas ou secas, tremores de terra, erupções vulcânicas. Em devido tempo, no futuro, as pessoas aprenderão a harmonizar as suas acções com as acções dos seus semelhantes. Então todas essas perturbações hão-de passar, a alegoria do leão que se deita ao lado do carneiro será real, e a Nova Jerusalém — a Cidade da Paz —, será estabelecida na Terra[4].

Talvez se entenda agora, mais claramente, o sentido da pergunta que se fazia acima: quando o artista cria algo que não existia antes — música, pintura, romance, filme, poesia, escultura... — *para que precisa o mundo desse novo objecto?*

A responsabilidade é tremenda, sem dúvida: o artista criou *algo que não existia antes* — e a inevitável pergunta será: em qual das duas prateleiras o vai colocar? Para qual das duas forças, do Graal Branco ou do Graal Negro, vai contribuir?

O que vemos nos nossos dias não é encorajante, sem dúvida, basta reler o que com muita relutância descrevi, ainda que resumidamente, na segunda parte do capítulo anterior. Um filme, um livro, uma música, uma pintura, catalogável na prateleira negra, não é só nocivo pela maligna influência que exerce no consumidor imediato, mas sobretudo pelas terríveis doses vibracionais com que perpetuamente alimenta a psicofera e a noosfera que nos rodeiam e que respiramos tão naturalmente como respiramos oxigénio misturado com dióxido de carbono. Trata-se de verdadeira magia negra, que, embora ignorando-se como tal, não é por isso menos poderosa e eficaz. *O objecto, uma vez criado, altera as relações de equilíbrio existentes gerando novas tensões*; forma um arquétipo que se mantém a vibrar, e, se a força da sua criação encontrar a ressonância apropriada, pode ficar a vibrar eternamente. Não surpreende, pois, que certas criações do espírito, boas ou más (não conto com as indiferentes, supondo que as haja), sobrevivam aos seus criadores com uma vitalidade que estes, em vida, lhes invejariam: D. Quixote continua activo em milhentas revivescências sempre actuais com uma energia e um dinamismo inesgotáveis, muito mais do que um tal Cervantes hoje reduzido a pó e que morreu desgraçado e hidrópico em Madrid, duma vez por todas, em 1616. Qualquer um sabe quem é Pinóquio, Tarzan, Drácula ou o libertino Don Juan; poucos saberão quem foi Carlo Collodi, Edgar Rice Burroughs, Bram Stoker ou Tirso de Molina.

Como observa Max Heindel «os pensamentos são coisas» e, felizmente, «os bons pensamentos são mais poderosos que os maus porque estão em harmonia com o rumo da evolução»[5], o que nos permite ser razoavelmente optimistas quanto ao colorido moral da Idade Vindoura.

Alertemos, entanto, para o seguinte, antes que o supra dito dê azo a descabidas interpretações. Não curamos aqui de primário, ou mal entendido, maniqueísmo, pois não se trata de dois *princípios* opostos, o princípio do Bem e o princípio do Mal: o mal nunca pode ser um *princípio* porque não é coetâneo, na Arché, com Deus. Lendo o primeiro capítulo do Génesis observamos que à medida que Deus ia criando os diversos entes, a luz, a terra, o Sol e a Lua, as plantas, os animais, etc., há uma frase que se repete, como um refrão: *Et vidit Deus quod esset bonum* («E Deus viu que era bom»). No final da Criação, «Deus [ELOHIM] contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom» (Gen 1, 31)[6]. Ou seja: *o mal é posterior à Criação*. As doutrinas Rosacruz ensinam-nos que o mal veio ao mundo através dos Espíritos Lucíferos:

O primeiro livro do Antigo Testamento inicia-se com o relato de como o ser humano foi desencaminhado e induzido em erro pela *falsa luz* dos Espíritos Lucíferos[7], a qual deu origem a todo o sofrimento e a todos os males que existem no mundo. O último livro[8] encerra-se com a promessa de que o Sol de Justiça se levantará com a salvação e a cura nas suas asas. E no Novo Testamento descobrimos que o Sol de Justiça, a *verdadeira luz* [9], virá salvar o mundo, e o primeiro facto que sobre Ele se atesta é que nasceu duma concepção imaculada[10].

Esta promessa de redenção, que nos veio pelo Logos Salvador, cumpre-se no Adepto ao longo das quatro Iniciações Maiores, que referiremos na terceira parte

deste livro, e que constituem dádivas sem preço que o Cristo ofereceu à humanidade:

À exceção de raros, como por exemplo os Discípulos no dia de Pentecostes, estas Verdades sem preço são desconhecidas e negligenciadas por todos — se bem que devessem fazer parte integrante da religião cristã. Tais verdades iniciáticas *não podem ser comunicadas ao homem até que prove ser digno de as receber, o que ainda não aconteceu*. Limitamo-nos a falar dos ensinamentos de Cristo, *mas não os vivemos*. Enquanto permanecermos na Lei Antiga, «olho por olho, dente por dente», quer como indivíduos, quer como nações, e enquanto não conseguirmos levar à prática a Regra de Ouro: «Faz aos outros o que querias que te fizessem a ti»^[11], não estamos na verdade a viver os elevados preceitos dos ensinamentos de Cristo Jesus^[12].

Será necessário insistir em que este estado de coisas, dois mil anos após ter vindo a *Luz ao mundo*, se deve em larga medida à preponderância que o ígneo e marciano *corpo das emoções* e das paixões retaliativas (corpo de desejos)^[13] continua a ter na humanidade, que o alimenta apesar dos sofrimentos que em todos, sem exceção, provoca? E que impregna a mente, tingindo tantas vezes a qualidade dos nossos pensamentos e raciocínios? A propensão vingativa no ser humano, com frequência mascarada sob a nobre imagem ética e jurídica de «justiça», é uma tónica permanente, e bem o ilustra, de forma desataviada e exemplar, uma pequena história que o conhecido realizador polaco Krzysztof Zanussi (n. 1939) contou numa conferência que proferiu em 1993, durante um *workshop* de escrita de guião cinematográfico inserido no programa europeu «Sources»^[14]. Referiu Zanussi que um dos guiões que escreveu, neste caso para o produtor Monahan Golan, se passava em Israel onde se encontrava o protagonista, um americano cuja esposa ficara nos Estados Unidos, tendo ele saído de viagem em plena crise conjugal. Numa dada cena, o americano conversa com um amigo num café em Jerusalém, e decide fazer um telefonema para a América. No guião de Zanussi a decisão de fazer o telefonema à esposa era um ponto crucial, e o protagonista hesita antes de o fazer, mas por fim decide-se, e vai. A conversa não é fácil, em vez de se amenizarem zangam-se ainda mais, gritam e insultam-se ao telefone. Nesse momento explode uma bomba dentro do café e de súbito torna-se irrelevante a querela com a esposa, ele salva-se porque a cabine telefónica se situava num canto afastado, e o amigo morre juntamente com outras pessoas.

Para Zanussi esta situação era fundamental para desencadear a pergunta: *porquê?*, que mais não constituía aliás do que o ponto de partida para uma reflexão filosófica sobre outros tantos porquês: «Por que tomei a decisão de ir fazer o telefonema? E porquê neste preciso instante e não noutra altura? E por que vim a este café? E o meu amigo, que perdeu a vida por minha causa — porquê?, pois se não fosse eu, talvez estivesse noutro sítio? Que lógica se oculta por trás de tudo isto? Haverá um Criador que assim o desejou? Ou foi apenas obra do cego acaso?»

Quando Zanussi apresentou o guião do filme ao coprodutor americano, este recusou-o com uma observação liminar:

— Se o protagonista fosse europeu talvez se perdesse em cogitações dessas, a que ninguém sabe responder, mas um americano só teria um pensamento: correr atrás do bastardo que pôs a bomba, apanhá-lo e matá-lo, pois é assim que as plateias americanas gostam que as coisas se resolvam.

Bom, Zanussi contou esta história como pretexto para reflectir sobre a riqueza interior de certos povos em confronto com a frivolidade de outros, mas no fundo estava a querer mostrar que os filmes da velha Europa têm condições para ser mais profundos e dramáticos que os estereótipos dos filmes americanos. Eu atrevo-me a ir um pouco mais longe — ou, melhor, não tão longe, digamos que me quedarei rudimentarmente por uma comezinha constatação: não creio que se trate aqui de estereótipo ou duma fórmula para engodar plateias, penso que neste tipo de coisas os americanos, talvez mais desinibidos e mais pragmáticos do que os velhos europeus, não perdem tempo com reflexões pseudofilosóficas e dão expressão imediatista àquilo que todo o ser humano sente de modo primário: o herói da fita tem de se «vingar» e o mau tem de ser «castigado», e de preferência sofrendo tanto ou mais do que fez sofrer aos bons.

E vivemos nós há dois mil anos no ocidental mundo impregnado de religião cristã, em que a antiga lei de talião já devia ter cedido o lugar, há muito, à nova lei do perdão e da graça!

A Lei deve ceder lugar ao Amor, e as raças e nações separadas devem unir-se numa Fraternidade Universal, tendo Cristo como Irmão Maior.

A Religião Cristã não teve ainda o tempo necessário para realizar esse grande objectivo. Até agora o homem está sob influência do dominante Espírito de Raça[15], e os ideais do Cristianismo ainda são demasiado elevados para ele. O intellecto pode ver nesses ideais algumas belezas e facilmente admite que devemos amar os nossos inimigos, mas as paixões do corpo de desejos permanecem demasiado fortes. Sendo a lei do Espírito de Raça «olho por olho», o sentimento afirma: hei-de ajustar contas. O coração suspira por *amor*, mas o corpo de desejos anseia por *vingança*. O intellecto vê, *em abstracto*, a beleza de amar os nossos inimigos, mas, nos casos concretos, alia-se aos sentimentos vingativos do corpo de desejos com a desculpa de fazer justiça, porque «o organismo social deve ser protegido»[16].

E no entanto, por entre os livros do AT onde abundam exemplos de justiça vingativa e taliónica, a antiga sabedoria, despontando aqui e ali, já avisava que se não deve devolver o mal com o mal, alguns vislumbres deste luminoso e profético olhar sobre o crístico porvir se encontram já nos velhos livros, seja-nos exemplo o seguinte: «Não digas: Tratarei o meu vizinho como ele me tratou, pagarei a cada um segundo os seus actos» (Prov 24, 29). Este é um aforismo do livro dos Provérbios do AT, e pertence a uma colecção intitulada «Ditos dos Sábios», profundamente inspirada num velho texto egípcio em trinta capítulos, *Ensinamentos de Amenemophis*, que remonta ao ano 1000 a. C., ou mesmo antes. O anónimo autor hebraico que o tomou por modelo refere-se aos «trinta ditados» como fonte de inspiração para a sua antologia. Um pouco mais recentes, e atribuíveis ao tempo do rei Salomão com razoável segurança, são os seguintes:

«Não digas: Devolverei o mal, mas põe a tua esperança em YHVH, e Ele te salvará» (Prov 20, 22), e: «A desgraça não deixará a casa daquele que retribui com mal o bem que recebeu» (Prov 17, 13). Este último aforismo contém uma séria advertência sobre os perigos duma realidade que a magia conhece sob o nome de «choque de retorno»: o acto que se lança com este ou aquele intuito, mais tarde ou mais cedo volta à origem se não forem tomadas certas precauções:

GARSEANO — ... Quando lanças pedras ao ar, Zulayia, que te cai em cima da cabeça?

ZULAYIA — Pedras.

GARSEANO — E quando, Zulayia, lanças rosas ao ar, que te cai em cima da cabeça?

ZULAYIA — Rosas.

GARSEANO — Como vês, conheces perfeitamente a Regra de Ouro que Jesus lembrou aos homens: Faz aos outros o que desejas que te façam a ti. É uma lei universal: os teus pensamentos, as tuas palavras, as tuas emoções, os teus gestos, uma vez expedidos, regressarão um dia e completarão em ti o destino, bom ou mau, a que foram despachados[17].

Bastante tempo depois daqueles venerandos livros, egípcios e hebraicos, terem sido escritos, um grande iluminado que viveu na terra 500 anos antes de Cristo, Buda, *luz da Ásia*, disse o seguinte: «O ódio nunca se consegue vencer com o ódio; o ódio vence-se com o amor»[18]. Por sua vez o Cristo, *luz do Mundo*, enunciou o mesmo mais completa e expressivamente: «Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos amaldiçoam e rezai pelos que vos maltratam» (Lc 6, 27-28).

Paulo, profundo conhecedor dos mistérios, não foi menos explícito: «Não torneis a ninguém mal por mal; procurai fazer o bem diante dos olhos de todos os homens» (Rm 12, 17); «Não te deixes vencer pelo mal; vence antes o mal com o bem» (Rm 12, 21); e: «Olhai, que ninguém retribua o mal com o mal, mas procurai sempre o bem uns dos outros, e de todos» (1 Tes 5, 15). Paulo sabia que os sentimentos de vingança são o melhor combustível que há para alimentar a chama marciana do Graal Negro[19]. Porque, não o esqueçamos, sendo Paulo um iluminado da tradição iniciática cristã, podia intitular-se um «construtor», ou um *maçom místico*, ou melhor ainda: um «sábio arquitecto», da mesma linhagem de José e de Jesus, «carpinteiros» — neste caso especiais: ainda que artífices, todos eles, Paulo, José e Jesus já irradiam a *lux mystica* da crística Ordem de Melquisedec. O carpinteiro, que em grego se diz *tektôn* — o que constrói em madeira —, é um precursor do *architektôn* — o que constrói em pedra —, e ambas as artes, no seu conjunto, formam uma «arte sagrada» muito antiga que implica conhecimentos ocultos, transmissíveis de boca a ouvido, graças à misteriosa função protectora, física e espiritual, do recinto (edifício profano ou templo) de madeira ou de pedra, ou de ambos, que o artífice, sábia e reverentemente, edifica: «Segundo a graça de Deus que me foi dada, eu, qual sábio arquitecto [gr. *sophos architektôn*, lat. *sapiens architectus*], assentei o alicerce, e outro sobreedifica» (1 Cor 3, 10).

Daí o cuidado de Paulo em destringir entre a «justiça» e a retribuição vindicativa, ou «vingança», uma vez que estes conceitos, mesmo em tempos neotestamentários, muitas vezes se confundiam como praticamente em todo o AT. Diz Paulo: «Não façais justiça [gr. *ekdikountes*, lat. *vindicantes*] por vós mesmos, caríssimos, mas dai antes lugar à ira de Deus, porque está escrito: A Mim compete a justiça [gr. *ekdikêsis*, lat. *vindicta*], Eu retribuirei, diz o Senhor» (Rm 12, 19). O verbo grego *ekdikazô* tanto significa «julgar» e «punir» como «vingar», e o verbo *ekdikeô* significa «perseguir em justiça».

No versículo seguinte, Paulo explica como se há-de fazer: «Pelo contrário, se o teu inimigo tem fome dá-lhe de comer, se tem sede dá-lhe de beber, pois fazendo assim, amontoarás carvões em brasa sobre a sua cabeça» (Rm 12, 20).

Este passo inspira-se no Livro dos Provérbios, e pertence a uma colecção adicional que é um suplemento aos «Ditos dos Sábios», que já vimos derivarem duma antiga tradição egípcia: «Tem o teu inimigo fome? Dá-lhe de comer. Tem sede? Dá-lhe de beber. Assim amontoarás brasas ardentes sobre a sua cabeça, e YHVH te recompensará» (Prov 25, 21-22). As práticas mágicas egípcias eram universalmente reconhecidas na Antiguidade: «Os livros religiosos do antigo Egipto ensinam-nos que se acreditava ser quase ilimitado o poder do sacerdote ou do homem que conhecesse eximamente as operações da magia»^[20]—, e há quem pense que aquela máxima não é mais do que uma poderosa fórmula mágica, que consiste em deixar que o adversário acumule a nosso respeito as suas más acções: se não retaliarmos, desequilibramos a misteriosa balança do destino, e mais tarde ou mais cedo o choque de retorno fará cair sobre o nosso inimigo tudo quanto ele acumulou contra nós^[21]. Não parece ser esta, todavia, a finalidade e a intenção do Iniciado Paulo, recomendar aos seus discípulos uma receita mágica que não estaria de acordo, aliás, com o que temos vindo a descobrir da sua ascensão espiritual. A Igreja católica não andarão muito longe da verdade quando interpreta aquela recomendação como uma «metáfora», explicando que assim tornaremos a hostilidade do nosso inimigo intolerável para ele próprio, ou, segundo uma outra perspectiva, que este proceder cristão, cheio de caridade, levará o inimigo pagão a reconsiderar e a arrepender-se. No entanto, apesar da boa vontade desta interpretação, não parece muito provável, suspeito eu, que tal seja o método mais persuasivo para regenerar o pagão ou o incrêdo. Eu diria antes que Paulo, a quem no Terceiro Céu foram transmitidas «palavras inexprimíveis»^[22], pretende criar condições para que o nosso «inimigo» seja *queimado* pelos «carvões em brasa», ou pelo *fogo*, da consciência, esse fogo divino que ninguém acende e queima mais que as leis da terra ao pedir severas contas pelo erros cometidos; além disso, Paulo pretende sobretudo que *não se alimente o Graal Negro* nem com um simples pensamento retaliativo, por isso as suas preocupações e as suas instruções vão todas no sentido de nos abrir a visão e a consciência à graça inspiradora que nos levará sempre, em cada instante, em cada pensamento, em cada gesto, em cada palavra, a agir na *verdadeira Luz* e no *verdadeiro Amor*^[23], que farão resplandecer o fulgor crescente — assim o desejamos e esperamos — do Graal Branco ou, de plena justeza, do *Santo Graal*.

[1] Com boa vontade, posso condescender uma terceira prateleira, a dos objectos neutros ou indiferentes — se bem que em rigor, em rigor, nada há que seja absoluta e totalmente indiferente.

[2] Os termos «noosfera» e «noogénese» foram inventados e propostos pelo jesuíta PIERRE TEILHARD DE CHARDIN (1881-1955), filósofo e paleontólogo, no seu livro *Le Phénomène humain* (1938-1940). O conceito de noosfera de Chardin, também adoptado por Vladimir Vernadsky e Édouard Le Roy, refere-se ao plano do intelecto, ou do pensamento conceptual, e do seu crescimento evolutivo, opondo-se à biosfera (mundo vivo) e à geosfera (mundo inerte). É pois um conceito metafísico que não coincide exactamente com o significado corrente em filosofia oculta, e que designa, tal como utilizo no texto, o plano real de *matéria mental* que envolve e permeia a Terra, e que se situa uma oitava vibratória «acima» do mundo emocional ou astral da psicosfera.

[3] MAX HEINDEL, *Gleanings of a Mystic* (ed. cit.), pp. 104-105.

[4] In *Rays from the Rose Cross*, vol. 78, n.º 6, June 1986, p. 244.

[5] MAX HEINDEL, *Teachings of an Initiate*, 7.ª ed. Oceanside 1987, p. 95.

[6] Sobre o plural ELOHIM, v. *infra*, p. 230.

[7] Os Espíritos Lucíferos, também chamados «serpentes» na Bíblia e em diversas mitologias, são degenerados da onda de vida angélica que imbuíram o *serpentino* cordão espinhal e o cérebro da humanidade infante (Eva e Adão) com a *luz* do conhecimento *intelectual* e a utilização do sexo como livre fruição *independente* da sagrada missão procriadora. Por isso se diz que o mundo é o reino de Lúcifer. — Para a destrinça entre Lúcifer, Satanás, Diabo, etc., v. *infra* pp. 310-311.

[8] O último livro do AT é o do profeta Malaquias, e aqui Max Heindel alude ao seguinte passo: «Mas, sobre vós que respeitais o meu nome, levantar-se-á o Sol de Justiça [ou: de Justeza] que traz a salvação nas suas asas [ou: nos seus raios]. Saireis e saltareis, livres como os bezerros ao saírem do estábulo» (Mal 3, 20, *ou, segundo a numeração da Vulgata*: Mal 4, 2).

[9] Refere-se ao seguinte passo do Evangelho de João: «E era a luz verdadeira, a que ilumina todo o homem vindo ao mundo» (Jo 1, 9).

[10] MAX HEINDEL, *Occult Principles of Health and Healing*, 8.ª ed. Oceanside, 1984, pp. 55-56.

[11] Cristo formulou a Regra de Ouro da seguinte maneira: «Assim, pois, tudo quanto quiserdes que os homens [gr. *anthrôpoi*] vos façam, fazei-o também a eles, porque esta é a lei e os profetas» (Mt 7, 12).

[12] CORINNE HELINE, *The Blessed Virgin Mary* (ed. cit.), p. 124.

[13] Na terminologia Rosacruziana, o corpo de desejos, ou corpo emocional, é um dos componentes da personalidade: cf. p. 116 (nota 155).

[14] KRZYSZTOF ZANUSSI, *Sources of Inspiration Lecture — 1*, Amsterdão, 30 de Maio de 1993.

[15] Espíritos de Raça são arcanjos que compenetraram e inspiraram os indivíduos e a atmosfera anímica duma tribu, duma nação, dum povo; a Bíblia chama-lhes «príncipes», que combatem entre si e arrastam os respectivos povos nesse combate. Por exemplo, segundo o livro de Daniel do AT, o arcanjo Miguel é o «príncipe» de Israel, pronto a combater os inimigos da nação judaica: «Então ele disse: Sabes por que vim a ti? Preciso de regressar para combater o Príncipe da Pérsia, e, quando o tiver vencido, será a vez do Príncipe de Javan» (Dan 10, 20). O Príncipe da Pérsia é o arcanjo protector desta nação, com quem Miguel terá de combater nos reinos invisíveis, tal como o Príncipe de Javan é o arcanjo da Grécia, que será adversária dos judeus após a queda dos persas.

[16] MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (ed. cit.), pp. 384-385.

[17] ANTÓNIO DE MACEDO, *O Osso de Mafoma*, Lisboa 1989, pp. 32-33.

[18] Citado em: ANNIE BESANT, *An Autobiography* (Londres 1893), trad. port. Gervásio de Figueiredo: *Autobiografia*, São Paulo s/d, p. 204.

[19] Este ensinamento foi sabiamente preservado pelos continuadores de Paulo, como o demonstra por exemplo a primeira epístola dita de Pedro, no NT, escrita por um cristão anónimo do tempo do imperador Trajano (53-117 d. C.), e bom conhecedor da teologia e da terminologia paulinas: «Enfim, sede todos concordes, compassivos, misericordiosos, humildes, não devolvendo mal por mal nem afronta por afronta: pelo contrário, abençoai, pois para isto fostes chamados, para serdes herdeiros da bênção» — 1 Ped 3, 8-9.

[20] Sir E. A. WALLIS BUDGE, *Egyptian Magic* (Londres 1899), trad. port. Octávio Mendes Cajado: *A Magia Egípcia*, São Paulo 1983, p. 10.

[21] ROBERT AMBELAIN, *Jésus ou le Mortel Secret des Templiers*, Paris 1970, p. 271. — Conforme já fiz notar em notas anteriores (v. *supra.*, p. 74, nota 89, e p. 96, nota 109), apesar da sua inegável erudição e dos seus profundos conhecimentos, as especulações de R. Ambelain carecem, na esmagadora maioria de casos, de fundamento sólido, e escurentam mais do que esclarecem.

[22] V. *supra*, p. 117.

[23] É este o profundo sentido oculto da recomendação de Paulo: «Orai sem cessar» (1 Tes 5, 17).

IV.

Paulo, O Iniciado



S. Paulo, Rembrandt van Rijn (1606-1669)

Da Obra "Instruções Iniciáticas"

por António de Macedo

Esta mística inserção num veio comum tradicional tem levado certos estudiosos a pensar que os Mistérios cristãos se inspiraram formalmente nos mistérios do mundo antigo:

A acrescentar às tradições do AT e respectiva liturgia sinagoga, as tradições dos cultos místéricos helenísticos também foram absorvidas e reinterpretadas segundo fórmulas cristãs. Assim, dentre as tradições tomadas das religiões místicas contam-se por exemplo: a disciplina arcana com a distinção entre os verdadeiros *mystai* (os iniciados nos segredos da fé cristã) a quem era permitido participar no serviço esotérico (isto é, a Eucaristia), e os *catecúmenos*; a introdução de hinos cantados cuja forma dependia do estilo melódico dos hinos místéricos (além dos Salmos judeus); a manutenção do antigo gesto de mãos erguidas durante a

epiclese sacramental que invoca a infusão do Espírito Santo no pão e no vinho no momento da consagração; e muitos outros[1].

Chegado a este patamar peço licença para fazer uma pausa. Talvez não seja má ideia, depois de tantas vezes ter falado em «mistério» e «mistérios», determo-nos um pouco para tentar descobrir o que se esconde por trás de tais palavras, e digo bem, palavras, e não apenas uma palavra só usada umas vezes no plural, outras no singular.

Mais do que um ideólogo do saudosismo e um filósofo da estética e da simbólica, Afonso Botelho (1919-1996) questiona-se com frequência, nos seus escritos, acerca das origens e dos arquétipos, e deixa-nos uma primeira observação, límpida e motivadora, sobre a distinção singular-plural a que acabo de me referir:

... O essencial do mistério cristão, para além da separação intransponível da natureza dos dois mundos, está na oferta cativante de uma via para a transpor. [...] Inversa é a configuração do mistério ou dos mistérios gregos. Verdadeiramente, só existem mistérios e não mistério na Grécia, só existem actos de um ritual secreto praticados pelos *mystai*. O mistério como caminho entre dois mundos naturalmente incomunicáveis só depois da Encarnação do Homem-Deus, só depois de Cristo, se completa[2].

Recuando no tempo, e incorrendo embora no pecado de aqui repetir enxutamente o que vem em diversos livros e dicionários, começarei por esclarecer ao leitor menos lidado nestas porfias que a palavra mistério tem a sua origem primeira na raiz *mu-*, ou *my-* (em grego *mu*), donde derivam dois verbos: *mueô*, que significa «iniciar», «sagrar», «instruir», e *muô*, que significa «fechar a boca ou os olhos», «guardar silêncio». Da mesma raiz deriva o latim *mutus*, «mudo», e o grego *muthos* ou *mythos*, o que nos ensina que o silêncio se associa ao mito, tal como silenciosa deverá ser a Iniciação menor, *muêsis*, que se completa pela Iniciação maior, *teletê*, sendo que esta última deriva do verbo *teleô*, que significa simultaneamente «concluir» e «iniciar», ou seja, «iniciar nos mais altos Mistérios», ou nos Mistérios de plenitude ou de perfeição. O mais alto grau de Iniciação também se chamava *epopteia*, já notaremos adiante porquê.

Avançando um pouco mais no mesmo terreno, observamos assim que os **mistérios** (*ta mystêria*) são por conseguinte a teoria de ritos (*ta drômena*, «actos») que conduzem iniciaticamente do silêncio à perfeição, e isto tanto no Egipto antigo como na Pérsia ou na Grécia. O iniciado tem acesso, por secretos cultos, a regiões — ou melhor: a níveis de ser — *inexprimíveis* ou *inefáveis*, o que em grego se dizia *arrhêta* [3], que por sua própria natureza indizível se tornam naturalmente incomunicáveis, não por qualquer imposição ou obrigação externa de «manter segredo» [4], mas porque o iniciado ao atingir o cerne do sagrado atinge o «inefável», e faltam-lhe meios de expressão adequados para comunicar ao mundo profano o que, na linguagem e segundo a razão desse mundo, seria incompreensível, e sobretudo porque a Iniciação não é uma cerimónia externa, mas, nunca será de mais repeti-lo, *uma experiência interna* [5].

Em todos os mistérios da Antiguidade (Isíacos, Mitríacos, Órficos, Eleusinos, etc.) vigorava a lei dos três graus, que remonta aos tempos miticamente Atlantes e do seu símbolo sacerdotal, o enigmático Tabernáculo no Deserto, configurado no Templo de Salomão pela confraria de «construtores de Templos» regulada por Hiram[6], símbolo que se prolonga pelos *Collegia Fabrorum* romanos e medievais e teve o seu apogeu na Ordem de Construtores e Arquitectos (Ordem Maçónica), que foi a escola dos construtores de templos góticos contemporâneos dos Templários. Esses três graus eram, para os mistérios antigos: postulante (*o exô*, «o de fora»), neófito ou misto (*mystês*, plural *mystai*), e epopta (*epoptês*, plural *epoptai*). Ou seja, mediante o rito que lhe proporciona o arrebatamento ao mundo sensível (*ekstasis*), o postulante torna-se um neófito ou antes um misto, ou aquele que ainda tem os olhos fechados, para se converter finalmente em epopta — da raiz *ops*, «olho» —, ou aquele que vê as coisas tais quais são[7]. Do mesmo modo se distinguem os graus dos Iniciadores: o dos *mystai* será o *mystagogos*, para a Iniciação menor (*muêsis*), enquanto o dos *epoptai* é o *telestês*, para a Iniciação maior (*teletê*, ou *epopteia* como dissemos acima).

Desde relativamente cedo se começou a observar nas primitivas comunidades cristãs uma graduação igualmente tripartida, tanto nas fases eclesiais atinentes ao culto externo como na fase interna, mais elevada e menos visível. Na fase externa encontramos as seguintes gradações, se assim se podem chamar: o catecúmeno (*katêchoumenos*), o baptizado ou neófito (*neophytos* — 1 Tim 3, 6), e o presbítero (*presbyteros*) ou bispo (*episkopos*, equipolente a *epoptês*). Os presbíteros podiam transmitir dons espirituais (*charismata*) por imposição das mãos (*meta epitheseôs tôn cheirôn*), conforme lemos no epistolário do NT (1 Tim 4, 14; 2 Tim 1, 6). O catecúmeno era o equivalente a postulante, recebia instrução religiosa durante três anos a fim de se preparar para o baptismo e podia assistir a certos ritos do culto. Por sua vez, o presbítero ou bispo (parece que inicialmente ambas as palavras designavam a mesma função) contava com um grau intermédio, o diácono, para o auxiliar sacerdotalmente no seu ministério —, se bem que a palavra *diakonos*, então, assumisse por vezes o sentido mais amplo de «servidor» (lat. *minister*) que se poderia aplicar aos sacerdotes, ou ao ministério sagrado, numa forma geral.

Esta, portanto, a fase formal — externa. Por sua vez os *Mistérios cristãos* constituem a fase oculta — mais elevada e interna. Dela trataremos, um pouco mais detalhadamente, na segunda e na terceira partes deste livro.

Que sempre existiu um esoterismo cristão é indiscutível, embora a Igreja católica se esforce por desmenti-lo, sobrevalorizando o lado exotérico da catequese e da liturgia[8]. Não há que negar a legitimidade do formalismo exotérico da religião cristã, pelo contrário: se bem que as bases iniciais sejam, tudo no-lo atesta, esotéricas, a formulação exotérica da doutrina torna-se indispensável para que a chama da respectiva linhagem *tradicional* não se extinga no mundo — paradoxo que, sendo impossível de se tornear, acarreta consigo um pesado ónus, pois essa formulação exotérica acaba por se constituir, praticamente, na sua única «verdade oficial».

Certas confusões são perniciosas e devemos a todo o custo areá-las e esclarecê-las: sem dúvida que falar-se em «Cristianismo esotérico», não sendo, em rigor, um erro, pode induzir em erro[9], porque o Cristianismo em si não é exclusivamente esotérico, é uma religião dada por Cristo para a salvação de todos e comunicável a todos. O que não significa, porém, que não exista um «esoterismo cristão», acessível apenas aos que queiram aprofundar os mistérios do Reino de Deus, como refere Orígenes no seu livro *Contra Celsum*[10]. O próprio Jesus fazia a distinção entre o que podia transmitir às multidões e o que reservava aos discípulos, a quem dizia: «A vós deu-se-vos a conhecer os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não lhes foi dado» (Mt 13, 11). No passo paralelo do Evangelho de Marcos, Jesus define claramente quem são aqueles a quem tal não é dado: «Aos de fora [gr. *tois exô*] tudo se lhes dá em parábolas, a fim de que olhando, olhem e não vejam, e ouvindo, oiçam e não entendam, não suceda que se convertam e se libertem» (Mc 4, 11-12). «Os de fora» (*oi exô*), são os profanos ou ainda só postulantes, isto é, os que ficam «fora do Templo» e a quem, portanto, apenas se lhes podem ministrar instruções exotéricas. Paulo dizia o mesmo por outras palavras: «E eu, irmãos, não pude falar-vos como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Leite vos dei a beber, não comida sólida, pois ainda não éreis capazes» (1 Cor 3, 1-2).

Alguns mais radicais, como René Guénon, vão mais longe e pensam que as verdadeiras origens do Cristianismo — e sobre as quais o NT, na forma como chegou até nós, é esclarecedor sem ser claro — teriam sido de facto esotéricas (mas não na linha de Annie Besant, cuidado!), e que a divulgação generalizada constituiria um fenómeno posterior:

Será provavelmente impossível determinar o momento preciso em que o Cristianismo se transformou numa religião no sentido próprio do termo bem como numa forma tradicional destinada a toda a gente, sem distinção. Seja porém como for tratava-se dum facto consumado na época de Constantino e do Concílio de Niceia, de tal sorte que este não fez mais do que «sancioná-lo», por assim dizer, inaugurando a era das formulações «dogmáticas» destinadas a constituir uma apresentação puramente exotérica da doutrina.

[...] É pois evidente que a natureza do Cristianismo original, sendo essencialmente esotérica e iniciática, devia permanecer completamente ignorada por parte daqueles que passaram a ser admitidos no Cristianismo agora exotérico; por conseguinte, tudo quanto pudesse evidenciar ou sequer sugerir o que tinha sido realmente o Cristianismo nas suas origens deveria ser recoberto, aos olhos daqueles, por um véu impenetrável[11].

Sobre a existência de Mistérios cristãos testificam-nos alguns autores antigos, de forma mais ou menos translúcida dentro dos limites em que era possível falar-se de tais matérias. Costumam ser muito invocados, a este respeito, dois teólogos de inspiração platónica da Escola de Alexandria, dos séculos II e III, preocupados com os mistérios alegóricos contidos na essência do Cristianismo e que não excluem uma interpretação esotérica das Sagradas Escrituras. Refiro-me a Clemente de Alexandria (aprox. 150-216) e ao seu discípulo Orígenes (185-254).

Uma das obras mais conhecidas do primeiro, *Stromateis* («Miscelâneas»), é particularmente importante pelo testemunho que nos oferece da existência de Mistérios associados ao Cristianismo primitivo, e a um ensinamento secreto; por exemplo:

O Senhor não nos impediu de fazer o bem por causa das leis do sábado; Ele concordou que os que são capazes de compreender[12] partilhassem dos mistérios de Deus e da sua santa luz [13]. Além disso não revelou ao homem vulgar o que não era para ele; revelou-o, sim, a alguns poucos, a quem sabia que tal revelação lhes seria apropriada, e capazes de aceitar os mistérios e de se coadunar com eles. As coisas secretas, tal como o próprio Deus, não se devem confiar por escrito, mas sim exprimirem-se pelo Logos [ou: por palavra]. E se alguém nos contrapõe citando a Escritura: «Nada há encoberto que se não descubra, nem nada escondido que se não dê a conhecer» (Mt 10, 26)[14], responder-lhe-emos que nesta frase [Jesus] predisse que os segredos ocultos serão revelados aos que escutam em segredo, e que tudo o que é velado, como a verdade, será descoberto aos que são capazes de receber as tradições sob um véu, e o que é incompreensível à maioria será claro para a minoria.

[...] Os mistérios são transmitidos misteriosamente, de boca a ouvido, ou melhor, não nas vozes do que fala e do que escuta, mas nas suas mentes. Deus concedeu à Igreja que uns sejam «apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, outros pastores e instrutores, para aperfeiçoamento dos santos na obra do seu ministério, e para edificação do corpo de Cristo» (Ef 4, 11-12).

Estou bem consciente da pobreza desta minha compilação de notas comparada com a graça do Espírito que me considerou digno de o escutar. Mas ao menos será como que uma imagem, que lembrará o arquétipo original àquele que tiver sido tocado pelo tirso[15]. «Dá ao sábio, e tornar-se-á mais sábio ainda», diz a Escritura (Prov 9, 9), e «ao que tem, dar-se-lhe-á e terá em abundância» (Mt 13, 12). Há aqui uma promessa, não de dar uma plena interpretação dos segredos — longe disso — , mas de oferecer um vislumbre para quando nos esquecemos, ou para evitar que isso aconteça[16].

Vejamos um outro elucidativo passo do mesmo livro de Clemente Alexandrino:

Uma vez que a nossa tradição não é recebida em comum nem aberta a todos, e muito menos quando nos damos conta da magnificência do Logos, segue-se que temos de manter secreta «a sabedoria de Deus em mistério, a oculta»[17], ensinada pelo Filho de Deus. O próprio profeta Isaías precisou de ter a língua purificada pelo fogo para poder revelar a sua visão[18]. Nós também precisamos de ser purificados tanto de ouvido como de língua, se nos propomos partilhar da verdade. Só de pensá-lo, tolhe-se-me a mão para o escrever, e, observando as palavras da Escritura, cuidarei de não lançar as pérolas aos porcos, não aconteça que as pisem aos pés e, acometendo-nos, nos despedacem[19]. É difícil apresentar argumentos puros e lúcidos, a respeito da verdadeira luz[20], a pessoas que são como cevados na sua falta de educação. Quase nada há que pareça mais ridículo aos homens vulgares do que estes discursos, nem mais maravilhoso e divinamente inspirado para os que sejam de nobre natureza. «Mas o homem vivente não capta

as coisas do Espírito de Deus, pois são loucura para ele»[21]; os sábios não anunciam em público o que discutem em concílio. «O que vos digo às escuras, dizei-o à luz do dia, e o que escutais ao ouvido, proclamai-o de cima dos terraços», diz o Senhor (Mt 10, 27). Ele quer dizer que recebemos as tradições secretas do conhecimento revelado, interpretadas com a máxima elevação, e, uma vez que as ouvimos murmuradas aos nossos ouvidos, que as transmitamos a quem delas seja digno, e não que as espalhemos sem reserva a qualquer um, quando Ele, para estes, o fez em parábolas[22].

Quanto a Orígenes, um dos maiores eruditos da Patrística grega e profundo conhecedor dos mistérios pagãos, é autor de algumas obras monumentais — e essenciais — de que se destacam os *Hexapla*, por exemplo, primeiro intento de se estabelecer um texto crítico do AT a partir de seis versões correntes gregas e hebraicas, que cotejou em seis colunas paralelas e cuja organização lhe consumiu praticamente a vida inteira, além do denso tratado *Peri archôn* («Acerca dos princípios»), que a Igreja considera discutível e que o ascético Rufino de Aquileia (345-410) traduziu com o título *De principiis* adulterando-o e eliminando intencionalmente as passagens e as fórmulas mais «suspeitas». Entretanto, e para o que ora nos importa, basta que nos abeiremos do seu elucidativo tratado *Contra Celsum*, escrito provavelmente no ano 248 em refutação do livro *Discurso verídico*, ataque demolidor que o filósofo Celso, igualmente neoplatónico como Orígenes mas ferozmente anticristão, desfere contra o Cristianismo. Naquele, Orígenes revela algumas coisas:

E nada digo por ora do estudo cuidadoso de tudo quanto está escrito no Evangelho. Cada ponto contém muitas razões difíceis de entender, não só para o vulgo, mas incluso para algumas pessoas inteligentes. Tal, a densa exposição das parábolas que Jesus fazia *aos de fora*[23], guardando a explicação delas para os que tinham ultrapassado a audição exotérica e se aproximavam privadamente d'Ele, em casa. Celso admirar-se-ia se conseguisse compreender o motivo que há para se chamar a uns «de fora», e a outros «de casa». E quem, sendo capaz de contemplar os vários passos de Jesus, não se maravilhará de vê-lo ora subir à montanha para proferir este discurso ou para realizar aquelas outras acções ou transfigurar-se, ora para, em baixo, curar os enfermos, incapazes de subir aonde o seguiam os seus discípulos? Não é porém este o momento de explicar quanto de verdadeiramente venerável e divino contém os Evangelhos ou o sentido que Paulo tem de Cristo, isto é, da Sabedoria e do Logos de Deus[24]. Baste o que se disse, para contrapor a essa galhofa, indigna dum filósofo, de Celso, que ousa comparar os íntimos mistérios da Igreja de Deus «com os gatos, macacos, crocodilos, bodes e cães dos egípcios»[25].

Realcemos, de passagem, a antiga e clássica distinção esotérica que Orígenes faz entre «subir à montanha» (o caminho da Iniciação!), e o que se pode claramente fazer «na planície» aos «enfermos», isto é, aos incapazes de atingir, enquanto não «curados e purificados», a sublimação dos Mistérios. Noutra parte do mesmo livro, Orígenes aponta sem ambiguidades algumas chaves dos Mistérios com que podemos deparar nas Escrituras judaico-cristãs:

Se alguém deseja iniciar-se numa ciência misteriosa sobre o acesso das almas ao divino, não pelo que nos oferece a mais obscura seita citada por Celso, mas por livros originariamente judeus, lidos nas sinagogas, e que são aceites pelos cristãos, e por outros exclusivamente cristãos, leia as visões do profeta Ezequiel no final da sua profecia[26]; ou leia também, no Apocalipse de João, a descrição da Cidade de Deus, a Jerusalém Celeste, bem como a descrição dos seus fundamentos e das suas portas[27]. E se é capaz de entender por símbolos a senda assinalada aos que se hão-de encaminhar para o divino, leia o livro de Moisés que tem por título Números e procure quem o introduza nos mistérios que se encontram ocultos nos acampamentos dos filhos de Israel; averigue de que natureza eram os acampamentos ordenados às bandas do Oriente, que são os primeiros; de que natureza eram os orientados para Sul e Sudoeste, os que estavam junto ao mar e os que, por fim, se ordenavam a Norte[28]. Nestas passagens achará decerto ideias não despiciendas, e não, como imagina Celso, ideias que pedem ouvintes néscios e escravos. Compreenderá de quem nelas se fala bem como a natureza dos números aí indicados e que convêm a cada tribo. Expor aqui cada um destes pontos parece-nos inoportuno[29].

Finalmente, Orígenes não pode ser mais límpido quando afirma:

E de mais, que haja pontos além do exotérico que não chegam aos ouvidos do vulgo não é coisa exclusiva do Cristianismo, mas também corrente entre os filósofos, que tinham doutrinas exotéricas, e também outras esotéricas. Assim, de Pitágoras havia quem apenas ouvisse dizer: «Ele disse-o»; outros porém eram secretamente iniciados em doutrinas que não deviam chegar aos ouvidos profanos e não purificados. E quanto aos mistérios que se praticam em toda a Grécia e nas terras bárbaras, embora sejam ocultos, não os ataca Celso; por isso em vão tenta desacreditar o que há de oculto no Cristianismo e que não pode entender[30].

A necessidade da reformulação exotérica que vimos acima levou a Igreja a proceder a uma espécie de movimento translacional quanto ao sentido da palavra mistério, e aqui voltamos à tal distinção a que aludimos entre «mistério» e «mistérios» que a Igreja oficialmente adoptou e ensina: por um lado os mistérios enquanto grandes acontecimentos históricos da vida de Jesus ou da Virgem Maria, por exemplo os mistérios da Cruz ou os mistérios do Rosário; por outro, no mistério singularizado como por exemplo o mistério da Encarnação de Cristo, o mistério da Santíssima Trindade, o mistério da Eucaristia ou da Transubstanciação, o mistério Pascal, o mistério da Ressurreição. A palavra «mistério» ocorre 28 vezes no NT, 21 das quais nos textos paulinos, e em nenhum caso para exprimir o que acabámos de enumerar e que a Igreja oficializou: com o decorrer do tempo, o duplo significado de verdade divina e de rito sacro que o termo «mistério» abrangia acabou por se repartir por duas palavras, *mysterium* e *sacramentum*, ficando a primeira a designar as verdades ocultas do Cristianismo e a segunda os ritos ou as realidades sagradas. O que não exclui o poder que a Igreja detém para estabelecer, pelo *mysterium*, uma ponte real com o divino, poder que Cristo transmitiu aos apóstolos e que, por sucessão apostólica, é transmitido por sua vez ao longo dos séculos a todo o sacerdote regularmente ordenado[31].

É tempo entretanto de regressarmos a Paulo, que, confirmando quanto mais acima se disse sobre o originário esoterismo cristão, mui lisamente declara: «Se o nosso Evangelho está porém velado, está velado para os que se encontram no caminho da destruição, para aqueles incrédulos cujos pensamentos o deus deste século [gr. *aiônos*] cegou, para que neles não brilhasse a iluminação do Evangelho da glória de Cristo, o qual é imagem [gr. *eikôn*] de Deus» (2 Cor 4, 3-4). É importante pôr em relevo que foi o mesmo Paulo quem formulou, na sua primeira carta aos Coríntios e em duas frases fundamentais e fundamentantes, que as Escrituras cristãs nos dão *dois Evangelhos*, um exotérico e relacionado com a *personalidade* mundana: «Resolvi não saber coisa alguma, entre vós, senão Jesus Cristo, e este crucificado» (1 Cor 2, 2), e outro esotérico e relacionado com a *individualidade* espiritual: «Não sabeis que sois templo de Deus?» (1 Cor 3, 16). Destes «dois Evangelhos» foi o primeiro, como já fizemos notar, que a Igreja católica trouxe à luz da ribalta, e manteve, com o carácter que conhecemos e que tem sido a permanente tónica da sua doutrina cristã[32].

Inácio, bispo de Antioquia martirizado em Roma no ano 107 ou 108, foi Padre Apostólico (*vir apostolicus*), isto é, conheceu e conviveu pessoalmente com alguns apóstolos, afirma-o João Crisóstomo: «Inácio, em primeiro lugar, conviveu nobremente com os Apóstolos e das presenças deles se gozava como fontes do Espírito. Ora pois, que muito é que quem com eles convivia e com eles a todas as horas lidava, e participava dos seus públicos e secretos pensamentos, fosse finalmente tido por digno de tão alta dignidade?»[33].

Inácio, na sua juventude, decerto teria conhecido Paulo (além de João, e talvez outros), pois sendo Antioquia a sua pátria, e tendo sido de Antioquia que irradiou para o mundo mediterrânico a mensagem de Paulo, os seus caminhos, com toda a probabilidade, ter-se-iam cruzado. O testemunho de Inácio, portanto, convém considerar-se com especial atenção, nomeadamente — e para o caso que nos importa — o seguinte passo duma carta que endereçou à comunidade cristã de Éfeso, onde a recordação de Paulo permanecia muito vívida:

«Sois passagem para os que se elevam a Deus, iniciados com Paulo nos mesmos mistérios [gr. *Paulou summusai*] (*Carta aos Efésios* XII, 2).

Aquelas palavras gregas, *Paulou symmysai*, também se podem traduzir por «companheiros de iniciação de Paulo». Ou seja, os Mistérios cristãos eram um facto, e uma das provas mais evidentes dá-nos o próprio Paulo, quando afirma de si:

Sei de um homem, em Cristo, que há catorze anos — ignoro se no corpo, ou fora dele, Deus o sabe — foi arrebatado até ao Terceiro Céu. E sei desse homem — se no corpo ou fora dele, não sei, Deus o sabe — que foi arrebatado ao Paraíso e ouviu palavras inexprimíveis [gr. *arrhêta rhêmata*, lat. *arcana verba*] que não é permitido a um homem divulgar». — 2 Cor 12, 2-4.

Este texto surpreendente de Paulo revela um facto em que muitos cristãos certamente nunca pensaram, e dá sobretudo conta, com muita força, do que é o segredo iniciático, as tais «palavras inexprimíveis» que o Iniciado recebe e não pode

repetir no mundo profano. Recordemos que a expressão que Paulo usa para o inexprimível e incomunicável — *arrhêta* —, é a mesma que é utilizada nos mistérios antigos exactamente com o mesmo significado[34]. Não deixa de ser sintomático que Jerónimo, conhecedor dos primitivos Mistérios cristãos, tenha traduzido, na sua Vulgata Latina, aqueles dois vocábulos gregos, *arrhêta rhêmata* («palavras impronunciáveis ou inefáveis»), por *arcana verba*, expressão muito mais forte, pois significa «palavras ocultas ou secretas».

A crítica positivista, ignorando o alcance iniciático deste texto, assume perante ele uma de duas atitudes: ou opina que se trata apenas dum ancestral tema mítico (as esferas do céu!) que permaneceu no NT a par doutros como por exemplo a batalha celestial entre anjos e demónios (Ap 12, 7-9); ou limita-se a constatar que Paulo mentiu, porquanto, a fazer fé no Evangelho de João, «ninguém subiu ao Céu a não ser Aquele que desceu do Céu, o Filho do homem» (Jo 3, 13).

Pois nem uma coisa nem outra: por esta revelação ficamos a saber que Paulo era um Iniciado com o grau equivalente à 5.^a Iniciação menor da Ordem Rosacruz: *esta é a Iniciação que dá acesso ao Mundo do Pensamento Abstracto, ou **Terceiro Céu**, na terminologia iniciática cristã e Rosacruziana*[35]. E tal como nas doutrinas Rosacruz, Paulo admite deidades ou Hierarquias a que chama «deuses», inferiores ao Deus único e a Ele submetidos: «Porque, se há aqueles que são chamados deuses, tanto no céu como na terra, havendo assim muitos deuses e muitos senhores, para nós porém não há senão um Deus, o Pai, de quem procedem todas as coisas» (1 Cor 8, 5-6).

Muito exemplos se poderiam colher dos textos de Paulo; remato com o seguinte passo da primeira carta aos Coríntios, que bem merece leitura atenta e profundada, e que já vimos, atrás, ter sido objecto de misterioso exame tanto de Clemente de Alexandria como de Orígenes:

Entre os perfeitos [gr. *en tois teleiois*] porém, falamos sabedoria; não a sabedoria deste século nem a dos chefes deste século condenados a perecer; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, a oculta, que Deus predestinou antes dos séculos para glória nossa; que nenhum dos chefes deste século conheceu; pois se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória. Mas como está escrito:

*O que olho não viu nem ouvido ouviu,
Nem subiu ao coração do homem,
Essas coisas preparou Deus aos que o amam* [Is 64, 3].

A nós no-lo revelou Deus por meio do Espírito; porque o Espírito tudo penetra, mesmo as profundezas de Deus. Quem pois conhece dos homens as coisas próprias do homem, a não ser o espírito do homem que nele se encontra? Assim também as coisas de Deus ninguém as conhece a não ser o Espírito de Deus. Nós porém não captamos o espírito do mundo mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos as coisas que Deus graciosamente nos deu, as quais falamos não com aprendidas palavras de sabedoria humana, mas com aprendidas do Espírito, agregando o espiritual ao espiritual. Mas o homem vivente [gr. *psychikos*

anthrôpos, lat. *animalis homo*] não capta as coisas do Espírito de Deus, pois são loucura para ele, nem é capaz de entendê-las pois só espiritualmente é possível examiná-las. Em contrapartida o homem espiritual [gr. *pneumatikos*, lat. *spiritalis*] ajuíza todas as coisas, mas ninguém é capaz de ajuizá-lo. *Quem pois conheceu o pensamento do Senhor, para que o instrua?* Nós porém temos o pensamento [gr. *noûn*, lat. *sensum*] de Cristo. — 1 Cor 2, 6-16.

Os «perfeitos» a que se refere Paulo são os Iniciados (*teleioi*) dos Mistérios Maiores, os mesmos «perfeitos» que Orígenes invoca num outro texto seu que também a este se reporta e que só o entenderá quem disso for capaz, como ele próprio adverte:

... Platão põe em terceiro lugar a imagem; nós porém, aplicando o nome de imagem a outra coisa, diremos mais claramente que a impressão das chagas que depois do Logos se dá na alma, é o Cristo que mora em cada um, e vem do Cristo Logos. Ora bem, a sabedoria, que é Cristo e mora nos perfeitos [gr. *en tois teleiois*] de entre nós, corresponde ao quarto elemento platônico, que é a ciência, entenda-o quem disso for capaz[36].

Nos livros canônicos do NT não se dá conta de como Paulo terminou os seus dias. O que se sabe, ou julga saber, é-nos transmitido pelos apócrifos, nomeadamente os *Acta Pauli*, que incluem o *Martyrium Pauli*, e os fragmentos que nos restam dos *Actos de Pedro e Paulo*: teria sido levado para Roma e decapitado no ano 67 nas *Aquae Salviae*, na localidade que hoje se chama Tre Fontane. A descrição da sua morte no *Martyrium Pauli* inspirou, ao longo dos tempos, tanto a arte como a liturgia: «Paulo então pôs-se de pé e olhou para leste, ergueu as mãos ao céu e orou demoradamente. Nas suas orações falava em hebraico com os Padres; depois, sem proferir palavra, ofereceu o pescoço ao verdugo. E quando este lhe cortou a cabeça, salpicou leite sobre a túnica do soldado»[37].

Os poetas, no entanto, têm uma visão diferente. Tal como Elias, tal como Enoch, o trespassado de Paulo, o Iniciado, não podia acrisolar-se em cadinho de terrestre cruz, mas apenas em luminoso raio de celestial mistério: «Paulo não podia morrer, como Pedro. Desapareceu nas alturas donde recebera a inspiração. O seu amor a Jesus Cristo alcançou a Eternidade e todos os atributos de Deus. Paulo é imortal em Jesus Cristo. Não morreu, desapareceu. Aparecer é ganhar forma no espaço, e duração no tempo. Desaparecer é ficar invisível, simplesmente»[38].

[1] ERNST WILHELM BENZ, «Christian Doctrine», in *Macropædia* (ed. cit.), vol. 16, p. 293.

[2] AFONSO BOTELHO, *Ensaio de Estética Portuguesa*, Lisboa 1989, p. 69.

[3] KARL KERÉNYI, *Die antike Religion* (1952), trad. esp. por M^a P. Lorenzo e M. L. Rodriguez: *La Religión Antigua*, Madrid 1972, pp. 166-167.

[4] RENÉ GUÉNON, *Aperçus sur l'Initiation* (ed. cit.), p. 89.

[5] MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers*, vol. 2, Oceanside 1947, p. 227.

[6] V. *supra*, pp. 63-64.

[7] FERMIN VALE AMESTI, *Le Retour d'Enoch ou la Maçonnerie qui Revient*, Paris 1993, p. 73. — V. *infra*, p. 303, os níveis de acesso aos mundos supra-sensíveis por parte dos Irmãos leigos e dos Adeptos dos Mistérios Rosacruz.

[8] Cf. ANTOINE FAIVRE, *Accès de l'ésotérisme occidental*, reed. revista, Paris 1996, vol. I, todo o capítulo intitulado «Les débuts de l'ésotérisme chrétien», pp. 65 a 72.

[9] RENÉ GUÉNON, *Aperçus sur l'Ésotérisme Chrétien*, reed. Paris 1988, pp. 109-110. — Nesta ambiguidade incorre ANNIE BESANT (1847-1933) no título do seu livro *Esoteric Christianity* (Londres 1901), cuja tradução é precisamente «Cristianismo esotérico». Devo salientar, todavia, que se trata dum livro muito bem construído e muito bem informado, e com um bom conhecimento das fontes. Pena é que para além do duvidoso ponto de vista assumido no título, a autora, que é uma investigadora competente e minuciosa, cometa alguns erros graves, por exemplo em todo o capítulo sobre o «Cristo histórico», onde reproduz a fantasiosa lenda de que Jesus teria nascido no ano 105 a. C., além duma catadupa de factos «históricos» que muito deixam a desejar.

[10] V. citação *supra*, p. 32.

[11] RENÉ GUÉNON, *Aperçus sur l'Ésotérisme Chrétien* (ed. cit.), pp. 28-29.

[12] Refere-se ao passo do Evangelho de Mateus (Mt 16, 5-12) em que Jesus advertiu os discípulos que se acautelassem do fermento dos fariseus e saduceus; muitos dos discípulos tomaram-no à letra e pensaram que aludia ao pão. Jesus chamou-os «homens de pouca fé» e explicou-lhes que não se referia ao pão, mas à doutrina.

[13] Aqui Clemente estabelece uma comparação com os Mistérios de Elêusis, dedicados a Deméter, a terra-mãe, e a Perséfone ou Koré («donzela»), a vegetação sua filha. Quando o iniciado nestes Mistérios recebia a revelação, era envolvido por uma luz resplandecente.

[14] Este versículo de Mateus é apresentado como chave para o entendimento da obra *De occulta philosophia* (1530-1533), de Agrippa von Nettesheim (1486-1535), que o coloca em epígrafe no frontispício da sua obra sob a seguinte forma: «Nihil est apertum quod non reveletur et occultum quod non sciatur. Matthaei. X».

[15] O tirso era uma vara transportada nos Mistérios Dionisiacos, encimada por uma pinha e engrinaldada de hera, e utilizada para comunicar o êxtase. «Aquele que foi tocado pelo tirso» é, naturalmente, o iniciado a quem se lhe abriu a janela para o mundo supra-sensível: «A glândula pineal (o “terceiro olho”), com a sua forma cónica no topo da coluna espinhal, é representada pelo tirso, essa misteriosa vara dos Mistérios Dionisiacos composta por uma pinha de pinheiro fixada numa haste de funcho; a finalidade da Iniciação Dionisiaca seria despertar aquela faculdade, tornando o iniciado consciente da grande mente cósmica de que o seu intelecto é uma parte» — JOSCELYN GODWIN, *Mystery Religions in the Ancient World*, Londres 1981, pp. 133-134.

[16] CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromateis*, I, 1, 13-14.

[17] Refere-se a um texto fundamental de Paulo (1 Cor 2, 4-16), que transcrevemos mais adiante: v. *infra* pp. 118-119.

[18] Refere-se a um texto de Isaías onde se descreve, simbolicamente, um momento preciso duma certa fase do percurso iniciático: Is 6, 1-8.

[19] Refere-se ao conhecido passo do Sermão da Montanha: Mt 7, 6.

[20] Refere-se ao seguinte passo do Evangelho de João: «Era a luz verdadeira, a que ilumina todo o homem vindo a este mundo» (Jo 1, 9).

[21] Ver nota 140.

[22] CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromateis*, I, 12, 55-56.

[23] Refere-se ao passo do Evangelho de Marcos citado mais acima: Mc 4, 11.

[24] Ver nota 140.

[25] ORÍGENES, *Contra Celsum*, III, 21.

[26] Ver Ez 48, 30-35.

[27] Ver o capítulo 21 do Apocalipse, no NT.

[28] Ver o capítulo 2 do livro dos Números, no AT.

[29] ORÍGENES, *Contra Celsum*, VI, 23.

[30] ORÍGENES, *Contra Celsum*, I, 7.

[31] V. *infra* pp. 241-242.

[32] WILLIAM KINGSLAND, *The Esoteric Basis of Christianity*, Londres 1895, p. 156. — Os conceitos de «individualidade» e de «personalidade» têm um determinado significado quando integrados num contexto doutrinário místico ou ocultista, e outro muito diferente quando encarados de um ponto de vista da psicologia e da psico-sociologia. No primeiro caso a tónica é posta na *espiritualidade*, e no segundo na *materialidade*. Assim, de um ponto de vista quer oculto quer místico, a individualidade é o Eu superior, a tríade espiritual do ser humano considerada como uma unidade, conglobando os três aspectos espirituais que nas doutrinas Rosacruz se chamam Espírito Divino, Espírito de Vida e Espírito Humano, e que são como que projecções tri-unitárias, respectivamente, do Pai, do Filho e do Espírito Santo no mesmo indivíduo e que constituem a sua real essência. É, naturalmente altruísta, e a sua nota-chave é o *dar*. A personalidade é o Eu inferior, e é constituída pelo conjunto do corpo vital ou etérico, do corpo astral ou de desejos, sede dos sentimentos e emoções, e da mente, além do corpo físico, sendo este conjunto a parte evanescente, mortal, que o Espírito imortal usa para se exprimir. É, naturalmente egoísta, e a sua nota-chave é o *receber*. — Por outro lado, e segundo uma abordagem psicológica e psico-sociológica, constatamos que as definições de «personalidade» e de «individualidade» variam consoante as escolas e respectivas teorias, mas numa forma geral a ênfase é posta na «personalidade», que traduz a globalidade do indivíduo, o seu carácter, atitudes, opiniões, em suma, o seu comportamento perante si próprio, perante o ambiente e perante o grupo social onde se insere. Por sua vez a «individualidade» psicologista afirma-se, *grosso modo*, pela valorização da liberdade e do *ego*, caracterizando-se por um egoísmo natural e um sistema de valores centrado em si próprio e no pequeno círculo familiar e de amigos do indivíduo em causa. — Esclareça-se desde já que usarei estes dois termos, sempre, nas acepções tanto místicas como ocultistas que descrevi em primeiro lugar. Por outro lado, o *ego* da teoria psicanalítica (o ponto central da personalidade psicologista, capaz de percepções e que actua perante o mundo externo, físico e social), não deve confundir-se com o «Ego» das doutrinas místicas e ocultas, que equivale ao triplo-Espírito do «Eu superior».

[33] Citado em: DANIEL RUIZ BUENO, *Padres Apostólicos: Edición Bilingüe Completa*, 5.^a ed. Madrid 1985, p. 383.

[34] V. *supra*, p. 108.

[35] MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (ed. cit.), p. 528.

[36] ORÍGENES, *Contra Celsum*, VI, 9.

[37] Citado em: JOHANNES QUASTEN, *Patrologia*, vol. I (ed. cit.), p. 138.

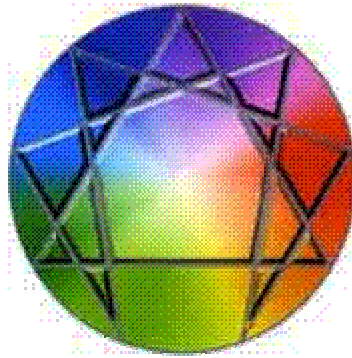
[38] TEIXEIRA DE PASCOAES, *São Paulo* (1934), 3.^a ed. Lisboa 1984, p. 247.



V.

Magia Aurea:

O ENEAGRAMA SAGRADO



Conferência proferida no IV Colóquio Internacional "Discursos e Práticas Alquímicas", organizado pelo Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) e pelo Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), no Convento dos Cardaes, Lisboa, em Setembro de 2002.

António de Macedo

Summary

The enneagram is a nine pointed star which was drawn for the first time by Pythagoras, who about 525 B.C. founded a mysterious Brotherhood, holding that the deepest reality is mathematical in nature, that certain symbols have a mystical significance and that all Brothers of the Order should observe strict secrecy.

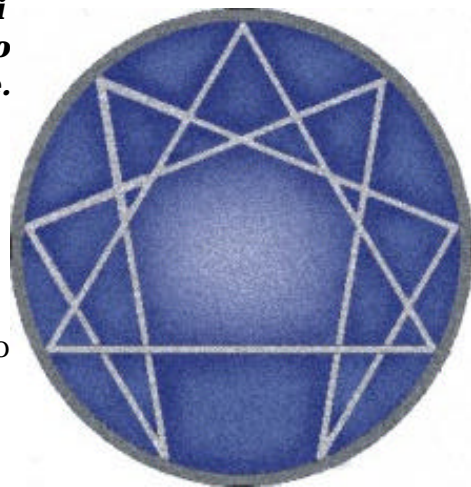
The enneagram is a sort of Hermetic compound summing up the virtues of the triple triangle: the Occult triangle of Fire (Sulphur), the Occult triangle of Water (Salt), and the Mystic triangle of Trinity (Quicksilver, or Mercury).

It is also the "square of Adam": $3 \times 3 = 9$ (the Nine Lesser Mysteries).

The Quest of the Holy Enneagram has always been the Everlasting Crusade of Portugal: the Water-Ocean as Destiny (5th Empire), the Fire-Paraclete as Inspiration (Holy Spirit), and the Sebastianist Fortunate Island as Aspiration (Mercury) - the Gold of the whole being the result of a global Hermetic operation: Magia Aurea.

...Tendo observado todas estas coisas, conheceremos o superior e o inferior de Hermes, a cadeia de ouro de Homero, o anel de Platão, e convencer-nos-emos que uma coisa se transmuta noutra e, pela vicissitude das coisas, se torna na mesma, ou muito semelhante à que tinha sido anteriormente. Não é difícil de concluir — pois tudo foi uma só e única matéria da qual tudo se originou — que é absolutamente imprescindível que uma coisa se mude por retrogradação na mesma, uma vez que a água é o seu primeiro princípio. Aplicai agora esta regra a tudo quanto vai seguir-se neste tratado; será um avanço não pequeno, para a nossa Arte.

Aurea Catena Homeri (1723), I, 5.

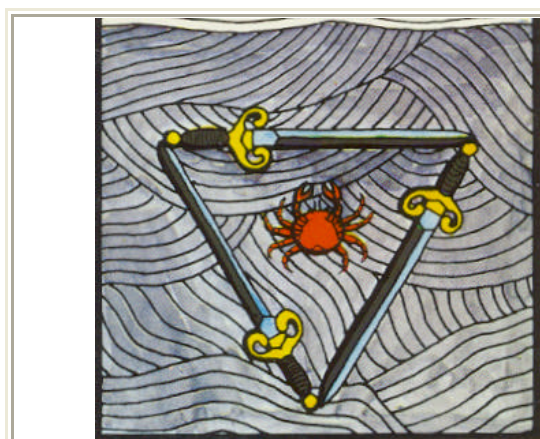


Comecemos por anotar que a **água** é o elemento director de Portugal: a fazer fé num dos mais conhecidos horóscopos que Fernando Pessoa erigiu sobre a fundação da nacionalidade portuguesa, o signo Solar do nosso país é o signo aquóreo **Peixes**, regido por **Neptuno**. (Acréscce que o respectivo signo Ascendente é Caranguejo, também ele signo de água).

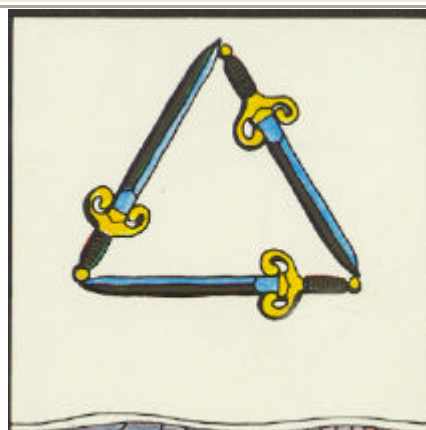
Neptuno, divindade oceânica, tutelou, por sua voz grega (Poseidon), a capital da antiga Atlântida, segundo se diz: Poseidonis, que ocupava o círculo interior desse continente perdido. Aí, o deus padroeiro fez jorrar de sob o solo duas fontes de água: uma quente e outra fria, enriqueceu a terra com abundância de vegetação e plantas nutritivas, e engendrou e criou cinco gerações de *filhos homens*, e *gêmeos* — os primeiros clones! —, e estes príncipes e seus descendentes habitaram a Atlântida durante tempos imemoriais, viajando para outras ilhas e terras que

povoaram, até às colunas de Hércules (Hespéria), até ao Egipto e até à Tirrénia (Platão, *Crítias*, 113-114). Sendo a Hespéria, ou Hispânia, a terra onde floresceram os Lusitanos (entre outros), teremos de concluir que ainda pertencemos à estirpe dos Atlantes ou — *horribile dictu!* — descendemos dos clones de Poseidon...

Na celebrada tragédia *Frei Luís de Sousa* (1844) de Almeida Garrett, D. João de Portugal simboliza o país que lhe compõe o nome, e tem como signo Ascendente o mesmo signo do Sol de Portugal, podendo apropriadamente dizer-se, na esteira dum conhecido poeta, pintor e astrólogo contemporâneo: «A **água** tem origem celeste e destino terrestre, por oposição ao **fogo**, que tem origem terrestre e destino celeste. [...] **Peixes** designa o oceano e analogicamente o infinito, o êxtase místico, o inconsciente colectivo. É o signo Ascendente de D. João de Portugal, a água benta que ilumina a epopeia lusa, a hipnose visionária do cruzado. É também a premonição da catástrofe diluviana, o refluxo sebástico da ilusão ultramarina» (Cardoso 1978, 13-14).



símbolo da água



símbolo do fogo

Parece pois indiscutível que a **água** é um dos elementos ? e dos mais significativos ? que entram na composição do Mistério de Portugal. O seu triângulo alquímico V será por conseguinte o primeiro que iremos guardar, pondo-o de reserva até nos fazer falta, daqui a pouco. Entretanto, e para melhor arrecadação do que vai seguir-se, ousemos levantar desde já uma pontinha do véu, e decifremos que o **V Império** se encontra associado alquimicamente à oceânica água: a decifração de tal enigma torna-se visível e palpável não só pela análise histórica mas também pela maneira como tradicionalmente se grafa esse sintagma, quando referido ao Mistério de Portugal. Reparai que quase nunca se escreve «5.º Império» e nem sempre «Quinto Império» ? mas de preferência «V Império». Porquê o V? Porque, naturalmente, basta completá-lo com a coberta, ou com a superna planura do Paraíso Celeste, para obtermos o símbolo alquímico da água : V (*).

Por sua vez o **fogo** tão-pouco está ausente desse Mistério: fogo é Espírito, e o sopro do Espírito Santo, ou Paraclito, bafejando a iluminação dos nossos monarcas Dinis e Isabel, Fiéis-do-Amor — ou Infiéis-de-Roma, se aderirmos ao

argumento de Sampaio Bruno (Bruno 1960, 142-143) —, fê-los concretizar o triângulo do fogo ? associado às heterodoxas Festas do Império e do Espírito Santo (Culto Paraclético). Eis um segundo triângulo que nos importa guardar, também: ?, pondo-o ao lado do anterior, até descobrirmos o que fazer com ambos.

A Água e o Fogo entrelaçam-se, portanto, na vocação do Portugal Des-Encoberto: de acordo com a *perennis* Tradição Mistérica, o Livro de Daniel, do Antigo Testamento, onde o P. António Vieira bebeu a inspiração do V Império, é um Manual da **Iniciação do Fogo**, iniciação que se relaciona alquimicamente com a *Calcinação, a Transmutação e a Sublimação* — os Quatro Impérios (Assíria, Babilónia, Pérsia e Roma, ou Assíria, Pérsia, Grécia e Roma: Daniel 2, 27-45 e 7, 1-27). Logo, o Quinto será o da Nova Ordem Crística, cujo Umbral, iniciaticamente de Água V, é guardado pelo Leão, da Hierarquia do signo do mesmo nome (Leão : Fogo ?), tal como Cristo enunciou: «Quem não nascer da Água e do Espírito [Fogo] não pode entrar no Reino de Deus» (João 3, 5), ou seja, no Reino da *Nova Ordem de Cristo*.

Finalmente passemos ao terceiro e último triângulo, a que eu chamaria o triângulo **mercurial** do Sebastianismo.

«O Sebastianismo é sempre inseparável dos Descobrimentos: como segundo acto dum drama ou ritual nacional.



D.Sebastião

«Porque, após o descobrimento do caminho para as Índias, como aquelas que em si detinham o prestígio do **centro**, este posteriormente ter-se-ia deslocado e encarnado na Ilha do Encoberto. Ela será desde então, miticamente, como o umbigo do mundo, a realidade suprema e supremamente desejada. A que flutua nas águas primordiais — tal outro lótus sagrado de onde nasce Brama. Receptáculo de vida.

«Porque aqui, para a alma portuguesa, será acaso a realidade da ilha, a que em si detém todo o valor e função e prestígio do centro, tal como foi a **rosa** para o Ocidente e o lótus para o Oriente: será ela a flor secreta. A que no seu interior, no mais profundo das suas pétalas, concebe, encobre e protege o Salvador do mundo. Ela, a **Rosa Mística**» (Costa 1978, 140-141).

Três triângulos — e uma Ilha Encoberta como centro!

Ora bem, já temos pois os três triângulos da Tradição Hermesista de Portugal, que fomos guardando à medida que os alinhávamos — e só nos resta agora descobrir o que fazer com eles.

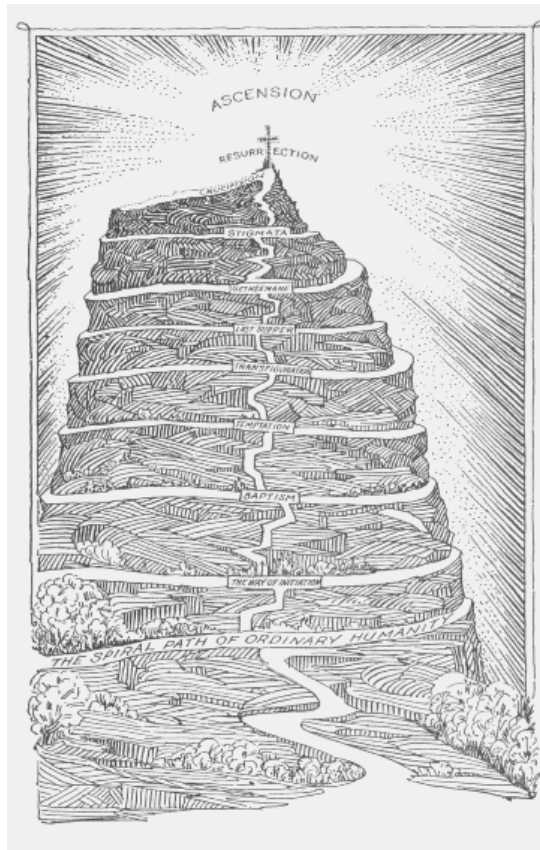
Se traçarmos um círculo com **três triângulos** equiláteros inscritos, e equidistantes angularmente entre si, obteremos o eneagrama, estrela de nove pontas cujo ângulo ao centro é de 40 graus. Já vimos como podemos associar o V do V Império a um triângulo, o da água, ou do oceano vocação de Portugal... Levando mais longe a similitude do simbolismo geométrico, constatamos que os três triângulos eneagramáticos do Portugal Des-Encoberto — do V Império, do Culto Paraclético e do Sebastianismo — são equipolentes aos três V's da frase secreta com que Cristo Jesus inaugurou os Mistérios Cristãos: «Ego sum Via, et Veritas, et Vita» (João 14, 6). Eis o segredo do «Triplo V»!

Uma antiga lenda informa-nos que a construção geométrica da estrela de nove pontas, ou eneagrama, utilizando apenas o compasso e a régua, foi conseguida pela primeira vez por Pitágoras, que, segundo reza a tradição, fundou por volta do ano 525 a. C. uma misteriosa Irmandade fundamentada em uns quantos princípios cardeais, de que destacamos: 1. A realidade última do universo é de natureza matemática; 2. Certos símbolos detêm um poder arcano que lhes advém do seu significado místico; 3. Todos os Irmãos da Ordem estão obrigados a observar o mais rigoroso segredo.

No eneagrama deparamos com o **9** (número de vértices estelares) associado ao **40** (número de graus do ângulo ao centro). Carlos Calvet descobriu o traçado geométrico que, a partir das medidas da Grande Pirâmide de Khéops, permite obter a trissecção do ângulo de 120 graus ($120 : 3 = 40$) que por sua vez dá o lado do eneágono (Calvet 2001, 139-143).

São aqueles, igualmente, números simbólicos da Nau Graáfica de Portugal — ou do Porto do Graal. Mas antes que por aí avancemos, recuemos um pouco:

Uma vetusta memória Rosacruziana exumada e revelada por Rudolf Steiner (1861-1925) e por Max Heindel (1865-1919) ensina-nos que os quatro Evangelhos, mais do que quatro «biografias» históricas de Jesus, são sobretudo Rituais de Iniciação de quatro diferentes Escolas de Mistérios. Os três sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) são rituais de Mistérios Menores; o Evangelho do Amor (João) é um ritual dos Mistérios Maiores. Os primeiros compõem-se de nove graus correspondentes às nove Iniciações Menores, equipolentes aos nove passos capitulares do ministério de três anos de Cristo Jesus na Terra:



1. Baptismo; 2. Tentação; 3. Transfiguração; 4. Última Ceia e Lavapés; 5. Agonia no Horto; 6. Flagelação e Coroa de Espinhos; 7. Crucificação e Estigmas; 8. Morte e Ressurreição; 9. Ascensão.

O **9.º** grau da Iniciação Crística, Ascensão, ocorreu **40** dias depois do **8.º**, segundo lemos nos Actos dos Apóstolos (1, 3). O **8** (octógono) e o **9** (eneágono) são números vinculados ao Mistério Templário, que por sua vez se associa ao 40 no Mistério da Fundação de Portugal, **1140**, e da sua Restauração, **1640**. O «Auto» do Templarismo fundador é bem conhecido:

O Rosacrucianismo Templário do Conde D. Henrique, de D. Teresa e do filho de ambos, D. Afonso Henriques (c. 1109-1185) é inquestionavelmente atestado pelas assinaturas destes últimos onde se evidencia a Cruz sobreposta à Rosa Mística (assinaturas reproduzidas em Daehnhardt 2000, extratexto entre 96-97). Também é inequívoca a declaração do primeiro rei português, dirigida aos «Soldados do Templo de Salomão», em documento autógrafo datado de 1129, no qual confirma a doação do Castelo de Soure aos Templários por sua mãe, rainha D. Teresa: «... e pelo cordial amor que vos tenho, em vossa irmandade e em todas vossas boas obras sou irmão» — atribuindo-se, portanto, a Irmandade Templária na dupla vertente iniciática e temporal (Alves 2001, 56).

Ressalvemos entretanto uma dúvida que pode surgir nos espíritos mais atentos e esquadrinhadores: o Conde D. Henrique morreu em 1112, e a história oficial consagra a data de 1118 para a fundação da Ordem do Templo; logo, como me atrevi a incorrer na anacronia de incluir o pai de Afonso Henriques no

Templarismo referido acima? O frade franciscano capucho Joaquim de Santa Rosa Viterbo (1744-1822) ajuda-nos a vislumbrar a resposta: investigando antigos documentos na Torre do Tombo, encontrou uma inquirição sobre os *Usos, Costumes e Jurisdições dos Templários* mandada levantar por D. Dinis com grande exigência de rigor, e onde se lê: «... tendo o Conde D. Henrique guerra com os Mouros, os freires tempreiros vieram a ele, e pediram-lhe por Mercê, que os admitisse no seu serviço, e que lhes desse com que se pudessem sustentar, e fazer guerra aos inimigos do nome Cristão» (Viterbo 2000, 19).

Parece, pois, que já havia Templários antes da data consagrada para a sua oficial fundação...

«A Ordem nasce, ao que parece, em 1118, mas este nascimento permanece envolto nas brumas da obscuridade e do mistério [...] Somente dez anos mais tarde a História nos deixa traços documentais marcantes: o texto da *Regra Latina* anexo ao processo-verbal do concílio de Troyes (1128) e o texto *De laude novae militiae*» (Hapel 1991, 9). No entanto, a ideia já vinha de trás: segundo Jacques de Vitry, cronista do século XIII, quando os iniciadores da futura Ordem do Templo, Hugues de Payens e Geoffroy de Saint-Omer, chegaram a Constantinopla por volta do ano 1100, receberam do Patriarca Teocletes, 67.º sucessor do Apóstolo João, a «missão de fundar um instituto militar religioso» em sintonia com «os cónegos do Santo Sepulcro, depositários dos conhecimentos secretos dos essénios, de quem eram descendentes directos...» (Loução 1999, 105-108).

Hugues e Geoffroy agregaram a si mais sete, e os cavaleiros fundadores foram portanto nove, como é sabido e como devia ser — neles se integrando, ao que parece, um português —, e, antes de iniciarem o seu ministério, os **nove** permaneceram em Jerusalém, em voto iniciático, durante **nove** anos. Fazendo as contas, não é descabido presumir que a fundação secreta da Ordem do Templo possa ter ocorrido, eventualmente, em 1109 ou 1110...

Afonso Henriques, ao estabelecer o *design* rectangular do novo país, estava já a preparar a semente de uma futura «Unidade de Poder», um dos princípios Templários, aliada à «Unidade do Amor», ou da fraternidade universal, expressa veladamente pelos ritos poéticos da Ordem dos Trovadores: «O seu fito era a criação de uma confederação de estados, de povos livres organizados em nobreza popular, com base num IDEAL comum. É a ideia do V IMPÉRIO» (Loução 1999, 128). Essa ideia foi prosseguida pela Ordem de Cristo, continuadora da Ordem do Templo, por isso se diz que Portugal deu novos mundos ao mundo: os Cavaleiros do Amor (*Cabaleiros*, de Cabala), ou Cavaleiros de Amar, transmutados em Cavaleiros do Mar (signo Solar Peixes, regente Neptuno), são, nem mais nem menos, os mesmos Cavaleiros do Espírito (Culto Paraclético — signo iniciático Sagitário, do Fogo) que vão construir o V Império da História do Futuro.

Desenhando um rectângulo em que Portugal caiba por inteiro, e tomando como unidade a distância que vai de Tomar (zona mágica desde recuados tempos) até ao lado Oeste do rectângulo, verificamos que o «rectângulo de Portugal» mede exactamente três unidades por seis. A sua superfície iguala 18 unidades (3 x 6), o mesmo número de unidades do seu perímetro: 3+6+3+6 = 18. Este número, 18,

resolve-se em **9** (1+8), o que mais uma vez associa indissolivelmente a sacralidade do eneagrama à sacralidade do design de Portugal (Calvet 2001, 25 segs., et passim).

O «Projecto Áureo Português» é uma alquimia que religa o Culto do Espírito Santo (Culto Paracletico), o V Império e o Sebastianismo; na verdade é mais do que uma alquimia, é uma QUÍMICA POÉTICA, uma autêntica operação de *Magia Aurea* (Anes 1996, 153 segs.).

O **eneagrama** é pois o símbolo apropriado para sumarizar as virtudes do triplo triângulo: o triângulo oculto do *Enxofre* — o Fogo Paracletico da **Inspiração** —; o triângulo oculto do *Azougue* — o Mercúrio sebastico da **Aspiração** —; e o triângulo oculto do *Sal* — a água oceânica coligadora do V Império, ou do **Destino**: «Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!» (Pessoa 1986, 1159). Tanto vale dizer que a gesta da portugalidade esculpe no mundo uma estrutura histórica, espaço-temporal, que substancia as Leis Herméticas:

A Purificação da Alma [Sal — cristalização — cobre], com a amorosa ajuda da Piedade e do Amor divinos [Mercúrio — dissolução — prata], cumpre-se pelo Sacrifício no Altar do Mundo [Enxofre — combustão — ouro].

A Obra Magna que irrompe do nevoeiro, ou a luz que sai de dentro das trevas, não é apenas uma operação hermética de transmutação: nesta simbologia e nesta práxis desvendamos uma *arcana ars* de real TRANSUBSTANCIAÇÃO, como auge dos quatro grande grupos míticos de Portugal — ou luso-mitologemas — pesquisados e classificados por Gilbert Durand: o «Fundador vindo de fora», a «Nostalgia do impossível», o «Salvador oculto» e a «Transmutação dos actos», sendo este último, precisamente, em quanto remate e síntese, exemplificado pela *transubstanciação* de rosas em ouro, e de ouro em rosas (ou de pão em rosas), pela discípula do alquimista Arnaldo de Vilanova, rainha Santa Isabel, iniciadora do Culto Paracletico (Durand 1986, 11 segs.), com o incentivo e a *dynamis* dos *Spirituali* e dos Fiéis-do-Amor.

Depois disto — que nos reservam a História do Futuro e a Chave dos Profetas, para além do que delas já decifrou (mas logo voltou a velar e a selar) o P. António Vieira?

Que Ilha Afortunada, do «morto que hoje é vivo», testemunhará a transfiguração do país Desejado em país, enfim, Des-Encoberto?

Portugal é — e tem sido — um país *por enquanto* oculto...

Poquê o estranho e esfíngico silêncio que pesa sobre os mais significativos e fecundos factos místicos da portugalidade? Lima de Freitas alinha alguns exemplos (quase se diriam escandalosos): René Guénon, que tanto escreveu sobre as correntes esotéricas, dedicou um livro inteiro ao *Rei do Mundo* sem nunca mencionar os cavaleiros de Cristo e a demanda do Preste João; Julius Evola consagrou várias páginas ao Preste João na sua obra *O Mistério do Graal* e não profere uma única palavra sobre a demanda da cavalaria portuguesa; Mircea

Eliade (que inclusivamente viveu em Lisboa durante algum tempo), ao escrever sobre os mitos principais aborda o tema da demanda do Graal e esquece por completo a demanda do Preste João; desenvolve o mito do Imperador desaparecido que voltará um dia e nem toca em D. Sebastião; aborda os movimentos milenaristas da Idade Média e nem sequer cita o mitologema do V Império... (Freitas 1986, 119-123).

Que *intencionalidade* se esconde por trás deste *silêncio* ? «Tudo se passa como se Portugal fosse invisível, escapando permanentemente à atenção dos pensadores e pesquisadores europeus. Mais do que o fruto de um acaso ou a consequência de circunstâncias políticas recentes, queremos ver em tudo isso um sinal» (Freitas 1986, 123). Todavia, pior que o silêncio que paira sobre os mistérios da portugalidade é o corrosivo expediente do sarcasmo, a que recorre um Umberto Eco quando se refere, por exemplo, a «um texto curioso sobre Cristóvão Colombo [que] analisa a sua assinatura e descobre nela inclusivamente uma referência às pirâmides». Prossegue, jocoso, afirmando que a intenção de Colombo «era reconstruir o Templo de Jerusalém, dado que era grão-mestre dos Templários no exílio. Como era notoriamente um judeu português e portanto especialista de Cabala, é com evocações talismânicas que acalmou as tempestades e dominou o escorbuto» (Eco 1990, 238)(1) .

Mergulhado Portugal neste *Caos Adverso*, que *pergunta* espera o *Ser* da gesta portuguesa perante a acumulação de *respostas* que nos inundam e não sabemos interpretar — ou nem sequer, tantas vezes, reconhecer? Entre as *chrysopeias* do nosso rei D. Afonso V e a passarola voadora do P. Bartolomeu de Gusmão, o misterioso engenho mito-luso conduz-nos, não raro, às mais irritantes perguntas sem resposta — ou respostas sem pergunta...

Finalizemos com a referência a um facto desconcertante: teremos sido pioneiros no fabrico de robôs *animatronics* ? A *Gazeta em Que Se Relatam as Novas Todas Que Houve nesta Corte*, mensário que iniciou o jornalismo regular português e cujo primeiro número saiu em Novembro de 1641, dá conta da seguinte notícia no seu número de Janeiro de 1642 (pode ser consultado na secção de «Reservados» da Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa):

«Véspera de Reis presentou António Pessoa Campo ao príncipe, que Deus guarde, um cavalo feito por ele, com tal artifício que não somente no aspecto engana a quem o vê, mas também nas acções: relincha, endireita as orelhas, obedece ao freio, escarva, bate, dá com as mãos nas silhas, põe a anca no chão, atira coices, dá corcovos, faz chaças e curvetas; salta, galopa, toma a andadura, trota, corre, passeia, volta a uma e outra mão, e faz tudo quanto a natureza ensinou a um ginete. A cor é endrina, a sela estardiota de veludo verde bordada de oiro com pedras preciosas». [O texto é tal e qual, só actualizei a ortografia].

Pena que o noticiante não tenha acrescentado mais pormenores. Onde é que o príncipe D. Teodósio o terá guardado, a tão extraordinário artefacto? Quem se terá apropriado dele, quando o príncipe morreu prematuramente aos 19 anos?

Que outros mistérios nos reservará o Mistério de Portugal?

(1) É muito possível que Umberto Eco tenha tido conhecimento do livro de Mascarenhas Barreto *O Português Cristóvão Colombo Agente Secreto do Rei Dom João II*, publicado em 1988 mas cujo original ficou concluído em Abril de 1987. A tradução inglesa do livro, com o título *The Portuguese Columbus: Secret Agent of King John II*, editada pela Macmillan, saiu a lume em 1992, em pleno ano das comemorações sevilhanas da chegada de Colombo às Américas. Nessas comemorações, sobremaneira instrumentalizadas, a Espanha e a Itália conluiaram-se oficialmente na mentira do Colombo genovês ao serviço devotado de Espanha. O Primeiro-Ministro Cavaco Silva e o Presidente da República Mário Soares alinharam impatriótica e despudoradamente nos festejos internacionais dessa fraude histórica. A edição inglesa esgotou-se rapidamente e algo impediu, até hoje, que fosse reeditada. Um crítico norte-americano de Brooklin explica porquê: «It is obvious that the so-called professional historian community is not going to like what Barreto explains with extraordinary detail because they would only be acknowledging their own ignorance. There is a multibillion dollar industry living under the myth of a Genoese Columbus and offering false documents to prove it. There are books based on those false documents written by people with “a name” in the historian community begging the public to perpetuate the lie because in all honesty, they can’t sleep at night with their hard pillow filled with corrupted cash. To date no historian has successfully challenged Mr. Barreto’s arguments. Why? I tell you why. Because Mr. Barreto is most probably right and all those Samuel Morisons out there will die first before they admit to it!» (Book News, June 2000) — Na sequência das suas investigações, Mascarenhas Barreto publicou um denso complemento em 2 volumes intitulado «Colombo» *Português: Provas Documentais* (1997), com uma esmagadora quantidade de documentação histórica, irrefutável, em abono da sua tese.

OBRAS CITADAS:

ALVES, Adalberto, *As Sandálias do Mestre: Em Torno do Sufismo de Ibn Qasí nos Começos de Portugal*, Hugin Editores, Lisboa 2001.

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

BRUNO, Sampaio, *Os Cavaleiros do Amor*, compil. e introd. Joel Serrão, Guimarães Editores, Lisboa 1960.

CALVET, Carlos, *Mitogeometria de Portugal*, Hugin Editores, Lisboa 2001.

CARDOSO, Paulo, *Frei Luís de Sousa: Uma Leitura Esotérica*, Perspectivas & Realidades, Lisboa 1978.

COSTA, Dalila Pereira da, *A Nau e o Graal*, Lello & Irmãos Editores, Porto 1978.

DAEHNHARDT, Rainer, *Páginas Secretas da História de Portugal*, Publicações Quipu, Lisboa 2000.

DURAND, Gilbert, «O Imaginário Português e as Aspirações do Ocidente Cavaleiresco», in *Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo*, org. Yvette K. Centeno, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa 1986.

ECO, Umberto, O Pêndulo de Foucault [Il Pendolo di Foucault, 1988], Círculo de Leitores, Lisboa 1990.

FREITAS, Lima de, «Considerações Portuguesas em torno do Preste João», in Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo, org. Yvette K. Centeno, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa 1986.

HAPÉL, Bruno, L'Ordre du Temple: Les Textes Fondateurs, Guy Trédaniel Éditeur, Paris 1991.

LOUÇÃO, Paulo Alexandre, Os Templários na Formação de Portugal, Ésquilo Multimédia, Lisboa 1999.

PESSOA, Fernando, Obra Poética e em Prosa, org. António Quadros e Dalila Pereira da Costa, volume I, Lello & Irmão Editores, Porto 1986.

PLATÃO, Timeu ou a Natureza e Crítias ou a Atlântida, trad. Norberto de Paula Lima, Hemus Editora, São Paulo s/d.

VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa, «Tempreiros ou Templeiros», in Cadernos da Tradição: O Templo e a Ordem Templária de Portugal, director Manuel J. Gandra, Ano I, n.º 1, Verão de 2000.



VI.

Os Solstícios e os Equinócios



A Virgem Celeste com o Deus Sol em seus braços, J. Augustus Knapp

Antônio de Macedo

«A redenção da Terra, o seu estatuto e a sua função no futuro fazem parte da Obra [alquímica] que compete ao 9.º grau dos Mistérios Menores [9.ª Iniciação Menor]. Este grau é celebrado nas noites de Solstício de Inverno e de Solstício de Verão [meia-noite], pois este ritual não pode ser realizado em nenhum outro tempo. Os solstícios marcam o momento em que a vibração terrestre é mais elevada, e em que os Raios Cósmicos da Vida Crística estão a entrar profundamente (Solstício de Inverno) ou a sair definitivamente (Solstício de Verão)» (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. V, 5th ed. revised, New Age Press, 1984., pp. 87-88).

Esta tradição esotérica é confirmada pelos antigos rituais dos Mistérios pagãos, que os Novos Mistérios Cristãos vieram substituir e elevar de grau vibratório. Os historiadores costumam invocar um velho almanaque romano chamado *Cronógrafo*, do ano 354 d. C., da autoria de Philocalus (autor incerto), também conhecido como *Calendário Philocaliano*, e que cita o ano 336 como o primeiro em que a Igreja festejou a celebração do Natal em 25 de Dezembro. Na

Igreja arménia o dia 25 de Dezembro nunca foi aceite para data do Natal, mantendo-se a antiga tradição Iniciática de celebrar o dia 6 de Janeiro (Dia de Reis), considerado o «12.º Dia sagrado» da tradição mística cristã. De acordo com a autora rosacruciana Corinne Heline, o período de 12 dias que decorre após a festividade solsticial do Natal, entre o dia 26 de Dezembro e o dia 6 de Janeiro é um período de profundo significado esotérico e constitui o «coração espiritual» do ano que vai seguir-se: é o lugar-tempo mais sagrado de cada ano que entra, designa-se por «Os Doze Dias Sagrados» e está sob a influência directa das Doze Hierarquias Zodiacais, que projectam sobre o planeta Terra, sucessivamente e durante cada um desses 12 dias, um modelo de perfeição tal como o mundo será quando a obra conjugada das Doze Hierarquias por fim se completar (Corinne Heline, *New Age Bible Interpretation*, vol. VII: «Mystery of the Christos», 6h printing., New Age Press, 1988,. pp. 8-19).

Segundo alguns historiadores, estaria na associação de Cristo com o «Sol de Justiça» a escolha do Solstício de Inverno para celebrar o «nascimento do Sol invencível», *Natalis Solis Invicti*, um ritual pagão (*Saturnalia*) que festejava, com ritos de alegria e troca de prendas, desde o dia 17 de Dezembro e até ao dia 25, o momento em que o Sol «cresce», ou renasce, após o dia ter atingido a sua duração mais curta (21-22 de Dezembro). Com efeito, nessa data o Sol atinge a sua declinação-Sul máxima, cerca de 23º 26', estacionando nela durante três dias e retomando o «caminho do Norte» a partir do dia 24 ou 25.



Mitra, na forma de Kronos, J. Augustus Knapp

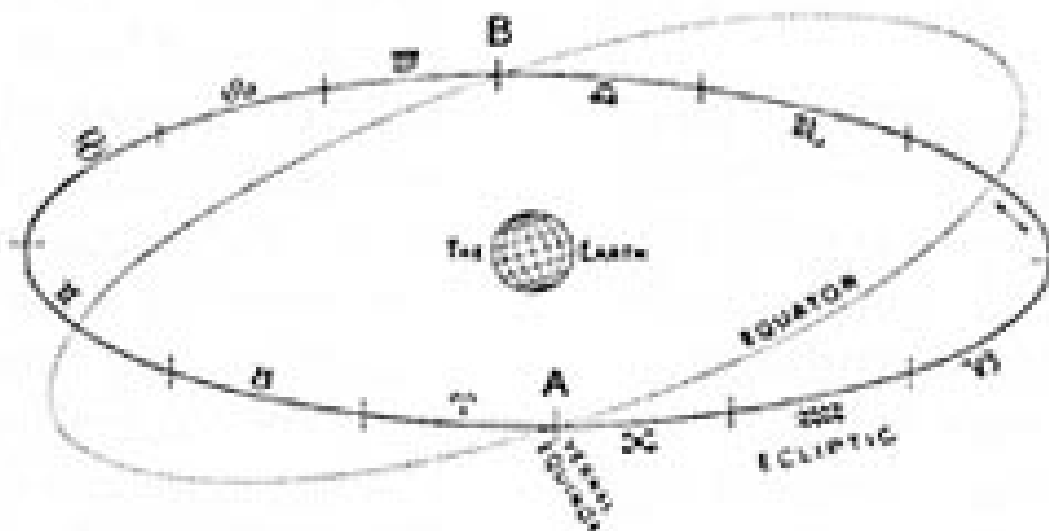
A data de 25 de Dezembro era igualmente o data do nascimento do deus Mithra, dos Mistérios Iranianos. Mithra era designado por «Sol de Justiça» — ou melhor. «Sol de Justiça» —, provavelmente por alguma influência do antigo Egipto. Reza uma antiga lenda que Moisés foi instruído e iniciado na grande Escola de Mistérios de Heliópolis, a cidade sagrada perto de Mênfis a que os Egípcios chamavam On ou Annu. Não surpreende, portanto, que o símbolo solar de Râ, o Esplendor Alado, se tenha mantido na tradição hebraica e nas áreas afins do Médio

Oriente, como nos testemunha o profeta Malaquias, ao afirmar que «o Sol de Justiça se erguerá com a salvação nas suas asas [ou: nos seus raios]» (Malaquias 3, 20 [4, 2]).

Assim, o percurso solar ao longo do ano marca os «passos iniciáticos» do percurso de Cristo e, ao mesmo tempo, marca os pontos fulcrais da liturgia ao longo do ano, em referência às «provas» cíclicas por que tem de passar todo o ser humano na sua *via evolutiva* :

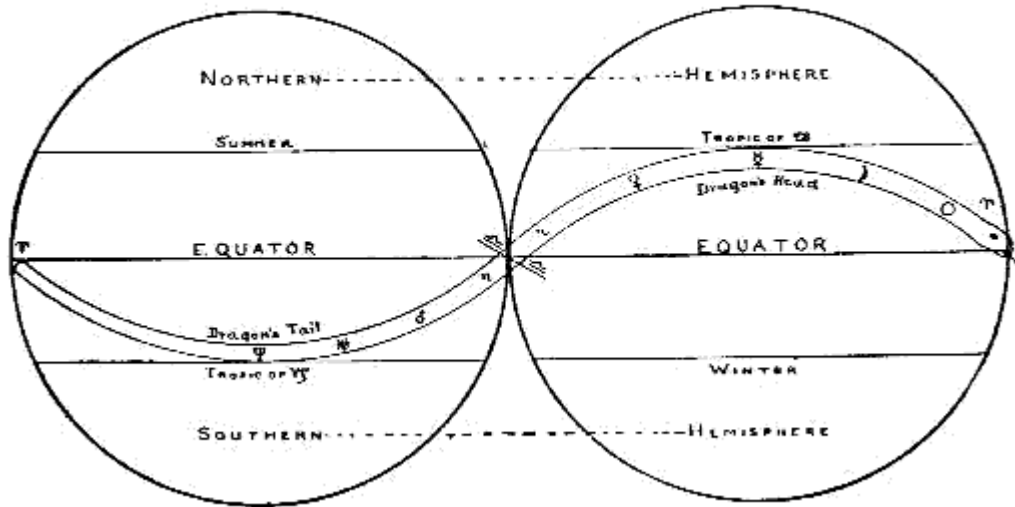
Quando o Sol em 21 de Dezembro entra em Capricórnio (signo regido por Saturno, daí os *Saturnalia*), os poderes das trevas de certo modo tomam conta do «Dador da Vida», mas dá-se o renascimento após os três dias de «paragem» (*solstitium* = *sol* + *sistere*, sustar, parar), ou seja, o dia 25 marca o termo do «ciclo solsticial». A partir do dia 26 de Dezembro inicia-se um segundo ciclo de especial significado iniciático: entre o dia 26 de Dezembro (1.º Dia Sagrado) e o dia 6 de janeiro (12.º Dia Sagrado) ocorria a preparação ritual dos catecúmenos que eram baptizados no Dia de Reis (Primeira Iniciação). Estes «Doze Dias Sagrados», que acompanham a fase inicial do renascimento do «Sol Invencível», eram como que um resumo do ano zodiacal seguinte, e, tal como já se referiu, estavam sob a protecção das Hierarquias Celestes que tradicionalmente regem os 12 Signos do Zodíaco.

Aproveitemos para mencionar, antes de prosseguirmos, a razão cosmográfica por que fica o Sol «parado» aparentemente, durante três dias por ocasião dos Solstícios. Tem a ver com as *declinações*, e não com as *longitudes* celestes.



Representação gráfica dos equinócios como pontos de intersecção entre a eclíptica e o equador celeste e os solstícios como pontos máximos de declinação norte e sul.

THE SERPENTINE PATH OF SUN, MOON, AND PLANETS



Representação gráfica do aparente caminho serpentina do sol, da lua e dos planetas. Os equinócios podem ser visualizados como intersecções da eclíptica com o equador celeste enquanto os solstícios são vistos como pontos máximos de declinação norte e sul.

Se consultarmos as Efemérides planetárias verificaremos que de uma forma geral e com pequenas variações de ano para ano, o Sol atinge a sua declinação-Norte, máxima (cerca de $23^{\circ} 26'$ -Norte) no mês de Junho entre os dias 20-24, e a sua declinação-Sul, máxima (cerca de $23^{\circ} 26'$ -Sul) no mês de Dezembro entre os dias 20-24. Como sabemos, a Astrologia funciona em projecção geocêntrica, e a declinação dá-nos a maior ou menor angulação que o astro considerado faz com o Equador, tal como visto da Terra. Assim, à medida que os dias se vão aproximando de Junho, a declinação do Sol vai aumentando: passa de 0° em 21-22 de Março até atingir um máximo de $23^{\circ} 26'$ em 20-21 de Junho: então parece que fica «parado» cerca de três dias nos $23^{\circ} 26'$ (daí o verbo *sistere*, que compõe «solstício»), uma vez que estamos a vê-lo em projecção geocêntrica contra o fundo da Esfera Celeste, e a partir do dia 24-25 volta «para trás» e os dias começam a diminuir. Em Agosto, por exemplo, já está nos 17° e depois decresce para 16° , 15° , etc, até que chega novamente aos 0° , ou seja, o momento em que «cruza» o Equador para passar do norte para o sul. Nesta «descida», os 0° ocorrem por volta de 22-23 de Setembro, e neste caso o dia é igual à noite (Equinócio). Em Dezembro ocorre o mesmo fenómeno mas em sentido inverso: quando chegamos ao dia 21 o Sol atinge a declinação-Sul máxima, e fica cerca de três dias «parado» nos $23^{\circ} 26'$, até que depois começa a «subir» e os dias vão aumentando a pouco e pouco. Ou seja, no momento do Solstício atinge-se o máximo de «nocturnidade», que dura (em projecção aparente) três dias, iniciando-se o renascimento da Luz a partir de 24-25 de Dezembro.

Em seguida o Sol passa por Aquário, ou Aguadeiro (chuvas; saturnino mas também urânico). Quando chega a Peixes (regido por Júpiter), por altura sensivelmente do Carnaval, é o «adeus à carne» (*caro, carnis, vale!*), a Quaresma, o

jejum, a alimentação a peixe: é um período jupiteriano, ou jovial, mas também neptuniano ou de elevação espiritual, pois, segundo a Astrologia clássica Neptuno, regente do signo Peixes, é o planeta da Divindade, da consciência cósmica, das influências de entidades suprafísicas; é a oitava superior de Mercúrio e o seu raio espiritual é o Azoth (termo técnico designativo do 4.º princípio alquímico, o Espírito Todo-Abrangente), e representa todos os Seres Superiores que ajudam a humanidade desde os planos invisíveis.

A passagem do Sol por Carneiro (regido por Marte) simboliza o cordeiro Pascal, marcial, morte na cruz, o ferro da lança de Longinus, é o momento do Equinócio da Primavera (21-22 de Março: declinação de 0º) quando o Sol *cruza* o Equador celeste de Sul para Norte, voltando a alumiar os céus setentrionais, dando-se assim a passagem para Touro (regido por Vénus), símbolo do amor e da subida ao Reino dos Céus, ou regresso à «Casa do Pai». Toda esta «liturgia» culmina em pleno no Ritual do Solstício de Verão (21-22 de Junho), que já era celebrado nos antigos Mistérios como festa das messes e das colheitas, e cujo exemplo literário mais conhecido é o clássico de Shakespeare, *A Midsummer Night's Dream*, um grande festival esotérico das fadas e dos silfos, em que intervêm o rei das fadas, Oberon, e a rainha das fadas, Titania. A liturgia cristã associa este tempo ao festejo de S. João o Baptista, o Precursor (24 de Junho), que antecede e anuncia o Solstício seguinte, o de Inverno, ou o Natal do Cristo: daí as palavras de João o Baptista: «Fui enviado adiante d'Ele» (João 3, 28) e «Ele há-de crescer, e eu diminuir» (João 3, 30).

Por sua vez a Páscoa cristã acabou por ficar definida, pela Igreja, de acordo com a data adoptada pelas primitivas comunidades iniciáticas cristãs, e que envolve uma relação Soli-Lunar: celebra-se no **primeiro Domingo após a primeira Lua cheia após o Equinócio da Primavera**. Esta relação, de um ponto de vista esotérico, era importante para simbolizar o significado cósmico desse evento: o Sol e a Lua são igualmente indispensáveis, pois não se trata apenas dum festival solar. O Sol tem de «cruzar» o Equador (Crucificação), como o faz no Equinócio Vernal, mas a sua luz tem de se reflectir na terra através da Lua cheia, antes que a Ressurreição (iniciática) possa ocorrer. Isto significa que a humanidade ainda não atingiu o grau de evolução suficiente para receber em pleno a «Religião do Sol», do Cristo-Logos (Cristo Cósmico), ou seja, da «Irmandade Universal», e que ainda precisa das Leis dadas pelas Religiões Lunares, diversificadas consoante as raças, nações, etc.

Outras comunidades, que haviam perdido o simbolismo oculto deste facto, adoptaram outras datas, como por exemplo o regresso à «verdadeira» Páscoa histórica ou Páscoa judaica, *Pesach*, no dia 14 do mês de Nisan[1]. Isto gerou controvérsias que chegaram a durar até ao século VIII. A Igreja Ortodoxa oriental adoptou uma data diferente da das Igrejas ocidentais, de modo que a Páscoa ortodoxa pode umas vezes coincidir com a Páscoa católica e protestante e outras vez ocorrer uma e até quatro ou cinco semanas depois.

NOVALIS, *Heinrich d'Ofterdingen*, trad. Luíza Neto Jorge, Tertúlia do Livro, Torres Vedras, s/d., p. 11.

Antes de concluir, talvez valha a pena reflectir um pouco sobre alguma dúvidas que podem assaltar as pessoas que vivem no hemisfério sul do planeta Terra, sobre se os influxos ensinados por Max Heindel para o hemisfério norte também se lhes aplicam, ou não, e em que medida. Aparentemente, o hemisfério sul do planeta Terra não é «contemplado» nas alegorias associadas ao Rosacruzismo e à Astrologia — e não só: o Hermetismo e a Cabala também estão vocacionados, praticamente, para os céus do hemisfério norte.

Dois aspectos têm de ser considerados: o aspecto **diacrónico**, ou o que se passou *historicamente*, e o aspecto **sincrónico**, ou o que se passa na *actualidade*.

(1) **Historicamente**: — Os diversos esoterismos que surgiram e se desenvolveram ao longo da história, assentam nos seguintes «corpos disciplinares»: Astrologia, Alquimia (Hermetismo), Magia e Cabala. O Sol e a Lua, os sete planetas e as 12 signos zodiacais constituem, naturalmente, uma antiquíssima matriz sobre a qual se construiu todo um sistema vital para os seres humanos, atendendo à importância que tinha (e ainda tem!) o conhecimento das estações, das chuvas, dos degelos, dos calores estivais, dos eclipses, das hibernações, etc. etc., enfim, todos os fenómenos que se repetem ao longo do ano e que afectam o «calendário», que importa conhecer para controlar a continuidade de vida, quer vegetal quer animal. Ora as grandes civilizações da história da humanidade desenvolveram-se no hemisfério norte: China, Índia, Japão, Pérsia, Suméria, Assíria, Babilónia, Egipto, Frígia, Grécia, Roma, Islão, etc., e até, além-Atlântico, os Maias, os Quichés, os Aztecas, etc. (A única excepção é o império Inca, a sul do equador, destruído no século XVI pelos Espanhóis).

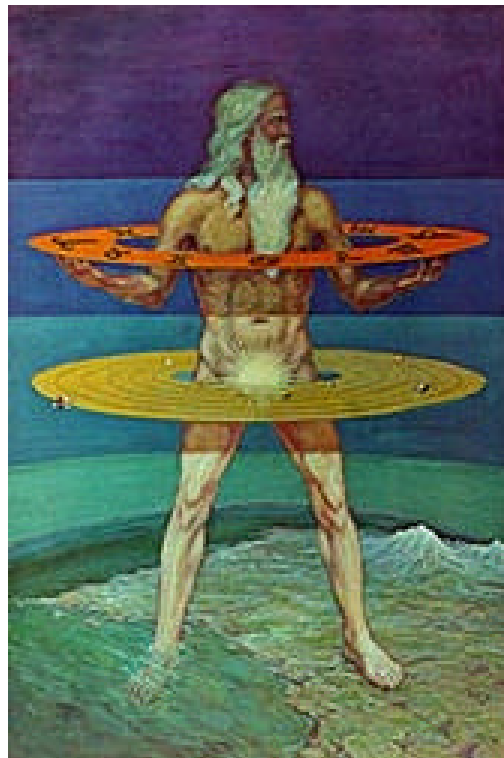
As Astrologias daqueles povos eram naturalmente muito semelhantes, e acabaram por ser unificadas, de certo modo, depois das conquistas de Alexandre Magno (menos, claro, as do continente americano que ainda não era conhecido...), passando para o Ocidente por obra do famoso livro de Ptolomeu intitulado *Tetrabiblos* (séc. II d.C.). Não surpreende, portanto, que tenha surgido toda uma ritualização dos fenómenos celestes associada à religião e ao esoterismo: o Natal / Solstício de Inverno, Páscoa / Equinócio de Primavera, etc, bem como os festivais de fertilidade, das sementeiras, das colheitas, etc. associados aos fenómenos celestes, soli-lunares, zodiacais, etc. A associação do Cristo ao «Sol de Glória», ainda hoje corrente na Igreja católica, como vimos atrás, continua a ser um testemunho disso, para além de muitas outras ocorrências que se encontram tanto nas religiões de Mistérios como nos actuais esoterismos — rosacruzistas ou outros.

(2) **Actualmente**: — Antes da saga dos Descobrimentos (séculos XV e XVI), as regiões do hemisfério sul, constituídas por pouco mais do que uma parte da América do Sul, a metade inferior da África, e a Oceânia, eram habitadas por povos proto-históricos com pouco ou nenhum impacto civilizacional nas nossas culturas. Com a «colonização» dessas regiões pelos povos do Norte, os mitos civilizacionais destes povos foram naturalmente implantados no Sul, incluindo os ritos e as festividades associados não só à religião, mas também aos mitos e aos ciclos astrológicos correlativos. Entretanto, as regiões do Sul que de início eram apenas «extensões» civilizacionais do Norte, foram assumindo progressivamente uma grande importância, com as sucessivas independências e autonomização cultural de países como a Argentina, o Brasil, o Chile, a África do Sul, Angola, Moçambique, Austrália, etc. etc. — Como as estações se apresentam invertidas em ambos os

hemisférios — quando no Norte é Verão no Sul é Inverno, quando no Norte é Primavera no Sul é Outono — cria-se uma situação relativamente estranha nesses novos países do Sul, que naturalmente importaram os «mitos» do Norte donde provieram, mantendo as datas, mas com aspectos contrários: o Natal, por exemplo, é igualmente festejado no Norte e no Sul na mesma data, mas as estações são diferentes.

Há no entanto uma coisa que se mantém idêntica no Norte e no Sul, independentemente da inversão das estações: é a DISTÂNCIA, maior ou menor, a que o Sol se encontra da Terra. A Terra percorre uma elipse em torno do Sol, ao longo do ano, e não uma circunferência perfeita, e o Sol ocupa um dos focos dessa elipse. Por altura do Solstício de Dezembro, o foco em que o Sol se encontra está mais PRÓXIMO da Terra, fazendo portanto com que a Terra seja permeada mais fortemente pela aura do Sol Espiritual, com o correlativo aumento do *Fogo Sagrado* inspirador de crescimento anímico nos seres humanos. Inversamente, no Solstício de Junho, a Terra está no máximo AFASTAMENTO do Sol, o que provoca uma diminuição de espiritualidade com o correlativa intensificação e pujança de vitalidade física. Portanto, é perfeitamente natural que a partir do Equinócio de Setembro, quando a *espiritualidade áurica do Sol* começa a aproximar-se e a vitalidade física começa a esbater-se, as pessoas sintam, tanto no hemisfério norte como no hemisfério sul, um certo afrouxamento do ponto de vista físico, e, em contrapartida, uma maior propensão para o recolhimento interno, para a introvisão e atracção pelo estudo dos mais profundos mistérios da vida.

Em resumo, tanto no Norte como no Sul, ainda que as estações sejam opostas, os *influxos* quer físicos quer espirituais, decorrentes da *distância focal* da Terra ao Sol, são idênticos.



O Grande Homem do Zohar, J. Augustus Knapp

VII.

A Alquimia Espiritual dos Rosacruz

TRANSMUTAÇÃO MENTAL, TRANSMUTAÇÃO CORDIAL E A THEMIS AUREA



Conferência proferida no II Colóquio Internacional "Discursos e Práticas Alquímicas", organizado pelo Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), na Biblioteca D. Dinis, Odivelas, em Junho de 2000.

António de Macedo

Summary

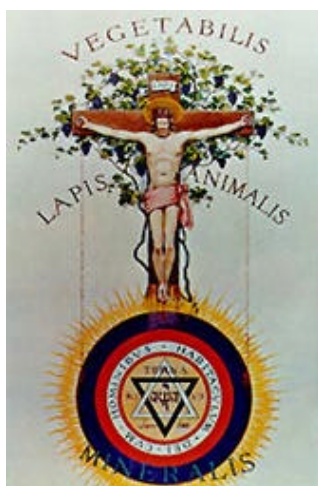
The Rosicrucian Alchemy is essentially spiritual, although some Rosicrucians have dedicated themselves to the Practice of the Art. This lecture makes an approach to the book *Themis Aurea* (1618), by the Count Michael Maier, where we can find important informations on the "Verum Inventum".

Maier makes the firm statement that the Brothers of R.C. actually exist to advance inspired Arts and Sciences, including Alchemy. He was a scholar very prized by Rudolph II, Emperor and King of Hungary, and King of Bohemia, who was an amateur alchemist, too.

Maier was also a practical chemist and associated with many researches in this field. Emperor Rudolph II ennobled Maier with the title Pfalzgraf (Count Palatine), and appointed him Private Secretary to His Royal Person.

*Quando, pela **Alquimia Espiritual**, nos tornarmos como Cristo, o Senhor da Vida, seremos imortais, libertar-nos-emos do nosso pai Samael e da nossa mãe Eva e a morte não mais terá poder sobre nós.*

MAX HEINDEL, Freemasonry and Catholicism, 1919



Crucifixo Rosacruz,

Reprodução de uma aquarela do Sec. VIII,
de um pintor desconhecido, por J.A.Knapp

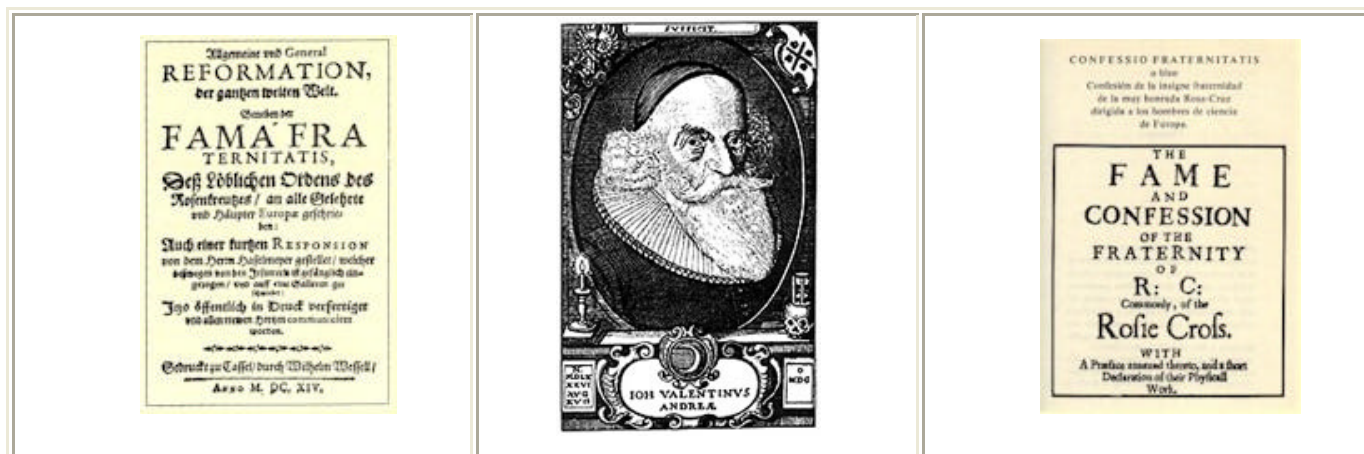
O poeta-esoterista Fernando Pessoa (1888-1935) e o pintor-esoterista Lima de Freitas (1927-1998) celebraram, cada um à sua maneira, uma personagem misteriosa que a lenda — talvez mesmo a história — conhece pelo simbólico hierónimo de Christian Rosenkreuz.

Como se tornou público o conhecimento dessa enigmática personagem?

Em 1614, 1615 e 1616 foram publicados na Alemanha, por esta ordem, três tratados ou manifestos que desencadearam o movimento Rosacruciano — ou o Iluminismo Rosacruz, como também tem sido chamado: *Fama Fraternitatis* («Ecos da Fraternidade, ou da Confraria»), *Confessio Fraternitatis* («Confissão da Fraternidade») e *Chymische Hochzeit Christiani Rosenkreuz Anno 1459* («Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz no ano de 1459»).

Publicados anonimamente na Alemanha, os dois primeiros em Kassel e o último em Estrasburgo, a sua autoria tem sido atribuída a Johann Valentin Andreae (1586-1654), pastor protestante originário da Suábia e influente figura da

ortodoxia luterana dos princípios do século XVII, e um dos homens mais sábios do seu tempo.



O movimento — que já seria antigo, segundo a lenda, mas que secretamente se ocultava em círculos iniciáticos — cresceu como uma onda avassaladora e despertou inúmeras intuições e introversões. Fernando Pessoa, que comecei por mencionar, muita coisa rosacruciana escreveu, sobretudo nos seus últimos tempos de vida; destaco, para o que ora nos importa, os três sonetos subordinados ao título comum *No túmulo de Christian Rosenkreuz*, onde Pessoa assinala, no terceto final do terceiro soneto, a casual descoberta que os Irmãos da Fraternidade Rosacruz fizeram do túmulo do «Fr. C. R. C.» (Frater Christianus Rosae Crucis), conforme é descrita no primeiro manifesto rosicrucista publicado em Kassel, *Fama Fraternitatis*:

«...Contudo ainda não tínhamos visto os despojos mortais do nosso Pai, tão escrupuloso e tão sábio. Por isso, deslocámos o altar e levantámos uma espessa placa de cobre. Vimos então um belo e glorioso corpo, ainda intacto e incorrupto, absolutamente conforme ao retrato que o representava revestido de todos os seus ornamentos e adereços. Segurava na mão um pequeno livro de pergaminho, com letras de ouro, chamado *T.*, depois da Bíblia o nosso tesouro mais precioso, que convém não submeter imprudentemente à censura do mundo».¹

O investigador e esoterista Sédir revela-nos que o *Livro T.* escondido no túmulo de Rosenkreuz era o **Tarot**.²



¹ Bernard Gorceix, *A Bíblia dos Rosacruzes*; p. 93.

² Sédir, *Histoire et doctrines des Rose-Croix*; p. 177.

Diz o referido terceto de Pessoa:

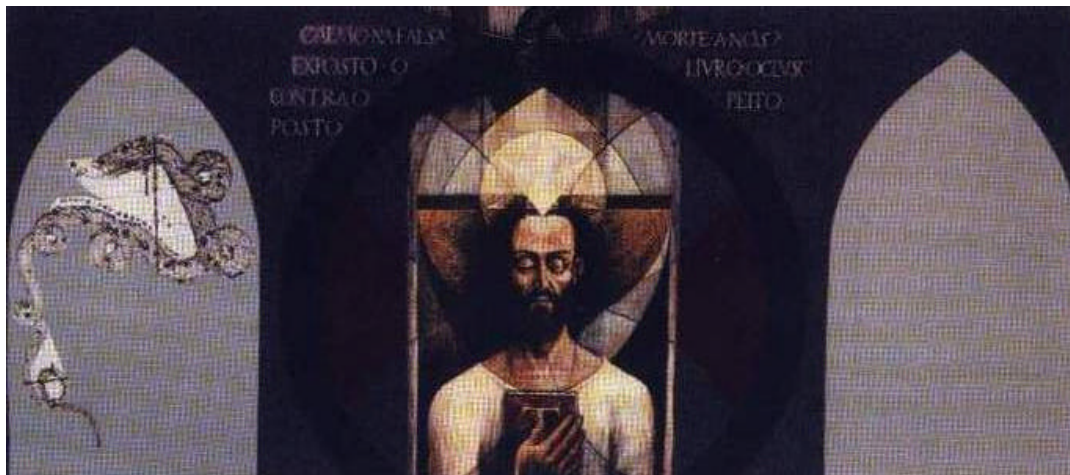
***Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Roseacruz conhece e cala.***



Abrindo o Túmulo do Pai C.R.C., J. Augustus Knapp

Por sua vez Lima de Freitas, «iluminador da Palavra Poética» — como lhe chamou um admirador —, num acrílico sobre tela que compôs em 1985 intitulado *Calmo na falsa morte*, aponta-nos interessantes pistas e dá-nos uma variante: em vez de trajar «todos os seus ornamentos e adereços», o Christian Rosenkreuz retratado, tal como o *Ecce homo* português do século XV, veste uma túnica branca e tem os olhos oclusos, em mística contemplação interior. E mística porque, no lugar da auréola, o Rosenkreuz de Lima de Freitas apresenta um cristal poliédrico, símbolo da *Pedra Filosofal branca, a alma de diamante do **Iniciado místico*** (purificação pela Água) — em contraste com a *Pedra Filosofal vermelha, a alma de rubi do **Iniciado oculto*** (purificação pelo Fogo), tal como se pode encontrar por exemplo num *Ecce homo* gótico que Afonso Botelho descobriu num museu de Colónia.³

³ Afonso Botelho, *Ensaio de Estética Portuguesa*; p. 54. — Antonio de Macedo, *Instruções Iniciáticas*; pp. 306-310 e pp. 315-316.

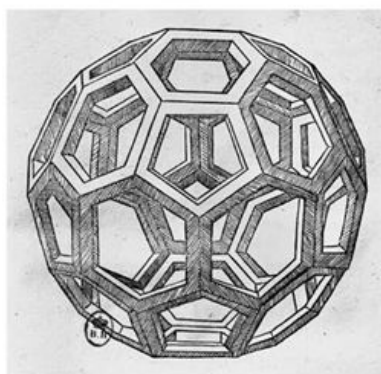


Calmo na falsa morte, acrílico sobre tela [1985], Lima Freitas

Num livro que publicou em francês, em 1993, Lima de Freitas relata como foi levado a introduzir num quadro de sua autoria o fascínio desse mistério icosaédrico da *Aurea Magia Philosophalis*: «...O leitor terá, talvez, a generosidade de desculpar o pintor que sou. Num impulso provocado pela sedutora *sincronicidade* (para usar um termo criado por Jung e Pauli) decidi, nesse dia de Agosto de 1985, introduzir a imagem do cristal icosaédrico *impossível* no quadro a que dei o título de *Preste João* (no qual trabalhava nesse momento), cristal que se me afigurou, nesse instante, um emblema perfeito do ser *paraclético* — esse Anjo cujas asas pertencem, uma, pura e luminosa, ao mundo transcendente, e a outra, escura e avermelhada, ao mundo dos homens. Pretendia representar Aquele que transmuta o mundo e cria uma nova Terra e um novo Céu [...], isto é, o “Enviado” que, oriundo dum mundo que não podemos conceber, aparece no nosso a fim de anunciar aquele e torná-lo presente a nós».4

O pintor romeno Victor Brauner (1903-1966), considerado surrealista pelos críticos de arte convencionais mas que na verdade é mais um esotérico que um surrealista, no seu quadro *A Pedra Filosofal* (1940) também sentiu necessidade de utilizar, tal como Lima de Freitas, a imagem poliédrica da Pedra Filosofal sob a forma dum icosaedro diamantino. Por curiosidade, aqui se reproduz a famosa representação do icosaedro de Leonardo da Vinci:

4 Lima de Freitas, 515: *O Lugar do Espelho—Arte e Numerologia*; pp. 353-354.



Icosaedro de Leonardo da Vinci

No segundo manifesto rosacruciano *Confessio Fraternitatis*, diz-se, no seu capítulo VI, que Christian Rosencreuz (ou Rosenkreuz, conforme a grafia alemã actual) nasceu em 1378 e viveu 106 anos, ou seja, morreu em 1484. Entretanto ele já mandara edificar para si o túmulo onde permaneceria, ignoto, durante 120 anos — *Hoc universi compendium vivus mihi sepulchrum feci*: «Em vida fiz para mim, como túmulo, esta sùmula do universo» —, e, com efeito, o seu túmulo só foi casualmente descoberto, por seus discípulos, em 1604.

Este ano de 1604 tem um especial significado simbólico: foi nesse ano que eclodiu uma supernova que levou o astrónomo Johannes Kepler (1571-1630) a calcular, a partir de aturadas observações desse fenómeno, a «verdadeira data» do nascimento de Jesus, ao mesmo tempo que julgava vislumbrar as razões que teriam levado Deus a fazer com que o Seu Filho nascesse na transição da Era do Carneiro [Cordeiro] para a de Peixes; a autoridade de Kepler e a crença que votava à teoria das «grandes conjunções astrológicas» — então em grande voga e que pareciam acumular provas que a confirmavam —, fundamentaram a esperança no advento duma nova ordem de coisas, à qual os Rosacruzes vinham abrir — assim parecia — um caminho conducente às mais transcendentais possibilidades.⁵ Não nos alonguemos, porém, sobre as convulsas condições socio-políticas e religiosas que a Europa então atravessava, reflexo da luterana Reforma e da católica Contra-Reforma, incluindo a subsequente Guerra dos 30 Anos (1618-1648), condições que justificavam as expectativas, bem como a «revolução», que o movimento rosicrucista suscitou e desencadeou. Concentremo-nos apenas em algumas pistas que aqueles manifestos fornecem, e numa interessante sequela que de aí adveio: um livro de Michael Maier.

No frontispício do primeiro lê-se a seguinte dedicatória: «Nós, Irmãos da Fraternidade da Rosacruz, oferecemos a nossa saudação, o nosso amor e as nossas orações a todos os que lerem a nossa *Fama* com inspiração cristã». Nele se conta a história do Fr. R. C. — Frater Rosencreuz[1], ou Irmão Rosacruz —, um «homem iluminado» que viajou por muitos países, incluso no Oriente, onde aprendeu a Magia e a Cabala com os Mestres. Ao regressar à Alemanha decidiu

⁵ Antonio de Macedo, *op. cit.*, pp. 54-60.

empreender a reforma que haveria de corrigir as imperfeições do mundo, e fundou a misteriosa Ordem Rosacruz juntamente com alguns outros Irmãos.

O segundo, *Confessio*, é um breviário em catorze capítulos contendo «a mais Secreta Filosofia»; completa o anterior e de certa maneira vem justificá-lo, defendendo-o das vozes e acusações de que os misteriosos Irmãos da Rosacruz já começavam a ser alvo, pois não faltava quem os suspeitasse «de heresia, de ardis e de culposas maquinações contra a autoridade civil» (cap. I). Aqui se esclarece que Christian Rosenkreuz nasceu em 1378 e viveu 106 anos (cap. VI), e que as suas investigações e pesquisas «suplantam tudo o que, desde os primeiros dias do mundo, a inteligência humana inventou, produziu, melhorou, propagou e perpetuou até à época actual, tanto por intermédio da revelação e da iluminação divinas quanto graças aos ofícios dos anjos e dos espíritos» (cap. IV); já o papa, em contrapartida, é considerado, pelo luterano autor do texto, um «sedutor romano que transborda de blasfémias contra Deus e contra o Cristo» (cap. XI).

Finalmente o terceiro, *Núpcias Químicas*, é um fantástico romance alegórico, dividido em sete Dias, ou sete Jornadas, tal como o Génesis, e conta o modo como Christian Rosenkreuz foi convidado a ir a um maravilhoso castelo, ou palácio, repleto de prodígios para assistir ao Casamento Alquímico do rei e da rainha, ou melhor, do *Noivo* e da *Noiva*, interessando-nos este terceiro livro, particularmente, pelas óbvias conotações herméticas que comporta.

Estes três manifestos obtiveram um sucesso considerável e deram origem a inúmeras controvérsias e a imensas obras de inspiração rosacruziana, de que se destacam autores tão marcantes como Michael Maier na Alemanha ou Robert Fludd e Elias Ashmole na Inglaterra, além de Theophilus Schweighardt, Gotthardus Arthusius, Julius Sperber, Henricus Madathanus, Gabriel Naudé, Thomas Vaughan, etc.

Sobre o primeiro destes autores atrás citados, Michael Maier, me irei deter um pouco mais, chamando entretanto a atenção para a importância de certos precursores, como o misterioso filósofo e alquimista isabelino John Dee, autor da não menos misteriosa *Monas Hieroglyphica* (1564), que influenciou o conceituado filósofo hermético Heinrich Khunrath, de Hamburgo, autor do *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae* (1609), que por sua vez terá influenciado, e não pouco, o primeiro manifesto rosacruziano, a *Fama Fraternitatis*. A filosofia alquímica está sempre presente em todos estes autores; com efeito, o surto rosacruziano deu-se em plena florescência hermética do Renascimento e do Barroco, portanto não é de surpreender o pendor alquímico das principais obras rosacruzianas; ou melhor: uma das mais elevadas aspirações dos Irmãos da Rosacruz seria o renovo da Arte alquímica, já então degradada pelos «assopradores», como claramente se diz num dos parágrafos iniciais da *Fama*, em referência à «época feliz em que vivemos» (início do século XVII): «Deus [...] favoreceu o nascimento de *espíritos* altamente esclarecidos que tiveram por missão restabelecer nos seus direitos a Arte, em parte maculada e imperfeita».

Este permanente renovo da «Arte» (alquímica, entenda-se), e o seu desenvolvimento, sobretudo espiritual e simbólico, foram uma constante dentro do Rosacrucianismo, desde então até aos nossos dias.



O próprio Isaac Newton (1642-1727), um dos maiores génios da matemática, não foi insensível ao fascínio da Alquimia, como é sabido; além de possuir exemplares dos mais notórios tratados alquímicos, tanto do seu tempo como anteriores, que hoje fazem parte do espólio existente na Biblioteca da Universidade de Yale, deu-se ao trabalho de fazer muitas cópias manuscritas de obras alquimistas. Uma dessas obras, que ele possuía na sua colecção, era precisamente a *Themis Aurea* de Michael Maier, à qual faz referências e tece comentários numa das suas muitas notas manuscritas sobre a filosofia hermética, conservadas na dita Biblioteca.



MICHAEL MAIER (1568-1622)

MICHAEL MAIER (1568-1622), um dos grandes eruditos da sua época, nasceu em Rindsberg, Holstein, e foi doutor em medicina, filósofo e alquimista. Embora nunca tivesse afirmado pertencer à misteriosa Fraternidade Rosacruciana, foi um

dos seus mais acérrimos apoletas, possuindo informações sobre os Irmãos da Rosacruz — claramente transmitidas nos seus livros — que deixam supor um conhecimento directo do «círculo interno» da Ordem. Viveu alguns anos em Praga, onde foi médico do imperador Rudolfo II que lhe concedeu o título nobiliárquico de *Pfalzgraf* — Conde palatino — e o nomeou Secretário Privado Real. Os estudiosos de Maier, após exame atento dos seus escritos, observam que ele nunca afirmou objectivamente ter fabricado ouro; tão-pouco o afirmaram, de si próprios, Heinrich Khunrath e outros Rosacruccianos. Os tratados destes autores apontam para uma Alquimia altamente simbólica e espiritual, sem dúvida, mais do que para uma Espagíria operativa. Neles detectamos, velada ou desveladamente, quer os nove estágios da transmutação involutiva-evolutiva do tríptico corpo do ser humano, da tríptico alma e do tríptico espírito, quer os nove passos ou nove graus da Iniciação dos Mistérios menores da Escola de Mistérios Rosacruccios, equipolentes aos nove passos fulcrais do ministério de *três anos* de Cristo Jesus na Terra:

1. Baptismo; 2. Tentação; 3. Transfiguração; 4. Última Ceia e Lavapés; 5. Agonia no Horto; 6. Flagelação e Coroa de Espinhos; 7. Crucificação e Estigmas; 8. Morte e Ressurreição; 9. Ascensão.

A principal obra alquímica de Maier é o famoso tratado *Atalanta Fugiens, hoc est Emblemata Nova de Secretis Naturae Chymica* (1617), que é ... um livro de emblemas e notáveis gravuras, com comentários filosóficos.

Atalanta[2], logo no frontispício, é submetida à tentação de abandonar a corrida em busca da verdade espiritual, moral e científica, dando uma lição de perseverança e de pureza de intenções ao alquimista espiritual.

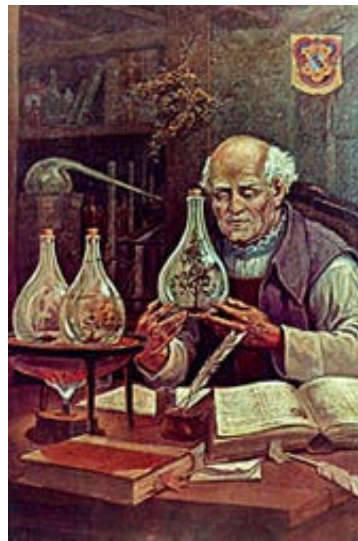
Maier ensina subtilmente uma filosofia mística, religiosa e alquímica, por meio dos símbolos e dos emblemas do seu livro, cada um dos quais apresenta um modo de expressão poético, pictórico e musical (FRANCES A. YATES, *The Rosicrucian Enlightenment*, Londres 1972).



Nesse livro se desvenda o significado de vários mitos da Antiguidade clássica, mitos esses que, segundo Maier e outros alquimistas rosacruccianos, teriam um fundo químico oculto: por exemplo, o conhecido enigma de Édipo — qual é o animal com quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três ao fim da tarde, e uma só voz —, não tem como resposta «o homem», mas sim a «pedra

filosofal». Numa das gravuras da *Atalanta Fugiens* vê-se em primeiro plano um grupo de três seres: um bebé gatinhando com um rectângulo na testa, ou seja, o princípio da força quadrática fundamental da «pedra» (nigredo), um adulto com uma meia-lua, também na testa, formada por duas linhas com duas pontas, figurando a pedra lunar branca (albedo), e um velho encurvado com um triângulo na testa e apoiando-se a uma bengala — o triângulo do corpo-alma-espírito, ou seja, a pedra filosofal solar, dotada do poder de tingir e curar (rubedo).

Fundamentalmente, tal como já enunciava Paracelso, os hermetistas rosacrucianos defendiam a tese de que a Alquimia, mais do que tentar a transmutação dos metais, deveria antes contribuir para a erradicação das doenças e a mitigação das dores físicas (panaceia universal).



Paracelso

Synesius, um alquimista bizantino do século IV, foi um verdadeiro precursor: já definia a Alquimia como uma operação mental, independente da ciência da matéria, cujo objectivo deveria ser a transmutação espiritual e a salvação do ser humano, afirmando, em consequência, que a constituição do *elixir* (*xêrion*, «o pó») é menos importante do que as incantações que acompanham a sua produção. Esta teoria deu origem a uma nova escola que minimizou a pesquisa experimental, passando a buscar, no interior do ser humano, os segredos e os fins últimos da filosofia alquímica.

Assim, o Fogo alquímico, ou melhor, o Fogo Solar, sendo um princípio cósmico e um elemento básico da Criação, é na verdade um *princípio espiritual*, e portanto um dos princípios herméticos fundamentais do Rosacrucianismo. O teósofo e investigador Franz Hartmann (1838-1912) define o Fogo alquímico rosacruciano da seguinte maneira:

O Fogo é uma actividade interna cujas manifestações externas são calor e luz. Esta actividade difere em carácter consoante o plano em que se manifesta. No plano espiritual representa o Amor ou o Ódio; no plano astral, o Desejo e a Paixão; no plano físico, a Combustão. O Fogo é o elemento purificador, que no limite se identifica com a essência da Vida.

É porém no livro *Themis Aurea, hoc est de legibus Fraternitatis R. C.*, publicado em Frankfurt, em latim, em 1618[3] — apenas dois anos após a publicação das *Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz* — que Michael Maier investiga sobretudo as grandes leis[4] que regem a *transmutação* espiritual, enunciadas sob a forma de seis sinais de adesão, ou «compromissos», a que se obrigavam as Irmãos da Rosacruz. «Antes de mais nada — observa Maier na *Themis* — é mais do que razoável supor que qualquer sociedade, para ser *boa*, deverá ser governada por leis *boas* [...] Por outro lado, é importante que alguma coisa se diga acerca do seu número, seis, que muito de perfeição contém em si» (Cap. II). Com efeito, o número seis associa-se de imediato ao *hexahemeron* bíblico, os seis dias da criação, o número mediador entre o *Princípio* e a sua *Manifestação*, além de simbolizar, em quanto hexagrama, a misteriosa síntese do fogo [?] e da água [Ñ]. Estes dois triângulos, entrecruzados, formam o conhecido signo — ou selo — de Salomão, uma estrela de seis pontas que inclui, além do fogo e da água, o ar (triângulo do fogo ? truncado pela base do triângulo da água), e a terra (triângulo da água Ñ truncado pela base do triângulo do fogo). O todo é uma verdadeira suma do pensamento hermético, representando o conjunto dos elementos do Universo.

Maier reproduz textualmente aquelas seis leis, tal como vêm listadas no primeiro manifesto Rosacruz de 1614, a *Fama Fraternitatis*:

1. *Curar os doentes ou cuidar deles gratuitamente;*
2. *Não usar hábito próprio à Fraternidade, mas sim e apenas os trajes locais;*
3. *Apresentar-se todos os anos no dia C. na morada do Sanctus Spiritus, ou comunicar o motivo da ausência;*
4. *Designar um digno sucessor em previsão de morte;* 5. *As letras R. C. serão o seu selo, insígnia e sigla;*
6. *A Fraternidade deve permanecer oculta durante um século.*

É interessante notar que a primeira, ou seja, a cura dos enfermos gratuitamente («De graça recebestes, de graça dai» — Mateus 10, 8) adquire tanto relevo no espírito de Maier, que este lhe dedica nada menos de nove capítulos de comentários na *Themis Aurea* (capítulos IV a XII), ao passo que as restantes merecem apenas um capítulo cada uma.

Assim como os Dez Mandamentos da Antiga Aliança foram sumarizados em dois pelo Cristo do Novo Testamento («Amarás ao teu Deus com todo o teu coração, alma e mente [...], e amarás ao teu próximo como a ti mesmo» — Mateus 22, 37-39), também aquelas seis antigas leis foram sumarizadas em duas pela Nova Escola de Mistérios Rosacruz: «**Curar os enfermos e pregar o Reino de Deus**», tal como Cristo ordenou aos Seus apóstolos.

O alquimista rosacruciano dispõe do **Oratório** e do **Laboratório**, no seu Templo do Espírito, para levar a cabo as operações de transmutação. Por isso se diz, na lei n.º 3, que deve apresentar-se todos os anos no dia C. na morada do *Sanctus Spiritus*; ou seja: no dia do seu **Cristo** interno, ou do seu íntimo *Natal* [5], deve estar perfeitamente consciente do seu *verdadeiro estar no templo do Espírito Santo*, que é o seu próprio corpo mortificado, acrisolado, e por fim purificado e

transfigurado («Não sabeis que o vosso corpo é o templo do *Espírito Santo*, que está em vós?» — 1 Coríntios 6, 19).



“O Primeiro Estágio do Grande Trabalho”, mais conhecido como o “Laboratório do Alquimista” da obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae* de Heinrich Khunrath (1560-1605)

Do lado do **Oratório** deve ter a biblioteca, isto é, a teoria e o alimento *mental*, a oração oculta, ou a palavra de razão: — o *noûs* e o *logos*; do lado do **Laboratório** deve ter os instrumentos da prática, o alambique, as retortas, os cadinhos, que é como quem diz, as obras do coração e do *serviço* desinteressado, inegoísta e amoroso, ou *cordial*. E é nesta dupla vertente, *mental* e *cordial*, que a transmutação alquímica do ser humano, no seu todo, se deve processar.

Como referi há pouco, essa transmutação abrange os nove estágios do percurso involutivo-evolutivo do tríplice corpo do ser humano, da tríplice alma e do tríplice espírito. No mundo moderno, cava-se uma distância abissal entre a *mente* e o *coração*: a mente prepondera, altamente evoluída pela ciência, e só se satisfaz com explicações materialmente demonstráveis, ao passo que o coração nem sempre encontra meios para manifestar o seu poder: as suas intuições são muitas vezes inseguras e erram ao aventurar-se nos mistérios do ser, que a mente esquadrinha de forma tão redutora quão aparentemente sólida e exacta.

Tanto vale dizer que a «pedra filosofal» do Conhecimento e da Verdade será alcançada quando a mente e o coração se unirem harmoniosamente, aperfeiçoando-se e cooperando mutuamente até que o ser humano atinja a mais elevada *Gnosis* e a mais elevada *Sophia*, isto é, até que esteja em condições de

viver a Vida Religiosa em plenitude. Esta operação é descrita pelo rosacruciano MAX HEINDEL (1865-1919) no seu livro clássico *The Rosicrucian Cosmo-Conception* [6]; e a ênfase que Michael Maier coloca, na *Themis Aurea*, na eficácia alquímica das energias «curativas» trabalhadas discreta mas sabiamente «no oculto»[7], ensina-nos que a «panaceia»[8], mais do que um bálsamo físico, ainda que envolto numa teia de simbolismos, é um Mistério sagrado que o Adepto deverá saber buscar no mais completo despojamento de si:

Embora os Irmãos [da Rosacruz] possuam as medicinas mais eficazes do mundo, não se vangloriam disso, antes o escondem; talvez os seus pós contenham cinábrio ou alguma outra matéria ligeiríssima, mas produzem seguramente mais efeito do que se pode imaginar. Possuem a *Phalaia* bem como a *Asa* de Basílio, o *Nepenthes* que afasta as mágoas e pesares de Homero e do Trimegisto, o unguento de ouro, a fonte de Júpiter Hammon, que é quente de noite, fria ao meio-dia, e tépida ao nascer e ao pôr do Sol. Desdenham lucros e proveitos e não são seduzidos por altos cargos nem por honrarias; nem desejam de nenhum modo evidenciar-se [...]; submetem-se tranquilamente à protecção divina, não se exibem nem se escondem, mas exercem a sua actividade em silêncio (MICHAEL MAIER, *Themis Aurea*, cap. VI).

Com efeito,

... é pela **Alquimia Espiritual** que construiremos o templo do Espírito e conquistaremos o pó donde viemos, qualificando-nos como verdadeiros Mestres Maçons preparados para trabalhar em esferas mais elevadas (MAX HEINDEL, *Occult Principles of Health and Healing*, Oceanside 1938).



A Fenix e a Pedra Filosofal, J. Augustus Knapp

Em suma, há-de ser dentro de nós próprios que teremos de descobrir, desbravar e percorrer o Caminho da Salvação, e não apenas nesta ou naquela prática, neste ou naquele ritual, neste ou naquele livro por muito sublime e

englobante que seja, ainda que se trate do livro dos livros, porque a letra só brilha para quem já preparou os olhos capazes de suportar o brilho da Luz «que já existe e que é tão bela».

Como dizia Florentinus de Valentia: «O livro que contém todos os outros está em ti, e em todos os homens».

NOTAS

[1] A grafia actual é «Rosenkreuz», com **k** e não com **c**.

[2] Segundo a lenda, a virgem Atalanta era muito veloz a correr e, por fidelidade à deusa Ártemis, decidira casar-se apenas com o homem que conseguisse vencê-la na corrida, jurando que mataria os pretendentes a quem vencesse, o que foi o caso de muitos. Graças ao ardil de lhe ir lançando à frente uns frutos de ouro que trouxera do Jardim das Hespérides, Hipómenes venceu-a porque ela se atrasava a apanhá-los. Atalanta submeteu-se ao prometido, e aceitou casar com Hipómenes.

[3] Existe uma edição moderna da Philosophical Research Society, Los Angeles 1976 que reproduz, em fac-simile integral, a primeira tradução editada em língua inglesa: MICHAEL MAIER, *Themis Aurea — Laws of the Fraternity of the Rosie Crosse*, N. Brooke, Cornhill 1656 (tradutor anónimo).

[4] Segundo HESÍODO (*Teogonia*, v. 135 e vv. 901-906), Témis, filha de Urano e de Gaia, é a deusa das Leis Eternas, sendo, por sua vez, mãe das Horas, da Boa-Lei (Eunomia), da Justiça, da Paz e das três Moiras.

[5] O «nascimento do Cristo interno» é a aspiração maior do cristão místico. Os primitivos cristãos saudavam-se: «Que o Cristo nasça em ti!». É o equivalente, de certo modo, ao *samâdhi* do Hinduísmo ou o *satori* do Budismo Zen.

[6] Cf. MAX HEINDEL, *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (1909), The Rosicrucian Fellowship, 28ª edição Oceanside 1977: «Alchemy and Soul-Growth», pp. 421-425.

[7] «Tu porém quando rezares, entra no teu quarto, e, de porta fechada, reza a teu Pai que está no oculto; e o teu Pai, que vê no oculto, te corresponderá» (Mateus 6, 6).

[8] Este termo deriva do nome da deusa da cura universal por meio de plantas, Panaceia, filha de Asclépios, o deus da Medicina.

VIII.

A Cosmologia dos Rosacruz



*Comunicação apresentada no Colóquio Internacional A Criação,
promovido pelo Instituto São Tomás de Aquino (ISTA) em Abril de 2001,
Lisboa*

por António de Macedo

Devo começar por dizer que o uso da palavra **Cosmologia** no título desta minha comunicação é, à primeira vista, um tanto provocatório, porque o associo a uma doutrina «oculta» quando normalmente se deve associar à ciência, e o termo que se costuma utilizar associado ao Rosacruzianismo é **Cosmogonia**.

Bom, aqui teria de fazer um breve desvio para explicar a diferença entre o «**místico**» e o «**oculto**»: o primeiro relaciona-se com a fé, a devoção e o *coração* — é um enquadramento *cordial*, ao passo que o segundo se relaciona com a razão, o intelecto e a *mente* — é um enquadramento *mental*. Daí o facto de se poder falar em «ciências ocultas», enquanto dificilmente se poderia compreender uma expressão como «ciências místicas»! Assim, não será excessivo, segundo esta óptica, falar de Cosmologia a respeito da «ciência oculta» que é a Filosofia Rosacruz...

Mesmo assim, considero indispensável um parêntesis, neste ponto, uma vez que certos autores se insurgem contra a associação do termo «ciência» a vocábulos inerentes a «campos» como a Astrologia, a Magia, a Alquimia ou, genericamente, ao Ocultismo. Realmente, se nos ativermos ao significado que a palavra «ciência» passou a ter sobretudo após as obras clássicas de Henri Poincaré *La Science et l'Hypothèse* (1906) e *Science et Méthode* (1908), bem como os trabalhos sobre teoria e filosofia da ciência de Karl Popper (1902-1994), o método científico não se compadece com uma expressão como por exemplo «Ciência dos Magos», corrente em *philosophia occulta*. Com efeito, Popper considera como «pseudo-ciências» a Astrologia, a Alquimia, a Metafísica, o Historicismo marxista e até a Psicanálise freudiana, porque não se encaixam no seu critério de «falsificabilidade». A ciência académica, portanto, descarta tudo quando não se reduza aos seguintes vectores: (1) a *observação* e a *experimentação* veiculadas através dos cinco sentidos ou de artefactos tecnológicos que os prolonguem e/ou amplifiquem, e (2) a *razão* que organiza os dados observáveis em teorias coerentes, de preferência segundo o modelo matemático.

Bom, mas não sejamos demasiado reducionistas! A mesma palavra pode ter, sem escândalo, acepções diferentes consoante o «território» onde se contextualiza. Por exemplo o termo «plataforma» adquire significados radicalmente distintos consoante o situamos no «território» ferroviário, no informático, ou no da construção civil. O mesmo se passa com a ciência. O importante é usar expressões compósitas que indiquem sem ambiguidades qual o território onde a respectiva «ciência» se insere: por exemplo, se usarmos esse termo aplicado à Física, à Química ou à Astronomia não temos dúvidas quanto ao seu significado; do mesmo modo, quando dizemos «Ciência dos Magos» ou classificamos a Astrologia ou a Alquimia como «Ciências Sagradas», estamos claramente noutra território, aquele em que *scientia* significa um conhecimento ou um saber antigos, organizados mas não necessariamente matematizantes, sejam secretos (esotéricos) ou divulgáveis (exotéricos), e do mesmo passo as dúvidas desaparecem e deixa de haver contradição ou sequer confusão.

Ora bem: após este rápido esclarecimento, retomemos o fio à nossa meada. Começarei por referir que a ciência, no sentido académico, tem ao longo dos tempos entendido de forma ligeiramente diferente o significado de ambos aqueles ramos do saber científico: Cosmogonia e Cosmologia:

- **Fase 1** (antes dos anos 70 do século xx):

Cosmogonia: Ramo da Astronomia que estuda a formação do Sol e a origem e evolução dos restantes corpos do sistema solar;

Cosmologia: Ramo da Astronomia que estuda o nascimento, a estrutura e a evolução do Universo, no seu conjunto.

- **Fase 2** (depois dos anos 70 do século xx):

Cosmogonia: Ramo da Astronomia que estuda o comportamento evolucionário do Universo, bem como a origem das suas características, incluindo o sistema solar;

Cosmologia: Campo de estudos interdisciplinares em que se associam várias ciências naturais, nomeadamente a Astronomia, a Física, a Astrofísica, a Paleontologia, etc. num esforço conjunto para compreender o Universo como um todo unificado.

A título de curiosidade, e entre parêntesis, refira-se uma terceira ciência «cós mica» que eu ainda estudei nos meus longínquos tempos liceais, a **Cosmografia**, uma palavra hoje caída em desuso mas que teve a sua voga antigamente: é uma espécie de descrição elementar da esfera celeste e dos corpos e círculos que a integram (o equador celeste, a eclíptica, etc.), de um ponto de vista **geocêntrico**. A Astrologia, por exemplo, tal como a navegação marítima e a navegação aérea, fazem mais apelo à antiga Cosmografia do que à Astronomia propriamente dita. Um dos mais veneráveis e conhecidos tratados de Cosmografia, por exemplo, foi o famoso *Tratado da Esfera*, do inglês João Sacrobosco (século XIII).

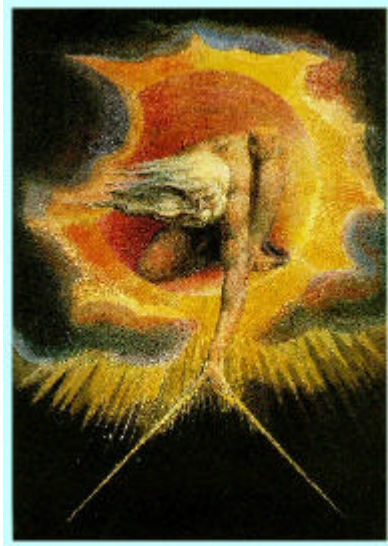
Em geral, pelo menos em certos círculos, insiste-se na tendência de associar a **Cosmogonia** à especulação mítico-religiosa sobre a **origem** do Universo, de um ponto de vista quer místico, quer oculto, quer teológico, ao passo que a **Cosmologia** fica mais sob a alçada da ciência académica, ou das várias ciências implicadas, que se debruçam sobre esse estudo, embora «ignorando», de certo modo, o problema da **origem** — ou do $t = 0$ (o ponto zero em que o tempo começou) —, para se concentrarem no estudo do que aconteceu **depois** do *big bang*. Na verdade, especular sobre o que aconteceu **antes** de $t = 0$ não terá muito sentido, porque «antes» implica o conceito de **tempo**, e onde não há tempo não pode haver *antes* nem *depois*...

Numa outra conferência deste Colóquio já se falou aqui da **gênese mítica do Cosmos** entre os gregos; por exemplo, nos versos 115 a 125 da *Teogonia*, o velho Hesíodo (sécs. VIII-VII a. C.) pede às Musas que lhe contem o que existiu **antes de tudo**, dos deuses, dos astros, do céu, da terra, etc. «Em primeiro lugar — diz Hesíodo — existiu, realmente, o **Caos**». Seguiu-se-lhe Gaia, «a de amplos seios», e «do Caos nascerem Erebo e a negra Noite». Como «fruto dos amores destes dois, nasceram Éter e Hemera [Dia]». — Portanto a **Noite é anterior ao Dia**, ou seja: as *trevas* antecederam a *luz*, ou ainda: a LUZ saiu das *trevas*.

Os Órficos tinham uma Cosmologia idêntica: tudo começara nas **trevas**, fosse a *Noite*, fosse o *Tártaro* — terrível, negra e profundíssima região que fica tão distante do Hades como o Hades fica do Céu.

O **Caos**, portanto, é a profundidade total, o abismo, o Informe primordial, anterior à **Criação**, quando um certo tipo de «ordem» ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo. O Caos, portanto, seria o equivalente a um estado de **entropia zero**. (Como sabemos, à medida que o Universo avança no tempo, a **entropia aumenta**, ou seja, há cada vez menos energia disponível para se converter em trabalho mecânico).

Até que ponto podemos identificar a **Criação** com a «**explosão**» **inicial**, ou a Singularidade do momento inicial, como uma descarga de energia concentrada, é um assunto que tem provocado diversas posturas e concomitantes discussões físico-filosóficas. Trata-se duma relação **ordem-desordem**, e vice-versa.



THE ANCIENT OF DAYS

(Illustration by William Blake for his poetic work "Europe", 1794) ;
Relief etching with watercolor, 23.3 x 16.8 cm; British Museum, London

Segundo o Génesis, e com imagens alegóricas que os estudiosos dizem ter sido extraídas da mitologia babilónica, **Deus criou o mundo a partir do caos**, da escuridão, do abismo: os dois primeiros versículos bíblicos dizem que Deus criou o céu e a terra, e que a terra era um vazio informe — o *tohu vabohu* do texto hebraico.

No Livro da Sabedoria, livro bíblico que a tradição hebraica rejeita mas que a tradição católica considera como canónico, lê-se que a mão todo-poderosa de Deus «criou o mundo a partir de **matéria informe**» (Sabedoria 11, 17).

Fora do mundo hebraico, a ideia de **não-criação** existia quer no pensamento grego, como o vemos por exemplo expresso em Epicuro (sécs. IV-III a. C.), quer também, mas mais tarde, entre os Romanos, por exemplo na filosofia poética de Lucrecio (séc. I a. C.). Estes e outros autores deram origem ao aforismo **ex nihilo nihil fit** («do nada, nada se faz») que resume a referida posição e foi tirado do poeta latino estóico Pérsio (séc. I d. C.), de um verso das suas *Sátiras* (III, 24), e significa que nada foi criado, pois tudo o que existe, existe desde sempre, desde toda a eternidade (parece a teoria do «estado estacionário», de Fred Hoyle!)

Talvez devida a essa influência grega, a única alusão bíblica a uma criação *ex nihilo* encontra-se num livro escrito por volta do séc. II a. C., o 2.º livro dos Macabeus, numa frase que a mãe dos sete heróis Macabeus profere para animar os filhos, martirizados pelo tirano Antíoco IV: «Imploro-te, meu filho, olha para a terra e para o céu e tudo o que há neles, e de como **Deus os fez a partir do nada**, e de como os humanos vieram à existência da mesma maneira» (2 Macabeus 7, 28).

A ideia cristã de que Deus teria realmente criado o mundo a partir «de nada» — a famosa *creatio ex nihilo* —, contrariando o que diz o Génesis e o livro da Sabedoria, estabeleceu-se e progrediu sobretudo no século II d. C., e surgiu de uma mescla de várias formulações filosóficas. Dois dos promulgadores dessa ideia, que mais preponderância tiveram na respectiva divulgação, foram, por um lado o gnóstico Basilides, e por outro o apologeta Justino Mártir, ambos do século II.

Na sequência, e prosseguindo na negação da ideia dum **Caos primordial** donde foi criado o **Cosmos** (antiga ideia bíblica e — já veremos — também Rosacruziana), Santo Agostinho (354-430) aceitou e teorizou a doutrina da *creatio ex nihilo*, e fê-lo, curiosamente, para combater as concepções do Neoplatonismo — segundo as quais o mundo, no seu próprio Ser, é contínuo com a Realidade última e Divina, o Uno, e que do Uno emanam graus descendentes, sucessivos e cada vez mais atenuados de Ser, constituindo os diversos níveis do Universo.

Agostinho, a fim de desmontar esta concepção emanatista, sustentou que o Universo é um reino criado, trazido por Deus à existência **a partir de nada** (*ex nihilo*). Ele defende esta ideia nomeadamente no seu livro *De natura boni*, onde tenta demonstrar que o mal é a privação do bem, todas as coisas criadas por Deus são boas por essência, e que o *nihil* do qual Deus criou o Cosmos não é qualquer espécie de matéria ou caos preexistente, mas que a expressão *ex nihilo*, «do nada», significa apenas «não de algo».

Esta ideia do «out of nothing» encontramos-la, curiosamente, em certas cosmologias actuais, como as que são perfilhadas por dois cientistas agnósticos de Oxford, Peter Atkins e Richard Dawkins.

Este último, que é um excelente vulgarizador científico, «demonstra» nos seus muito citados livros *The Selfish Gene* (1976) e *The Blind Watchmaker* (1987), que a existência dum *intelligent designer* para a Criação e evolução do universo é uma falsidade: admitir que existe uma divindade como causa inicial da evolução é uma falácia porque faz depender o nosso nível de complexidade dum complexidade ainda mais complexa e que não pode ser explicada — claro, não pode ser explicada em termos de ciência materialista e positivista... Por sua vez o Prof. Peter Atkins, no seu livro *Creation Revisited* (1994), afirma que «a Singularidade do *big bang*, que os cientistas geralmente acreditam ter marcado o início do nosso Universo, pode ter emergido espontaneamente 'out of nothingness'».

A ciência propõe-nos diferentes teorias cosmológicas, como por exemplo a do cientista Andrej Linde, que é a da inflação caótica, com muitos universos dentro uns dos outros; a de Stephen Hawking, uma Cosmologia quântica intemporal, que não necessita dum estado inicial, ou seja, um universo sem fronteiras; a de Roger Penrose, que é assimétrica relativamente ao tempo, assimetria essa que ele considera inerente à própria natureza do tempo no Universo... etc.

Seja como for, qualquer das teorias científicas concorda que inicialmente as partículas de energia resultantes do «arranque» eram praticamente fótons — Luz! O que parece concordar com o Génesis bíblico... antes de ter criado as «fontes de luz», ou seja, o Sol, a Lua e as estrelas, a Divindade Criadora pronunciou uma palavra — logo no «primeiro dia»! — e a **luz** surgiu. O Sol, a Lua e as estrelas só foram criados no «quarto dia». A ciência agnóstica, porém, não pode admitir um Criador do Universo devido às armadilhas «exotéricas» em que essa posição se enreda: com efeito, levando o raciocínio ao extremo lógico, os cientistas positivistas ou neo-positivistas não têm outro remédio senão contrapor a inevitável pergunta: — E quem criou o Criador? A esta questão a Bíblia dá uma curiosa resposta. Se articularmos a primeira epístola de João: «Deus é luz» (1 João 1, 5), com o primeiro capítulo do Génesis: «Deus disse: *faça-se a luz*, e a luz fez-se» (Genesis 1, 3), concluiremos, matematicamente, que Deus se fez a Si mesmo, ou seja, Deus é **AQUILO** que permite a auto-irrupção de Singularidades — entre as quais o *big bang*!

Apesar do que comecei por dizer há pouco sobre o que é uma «ciência oculta», na verdade a **concepção cosmológica** do Universo, dentro da Philo-Sophia Rosacruz, não é tanto «científica» no sentido popperiano do termo, ou no sentido *hard* como hoje se costuma dizer, mas sobretudo «Theo-Lógica», no sentido lato.

Aliás a concepção cosmológica rosacruciana aproxima-se, de certo modo, da moderna **Teologia do Processo**, defendida por filósofos e teólogos como A. N. Whitehead, J. B. Cobb, D. R. Griffin, Ch. Hartshorne, etc. que criaram e divulgaram o termo *Process Theology*. Esta teologia perfilha a doutrina do **panenteísmo** [gr. *pan* + *en* + *theos*], caminho intermédio entre a negação da liberdade individual e da criatividade (que caracteriza muitas das variedades do **panteísmo**, como por exemplo o de Heraclito, Anaxágoras, Platão, Plotino, ou das religiões orientais como o Hinduísmo e o Budismo) e o remoto distanciamento do divino (que caracteriza o **teísmo** clássico, como o das Igrejas ocidentais institucionalizadas, a Católica romana, as denominações protestantes e as Ortodoxas grega e russa).

O **panenteísmo** começou a ter uma elaboração sistemática no séc. XIX com Fichte, Schelling e Hegel, e sobretudo no séc. XX com a «Filosofia do Processo» do filósofo e matemático inglês Alfred N. Whitehead (1861-1947). O «teólogo do processo» Charles Hartshorne (*A Natural Theology For Our Time*, Open Court, La Salle 1967) fez uma análise teológica completa do panenteísmo, baseado na analogia de um organismo (Deus) que compreende células individuais e semi-autónomas (todos os constituintes conhecidos e desconhecidos da realidade). Uma boa descrição deste sistema encontra-se em John B. Cobb & David R. Griffin (*Process Theology: An Introductory Exposition*, Westminster Press, Philadelphia 1976).

Segundo esta óptica, o problema do **mal**, de difícil solução no teísmo clássico, é ultrapassado uma vez que Deus e o ser humano evoluem em inter-acção, sendo o mal apenas uma fase de carência transitória: «Sereis, pois, perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito» (Mateus 5, 48). Recomendo a consulta do estudo de Marjorie Suchoki *The End of Evil: Process Eschatology in Historical Context* (Suny Press, Albany 1988).

Com vimos, a perspectiva *pan-en-teísta* que os filósofos e teólogos «do Processo» defendem constitui uma posição intermédia entre teísmo — Deus transcendente ao mundo — e panteísmo — Deus totalmente imanente ao mundo. Deus e o mundo cooperam: Deus atrai o mundo para a novidade e para uma maior complexidade, harmonia e ordem, ao mesmo tempo que é influenciado por experiências com o mundo. Há liberdade em todas as entidades: Deus tenta persuadir mas não obriga.

Ou seja, a Teologia do Processo rejeita a *creatio ex nihilo* e defende que a acção de Deus no mundo não se exerce por intervenções pontuais, mais ou menos miraculosas, mas opera como *creatio continua*, como actividade perene que sustenta a criatura sem cessar, promovendo-a continuamente. Assim, a transcendência divina não é um remoto distanciamento, mas antes uma presença íntima, fundante e sempre activa, que inclui o «todo» em si mesma sem o absorver nem se deixar absorver por ele.

Esta ideia de «um Deus que evolui» é uma ideia comum a diversas correntes esotéricas, ao mesmo tempo que se adapta perfeitamente à ideia de um Deus pedagogo, que vai exercendo «catequese» nos sucessivos estágios da evolução humana, revelando os mistérios à medida que o ser humano vai sendo capaz de os apreender.

Encontramos uma interessante formulação desta ideia num dos três sonetos iniciáticos que Fernando Pessoa dedicou a «Christian Rosenkreuz»:



Fernando Pessoa

*... Deus é o Homem de outro Deus maior;
Adão Supremo, também teve Queda;
também, como foi nosso Criador,
foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.
... Deus é o Homem de outro Deus maior;
Adão Supremo, também teve Queda;
também, como foi nosso Criador,
foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
aquém não a há no Mundo, Corpo Seu.*

Segundo o teólogo galego Andrés Torres Queiruga a Teologia do Processo caracterizar-se-ia do seguinte modo:

« ... a acção de Deus não se reduz a um mero impulso inicial que cessa uma vez realizado e que, quando muito, reaparece em intervenções pontuais [“intervencionismo teológico”]. Pelo contrário, a sua acção opera como *creatio continua*, como actividade perene que sustenta a criatura sem cessar e continuamente a promove. É nesta direcção que se orienta a Teologia do Processo, de grande vitalidade no actual pensamento anglo-saxónico. Trata-se duma visão *panenteísta* (tudo em Deus), segundo a qual a transcendência divina não consiste num apartamento/separação do mundo, mas numa presença íntima, fundante e sempre activa, presença essa que inclui tudo em si mesma sem absorver esse tudo nem se deixar absorver por ele» (*Fin del Cristianismo Premoderno*, Editorial Sal Terrae, Santander 2000, pp. 206-207).

Ou seja, há liberdade em todas as entidades: Deus influencia e tenta persuadir (daí a Revelação), mas Deus não coage (tal como os Mestres Rosacruzes não coagem: ensinam o discípulo a julgar-se a si mesmo e dão-lhe total liberdade e correlata responsabilidade). A Teologia do Processo rejeita a *creatio ex nihilo*, e, pelo contrário, afirma uma doutrina de **criação a partir do caos** (Cobb & Griffin 1976, 65).



Max Heindel

O fundador de The Rosicrucian Fellowship, Max Heindel (1865-1919), iniciado rosacruciano que afirma ter estado em contacto directo com os *Fratres Seniores* (Irmãos Maiores) da misteriosa Ordem Rosacruz, e ter recebido deles as suas Iniciações, praticamente não usa as palavras **Cosmogonia** ou **Cosmologia** excepto uma vez, cada uma delas, a propósito do «mito da criação» nos textos islandeses da *Edda* (*Ancient and Modern Initiation*, The Rosicrucian Fellowship, Oceanside 1931, p. 79). Em contrapartida prefere **Cosmogénese**, que contrapõe a **Antropogénese**, na sua obra fundamental, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, de 1909.

Neste seu livro, Heindel elucida-nos alguns pontos interessantes desta Cosmogénese. Por exemplo, sobre o Caos:

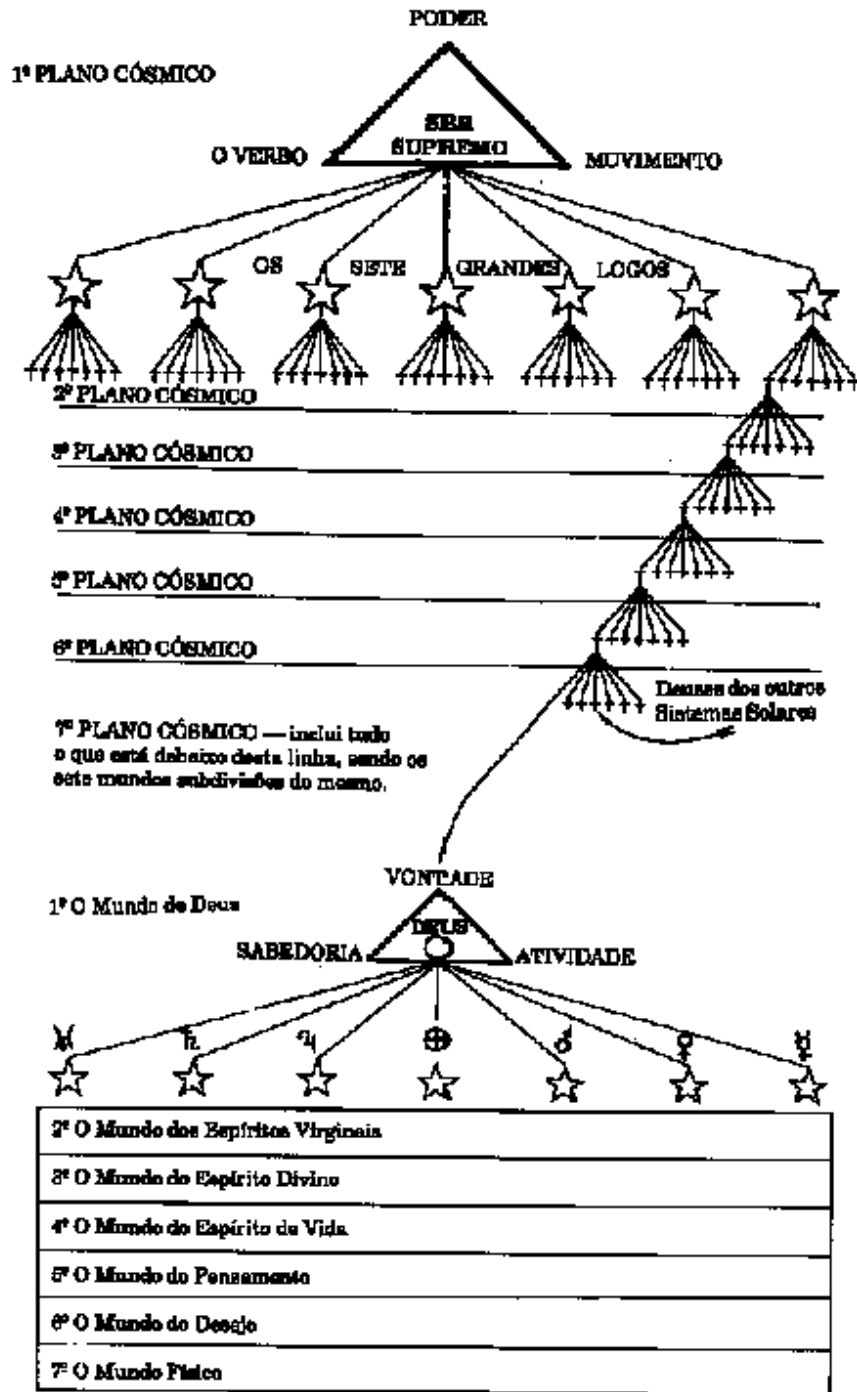
«O Caos não é um estado que, tendo existido no passado, tenha desaparecido completamente. Continua à nossa volta, mesmo agora. Não poderia haver progresso se as formas velhas, que já prestaram toda a sua utilidade, não se dissolvessem constantemente no Caos, e se este não desse origem, também continuamente, a novas formas. A obra da evolução cessaria e a estagnação impediria toda a possibilidade de desenvolvimento» (*The Rosicrucian Cosmo-Conception*, The Rosicrucian Fellowship, reed. Oceanside 1977, p. 249).

Noutro lugar do mesmo livro esclarece a impossibilidade de um vazio absoluto, mesmo primordial:

«Para os Rosacruzes, tal como para qualquer outra escola de ocultismo, não existe nada semelhante ao vácuo ou “vazio de espaço”. Para eles o espaço é Espírito em forma atenuada ao passo que a matéria é espaço ou Espírito cristalizado. A manifestação do Espírito é dual: o que vemos como Forma é a manifestação negativa ou pólo negativo do Espírito, cristalizado e inerte. O pólo positivo do Espírito manifesta-se como Vida, que galvaniza a Forma negativa e a leva à acção; porém, tanto a Vida como a Forma têm a sua origem no Espírito, no Espaço, no Caos!» (*ibidem*, pp. 247-248).

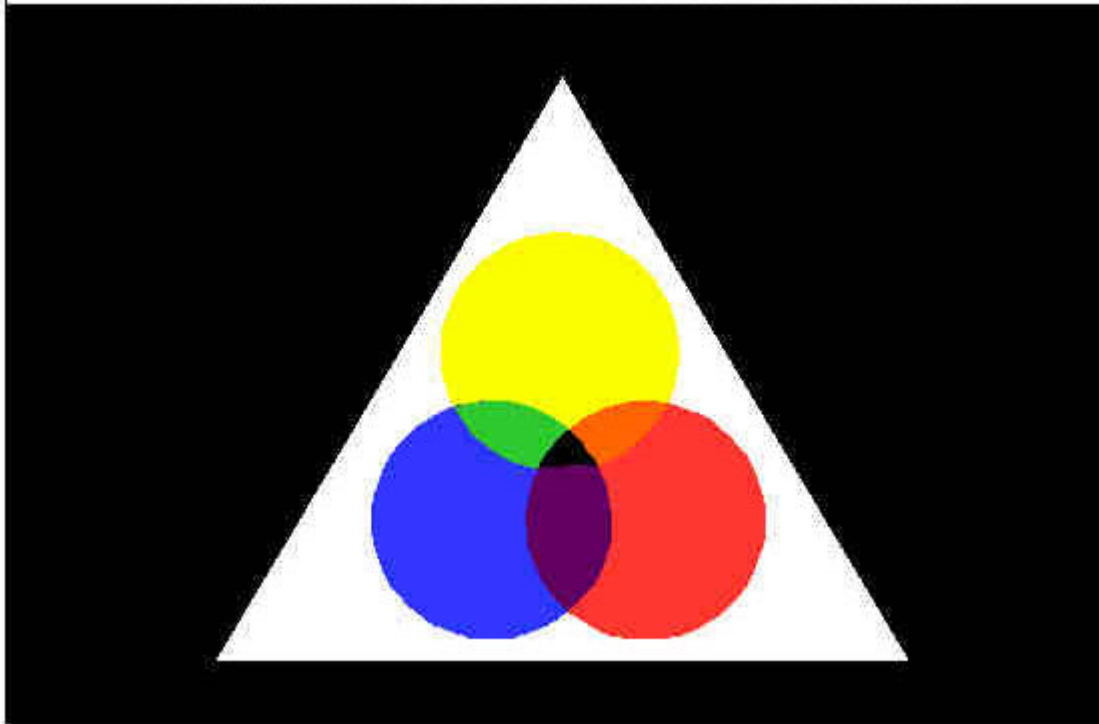
De acordo com a Cosmogénese rosacrucciana há que distinguir entre o SER SUPREMO e o Ser a que as religiões chamam DEUS, numa visão majestosa e amplíssima evidenciada na citação de Fernando Pessoa que vimos atrás:

“Deus é o Homem doutro Deus maior:
 Adão Supremo, também teve Queda;
 Também como foi nosso Criador,
 Foi criado e a Verdade lhe morreu...”
 - Fernando Pessoa



Os respectivos atributos assim se repartem triunitariamente, em correlação «vertical»:

OS 1, 3, 7 E 10 ASPECTOS DE DEUS E DO HOMEM



Diagrama, Relações entre o Macrocosmos e o Microcosmos. Max Heindel, "Conceito Rosacruz do Cosmos".

SER SUPREMO:

- PODER (**Pai**)
 - VERBO (**Filho**)
 - MOVIMENTO (**Espírito Santo**)
-

DEUS:

- **Vontade** (? Pai)
- **Sabedoria | Amor** (? Filho)
- **Actividade** (? Espírito Santo)

O 1.º aspecto do **Ser Supremo** concebe ou imagina o Universo antes do começo da Manifestação activa, incluindo os bilhões de mundos e sistemas e as grandes Hierarquias que habitam nos Seis Planos Cósicos de existência.

O 2.º aspecto manifesta-se como força de atracção e coesão (que dá origem ao Amor de DEUS), é o Verbo Criador — Palavra criativa —, e modela a Substância-Raiz cósmica, tal como os **sons** modelam **formas**. (Os cientistas chamam-lhe **substância cósmica primordial**, de temperatura elevadíssima nas primeiras fracções de segundo após o *big bang*).

Entretanto, o 3.º aspecto (Movimento) já havia despertado a Substância-Raiz do seu estado natural de inércia (a «ordem» caótica, ou estado «de simplicidade e equilíbrio» como dizem os cientistas) a fim de a dotar de todos os graus diferentes de vibração que vão permitir que o Verbo os modele.

Essa Substância-Raiz é uma expressão do *pólo negativo* do Espírito Universal Absoluto, ao passo que a expressão da *energia positiva* é o Grande Ser Criador a quem chamamos Deus, e de quem fazemos parte: «Nele vivemos, nos movemos e somos» (Actos 17, 28).

Toda a matéria que conhecemos resulta da acção mútua desses dois pólos, e é *espaço cristalizado*, emanado do pólo negativo dessa Substância Espiritual Primordial.

A palavra hebraica *elohim*, que as Bíblias correntes traduzem por «Deus», na verdade é um plural, «deuses», e nessa forma plural aparece mais de 2.000 vezes na Bíblia hebraica, a começar pelo primeiro capítulo do Génesis: «No princípio Elohim criou o céu e a terra» (Génesis 1, 1). A forma singular, *eloah*, também se encontra no Antigo Testamento: só no livro de Job, por exemplo, aparece cerca de 40 vezes. Excluída a frágil explicação do plural majestático, que de facto em hebraico não existe, e reconhecendo que a Bíblia hebraica enfatiza a unicidade de Deus (“*shema Yisra’el, Adonay elohênu, Adonay ekhad*”: «Escuta, Israel, Jahvé é o nosso Deus, Jahvé é um só» — Deuteronomio 6, 4), as doutrinas Rosacruzadas ensinam-nos que **os Elohim** correspondem às **Seis Hierarquias Criadoras** que trabalharam na nossa evolução a fim de trazerem o homem até ao ponto de adquirir uma forma física por meio da qual o Espírito interno pudesse funcionar (Heindel 1977, 325-326).

Na verdade **Jahvé** é o *chefe* dessas Hierarquias, e não exactamente o **Ser Supremo** com que redactores tardios o confundiram. Não podemos esquecer que a maior parte dos livros do Antigo Testamento bíblico, tais como os conhecemos hoje, resultaram de uma tradição oral que vem de longínquos ancestrais e que foi por fim passada a escrito por sucessivas gerações de descendentes, com as deformações, «correções» e reformulações inevitáveis.

Uma prova de que **Jahvé** é um Superior, ou um Chefe pouco acessível, e que os humanos tinham um contacto mais imediato — eventualmente mais amigável — com os **Elohim**, encontramos-lo na seguinte situação relatada no Génesis: Jacob empreendeu uma longa viagem até Haran, para arranjar esposa, e fez o seguinte voto: «Se eu regressar em paz [a salvo] a casa do meu pai, Jahvé será para mim como os Elohim» (Génesis 28, 21). Isto parece significar que se as coisas lhe correrem bem, ele verá no distante «chefe» Jahvé um ser tão fraterno e convival como os Elohim, pois a forma como a frase está construída não deixa dúvidas de que se está a referir a entidades distintas.

202 AS DOZE GRANDES HIERARQUIAS CRIADORAS

SIGNO ZODIACAL	NOME	ESTADO
1 — Aries	Sem nome	Diz-se que a primeira e segunda Ordens passaram além da compreensão de qualquer indivíduo na Terra. Sabe-se que prestaram algum auxílio ao princípio da nossa evolução.
2 — Taurus	Sem nome	
As três seguintes Ordens trabalharam livre e voluntariamente para ajudar o homem, durante os três períodos que precederam ao Período Terrestre. Passaram também à libertação.		
3 — Gemini	Serafins	No período Lunar despertaram no homem em formação o germe do Espírito Humano — o Ego.
4 — Cancer	Querubins	No Período Solar despertaram o germe do Espírito da Vida.
5 — Leo	Senhores da Chama	No Período de Saturno despertaram o germe do Espírito Divino e deram o germe do Corpo Denso.
As seguintes sete Hierarquias criadoras estão em atividade no Período Terrestre.		
6 — Virgo	Senhores da Sabedoria	No Período Solar deram o germe do Corpo Vital.
7 — Libra	Senhores da Individualidade	No Período Lunar deram o germe do Corpo de Desejos.
8 — Scorpius	Senhores da Forma	Têm o especial encargo da evolução humana no Período Terrestre.
9 — Sagittarius ...	Senhores da Mente	A humanidade do Período de Saturno
10 — Capricornus .	Arcanjos	A humanidade do Período Solar.
11 — Aquarius	Anjos	A humanidade do Período Lunar.
12 — Pisces	Espíritos Virgínicos	São a humanidade do atual Período Terrestre.

DIAGRAMA 9

As Doze Grandes Hierarquias segundo Max Heindel

Finalmente — mas não por último! — o Divino Plano evolutivo realiza-se em sete Grandes Períodos de Manifestação, que têm as suas correspondências ritualísticas nos dias da semana:

Os Sete Períodos e os Sete Dias da Criação, Max Heindel, Conceito Rosacruz do Cosmos

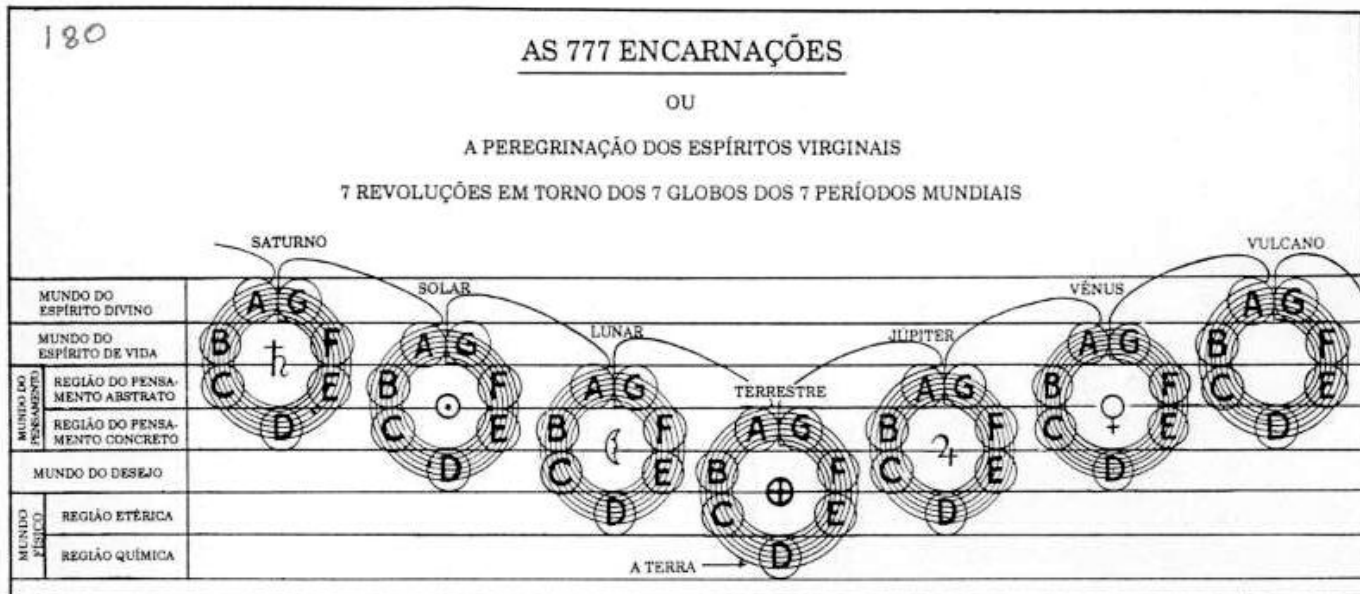
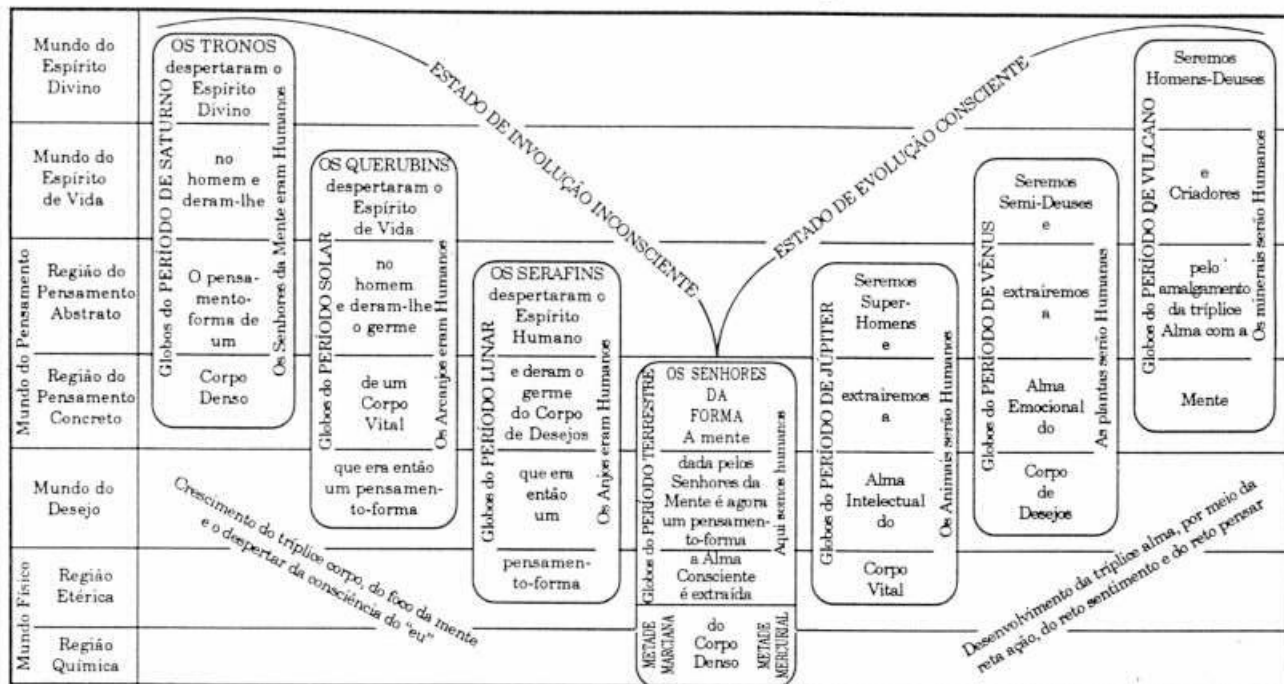


DIAGRAMA 8

326

OS SETE DIAS DA CRIAÇÃO



A Involução trás o Espírito à matéria pela sua cristalização em corpos.

A Epigênese, a atividade criadora original do Espírito, é a alavanca e a Mente é o ponto de apoio, sobre o qual a Involução torna-se Evolução.

A Evolução liberta o Espírito da matéria pela espiritualização dos corpos e sua conversão em almas.

Actualmente, encontramos-nos no início da Metade Mercurial do Período Terrestre.

Esclareça-se que aquelas designações não se referem aos astros que conhecemos, Saturno, Lua, Sol etc., mas são designações ocultistas de estados diferentes e evolutivos do nosso globo terrestre, ao longo de tempos inimagináveis, com a duração de bilhões e bilhões de anos, cuja correspondência macrocônica se reflecte, microcronicamente, no mistério dos sete dias da semana.

É caso para se dizer: o Ser Supremo, ou Deus Altíssimo, ou o Absoluto, ou a Grande Inteligência Cósmica... é algo que transcende de tal modo a nossa relativíssima pequenez que não temos imaginação e muito menos palavras que nos dêem uma imagem sequer aproximada de tão maravilhosa vastidão.

Vastidão que não é apenas um incompreensível vazio, mas um infinito RESERVATÓRIO DE AMOR.

Assim sendo, por aqui me fico e mais não digo porque mais não sei.

367

DIAGRAMA 15



O Caduceu de Mercúrio, Os Sete Períodos e as Quatro Grandes Iniciações,
Max Heindel, Conceito Rosacruz do Cosmos

IX.

Eu e o Pai Somos Um:

O Eterno Feminino na Nova Religiosidade



The Winged Self,
New Age Bible & Philosophy Center

*Trabalho apresentado no V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DISCURSOS
E PRÁTICAS ALQUÍMICAS promovido pelo TRIPLOV e o INSTITUTO
S.TOMÁS DE AQUINO.*

António de Macedo

I — Entreabrir o portal...

Num certo Inverno, em Jerusalém, durante a festa judaica da Reconsagração do Templo, passeava-se Jesus diante do pórtico de Salomão quando os judeus, aproximando-se, lhe perguntaram: «Até quando nos manténs em suspenso? Se és o Cristo (o Messias), diz-nos abertamente». Jesus respondeu-lhes: «Já vos disse, e não me acreditastes».

Este episódio vem relatado no capítulo 10 do Evangelho de João, Ritual de Mistérios Maiores, onde se dá conta do pequeno discurso — mas substancial e

iluminante — que Jesus proferiu em continuidade, até que chegou à famosa frase: «Eu e o Pai somos um» (João 10, 30). Os judeus, escandalizados, pegaram em pedras para apedrejá-lo, ao que Ele contrapôs: «Fiz muitas obras boas a vosso favor; por qual delas me apedrejais?» Replicaram eles: «Não te apedrejam pelas tuas boas obras, mas porque, sendo homem, te fazes Deus». O episódio prossegue com a resposta de Jesus e a conclusão da Sua prédica, mas, para o que nos importa apurar, quedemo-nos por aqui.

Duas notas se salientam: primeiro, o nível iniciático da «instrução» de Jesus não foi apreendido pelos ouvintes, que somente captaram o significado físico, ou literal; e segundo, a frase «Eu e o Pai somos um», central no conjunto da prédica, contém a chave que nos permite entreabrir o Portal da Nova Religiosidade, se soubermos atinar com o Espírito que vivifica o sentido da frase.

II — As três «leituras»

Penetrar no sentido dum texto pressupõe um certo tipo de «interpretação» desse texto, ou, mais simplesmente — um certo tipo de «leitura». Tratando-se neste caso dum texto bíblico, eu diria, numa forma breve e simplificada, que podemos considerar três «leituras» possíveis da Bíblia:

- Laica;
- Teológica;
- Esotérica.

Esta classificação simplificada corre o risco de parecer demasiadamente redutora, por isso me apresso a esclarecer que:

a) Incluo na «leitura laica» toda e qualquer leitura que considere os textos bíblicos apenas pelo seu lado textual-documental — e de preferência partindo dum princípio racional-agnóstico, de que pode servir de exemplo mais óbvio o divertido *Dictionnaire Philosophique* (1764), do iluminista Voltaire. Essa leitura, numa forma genérica e sobretudo nos tempos mais recentes, serve-se de toda uma aparelhagem de análise e de crítica de textos idêntica à que se pode aplicar a qualquer texto profano, antigo ou moderno, sem levar excessivamente em conta — ou mesmo nada — o lado «espiritual» dos conteúdos;

b) Designo por «leitura teológica» a que se opera na crença de que os textos bíblicos são a «palavra de Deus», e socorre-se de técnicas interpretacionais quer da tradição religiosa judaica (para o Antigo Testamento), quer da tradição das Igrejas cristãs (a Católica romana, as Protestantes e as Ortodoxas, para o Antigo Testamento e o Novo Testamento), sem excluir, mais modernamente, os mesmos instrumentos hermenêuticos, exegéticos, semióticos, etc. da «leitura laica», embora adaptando-os ao pressuposto de um «conteúdo revelacional» de origem divina;

c) Finalmente a «leitura esotérica». Que se poderá entender por uma «leitura esotérica da Bíblia»? Provavelmente haverá mais do que uma, tal como se deduz do facto de haver diversos «esoterismos». No entanto, procurando simplificar mais uma vez, embora correndo o risco duma certa imprecisão, podemos dizer, em primeira aproximação, que uma «leitura esotérica» da Bíblia tem de partir dumas quantas «regras do jogo» — por exemplo, convencionar que o ser humano não esgota a sua totalidade no corpo físico, mas tem uma parte espiritual que é a sua verdadeira essência consciente, eterna, e que subsiste nos mundos invisíveis após a morte; que existe um Deus, ou uma Grande Inteligência Cósmica, com quem o espírito do ser humano pode relacionar-se, harmonizar-se e até identificar-se; que a sucessão dos tempos quer históricos quer iniciáticos é coordenada por um plano geral do Espírito; que a Natureza e a Escritura se correlacionam não só como uma grande rede alegórica, susceptível de hermenêutica, mas também como geradoras de símbolos que tornam «transparente» uma realidade que fica além de qualquer expressão ou comunicação; etc. Por outro lado, admite que o texto examinado não esgota a totalidade dos seus significados numa «leitura literal», mas contém significados «ocultos» (sejam simbólicos ou iniciáticos) que carecem de ser devidamente descodificados.

III — Natural e sobrenatural

Em resumo: o *teológico* faz apelo ao «sobrenatural», ao passo que o *esotérico* considera que o chamado «sobrenatural» se inclui no «natural», isto é, o «sobrenatural» não é mais do que uma expressão (infeliz?) das Igrejas para caucionar, *exotericamente*, o inexplicável em termos físico-rationais. A *Suma Teológica* (1265-1273) de Tomás de Aquino é a expressão acabada desse mentalismo: no fundo, ao pretender captar Deus nos limites da razão humana, relega para a esfera do «mistério» — no sentido eclesiástico do termo, e não no sentido iniciático, *mystêrion*, como deveria ser — tudo aquilo que Deus é e decide para além do que à razão humana lhe é possível escrutinar e entender.

Assim, o «pecado original» cometido por Eva e Adão e que se perpetua na sua descendência, o «plano de salvação» decidido por Deus ao longo da história da humanidade, o nascimento virginal de Jesus por obra e graça do Espírito Santo, a identificação de Jesus com Deus, as «Três Pessoas» distintas da Santíssima Trindade em uma só natureza, a ressurreição corporal de Cristo e Sua ascensão corporal ao céu, a «ressurreição dos mortos» no último dia, etc. são processos que correspondem a factos esotericamente explicáveis em termos «naturais» — a matéria é espírito cristalizado! — e não ocorrências «miraculosas» e «sobrenaturais» deliberadas por um Deus caprichoso que transgride, quando assim o entende, as imutáveis leis universais que Ele mesmo criou, com a agravante de não querer que os humanos entendam «certas coisas» com a sã razão que o mesmo Deus lhes deu.

Retornando ao exemplo donde partimos, vejamos aonde nos conduziria a tripla leitura da frase de Cristo Jesus «**Eu e o Pai somos um**».

IV — Tríplice Deus, tríplice Espírito

1. Leitura laica — Parte do conhecimento crítico de que a língua falada na Palestina e na Síria no tempo de Jesus era o aramaico, língua semítica estreitamente aparentada com o hebraico, o siríaco e o fenício. Língua popular por excelência durante vários séculos, manteve-se durante a ocupação romana porque a potência ocupante não conseguiu, nessa área do Médio Oriente, popularizar o latim, somente falado pelos soldados e funcionários romanos e pelos judeus ligados à corte do Procurador da Roma imperial. Por sua vez o grego, muito espalhado no império, era sobretudo falado e entendido pelas classes cultas, pelos viajantes, pelos homens de negócios e pelos mercadores. Os textos do Novo Testamento — Evangelhos, Actos, Epístolas, Apocalipse — chegaram até nós redigidos em grego; as eventuais versões primitivas, aramaicas — se é que as houve! — perderam-se. Compreende-se a preferência pelo grego, a língua franca da época, tal como o inglês, hoje, na Internet: maior facilidade de divulgação. Ora acontece que os especialistas conseguem detectar, nos textos gregos desse tempo, certas construções idiomáticas típicas do aramaico que lhe estaria subjacente — os chamados «aramaísmos» —, como por exemplo: «Corta a tua mão direita» (Mateus 5, 30), que significa apenas «deixa de roubar»; ou «Permite-me que vá enterrar o meu pai» (Mateus 8, 21), que significa «Deixa-me ir tomar conta do meu velho pai até que morra»; ou ainda «Quem não tiver espada, venda o seu manto e compre uma» (Lucas 22, 36) que significa «Há um perigo iminente». Do mesmo modo, a frase «Eu e o Pai somos um» (João 10, 30) é um vulgar aramaísmo em que apenas se afirma uma concordância de pontos de vista entre duas pessoas, ou seja: Eu e o Pai estamos de acordo. Não se pode deduzir daqui que Jesus se identifica com Deus como Segunda Pessoa da Trindade. Pode muito bem ser apenas um simples humano que concorda e se identifica com as prescrições e os mandamentos divinos.

2. Leitura teológica — Os teólogos, pelo contrário, vêem nesta frase uma clara afirmação da identidade absoluta entre a «substância» do Pai e a «substância» do Filho, ou seja, a confirmação de que Jesus de Nazaré é igual a Deus. Trazem em abono desta interpretação outros passos da Bíblia em que os feitos e os ditos de Jesus se equiparam a actuações que, no Antigo Testamento, são atribuíveis a Jahvé. Por exemplo: Jahvé dá o pão (ou maná) como alimento (Êxodo 16, 8.15; Deuteronómio 8, 3), e Jesus dá o verdadeiro pão da vida (João 6, 11.32-35.51); Jahvé, por intermédio de Moisés, faz brotar água da rocha (Êxodo 17, 6), e Jesus dá a «água viva» que leva à «vida eterna» (João 4, 10-14); Jahvé dá mandamentos (Êxodo 31, 18; 34, 28; Deuteronómio 4, 13; 5, 22; 10, 4), e Jesus dá um «mandamento novo» (João 13, 34); etc. Ou seja: ao conceder dons e dádivas que no Antigo Testamento são exclusivos de Jahvé — pão, água, mandamentos, vida eterna, etc. —, Jesus parece estar a atribuir-se a mesma condição divina do próprio Deus.

3. Leitura esotérica — Toma em consideração duas vertentes: uma externa e outra interna. Do ponto de vista externo leva em conta as eventuais deturpações que os textos escriturísticos sofreram nas sucessivas cópias que chegaram até

nós, e não desdenha os estudos que têm sido feitos com o fim de descortinar o texto-base anterior às alterações introduzidas; do ponto de vista interno articula os conteúdos doutros passos da Escritura com o *conhecimento* e a *sabedoria* (Gnôsis e Sophia) transmitidos pela tradição iniciática e pelas correntes esotéricas do Ocidente heleno-judaico-cristão. Segundo esta perspectiva, se conjugarmos a frase «Eu e o Pai somos um» com um outro dito de Jesus no mesmo Evangelho de João, mas desta vez no Sermão da Ceia, onde Jesus afirma: «O Pai é maior do que eu» (João 14, 28), constatamos que ambas as frases, longe de se contradizerem, se esclarecem mutuamente à luz duma leitura esotérica, não-sobrenatural. A última afirmação, feita para Iniciados, assevera a inequívoca diferença entre Jesus e Deus, mas, ao mesmo tempo, ao conjugar-se com a frase anterior da *real identidade* ou melhor, *unidade*, de Cristo e do Pai, alumia-nos com a seguinte «leitura»: Jesus, não sendo idêntico a Deus-Pai, mas conhecendo-O por contacto directo pela *infusão Crística* que recebeu no Baptismo (Cristo-Jesus tornou-se o único ser com um leque de veículos físico-anímico-espirituais que vão desde o mundo material até ao Mundo de Deus), tem autoridade e conhecimento para afirmar que «o Eu» — o Eu Superior, o eterno Espírito de todo o ser humano — é «uno com o Pai», ou seja, idêntico à essência divina: o tríplice Espírito dos seres humanos, que é uma *criação perfeita*, é uma réplica do tríplice aspecto da Divindade: Pai, Filho e Espírito Santo. O que é confirmado por Paulo, o Iniciado: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o Espírito de Deus habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16).

V — Corrupções «ortodoxas» da Escritura

Esclareça-se que esta tradição esotérica não é tão fantasiosa como pode parecer à primeira vista. É um facto bem conhecido dos especialistas modernos, conhecedores da enorme quantidade de documentos escriturísticos existentes, desde os mais antigos papiros manuscritos até à profusão de cópias e versões em diferentes linguas antigas, que a Escritura — e, neste caso concreto, o Novo Testamento — sofreu adulterações e corrupções introduzidas pelos copistas duma certa facção das comunidades jesuânicas para se conformar à Cristologia do que se convencionou chamar a «ortodoxia» que finalmente deu origem à Igreja de Roma. A maior parte das passagens do Novo Testamento em que parece afirmar-se que Jesus de Nazaré é Deus, foi obra de «ajustamentos teológicos», tal como as passagens que de início inequivocamente explicitavam que Jesus, nascido naturalmente de José e de Maria, só se tornou «especial» no momento do Baptismo.

Esta última distinção é importante. Há provas documentais, desde muito cedo, de que certas comunidades cristãs do primeiro e do segundo séculos sabiam que Jesus não se identificava com Deus (por exemplo, Theodotus, os Ebionitas, Cerinthus, etc.), mas que o Espírito Divino — o Espírito Santo — o havia infundido no momento do Baptismo com uma qualidade elevadíssima que o tornou «Filho de Deus», «Salvador do Mundo», em suma: «Cristo». Em contrapartida, as comunidades pré-ortodoxas e ortodoxas defenderam por razões mais políticas e de força, que religiosas, que Jesus sempre foi «Deus» desde o Seu nascimento, e até antes, procedendo os seus copistas às alterações apropriadas dos textos para

fazerem vingar essa Cristologia. (Anote-se que uso aqui o termo «ortodoxia» não no sentido de rectidão de conteúdos, mas no de dominância da facção que «venceu» as polémicas dos três primeiros séculos e se tornou na Igreja de Roma).

Vejam o seguinte exemplo flagrante. O texto do Evangelho de Lucas, na versão oficial da Igreja, refere o Baptismo de Jesus do seguinte modo: após ter sido Jesus baptizado no Jordão, por João o Baptista, e estando em oração, abriu-se o céu e desceu o **Espírito Santo** sob a forma duma **pomba** e ouviu-se uma voz do céu: «Tu és o meu filho amado; em ti me agradei» (segundo o texto da Vulgata Latina oficializado pelo Concílio de Trento: «Tu es filius meus dilectus, in te complacui mihi» — Lucas 3, 22). Os especialistas laicos, porém, estudando as variantes do texto grego que chegaram até nós, concluíram que a versão primitiva, original, seria: «Tu és meu filho, hoje te dei à luz [gr. *sêmeron gegennêka se*]. Ou seja, a versão oficial, adulterada, escamoteia que Jesus se tornou «Filho de Deus» **apenas** no momento do Baptismo, e por conseguinte não havia nascido «divino». O tempo verbal *gegennêka* é o perfeito do verbo *gennaô*, gerar, parir, dar a luz, e aquela frase remete para o Salmo 2, que contém a fórmula consagratória com que os reis de Israel eram «ungidos» por Jahvé: «Ungi o meu rei na montanha sagrada de Sião [...] Tu és meu filho, hoje te engendrei» (Salmo 2, 6-7). O «ungido» era dito em hebraico *mashiah* (transliterado Messias), e traduz-se em grego pelo adjectivo *christos* (do verbo *chriô*, ungir).

Portanto, na versão original, Jesus só se tornou «Cristo» quando, no Baptismo, recebeu a infusão do divino **Espírito Santo**. O que é confirmado em outros lugares do Novo Testamento, que também sofreram alguns «retoques»: um deles é o trecho no qual se refere «como, depois do baptismo que João pregou, Deus ungiu [gr. *echrisen*] Jesus de Nazaré com Espírito Santo e poder» (Actos 10, 37-38), o que Lhe permitiu espalhar o bem, fazer curas e expulsar demónios. A forma *echrisen* é o tempo aoristo do mesmo verbo *chriô*, ungir, que deu origem a *christos*, como vimos atrás.

Já agora vejamos mais um outro caso, em dois passos paralelos de Marcos e Mateus que têm causado engulhos à ortodoxia dogmática. O Evangelho de Mateus, durante o Cristianismo primitivo, teve uma divulgação muitíssimo maior que o de Marcos, uma vez que este era acentuadamente iniciático e de circulação mais restrita. Não surpreende portanto que os escribas pré-ortodoxos e ortodoxos se tivessem empenhado em «corrigir» o de Mateus, mais do que o de Marcos, nas passagens onde os «hereses» pudessem ir buscar argumentos para apoiar a ideia de que Jesus de Nazaré não era Deus. A propósito do «fim dos tempos», lemos em Mateus: «Quanto àquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho [gr. *oude 'o 'Uios*], mas apenas o Pai» (Mateus 24, 36). Ora, se o próprio Filho não sabe, é porque não é divino nem está dentro dos segredos do Pai... A expressão **nem o Filho** [gr. *oude 'o 'Uios*] acha-se suprimida em muitos dos manuscritos existentes, sobretudo os da tradição bizantina, e foi essa versão «expurgada» que Jerónimo utilizou para a sua tradução em latim (Vulgata Latina), texto oficial da Igreja católica: «De die autem ille et hora nemo scit, neque angeli caelorum, nisi solus Pater». Pelas razões apontadas o passo paralelo de Marcos (13, 32), praticamente idêntico, não foi tão expurgado pelos copistas ortodoxos — Marcos foi de longe o Evangelho menos copiado e divulgado, logo menos

susceptível de causar «danos» —, e Jerónimo traduziu o versículo tal e qual, incluindo a expressão melindrosa «neque Filius» («nem o Filho»), que os teólogos *mainstream* reinterpretem de forma curiosa, para não dizer sofística: «Jesus, enquanto homem, sabia tudo o que era necessário para realizar a Sua missão messiânica; isso não inclui, porém, que conhecesse todos os planos de Deus» (Frei Alcindo Costa, formado pelo Instituto Bíblico de Roma, em nota ao *Novo Testamento*, Difusora Bíblica, p. 51 n.).

Com efeito, já as primitivas comunidades iniciáticas cristãs tinham realçado o facto de que Jesus só começou a fazer «milagres» depois do Baptismo, ou seja, a partir do momento em que foi infundido pelo **Espírito Santo** e se tornou «Cristo-Jesus».

VI — Em Água e em Espírito

Esta infusão do Espírito Santo é fulcral para se compreender como o Baptismo «em Espírito Santo», indispensável para além do simples Baptismo em Água, é determinante na Nova Religiosidade, que se distingue sobretudo — ainda que não só — por duas características fundamentais: uma *espiritualidade individual positiva*, que contacta imediatamente o Divino prescindindo dos «funcionários de Deus» como intermediários institucionalizados, e o papel transcendental da *Eterna Complementaridade Feminina da Divindade*. O carácter unitivo dos dois Baptismos (Água e Espírito, ou Água e Fogo: o Espírito Santo revelou-se como línguas de Fogo no Pentecostes: Actos 2, 3-4), é atestado em alguns passos do Novo Testamento. Por exemplo, João o Baptista diz aos seus seguidores: «Eu baptizo-vos em **Água**, para o arrependimento [gr. *metanoia*, mudança de mente]; aquele que há-de vir depois de mim [...] baptizar-vos-á em **Espírito Santo** e em **Fogo**» (Mateus 3, 11). Jesus confirma-o por outras palavras, nas «instruções iniciáticas» que, uma noite e em segredo, transmitiu ao candidato aos Novos Mistérios Cristãos, o velho Nicodemos. Entre essas «instruções» destaca-se a seguinte: «Em verdade, em verdade te digo, quem não nascer de **Água** e de **Espírito** não pode entrar no Reino de Deus» (João 3, 5).

A Água e o Espírito [Santo] associam-se assim num dos simbolismos do pólo **Feminino** da Divindade.

VII — A Tripla Deusa: tradição helénica

Duas tradições concorrem para a instauração e aceitação da dupla polaridade masculina/feminina do Ser Supremo: a helénica e a judaica, devedoras por sua vez das influências babilónica e egípcia. Esta última, desde os mais remotos testemunhos papiráceos que nos chegaram, refere a existência duma Tripla Deusa complementar do grande deus Nu, o deus do céu, o fecundador, o aspensor das águas celestes.

Essa Tripla Deusa é a manifestação do triplo aspecto feminino: Neith, virgem caçadora e tecedeira, como mais tarde Ártemis (virgem caçadora) e Atena (virgem

guerreira e tecedeira) entre os Gregos; Nut, o princípio feminino de Nu, a massa aquosa donde se formaram os deuses e ao mesmo tempo a deusa dos céus por onde veleja o barco do deus-Sol; e finalmente Ísis, esposa e mãe. Este triplo princípio feminino, Neith/Nut/Ísis, consolidou-se nas tradições do Médio Oriente desde tempos imemoriais até ser destronado pelo patriarcalismo tardio de Amon-Râ, Zeus-Dyews e Jahvé.

O ramo helénico e o ramo judaico «resolveram» de modos diferentes o problema da recuperação da divinal polaridade feminina após a «masculinização dos céus».

O panteão feminino grego absorveu, sobretudo a partir da Frígia, da Síria e da Babilónia, o lado simultaneamente «terreno» e «lunar/aquoso» da «Grande Deusa Mãe» e da «divina Virgem». Hesíodo, na sua *Teogonia*, associa a Tripla Deusa às três gerações de deuses: Gaia (com Ouranos) deu origem à primeira geração de deuses; Nyx (com Erebos) deu origem à segunda geração de deuses; Tethys (com Okeanos) deu origem à terceira geração de deuses. Por fim esse «triplo Eterno Feminino» conglobou-se, nos Mistérios, em deusas como Cibele, cujo nome se associa à Montanha Sagrada (a que estabelece a ligação da *terra* e do céu), Deméter, a deusa maternal da *terra*, dos cereais e das colheitas, ou ainda da sua filha Perséfone, a jovem deusa renovadamente virgem que faz irromper a luxuriante vegetação e passa seis meses de cada ano (durante a estação invernos) no mundo *subterrâneo* do Hades.

É um culto acentuadamente **ctónico** (do gr. *chthôn*, *chthônos*, terra, solo, região) com efeitos *práticos* no mundo *visível*, desde oráculos a curas, em que a feminina Água, associada à feminina Terra, também desempenha o seu papel. Assim, no santuário de Delfos, a Pítia e os sacerdotes que a assessoravam banhavam-se primeiro na Fonte Castália, em seguida ela bebia água da Fonte Sagrada de Cassotis e só depois entrava no templo. Um vez lá dentro descia a uma cela na cave (o elemento ctónico: o mergulhar no seio da Terra-Mãe), sentava-se numa trípode e mascava folhas de loureiro. Os sacerdotes então interpretavam as suas palavras, em geral ininteligíveis, como uma mensagem divina. Acreditava-se que estes oráculos detinham «poderes ctónicos», ou seja, poderes que emanavam das próprias energias telúricas. No templo de Asclépio, em Epidauro, os doentes adormeciam em contacto com a *terra*, a fim de serem curados durante os sonhos, e no santuário de Trofónio, em Lebadeia, os consulentes adormeciam num *buraco escavado no chão* para obterem respostas às suas perguntas ou alívio aos seus males.

VIII — A Tripla Deusa: tradição judaica

Portanto, a tripla polaridade feminina da divindade, no ramo helénico e áreas afins, mediterrânicas, onde abundam nascentes e fontes, correlaciona-se com a **Terra** e com o elemento **Água**; por sua vez no ramo judaico, cuja história se processou nas cálidas e secas regiões do Médio Oriente — e povos limítrofes —, o pólo feminino da divindade tende a correlacionar-se com o **Céu** e com o elemento **Ar**.

1. **Ru'ah** — A primeira manifestação da divina polaridade feminina, judaica, está nas implicações envolvidas na própria palavra «espírito» que em hebraico, *ru'ah*, é do género feminino. *Ru'ah* também se pode traduzir por sopro, vento (elemento Ar), e a primeira vez que aparece na Bíblia hebraica é logo no princípio:

«*Ve ru'ah-Elohim merahephet al pnei-hamaim*» (Génesis 1, 2).

Ru'ah-Elohim pode traduzir-se por «Espírito de Deus» (ou dos Elohim) ou por «Sopro de Deus» (ou dos Elohim); a tradução corrente deste versículo costuma ser: «E o Espírito de Deus planava sobre as águas» («*Et Spiritus Dei ferebatur super aquas*», segundo a Vulgata Latina), mas também se pode traduzir: «E o vento dos Elohim deslizava (ou: agitava-se) sobre a face das águas».

Vento ou espírito, o elemento Ar e o género feminino estão indissoluvelmente ligados à Divindade da tradição hebraica no seu aspecto *ru'ah*. Essa vertente especificamente divina é acentuada na expressão compósita *Ru'ah ha-Kodesh*, «o Espírito Santo», como vemos por exemplo em Isaías: «Mas revoltaram-se, ofenderam o Espírito Santo [hebr. *Ru'ah ha-Kodesh*] [de Jahvé]; desde então tornou-se inimigo deles e fez-lhes guerra» (Isaías 63, 10). É o feminino Espírito de inspiração e profecia, como lemos num tratado talmúdico: «Quando os últimos dos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias morreram, o Espírito Santo [hebr. *Ru'ah ha-Kodesh*] ausentou-se de Israel» (Yoma 9b). Embora o rígido monoteísmo judaico sempre visse com desconfiança — e mesmo rejeitasse — a aceção da *Ru'ah ha-Kodesh* como uma «hipóstase» ou uma entidade separada de Deus, essa tendência individuante porém, na literatura talmúdica e rabínica, pós-bíblica, manifestou-se em vários tratados, como por exemplo quando a *Ru'ah ha-Kodesh* se exprime por palavras (Pesahim 117a), ou actua como conselheira de defesa em nome de Israel (Leviticus Rabbah 6, 1), ou ainda quando abandona Israel para regressar a Deus (Ecclesiastes Rabbah 12, 7).

Já agora esclareça-se, parenteticamente, que em teoria das religiões o termo «hipóstase» designa a personificação duma propriedade ou dum aspecto da Divindade suprema; em Teologia cristã a «hipóstase» é a «pessoa» por oposição à «essência», por isso se diz que Deus tem três hipóstases distintas (Pai, Filho e Espírito Santo) e uma só Natureza; em Teologia judaica o termo «hipóstase» designa a individuação das propriedades e formas operativas de Jahvé, de modo que o Deus inacessível possa manifestar-se aos humanos duma forma sensível, enquanto Ele permanece invisível e inalcançável nos céus.

2. **Shekhinah** — Essa manifestação do inacessível em forma sensível é a *Shekhinah*, a segunda polaridade feminina de Deus, a que estabelece a ligação entre o puro mundo Espiritual-Divinal e o mundo material, sendo portanto a que mais directamente se manifesta aos humanos. Esta palavra vem duma raiz hebraica que significa «habitar», «permanecer», «estar presente», portanto a *Shekhinah* é o que a literatura rabínica designa por «imanência numinosa» de Deus no mundo, ou seja, é a «Divina Presença» em termos espaço-temporais. Por exemplo, quando Moisés diz aos Israelitas «Jahvé vosso Deus é o único atrás de quem deveis caminhar» (Deuteronómio 13, 5), lemos o seguinte comentário num

tratado talmúdico: «Como é possível para um homem caminhar atrás da *Shekhinah*? [...] Antes se deve entender que devemos seguir [imitar] as virtudes do Santíssimo, abençoado seja» (Sotah 14a), ou ainda: «Não podeis ver a minha face, disse Jahvé, porque nenhum humano me pode ver e sobreviver» (Êxodo 33, 20), que o Targum aramaico interpreta do seguinte modo: «Não podeis ver a face da minha *Shekhinah*...». Esta «presença» irradiante assimila-se à **luz**, como se fosse um ser de luz criado por Deus. Por isso se diz que quando os profetas tinham a visão de Deus, na realidade o que viam não era Deus, mas a sua *Shekhinah*.

Num certo número de tratados talmúdicos (por exemplo Pesahim, Shabbat, Sukkah, Sotah, Sanhedrin, etc.) as duas entidades femininas *Ru'ah ha-Kodesh* e *Shekhinah*, apesar de conceptualmente distintas, são frequentemente tomadas como sinónimos. No primeiro tratado cabalístico conhecido, o *Sepher ha-Bahir* [«Livro do Resplendor»], da segunda metade do século XII mas incorporando materiais místicos e ocultos muito mais antigos, o seu anónimo autor classifica pela primeira vez as «10 emanções divinas», que a Cabala judaica deu depois a conhecer, amplamente, sob o nome de Sephiroth. No *Sepher ha-Bahir* a *Shekhinah* identifica-se com a última Sephirah, a décima, *Malkhuth*, «o Reino» ou «a Realeza», e é descrita como a «Filha», ou a «Princesa», o divino princípio feminino no mundo. Certos cabalistas consideram que as quatro letras do tetragrama sagrado, YHWH (*yod-he-vau-he*), têm as seguintes conotações:

Yod - corresponde ao **Pai**
He - corresponde à **Mãe**
Vau - corresponde ao **Filho**
He - corresponde à **Filha**.

Ou seja, a letra *he*, nas suas duas posições no tetragrama sagrado, reúne em si o duplo aspecto Maternal/Filial (ou Maternal/Virginal) do Princípio Feminino da Divindade, o mesmo que na tradição grega era representado pela Deusa Mãe Deméter e por sua Filha Perséfone.

3. Hochmah — Finalmente, o terceiro aspecto feminino da Divindade é *Hochmah*, «Sabedoria», também considerada um reflexo da Luz Eterna. A *Hochmah* é uma entidade de primordial importância no pensamento teológico e filosófico judaico, e, no *Livro dos Provérbios*, onde intervém não poucas vezes, é apresentada como a primeira das criações de Jahvé, e a Sua favorita (Provérbios 8, 22). Todo o capítulo 28 do Livro de Job é um «Hino de Louvor à Sabedoria», considerada superior ao ouro, ao coral, às mais finas pérolas. Na Cabala judaica, pertence ao Triângulo Superior da Árvore Sefirótica (Suprema Transcendência da Divindade); é inseparável de Deus mas actua no mundo quase como uma personalidade distinta, prefigurando, de certo modo, o conceito neotestamentário da relação entre o «Filho» (Cristo-Jesus) e o «Pai».

IX — A Tripla Deusa: tradição cristã

A saudosa Natália Correia, com a exuberância que lhe era peculiar, e como

boa açoriana e simultaneamente sacerdotisa do ancestral-renovado culto feminino, não poucas vezes dissertou — pelo menos no «Botequim», tanto quanto me recordo, e lhe ouvi —, sobre a transcendência Paraclética do *Espírito de Verdade* de Deus, que ela insistia em designar por *Espírita Santa*!

Está certo: a *Espírita Santa* é a POMBA — que em hebraico se diz *yonah* e que a tradição hermética, fazendo tábua rasa das rigorosas pesquisas etimológico-científicas da Linguística, considera relacionada com a *yin* chinesa (princípio feminino, complementar do princípio masculino *yang*) e a *yoni* indiana (órgão sexual feminino, complementar do órgão sexual masculino *linga*). Trata-se duma «Cabala fonética» de que Fulcanelli foi um dos principais impulsionadores, e que, não obstante a sua rejeição por parte da linguística histórica, revela e torna «transparentes» os mais subtis e inesperados aspectos do REAL.

Vimos como a *tradição helénica* associava o pólo feminino da Divindade à **Terra** e ao elemento **Água**, e como a *tradição judaica* associava o pólo feminino da Divindade ao **Céu** e ao elemento **Ar**.

Por sua vez a *tradição cristã*, epítome e sequência das duas, congloba no pólo feminino da Divindade os elementos **Ar** e **Água**, juntamente com o **Céu** e a **Terra**, do seguinte modo:

- *Pomba* — Espírito Santo/Inspiração Paraclética: **Ar** (Mente Superior), e **Céu**;

- . *Virgem-Mãe* — Associação complementar e indissolúvel entre o Pai Celestial e a Mãe Terrenal: **Céu**, e **Terra**;

- *Sophia* — **Água** (Coração, Desejos Sublimados), e **Terra**.

1. Pomba — O primeiro aspecto — POMBA — surge pela primeira vez, no Novo Testamento, no exacto momento do Baptismo de Jesus, e simboliza o divino Espírito Santo, que João designa por «Paracleto». O simbolismo da pomba associado ao princípio feminino da Divindade já vem de longe, e perdurou: tanto o encontramos na antiga Mesopotâmia e na Ásia Menor, em que o Princípio Feminino visível e invisível, substância e essência, era reverenciado nos templos sob a forma duma pomba, tal como continua a figurar, muito mais tarde, como por exemplo num tratado gnóstico do século III d. C., *Pistis Sophia*, onde vemos logo nas primeiras linhas do capítulo 1 que «o Mistério anterior a todos os Mistérios é o Pai sob a forma duma Pomba». Lemos no capítulo 8 do Génesis como Noé enviou um corvo (símbolo da negra natureza de desejos) e uma pomba (símbolo do luminoso «corpo anímico») para saber se as terras já tinham secado após o dilúvio. O corvo limitou-se a voar para cá e para lá até que as águas secaram, mas a pomba, à segunda tentativa, trouxe um raminho de oliveira (Génesis 8, 6-11). A oliveira, de tradição sagrada muito antiga — a oliveira e o azeite, atributos da deusa Atena, foram as suas dádivas sagradas à Ática —, associa-se ao ministério de Cristo e ao bálsamo da cura pelo espírito. Um dos motivos decorativos das colunas da catedral de S. Pedro, em Roma, é uma pomba

com um raminho de oliveira: — o **Espírito Santo** com uma oferta de **regeneração e cura**. Este Espírito — *ru'ah* —, manifestação do pólo feminino da Divindade, conduz-nos ao segundo aspecto aludido acima:

2. Virgem/Mãe — Esse segundo aspecto — VIRGEM/MÃE —, recuperado desde muito cedo pela Igreja na sua Teologia Mariânica, é uma tônica recorrente num curioso manuscrito que o estudioso Edmond Bordeaux Székely diz ter encontrado nos Arquivos secretos do Vaticano e que traduziu do original aramaico para francês (1928). A respectiva edição policopiada deu origem à versão inglesa que foi publicada em 1937, em Londres, com o título *The Essene Gospel of Peace*. A ideia de Virgem/Mãe surge nesse apócrifo naturalmente associada à Terra, alternadamente Virgem e Mãe, e embora o texto — que é um longo discurso de Jesus em resposta a algumas questões que lhe são apresentadas pelo discípulo — não deixe de se referir, com frequência, ao «Heavenly Father» (Pai Celestial), insiste muito mais na reverência, amor, fidelidade e veneração que se deve à «Earthly Mother» (Mãe Terrenal), que nos doou amorosamente tudo de quanto o nosso corpo é feito e tudo o que possui. Em dado passo diz Jesus:

«O vosso Pai Celestial é **amor**.
A vossa Mãe Terrenal é **amor**.
O Filho do Homem é **amor**.

É pelo amor que o Pai Celestial e a Mãe Terrenal e o Filho do Homem se tornam um. Porque o espírito do Filho do Homem foi criado do espírito do Pai Celestial, e o seu corpo, do corpo da Mãe Terrenal. Tornai-vos, pois, perfeitos, como são perfeitos o espírito do vosso Pai Celestial e o corpo da vossa Mãe Terrenal».

Registe-se a relevância atribuída ao AMOR que «torna UM» não só o Pai e o Filho («**Eu e o Pai somos um**»!) mas também a Mãe.

Não é só neste Evangelho essénio que o pólo feminino da Divindade se identifica com a Mãe, incluso a própria Mãe misteriosa de Jesus: outros manuscritos antigos também o atestam. Por exemplo, há um curioso indício transmitido pelo Evangelho dito dos Hebreus, usado por algumas comunidades iniciáticas cristãs como os Nazarenos e os Ebionitas, e do qual só restam fragmentos que nos foram conservados em citações feitas pelos Padres da Igreja. Supõe-se que tenha tido a sua origem nos princípios do século II d. C. Segundo o testemunho de Jerónimo (*Dial. adversus pelagianos*, III, 2) teria sido originalmente escrito em aramaico, e nele se afirma que o Espírito Santo, além de ser feminino — *ru'ah* em hebraico é **feminino** —, é, ainda por cima, a **Mãe de Jesus!**

«Há pouco a minha mãe, o Espírito Santo [gr. *'agion pneuma*] tomou-me por um dos cabelos e levou-me ao monte sublime do Tabor...» (É um paralelo de Mateus 4, 1 e vem citado no Comentário ao Evangelho de João, de Orígenes: *In Io.* 2, 6).

Ou, noutra versão, que nos foi transmitida por Jerónimo no seu II Comentário sobre Miquéias (*Comm. II in Mich. 7, 6*):

«Há pouco tomou-me a minha mãe, o Espírito Santo [lat. *Sanctus Spiritus*], por um dos meus cabelos...».

Jerónimo surpreende-se, pois a ser assim, «a alma, que é esposa do Verbo, tem por sogra o Espírito Santo!» («*Et animam, quae sponsa sermonis est, habere socrum Sanctum Spiritum, qui apud Hebraeos genere dicitur feminino, ru'ah*» — *id., ibid.*).

No Evangelho da Paz dos Essénios esta *ru'ah* corresponde ao Espírito da Terra, perfeita e imaculada por todo o Amor que tem para doar.

No final do Livro Primeiro de *The Essene Gospel of Peace*, Jesus ensina duas orações: uma, muito semelhante ao «Pai Nosso» que conhecemos, em veneração ao Pai Celestial; e outra em veneração à Mãe Terrenal e que é a seguinte:

«Mãe nossa que estás na Terra, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino e faça-se em nós a tua vontade, tal como em ti se faz. Tal como envias os teus anjos diariamente, envia-no-los a nós também. Perdoa os nossos pecados, tal como expiamos os pecados que cometemos contra ti. Não nos deixes cair na doença, mas liberta-nos de todo o mal, porque teus são a Terra, o corpo e a saúde. Amen.»

Eis-nos perante o mistério do Eterno Feminino corporizado na **Terra Lucida**, a Terra de Luz que um dia o ser humano reconstruirá (redescobrirá), redimido em Cristo, mediante o vínculo de fé na sagrada e irresistível união do Cristo e da Sophia.

Daqui passamos naturalmente ao terceiro aspecto referido acima:

3. Sophia — O terceiro aspecto do pólo feminino da Divindade na tradição mística cristã — SOPHIA — surge não só na continuidade do Antigo Testamento, sobretudo no Livro dos Provérbios e no Livro de Job, como vimos acima a propósito da *Hochmah* («Sabedoria»), mas também num livro veterotestamentário que a tradição judaica considera apócrifo e que a tradição da Igreja aceitou como «deuterocanónico», redigido em grego cerca do ano 50 a. C.: o Livro da Sabedoria. Neste livro a Sabedoria personificada (Sophia) é tida como o agente da actividade divina no mundo, participando de certo modo da própria natureza divina. O livro foi composto como se o seu autor tivesse sido Salomão, que em dado passo diz:

*«Rezei, e o entendimento foi-me dado; supliquei, e o Espírito da **Sabedoria** veio até mim. [...] Amei-a mais do que à saúde ou à beleza, preferi-a à própria luz, porque o seu resplendor nunca fenece. Em sua companhia todos os bens vieram até mim, e as suas mãos trouxeram-me incalculáveis riquezas. De todas estas coisas me alegrei, porque foi a **Sabedoria** que as trouxe; mas eu ignorava ainda que ela fosse sua **Mãe**» (Sabedoria 7, 7.10-12).*

No tratado gnóstico a que fiz referência acima, *Pistis Sophia*, e que se supõe ter sido composto no século III d. C., Jesus ressuscitado faz revelações aos Seus discípulos sobre a queda e a redenção duma das emanações da Divindade, a **Sophia** (ou *Pistis Sophia* : «Fé-Sabedoria»). Aqui a principal preocupação é saber quem finalmente será salvo. Os que se salvarem devem renunciar ao mundo e seguir a ética pura do amor e da compaixão, a fim de se identificarem com Jesus e se transformarem em raios da Luz Divina.

No Judaísmo — sobretudo intertestamentário — abundaram especulações filosófico-teológicas sobre a **Sabedoria** celestial (*Hochmah, Sophia*) uma entidade celeste ao lado de Deus que se apresenta à humanidade não só como mediadora da obra de criação mas também como mediadora do conhecimento de Deus. Ireneu Lugdunense, ou de Lião, apologeta e feroz anti-herético que floresceu na segunda metade do século II, resume o ponto de vista duma seita gnóstica do seu tempo observando que o homem-Jesus, nascido duma Virgem e o mais sábio, mais puro e mais justo de todos os seres humanos, foi escolhido para que, no momento do Baptismo, nele descesse o Espírito Crístico (o Cristo, o Ungido) acompanhado pela **Sophia** («Sabedoria»), dando origem a Jesus-Cristo que a partir desse momento passou a fazer milagres, a curar, etc. (*Adversus Haereses*, I, 30, 12-13).

No Novo Testamento, essa «Sabedoria de Deus» (*Theoû Sophia*) é-nos apresentada por Paulo do seguinte modo: «Sabedoria [gr. *Sophia*], com efeito, falamos entre os iniciados [gr. *teleiois*]; não a sabedoria deste ciclo [gr. *aiôn*] nem dos príncipes deste ciclo condenados a perecer. Mas falamos antes da Sabedoria de Deus em mistério [gr. *Theoû Sophia en mystêriô*], a oculta, que Deus predestinou antes dos ciclos para glória nossa» (1 Coríntios 2, 6-7). A associação do princípio feminino — Sophia — ao Mistério da Iniciação é aqui acentuado por Paulo: quando ele usa o termo «mistério» não o faz no sentido eclesiástico e distanciador que a Igreja cunhou mais tarde, como por exemplo o «mistério» da Transubstanciação, mas no sentido de «mistérios iniciáticos» como era corrente no tempo de Paulo.

Por fim, a própria Igreja de Roma acabou por identificar a Virgem Maria, «Mãe de Deus», com a figura da Divina Sabedoria (*Sophia*), e, tal como na Cristologia *mainstream* se descreve Jesus como uma «hipóstase» do Pai (um ente da mesma substância), também na Teologia mariológica acabou por prevalecer o conceito de que Maria tem a Sophia como sua «hipóstase».

X — O pólo feminino da nova religiosidade

A partir do momento em que Cristo nos ensinou que o *Eu-Superior* — o eterno *Espírito de todo o ser humano* — é uno com o Pai, ou seja, idêntico à essência divina («Eu e o Pai somos um» — João 10, 30) abriu várias portas das quais destaco duas, para finalizar:

a) É possível a comunicação directa — ou melhor, comunhão — do Espírito de cada homem e de cada mulher com o Grande Espírito de Deus, de cuja Luz somos centelhas, e, por conseguinte, com O QUAL somos UM, tornando-se pois

desnecessários quaisquer agentes intermédios (sacerdotes, liturgias fechadas) que concorram para promover essa comunhão;

b) A bipolaridade masculino/feminino é um fenómeno terrenal e transitório porque EM CRISTO todos somos UM com o Pai, ou Grande Espírito Universal, e portanto a Grande Deusa Virgem-Mãe está também em nós, naturalmente, além do Pai — seja ela designada por Ísis, Deméter, Shekhinah ou Sophia... O que nos é confirmado pelo Iniciado Paulo: «Porque todos sois filhos de Deus, em **Cristo Jesus**, por meio da fé. Pois quantos fostes baptizados em [nome de] Cristo, de Cristo fostes revestidos. Já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, **não há macho nem fêmea: pois todos vós sois UM em Cristo Jesus**» (Gálatas 3, 26-28).

Vemos assim como diversas correntes — sírio-babilónica, egípcia, judaica, helénica, cristã... —, prolongando-se pelos esoterismos medievais, renascentistas e contemporâneos, confluem para desaguar na neo-religiosidade actual, cujo realce do Eterno Feminino não é uma novidade nem um arranque dos «movimentos de libertação» da mulher dos séculos XIX e XX, mas um ponto de chegada e uma sùmula do que os nossos ancestrais já sabiam, e que o racionalismo patriarcal dos séculos intermédios obnubilou temporariamente.

A Nova Espiritualidade que emergiu mais visivelmente a partir sobretudo do Romantismo — talvez como insurreiçã-resposta ao racionalismo Iluminista dos séculos XVII e XVIII — diversificou-se por vários tipos de movimentos, nos quais é possível detectar alguns elementos comuns, apesar da sua diversificação: druidismos recuperados a partir do século XVIII, ocultismos dos séculos XIX e XX, paganismos odínicos, seitas pentecostais, religiosidade da «New Age», neopaganismo.... Alguns desses pontos comuns são, por exemplo, a indiferença perante as religiões institucionalizadas e os seus «funcionários», as liturgias abertas (praticadas em locais que vão desde garagens a bosques), o experimentalismo místico directo, além de um duplo sentido holístico (Cosmos/Ser Humano, mulher/homem) que recorre com frequência à expressão hermética «matrimónio alquímico», ou «bodas químicas», seja entre as polaridades masculina e feminina, seja entre o Espírito e a Alma, seja entre a Cosmogénese e a Antropogénese.

Mais modernamente assiste-se a uma transição entre as ideias um tanto vagas da «New Age» para as práticas e os rituais concretos do neopaganismo, como por exemplo na Wicca [do gaélico *Wicca Craeft = Witchcraft = Feitiçaria*], que podemos rotular como um paganismo mais «vanguardista» e de bases mais latas, cujas preocupações ecológicas (já presentes na «New Age») se traduzem numa «batalha pela Terra» em que os valores femininos se corporizam na figura duma Grande Deusa e na Santidade da Terra, devidamente acompanhadas por um Deus-Natureza de masculinidade imaculada.

Portanto, levando à conclusão lógica a simbiose perfeita que nos é revelada pela frase «Eu e o Pai somos um», as nossas mais sagradas invocações, mediadas por nosso Cristo Interno, deverão naturalmente abranger, em paralelo, não só o Pai do

Céu, mas igualmente, como nos ensinam os rituais de um recente Manual de Magia, a Grande Mãe, Senhora da Arte, e a Grande Mãe, Senhora da Luz!



A Virgem Celeste com o Deus Sol em seus braços, JAKnapp

CHORUS MYSTICUS:

***Tudo o que morre e passa
É símbolo somente;
O que se não atinge,
Aqui temos presente;
O mesmo indescritível
Se realiza aqui;
O feminino eterno
Atrai-nos para si.***

(Goethe, Fausto)

Principais textos de apoio:

ANES, José Manuel, *Re-Criações Herméticas*, Hugin Editores, Lisboa 1996.

EHRMAN, Bart D., *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament* (1993), Oxford

University Press, reed. New York 1996.

Encyclopaedia Judaica, eds. Cecil Roth & Geoffrey Wigoder, Keter Publishing House, Jerusalem 1972.

GINZBURG, Carlo, *História Nocturna: Uma Decifração do Sabat* [*Storia Notturna: Una Decifrazione del Sabba*, 1989], trad. Nilson Moulin Lousada, rev. Manuel Alberto, Relógio D'Água, Lisboa 1995.

GOETHE, Johann W., *Fausto*, Trad. Agostinho d'Ornellas (I Parte: 1867; II Parte: 1873), reed. Relógio d'Água, Lisboa 1987.

GRANT, Robert M. & TRACY, David, *A Short History of the Interpretation of the Bible*, 2nd. ed. revised and enlarged, Fortress Press, USA 1984.

HANEGRAAFF, Wouter J., «La fin de l'ésotérisme? Le mouvement du Nouvel Age et la question du symbolisme religieux», in *Symboles et Mythes dans les mouvements initiatiques et ésotériques (XVIIe-XXe siècles): Filiations et emprunts*, obra colectiva, Archè-La Table d'Émeraude, Neuilly-Seine 1999.

HEINDEL, Max, *The Rosicrucian Cosmo-Conception* (1909), The Rosicrucian Fellowship, reed. Oceanside (CA) 1977.

HELINE, Corinne, *New Age Bible Interpretation*, 7 vols., New Age Bible & Philosophy Center, Santa Monica 1938-1961.

JONES, Prudence, & PENNICK, Nigel, *História da Europa Pagã* [*A History of Pagan Europe*, 1995], Pub. Europa-América, Mem Martins 1999.

LAMSA, George M., *Idioms in the Bible Explained and A Key to the Original Gospels*, Harper & Row, San Francisco (CA) 1985.

MACK, Burton L., *Who Wrote the New Testament? - The Making of the Christian Myth*, HarperCollins, San Francisco (CA) 1995.

McLEAN, Adam, *The Triple Goddess: An Exploration of the Archetypal Feminine*, Phanes Press, Grand Rapids (Michigan) 1989.

MEDEIROS, José, *Rituais Antigos para um Mundo Novo: Manual de Magia Pergaminho*, Alcabideche 2002.

MONTERO, Santiago, *Diosas y Adivinas: Mujer y Adivinación en la Roma Antigua*, Editorial Trotta, Madrid 1994.

MORUJÃO, Geraldo, «Exemplos de desenvolvimento deráxico no IV Evangelho em torno dos dons de Jesus», in *Didaskalia - Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa*, vol. XX, fasc. 1, UCP, Lisboa 1990.

Pistis Sophia - Ouvrage gnostique traduit du copte en français (1895), trad. e introd. E. Amélineau, Archè, Milano 1975.

SANTO, Moisés Espírito, *Origens do Cristianismo Português - Precedido de "A Deusa Síria" de Luciano*, ISER, UNL, Lisboa 1993.

SANTO, Moisés Espírito, *A Religião na Mudança: A Nova Era*, ISER, UNL, Lisboa 2002.

SZÉKELY, Edmond Bordeaux, *The Essene Gospel of Peace* (1937), Academy Books, San Diego (CA) 1981.

The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis, eds. Bart D. Ehrman & Michael W. Holmes, Wipf and Stock, Eugene (OR) 2001.

Western Esotericism and the Science of Religion, eds. Antoine Faivre & Wouter J. Hanegraaff, Peeters, Leuven 1998.

~ Trabalho apresentado por António de Macedo no V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE DISCURSOS E PRÁTICAS ALQUÍMICAS promovido pelo TRIPLOV e o INSTITUTO S. TOMÁS DE AQUINO.

* Picture: The Winged Self, [New Age Bible & Philosophy Center](#)



X.

Iniciação Feminina:



ISIS, J. Augustus Knapp

ASTROLÓGICA, MÁGICA, ALQUÍMICO-HERMÉTICA OU CABALÍSTICA?

por António de Macedo

J'ai toujours été étonné qu'on laissât les femmes entrer dans les églises. Quelle conversation peuvent-elles avoir avec Dieu ?? L'éternelle Vénus (caprice, hystérie, fantaisie) est une des formes séduisantes du diable.

CHARLES BAUDELAIRE, *Mon coeur mis à nu : journal intime* (1868)

Eis uma coisa que tem feito correr muita tinta, coisa estranha essa, a da «iniciação feminina». Pois aqui me preparo para fazer correr mais alguma... Aliás o tema deste colóquio sobre «Discursos e Práticas Alquímicas» — colóquio que desde 1999 se vem realizando e afirmando, e sempre inovador e com intervenções de

elevada qualidade —, bem se prestava a tais lucubrações, pois o tema deste ano é precisamente «Alquimias do Feminino»[1] Não podia ser mais provocatório nem mais apelativo! Claro que não foi por acaso que fiz anteceder estas despretenciosas cogitações com um sintomático texto de Baudelaire, cuja única desculpa — se é que pode ser-lhe concedida — foi tê-lo desovado em pleno século XIX, quando a Igreja conseguia pensar mais mal das mulheres do que hoje (e a sociedade laica não lhe ficava muito atrás...); a verdade é que duma forma ou doutra parece que as relações da mulher com o *sagrado* — seja este *devocional*, seja *iniciático* — nunca foram lá muito bem compreendidas pelos que se dedicam a investigar estas profundas coisas.

Deixo para outros mais sociólogos, mais antropólogos, mais etnólogos, mais politólogos, mais poetas e mais competentes do que eu a discussão sexo/género que tal temática se arrisca entusiástica e desvirtuosamente a atizar. Limitar-me-ei a atrever-me com o meu modesto arado a lavrar uns sulcozitos num terreno onde me sinto mais familiarizado: o da Esoterologia. Assim sendo, vamos por partes. Antes de mais, tratemos de bisbilhotar um pouco de história das Ordens iniciáticas, continuando a esgravatar com determinação e paciência até chegarmos, eventualmente — oxalá tenhamos sorte, sabença e inspiração das musas! —, a algum apuramento final.

1. Os Mistérios antigos



CERIMONIA DE INICIAÇÃO NOS MISTÉRIOS ELEUSIANOS
Representação alegórica de J.A.Knapp

[1] Esta versão foi aprovada como texto oficial da Bíblia, pela Igreja católica, durante o Concílio de Trento (1545-1563), e teve a sua primeira expressão pública, depois de oficializada, em 1502 sob o pontificado de Clemente VIII, daí que também seja designada por *Vulgata Claementina*.

Comecemos por uma trivialidade que toda a gente conhece mas vale sempre a pena lembrar: a palavra **mistério** tem origem na raiz *mu-*, ou *my-*, donde derivam dois verbos gregos: *myeô*, que significa «iniciar nos Mistérios», «sagrar», «instruir», e *myô*, que significa «fechar a boca ou os olhos», «guardar silêncio». Uma curiosidade menos conhecida é que da mesma raiz derivam o termo latino *mutus*, «mudo», e o termo grego *muthos* ou *mythos*, e isto, em minha humilde opinião, não deixa de ser iluminante: revela-nos que o **silêncio** se associa ao **mito**, tal como silenciosa deverá ser a Iniciação Menor, *myêsis*, que se completa pela Iniciação Maior, *teletê*, sendo que esta última deriva do verbo *teleô*, que significa simultaneamente «concluir» e «iniciar», que é como quem diz, «iniciar nos mais altos Mistérios», ou nos Mistérios de plenitude ou de perfeição (Guénon 1986, 123-125). (Complete-se: — o **mito**, ou o arquetípico mistério do silêncio, perde esse mistério quando se vulgariza ao nível da **fábula**, ou da mera comunicação verbal: fábula [lat. *fabula*] deriva do verbo latino *fari*, *fatu*, «falar»).



Hermes sobre Typhon, JAKnaap.

Hermes, como a personificação da Sabedoria Universal está aqui representado com o pé sobre o dorso de Typhon, o dragão da ignorância e da perversão. Para os Iniciados Egípcios, vencer o dragão devorador das almas era se libertar da necessidade de renascer.

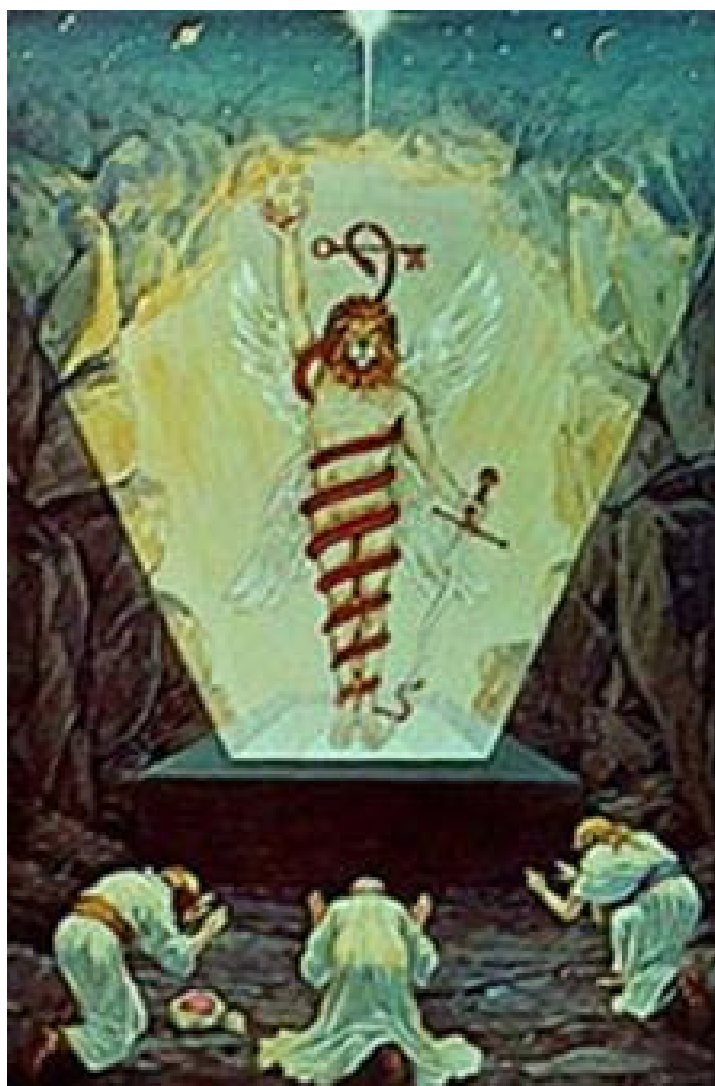
De acordo com este fio condutor, os **mistérios** (gr. *ta mystêria*) são a **teoria de ritos** (gr. *ta drômena*, «actos») que conduzem iniciaticamente do **silêncio à perfeição**, e isto tanto no antigo Egipto como na Pérsia, na Síria, na Frígia, na Fenícia, na Grécia... em suma, estamos a referir-nos de uma forma geral aos chamados «Mistérios Antigos», que segundo os autores que os mencionam (Heródoto, Porfírio, Jâmblico, Apuleio, Plutarco, Cícero, Arnóbio, Heliodoro, Luciano, Rufino, etc.) comportariam *sete* graus iniciáticos. Já os Mistérios

crístãos, mais elevados espiritualmente, têm nove graus iniciáticos, ou nove Iniciações Menores, embora se mantenha a ideia de *perfeição* associada às Altas Iniciações como podemos observar nas epístolas de Paulo. Quando este apóstolo menciona os *teleioi*, está a fazer uma referência *esotérica* aos Altos Iniciados nos Mistérios cristãos, e não apenas aos «perfeitos» em religião *exotérica* cristã, conforme se poderia supor ao ler as traduções eclesiásticas das Bíblias correntes. Veja-se por exemplo o seguinte texto paulino: «Entre os Iniciados [gr. *en tois teleiois*] porém, falamos sabedoria [gr. *sophia*]; não a sabedoria deste éon [gr. *aiôn*] nem a dos chefes deste éon condenados a perecer; mas falamos a sabedoria de Deus [gr. *Theoû sophia*] em **mistério**, a oculta, que Deus destinou antes dos éons para nossa glória [gr. *doxa*, «opinião», «juízo», «glória», «manifestação»], (e) que nenhum dos chefes deste éon conheceu; pois se a tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória» (1 Coríntios 2, 6-8).



PITÁGORAS

Em certas circunstâncias, a antiga Iniciação numa dada Escola de Mistérios podia ser preparatória para outra mais elevada, como terá sido o caso de Pitágoras que antes de se iniciar nos Mistérios Egípcios começou por ser iniciado nos Mistérios Fenícios: «...Velejou para Sídon, sua pátria natural, convencido que daí mais facilmente passaria para o Egipto. Aí conversou com os profetas que eram descendentes de Mochus [Moisés] o fisiólogo, e com outros, e também com os Hierofantes Fenícios. Foi do mesmo modo iniciado em todos os Mistérios de Byblos e de Tyro, e nas sagradas operações que se realizam em muitas partes da Síria» (Jâmblico, *Vita pythagorica*, III). Já agora aproveitemos para esclarecer que o termo *physiologos*, atribuído a Moisés, significa «estudioso da natureza e dos mistérios naturais».



MITHRA NA FORMA DE KRONOS
J.A.Knapp

De uma forma geral, na Antiguidade, as iniciações místicas eram concedidas sectorialmente — ou a certas castas, ou a um ou outro dos dois sexos; por exemplo as mulheres eram excluídas nos Mistérios Essénios ou nos Mistérios de Mithra, tal como eram excluídos os homens na Ordem das Sacerdotisas de Inanna (Suméria), nas *Thesmophorias* de Deméter (Atenas) ou na Ordem das Vestais (Roma). Por muito estranho que pareça e por muito que irrite os actuais defensores da «igualdade dos sexos» (*vade retro!* — *vive la petite différence!*), isto tinha razão de ser e estava certo, e já veremos mais abaixo porquê. (Eu compreendo que os tais defensores da «igualdade dos sexos» se exprimem mal e quereriam dizer igualdade de oportunidades e direitos, humanos, sociais, políticos, intelectuais, profissionais, etc. etc. e não igualdade *tout court*, Deus nos livre desta, teríamos de ser todos hermafroditas como os caracóis...)

2. A origem das Ordens



ABRAXAS, UM PANTEÃO GNÓSTICO

Representa os sete poderes criativos ou anjos planetários reconhecidos pelos antigos, J.A.Knapp

Uma Ordem iniciática não é propriamente um clube, em que a exclusão masculina ou feminina possa ser decretada por sexismo primário ou por velho costume obsoleto, como ocorre por exemplo nos clubes exclusivamente masculinos ou exclusivamente femininos de certas universidades americanas, já para não falar nos clubes ingleses «só para homens» ou nas reuniões de vendas de *tupperware* «só para mulheres»... Numa Ordem iniciática, desde que tenha sido instituída e mantida por «tradição regular», a *transmissão* e *infusão* de certo nível de conhecimentos e do correlativo despertar de faculdades ocultas, ou seja, a **Iniciação**, implica, antes de mais, a quádrupla purificação através dos elementos (provas da terra, água, ar e fogo) a fim de se alcançar a plenitude do conhecimento (Gnose) e correlativa iluminação espiritual; por outro lado, só pode ser realizada de acordo com linhas vibracionais bem definidas, sob pena de essa transmissão ser nula ou ter efeitos nefastos sobre o incauto que a tal prática se exponha sem estar devidamente qualificado.

No caso específico das Iniciações sectorizadas, quer femininas, quer masculinas, nas antigas Ordens (ou em Ordens que tenham trazido até à actualidade alguma forma de regular transmissão iniciática), a Iniciação regular opera-se de acordo com as estruturas esotéricas que qualificam, em maior ou

menor grau, uma *operação oculta ou iniciática* em quanto tal, isto é, tomando os seguintes corpos disciplinares (ou pelo menos algum deles) como «grelhas de referência»: **Astrologia, Magia, Alquimia-Hermetismo** e **Cabala**. Com efeito, todo e qualquer discurso esotérico, bem como toda e qualquer operação esotérica, assentará as suas premissas, as suas inferências e os seus segredos em um ou vários dos quatro corpos disciplinares acabados de referir (cf. Macedo 2006, 71; 83-91). Além disso, terá de haver uma razão de «compatibilidade» que confira legitimidade mística ou oculta a tais Iniciações sectorizadas, como veremos, justificando do mesmo passo o porquê de a um ser humano de um dado sexo não convirem esotericamente as vibrações ritualísticas apropriadas à Iniciação do sexo oposto.



MAGO EVOcando ELEMENTAIS
J.A.Knapp

Certos autores, mais pessimistas, afirmam que a origem das Ordens se perde na noite dos tempos. Em parte é verdade, mas também é verdade que existem textos legítimos e assaz respeitáveis que nos podem proporcionar pistas preciosas. Um deles é nada mais, nada menos, do que a própria Bíblia! Podemos, assim, afirmar com razoável segurança que a primeira vez que surge o conceito de «Ordem» é no livro dos Salmos, ainda que o seja numa perspectiva messiânica (segundo a hermenêutica cristã): «Jahvé jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a **Ordem** de Melquisedec» (Salmo 109 [110], 4).

Esta expressão: «segundo a Ordem de Melquisedec», em hebraico 'al-dib^erathoi Ma^kki-tse^edeq, é vertida em grego, na Septuaginta, como *kata tēn taxis Melchisedek*, em que a palavra «ordem» é dada por *taxis*, -eôs, termo que significa precisamente «ordem», «ordenação hierarquizada», «enfileiração», etc. É um termo simultaneamente jurídico, militar, religioso e organizacional: *taxis* deriva do verbo pós-homérico *tassô*, *etagên*, *taktos*, que significa «enfileirar», «atribuir um lugar», «pôr por ordem» — como um exército num campo de batalha. O equivalente latino, *ordo*, *ordinis*, não se afasta muito desta acepção, com significados técnicos congêneres, tanto na linguagem militar, como por exemplo *centurio primi ordines*, como na linguagem religiosa, por exemplo: *ordines sacerdotum et levitarum* (Vulgata).

Qual a importância, para o nosso caso, da primordial «Ordem de Melquisedec»?

3. A Ordem de Melquisedec e as formas iniciáticas originárias

Na epístola aos Hebreus do Novo Testamento estabelece-se uma analogia entre Melquisedec, rei de Salem, e Cristo, sumo sacerdote da Ordem de Melquisedec (Hebreus 5, 6; 5, 10; 6, 20; 7, 11; 7, 17). O nome Melquisedec é formado por duas palavras hebraicas, *ma^kki tse^edeq*, que significam «rei de justiça», ou «o meu rei é justiça». Por sua vez Salem significa «paz»; portanto, a Ordem de Melquisedec é a **Ordem da Justiça e da Paz**, e como Melquisedec era simultaneamente **rei** e **sacerdote**, eis-nos perante uma época recuadíssima em que ainda se não havia criado a fractura entre o *poder real* (associado ao Fogo) e o *poder sacerdotal* (associado à Água). Veremos mais adiante que ambos esses *poderes*, **real** e **sacerdotal**, são *sagrados*, em oposição aos poderes e actos *profanos*. Conforme nos relata o livro do Génesis, Melquisedec é a primeira figura bíblica dos tempos patriarcais a fazer um sacrifício não sangrento, de **pão** e **vinho**, em antecipação tipológica da Eucaristia Crística e ao arripio do antigo costume dos sacrifícios de carne e sangue comuns a diversas formas de religião:

«Melquisedec, rei de Salem e sacerdote do Deus Altíssimo [hebr. *El-Elyôn*], mandou trazer pão e vinho, e abençoou Abrão dizendo: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra! Bendito seja o Deus Altíssimo que entregou os teus inimigos nas tuas mãos! E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo» (Génesis 14, 18-20).

Registe-se, entre parênteses, que nesta época o famoso patriarca ainda se chamava *Abrão*, que quer dizer «pai elevado». Só depois de Jahvé ter multiplicado a sua descendência passou a chamar-se *Abraão*, que significa «pai duma multidão».

Por outro lado, o *derramamento sacrificial do vinho* em vez do *derramamento sacrificial do sangue* é altamente significativo do ponto de vista alquímico: a tal união ancestral de Água e Fogo, ou seja, do poder sacerdotal e do poder real, fracturada em determinado momento histórico e novamente reinstaurada com o advento de Cristo, Rei e Sacerdote, é-nos dada precisamente pelo alcoólico **vinho**, síntese alquímica de **água** e **fogo**, tal como o Sangue, sede do Espírito, é uma

essência relacionada com o Fogo. Relembremos a afirmação de João o Baptista referindo-se a Jesus: «Eu baptizo-vos com Água [...], mas aquele que vem depois de mim [...] baptizar-vos-á com o Fogo do Espírito Santo» (Mateus 3, 11).

Durante todo o longo, lento e penoso período da separação dos dois poderes, ou das duas linhagens, a linhagem real e a linhagem sacerdotal, as Iniciações assumiram — ou tiveram de assumir — determinadas formas e determinados padrões, de acordo com as épocas e as tradições esotéricas ou para-esotéricas onde se inserem e onde operam.

Podemos assim distinguir:

I. Formas de Iniciação proto-patriarcal (ver: Heindel 1995¹⁰):

- Iniciação real ou cainita;
- Iniciação sacerdotal ou sethiana.

II. Formas de Iniciação pré-cristã (ver: Magnien 1938):

- Iniciação *holoklêros*;
- Iniciação sacerdotal;
- Iniciação hierofântica, ou real.

III. Formas de Iniciação proto-esotérica (ver: Tourniac 1993):

- Iniciação de ofício;
- Iniciação cavaleiresca;
- Iniciação sacerdotal.

IV. Formas de Iniciação cristã esotérica (ver: Heline 1988⁶; Macedo 2000²):

- Mistérios Menores (Marcos, Mateus, Lucas);
- Mistérios Maiores (João).

Algumas das subdivisões destas formas iniciáticas foram interrompidas em dado momento histórico e extinguiram-se, outras, raras, têm conseguido manter-se até hoje; outras, ainda, mantêm-se na aparência mas já perderam o **Fogo** espiritual original: um fio tradicional, uma vez seccionado, não se pode reatar, tal como um fio telefónico, uma vez cortado, deixa de transmitir mensagens ainda que se lhe dê um nó. Se alguém descobrir os antigos rituais de uma tradição iniciática perdida e decidir recomençar a aplicá-los, de nada servirá: o **Fogo** vem de cima, não de baixo. Se não houver uma nova *Onda de Luz* trazida pelos Mestres — ou pelos Superiores Incógnitos, no dizer de Fernando Pessoa —, bem podem os oficiantes recitar as fórmulas e executar os gestos rituais que não farão mais do que lidar com cascas vazias — e a transmissão não passa.

EVOLUÇÃO DOS REGENTES HUMANOS E SUPERHUMANOS SEGUNDO MAX HEINDEL

(1) A Primeira Era, quando cada ser humano era uma unidade criadora completa, macho-fêmea, bissexual e regida por um Hierarca, Melquisedeque, que exercia o duplo cargo de Rei e Sacerdote.

(2) A Segunda Era, quando a divisão da raça em homens e mulheres, e a divisão de governo em Estado e Igreja, causaram guerras e lutas. O Estado abraça a causa da Paternidade e do Homem e eleva o ideal masculino das Artes, Ofícios e Indústria, encarnado em Hiram Abiff. A Igreja abraça a causa da Maternidade e da Mulher e mantém erguido o ideal feminino do amor e do lar, encarnado na Madona e seu filho. São os interesses conflitantes entre o homem e a mulher, o lar e o trabalho, a Igreja e o Estado, que causam as lutas econômicas, a guerra e as disputas com as quais a humanidade é atormentada e faz com que todos desejemos e oremos pelo reino da paz.

(3) A Terceira Era, quando um Cristo divino que, como Melquisedeque, exercerá o cargo duplo de Rei e Sacerdote e reinará sobre uma humanidade purificada e glorificada que se elevou do amor-sexo ao amor-alma.

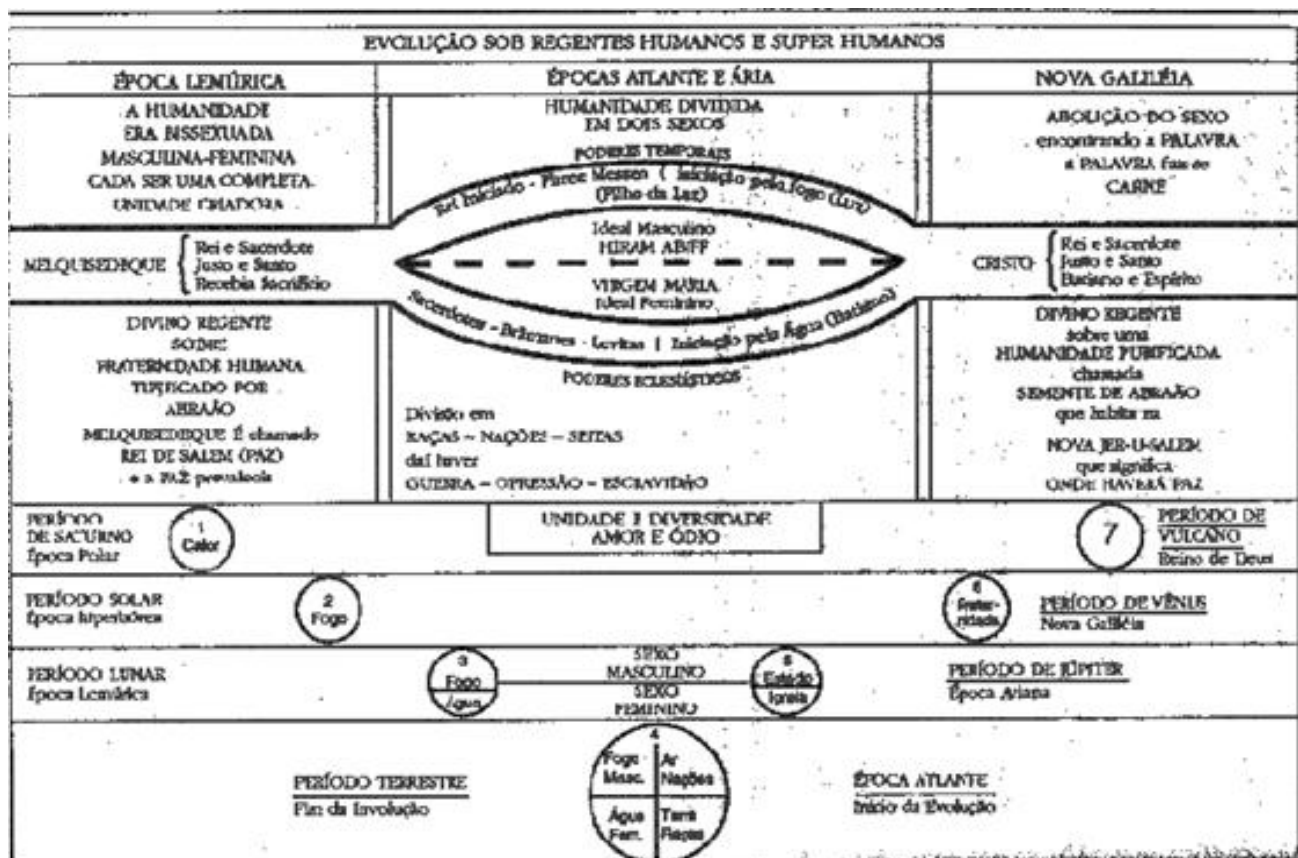


DIAGRAMA REPRESENTANDO A EVOLUÇÃO DOS REGENTES HUMANOS E SUPERHUMANOS SEGUNDO MAX HEINDEL, *Freemasonry and Catholicism*

4. O estabelecimento das Ordens e os mitos fundadores

No que concerne especificamente à Iniciação feminina, as Ordens que conferem a Iniciação real ou *cainita* e a Iniciação sacerdotal ou *sethiana* assumem especial relevância: uma delas (da linha cainita), na sua vertente especificamente masculina, tem subsistido até hoje (referimo-nos à Ordem Maçónica), ao passo que a respectiva contraparte feminina (a Ordem de Arachne) viu-se obliterada num dado momento histórico, tendo sido interrompida a sua transmissão iniciática regular. Por outro lado, e de modo semelhante, a Iniciação da linha sethiana na sua vertente feminina, que existiu nas comunidades cristãs de tipo gnóstico, foi igualmente obliterada mas por obra da hierarquia eclesiástica proto-ortodoxa e ortodoxa, masculina, que transformou a *Iniciação sacerdotal* em *Ordenação sacerdotal*, sendo esta última arbitrariamente vedada às mulheres e inscrita, com esta restrição, no cânone da Igreja católica desde os seus inícios até hoje (Macedo 2000², 233-245).

Para melhor entendimento, recuemos até à instauração do mito primordial.



ADÃO E EVA

Albrecht Dürer (Nuremberga, 21 de maio de 1471 — Nuremberga, 6 de abril de 1528)

De acordo com o mito bíblico relatado no Génesis, Adão e Eva viviam em inocência no paraíso (Eden), até que a «Serpente» convenceu Eva a comer os frutos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal; por sua vez, Eva deu a comer esses frutos a Adão, os olhos de ambos abriram-se e perderam a inocência (Génesis 3, 1-13). Com esse *conhecimento*, Eva e Adão entregaram-se à prática das relações

sexuais e Eva concebeu Caim (Génesis 4, 1). Desta lenda existe uma outra variante, extrabíblica, que remonta à tradição targúmica (*Targum Pseudo-Jonathan Genesis* 4, 1) e refere que o primogénito de Eva, Caim, não era filho de Adão mas de um Anjo caído, Samael. Segundo esta variante, os Elohim criaram primeiro Eva, e um deles, Samael, rebelou-se contra Jahvé, e a ele se juntaram outros Elohim rebeldes (Lucíferos). Samael uniu-se a Eva em contravenção ao que estaria programado para a espécie humana por Jahvé, grão-chefe de todos os Elohim, e dessa união nasceu Caim, que seria portanto de estirpe semidivina (pai divino, mãe humana), dotado com as respectivas capacidades: inteligência, inventividade, perícia criativa, herdadas de seu pai Samael — embaixador Lucífero de Marte na Terra (Heindel 1973², 298-299; Heindel 1995¹⁰, 71-75).

Anotemos desde logo que, tanto no mito bíblico, como no mito extrabíblico, Caim é sempre o primogénito, e nasce, quer num caso, quer no outro, em consequência da intervenção mais ou menos directa de um Espírito Lucífero, marciano, designado por «Serpente» por ter despertado o **Fogo Serpentino** da *kundalini*, transmitindo aos seres humanos o conhecimento da reprodução sexual bem como o conhecimento do progresso e desenvolvimento intelectual.

Antes porém de irmos mais adiante convém esclarecer alguns pontos sobre os quais a opinião dos esoterólogos diverge da opinião institucionalizada das Igrejas. A palavra hebraica *elohim*, que as Bíblias correntes traduzem por «Deus», na verdade é um plural, «deuses», e nessa forma plural aparece mais de duas mil vezes na Bíblia hebraica, a começar pelo primeiro capítulo do Génesis: «No princípio Elohim criou o céu e a terra» (Génesis 1, 1). A forma singular, *eloah*, também se encontra no Antigo Testamento: só no livro de Job, por exemplo, aparece cerca de 40 vezes. Excluída a frágil explicação do plural majestático, que de facto em hebraico não existe, certos autores interrogam-se acerca do real significado de não poucas passagens bíblicas, como por exemplo o seguinte versículo: «Elohim criou o ser humano [hebr. *ha-adam*] à imagem de si próprio, à imagem de Elohim o criou, macho e fêmea os criou» (Génesis 1, 27). Eis uma expressiva sentença que tem continuado a desencadear as mais controversas especulações: o Deus plural Elohim seria andrógino? Ou: não se trataria antes dum arcaico *panteão de deuses e deusas*, machos e fêmeas, aos quais a criatura humana se assemelharia?...

Um certo número de historiadores (cf. Frymer-Kensky 1992; Paul 2000; etc.) admite que os israelitas, à semelhança de outros povos que os antecederam no Médio Oriente como os sumérios, os acádios, os ugaritas, os egípcios, começaram por ser *politeístas*, em seguida tornaram-se *henoteístas* (devoção a um deus máximo exclusivo, o deus tribal Jahvé, aceitando embora a existência doutros deuses menores), até que finalmente se fixaram no *monoteísmo* conforme nos testemunham textos tardios como o Deuteronomio, em que o deus tribal Jahvé acabou por eliminar todos os outros deuses tornando-se único e universal: «Escuta, Israel, Jahvé é o nosso Deus, Jahvé é um só» (Deuteronomio 6, 4)

As mais divulgadas correntes esotéricas neo-ocultistas (Blavatsky, Heindel, Steiner, Aïvanhov, etc.), inspirando-se em autores de *theosophia perennis* dos séculos XVII e XVIII, e anteriores, sugerem que os Elohim correspondem às seis

Hierarquias Criadoras que trabalharam na evolução do ser humano a fim de trazerem o homem até ao ponto de adquirir uma forma física por meio da qual o Espírito interno pudesse funcionar. Assim, Jahvé seria o chefe dessas Hierarquias, e não exactamente o Ser Supremo com que redactores tardios o confundiram. Não podemos esquecer que os livros do Antigo Testamento bíblico tais como os conhecemos hoje, sobretudo os mais primitivos, resultaram de uma longa e arcaica tradição oral que foi por fim passada a escrito por sucessivas gerações de redactores e escribas, com as correcções, reformulações e deformações inevitáveis.

5. As duas linhagens: a do Fogo e a da Água



A ÁRVORE YGGDRASIL E AS DUAS LINHAGENS
J.A.Knnap

Ora, continuando a descrição do mito primordial que vínhamos relatando, o Espírito Lúcífero Samael ao ir contra as determinações de Jahvé e ao ter dotado os seres humanos com o Fogo do Conhecimento (compare-se com o mito grego de Prometeu!), incorreu na ira deste chefe hierárquico e foi obrigado por Jahvé a afastar-se de Eva antes do nascimento do seu filho Caim, que ficou assim conhecido como *filho da viúva*. Em seguida, Jahvé criou Adão para com ela se unir (o nome Eva vem duma palavra hebraica, *hawah*, que significa «dadora da vida»).

As correntes esotéricas que atrás referimos, e outras da mesma vertente neo-ocultista, pormenorizam e enfatizam o facto de os Espíritos Lucíferos (associados alquimicamente ao Fogo e astrológicamente ao planeta Marte) terem desvendado aos seres humanos o conhecimento da reprodução *física* (sexo) e da reprodução *intelectual* (voz, palavra de razão); Caim, de estirpe marcial e luciferina, cujo nome deriva duma raiz hebraica primitiva que significa «metalúrgico», deu naturalmente origem a uma descendência de artífices e de inventores — *homo faber* —, como se lê no capítulo 4 do primeiro livro bíblico (Génesis 4, 17-24).



A Morte de Abel, gravura de Gustave Doré, (1832-1883)

Por sua vez o segundo filho de Eva, Abel, este sim de Adão, acabou por ser morto por Caim, e a razão desta morte insere-se numa lógica histórico-civilizacional: Abel era pastor, e Caim agricultor. A pastorícia primitiva, por força da transumância a que é obrigada em busca de novos pastos, indicia um estágio anterior de evolução da humanidade em relação à agricultura, produto de técnicas de manipulação genética das plantas e do cuidado e amanho das terras que permitem ao homem fixar-se e crescer colectivamente, estabelecendo-se em núcleos urbanos. *A morte de Abel por Caim não foi um mitológico fratricídio, mas um facto comum à história das civilizações: Caim não matou o seu irmão Abel, matou o «modo primitivo de viver», o homo faber acaba por «matar» o outro homem, o que se mantém regressivo no estágio de pastorícia.*

Continuando o mito, ficamos a saber que, para substituir Abel, Adão e Eva geraram Seth, o qual por sua vez gerou Enosh dando origem à linhagem do *homo pius* — a classe devocional e sacerdotal —, tal como se diz na Bíblia: «Foi então que os homens começaram a invocar Jahvé pelo seu nome» (Génesis 4, 26).

Genealogia de Adão até Davi segundo a Bíblia											
Adão até Sem	Adão	Sete	Enos	Qüenan	Mahalalel	Jarede	Enoque	Matusalém	Lameque	Noé	Sem
Arpachade até Jacó	Arpachade	Selá	Éber	Pelegue	Reú	Serugue	Naor	Terá	Abraão	Isaac	Jacó
Judá até Davi	Judá	Perez	Ezron	Aram	Aminadabe	Naasom	Salmon	Boaz	Obed	Jessé	Davi

Ficam assim bem estabelecidas as duas grandes linhagens:

(1) A do *homo faber* que trabalha o **fogo**: — Dele derivam o aparelho de Estado e os reis, os artífices, a indústria, descendentes de **Caim** e associados ao Lucifero planeta Marte, deus do ferro, do fogo e da guerra. A respectiva Organização Iniciática, expressão interna do **sagrado real**, é o conjunto polar de duas Ordens: a Ordem Maçónica (**ROC**, ou Real Ordem dos Construtores) e a Ordem de Arachne (**ROT**, ou Real Ordem das Tecedeiras) (Macedo 2000², 211-218);

(2) A do *homo pius* submetido à **água** benta: — Dele derivam os clérigos, os devotos, os sacerdotes, descendentes de **Seth** e associados à húmida Lua, planeta da alma, da fecundação, das emoções. A respectiva Organização Sacramental, expressão interna do **sagrado sacerdotal**, é a Igreja (Heindel 1995¹⁰, 20-22).

6. As Ordens sagradas primordiais: cainita e sethiana

Acabámos de ver, segundo o que ensinam as mais comuns correntes esotéricas de tradição judaico-cristã e/ou hermesista neo-alexandrina, as origens das formas primordiais de Iniciação, a Iniciação real ou cainita (de Caim) e a Iniciação sacerdotal ou sethiana (de Seth). Convém deixar bem claro desde o início, e tal como já se esboçou mais atrás, que os respectivos *poderes hierofânticos*, o **poder real** e o **poder sacerdotal**, são **sagrados**, em oposição aos poderes e actos **profanos**. Já agora, e para acréscimo de esclarecimento, anotemos que o termo «sagrado», que deriva do participio latino *sacratus*, «consagrado», tem a sua origem inicial no verbo latino *secedere*, que significa «retirar-se», «apartar-se», «afastar-se», o que implica desde logo a ideia de alguma forma de núcleo iniciático, reservado e restrito, e da correlativa disciplina do segredo (*disciplina arcani*), no templo, no palácio ou no laboratório — no que se opõe ao que é permissível em campo aberto e aos que apenas podem ficar fora do templo, ou seja, os profanos (latim: *pro fanum*, «diante do templo»), não lhes sendo permitido o acesso-ingresso no respectivo recinto reservado.

Nunca será de mais repetir e acentuar que tanto o **sagrado real** como o **sagrado sacerdotal**, opondo-se embora ao mundo *profano* por serem campos *sagrados*, são-no todavia segundo modelos que têm seguido percursos divergentes ao longo duma extensa fase da História, senão mesmo conflituosos, como podemos observar por exemplo em todas as lutas que durante séculos opuseram, no Ocidente, o papado aos reis e imperadores. (A confirmar a *sacralidade* da linhagem *real*, e não apenas da eclesiástica e *devocional*, observemos o facto não inocente de os imperadores germânicos que se opuseram ao papado na Idade Média considerarem o seu império como **Sacro Império Romano**).

A Iniciação sethiana, ou Iniciação *sacerdotal*, manteve-se como Iniciação regular através de diversas tradições antigas (mesopotâmica, persa, judaica, grega, etc.) até ao momento da *exoterização* progressiva da tradição cristã com a preponderância crescente das comunidades cristãs proto-ortodoxas e ortodoxas que deram origem à Grande Igreja de Roma reconhecida e tolerada oficialmente por Constantino em 313 d.C., e imposta como religião *única* de todo o Império Romano, com proibição total do paganismo (e mesmo do cristianismo gnóstico e/ou esotérico) pelo imperador Teodósio em 391 d.C. No caso da tradição cristã, a *Iniciação sacerdotal* manteve-se nas comunidades de tipo esotérico (gnósticas, etc.) enquanto duraram, apesar das implacáveis perseguições que sofreram por parte da Igreja romana conforme se pode coligir de relatos históricos coevos e dos textos gnósticos que chegaram até nós, bem como da interpretação crítica que deles se pode fazer (Hoeller 2002, 81-92). Com a *exoterização* progressiva da linha eclesiástico-ortodoxa do cristianismo, a **Iniciação** sacerdotal desapareceu para dar lugar à **Ordenação** sacerdotal, e o sacerdócio deixou de ser *mysterium* para se tornar *sacramentum*, validamente conferido apenas aos baptizados do *sexo masculino* de acordo com o direito canónico da Igreja católica romana («Sacram ordinationem valide recipit solus vir baptizatus», cânone 1024 do *Codex iuris canonici* [Código do Direito Canónico], versão reformada do *Codex* de 1917, e promulgada em 25 de Janeiro de 1983 por João Paulo II).

Concentremo-nos, agora, na Iniciação cainita — originadora das Escolas de Mistérios e respectivas Iniciações *ocultas* —, uma vez que a Iniciação sethiana, própria da classe devocional e sacerdotal, não dá origem a Escolas de Mistérios devido à sua vertente exclusivamente *mística*. De acordo com o esoterista Oswald Wirth (1860-1943), o **ocultista** desenvolve a sua *individualidade* através da exaltação do Enxofre e a sua Iniciação é **masculina** ou dórica (Marte), ao passo que o **místico** conforma a sua *personalidade* aos princípios da Iniciação **feminina** ou jónica (Mercúrio segundo Wirth, Lua segundo Heindel), sendo que o ideal máximo a alcançar consiste na superior harmonização de ambos os princípios, a que Wirth chama o *Teurgo* e as correntes Rosacruz o *Adepto*, em que se concilia a elevada actividade intelectual do ocultista com a elevada passividade cordial do místico (Wirth 1975, cap. VI) (Para se complementarem mais detalhes sobre a diferença entre *Iniciação oculta* e *Iniciação mística*, ver: Macedo 2006, 37; Macedo 2000², 268-276).

Porquê a necessidade de duas Ordens contrapolares, uma masculina e outra feminina, a **ROC** (Real Ordem dos Construtores) e a **ROT** (Real Ordem das Tecedeiras) para a transmissão iniciática de determinados saberes — neste caso,

concretamente, os saberes e os segredos dos *ofícios reais* atinentes à *protecção mágica, astrológica, alquímico-hermética e cabalística* do corpo-templo do ser humano?

Para além de outras artes e ofícios respeitantes a outras tantas formas de protecção, como a medicina, a filosofia ou a arte de bem navegar, sempre se prestou, desde o início, uma especial atenção aos ofícios que protegem directamente o corpo-templo do ser humano das **«trevas exteriores»**, protecção essa realizada sob duas formas complementares, a *construção* protectiva com minerais e a *tessitura* protectiva com tecidos orgânicos.

Vejamos a origem desta dupla tradição esotérica.

7. A ROC e a ROT

Uma antiga tradição hindu descreve-nos a existência duma Grande Muralha circular que envolve o mundo, protegendo-o contra as influências maléficas ou nefastas de origem «negra». Essa Grande Muralha é uma imensa montanha em forma de anel chamada *Lokâloka* — a montanha é o símbolo de união entre o céu e a terra —, e separa o cosmo (*loka*) das «trevas exteriores» (*aloka*), e no centro desse vastíssimo círculo protector ergue-se o monte Meru, símbolo axial do centro do mundo. Reza ainda a lenda que nos finais da Idade do Ferro (*Kali-Yuga*) — a nossa época — a Grande Muralha começará a abrir «rachas» através das quais se infiltrarão progressivamente as forças destrutivas das «trevas exteriores», que o mesmo é dizer, as influências satânicas e o reino do Anticristo (Guénon 1989, 163-166). O cosmo, portanto, é o lugar da luz — a palavra sanscítica *loka*, que significa propriamente «lugar», tem a mesma raiz que o termo latino *lux, lucis*, «luz» —, e as trevas exteriores que o acometem (*aloka*) não são mais do que os invisíveis reinos infernais e purgatoriais a que os alquimistas da Idade Média e do Renascimento chamavam «mundo astral inferior». A conhecida expressão «trevas exteriores onde haverá choro e ranger de dentes» ocorre três vezes na Bíblia, e apenas no Evangelho de Mateus: no relato da cura do servo do centurião (Mateus 8, 5-13) e em duas parábolas sobre o Reino dos Céus (Mateus 22, 1-14; 25, 14-30).

De acordo com o preceito hermético *quod est superius ut quod est inferius* — como é em cima, assim é em baixo —, o mito da Grande Muralha circular que protege o Macrocosmo das influências malignas tem a sua contraparte microcós mica na «muralha» que o ser humano traça e erige na terra para se proteger, sendo que esta muralha é dupla, e executada em dois tipos de materiais, uns inertes, outros orgânicos:

— Em primeiro lugar: a muralha «de fora», feita basicamente a partir dos *reinos minerais* (pedra, tijolo, etc.) e é o edifício (templo, palácio, laboratório, casa, etc.);

— Em segundo lugar: a muralha «de dentro», feita a partir dos *reinos vivos* ou *orgânicos* (fios de origem vegetal: linho ou algodão, e fios de origem animal: lã ou seda), e é a veste que se usa junto ao corpo ou a tapeçaria que, no interior da casa, reforça a magia defensiva desta.

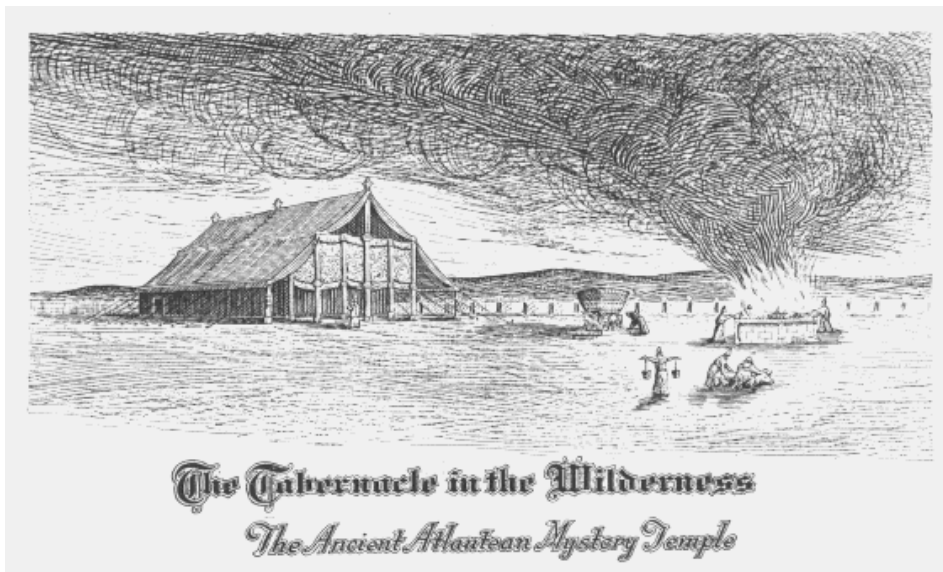
Temos assim que a primeira é da competência iniciática da Ordem Maçónica, ou **Real Ordem dos Construtores (ROC)**, e a segunda compete à Ordem de Arachne, ou **Real Ordem das Tecedeiras (ROT)**.

Ambas as Ordens vão beber os seus princípios na mesma Geometria Sagrada que confere o conhecimento dos *traçados eficazes* que tanto defendem o ser humano das intempéries físicas como das invisíveis energias negativas, conhecimento transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo — ou de mestra a discípula.

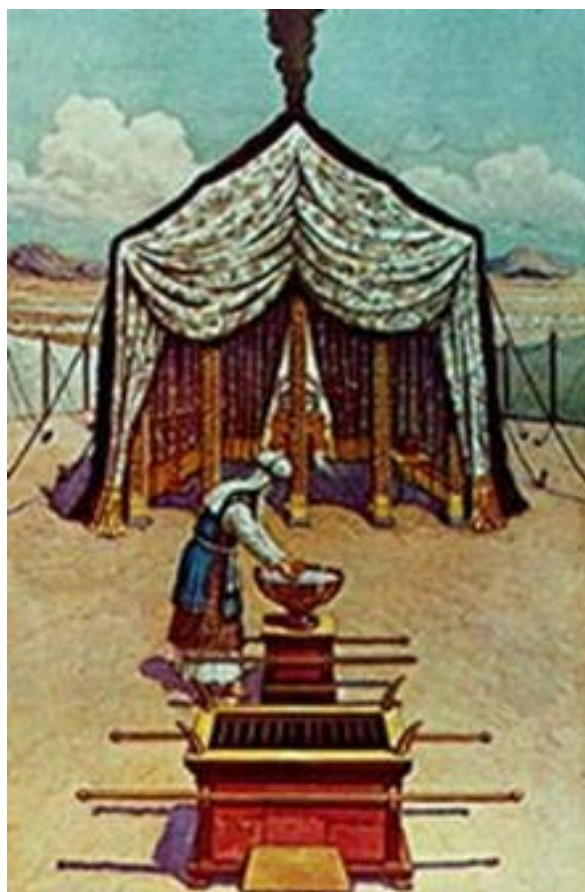
A casa, de pedra bruta talhada em «pedra polida», ou melhor, em «pedra cúbica», constitui a primeira linha de defesa contra as «trevas exteriores», ao passo que a veste, tecida de delicados fios orgânicos, constitui a segunda barreira, mais fina mas não menos eficaz, aderente ao *templo de Deus* que é o corpo, no dizer de Paulo: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o espírito de Deus habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16).

O que é válido para a geometria arquitectónica da casa, é válido para o tecido. A urdidura dos seus fios, quer seja cruzando-se (cruz), quer entretecendo-se em espirais (labirinto), quer noutras formas, representa uma barreira e uma defesa, não só contra os inimigos físicos (calor, frio, humidade, animais, etc.), como sobretudo contra as influências psíquicas hostis: se os *ritos secretos* forem correctamente realizados, aquelas urdiduras serão dotadas com um real valor de protecção, e isto duplamente, não só impedindo que penetrem as influências maléficas do exterior, mas também que saiam e se dispersem as benéficas provindas do interior (Guénon 1962, 375).

É esta, pois — segundo as mais antigas tradições esotéricas do Ocidente —, a origem das Ordens iniciáticas que repercutem nos níveis *somático* e *psíquico* do ser humano, e que exigem iniciações diferenciadas segundo os sexos e as castas, em contraste com a Superior Iniciação Cristã, de carácter *noético* e *pneumático*, segundo a qual «já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há varão nem mulher, pois todos vós sois **um** em Cristo Jesus» (Gálatas 3, 28).



O Tabernáculo no Deserto, Max Heindel

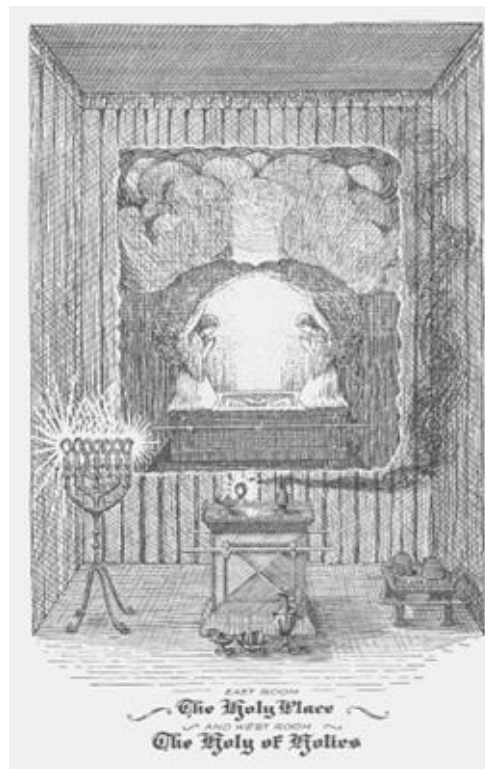


O Tabernáculo no Deserto, J.A.Knapp

O ser humano, como lemos nas epístolas de Paulo (1 Tessalonicenses 5, 23), é um composto de corpo (*sôma*), alma (*psychê*) e espírito (*pneuma*). Ora, as Iniciações da Antiga Aliança apenas repercutiam no *corpo* e na *alma*; em contrapartida, a Iniciação dos novos **Mistérios Cristãos**, mais elevada que as

anteriores (Iniciação *espiritual*), deixou de ser sectorizada e abriu-se para ambos os sexos e para todas as castas e raças, e isso foi possível graças à Dispensação Crística acessível a **todos** — os tais «*todos*», como diz Paulo, que são «**um** em Cristo Jesus» —: no momento em que Jesus expirou na cruz, «o véu do Templo rasgou-se ao meio, de alto a baixo» (Mateus 27, 51; Marcos 15, 38; Lucas 23, 45), abrindo-se simbolicamente a passagem entre o Lugar Santo onde era queimado o incenso do *serviço*, e o sacratíssimo Santo dos Santos (*Sanctum Sanctorum*) onde se guardava a Arca da Aliança, pois era esse véu, descrito no livro do Êxodo, que separava e isolava aqueles dois compartimentos do santuário. Com essa abertura para a *divina espiritualidade presencial* (**Shekhinah**) residente na Arca da Aliança, a Iniciação cristã elevou-se espiritualmente em relação às antigas Iniciações:

— Elevou-se do corpo e alma (*sôma* e *psychê*) para a mente superior e espírito (*noûs* e *pneuma*).



O LUGAR SANTO E O SANTO DOS SANTOS
Max Heindel

O intelecto superior (*noûs*) e o espírito (*pneuma*) são **idênticos** tanto para o homem como para a mulher, mas os respectivos corpos (*sôma*) são polarmente diferentes, tais como as respectivas almas (*psychê*); assim, a **ROC**, ou Ordem dos Arquitectos-Maçons trabalhadores da pedra bruta (mineral), só podia ser integrada por homens, de **corpo físico positivo e corpo anímico (psíquico) negativo**, aptos a trabalhar iniciaticamente os pesados e inertes minerais, ao

passo que a **ROT**, ou Ordem das Tecedeiras, só podia ser integrada por mulheres, de **corpo físico negativo e corpo anímico (psíquico) positivo**, aptos à subtileza do trabalho iniciático com o fio vegetal ou animal.

Esta é a principal razão, senão a única, por que a Iniciação Maçónica não convém às mulheres, visto repercutir de forma polarmente oposta sobre os seus veículos somático e anímico; devido a uma deformada compreensão do que é a **Ordem Maçónica** — decaída em simples «Maçonaria» que em certas Obediências, hoje, pouco mais é do que um clube em vez de uma Ordem iniciática —, as mulheres indignam-se com a sua exclusão desse «clube», e têm exigido — e conseguido — obter ingresso quer em Lojas maçónicas com adopção feminina, quer em Lojas mistas, quer em Lojas especificamente femininas, esquecendo que a sua constituição somático-anímica, ou somático-psíquica, torna inúteis senão mesmo perniciosas tais iniciações, uma vez que a sua linha iniciática é outra. (Uma interessante excepção a este condicionamento poderá estar na Carbonária Florestal, como tentaremos indagar mais adiante).

Comprendemos os problemas que isto levanta se atendermos ao facto de a Ordem Maçónica, sucedânea especulativa da ROC, se ter mantido até hoje sob as diversas formas que têm assumido as Obediências maçónicas, mais ou menos regulares; mas, mesmo em casos de *regularidade* duvidosa, pode-se dizer que a transmissão iniciática dos segredos protectores da ROC não sofreu interrupções, ao passo que da ROT não subsistem actualmente vestígios comprováveis dos quais se possua um conhecimento inquestionável e fidedigno.

Trata-se, sem dúvida, de um grave problema que a *Iniciação feminina protectiva* contra as «trevas exteriores», da competência da ROT, enfrenta nos dias de hoje — a ROT foi interrompida num dado momento histórico, foi misteriosamente eliminada do tablado iniciático e o seu fio tradicional perdeu-se, perdendo as mulheres do mesmo passo a sua específica *Iniciação de ofício protectivo*. E, já o dissemos, um fio tradicional uma vez quebrado não se pode reatar.

Tentemos examinar e compreender como é que isso aconteceu.

8. A deusa-padroeira das Tecedeiras

Há quem pretenda que vestígios da antiga ROT, em tempos relativamente recentes, se poderiam descobrir neste ou naquele lugar, neste ou naquele grupo, como lemos por exemplo em René Guénon sobre uma corporação feminina de *épinglières* (alfineteiras), no século XVIII, em França, que se teria vinculado em *compagnonnage* (Guénon II-1992, 24-nota) ou em J. Leite de Vasconcelos ao referir, em livro publicado em 1913, que «no Alto-Minho as tecedeiras invocam como sua advogada a *Senhora da Enderença*, e em Trás-os-Montes a *Senhora das Dores*»: estas Senhoras seriam o substituto cristão da deusa Minerva, padroeira do fiar e do tecer (Vasconcelos III-1913, 572-nota 3).



*NOSSA SENHORA DAS DORES,
Paraquia de Alba de Tormes, Salamanca*

A referência a Minerva neste contexto lusitano é-nos testemunhada por S. Martinho de Dume, ou de Braga (518-579 d.C.), na sua obra *De Correctione Rusticorum*, um sermão que Martinho escreveu para combater as superstições rústicas da Galécia (Galiza e actual Minho) e que se nos revela precioso pelas informações que aduz sobre costumes e usos ancestrais da região. Aí diz Martinho, no § 16 do seu texto, que «voltaram ao culto diabólico» os que acreditam em adivinhações e agouros, festejam os ídolos, proferem palavras mágicas, etc. — e as tecedeiras que imploram a Minerva: «Mulieres in tela sua Minervam nominare et Veneris diem in nuptias observare et quo die in via exeatur adtendere, quid est aliud nisi cultura diaboli?» (Que as mulheres invoquem Minerva para urdir as suas telas, observem nas núpcias o dia de Vénus, e atendam ao dia em que se faz a viagem, que outra coisa é senão o culto do diabo?)



MINERVA

Deusa da sabedoria, das artes e da guerra, era filha de Júpiter. Correspondente à grega Atena.

E por que é que as tecedeiras invocavam Minerva?

Trata-se duma tradição muito antiga já citada nos textos hebraicos do Antigo Testamento bíblico, os quais dão testemunho de tradições ainda mais antigas, talvez de origem egípcia e ugarítica, que teriam passado para a tradição hebraica e posteriormente para Grécia e Roma.

O Templo de Salomão foi decretado como único local de veneração a Jahvé, em todo o reino de Judá, pelo rei Josias (século VII a.C.). Depois de ter descoberto no Templo o Livro da Lei (que aparentemente desconhecia), Josias reformou o culto a fim de evitar as calamidades previstas pela profetisa Hulda (2 Reis 22, 1-20). Em consequência dessa descoberta do Livro da Lei, Josias mandou expulsar do Templo as *Tecedeiras Sagradas*, devotas à deusa-Mãe **Asherah**. A mais antiga representação da deusa Asherah, esculpida numa caixa de marfim, foi encontrada nas escavações da antiga cidade de Ugarit (actual Ras Shamra), na Síria, e data do século XIV ou XIII a.C. Deusa semita de grande antiguidade, o seu nome completo significa «Aquela-Que-Se-Passeia-No-Mar». De acordo com textos escritos em caracteres cuneiformes ugaríticos, em tabuínhas de barro, o esposo de Asherah era o deus **El** (deus do céu, e depois Baal, «Senhor»), e foram progenitores de 70 deuses. A deusa da fertilidade e da regeneração Asherah é citada no Antigo Testamento bíblico (1 Reis 15, 13; 2 Crónicas 15, 16), e tem sido equiparada à deusa-padroeira das Tecedeiras Sagradas egípcias, hebraicas, cananitas, sírias, gregas e latinas, devotas de Neith-Asherah-Manevrah-Athena-Minerva...



ATHENA

Homero, na *Odisseia*, ao referir-se a Athena, deusa guerreira e sapiencial, diz em repetidos passos que era «hábil em primorosos labores», referindo-se à arte de tecer em que a deusa era exímia e que tutelava. Athena — a quem os romanos chamavam Minerva — identificava-se, segundo Platão (*Timeu*, 20d), com a deusa Neith, uma das mais antigas da Líbia e do Egipto, também *guerreira* e *tecedeira*, misteriosa associação que une na mesma *tessitura* as estratégias rituais da *sabedoria*, do *amor*, do *combate* e da *defesa* do frágil corpo contra o assalto das energias negativas das **«trevas exteriores»**, conforme já tivemos ocasião de realçar no capítulo anterior.



NEITH

No *Livro dos Mortos* dos egípcios a deusa Neith — cujo nome significa «a que existe», ou a eterna — é invocada como a «Senhora de Saís» (*Livro dos Mortos* XLII, 7; CLXIII, 13), cidade que se tornou célebre pelos tecidos de linho que aí se fabricavam e onde a deusa tinha um oráculo e um templo admirável pela sua grandiosidade e riqueza, que fora mandado edificar pelo rei Ahmose I do Egipto, fundador da 18.^a dinastia. Um dos seus santuários era uma escola iniciática de sacerdotisas-tecedeiras, ou bordadoras, chamada Hait Monkhitu («Casa dos Panos»), e aí se urdiam e bordavam as vestes para adorno dos deuses e dos mortos.

Reza uma antiga tradição que os saítas, orgulhosos da importância e beleza dos seus tecidos e urdumes, expunham em especiais festas a estátua da deusa na figura duma mulher com uma lançadeira de tear na mão direita, e davam a esta imagem o apelativo de *Manevrah*, que significaria «ofício de tecelagem» — donde teria derivado o nome de Minerva.

9. A Ordem de Arachne



Arachne

Artista desconhecido (atribuído à Susan Seddon Boulet [1941-1997])

Chegados aqui, e com os dados de que dispomos, talvez nos encontremos neste momento um pouco mais habilitados para levantar uma pontinha do véu do mistério que recobre o desaparecimento da Iniciação feminina protectiva, ou seja, o da Real Ordem das Tecedeiras (ROT).

Dizia-se que a primordial Iniciação da ROT fora bebida nos Mistérios Órficos, pois a filha de Cibele-Deméter, Perséfone, era a Koré, ou a jovem vegetação filha da Terra-Mãe, toda ela *tecida* à semelhança do vasto *peplum*, ou colorido manto recamado, que é o céu, sendo este como que a vestimenta dos deuses urânicos: Koré seria portanto a *divina tecedeira* iniciadora da ROT (Dujols 1991, 89). Tal como a doméstica Penélope, em contrapartida, teria dado origem ao ofício profano — das mulheres que ficam em casa. Mas de Penélope falaremos mais tarde.

Na desafortunada ausência de documentos históricos, poderemos sempre — não sem risco, embora — tentar descodificar a *verdade oculta* que se encontra arcanamente camuflada nos **mitos**.

Um desses mitos, e dos mais instrutivos, referente ao *corte oculto* que sofreu a Iniciação feminina é o de Arachne, que vem referido em alguns autores antigos, como Virgílio, Ovídio, Sérvio, Plínio... O autor que mais o pormenoriza é Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) na sua obra-prima *Metamorfoses*, um longo poema em quinze livros onde encontramos esse mito bastante desenvolvido e repleto de sugestivas pistas.



A esfinge de Gizé, com a pirâmide de Quéfren ao fundo.

As *Metamorfoses* são um poema épico único no seu género, uma exaustiva antologia cronológica de episódios mitológicos e lendários em que o tema recorrente e obsessivo é o da metamorfose, ou da transformação, ou melhor ainda: da *transmutação* — o que nos revela o cariz alquímico de toda a obra. Na enorme colecção de histórias narradas nem sempre é óbvia, todavia, a transmutação do chumbo em ouro, pelo contrário, quase sempre parece cair-se na regressão — como se fosse possível reverter do ouro ao chumbo! Na verdade, as fábulas das *Metamorfoses* em que seres humanos prevaricam e são castigados (*provados*), sendo transformados em monstros, em plantas, em animais, ou mesmo em minerais, não estão a historiar uma regressão, mas a propor um *símbolo* que terá de ser entendido num contexto *probatório* — a «prova da Esfinge» —, e portanto *iniciático*, uma vez que a Esfinge resume a *prova dos quatro elementos*, ou das

quatro naturezas: o corpo de touro (Terra), as asas de águia (Água), o rosto humano (Ar) e as garras de leão (Fogo) são mais do que claros índices da *occulta philosophia* hermética velada/desvelada nos mitos do poema.



Esfinge grega
Museu do Templo de Apolo, Delfos

O mito de Arachne, no caso que nos ocupa, relata-nos um determinado drama histórico: o drama duma tradição perdida. E as circunstâncias dessa perda, dissimuladas sob a cifra e o símbolo, são-nos descritas precisamente nos 142 versos do livro VI daquela obra de Ovídio que a esse mito se referem.

Quem era Arachne? Começemos pela sua ascendência. Natural de Cólofon, cidade da Jónia, na Ásia Menor, o seu pai Idmon tingia lãs com púrpura da Fócida:

Phocaico bibulas tingebat murice lanas (Ovídio 1961, VI, 9).

Era ele pois um *tintureiro*, modo velado de desvelar que se tratava dum *espagirista*, cuja arte Fulcanelli nos pormenoriza no seu livro *As Mansões Filosófais*: a Espagíria é a contraparte manipulatória da Alquimia, inspirando-se nos altos princípios herméticos desta última mas descendo aos secretos labores sobre a matéria que permitem obter surpreendentes efeitos práticos. As transmutações que a Alquimia contempla na sua filosofia espiritual materializam-se na arte espagírica, que tanto ajuda ao vidreiro como ao metalúrgico, ao tintureiro, ao esmaltador ou ao que pretende obter ouro. Arachne, filha dum espagirista, era pois uma iniciada na arte de *tecedeira* em que se tornara incomparável. A sua fama ia tão longe que as ninfas das montanhas e dos rios da Frígia e da Lídia saíam das grutas onde habitavam para vir admirar os seus trabalhos, e era tão perfeita a tecer que se dizia ter sido ensinada por Palas — nome ritual da deusa Athena, outras vezes também chamada, redundantemente, Palas Athena.



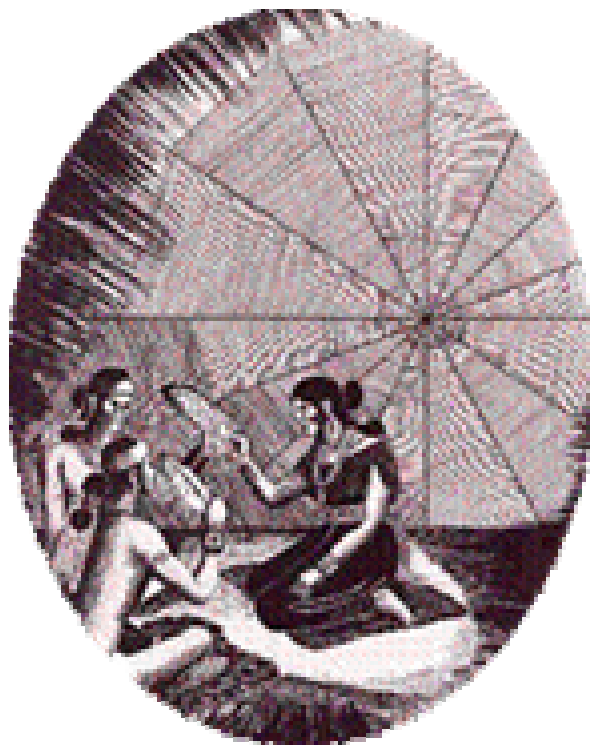
Athena e Arachne

Arachne, tão hábil a tecer como orgulhosa, detestava que a considerassem discípula de Athena, pois entendia que os segredos da sua arte de ninguém os aprendera e só a ela mesma os devia, e um dia ousou desafiar a própria deusa: «Que venha competir comigo, disse, a tudo me submeterei se for vencida!» (Ovídio 1961, VI, 25).

Athena tentou dissuadi-la, mas Arachne, ousada e insubmissa, persistiu, e por fim a deusa, irritada, aceitou disputar com ela a prova de quem haveria de tecer a melhor tapeçaria. Passemos por alto a extraordinária descrição que Ovídio faz dos trabalhos de ambas, e realcemos apenas que a tapeçaria de Arachne ilustrou em expressivas imagens o assédio sexual de deuses machos às pobres mortais desprevenidas, a algumas ninfas e até a divindades, como por exemplo Júpiter disfarçando-se de touro para raptar a jovem Europa, de cisne para cativar Leda, de sátiro para violar Antíope, de serpente para penetrar Prosérpina, de ouro para seduzir Danae, de fogo para fascinar Egina, ou Neptuno disfarçado de touro para possuir a virgem Arne, filha de Eolo, de carneiro para conquistar Bisaltis, de rio para sujeitar Ifimédia, mulher de Aleus, de cavalo para seduzir a deusa Ceres, de golfinho para violar Melanto filha de Proteu, que gostava de cavalgar golfinhos... e vários outros, como Apolo, Baco, Saturno...

O trabalho de Arachne era tão perfeito que a deusa não suportou a afronta da terrível acusação, que ultrapassou os limites da impiedade: era o grito da Iniciada que não tolera o ultraje à sua essência de ser humano e sobretudo de mulher: os deuses machos têm o sexo feminino em tão baixa conta que entendem ser a melhor maneira de conquistá-lo o disfarçarem-se de animais ou de minerais!

A deusa Athena em cólera despedaçou a tapeçaria de Arachne onde os divinos e nefandos crimes se exibiam, e bateu-lhe no rosto, três ou quatro vezes, com a lançadeira que tinha nas mãos. Arachne desesperada correu a enforcar-se mas, no momento em que se suspendeu, Athena impediu-a de morrer — e transformou-a em **aranha**, supensa do fio.



*Vestígios da tradição Arachne entre os Navajos,
descendentes dos Atlantes*

É nítido, neste *mythos*, o contorno duma *tradição iniciática* que se perdeu. A arte de fiar e de tecer, possuída pela deusa mas cujos *segredos eficazes* Arachne herdara e aprimorara a partir duma longínqua tradição (o pai era um espagirista, mas ela era uma alquimista!), remonta aos tempos pré-atlantes, e o corte, ou a suspensão, que o mito relata pela queda no *estatismo animal* desvenda-nos que a Real Ordem das Tecedeiras (ROT) teve o seu fim nesse ponto conflituoso do certame entre Arachne e Athena. A **aranha**, ao contrário da evolutiva humanidade, é incapaz de *melhorar* a sua **teia**, ou o seu bordado, tal como as abelhas que Virgílio nos descreve no livro IV das *Geórgicas* mostram tanta habilidade técnica a fazer o mel como passados mais de dois mil anos as abelhas de hoje, que não acrescentaram nada ao que as suas ancestrais já sabiam.

10. A decaída de Penélope



PENELOPE
Representada como uma estátua no Vaticano

Para melhor intelecção do que se disse no capítulo anterior, acrescente-se uma breve referência a uma outra tecedeira — Penélope.

A lenda de Penélope, a fidelíssima esposa de Ulisses, é bem conhecida. Muitos autores antigos a glosaram mas foi Homero quem pela primeira vez a narrou, na *Odisseia*. Durante os vinte anos em que Ulisses esteve ausente devido à Guerra de Tróia e às aventuras que lhe sucederam no regresso e retardaram a sua volta ao lar, Penélope sempre resistiu a quebrar os votos matrimoniais. Rodeada de pretendentes que a consideravam viúva, fez saber que escolheria um novo marido apenas quando terminasse uma certa teia que se propôs tecer — a mortalha do sogro dela, Laertes, já muito idoso e não muito distante dos últimos dias de vida. Penélope ordenou às servas que levantassem um grande tear na sala e pôs-se a tecer o funéreo manto; durante o dia, trabalhava no tecido; de noite, porém, às escondidas, desmanchava quanto urdira à luz do dia. Deste modo conseguiu enganar os pretendentes durante três anos, até que foi descoberta — mas Ulisses chegou a tempo e trucidou os pretendentes com requintes de crueldade... (Homero 2003, II, 85-128; XIX, 104-250; XXII, 1-501).



Odysseus and Penelope by Francesco Primaticcio (1563)

Ao contrário de Arachne, mulher forte da mesma raça das Amazonas que venceram as Górgonas, conquistaram os Atlantes, cercaram Atenas e invadiram o Egito, até serem vencidas por Teseu (advento do patriarcado), Penélope é a submissa, a que aceita o destino, e a sua teia é a do subterfúgio para permanecer enclausurada no lar, fiel ao homem e a ele submetida. Tão submetida ao homem que obedece ao próprio filho, Telémaco, «para agradar aos deuses». A arte de Penélope não foi, assim, coarctada por nenhuma deusa em cólera, mas tão-pouco se insere numa autêntica tradição iniciática: é apenas a arte e o mester de quem aprendeu dos homens e não dos Mistérios, é a arte das tecedeiras e bordadoras populares, domésticas, que se limitam a transmitir antigos simbolismos e segredos de ofício de mães para filhas mas que ignoram os verdadeiros traçados de Geometria Sagrada, capazes de proteger o templo-corpo do ser humano das fatais arremetidas das «trevas exteriores».

11. Um fio tradicional alternativo?

Dissemos mais atrás que a ROT foi interrompida num dado momento histórico, o seu fio tradicional regular perdeu-se e as mulheres perderam em consequência a sua específica e feminina *Iniciação de ofício protectivo*.

Ora bem, talvez na verdade não tenha sido totalmente quebrado, esse fio tradicional, tendo-se misteriosa e ocultamente transmitido através das curandeiras, ou médicas, *mulheres que lidam eficazmente com os tecidos orgânicos*, outra forma de tecedeiras, e dessa Ordem oculta há vestígios ao longo dos tempos, dos quais um dos mais ilustrativos — e impressionantes... — é o da

perseguição que foi movida às curandeiras pelos homens ciosos da «sua» (deles) arte médica, e correlatas prerrogativas patriarcais, perseguição que muito contribuiu para a famosa caça às bruxas nos séculos XIV a XVII.

Ainda não há muito tempo, historicamente falando, a profissão de médico só podia ser desempenhada por homens, e por homens de barba! De facto, no século XIX e no início do século XX um jovem médico tinha de esperar que lhe crescesse uma barba de severo porte antes que pudesse ser considerado respeitável e lhe fosse concedido acesso às alcovas de senhoras doentes sem escândalo dos respectivos pais, irmãos ou maridos. Bom, este truque das barbas não era de todo inocente e não tinha apenas a ver com o pudor das damas que aos médicos recorriam, era um truque manhoso do «género masculino» para impedir que as mulheres ingressassem na profissão médica, pois dificilmente poderiam ter barba a menos que fossem alguma rara curiosidade de circo.

A verdade é que as mulheres, portadoras de vida no seu seio materno, sempre manifestaram desde remotas idades uma tendência natural para ser médicas, ou no mínimo curandeiras, pela sua arte de lidar eficazmente com *tecidos vivos*:

«As mulheres sempre praticaram a arte de curar. Elas foram as médicas e anatomistas não licenciadas da história ocidental. Faziam os abortos, eram enfermeiras e aconselhadoras. Eram farmacêuticas, cultivando ervas medicinais e trocando entre si os segredos do seu uso. Eram parteiras, viajando de casa em casa e de aldeia em aldeia. Durante séculos as mulheres foram médicas sem grau académico, excluídas dos livros e das instituições de ensino, e passavam as suas experiências de vizinha para vizinha e de mãe para filha. Eram chamadas “mulheres de virtude” pelo povo, bruxas ou charlatãs pelas autoridades. A medicina faz parte da herança histórica das mulheres» (Ehrenreich & English 1973, 2).



Longe nos levaria o fascinante (e aterrador...) percurso que fez com que os homens se assenhoreassem dum excelso labor tradicionalmente desempenhado por «mulheres de virtude», travando uma luta sem quartel contra elas, com fogueiras e tudo, até ao imperialismo das barbas do século XIX. Limitemo-nos a alinhar alguns marcos históricos de referência.



A deusa Gula,
que por vezes assumia outras designações:
Nintinugga, Ninisinna, Baba...

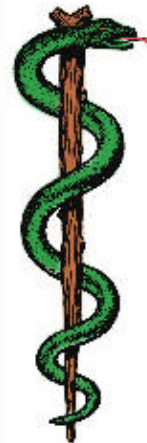
Na fase histórica mais antiga da Mesopotâmia, mais concretamente na primitiva Suméria, os médicos que praticavam métodos de «cura natural» invocavam a deusa Gula que por vezes assumia outras designações: Nintinugga, Ninisinna, Baba... Aliás, as actividades básicas mais importantes para a subsistência da vida civilizada estavam a cargo de deusas: o uso e tecelagem de vestuário, a alimentação com trigo e o fabrico e fermentação da cerveja, e o seu consumo. Assim, a lã representada pela deusa Lahar, é tecida e transformada em veste pela deusa Uttu; a deusa Nisba tinha a seu cargo o crescimento e a ceifa das searas; a fermentação da cerveja era a divina obra da deusa Ninkasi. Quanto à arte médica, a deusa que dela se encarregava era como dissemos Gula, a mais invocada porque conhecia as plantas, sendo por isso a grande médica do povo, e tanto ela como as suas congéneres eram por vezes referidas nos textos cuneiformes como «ressuscitadoras de mortos» (Frymer-Kensky 1992, 32-39).

Atente-se na seguinte particularidade, quase se poderia dizer *alquímica*, da importância da *transmutação* associada à primordial função hierofântica da divina Iniciação feminina: «Cozinhar os grãos de trigo, fermentar cerveja e tecer roupas e vestimentas, são actividades que partilham um atributo essencial: são *transformações*. Linho e lã transformam-se em vestuário; grãos de cereais, indigestos, transformam-se em pão e cerveja. Assim, substâncias naturais que não são imediatamente benéficas para a humanidade transformam-se em produtos culturais preciosos para o bem-estar humano. Esta criação de alimento e vestuário “civilizados” a partir de elementos naturais é a *transformação* básica da “natureza” em “cultura”, e, como tal, sempre foi uma ocupação arquetípica feminina» (Frymer-Kensky 1992, 35).

Com o decorrer do tempo as competências tradicionalmente atribuídas a deusas foram sendo transferidas para deuses machos, e usurpadas por estes: na transição do segundo para o primeiro milénio a.C., na Mesopotâmia, a tradição mágica de cura concentrou-se finalmente no deus Marduk, depois de ter passado entretanto para o filho de Gula, Damu, que de início era uma filha. O mesmo sucedeu com outras funções que ficaram sob a tutela dos deuses machos An, Enlil, Enki, Ea...



ASCLÉPIO, DEUS DA MEDICINA
COM O BASTÃO E A SERPENTE



A historiadora Tikva Frymer-Kensky (1943-2006), professora de Bíblia hebraica e história do judaísmo na Universidade de Chicago, e especialista em assiriologia e sumerologia, pormenoriza com uma fascinante soma de dados o desenrolar histórico que paraleliza a sociedade civil mesopotâmica e o universo dos deuses: o «eclipse das deusas», como lhe chama Frymer-Kensky (Frymer-Kensky 1992, 70-80), reflecte uma transição semelhante nas sociedades antigas, na relação de primazias entre funções tradicionalmente femininas que a pouco e pouco se tornaram tradicionalmente masculinas, na onda de mudanças sociológicas que abriram caminho para o que tem vindo a ser chamado «patriarcalismo». Ainda que não sejam bem conhecidas todas as razões para este progressivo declínio das funções sociais das mulheres — e seu reflexo nos céus, ou nas «deusas» —, tal declínio da visibilidade feminina não é plausível que possa ser atribuído apenas a causas étnicas, como já se tem tentado, mas talvez tivesse sido, eventualmente, função da mudança do regime das cidades-Estado para o regime das muito mais vastas nações-Estado, com todas as mutações e reconversões desencadeadas sobre os respectivos sistemas sociais e económicos. Uma tal transição é sobretudo sensível a partir do período babilónico antigo (aprox. 1600 a.C.), em contraste com a preponderância feminina, que já vinha desde há mais de 3000 anos a.C.

12. Das tradições mesopotâmica e judaica à modernidade ocidental

Tendo Israel em parte sofrido não só a influência egípcia (mito de Moisés iniciado no Egito conforme nos testemunha o livro dos Actos dos Apóstolos 7, 22: «Moisés foi instruído em toda a sabedoria [gr. *sophia*] dos egípcios, e era poderoso nas suas palavras e nas suas obras»), como também a dos povos mesopotâmicos (sumérios, acádios, assírios...) não surpreende que tenha herdado muito da sua cultura e dos seus tiques sócio-religiosos, tal como não surpreende, igualmente, que o deus tribal Jahvé dos hebreus, na transição do henoteísmo para o monoteísmo, tenha conglobado em si as tais competências sucessivas de deusas e deuses, como já vinha sucedendo na área do Médio Oriente onde se insere a história hebraica. Daí resultou o domínio e o poder que a Bíblia hebraica atribui a Jahvé sobre o corpo humano, domínio que se exerce através do poder de *cura* e de *procriação*, além de todos os outros poderes que primitivamente pertenciam a um panteão de deusas e deuses (Frymer-Kensky 1992, 95).

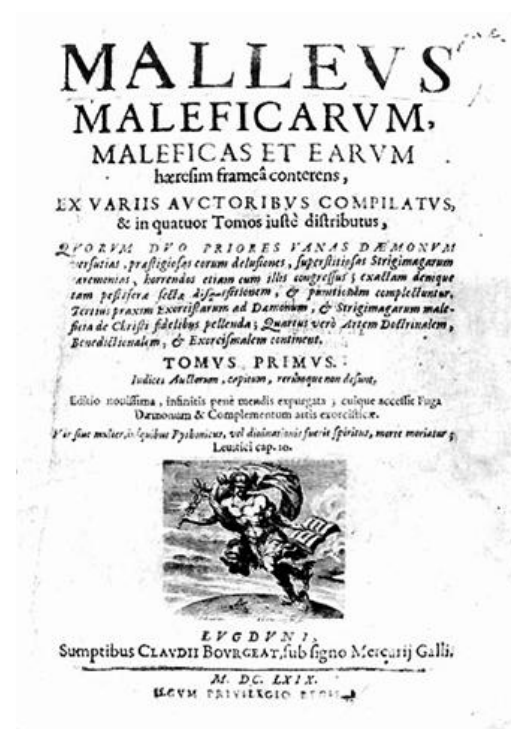


MOISÉS, DE MICHELANGELO

Ao observar atentamente a estátua, pode-se verificar que Moisés possui um par de chifres acima os seus olhos, nascendo por baixo dos seus cabelos. Uma explicação para o sucedido poderá ser a tradução errada de karan em vez de keren que significa raios (de luz) em vez de cornos, feita por São Jerónimo para o latim.

No Ocidente, e por obra da tradição religiosa-cultural judaico-cristã, este patriarcalismo despótico do todo-poderoso Jahvé teve os seus reflexos sobre o comportamento da Igreja e das instituições de poder em relação ao conflito que começou a opor, às «mulheres de virtude» conhecedoras dos mistérios dos tecidos

orgânicos, os homens que se assenhorearam do poder eclesiástico e do poder universitário: «Enquanto as bruxas exerciam as suas práticas curativas entre o povo, as classes dominantes cultivavam a sua própria estirpe de curandeiros seculares: os médicos formados pelas universidades. No século que precedeu o início da “caça às bruxas” — o século XIII — a medicina europeia estabeleceu-se firmemente como ciência secular e como *profissão*. A profissão médica, então, empenhou-se activamente na eliminação das mulheres curandeiras — por exemplo, impedindo-lhes o acesso às universidades — muito antes que tivesse início a caça às bruxas» (Ehrenreich & English 1973, 14).



Malleus Maleficarum em uma edição de 1669, Lyon.

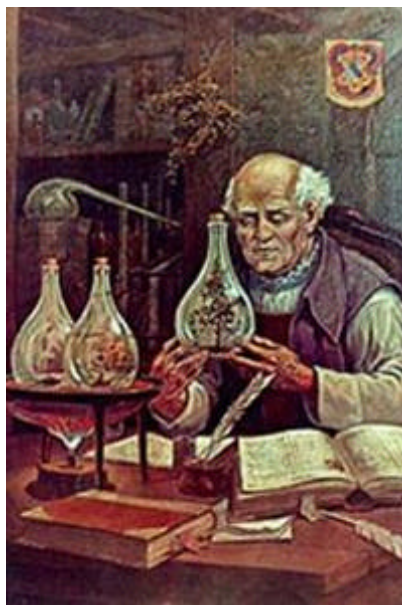
A partir do século XV, mais concretamente a partir de 1486 quando foi pela primeira vez publicado o terrível *Malleus maleficarum* [«Martelo das bruxas»], da autoria dos frades dominicanos Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, onde se preconizam com esmeros de sadismo as torturas a que se devem submeter as bruxas para obrigá-las a confessar, com extensas listagens de todos os artifícios que o diabo utiliza e as técnicas para detectá-los, e onde se diz: «Ninguém causa mais dano à Igreja católica do que as parteiras» —, a partir do século XV, dizíamos, intensificou-se por toda a Europa a vaga persecutória dos chamados bruxos e bruxas, que se iniciara no século anterior. Sob os auspícios desse medonho livro, sancionado pela bula *Summis desiderantes affectibus* do papa Inocêncio VIII, durante três séculos foram entregues à tortura e queimados cerca de 200.000 seres humanos, dos quais 85 por cento eram mulheres.



PERSEGUIÇÃO ÀS BRUXAS

Bruxa, em sânscrito, quer dizer "mulher sábia" ou sabedoria feminina, ou seja, deusa, mulher mágica, mulher = bruxa.

As universidades médicas, controladas pela Igreja e pelas classes dominantes, utilizavam métodos que muito deviam à astrologia e à magia, embora recobrissem tais práticas pouco empíricas com a capa da santidade católica, pensando-se que as encantações e os rituais semi-religiosos seriam altamente eficazes; o médico de Eduardo II de Inglaterra, por exemplo, que tinha um bacharelato em teologia e um doutoramento em Medicina, por Oxford, receitava, para as dores de dentes, que se escrevesse a seguinte frase na mandíbula do paciente: «Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, Ámen», ou então que se espetasse uma agulha numa lagarta passando-a depois pelo dente. «Era este o estado da ciência médica ao tempo em que as bruxas-curandeiras eram perseguidas como praticantes de magia. Havia bruxas com extensos conhecimentos dos ossos e dos músculos, de ervas e de drogas, ao passo que os médicos conformavam os seus prognósticos à astrologia e os alquimistas se esforçavam por transformar o chumbo em ouro. Tão grande era o conhecimento das bruxas que Paracelso, considerado o "pai da medicina moderna", queimou o seu tratado farmacêutico, confessando que "tudo quanto sabia, tinha-o aprendido das feiticeiras"» (Ehrenreich & English 1973, 16).



PARACELSO

desenvolvendo o Experimento de Palengenesis ,J.A.Knapp

Por conseguinte, a Igreja e as universidades médicas não podiam tolerar que as curandeiras obtivessem resultados positivos com as suas práticas e os seus conhecimentos, sobretudo porque o povo confiava mais nelas do que nas virtudes da fé, como nota Jules Michelet (1798-1874): «Aos domingos, depois da missa, os doentes vinham em magotes clamando por auxílio, e tudo quanto obtinham eram palavras: “Vós pecastes, e Deus aflige-vos. Rendei-lhe graças: sofrereis muito menos tormentos na vida futura. Suportar, sofrer, morrer. Não dispõe a Igreja de orações pelos mortos?”» (*La sorcière*, 1862).

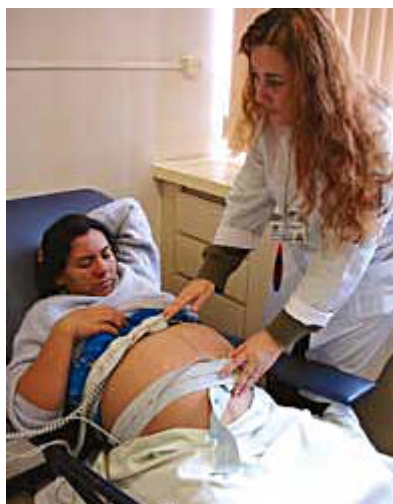
«Quem eram, pois, as bruxas e quais os “crimes” que cometiam e que suscitavam uma repressão tão viciosa por parte das classes superiores? Decerto que durante os séculos de caça às bruxas, a acusação de “feitiçaria” englobava uma multidão de pecados que iam da subversão política e da heresia religiosa até à obscenidade e à blasfêmia. Mas três acusações centrais emergem repetidamente na história da feitiçaria europeia. Primeiro, as bruxas eram acusadas de todos os crimes sexuais possíveis contra os homens — ou seja, e muito simplesmente, eram “acusadas” de sexualidade feminina. Segundo, eram acusadas de estarem organizadas. Terceiro, eram acusadas de terem poderes mágicos que afectavam a saúde — quer para prejudicar, quer para curar. Com muita frequência eram acusadas especificamente de possuir perícia e capacidades médicas e obstetrícias» (Ehrenreich & English 1973, 9).

Ou seja, no fundo as bruxas eram incriminadas pela mais fantástica de todas as acusações: eram não só culpadas de matar e envenenar, de crimes sexuais e de conspiração — mas sobretudo *de ajudar as pessoas e de as curar*.



"Macbeth and Banquo meeting the witches on the heath"
de Théodore Chassériau

13. E se a ROT afinal não desapareceu?



Nos anos 60 e 70 do século XX, o número de *médicos homens* nos E.U.A. ainda atingia a impressionante cifra de 93 por cento da totalidade da classe médica. Nos últimos anos esta tendência tem vindo a alterar-se com a crescente participação das mulheres em todos os sectores da actividade humana, mas sobretudo no exercício da missão médica de que estavam arredadas há séculos, como vimos. Na Europa, e mais acentuadamente na segunda metade do século XX, é cada vez maior o ingresso das mulheres nas escolas superiores de medicina, a ponto de tal preponderância assustar os responsáveis masculinos por tais instituições, como ocorreu por exemplo em 2004, em Portugal, em que o presidente do Conselho Directivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e o Bastonário da Ordem dos Médicos manifestaram em público a sua preocupação pela «elevada participação de mulheres nos cursos de medicina». Transcreva-se uma esclarecedora notícia que de tal dá conta, resumidamente:

«Entre tudo, a polémica das quotas de homens nos cursos de Medicina dominou as atenções de estudantes, associações feministas, ordens de Médicos e sindicatos. Tudo começou quando António Sousa Pereira, médico e presidente do Conselho Directivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, no Porto, defendeu, em declarações ao *Público* (02/06/2004), a criação de quotas para os homens nas faculdades de Medicina, como forma de promover um maior equilíbrio de sexos na profissão. ?A Comissão para os Direitos das Mulheres mostrou-se indignada com a ideia. Manuela Ferreira Leite, ministra das Finanças, também. A ministra da Ciência e Ensino Superior, Graça Carvalho, considerou-a “completamente impensável”, justificando que o critério de escolha dos alunos é o desempenho. Recorde-se que no ano lectivo de 2003/04, **mais 1500 mulheres do que homens frequentaram os cursos de medicina, o que faz prever um aumento do número de médicas**» (Andreia Lobo, in *A Página da Educação*, ano 13, n.º 136, Julho 2004, p. 24).

Com efeito, este aumento de mulheres na profissão médica é cada vez mais

sensível, o que significa no fundo que elas estão finalmente e recuperar a ancestral missão que sempre e tradicionalmente lhes competiu: a *capacidade iniciática de lidar eficazmente com tecidos orgânicos*. Em Portugal, e de acordo com dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística actualizados em 2007, as mulheres representavam 56,82 por cento dos médicos de medicina geral e familiar inscritos na respectiva Ordem, e os homens 43,18 por cento. Compare-se com as percentagens citadas mais atrás referentes aos E.U.A., e nos anos 60 e 70...

Será esta uma forma de *tecer* mais eficaz e duradoura do que a simples Iniciação feminina protectiva da antiga ROT? Serão estes, agora, os novos e mais verdadeiros traçados de Geometria Sagrada capazes de proteger o templo-corpo do ser humano das fatais arremetidas das «trevas exteriores»?

A indissolúvel associação da «Eva» com a antiga palavra hebraica *hawah*, «dadora de vida», não é apenas uma associação poética — é um facto iniciático a que elas não podem fugir, ainda que o ignorem. Medite-se no seguinte dado: de acordo com estatísticas de âmbito mundial, a taxa de suicídios femininos é *inferior a um terço* dos suicídios masculinos. Se o homem ao nível do *sôma* e da *psychê* está mais cingido a *thanatos* do que a mulher, como sugere — não me atrevo a dizer comprova... — esta última estatística, temos de pressupor que o caminho iniciático das mulheres parece continuar a ser, pelo menos ao nível do *sôma* e da *psychê*, diferente do dos homens, uma vez que a via sagrada da ROT é sensível a vibrações ritualísticas diferentes das da via sagrada da ROC. Daí que a Iniciação Maçónica, procedente da ROC, e conforme já salientámos em um capítulo anterior, não convenha às mulheres cujo relacionamento *protectivo* em relação à vida é dotado de frequências vibratórias mais subtis do que o relacionamento *protectivo* da competência masculina.

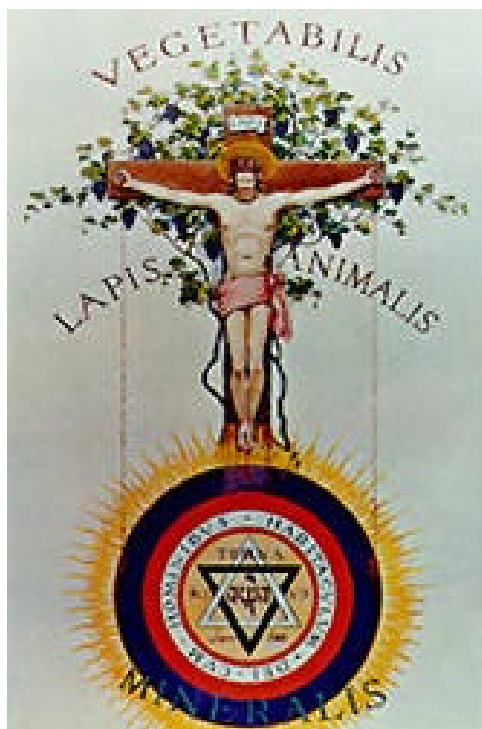
Mas tal não as deve perturbar nem propiciar um certo tipo de reacções «feministas» que no fundo mais derivam do foro mundano do que do foro *regular-tradicionista*, como por exemplo pretenderem iniciar-se em sociedades cuja qualificação ritual-vibratória está adequada à polaridade somático-psíquica masculina.

(Já agora esclareça-se, entre parênteses, que a disposição canónica que impede as mulheres de acederem à *ordenação sacerdotal*, na Igreja, é de outra ordem, e configura um impedimento *arbitrário* e *erróneo*, ao contrário da não conveniência de se submeterem à Iniciação maçónica: tratando-se de um sacramento cristão, cujos Mistérios repercutem na *mente superior* e no *espírito*, e não apenas no *corpo físico* e no *corpo anímico*, as mulheres são tão aptas a recebê-lo como os homens, não havendo portanto nenhuma razão esotérica que justifique a interdição, por parte da Igreja, de as mulheres exercerem o ministério sacerdotal. A menos que se aceite a tese dos gnósticos do século II d.C., que os eclesiásticos não tinham atingido o nível *pneumático*, espiritual ou crístico, e ainda se encontravam no nível *psíquico*; assim sendo, a *iniciação sacerdotal* eclesiástica teria de ser sectorizada, ou só para homens, ou só para mulheres. Mas isto ficará para outro artigo).

14. Tradicionismo de ofício — um rito viável?

Dissemos mais atrás que uma possível exceção à condicionante referida quanto à Iniciação feminina na Maçonaria poderia talvez encontrar-se na Carbonária Florestal, sociedade para-maçónica como lhe chamou Oliveira Marques. Os meus parcos conhecimentos da Carbonária não me permitem alongar-me, o que vou alvitrar limitar-se-á a breves interrogações e conjecturas, inspiradas nos textos de Maria Estela Guedes sobre esta temática no *site* do TriploV, nomeadamente o seu excelente artigo «Maçonaria Florestal Carbonária» para o *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Sem entrar pelos incertos e ingratos meandros das «origens» — históricas... míticas... — dessa sociedade secreta cuja matéria prima é a madeira (carbono), tenha ela uma milenar origem druida como pretendem alguns, ou tenha surgido no século XI com o conde Teobaldo de Brie que se tornou eremita e foi viver para uma floresta onde aprendeu os segredos de ofício dos carvoeiros («carbonários», de carbono), ou tenha surgido apenas no século XVIII ou mesmo XIX, o certo é que a sua identificação com um material como a *madeira* a torna de algum modo «parente» da Maçonaria, que trabalha a *pedra*, pois ambos os materiais, pedra e madeira, são igualmente utilizados na construção da tal «muralha externa» (templo, palácio, casa...) que protege o ser humano da agressiva investida das «trevas exteriores».

Soltando asas à imaginação especulativa, que deduções poderemos aventurar?



CRUCIFIXO ALQUÍMICO ROSACRUZ
REPRODUÇÃO DE UMA AQUARELA DO SÉC. XVIII, AUTOR DESCONHECIDO

Comecemos por referir que a palavra «madeira» vem do latim *materia*, que por sua vez deriva de *mater*, «mãe»: os antigos entendiam que a árvore era a mãe do precioso material (lat. *materies*) de construção, e que o seu tronco é verdadeira mãe dos seus múltiplos rebentos — folhas, flores, frutos. Eis uma componente misteriosamente feminina, e não menos misteriosamente alquímica (*materia prima*), à qual a Carbonária não pode deixar de estar associada! Será curioso notar que o Evangelho de Marcos, o mais antigo dos quatro canónicos, ao referir-se ao ofício de Jesus chama-lhe *tektôn*: «Não é este o *tektôn*, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?» (Marcos 6, 3). Geralmente, *tektôn* costuma traduzir-se por «carpinteiro», mas a verdade é que esta palavra tinha então um significado mais abrangente, de operário qualificado da construção civil, podia ser carpinteiro, pedreiro, ou até arquitecto. Ou seja, Jesus poderia trabalhar tanto a *pedra* como a *madeira*, poderia ser tanto um maçom como um carbonário... E aqui chegamos ao ponto aonde eu pretendia chegar. Tratando-se a madeira de um *material orgânico*, ao contrário da pedra, pode ser lido iniciaticamente por mulheres, de corpo físico negativo e corpo anímico positivo, na linha das curandeiras-médicas e das tecedeiras.



A FENIX E A PEDRA FILOSOFAL, J.A.Knapp

Por isso me atrevi a presumir, lá mais para trás, que mesmo numa situação tradicionalista incerta e de conjectural irregularidade, a iniciação de mulheres na Carbonária talvez não seja tão antinatural como a sua «iniciação» na Maçonaria da Pedra... Será assim? Deixo para outros mais sabedores do que eu a busca e o privilégio de encontrarem a *verdadeira* resposta.

15. Conclusão provisória



GRUPO DE RELIGIÕES MUNDIAIS, J.A.Knapp

Uma vez fechado este brevíssimo parêntese carbonário, rematemos com uma última observação. Penso que não será por acaso que as mulheres sejam mais sensíveis às diferentes formas de espiritualidade do que os homens, o que revela e confirma precisamente a vocacional admissão iniciática das mulheres na superior Ordem do Caminho, da Verdade e da Vida, ou seja, tanto no seu nível básico protectorio da ROT, como no mais alto nível da Iniciação nos Mistérios Cristãos, inaugurados por Cristo Jesus quando ressuscitou Lázaro (1.ª Iniciação Maior) e quando proferiu a frase fundadora «Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida» (João 14, 6) no iniciático Sermão da Ceia.

É por isso que as novas Iniciações nos Mistérios Cristãos, posteriores ao marcante evento do rasgar do véu do Templo, não são sectorizadas, sendo tão adequadamente femininas como masculinas, e abrangem a totalidade dos campos que qualificam um discurso esotérico ou um acto esotérico em quanto tais, ou seja: são simultaneamente astrológicas, mágicas, alquímico-herméticas e cabalísticas.

Bibliografia sumária

- AMBELAIN, Robert. *A Franco-Maçonaria: Origem - História - Influência* [La Franc-Maçonnerie oubliée, 1985]. Trad. port. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: Edições Ibrasa, 1990.
- DUJOLS, Pierre. *La Chevalerie Amoureuse: Troubadours, Félibres et Rose-Croix*. Manuscrito confiado a J.-F. Gibert e por este publicado em Paris 1991.
- EHRENREICH, Barbara, & ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives, and Nurses: A History of Women Healers*. New York: The Feminist Press, 1973.
- FAIVRE, Antoine. *Accès de l'ésotérisme occidental*. Paris: Éditions Gallimard, 2 vols. nova ed. revista, 1996.
- FREKE, Timothy, & GANDY, Peter. *Jesus and the Lost Goddess: The Secret Teachings of the Original Christians*. New York: Three Rivers Press, 2001.
- FRYMER-KENSKY, Tikva. *In the Wake of the Goddesses: Women, Culture and the Biblical Transformation of Pagan Myth*. New York: Fawcett Columbine, 1992.
- GUÉNON, René. *Études sur la Franc-Maçonnerie et le Compagnonnage*. 2 vols. Paris: Éditions Traditionnelles, reed. I-1991, II-1992.
- . *Initiation et réalisation spirituelle* (1952¹). Paris: Éditions Traditionnelles, reed. 1990.
- . *O Reino da Quantidade e os Sinais dos Tempos* [Le règne de la quantité et les signes des temps, 1945]. Trad. port. Vítor de Oliveira. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1989.
- . *Aperçus sur l'initiation* (1946¹). Paris: Éditions Traditionnelles, reed. 1986.
- . *Symboles de la Science Sacrée*. Paris: Éditions Gallimard, 1962.
- HALL, Manly P. *The Secret Teachings of All Ages* (1928¹). Los Angeles: The Philosophical Research Society, reed. 1978.
- HEINDEL, Max. *Freemasonry and Catholicism* (1919¹). Oceanside: The Rosicrucian Fellowship, ed. rev. 1995¹⁰.
- . *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers* (1922¹). Vol. 1. Oceanside (CA): The Rosicrucian Fellowship, reed. 1978.
- . *The Rosicrucian Philosophy in Questions and Answers* (1947¹). Vol. 2. Oceanside (CA): The Rosicrucian Fellowship, 1973².
- HELINE, Corinne. *The Mystery of the Christos* (1961¹). Santa Monica (CA): New Age Bible & Philosophy Center, 1988⁶.
- HERÓDOTO. *Herodotus—The History* (1987¹). Trad. ing. David Grene. Chicago/London: The University of Chicago Press, reed. 1988.
- HERRERO, Santiago Montero. *Diosas y adivinas: Mujer y adivinación en la Roma antigua*. Madrid: Editorial Trotta, 1994.

- HOELLER, Stephan A. *Gnosticism: New Light on the Ancient Tradition of Inner Knowing*. Wheaton (Illinois): Quest Books, 2002.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. do grego por Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia, 2003.
- JÂMBLICO. *On the Mysteries of the Egyptians, Chaldeans and Assyrians [De Mysteriis Ægyptiorum]*. Trad. ing. Thomas Taylor (London, 1821¹). San Diego: Wizards Bookshelf, 1997.
- . *Life of Pythagoras [Vita pythagorica]*. Trad. ing. Thomas Taylor (London, 1818¹). Rochester: Inner Traditions International, 1986.
- MACEDO, António de. *Esoterismo da Bíblia*. Lisboa: Ésquilo Edições e Multimédia, 2006.
- . *Instruções Iniciáticas* (1999¹). Lisboa: Hugin Editores, 2000².
- MAGNIEN, Victor. *Les Mystères d'Éleusis : Leurs origines, le rituel de leurs initiations*. 2ème éd. refondue et augmentée. Paris: Payot, 1938.
- OVÍDIO. *Metamorphoses* (Berlin 1903¹). Texto latino. München: Ed. E. Rösch, reed. 1961.
- . *Metamorfosis* (1963¹). Trad. esp. Ely Leonetti Jungl. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1997¹⁹.
- PAUL, André. *Et l'homme créa la Bible : d'Hérodote à Flavius Josèphe*. Paris: Bayard Éditions, 2000.
- RIFFARD, Pierre A. *L'ésotérisme : Qu'est-ce que l'ésotérisme ? Anthologie de l'ésotérisme occidental* (1990¹; édition revue 1993). Paris: Robert Laffont, reed. 1996.
- TOURNIAC, Jean. *Symbolisme maçonnique et tradition chrétienne : Un itinéraire spirituel* (1965¹). Paris: Editions Dervy, reed. 1993.
- . *Melkitsedeq ou la Tradition primordiale*. Paris: Editions Albin Michel, 1983.
- VASCONCELOS, J. Leite de. *Religiões da Lusitânia* 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional, I-1897, II-1905, III-1913.
- WIRTH, Oswald. *Le symbolisme hermétique dans ses rapports avec l'Alchimie et la Franc-Maçonnerie*. Paris: Éditions Dervy-Livres, reed. 1975.

Esta comunicação foi apresentada no

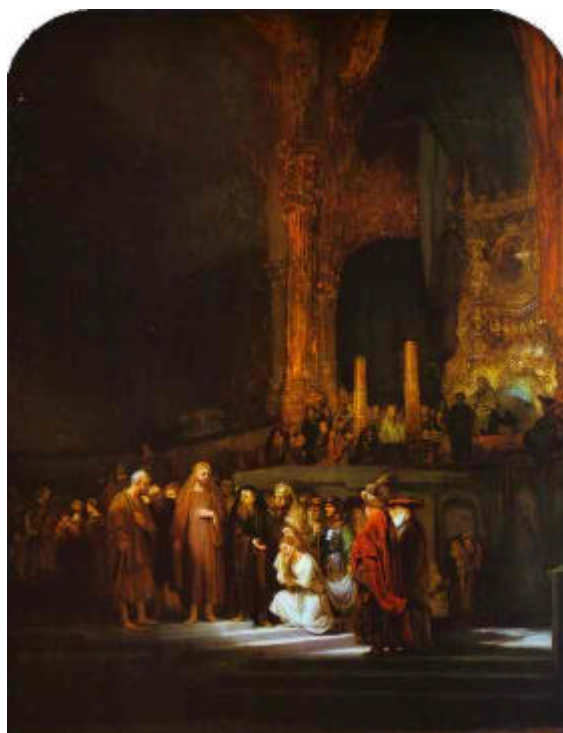
VII Colóquio Internacional "Discursos e Práticas Alquímicas". LAMEGO, PORTUGAL - SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL 22-24 de Junho de 2007. MEMÓRIA FOTOGRÁFICA ...



www.triplov.org/Coloquio_07/index.htm

XI.

A Misteriosa Escrita de Jesus



Cristo Jesus diante da Mulher Adúltera e seus oponentes, Rembrandt

por António de Macedo

“Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher que fora apanhada em adultério. Puseram-na no meio da multidão e disseram a Jesus: «Mestre, esta mulher foi surpreendida em pleno adultério. Moisés, na Lei, ordena que tais mulheres sejam apedrejadas. Tu que dizes?» Diziam isto a fim de pô-lo à prova, e poderem acusá-lo. Jesus, porém, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como eles insistissem, ergueu-se e disse-lhes: «Quem de vós for irrepreensível, que lhe atire a primeira pedra». E inclinando-se de novo escrevia na terra.”

João 8, 3-8.

Este famoso episódio da *mulher adúltera* (dos quatro Evangelhos canónicos só o de João é que o refere) tem inspirado, ao longo dos séculos, distintas senão mesmo contraditórias reflexões aos mais variados exegetas. Para além de todo o simbolismo envolvido na pequena narrativa (matrimónio-adultério; individualidade-personalidade; o poder de julgar; o livre-arbítrio; a rigidez da Lei na Antiga Dispensação *versus* a Nova Dispensação e o Redentor do pecado do mundo; a não-reincidência no mal como condição indispensável para a superação interna; etc.) — uma pergunta comezinha acode-nos imediatamente ao espírito: QUE PALAVRAS OU FRASES ESCREVEU JESUS NA TERRA?

A Bíblia não o diz. (Ou talvez diga, de forma oculta, mas o véu da minha ignorância não me permite decifrá-lo). Na incapacidade de recorrer à clarividência positiva, com investigação directa nos «arquivos» da Memória da Natureza, auscultemos alguns dos que se debruçaram sobre o assunto. Começemos por Jerónimo, doutor da Igreja do século IV, autor da tradução latina da Bíblia conhecida como *Vulgata Latina* [1]. Jerónimo, a quem o instrutor rosacruziano Edmundo Teixeira (1922-1994) — meu grande inspirador — chama «imaginoso» no seu magnífico *Curso de Cristianismo Esotérico*, pretende adivinhar que Jesus escrevia na areia os pecados daqueles que se aproximavam para ler, o que, naturalmente, os afugentava (cf. *Patrologia Latina*, vol. 23, 1863, col. 553). Veremos dentro em pouco que o erudito Jerónimo talvez não estivesse a ser tão imaginoso quanto isso.

Mais recentemente, um estudioso muito conhecido, Robert Ambelain, Grão-Mestre de várias Obediências Maçónicas, perfilha a tese bizarra de que Jesus estaria a utilizar um processo mágico divinatório, envolvendo provavelmente um ritual de purificação. No seu livro *Jésus ou le mortel secret des Templiers* (Éditions Robert Laffont, Paris 1970), Ambelain diz que o gesto de Jesus corresponderia a uma interrogação Geomântica (pág. 190). Em todo o Médio Oriente, desde há muito e ainda em tempos actuais, certos adivinhos obtêm respostas por meio dum ritual chamado *Darb el-Remel* — a «arte da areia» —, onde se traçam 16 figuras oraculares com o dedo, no chão arenoso. Também se pode tratar dum «desligamento» psíquico de carácter especial, purificatório: traçam-se na areia ou na terra certos diagramas mágicos, faz-se passar o paciente por cima e logo este se encontra liberto, pois o «espírito mau», obsessor, não pode resistir à passagem sobre os caracteres sagrados.

O defeito desta hipótese é óbvio. Jesus NÃO era um «mágico»: Jesus era o Vaso do Cristo.

Todas as Suas palavras e acções estavam impregnadas pela refulgência crística que não se coadunava com técnicas operacionais de baixa magia. Os Seus «milagres» (a que o Iniciado João, no Quarto Evangelho, prefere chamar «sinais») simplesmente denotavam um avançadíssimo e profundíssimo conhecimento das chamadas «leis da Natureza», que os seres humanos penosamente vão desbravando, ao longo dos séculos, abrindo caminho de descoberta em descoberta, qual delas a mais estonteante, por meio de aturadas investigações científicas, de observações, de experiências —

ou seja, através de um trabalho persistente e metodológico de dedução, de indução e de «tentativa e erro». Não esqueçamos, por exemplo, que a energia nuclear sempre existiu, mas só nas recentes décadas foi concedido ao homem o ensejo de a conhecer e dela se utilizar!

A autora Corinne Heline (1882-1975), discípula directa de Max Heindel e iniciada nos Mistérios Rosacruzes, avança uma explicação que não anda muito longe das intuições de Jerónimo.

Na sua obra *New Age Bible Interpretation*, C. Heline conta o seguinte (vol. V, 1935, II Parte, pág. 125):

«O Professor Caspar Rene Gregory da Universidade de Leipzig, após exaustivas comparações entre velhos textos evangélicos e outras escrituras cristãs primitivas, revelou que, segundo descobrira no Monte Athos (Grécia), as misteriosas frases escritas pelo Mestre seriam:

- 1. Eldar assassinou o seu amigo Modor no deserto;*
- 2. Hiram expulsou a viúva de Buvan da própria casa dela;*
- 3. Meoman, com o seu poder, seduziu e subjugou a mulher de Arved.*

Os três fariseus nomeados haviam sido os mais acérrimos em arrastar a mulher adúltera à presença do Cristo. Retiraram-se um a um, à medida que o respectivo nome ia sendo escrito por Ele».

Eis o que nos diz Corinne Heline. Eu, como não sei ler na Memória da Natureza, por aqui me fico. Se algum leitor tiver outras informações, desde já encarecidamente lhe rogamos que nos ilumine.

XII.

O Uso do Pergaminho e o Pecado Original



António de Macedo

I – Introdução

Para nós, cristãos, os 27 livros do Novo Testamento constituem o fundamento e a chave da nossa Escritura Sagrada. Durante o primeiro século, no tempo em que Jesus exerceu o Seu ministério – e mesmo bastante depois –, o **papiro** era o material de escrita mais correntemente utilizado em todo o Médio Oriente, Egipto, Ásia Menor, etc. A partir dos séculos III-IV começou a generalizar-se o uso do **pergaminho**. Que alterações é que esta mudança acarretou?

Ouçamos o que nos dizem dois especialistas neotestamentários altamente reputados a nível internacional, Kurt Aland e Barbara Aland:

«Um manuscrito [em pergaminho] que contivesse um conjunto de escritos do Novo Testamento em formato médio, com cerca de 200-250 fólios de aproximadamente 25x19cm, exigia, pelo menos, as peles de cinquenta a sessenta carneiros ou caprinos» (Aland & Aland 1989, 77).

Ou seja, cada exemplar – e um só – do Novo Testamento, em pergaminho, exigia o sacrifício sangrento de um rebanho completo de animais... As cópias circulavam às centenas – uma autêntica matança açougueira, que durou séculos. Que significado podemos extrair desta constatação aterradora?

II – Cristo e a Escritura judaica

Recapitulemos um pouco a história da transmissão neotestamentária.

No tempo de Cristo ainda não havia Novo Testamento, como facilmente se compreende: quando Ele faz referência à Escritura, trata-se evidentemente da Escritura judaica, que os cristãos mais tarde começaram a designar por «Antigo Testamento» a fim de a distinguir da nova Escritura, exclusivamente cristã, que aliás só começou a ganhar forma como um todo autoritativo bastante tarde: por exemplo o *corpus* dos quatro Evangelhos só ficou estabelecido nos finais do século II, embora o *corpus* paulino (as epístolas de Paulo, das quais sete não são autênticas) tivesse sido reconhecido mais cedo; as chamadas «Epístolas Católicas» (a de Tiago, as duas de Pedro, as três de João e a de Judas) só foram reconhecidas no seu conjunto no século IV, e o Apocalipse permaneceu num limbo duvidoso durante vários séculos (Aland & Aland 1989, 167).

A Escritura judaica é constituída por três grupos de livros: a **Torah** (a «Lei», que compreendia os cinco livros do Pentateuco: Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo), os **Nevi'im** (os «Profetas», ou «Livros Proféticos», como p. ex. Isaías, Ezequiel, Daniel, etc.) e os **Khetuvim** (os «Escritos», como p. ex. os Salmos, o Cântico dos Cânticos, o Eclesiastes, etc.).

Eram estes venerandos textos – sobretudo os dois primeiros, «a Lei e os Profetas» –, que Jesus lia no Templo e nas sinagogas, e comentava, para ensinar os Seus ouvintes, como vemos por exemplo em Lucas 4, 15-22 e noutros passos do Novo Testamento^{6[1]}.

III – Interpretação oculta da Escritura

Quando, após a morte e a ressurreição de Cristo, os dois discípulos que se dirigiam a Emaús O encontraram na estrada e não O reconheceram, foram comentando com o «desconhecido», durante o caminho, a morte de «Jesus de Nazaré», referindo-se-Lhe como «um profeta poderoso em obra e em palavra». Nesse episódio se relata como Jesus, em vida, «interpretava as Escrituras» (Lucas 24, 27), e como «abria [o sentido] das

^{6[1]} Há um passo no Evangelho de João que parece dar a entender que Jesus era um iletrado, ao referir que Jesus, ensinando no Templo, suscitou a admiração dos judeus que se interrogavam: «Como é que este sabe de letras (gr. *grammata oïden*), sem tê-las aprendido?» (João 7, 14-15). O instrutor rosacruziano Edmundo Teixeira (1922-1994), no seu *Curso de Cristianismo Esotérico* (vol. 3, lição n.º 51) esclarece: «Os de Jerusalém (hierosolimitanos) tinham a certeza que Jesus não havia cursado a Escola Rabínica, para assim conhecer as Escrituras. Acontece que os fariseus representavam o ensino predominante, externo e público, mas os Essénios, além do preparo exotérico, tinham a sabedoria esotérica, que a sua tradição conservava em manuscritos secretos». Ora, Jesus fora educado pelos Essénios, conforme lemos no *Conceito Rosacruz do Cosmos*: «Jesus foi educado pelos Essénios e alcançou um elevado grau de desenvolvimento espiritual durante os trinta anos em que usou o seu corpo» (Heindel 1998, 299).

Escrituras» (Lucas 24, 32). Ou seja, Jesus em diversas ocasiões tomou como ponto de partida, para as Suas prédicas, a «hermenêutica» que fazia desta ou daquela passagem das Escrituras judaicas, o que equivalia de certo modo à actividade do *me-turgem-an*, com a diferença de que este era um «leitor-intérprete» profissional, que, no Templo e nas sinagogas, traduzia para aramaico, e interpretava em voz alta, o texto hebraico lido pelo sacerdote durante as respectivas liturgias.

Convém recordar que a partir do século VI a. C., e coincidindo com as décadas do «exílio na Babilónia», o aramaico substituiu a pouco e pouco o hebraico entre os judeus, na linguagem falada e no uso corrente. O povo deixara de falar e entender o hebraico, que ficou apenas como língua sagrada da Escritura. Daí a necessidade do intérprete: durante a liturgia os textos sagrados eram lidos em hebraico, e ao lado encontrava-se o tal *me-turgem-an* que traduzia em voz alta para aramaico e interpretava o respectivo texto. Esta actividade chamava-se *targum*, palavra aramaica que significa «tradução» ou «interpretação»; o *me-turgem-an* («leitor-intérprete», palavra que tem a mesma raiz de *targum*) não se limitava a traduzir e a dar uma interpretação mais ou menos moral ou mesmo alegórica: o *targum* visava também e sobretudo explicitar o **sentido oculto** da Escritura.

Embora os *targums* escritos começassem a aparecer gradualmente durante os primeiros séculos da era cristã (período talmúdico), só o *targum oral* fazia autoridade. O reconhecimento oficial do «Targum» escrito ocorreu apenas a partir do século V d. C.

IV – A transmissão oral, de Mestre a discípulo

Portanto, a **tradição oral** estava muito enraizada, e isto ocorria não só nas Escolas sacerdotais mas também, e sobretudo, nas Escolas místicas: a transmissão de boca a ouvido, ou de mestre a discípulo, era a regra; em certos casos era mesmo rigorosamente vedada qualquer passagem a escrito dos ensinamentos que o Mestre proferia.

Durante os três anos do ministério de Cristo e durante cerca de vinte anos após a Sua morte e ressurreição essa regra manteve-se: não há notícia de Cristo ter deixado algum texto doutrinário, e nem sequer lhe foi atribuído nenhum por algum discípulo mais zeloso, como era normal acontecer em diversas escolas místicas ou filosóficas desse tempo, em que falsos apógrafos circulavam em nome do mestre ou do fundador sem que ninguém se chocasse com isso – era uma maneira de conferir autoridade ao escrito e ao mesmo tempo de prestar homenagem ao mestre ou fundador. Como aliás aconteceu, por exemplo, com a Escola de Paulo: das 14 epístolas que compõem o *corpus* paulino do Novo Testamento, sete são autênticas, mas as outras sete foram redigidas por discípulos mais ou menos tardios, o que não obstou a que a sua autoria fosse atribuída a Paulo.

Isto significa que até bastante tarde se respeitou o conhecimento de que o Ensino de Jesus era destinado à *transmissão oral*, o que é característico duma Escola iniciática, portanto se aparecesse qualquer escrito «assinado» por Jesus, seria repudiado como espúrio para não dizer blasfemo. Os primeiros escritos cristãos que chegaram até nós, as epístolas de Paulo, apenas começaram a circular a partir do ano 50 d. C., e mesmo esses textos não são «tratados doutrinários» no sentido técnico do termo, mas meras cartas que Paulo ia endereçando às diferentes comunidades cristãs com reflexões sobre a sua experiência pessoal (e a sua interpretação) a respeito do Mistério Crístico, na sequência da Iniciação mística a que fora submetido – a famosa «conversão na estrada de Damasco».

Só na segunda metade do século primeiro é que as Escolas de Mistérios Cristãos sentiram necessidade de fixar por escrito um certo conjunto de *alegorizações ritualísticas*, tomando como base «os actos e os ditos» de Jesus – a chamada «literatura evangélica» que surgiu por essa altura. Daí o facto de Max Heindel (1865-1919) e Rudolf Steiner (1861-1925) referirem que os quatro Evangelhos canónicos são Rituais de Iniciação de quatro diferentes Escolas de Mistérios.

V – Primeira fase dos livros de papiro: os «rolos»

Como se disse há pouco, o papiro era o material de escrita preferencialmente utilizado nessa época e na vasta área geográfica abrangida pelo Império Romano.

Os manuscritos cristãos de que temos notícia, do primeiro e do segundo séculos, redigidos em grego e dos quais – ou dalguns dos quais – chegaram fragmentos até nós, são escritos em papiro.

A planta do papiro era abundantemente cultivada no delta do Nilo, mas também em outras regiões do Médio Oriente. É uma planta herbácea aquática cujos caules, encorpados e de secção rudemente triangular, chegam a ter uma grossura de 6 cm e podem alcançar uma altura de cerca de 5 a 6 metros. Os caules, depois de divididos em secções, eram cortados longitudinalmente, com instrumentos afiados, para produzir tiras que se colocavam lado a lado a fim de formar uma finíssima camada de «papel» com as fibras correndo paralelamente. Sobre essa camada colocava-se outra, cujas fibras ficavam a formar ângulo recto com as da primeira, e ambas eram humedecidas e pressionadas com um peso de modo que a «cola» da própria seiva unia as duas finíssimas folhas, que, depois de secas ao sol, formavam uma única e resistente folha de «papel».

Os livros resultantes, caligrafados pelos escribas, ou copistas, tinham a forma de **rolos**, com uma altura variável (25-30 cm) e um comprimento que podia atingir os 9 metros. O nome deriva dos dois suportes cilíndricos de madeira, em forma de rolo, em cada extremidade da

extensa folha, o que permitia enrolar e desenrolar num sentido ou noutro. Depois do livro pronto e enrolado, era facilmente transportável.

Toda a literatura da época, inclusivamente a literatura judaica vulgar, era escrita sobre papiro, *excepto a Escritura sagrada dos judeus*, redigida em hebraico, que a tradição exigia que fosse *escrita sobre pele de vitelo...* (Aland & Aland 1989, 75 e 102). A quem deseje informar-se sobre o retrocesso que isto significa (sacrifício do novilho, ou bezerro), convidase a leitura atenta dos seguintes trechos do *Conceito Rosacruz do Cosmos*: cap. XIII - «Em Direcção à Bíblia» (Heindel 1998, 246-253), e cap. XIV - «Análise Oculta do Génesis» - «Jahvé e a Sua Missão» (Heindel 1998, 263-265).

Os 96 manuscritos papiráceos dos escritos do Novo Testamento que chegaram até nós são na esmagadora maioria fragmentários, ou, se algum deles abrange algum dos livros neotestamentários do princípio ao fim, não deixa de apresentar lacunas em diversos pontos. Somente o papiro classificado como p⁷², do século III ou IV, contém por inteiro as duas epístolas de Pedro e a epístola de Judas.

Destes 96 papiros o mais antigo é o fragmento p⁵², com duas passagens do capítulo 18 do Evangelho de João, e que os especialistas calculam que pode ser datado entre o ano 100 e o ano 125, ou seja, trata-se duma cópia valiosa, muito próxima do original, que se supõe ter sido escrito nos anos 90 do primeiro século (Ehrman & Holmes 2001, 3-18).

VI – Segunda fase dos livros de papiro: os «códices»

Uma novidade da literatura cristã é que todos estes manuscritos papiráceos (excepto quatro) não pertencem a **rolos**, mas sim a **códices**, incluindo o fragmento mais antigo, o tal do ano 100-125. Que quer isto dizer? Vimos que o «rolo» era o formato usual do livro desse tempo; os cristãos introduziram a novidade de cortar as folhas de papiro em cadernos de fólhos rectangulares, encadernando-os em formato de livro protegido por duas capas, tal como os livros de hoje. Além disso introduziram também o hábito de escrever dos dois lados da mesma folha, ao contrário do que sucedia com os «rolos». É a estes *livros de papiro* que se dá o nome de «códices» (Aland & Aland 1989, 75-76).

Durante o primeiro e o segundo século os textos cristãos – incluso a literatura gnóstica de que temos magníficos exemplares nos códices achados em Nag Hammadi – eram exclusivamente escritos em papiro, um elemento vegetal. Esta fase coincide sensivelmente com a *fase esotérica* em que as *comunidades jesuânicas*, ainda próximas das Doutrinas e dos Actos do Mestre, transmitiam um *ensinamento iniciático*.

VII – A «exoterização» dos Ensinamentos Crísticos

A pouco e pouco, porém, foi-se dando aquilo a que um certo número de especialistas bíblicos laicos convencionou chamar a «corrupção ortodoxa», ou seja, certas comunidades adulteraram os Ensinamentos num *sentido exotérico*, a fim de os impor em oposição vantajosa aos «mitos» do paganismo, dando origem à Cristologia perfilhada pela Grande Igreja (por exemplo Jesus de Nazaré igual a Deus, nascimento virginal de Jesus por obra do Espírito Santo, ressurreição de Cristo «em corpo», etc.). Essa Cristologia acabaria por se impor definitivamente no século IV com o apoio de Constantino, tomando conta do poder global religioso e destruindo com uma ferocidade sanguinária tudo quando fosse esotérico, mistérico e/ou iniciático, sob o anátema geral de «heresias» (Ehrman 1996, *passim*).

Esta terrível fase cresceu sensivelmente paralela com a grande expansão do uso do **pergaminho**.

Consideremos o seguinte quadro:

MANUSCRITOS GREGOS DO NOVO TESTAMENTO

(Descobertos até 2001, e devidamente classificados e catalogados)

Dat a apr ox.	Em papi ro	Em perg amin ho
Séc ulo II	2	-
Ano 200	4	-
Séc . III	29	3
Séc . IV	22	16
Séc . V	10	44
Séc . VI	11	61

Séc · VII	13	33
Séc · VIII	5	33
Séc · IX	-	70
Séc · X	-	146
Séc · XI	-	441
Séc · XII	-	588
Etc ·		

Este quadro poderia prolongar-se até ao século XVI, com a definitiva ausência do papiro e a crescente quantidade de manuscritos em pergaminho, datáveis até esse século, que foram sendo descobertos e catalogados. Com a invenção da imprensa no século XV e o uso generalizado do papel, o pergaminho caiu em desuso. O papel, que havia sido descoberto pelos chineses no século I d. C., espalhou-se no mundo ocidental através dos árabes e começou a ganhar popularidade sobretudo a partir do século XII, embora se conheça pelo menos um manuscrito do Novo Testamento, em papel, do século IX.

Actualmente os especialistas já conseguiram catalogar cerca de 5.400 manuscritos de textos do Novo Testamento, em papiro, pergaminho e papel: destes 5.400, cerca de 1.300 são em papel.

VIII – O papiro e o pergaminho: primeiras conclusões

Associando estas informações com o exame do quadro anterior (e no que diz respeito apenas ao **Novo Testamento**), podemos extrair, para já, as seguintes conclusões:

(1) – O **papiro**, que foi o grande material de escrita nos primeiros séculos do Cristianismo, deixou de se usar definitivamente no século VIII;

(2) – O **pergaminho**, que começou a ser usado, ainda que esporadicamente, no século III, impôs-se definitivamente a partir do século IV, destronando o papiro em poucos séculos e duma forma irreversível;

(3) – O **papiro**, extraído do reino vegetal, serviu de veículo transmissor dos textos sagrados (místicos) durante os dois ou três séculos iniciais do Cristianismo, quando preponderavam ainda as comunidades cristãs *iniciáticas*; por sua vez o **papel**, igualmente extraído do casto reino vegetal, passou a ser utilizado a partir do arranque dos grandes movimentos espirituais, o templarismo esotérico, os franciscanos *Spirituali*, a *theosophia* de Jacob Böhme e correntes derivadas, o Rosacruzismo do Renascimento – e até aos nossos dias, em que o «esoterismo cristão» ganha cada vez mais força e expansionismo;

(4) – Quando a dogmatologia *exotérica* da Grande Igreja se impôs, a partir do século IV e durante toda a Alta Idade Média («Dark Ages»: séculos V a XI), prosseguindo com as perseguições da Igreja aos Cátaros, a criação da Inquisição no século XIII e todos os criminosos desmandos da História eclesiástica, incluindo a ambição papal de exercer domínio e poderio sobre príncipes e imperadores, dando origem a guerras que ensanguentaram a Europa durante vários séculos, até à Reforma (século XV), o material utilizado para a propagação *exotérica* do Novo Testamento foi o **pergaminho**, extraído das peles de animais (como por exemplo o bode) caracterizados por um corpo de desejos de vibrações baixas e grosseiras.

(5) – Entre os séculos IV e XVII, por conseguinte, em que a intolerância religiosa da Igreja se exteriorizou através de violentas polémicas, aniquilações, guerras, cruzadas sanguinárias, inquisições e campanhas anti-«heréticas» de diversa índole, o *derramamento de sangue humano* resultante dessa conduta foi acompanhado, paralelamente, pelo *derramamento de sangue animal* com a finalidade de se multiplicarem cópias em **pergaminho** das Escrituras cristãs.

IX – A preparação do pergaminho

A efusão de *sangue animal* que a obtenção do pergaminho exige, e, mais ainda, para servir a transmissão dum *texto sagrado*, constitui uma perversiva contradição com o que preceituam os Ensinamentos Esotéricos de quase todas, senão mesmo de todas, as Escolas e correntes Iniciáticas, ocidentais ou orientais, que recusam praticar a magia negra associada ao derramamento do sangue nos seus ritos.

Reza a lenda (pelo menos tal como nos foi transmitida por Plínio o Velho) que o pergaminho foi inventado no tempo de Eumenes II (século II a. C.), rei de Pérgamo, a mais importante cidade da Ásia Menor, onde floresceram artistas e eruditos e se tornou célebre pela sua biblioteca, com mais de 200 mil volumes, só rivalizada pela de Alexandria, no Egipto. Segundo a tradição, o rei Ptolomeu V do Egipto determinou um embargo à exportação de papiro com receio que a biblioteca de Pérgamo viesse a ultrapassar a «sua» biblioteca de Alexandria. Para obviar esse impedimento o rei Eumenes de Pérgamo determinou que se criasse e passasse a utilizar o pergaminho. (A palavra «pergaminho» deriva do

adjectivo latino *pergamenus*, -a, -um, que significa «oriundo de Pérgamo»). Esta é a tradição que desde sempre tem circulado, embora se saiba que o pergaminho já era utilizado, em diversas regiões, bastante tempo antes. Provavelmente a origem da lenda residirá no facto de os pergaminhos de Pérgamo terem a reputação de ser muito finos e de grande qualidade.

Os animais mais correntemente usados para a obtenção do pergaminho eram as ovelhas, os carneiros, as cabras e os bodes, embora também se aproveitasse o vitelo ou o novilho com esse fim. Ora, estes são precisamente os típicos *animais sacrificiais* dos tempos jeovísticos...

Como se fazia a preparação do pergaminho? A pele do animal tem dois lados: o lado do pêlo e o lado sangrento donde foi retirada a carne. Tanto o pêlo como a carne eram raspados com uma solução cáustica de cal, sendo a pele, depois, cortada à medida das dimensões desejadas, polida e alisada com cré e pedra-pomes, a fim de ficar pronta para utilização. Mesmo depois deste preparo, a diferença entre o lado do pêlo e o lado da carne criava dificuldades ao ordenamento de manuscritos em pergaminho, porque um dos lados ficava sempre mais escuro e o outro mais claro.

X – O sacrifício animal

Esfolar um animal para uma utilização profana é chocante, mas enfim, uma grande parte da humanidade ainda necessita do uso de carne, mas fazê-lo para uma *utilização sagrada*, depois da oblação de Cristo «uma vez por todas» (cf. Hebreus 9, 23-28), não é só chocante, é uma abominação que fere a sensibilidade de quem quer que se encontre num nível de espiritualidade mais consciente, por pouco elevado que ainda seja. No seu livro *Cartas aos Estudantes* (Carta n.º 90, Maio de 1918), o iniciado rosacruciano Max Heindel diz o seguinte:

«Decerto que pensar no sofrimento que se causa aos pobres animais, nos comboios a caminho do matadouro, e a agonia que precede o instante em que é desferido o golpe que ceifará as suas vidas e o ferro lhes cortará a garganta, induzirá quem quer que aspire à vida superior a sentir compaixão por essas pobres criaturas sem fala que não podem defender-se. [...] Infelizmente, a complexidade da nossa civilização obriga-nos a usar couro em muitas coisas porque ainda não existem substitutos adequados no mercado, por exemplo em sapatos, cintos, etc.^{7[2]} Seja porém como for, deveríamos fazer todos os possíveis para

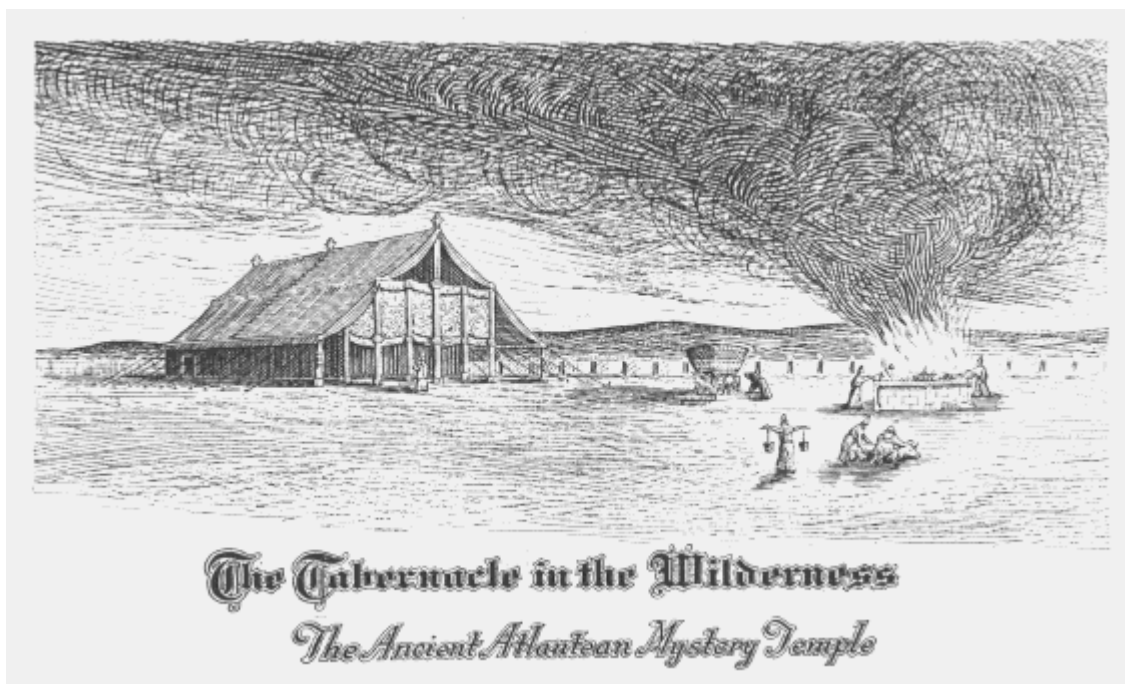
^{7[2]} Apesar de alguns inconvenientes ecológicos que a evolução da tecnologia sem dúvida acabará por resolver, os diversos tipos de plásticos – materiais sintéticos constituídos por macromoléculas poliméricas, formados a partir de celulose, caseína, petróleo, etc. – são já um indício de que a actual civilização deu um passo importante no sentido de substituir as peles e os ossos dos animais num variadíssimo leque de fins (botões, correias, estofos, vestuário, etc. etc.).

evitar o uso de qualquer material que provenha do corpo dum animal e que exija a sua morte» (Heindel 1975, 222).

Assim sendo, como se devem entender os sacrifícios sangrentos exigidos por Jahvé, no Antigo Testamento bíblico, como lemos por exemplo nas prescrições sacrificiais do Génesis ou do Levítico?

Tecnicamente, esses sacrifícios devem ser entendidos segundo dois níveis de interpretação: *pedagógico* e *iniciático*.

XI – O significado pedagógico da «cerimónia sacrificial»



O Tabernáculo no Deserto in Iniciação Antiga e Moderna, Max Heindel

De um ponto de vista *pedagógico*, é importante compreender que os textos da Bíblia se referem na esmagadora maioria dos casos a realidades simbólicas e parabólicas, e não se limitam a relatar eventos históricos à maneira grega de um Heródoto, por exemplo, embora este tenha servido de modelo para certos textos judaicos, tardios, de carácter histórico-descritivo. A humanidade mencionada nos livros mais antigos da Bíblia reporta-se às Épocas Polar, Hiperbórea, Lemúrica e Atlante, numa fase em que a *humanidade infante* necessitava de *aprender* determinado número de lições para fins evolutivos.

Enquanto o ser humano não atingiu um certo grau de desenvolvimento, não tinha a noção de que a sua *natureza espiritual eterna* era independente da sua *natureza física*, e superior a esta. Para ele o físico era tudo; por isso se diz na Bíblia, nos livros referentes ao chamado «período patriarcal», que as recompensas e os castigos de Jahvé tinham de ser concedidos em vida, porque os judeus dos tempos patriarcais não possuíam nenhuma noção de imortalidade. Uma vez que o *sacrifício* é

fundamental para o progresso espiritual, é evidente que a vida que deve ser sacrificada é a que se centra na natureza animal; mas como o homem então pensava que essa natureza inferior era a sua única realidade, não se lhe podia exigir que a sacrificasse porque isso equivalia à sua aniquilação. Assim, a Lei desses tempos exigia-lhe que sacrificasse as suas *posses ou riquezas materiais*, que consistiam quase sempre em *gado e animais*, em expiação vicária do seus pecados. Os animais sacrificados no Altar dos Holocaustos (Tabernáculo no Deserto) simbolizam portanto a *natureza carnal* do ser humano que tem de ser consumida, com o sal da dor, no fogo da aflição e do remorso. A dor é a grande mestra: é ela que limpa os desejos inferiores e prepara o Corpo de Desejos para a vida superior. Ou seja: a *purificação* é a finalidade pedagógica (e oculta) dos sacrifícios no Altar dos Holocaustos (cf. Heline I-1990, 280-281).

XII – O significado iniciático da «cerimónia sacrificial»

O nível *iniciático*, por sua vez, complementa e ilumina o nível pedagógico. Quando Abrão^{8[3]} perguntou a Jahvé como poderia saber que iria possuir, de facto, a terra que lhe estava destinada, Jahvé ordenou-lhe que fizesse um sacrifício: «Toma uma novilha de três anos, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e um pombinho» (Génesis 15, 9).

A iniciada rosacruziana Corinne Heline (1882-1975) ajuda-nos a compreender o contexto iniciático na sua obra-mestra *New Age Bible Interpretation*: Abrão cumpriu o que Jahvé lhe ordenara, mas não se tratou de nenhuma cerimónia sacrificial sangrenta, pois todo o episódio descrito ocorre num nível suprafísico (Heline I-1990, 88-89). C. Heline recorda-nos que as verdades espirituais mais profundas nunca são passadas a escrito, mas sim transmitidas oralmente, de mestre a discípulo, e sempre de acordo com o grau de entendimento que o discípulo está apto a apreender. É por isso que o relato escrito, necessariamente fragmentário, de certas «experiências anímicas» resulta obscuro e enigmático para quem não tenha atingido o nível de consciência e de desenvolvimento de alma que lhe permita a confirmação através do «conhecimento directo» ou «em primeira mão» – tal como ensina Max Heindel no Capítulo XVII do *Conceito Rosacruz do Cosmos*.

Com efeito, a agonia e a morte dum ser vivo que acompanham o sacrifício animal não contribuem em nada para formar as asas que a alma desenvolve na sua elevação aos níveis superiores, tal como lemos

^{8[3]} Este famoso patriarca, filho do patriarca pós-diluviano Terah (Génesis 11, 27), começou por se chamar Abrão (hebr. *Avram*). Mais tarde (Génesis, capítulo 17), num episódio de alto significado esotérico que atesta bem a importância do «poder vibratório dos nomes», Deus mudou o nome de Abrão para Abraão (hebr. *Avraham*), na sequência da Aliança que fez com ele e da promessa de que seria «pai de muitas nações».

noutro passo da Bíblia: «Amor fiel é o que me agrada, não sacrifícios; gnose de Deus, não holocaustos» (Oseias 6, 6). Este preceito da Escritura judaica é parafraseado por Jesus quando os fariseus O criticaram por se encontrar em casa, a comer, acompanhado de publicanos e notórios pecadores: «Ide e aprendei o que significa: Compaixão quero e não o sacrifício; pois não vim a chamar os justos, mas sim os que erram» (Mateus 9, 13).

A epístola aos Hebreus declara peremptoriamente: «Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire os pecados [no original: “apague os erros”]» (Hebreus 10, 4).

A chave astrológica dá-nos, desde logo, um primeiro acesso ao sentido iniciático da acima referida ordenação de Jahvé: – a novilha é o símbolo do signo do Touro, e o seu sacrifício significa a renúncia dos desejos sexuais e dum amor meramente egoísta e personalizado; a cabra é o símbolo do Capricórnio e significa o sacrifício da ambição e do poder mundanos; o cordeiro é o símbolo do signo Carneiro e representa a ressurreição dos poderes vitais mediante a castidade e a transmutação; finalmente a rola e o pombinho são símbolos do signo Balança, e referem-se às experiências subtis que põem à prova a capacidade de discernimento neste estágio de realização espiritual (Helene I-1990, *ibid.*).

XIII – O «sacrifício» e o «pecado original»

Vemos por estes exemplos extraídos da Escritura que coexistem aqui duas componentes entrelaçadas: a necessidade de sublimação dos desejos sexuais (*sacrifício da natureza animal* do ser humano) e a necessidade de se acabar algum dia com a matança dos animais, nossos «irmãos menores» (abolição do *sacrifício* vicário e/ou utilitário dos seres vivos do *reino animal*).

Ambos estes items – ou cada um deles de per si –, na sua fase primordial (e transgressiva), constituem o que tem sido chamado o «pecado original». Em qualquer dos casos, a consequência do «pecado original» foi, para o ser humano, uma situação de declínio e ruína que se convencionou designar por «**Queda**», e que se pode definir como a passagem dum estado de beatífica harmonização interna/externa para um estado de consciência da dor e da morte.

Este conceito de «pecado original» pode ser apreendido segundo três modelos de cognição:

- Modelo teológico-exotérico;
- Modelo esotérico;
- Modelo laico.

XIV – Acepção teológico-exotérica do «pecado original»

Para os teólogos cristãos, o «pecado original» tem justificação na Bíblia, e constitui a condição moralmente degradada em que cada pessoa se encontra ao nascer, por pertencer a uma espécie «geneticamente» pecadora. Este pecado «genético» é uma consequência herdada do primeiro pecado humano, o de Adão. Não há acordo entre os teólogos quanto à interpretação da narrativa bíblica sobre a «desobediência» de Adão, ao comer o fruto proibido do «conhecimento do bem e do mal», mas, numa forma geral, concordam que o «pecado original» deriva do facto de cada ser humano não vir ao mundo como indivíduo isolado, mas como um membro numa raça que herdou, no seu conjunto, as boas e as más características da sua história passada.

No entanto, em todo o Antigo Testamento não se fala em «transmissão hereditária» numa condição inicial pecaminosa; apenas há referência, no Génesis, às *consequências* naturais daquele acto: a mulher passará a parir em dores e o homem dominá-la-á (predomínio do patriarcalismo), e o homem por sua vez tirará da terra o seu sustento com trabalhos penosos e suor do rosto, e a terra produzirá-lhe-á espinhos e abrolhos (Génesis 3, 16-19).

No Novo Testamento tão-pouco há referência a uma condição pecaminosa hereditária; o eminente teólogo jesuíta Karl Rahner (1904-1984), um dos mais conceituados teólogos do século XX, acentua categoricamente que não se encontra em nenhum dos Evangelhos a ideia de que o estado actual da humanidade seja devido ao «primeiro pecado». Já no século XVIII o Iluminista Voltaire dizia o mesmo, com a veia satírica que o caracteriza: «Em suma, os judeus conheceram o **pecado original** tanto quanto conheceram as cerimónias chinesas; e, embora os teólogos costumem encontrar tudo o que querem na Escritura, ou *totidem verbis*, ou *totidem litteris*, podemos garantir que um teólogo razoável jamais encontrará aí esse mistério surpreendente» (Voltaire 1964, 310-311).

Os teólogos mais renitentes e conservadores, porém, não deixam de citar uma passagem – de interpretação, aliás, difícil – da epístola de Paulo aos Romanos (5, 12-19), em que se estabelece um paralelismo entre Adão e Jesus Cristo: pela *desobediência* de Adão entrou a morte no mundo e muitos foram constituídos pecadores; pela obediência e pela justiça de Cristo muitos serão constituídos justos. Para a Igreja católica, só no Concílio de Trento e durante o primeiro período de trabalhos do Concílio (1545-1547) é que ficaram definidas a natureza e as consequências do «pecado original».

O ritual do Baptismo, que no Cristianismo primitivo, esotérico, era uma Iniciação mística de alto significado, passou a ser, com a exoterização

da Igreja e da sua tradição dogmática, um acto purificador para «remissão dos pecados», e as crianças tinham de ser baptizadas a fim de ficarem limpas do «pecado original» que haviam herdado do transgressivo Adão.

Portanto, de um ponto de vista estritamente exotérico, o «pecado original» seria um acto de *desobediência* que a primitiva humanidade (Adão e Eva) teria cometido ao infringir uma ordenação divina. Essa desobediência, instigada pela «serpente» e praticada em primeiro lugar por Eva, que em seguida desencaminhou Adão, explica-se, segundo a exegese rabínica, pelo facto de o nome de Eva [hebr. *hawah*, «vida», Génesis 3, 20] se poder associar ao termo aramaico *hewyâ*, «serpente», donde resulta a interpretação de que a serpente foi a ruína de Eva e Eva por sua vez foi a «serpente» de Adão. Certos autores admitem que este mito possa ter alguma conexão com uma serpente-divindade fenícia, chamada *hwt*.

XV – Acepção esotérica do «pecado original»

De um ponto de vista esotérico – pelo menos segundo as correntes neo-ocultistas perfilhadas por H. P. Blavatsky, Rudolf Steiner, Max Heindel, Corinne Heline, Francisco Marques Rodrigues, Edmundo Teixeira, etc. – o pecado original foi uma transgressão cometida pela humanidade nos seus primórdios, transgressão essa relacionada com a propagação da espécie.

Cingindo-nos ao *Conceito Rosacruz do Cosmos*, de Max Heindel, podemos resumir a evolução da Terra ao longo da «Quarta Revolução» do «Período Terrestre», em que nos encontramos presentemente – e de acordo com a terminologia técnica adoptada –, como um percurso pautado pelas seguintes grandes Épocas: 1.^a - Polar; 2.^a Hiperbórea; 3.^a Lemúrica; 4.^a Atlante; 5.^a - Ariana (actual); 6.^a - Nova Galileia ou Reino de Deus.

Max Heindel refere ainda uma 7.^a Época, a última, mas não lhe atribui nenhum nome (Heindel 1998, 218).

Somente nos finais da 3.^a Época (Lemúrica) é que surgiu a primeira Raça verdadeiramente humana – a chamada Raça Lemúrica; na Época Atlante houve sete Raças, e na Época Ariana sucederam-se, até agora, cinco Raças (pertencemos, cronologicamente, à 5.^a Raça), faltando ainda cumprir-se duas até ao final da Época. Na próxima 6.^a Época, Nova Galileia, haverá apenas uma Raça, que será a última (Heindel 1998, 218-219; 241).

Nos tempos Lemúricos a propagação da espécie e os nascimentos eram realizados sob a direcção dos Anjos, os quais por sua vez eram guiados por Jahvé, o regente da Lua. A função procriadora exercia-se em determinadas alturas do ano, quando as linhas de força entre os

planetas formavam o ângulo apropriado. Como a força criadora não encontrava nenhum obstáculo, o parto realizava-se sem dor. Os frutos da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Génesis 2, 16-17) fizeram com que o espírito se tornasse consciente da carne (Génesis 3, 6-7), os homens e as mulheres «conheceram-se» e começaram a praticar a fecundação independentemente das forças solares e lunares apropriadas, abusaram da função sexual para gratificar os sentidos, e os seus descendentes continuaram a mesma prática. Donde resultou a dor que passou a acompanhar o processo de gestação e nascimento, bem como as enfermidades e outros sofrimentos (Heindel 1998, 223 e 227).

A «serpente» do Génesis simboliza os Espíritos Lucíferos pertencentes à onda de vida dos Anjos, do Período Lunar (anterior ao actual Período Terrestre), e eram os «atrasados» dessa onda de vida Angélica. Necessitavam dum cérebro humano para aquisição de conhecimento, e penetraram na coluna espinal e no *cérebro* das mulheres, mais aptas a receber essa influência devido à sua inata capacidade *imaginativa* (Heindel 1998, 283). Assim, os Lucíferos despertaram a consciência pictórica dos seres humanos para o fogo serpentino da *kundalini*: foram os instigadores da actividade *mental* e do concomitante *egoísmo*, e inculcaram o *conhecimento* de que para vencer a morte bastaria que os humanos se entregassem à actividade sexual desenfreada a fim de criar e multiplicar novos seres.

A «Queda» resultante deste facto, traduzida em dor e morte, terá de ser redimida com o sacrifício da *natureza animal* do ser humano, como já se assinalou mais atrás; o respectivo simbolismo bíblico, como também já se assinalou, é a expiação através da *carne queimada* pelo fogo e pelo sal no Altar dos Holocaustos. Esta «carne queimada», segundo Max Heindel, é um símbolo espiritual da acção do *fogo da consciência*, que faz de nós um «sacrifício vivo» no altar do nosso Templo Interno, o fogo da *consciência desperta* que nos aflige e queima ao adquirirmos a plena e sincera percepção dos nossos erros.

XVI – Acepção laica do «pecado original» (1)

Os antropólogos, os sociólogos, os psicólogos, os historiadores e os etnólogos têm examinado e estudado sob diversos ângulos o facto de o mito do «pecado original» não ser exclusivo do Cristianismo, mas encontrar-se disseminado através dos tempos nas mais diferentes geografias e culturas.

Neste ponto, naturalmente, as posições dos estudiosos extremam-se: os mais radicais, como por exemplo os neo-darwinistas ateus, negam pura e simplesmente o conceito, como por exemplo o evolucionista G. Richard Bozart: «Qualquer estudante liceal conhece o suficiente sobre a evolução para saber que em nenhuma parte da teoria evolucionária das nossas origens aparece um Adão ou uma Eva ou um Eden ou um fruto proibido. A evolução significa o desenvolvimento numa forma para a seguinte, a

fim de defrontar os desafios sempre em mudança numa natureza sempre em mudança, e poder vencê-los. Não há nem houve nenhuma queda a partir dum estado prévio de sublime perfeição» (G. Richard Bozart, «The Meaning of Evolution», in *American Atheist Magazine*, September 1979, p. 30).

Curiosamente, o cristão heterodoxo Celestius, do século V, discípulo de Pelágio, assume pela primeira vez uma posição que costuma ser invocada por modernos agnósticos para ridicularizar a ideia dum pecado original, posição essa que lhe valeu ser excomungado nada menos de três vezes: uma pelo bispo Aurélio no Concílio de Cartago em 412, outra pelo papa Inocêncio I em 417 e uma terceira pelo papa Celestino I no Concílio de Éfeso, em 431. Celestius rejeitou a ideia dum pecado original, afirmando: «Adão teria de morrer, em qualquer caso, quer tivesse pecado quer não. O pecado de Adão apenas recaiu sobre ele, e não sobre toda a raça humana». Consequentemente, também rejeitou a remissão dos pecados pelo Baptismo.

XVII – Acepção laica do «pecado original» (2)

No entanto, como se disse há pouco, o mito de que um acontecimento terrível, antiquíssimo, se tornou fator da infelicidade humana, tem sido encontrado sob variadas formas em diversas mitologias e religiões. Um dos mais antigos desses mitos é o do divino Zagreu, filho de Zeus e de Perséfone, considerado o «primeiro Diónysos». Instigados pela deusa Hera, esposa de Zeus e ciumenta de Perséfone, os Titans raptaram o divino Zagreu, que se metamorfoseara em *touro* para lhes escapar, despedaçaram-no e comeram-no, em parte cru, em parte cozinhado. Um mito semelhante foi encontrado no Egito, na Fenícia e na Frígia.

Os Mistérios Órficos ritualizaram este mito através dum dramatologia que incide na «culpa» e na «purificação», e respectivo ciclo de reencarnações, consequência do «pecado original» da humanidade descendente dos Titans, assassinos (e devoradores) de Zagreu, ou do touro em que se transformara (Rego 1989, 45-46).

Aqui associam-se dois «crimes» primevos:

(1) a matança de um deus ancestral e (2) o início da alimentação carnívora, perpetrada dum forma dual: (1) canibalística (o deus é antropomorfo), e (2) utilizando a carne dum mamífero (bovino).



Sigmund Freud

Pai da Psicanálise e autor de *Totem e Tabu*

A análise duma situação arcaica deste tipo, e seus efeitos subsequentes, foi exposta pela primeira vez por Freud no seu livro *Totem e Tabu* (1912), e desenvolvida por ele posteriormente (cf. Freud 1990, *passim*), bem como por outros investigadores da mesma linha. Segundo Freud, o arcaico sistema patriarcal teve o seu fim durante uma rebelião dos filhos que se aliaram contra o pai, simultaneamente tirânico, temido e venerado, dominaram-no e devoraram-no. A partir daí a família organizou-se de acordo com o sistema matriarcal, e, em lugar do pai, foi erigido um totem com a figura de um determinado animal representativo, considerado como antecessor colectivo e ao mesmo tempo como génio tutelar. Uma vez por ano a comunidade masculina reunia-se num banquete e o *animal* representado no totem era *despedaçado e comido* em comum. Ninguém podia abster-se deste banquete, que representava a repetição solene do *parricídio*, origem dos ulteriores tabus e prescrições religiosas que tinham por finalidade redimir, ou pelo menos minorar, as consequências nefastas desse acto. Muitos autores admitem a correspondência entre o «banquete totémico» e a «comunhão cristã» (Freud 1990, 122-132 e 194-196).

XVIII – Acepção laica do «pecado original» (3)

Outros autores, embora não desprezando o significado da *morte do pai*, elevado à dignidade de um *deus* e criando nos seus descendentes uma «crise neurótica» de culpa permanentemente redimida e reactivada, preferem considerar a tradição de um início histórico em que o ser humano começou a *devorar animais*, seus semelhantes na escala dos seres vivos. Um dos primeiros a expor esta teoria foi o investigador, mitólogo e filósofo da história comparada das religiões José Teixeira Rego (1881-1934), no seu livro *Nova Teoria do Sacrifício* (1918). Baseando-se em estudos já então disponíveis nos inícios do século XX, Teixeira Rego refere: «A Pré-História dá-nos o homem caçador, pescador, ao passo que os antropóides são frugívoros, e, factos notáveis, o homem conserva o aparelho digestivo dum frugívoro, nas suas tradições refere-se a um

passado de frugívoro, tem uma repugnância instintiva pela carne crua, e, finalmente, grande parte das suas doenças são devidas às toxinas dos alimentos animais. Ainda hoje, apesar das inevitáveis modificações que longos séculos de omnivorismo produziram, existe a possibilidade no homem duma alimentação exclusivamente frugívora, tantos e tantos séculos foram frugívoros os nossos antepassados antropóides!» (Rego 1989, 26-27).

Descontemos o facto de no tempo de Teixeira Rego se utilizar o termo «antropóide» num sentido evolucionário que hoje não tem, embora se perceba a que espécie de «pré-homem» o autor se quer referir: actualmente a ciência admite que os antropóides e o ser humano tiveram uma remota origem comum – o que coincide com a posição defendida no *Conceito Rosacruz do Cosmos* por Max Heindel –, sendo mais correcto afirmar-se que os actuais antropóides descendem duma antiquíssima linhagem humana degenerada. Seja como for, a *mudança de regime*, de vegetariano para carnívoro, acarretou diversas alterações, como a necessidade de caçar a presa, o *desenvolvimento do cérebro*, e consequentes rudimentos de civilização mercê do aperfeiçoamento mental, com os correlativos *excessos sexuais* e quebra da natural periodicidade – as funções sexuais passaram a exercer-se em todo o tempo –, seguindo-se-lhes a fabricação de instrumentos e a guerra com todos os seus horrores. *Foi a origem do bem e do mal* (Rego, *ibid.*).

Entre as modificações causadas pelo uso da carne como novo alimento, ocorreram algumas referidas em vários mitos: a queda do pêlo e as dificuldades e dores do parto, além da proliferação de enfermidades (Rego, *ibid.*). Teixeira Rego e outros autores opinam portanto que a «Queda» se deveu à introdução do alimento animal, derivando dessa causa perturbadora o principal factor da infelicidade humana. O poema iniciático *Metamorfoses*, de Ovídio (43 a. C.-17 d. C.), refere esse factor nos seguintes termos:

«Havia um homem [o Iniciado Pitágoras], nativo de Samos, que fugira de Samos e dos senhores da ilha por detestar a tirania, preferindo viver voluntariamente no exílio. Com a sua mente espiritual aproximou-se dos deuses, embora muito distantes nas regiões do céu, e percebeu com os olhos do intelecto o que a natureza negava aos olhares do homem comum. [...] Foi o primeiro a denunciar o costume de servir carne de animais à mesa, e também o primeiro a pronunciar, com a sua boca sábia, estas palavras: “Abstende-vos, mortais, de contaminar os vossos corpos com alimentos ímpios! Tendes os cereais e as frutas que inclinam os ramos com o seu peso, e os abundantes cachos de uvas nas vinhas, e as verduras saborosas, e nem o leite nem o mel perfumado vos estão vedados. A terra generosa proporciona-vos um sem-fim de fecundos alimentos pacíficos, e oferece-vos banquetes sem necessidade de matança nem de sangue. Só os animais é que saciam a fome com carne, e nem sequer todos. [...] Ah, que grande crime é introduzir vísceras nas próprias vísceras, e engordar o corpo insaciável enchendo-o com outro

corpo, e que um ser vivo viva da morte doutro ser vivo. [...] Mas um primeiro instigador funesto, não sei quem, sentiu inveja da comida dos leões e sepultou no seu ventre ávido alimentos corpóreos, abrindo o caminho para o crime”» (Ovídio, *Metamorfoses*, livro XV).

É interessante verificar, ao mesmo tempo, em variados mitos de diversas civilizações, como aparecem interligados o factor alimentar carnívoro e a desregração sexual: esse binómio que compõe o «pecado original» surge-nos por exemplo na epopeia de Gilgamesh bem como noutros textos da literatura cuneiforme, além de, com mais ou menos variantes, em contos populares do antigo Egipto, em lendas do México pré-colombiano, nas tradições maias-quichés, na Índia, na China, etc.

XIX – A carne e o vinho

De acordo com a Bíblia, a humanidade era vegetariana antes da expulsão do paraíso terrestre: «Eis que vos dou toda a erva que dá sementes sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm semente; isto vos servirá de alimento» (Génesis 1, 29).

Ainda segundo a Bíblia, a alimentação carnívora começou depois do Dilúvio: quando Noé e sua família, e todos os animais que estavam na arca, aportaram a terra após a retirada das águas, Deus disse a Noé e aos seus filhos:

«Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Sede o terror e o medo de todos os animais na terra e de todas as aves nos céus; e tudo o que se move na terra e de todo o peixe no mar; estão entregues nas vossas mãos. Tudo o que vive e se move servirá para vosso alimento; dou-vos tudo isto, tal como vos dei a folhagem das plantas» (Génesis 9, 1-3).

Na sequência deste relato, surge-nos um bisneto de Noé, Nimrod, do qual se diz que «foi o primeiro homem possante sobre a terra; era um poderoso caçador aos olhos de Jahvé, daí o adágio: “Como Nimrod, poderoso caçador aos olhos de Jahvé”» (Génesis 10, 8-9).

Max Heindel explica-nos que a alimentação carnívora dos seres humanos e o aparecimento do «caçador» Nimrod estão mal colocados na Bíblia (Heindel 1977, 22), e que a correcta sequência dos acontecimentos – em função das Épocas citadas no cap. XV deste artigo – deverá ser a seguinte (Heindel 1985, 218-225):

- 1 Época Polar – Humanidade semelhante aos minerais – Figura simbólica: **Adão**, formado de «barro»;
- 2 Época Hiperbórea – O Corpo Denso da humanidade foi revestido com o Cospo Etérico ou Vital, e os seres humanos tornaram-se semelhantes às plantas – Figura simbólica: **Caim**, cultivador de cereais;

- 3 Época Lemúrica - O Corpo de Desejos foi acrescentado à humanidade, que se tornou semelhante ao animal - Figura simbólica: **Abel**, pastor que não matava os animais para deles se alimentar, mas que se utilizava do leite;

- 4 Época Atlante - A Mente foi acrescentada ao ser humano para que finalmente se estabelecesse o elo entre o Espírito e o Corpo - Figura simbólica: **Nimrod**, «poderoso caçador», uma vez que se tornara necessário introduzir a carne na alimentação humana: Nimrod simboliza os reis atlantes anteriores ao Dilúvio;

- 5 Época Ariana (actual) - Tempo em que o ser humano teve de atingir o ponto mais baixo da materialidade, indispensável para conquistar e dominar a matéria - Figura simbólica: **Noé**, que introduziu a cultura da vinha e o uso do vinho - Este novo alimento, juntamente com a carne, provocou o transitório obscurecimento das verdades espirituais, permitindo à humanidade alcançar o máximo da sua **evolução material**.

A partir de uma determinada etapa desta 5.^a Época, e depois de ter «batido no fundo», começará para o ser humano a **evolução espiritual** com a substituição do egoísmo pelo amor e pelo altruísmo, ao mesmo tempo que a carne e o vinho serão abolidos da dieta alimentar por já terem cumprido a sua função, tornando-se altamente pernicioso e negativo, desse ponto em diante, a insistência no seu uso.

XX - Voltando ao «sacrifício»...

Em função de tudo quanto se disse até agora, que significado poderemos atribuir à *recaída* na especial forma de *sacrifício animal* correspondente ao uso do **pergaminho** para a *transmissão exotérica* dos textos sagrados cristãos, entre os séculos IV e XVI?

Lançando um olhar sobre a história da civilização ocidental, há a tendência para se considerar que o máximo da materialidade foi atingido nos séculos XIX e XX como o racionalismo materialista e historicista de Karl Marx, o positivismo comteano, a revolução industrial, o capitalismo liberal e neo-liberal, e revolução científica e tecnológica...

Mas há que distinguir entre o *materialismo filosófico* e o *materialismo espiritual*, pese embora a aparente contradição de termos neste último caso. O primeiro é uma atitude do intelecto que afecta sobretudo o comportamento mundano, teórico-prático, do ser humano, ao passo que o último é uma atitude que rebaixa ao nível da *carne* o que é exclusivo do *espírito* - como por exemplo dogmatizar a virgindade *carnal* da Virgem Mãe, a ressurreição *carnal* de Cristo, a transubstanciação em *carne* e *sangue* autênticos, de Cristo, na hóstia consagrada, a ressurreição da *carne* no final dos tempos... É um retrocesso à memória dos antigos tempos do canibalismo e dos sacrifícios sangrentos.

O materialismo filosófico que se desenvolveu nos séculos XIX e XX e que, de certo modo, continuará por algum tempo, é como um adubo fertilizador duma espiritualidade nova – aliás cada vez mais evidente e preponderante –, e mais apta a desvendar e a trazer à Luz o verdadeiro Deus Interno de cada homem e de cada mulher, uma espiritualidade mais responsável, mais consciente e mais propícia a elevar as nossas almas até às luminosas «asas do Sol de Justiça».

Por outro lado, na chamada «Idade das Trevas» e nos séculos que se lhe seguiram até à invenção da imprensa – que fez aumentar em flecha o uso do papel, abolindo por fim o uso do pergaminho –, o derramamento de sangue sacrificial de carneiros e bodes para que nas suas peles se inscrevessem textos sagrados correspondeu a uma fase de obscurecimento, ou de *materialismo espiritual*, em que a Igreja procurou, pela hipocatástase da *carne*, difundir o que não podia realizar pelo *espírito* tal como se exemplificou atrás.

Parafraseando Max Heindel bem como o conhecido passo dos Actos dos Apóstolos: a Igreja desses negros tempos já não podia dizer, como Pedro, «não possuo ouro nem prata», nem ao paralítico «levanta-te e caminha».

No entanto, esta fase transitória, terrível, de retrocesso simbólico ao «bode expiatório» (Levítico 16, 26) que era enviado ao deserto, para a divindade maléfica Azazel, levando sobre si todos os pecados e iniquidades do povo^{9[4]}, foi necessária a fim de preparar e dar origem, por violenta reacção, ao surto científico e ao Iluminismo dos séculos XVII e XVIII, indispensáveis – com todos os seus perigos e riscos – para a conquista da matéria e renovada emergência do espírito. Estes perigos e riscos são precisamente o fermento que fará com que os seres humanos possam enfim tomar *plena consciência* do que é ser senhor da *recta consciência* (intelectual, moral e emocional), e ascender, pela liberdade do Espírito, à Nova Era de Luz que se avizinha.

XXI – Conclusão

Pode-se ser tentado a contra-argumentar com a óbvia constatação de que o máximo de materialismo e de irreligiosidade, atingidos nos séculos XIX e XX, coincidiu com a total generalização do papel, do «casto» reino

^{9[4]} No Médio Oriente antigo os demónios eram deuses menores, seres supraterrâneos inferiores, actuando sobre as pessoas para o bem ou para o mal. Segundo o Antigo Testamento bíblico, os demónios nada podiam contra os que estavam sob a protecção de Jahvé (Salmo 91 [90], 5-6), mas actuavam sobre os que se encontravam longe de Deus – por exemplo no deserto (Isaías 13, 21; 34, 14; 50, 39). É o caso de Azazel, demónio do deserto referido no Levítico (16, 8-10.20-26). Supõem os mitólogos que devia tratar-se, inicialmente, de um demónio local, que para ser exorcizado exigia o sacrifício dum bode. Mais tarde aparece associado ao rito da Festa da Expição (Levítico, cap. 16), e o «bode expiatório» (*caper emissarius*, segundo a *Vulgata Latina*) levava para o deserto os pecados de Israel.

vegetal, e que o carnicheiro pergaminho já deixara de ser usado pelo menos há três ou quatro séculos.

Sem dúvida; no entanto, o tema deste artigo não tem a ver com os textos profanos, mas apenas, no caso que nos ocupa, com a *transmissão dos textos sagrados* e, mais especificamente, com a transmissão do Novo Testamento – o grande pólo atrator da Escritura Sagrada Cristã.

O materialismo positivista e neo-positivista dos séculos XIX e XX é uma fase de «prova» que a humanidade profana tem de atravessar – e saber vencer – a fim de evoluir espiritualmente. Em contrapartida, foi precisamente nos séculos XIX e XX, de triunfante «racionalidade instrumental», que a *literatura esotérica* se multiplicou de forma nunca vista – «racionalidade aberta» –, tal como se multiplicaram as edições da Bíblia em *papel* e em traduções num número cada vez maior de *línguas* –

Este facto – tradução do especial texto sagrado que é a Bíblia em milhares de línguas – cria uma aura de entrelaçamento entre as diversíssimas línguas sob a forma de um elo, ou de um «pensamento cordial comum»: o do **Reino de Deus** anunciado por Cristo. Curioso e misterioso estratagema místico, que nos permite abrir as portas duma **Nova Era** vencedora da *maldição de Babel* !

Esta proliferação de edições e traduções da Bíblia, nada casual, coincide com as novas hermenêuticas de carácter esotérico que, a par duma Esoterologia aprofundada, obtiveram finalmente aceitação académica com inclusão nos programas curriculares de diversas e prestigiosas universidades.

Po fim, mas não por último, não deixemos de ponderar o facto assinalável de ser cada vez mais acentuada a tendência para a alimentação vegetariana, sobretudo entre as gerações mais jovens, com a eliminação gradual do consumo de carne. Os restaurantes vegetarianos proliferam, bem como os «pratos vegetarianos» em muitos restaurantes convencionais, além de que proliferam igualmente as indústrias que produzem, manufacturam e transformam alimentos vegetarianos – sinal seguro de que há cada vez mais procura por parte dos consumidores, ou seja: por parte do público em geral.

O próximo passo a dar será a gradual abolição do álcool na alimentação – que também já começa a ser preterido, em não raros casos, por certas camadas da juventude.

Acompanhemos pois, atentamente, as mudanças vindouras, que incidirão sem dúvida na forma como as Escrituras Sagradas vão passar a ser comunicadas e transmitidas.

Gravadas primeiramente em pedra (mineral), depois em papiro (vegetal), seguidamente em pergaminho (animal – ponto mais baixo), a sua

transmissão reascendeu ao vegetal (papel), e... o próximo passo será a reutilização do reino mineral (revolução já em curso), através do silício dos computadores e dos CDs, ou, melhor ainda, das ondas etéricas da Internet e do ciberespaço e do que vier a seguir...

Grandes transmutações se avizinham. Saibamos estar preparados, espiritualmente, para elas.

Antônio de Macedo

Agosto de 2003

Principais referências bibliográficas:

ALAND, Kurt, & ALAND, Barbara, *The Text of the New Testament: An Introduction to the Critical Editions and to the Theory and Practice of Modern Textual Criticism* [Der Text des Neuen Testaments, 1981], versão revista e aumentada, pelos Autores, para a trad. em língua inglesa; William B. Eerdmans Publishing Co., Grand Rapids (Michigan) **1989**.

EHRMAN, Bart D., *The Orthodox Corruption of Scripture: The Effect of Early Christological Controversies on the Text of the New Testament* (1993), Oxford University Press, reed. New York **1996**.

EHRMAN, Bart D., & HOLMES, Michael W., eds., *The Text of the New Testament in Contemporary Research: Essays on the Status Quaestionis* (1995), vários autores, reed. Wipf and Stock, Eugene (OR) **2001**.

Encyclopaedia Judaica, eds. Cecil Roth & Geoffrey Wigoder, 16 vols., Keter Publishing House, Jerusalem **1972**.

FREUD, Sigmund, *Moisés e a Religião Monoteísta* [Der Mann Moses und die Monotheistische Religion, 1939], trad. Paulo Samuel, Guimarães Editores, Lisboa **1990**.

HEINDEL, Max, *Letters to Students* (1925), The Rosicrucian Fellowship, 4.^a ed. Oceanside (CA) **1975**.

HEINDEL, Max, *Gleanings of a Mystic* (1922), The Rosicrucian Fellowship, 5.^a ed. Oceanside (CA) **1977**.

HEINDEL, Max, *The Rosicrucian Christianity Lectures* (1909), The Rosicrucian Fellowship, 4.^a ed. Oceanside (CA) **1985**.

HEINDEL, Max, *Conceito Rosacruz do Cosmo* [The Rosicrucian Cosmo-Conception, 1909], trad. Francisco Marques Rodrigues, Fraternidade Rosacruz de Portugal, 3.^a ed., Lisboa **1998**.

HELINE, Corinne, *New Age Bible Interpretation*, 7 vols., New Age Bible & Philosophy Center, Santa Monica (I vol. 6.^a ed. **1990**; II vol. 4.^a ed. **1984**; III vol. **1986**; IV vol. 5.^a ed. **1985**; V vol. 5.^a ed. **1984**; VI vol. 5.^a ed. **1984**; VII vol. 6.^a ed. **1988**).

REGO, José Teixeira, *Nova Teoria do Sacrifício* (1918), Assírio & Alvim, reed. Lisboa **1989**.

VOLTAIRE, *Dictionnaire Philosophique* (1764), Garnier-Flammarion, reed. Paris **1964**.

A ressurreição corporal judaica



Da Obra "Laboratório Mágico"

por António de Macedo

Independentemente da catequese divina, vertical, na qual insistimos, também é verdade que se verificaram e verificam influências horizontais, a história assim o atesta (ambas se complementam em direcção a um mesmo Alto Desígnio!), e por isso não tem nada de singular o facto de certas crenças egípcias terem passado para os Hebreus, como vimos, embora com um faseamento histórico diferente e até com significativas modificações de conteúdo.

No hebraísmo primitivo, a que poderíamos chamar período patriarcal, e durante bastantes séculos da história judaica, o destino post-mortem praticamente não existia (cf. supra, pp. 100-102), de modo que a justiça de Jahvé, para poder ser aceite e reconhecida, tinha de se exercer, com seus prémios e castigos, enquanto os seres humanos viviam neste mundo como nos testemunha, por exemplo, uma das secções mais antigas do livro de Job, redigida provavelmente antes do século VIII a. C. mas que teria fixado uma tradição oral remontando aos séculos XII ou XIII a. C. Nesse trecho se estabelece um confronto entre a árvore, que mesmo cortada pode reverdecer, e o homem para o qual tudo termina com a morte:

***Há sempre esperança para uma árvore:
mesmo caída, pode recomeçar a viver...
Mas um ser humano? Morre, e morto permanece,
solta o último suspiro, e para onde vai?...
Um ser humano, uma vez caído, nunca mais se reergue,
os céus desaparecerão e ele não despertará...
Acaso podem os mortos voltar à vida?***

- Job 14, 7.10.12.14.

Como é que na mentalidade hebreia surgiu e se desenvolveu a fé numa vida após a morte e numa justiça retributiva ultraterrena ?

Sugerem alguns historiadores que esta crença se formou durante a helenização do Médio Oriente e se consolidou sobretudo a partir do século II a. C. com as

perseguições religiosas praticadas pelo selêucida Antíoco IV, o Epífano (215-164 a. C.), monarca do reino helenístico da Síria. Depois de ter invadido e ocupado o Egito, Antíoco virou os seus apetites para Israel que tentou igualmente absorver, e desta musculada tentativa da sua ambição e dos seus exércitos resultou um extenso rol de destruições e pilhagens bem como a chacina dos Judeus mais ortodoxos que se lhe opunham, sobretudo os Hasidim . Antíoco assolou Jerusalém e decretou a pena de morte para quem prestasse culto a Jahvé; ergueu no Templo da cidade um altar a Zeus Olímpico e ordenou que se fizessem sacrifícios diante dum ídolo à sua própria imagem. Judas Macabeu, chefe da oposição judaica à ocupação sírio-helénica, pôs-se à frente dos Hasidim e empenhou-se numa guerra sem quartel contra o invasor.

A tradicional teodiceia judaica, patente nos mais antigos livros da Bíblia, em que as penalidades e as recompensas sobrevinham por deliberação e intervenção divinas durante a vida terrena, sofreu um vigoroso abanão com estas perseguições de Antíoco e das suas tropas. Com efeito, aquele conceito de uma divina justiça actuando regularmente e directamente no mundo físico revelou-se incapaz de dar conta do que se passava e de consolar as piedosas vítimas: nesses conturbados tempos eram precisamente os bons e os justos que padeciam os mais duros castigos, enquanto os apóstatas floresciam e prosperavam!

Os textos do Antigo Testamento vão-nos testemunhando como estes e outros factos históricos igualmente escandalosos para os Israelitas (o exílio babilónico, por exemplo, no século VI a. C.) foram induzindo no ânimo dos perseguidos a ideia dum futuro prémio para os bons, que sacrificaram a vida pela causa de Israel, e dum futuro castigo para os ímpios perseguidores. No primitivo hebraísmo, tal como nos testemunha por exemplo o Génesis, o ser humano era uma "unidade de força vital", porque o seu corpo de carne (bâsâr) não só tinha um alento vital (nephesh) - por vezes apressadamente identificado com a "alma" - mas também um sopro espiritual (ruach) provindo de Deus. Aliás, o Prof. Sid Z. Leiman, catedrático de História e Literatura Judaicas na Universidade de Brooklyn, chama a atenção para um pormenor significativo: o ser humano não possuía um nephesh, diz ele, mas era um nephesh, e cita o Génesis: "...Wayehi ha-adam le-nephesh hayya" ("... e o homem tornou-se um ser vivente") (Génesis 2, 7). Na prática, e nesses antiquíssimos tempos, nephesh e ruach quase se indistinguiam, e não podiam ter uma existência separada, fora do corpo; por conseguinte, com a morte, todo o conjunto se dissolvia e apenas uma vaga sombra permanecia no sheol. Foi só a partir do momento em que os Hebreus sentiram a tal necessidade dum futuro prémio ou castigo, sobretudo a partir do século II a. C., como vimos, que o termo nephesh começou a ser encarado como uma entidade psíquica com existência independente do corpo.

Porém, já nesse tempo e mais ainda posteriormente, as diferentes escolas judaicas não se entendiam nem se coadunavam quanto ao que deveria acontecer após a morte, havendo mesmo sérias rivalidades, nalgumas delas, quanto à validade de se irem buscar as velhas ideias egípcias de ressurreição e concomitante retorno dos corpos...

Vejamos um caso típico registado por Flávio Josefo no *Bellum Judaicum*,

respeitante às disputas doutrinárias do seu tempo (primeiro século da era cristã) sobre a morte e a vida após a morte, por exemplo entre os saduceus e os fariseus. Estes últimos, que expressavam as ideias duma classe média mais liberal, seguiam a Lei escrita de Moisés - a Torah - mas complementavam-na com a tradição oral e admitiam, por exemplo, a ressurreição dos mortos e até, em certos casos, a reencarnação das almas em vários corpos sucessivos (cf. Epifânio de Salamina, Panarion I, 16); em contrapartida os saduceus, que se reclamavam da linhagem de Sadoq, sumo-sacerdote de Salomão (1 Reis 2, 35) e contemporâneo do célebre Iniciado Nathan da Irmandade dos Profetas, recusavam seguir outra Lei que não fosse a Torah (os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, ou Pentateuco) e negavam a imortalidade da alma, a ressurreição dos corpos após a morte e a existência de espíritos angélicos. Por sua vez a comunidade essénia, cujos fundamentos iniciáticos esbocei e resumi na terceira parte deste livro, no bloco "Diálogo entre Cristo e Buda", não deixou textos exotéricos, explícitos, sobre essa matéria: "A bem-aventurança dos eleitos tal como vem descrita na Regra da Comunidade ou no Documento de Damasco está muito mais próxima da "imortalidade da alma" do que da "ressurreição da carne" [...] São surpreendentes a ambiguidade e a imprecisão, para não dizer a falta de provas, na literatura da seita de Qumrân sobre a ressurreição, individual ou geral" .

A ideia de uma futura "ressurreição dos corpos" constituiu, no Judaísmo, uma novidade teológica que começou a tomar forma sobretudo a partir do século II a. C., como nos testemunham alguns textos bíblicos dessa época: Daniel 12, 2-3, Isaías 26, 9 ou o 2.º livro dos Macabeus (cf. supra, pp. 105-106). Certos estudiosos admitem que esta ideia pode ter tido origem, também, na antiga religião Iraniana em que a Grande Batalha Cósmica, dualística, entre a vida e a morte, acabará por ser ganha pela vida através da ressurreição dos mortos. Por outro lado a influência grega, na época helenística, ajudou a transformar as sombras do sheol em verdadeiras "almas", com uma existência imortal à margem e independentemente do corpo .

Aliás, certos passos do 2.º livro dos Macabeus deixam alguma dúvida se se tratará do conceito de "ressurreição dos mortos", ou, antes, de alguma forma de "reencarnação", isto é, de renascimento num novo corpo, naturalmente humano e por isso semelhante ao actual: no capítulo 7, que narra o martírio dos sete irmãos Macabeus às mãos do tirano Antíoco IV, deparamos com as seguintes frases:

"Ímpio brutal, podes arrebatá-nos a vida presente, mas o Rei do mundo reerguer-nos-á a fim de vivermos de novo para sempre, visto que morremos pelas suas leis" (2 Macabeus 7, 9).

"O céu deu-me estes membros; por amor às suas leis não me preocupo com eles; e dele espero recebê-los de novo" (7, 11).

"A nossa é a melhor escolha, encontrar a morte pelas mãos dos homens, confiando na promessa de Deus que seremos reerguidos por ele; ao passo que para ti não haverá ressurgimento para uma nova vida" (7, 14). Por sua vez a mãe dos heróis encoraja os filhos a sofrerem varonilmente o martírio, dizendo-lhes:

"Não sei como aparecestes no meu ventre; não fui eu quem vos dotou de respiro e de vida, nem formei os vossos membros. Mas o Criador do mundo que fez os homens e ordenou a origem de todas as coisas, restituir-vos-á, na sua misericórdia, o vosso respiro e a vossa vida, visto que por amor das suas leis não vos preocupais convosco" (7, 22-23).

A ambiguidade deste conceito reflecte-se mais adiante quando a mãe afirma que Deus criou o mundo ex nihilo, contrariando a tradição judaica, do Génesis, bem como as concepções do nascente Judaísmo helenístico, antecipando de certo modo o gnosticismo de Basilides (meados do século II d. C.):

"Imploro-te, meu filho, olha para a terra e para o céu e tudo o que há neles, e de como Deus os fez a partir do nada, e de como os humanos vieram à existência da mesma maneira" (7, 28).

Alguns teólogos - como por exemplo o professor Willem B. Drees da Universidade de Groningen, Holanda (cf. *Beyond the Big Bang*, 1990) - admitem que este versículo acusa uma nítida influência grega no contexto judaico do século II a. C. Essa influência das ideias gregas sobre o conjunto das concepções judaicas do mundo e da morte poderá igualmente observar-se na maneira de conceber a doutrina da reencarnação, ou preexistência das almas com sucessivos renascimentos, como parece confirmar o livro bíblico da Sabedoria, escrito no séc. I a. C. por um judeu culto da diáspora e que naturalmente reflecte as ideias do seu autor. Nele podemos ler:

"Recebi por lote uma alma excelente, ou antes, por ser bom, entrei num corpo sem defeito" (Sabedoria 8, 19-20).

"Porque um corpo corruptível pesa sobre a alma, e essa tenda de barro sobrecarrega o espírito com os seus cuidados" (Sabedoria 9, 15)

Os teólogos mais conservadores tentam demonstrar que estes passos não se referem a nenhuma forma de reencarnacionismo, e que a escatologia do livro da Sabedoria pode ser explicada por categorias exclusivamente judaicas sem recorrer às (óbvias) influências helenísticas que nele existem. Os exegetas laicos contra-argumentam que os teólogos bem podem considerar que não se trata de preexistência das almas, mas o que os teólogos consideram não anula o que lá está por mais que se empenham em demonstrar o indemonstrável, isto é, a não influência grega sobre o Judaísmo intertestamentário. O problema reside em que o livro da Sabedoria, considerado apócrifo pelo cânone judaico (e luterano) foi aceite como canónico pela Igreja católica no Concílio de Trento (1545-1563) ao mesmo nível dos restantes livros inspirados da Bíblia - e este é um ponto absolutamente indisputável para um teólogo católico. Daí os malabarismos retóricos e dialécticos a que a teologia católica *mainstream* se vê obrigada a recorrer, a fim de analisar, reler e reinterpretar aqueles textos e subjacentes conceitos até fazê-los encaixar no corpus dos dogmas da Igreja - nomeadamente, neste caso, o dogma da ressurreição da carne.

Para o Judaísmo farisaico a crença na ressurreição dos corpos é um artigo de fé da Mishnah:

Todos os Israelitas terão a sua parte no mundo vindouro [...] E não terão parte no mundo vindouro aqueles que dizem que não há ressurreição dos mortos prescrita na Lei, e os que dizem que a Lei não é do Céu, e os epicuristas. (Sanhedrin X, 1),

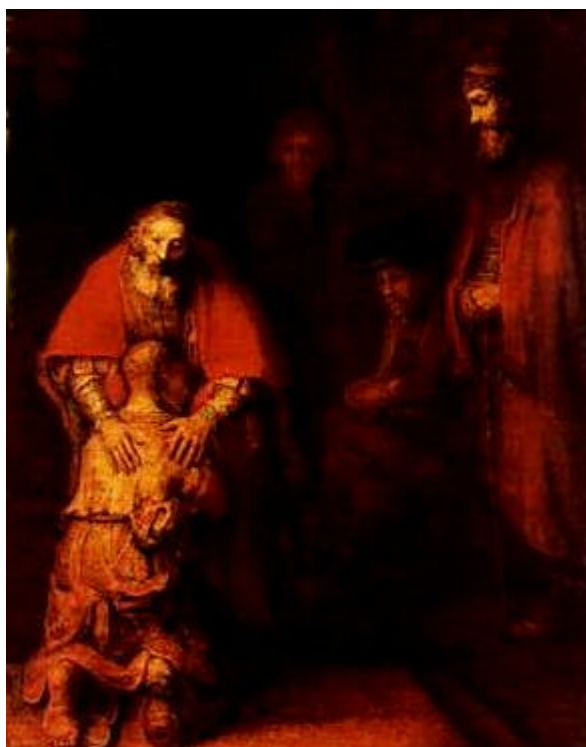
Já vimos que os saduceus rejeitavam a ressurreição dos mortos por não a encontrarem na Lei de Moisés (Torah), discordância que deu origem a muitas discussões e controvérsias: na literatura rabínica, talmúdica e midráshica podemos deparar com inúmeras opiniões diferentes sobre o destino da alma após a morte, a redenção messiânica, a ressurreição dos mortos, o mundo vindouro... como por exemplo se os mortos se recordam ou não do mundo que deixaram, com que corpo é que os ressuscitados (se é que ressuscitam!) irão eternizar-se, sobretudo os que em vida tiveram corpos malformados e doentes, ou se esses corpos se tornarão perfeitos, ou ainda se aparecerão nus ou vestidos, etc. Um dos textos midráshicos chega ao ponto de afirmar: "A única diferença entre os vivos e os mortos é o poder da fala" (Pesikta Rabbati XII, 46). Acerca daqueles de entre os fariseus que acreditavam na reencarnação, diz-nos Flávio Josefo: "... Concebem a alma como imperecível, mas só as almas dos bons passam para outro corpo, enquanto as dos maus sofrem um castigo eterno".

O filósofo judeu Fílon de Alexandria, contemporâneo de Jesus, argumentava que o corpo é uma coisa morta e um "conspirador contra a alma", e que a doutrina da ressurreição é secundária à da imortalidade da alma, e que no fundo o conceito de ressurreição não passa de uma maneira figurada de representar a verdadeira imortalidade espiritual. Modernamente, certas versões actuais do Judaísmo negam a crença na ressurreição a favor da doutrina da simples imortalidade, ou seja, afirmam que a ressurreição não deve ser tomada literalmente mas simbolicamente.

Enfim, não vale a pena adiantar muito mais para se perceber que já no tempo de Cristo vigoravam as concepções mais díspares e até opostas sobre os mistérios da vida, da morte e do além. Como os ensinamentos de Jesus sobre tais mistérios têm sido diversamente interpretados ao longo dos séculos - e ainda hoje -, importa ver um pouco mais de perto como é que esses ensinamentos ficaram registrados e que precauções exigem para a sua plausível decifração.

XIV.

Regresso ao Pai de Amor



*"O Retorno do filho pródigo",
Rembrandt van Rijn (1606-1669)*

Da Obra "Instruções Iniciáticas"

por António de Macedo

Eis-nos chegados ao termo (provisório) do nosso peregrinar, quais cavaleiros-monges errando por vales e cerros, prados e matagais, em busca da silenciosa vereda que nos levará ao Monte Abiegnio. Muito ficou por inquirir, nem será preciso dizê-lo, por exemplo o estimulador confronto entre ressurreição e reencarnação, ou o que se deve entender por fogo eterno do inferno, ou o enigma do Santo Sudário, ou ainda o iluminante segredo dos Dois Sermões de Cristo Jesus, o Sermão da Montanha e o Sermão da Ceia... mas estas e tantas outras coisas talvez façam parte de um outro livro, enfim, se a Deus prouver e o alento não me faltar.

Escrevo isto nos finais do século XX que é o mesmo que dizer, nos finais do segundo milénio, perturbante fronteira, ou trincheira, duma interminável guerra entre o passado e o futuro, entre a tentação do balanço do que herdámos e o temerário impulso de profetizar as visões que desejamos... Que é um século, ou um milénio, perante a imensidão da *consciência*, e falo agora de toda a consciência, quer humana quer macrocósmica, mistério final e tão transcendente

que nenhuma ciência até hoje soube definir? Tal como canta o Salmista: «Porque mil anos, Senhor, são para ti como o dia de ontem que já passou» (Sl 89 [90], 4), ou como diz a segunda epístola atribuída ao apóstolo Pedro: «Um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia» (2 Ped 3, 8).

Mas por que havemos de surpreender-nos? Cristo não disse «vós sois deuses»? E Paulo não repete que somos o Templo do Espírito de Deus? E que «n'Ele vivemos, nos movemos e somos» (Act 17, 28)? E se Cristo está em nós — «... Cristo em vós, a esperança da glória...» (Col 1, 28) —, pois tal não é um glorioso aval que nos credibiliza divinos? Porquê então a recusa de Deus por parte de alguns de nós, os ateus, por exemplo, que é o mesmo que se rejeitarem no que têm de mais essencial e mais sagrado, e de mais livre, ou, no extremo oposto, o temor a Deus, ou mesmo terror, e correlativo servilismo para com Aquele que antes de mais nada é um Pai de Amor e um Pai misericordioso?

«Porque não recebestes espírito de escravidão para cair de novo no temor, antes recebestes um espírito de adopção filial, com o qual chamamos: *Abba* (Paizinho). É o próprio Espírito que atesta, em unísono com o nosso espírito, que somos filhos de Deus» (Rm 8, 15-16).

Falei na recusa de Deus, que é a posição normal dos descrentes: não só não acreditam que Deus exista mas vão mais longe, talvez em muitos casos nem se dão conta disso: recusam-no, porque sentem que um Deus que se não mostra claramente, que alimenta tantas incertezas em tanta gente ao logo de tantos séculos, não pode ser um Deus de bondade. Se fosse verdadeiramente bondoso, aparecia-nos! Com efeito, raciocinam os ateus, se Deus existe, então por que se não mostra em toda a sua esplendorosa Onnipotência, envolto numa parafernália de trovões, relâmpagos e outros efeitos especiais, acabando duma vez por todas com a descrença dos que descreem? Tal como se queixa o «pagão» Alberto Caeiro:

***Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou![\[1\]](#)***

Bem, Deus nunca faria isto, nunca entraria pela porta dentro de ninguém sem pedir licença, porque Ele respeita a nossa liberdade, incluso a liberdade de não acreditarmos n'Ele: «Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele e ele comigo» (Ap 3, 20).

O teólogo François Brune conta a este propósito uma bonita história, variante de «la Belle et la Bête», que peço licença para aqui contar também[\[2\]](#).

Vivia nas brenhas dum certo país medieval uma rapariga feia e com muito mau feitio, muito agressiva e de maus costumes, que morava numa choça imunda e de quem todos se afastavam. Por uma estranha aberração do destino, o belo príncipe, filho único e bem-amado do poderoso rei daquele país, pretendido pelas mais formosas princesas dos reinos vizinhos, passou pelas tais brenhas, viu a

desgraçada e apaixonou-se perdidamente. Apaixonou-se a tal ponto, com um amor tão louco e abrasador, que não conseguia dormir noite e dia. Pensou consigo mesmo:

— Como hei-de fazer para lhe conquistar o coração? Se lhe apareço numa esplêndida carruagem dourada, com os meus pagens e lacaios, vestido de brocado e ouro, e deponho a coroa e o meu coração a seus pés, decerto que ela, só para apanhar a coroa e tudo quanto lhe possa oferecer, aceitará desposar-me, mas... amar-me-á deveras?, por mim e não pelas minhas riquezas?

E o príncipe renunciou ao seu projecto.

Um dia a pobre rapariga, varrendo à porta da choça, viu aproximar-se um mendigo coberto de andrajos, tão miserável e feio que ela se assustou, e, fazendo jus à agressividade e ao mau feitio que tinha, escorraçou-o à vassourada. No dia seguinte o mendigo voltou, mantendo-se à distância, discreto e humilde. Passou a vir todos os dias, retirando-se sempre que pressentia que a estava a importunar.

Um dia aproximou-se tanto que ela pôde olhá-lo de perto, e viu que tinha uns olhos meigos e bonitos. Dia após dia foi deixando que se aproximasse mais, e acabou por fazer uma descoberta estranha: ele era um mendigo, sim, mas um mendigo de amor. Bem podia ela escorraçá-lo, que ele sempre vinha e ali ficava — sem pedir nada. E então a desgraçada rapariga começou a adivinhar o grande amor com que era amada, e a desejar ser capaz, no seu coração, dum amor assim tão grande... mas o mendigo era tão pobre, e tão feio! A pouco e pouco foi vencendo a repugnância que ele lhe inspirava, ser amada daquela maneira começou a torná-la feliz, duma felicidade indizível, e um dia descobriu que o amava também, pelo amor do seu amor! E aceitou-o.

Está-se mesmo a ver o final da história: o mendigo, então, deixa cair os andrajos e não é outro senão o tal príncipe esbelto e formoso, quebra-se o feitiço e a desgraçada e suja rapariga transforma-se na mais bela princesa de todo o reino...

No fundo, fora ela que se salvara a si mesma com o milagre do amor, mas, para que isso pudesse acontecer, foi preciso que o príncipe — Deus? — não comesse por lhe aparecer em toda a glória, e se mantivesse discreto, para que a Humanidade, também — agressiva e de maus costumes? —, acabe por revelar a luminosa beleza do latente amor que encerra em si, ansioso por florir, e que se obstina em ignorar e recalcar.

Não é o rastejar de escravo prostrado a Seus pés que Deus pretende. Talvez não seja essa a concepção de divindade que têm ou tiveram outros povos, ou certas seitas cristãs, mas o Deus que Cristo nos revelou quer outra coisa, deseja-nos filhos bem-amados, não serventes:

Ah, mas o Deus cristão é um Deus bem estranho. Não está interessado na nossa obediência, nem se satisfaz com ela. Quem criou centenas de milhões de galáxias não tem necessidade dumas miríades de larvas subservientes. Não: a exigência de Deus, ou antes a sua expectativa, vai muito mais longe: Ele quer ser AMADO![\[3\]](#)

Mas, ai de nós!, o Ocidente cristão ainda não sabe ser verdadeiramente crístico! E a mística cristã do Amor é tão bela, e tão admirável! Quanto a isto, temos de reconhecer, o Oriente ainda não perdeu de todo uma visão iluminada que o nosso Ocidente profano, embrenhado em materialismo, se tem esforçado por suprimir e deslembrar. Se aqui no Ocidente alguém for por aí dizendo «Eu sou Deus» pegam nele e metem-no no manicómio. Se no Oriente hinduísta, por exemplo, alguém for pelas ruas exclamando «Eu sou Deus!» felicitam-no porque foi iluminado e descobriu a sua verdadeira identificação.

É essa natureza, a mais íntima, é a essência do Amor. «Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19).

Num arrebatamento espiritual, Santa Teresa de Jesus ouviu o seguinte, sem ver quem o dizia: «... Todo o dano que vem ao mundo é de não se conhecerem as verdades da Escritura com clara verdade, da qual não ficará um til por cumprir». Conheceu Santa Teresa que era a mesma Verdade quem tal dizia, e estranhou-se, pois sempre lhe parecera que todos os fiéis criam e sabiam isso. Tornou-lhe porém a Voz: «Filha minha, quão poucos Me amam com verdade! *Se Me amassem, não lhes encobriria Eu os meus segredos*. Sabes o que é amar-Me com verdade? É compreender que tudo quanto Me não é agradável a Mim — é mentira»^[4].

«Se Me amassem, não lhes encobriria Eu os meus segredos...» O verdadeiro AMOR A DEUS é uma Iniciação, e por sabê-lo, é que Jesus não podia revelar os *segredos* aos homens comuns, incapazes de tanto Amor, e revelava-os à parte aos discípulos. «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele» (1 Jo 4, 16). A Igreja, com a sua obstinação em se agarrar à letra, esquecendo a conhecida advertência de Paulo, muitas vezes materializou as maravilhosas verdades esotéricas e iniciáticas que os Evangelhos contêm — e que felizmente as Escolas de Mistérios preservam, e nos ensinam e desvendam —, transformou em coisa física o que é místico e cósmico — por exemplo, o fogo do inferno —, e permitiu que em nome dum Deus implacável e imperdoador se dessem largas a tanta crueldade e intolerância ao longo dos séculos, até culminar, por previsível reacção, no lamentável materialismo filosófico e científico em que estrebuchamos hoje em dia.

E no entanto... se lermos com atenção a parábola do trigo e do joio, por exemplo, relatada no Evangelho de Mateus (Mt 13, 24-30; 36-43), uma das tais cujo simbolismo Jesus explicou à parte aos Seus discípulos, notaremos o cuidado que o Senhor do Reino dos Céus pôs em observar o «tempo de espera»^[5]: quando os servos do dono do campo queriam arrancar o joio que crescera misturado com o trigo, o senhor respondeu-lhes: «Não, não suceda que ao apanhardes o joio, arranqueis juntamente o trigo. Deixai crescer ambos até à ceifa, e na altura da ceifa direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado, porém o trigo recolhei-o no meu celeiro» (Mt 13, 29-30). Deus não extermina ninguém por ser «joio», e muito menos prematuramente, ao contrário do que fizeram certos fanáticos tantas vezes ao longo da história, como nos dá conta o trágico episódio da tomada de Béziers em 1209, durante a cruzada contra os albigenses promovida por Inocêncio III: o cisterciense alemão Cesário, cronista da abadia de Heisterbach e que escreveu quinze anos depois, relata que tendo o

exército perguntado ao legado papal, Arnaud Amaury, como se havia de fazer para distinguir, na multidão dos vencidos, entre os bons e os maus, aquele respondeu: «Matai-os a todos, Deus reconhecerá os seus». E assim se fez.

A evolução é um plano divino a longo prazo; um homem-joio pode tornar-se em homem-trigo pela espiritual Alquimia da transmutação do mal em bem, que já sabemos ser uma lei divina: o Amor é a lei de coalizão universal — e se o Espírito em nós habita como nos afirmam as Escrituras, seremos perfeitos como o nosso Pai celestial é perfeito. O homem-joio, ao ser queimado pelo fogo da consciência, que é o que mais queima, no cadinho (*crucibulum*) da provação, acabará por revelar o ouro que na escória se esconde, a escória que ele transitoriamente é.

Até os escribas conheciam que a lei do Amor é a primordial! Lemos no Evangelho de Marcos que um escriba, ouvindo Jesus falar e expor a Sua doutrina, disse-lhe: «Muito bem, Mestre, com verdade disseste que Ele é único e não há outro fora d'Ele, e amá-lo com todo o coração e com toda a inteligência e com toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo, vale mais que todos os holocaustos e todos os sacrifícios» (Mc 12, 32-33). Já o profeta Oseias, no AT, o dizia:

Porque o amor fiel é o que me agrada, não os sacrifícios;

E o conhecimento de Deus, não os holocaustos. — Os 6, 6.

Versículo que Jesus cita e resume ao responder aos que o criticavam por conviver com publicanos e pecadores: «Não são os saudáveis que precisam de médico, mas os doentes. Ide e aprendei o que significa: Misericórdia quero, não o sacrifício. Porque não vim chamar os justos, mas os pecadores [gr. *'amartôlous*, «os que erram», «os culpados»]» (Mt 9, 12-13).

Este Pai misericordioso que Jesus nos veio revelar, ansioso pelo nosso amor, é perfeitamente caracterizado na parábola do Filho pródigo, que nos é contada iniciaticamente no Evangelho de Lucas (Lc 15, 11-32), que já sabemos pertencer a uma Escola de Mistérios mística e devocional. Esta parábola é uma chave, e contém diversas instruções relevantes. Por exemplo: dos dois filhos, um fica em casa e outro parte à aventura para uma terra longínqua, delapidando os seus bens. Tal como o Abel e o Caim do Génesis: Abel ficou estático na pastorícia, e, naturalmente, não evoluiu e acabou por ser morto, ao passo que Caim se aventurou na agricultura e na pesquisa de novas combinações de sementes, sendo progenitor de artífices e criando uma civilização férrea e marcial que, se por um lado permite conquistar a matéria e evoluir, por outro corre o grave risco de sucumbir ao peso da mesma matéria, e, se não se arrepende, isto é, se não faz a *metanoia*, ou a transmutação mental e espiritual, não terá outro remédio senão passar pelas piores privações e ter de comer «as alfarrobas que os porcos comiam» (Lc 15, 16), tal como o filho pródigo no país distante e rigoroso aonde se aventurou. É evidente que a comida dos porcos, ou a satisfação grosseira dos vícios materiais, não alimenta o verdadeiro homem espiritual, cuja natural aspiração é regressar à «Casa do Pai».

Os Padres Gregos já haviam notado há muito tempo que o grande texto correspondente ao Génesis, nos Evangelhos, era a parábola do Filho pródigo a que eles aliás preferem chamar, não sem razão, «parábola do Pai misericordioso». Ora o que lhes tinha chamado a atenção é que a narrativa se pode aplicar tanto ao conjunto da humanidade como a cada um de nós, como também a cada um dos nossos erros[6].

«Caindo em si» (Lc 15, 17), ou «entrando em si mesmo» como nos diz o texto original (gr. *eis 'eauton elthôn*), o filho pródigo reconhece o erro e descobre o seu verdadeiro e luminoso ser, que não é o Eu personalístico egoísta e vicioso, e *arrepente-se*; o arrependimento diz-se em grego *metanoia*, que significa «mudança de mente». Quando chega ao lar o Pai recebe-o de braços abertos, em vez de o punir: recebe-o amorosamente — mas atenção!, tal só foi possível *depois* do filho ter feito a *metanoia*, abrindo a porta da alma e convidando, iluminado, Deus a entrar, como nos ensina o versículo do Apocalipse citado atrás: «Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele e ele comigo».

Recordemos a admirável oração do Pai Nosso, que Jesus nos ensinou no Sermão da Montanha: entre outras coisas, aí encontramos: «Liberta-nos das nossas dívidas [gr. *opheilēmata*], tal como libertamos os que nos devem» (Mt 6, 12). A Igreja católica, para tornar o conceito mais acessível ao homem comum, desmetaforizou a expressão «liberta-nos das nossas dívidas » em «perdoa-nos as nossas ofensas», o que, neste caso, vem a dar ao mesmo e talvez com mais clareza; aliás no Evangelho de Lucas, onde a mesma oração é registada, não se fala em «dívidas», mas em «erros» (gr. *tas 'amartias*) — ou «pecados» no sentido teológico de desvios à Lei. Na sequência, Jesus adverte: «Porque se perdoardes aos homens [gr. *tois anthrôpois*] os seus maus passos [gr. *paraptômata*, «faltas», desvios], também o vosso Pai celeste vos perdoará. Mas se não perdoardes aos homens os seus maus passos, também o vosso Pai não vos perdoará os vossos» (Mt 6, 14-15). Cerca de 180 ou 190 anos antes de Cristo, já um hebreu chamado Ben Sirach advertia o mesmo num livro que a tradição católica incluiu no AT:

Perdoa ao teu próximo as ofensas que recebeste,

E quando rezares, os teus pecados ser-te-ão perdoados. — Sir 28, 2.

Isto parece em contradição com o que temos vindo a dizer, acerca dum Deus-Pai todo-Amor e todo-Misericordioso... Afinal, este Pai celeste é um ser vingativo, pois se não perdoarmos aos outros procede connosco da mesma maneira: — Ah sim? não perdoaste? então também não te perdoo! — Já sabemos que não é assim. A instrução iniciática é clara: se não perdoarmos a quem nos ofendeu, «fechamos a porta», e o Pai, que respeita a nossa LIBERDADE, por muito que o Seu divino coração sangue, nada pode fazer: aguarda que façamos a metanoia, e que despertemos para a compreensão da nossa real natureza, divina, a fim de abirmos as portas e as janelas da mente e do coração para que a Sua luz nos inunde e o nosso verdadeiro Eu se revele, e, iluminados e abençoados, nos elevemos natural e amorosamente até à compreensão de que Ele *está sempre presente*, e nunca nos abandona — nós é que O abandonamos... Alexis Carrel

recomendava: «Reza, não para que Deus se lembre de ti, mas para que tu te lembres d'Ele!»

A dor de Deus, de se ver remoto de nós por nossa culpa, é infinitamente maior do que a nossa dor de nos encontrarmos apartados d'Ele, e tal se deve à nossa obstinada clausura num eu personalístico e egoísta que na verdade não somos nós, e que, quando nos advier o despertar espiritual, será queimado, ou purgado, por um fogo de consciência que queima dolorosamente, até que deixemos de recusar Deus e o Seu amor: meditemos no que diz Santa Clara, contemporânea e amiga pessoal de S. Francisco de Assis:

«O fogo do inferno é a luz divina tal como é sentida pelos que a recusam.»

Seguindo o exemplo de Paulo e de João que nos ensinam a miraculosa força da graça perdoadora, sabemos que essa energia perdoadora é o melhor alimento do Santo Graal, e que devemos eliminar do nosso íntimo todas as tentações retaliativas e vingativas que só irão proporcionar energias acrescidas ao Graal Negro. Mas não nos iludamos, não se trata de perdoar de qualquer maneira permitindo que o mal alastre na confiança da impunidade: o perdão não exime o ofensor de ter consciência do prejuízo que causou e de ser compelido à *restituição*: por exemplo prestando *serviço* a quem prejudicou, para *redimir* o mal que fez e repor o *equilíbrio* das acções e contra-acções do universo. O ofendido pode bem perdoar, e assim se desliga, mas o ofensor é que *não fica perdoado* a menos que ele próprio cumpra três condições: 1 — Sincero arrependimento; 2 — Restituição; e 3 — Reforma, ou firme propósito de mudar a vida, abandonando o culto da personalidade para se submeter à luz do Eu superior e deixar de continuar a transgredir as leis espirituais.

Trata-se, no fundo, de aprender a bem rezar, compreendendo a lição do Pai Nosso e tendo a clara consciência de que não devo rezar para mudar as pessoas e as coisas, ou pior, para mudar a vontade de Deus, mas para me saber amoldar à Sua — mudando-me a mim mesmo, com a graça divina, e tudo o que pedir, com fé, me será concedido.

Bom, eis-nos chegados ao fim do que por ora tenho para vos dizer, mas não gostaria de me despedir do heróico leitor que calorosamente me acompanhou nesta viagem sem lhe dar um resumo de tudo quanto tentei alinhar, melhor ou pior, ai de mim, com a ajuda e a complacência de Deus e para algum amparo de quem busca, resumo que é uma das mais luzentes páginas de Philo-Sophia portuguesa:

A Alegria é a unidade concreta dum Universo: sociedade pronta e patente; é, pode dizer-se, a realidade do Ser planificada.

A Dor é a nova direcção da Unidade, quebrada em mil destroços, fragmentada e dispersa, buscando para além.

A Graça é, antes da Dor, o sorriso da Alegria; é, depois da Dor, a Unidade reconquistada boiando sobre os destroços, que, por ela, tomam um novo sentido de Alegria, um lúcido corpo de drama, um valor de revelo e exaltação.

A Alegria atinge-se, é a nossa realidade imediata e é também a nossa conquista.

A Graça é, no indivíduo, a presença dum infinito de qualidade, que tudo abrange e excede.

A Alegria é a vitória, em cada ser, do sentido de concreto universalismo sobre o abstracto individualismo.

A Graça é o próprio Universo que é presente, por dentro e em espírito, em cada parcela — átomo, mundo ou criatura.

A Alegria canta, a Dor procura e atende, a Graça é [7].

Concluo, enfim, com algumas recomendações que já têm sido reproduzidas de várias maneiras por diversos autores, antes de mim, mas que nunca é de mais relembrar:

- Se nas tuas orações pedires uma laranja e Deus te der um limão, não desesperes: faz uma limonada.
- Acautela a tua vida terrena como se fosses viver muitos anos; acautela a tua vida espiritual como se fosses morrer esta noite.
- Esforça-te como se tudo dependesse de ti; reza como se tudo dependesse de Deus.
- Agradece a Deus todos os dias mesmo que não saibas porquê; Ele sabe.

[1] FERNANDO PESSOA, «O Guardador de Rebanhos», V, in *Obra Poética e em Prosa* (ed. cit.), vol. I, p. 747.

[2] Relatada em: FRANÇOIS BRUNE, *Pour que l'homme devienne Dieu* (ed. cit.), pp. 118-119 e em: *Christ et karma* (ed. cit.), pp. 180-181.

[3] FRANÇOIS BRUNE, *Christ et karma* (ed. cit.), p. 179.

[4] SANTA TERESA DE JESUS, «Livro da Vida», XL, 1, in *Obras Completas* (ed. cit.), pp. 376-377.

[5] V. *supra*, p. 339, a propósito do simbolismo do número 40.

[6] FRANÇOIS BRUNE, *Christ et karma* (ed. cit.), p. 170.

[7] LEONARDO COIMBRA, «A Alegria, a Dor e a Graça» (ed. cit.), pp. 184-185.

O Pássaro Azul da Felicidade



Da Obra "Laboratório Mágico"

António de Macedo

Após este primeiro exercício de descontração e relaxe, proponho-vos um pequeno intervalo para meditarmos sobre a felicidade.

Muito se tem dito e escrito sobre tal coisa, lembro-me por exemplo dum livro que me impressionou vivamente na minha juventude, *A Conquista da Felicidade*, de Bertrand Russell. Nele o autor reflecte sobre um certo número de fardos que oprimem os homens e as mulheres e os impedem de ser felizes, como a inveja, o egoísmo, o espírito de competição, o sentimento de culpa, as opressões sociais, e outros, e apresenta um conjunto de prescrições e conselhos para se adquirir — ou readquirir — o gosto de viver. Indignado contra as imposições da ética burguesa dos tempos em que escreveu, Russell não se esquece de nos alertar contra a concepção ortodoxa do pecado que leva a fazer às escondidas o que se proíbe às claras, nomeadamente no que concerne à sexualidade, com todo o rol de culpabilidade, dor e desacertos provocados por uma moral hipócrita, egocêntrica e castrante, e desajustada no seu confronto com os instintos mais livres e as aspirações mais secretas e quiçá mais legítimas do homem e da mulher dignos de si próprios. (Bom, hoje descambámos no extremo oposto, o excesso de «puritanismo vitoriano» do século XIX e da primeira metade do século XX deu lugar ao actual permissivismo do «vale tudo e à vista de todos», em matéria de sexo. Não penso que seja uma melhoria nem uma libertação no verdadeiro sentido: basta ver o monstruoso cortejo de disfunções emocionais e psíquicas de toda a ordem que avassalam e atormentam os países ditos mais avançados. O ideal é *saber encontrar e praticar* a intersecção entre a *responsabilidade* e a *gnose* da verdadeira sacralidade do amor).

No entanto, por muito crucial que este aspecto seja e muito pese, não é por aí que vai o gato às filhós, como se costuma dizer; há missionários que preferem ir iluminar almas para terras longínquas, no entanto mesmo ao pé da nossa porta estão o enfermo, o abandonado, o melancólico e todos os que sofrem duma maneira ou doutra.

Onde o amor pelo nosso próximo? Onde o desapego de si? Onde o olhar compassivo e transbordante de calor fraterno ao longo da mão estendida para ajudar?

Na fase infantil, o ser humano estende a mão, de facto, mas é para *receber* e a sua palavra predilecta é «dá-me!», e a maior alegria que se pode proporcionar à criança é a chegada do Natal ou do dia dos seus anos para *receber* presentes. Na fase verdadeiramente adulta, e autoconsciente, a corrente inverte-se e a maior alegria dum espírito elevado é *ofertar* — por isso se diz que a maneira mais segura, mais rápida e mais radiante de ser feliz é pensar menos em si e fazer mais pelos outros.

O pior é que os adultos, em sua esmagadora maioria, permanecem teimosamente apegados à fase infantil, por isso não admira que sejam infelizes: o egoísmo prolongado para além da infância é fonte de extrema insegurança, o discernimento falha, o medo sobrepõe-se ao amor e o interesse próprio ao bem alheio. O desajuste é total porque quem assim se descaminhou vê-se de súbito rodeado de inimigos, ou pelo menos de competidores, e por isso o poeta brasileiro Vicente de Carvalho bem podia dizer, com lapidar desencanto:

A felicidade está onde a pomos,

mas nunca a pomos onde nós estamos.

A felicidade não é um fim em si, é uma consequência: não estamos neste mundo para alcançá-la a todo o custo, mas para *aprender*, e o caminho que conduz à perfeita alegria — a tal «perfeita alegria» cantada pelo Poverello — começa quando aprendemos a dar o estrito valor, e não mais do que esse, às posses materiais, compreendendo que a *prosperidade* não se equaciona apenas com uma grande conta bancária ou uma boa marca de automóvel, mas consiste antes de mais nada em ter a consciência do Cristo Interno permitindo que esse Divino Amor se difunda e se irradie através de nós, ou seja, em saber que dispomos de todos os meios, sobretudo espirituais, para usufruir os dons da natureza e sermos capazes de partilhá-los.

No Serviço de Templo da Fraternidade Rosacruz reza-se uma oração muito bonita que o diz duma forma singela, e da qual me permito transcrever algumas estrofes:

***Não mais luz, Senhor, Vos peço,
Mas olhos para ver a existente,
Nem canções mais doces; mas, se o mereço,
Ouvidos para ouvir o som presente.***

Nem mais forças, mas apenas como usar

***O divino poder que já possuo;
Nem mais amor, mas o dom de transformar
Num gesto de carícia um esgar de amuo.***

***Nem mais alegria, Senhor, mas sim sentir
No meu íntimo a sua cálida presença,
Para poder aos demais distribuir
Quanto tenho de coragem e bem-querença.***

***Não mais dádivas, amado Deus, Vos peço,
Mas apenas o saber e a inspiração
De espalhar à minha volta com sucesso
As que tenho a transbordar do coração...***

A sabedoria popular ensina-nos coisas muito sérias e quase sempre de um modo simples e expressivo, às vezes aparentemente banal, como acontece com a generalidade dos contos tradicionais; estou-me a recordar de um desses contos, intitulado, se a memória não me traiçoa, *A camisa do homem feliz*, e onde se descreve o drama dum príncipe que vivia rodeado de riquezas e de fausto e duma corte que rastejava a seus pés para lhe realizar todos os desejos, mesmo os mais extravagantes, e no entanto era o homem mais infeliz do mundo. Nada o satisfazia, nem vastos domínios, nem tesouros, nem conquistas, nem belas princesas, tudo o enfasiava e arrastava-se pelos salões e pelos jardins do seu palácio com um sofrimento mortal e um tédio infinito na alma. Vieram os mais conceituados médicos dos confins do reino mas nada do que receitaram resultou; por fim, alguém lhe indicou um velho sábio e feiticeiro que vivia escondido numa gruta quase inacessível numa montanha distante, conhecedor das artes secretas e capaz dos maiores prodígios.

O velho sábio ouviu-lhe as queixas com atenção e disse:

— O mal de Vossa Alteza tem cura. Não precisa de tomar nenhum desses medicamentos que lhe foram receitados; para se curar, basta-lhe-á vestir a camisa dum homem feliz.

O príncipe mandou convocar os seus súbditos, desde a fidalguia aos rurais, passando por burgueses, comerciantes, marinheiros, para descobrir um que lhe pudesse fornecer a ambicionada camisa, e constatou, perplexo, que por muito feliz que um ou outro aparentasse ser, no fundo havia uma ambição insatisfeita, ou uma inveja, ou uma contrariedade, ou uns ciúmes ocultos, ou um rancor contra um inimigo real ou imaginário, ou uma vergonha inconfessável, ou algum medo disto ou daquilo...

Em desespero e quase a desistir, o príncipe, cavalgando um dia numa caçada, perdeu-se numas brenhas perto da fronteira do seu reino e foi parar à cabana dum lenhador. Convencido de que tinha deparado com o último homem que lhe faltava investigar, perguntou-lhe se era feliz. O lenhador respondeu que sim, abrindo-se num sorriso cordial e franco, e explicou-lhe: não trabalhava a pensar em si mas no bem-estar das pessoas a quem fornecia a lenha, a natureza dava-lhe tudo quanto precisava, os animaizinhos da floresta eram os seus amigos fiéis, não

invejava ninguém e tocava música numa flauta quando acabava o trabalho ao fim do dia. O príncipe, exultante, pediu-lhe a camisa, propondo-se pagar-lhe por ela a quantia que ele exigisse. O lenhador abriu ainda mais o sorriso radioso e confessou:

— Não tenho camisa!

Então o príncipe compreendeu a clara finalidade da sua demanda: demonstrar-lhe que a maioria das pessoas é tão infeliz como ele, e por motivos tão interesseiros quando não apenas tão fúteis e inconsistentes, e que afinal não é preciso ter camisa, ou o que quer que ela represente, para se ser feliz.

Por vezes a busca da felicidade assume a forma romântica duma busca do inatingível, como por exemplo a procura da misteriosa «flor azul» em que se empenhavam os poetas do Romantismo alemão, inspirados no jovem Heinrich, também ele poeta, protagonista do romance *Heinrich von Ofterdingen*, de Novalis (1772-1801), publicado postumamente em 1802. A Flor Azul constitui a imagem central das visões desse jovem poeta, das suas aspirações e dos seus anseios, pois só ela poderá torná-lo feliz ao libertar a sua amada Mathilde do encantamento, fazendo-a ressuscitar... mas tal não é fácil e a busca é longa e perde-se por sinuosos e fantásticos itinerários. Apenas num sonho consegue vê-la pela primeira vez: «À sua volta, um sem número de flores ostentava seus variegados tons, e um perfume dos mais deliciosos enchia de fragrâncias o ar. Ele, todavia, só tinha olhos para a Flor Azul, e longo tempo ficou a contemplá-la, tomado de uma indescritível ternura».

A associação da felicidade à impossibilidade, e a associação da impossibilidade à cor azul, seja na Flor Azul dos Românticos alemães ou na Rosa Azul dos antigos Hermetistas — ou no Pássaro Azul dos mitos orientais —, fez com que a cor azul, que é a cor do céu, se tornasse símbolo duma distância mítica que esconde a verdadeira e concreta felicidade que afinal se encontra tão à nossa beira... Deus está em nós, mais perto que os nossos pés e mãos, mais perto que a nossa respiração...

Gostaria de vos resumir uma curiosa história escrita pelo poeta místico James Dillet Freeman, que nos fala destas coisas e se intitula, precisamente, *O Pássaro Azul da Felicidade*. Poeta, escritor e conferencista, autor de inúmeras obras traduzidas em várias línguas, jubilado em 1999 por ocasião do seu 87.º aniversário — nasceu em Wilmington, Delaware, EUA, em 1912 —, Freeman faz parte do quadro permanente da Unity School of Christianity desde 1933, e a ele se devem dois poemas-orações que neste momento se encontram depositados na Lua, uma distinção de que mais nenhum outro autor se pode enaltecer! A sua *Prayer for Protection*, composta em 1941, foi levada para a Lua na Apollo 11, em Julho de 1969, pelo astronauta Edwin E. Aldrin Jr., que a transportou consigo durante o seu histórico passeio lunar:

A luz de Deus circunda-me;

***O amor de Deus envolve-me;
O poder de Deus protege-me;
A presença de Deus vela por mim;
Onde quer que eu esteja, Deus está!***

O seu outro poema-oração *I Am There* (1947) foi deixado na Lua, em microfilme, pelo astronauta James B. Irwin em 1971, durante o voo da Apollo 15.

A tal história escrita por Freeman, a que aludi, começa por nos apresentar o protagonista, um homem igual a tantos outros como qualquer um de nós, que ia arrastando uma vida nem feliz nem infeliz; um dia viu anunciada uma conferência sobre o Pássaro Azul da Felicidade, que seria proferida no anfiteatro da Biblioteca local por um filósofo de renome. Foi ouvi-la e ficou preso às palavras do orador, que falava como quem tinha real experiência do que dizia e que repetia de vez em quando, durante a conferência: «Quem encontrar o Pássaro Azul da Felicidade, será realmente feliz!»

Tão impressionado ficou que sentiu despertar em si um sentimento desconhecido, e o anseio por algo indefinível em que nunca pensara apresentou-se-lhe como uma verdade evidente. Descobriu então o maior e mais profundo desejo da sua vida: encontrar o Pássaro Azul da Felicidade. Tratou de se informar, meteu-se na Biblioteca e leu artigos e livros, estudou tratados, e, cá fora, prestava a maior atenção aos pássaros que voavam nos parques, nas alamedas, e em torno das árvores do seu quintal. Havia-os de todas as cores e feitios, mas nenhum se ajustava à descrição que ouvira ao conferencista. O homem entristeceu-se e os amigos procuravam consolá-lo, dizendo:

— Não desanimes! Talvez seja azul cobalto ou, quem sabe, um azul forte, mais escuro!

O homem compreendeu a boa intenção dos amigos mas não se conformou. Para se distrair começou a construir uma gaiola belíssima, ricamente ornamentada, onde viveria o seu Pássaro Azul, perto de si e tratado com todo o carinho. Um dia, na Biblioteca, e em conversa com um jovem estudante, este informou-o:

— Já vi pássaros iguais a esse, num bosque da montanha.

O estudante saiu à rua com o homem e indicou-lhe um ponto na serra que se via ao longe, muitos quilómetros além dos limites da cidade.

O homem, num alvoroço, foi buscar a carrinha e encheu-a com materiais de acampamento, ferramentas e víveres, e partiu para a montanha. Lá em cima construiu uma barraca e dispôs-se a encetar uma pesquisa meticulosa. Ao fim de sete dias de buscas aturadas descobriu finalmente uma clareira onde esvoaçavam, alegres, muitos pássaros azuis, tal e qual como o conferencista descrevera. O seu contentamento não teve limites, e, ao ver que eram mansos e amigáveis aproximou-se e tentou agarrá-los, mas fugiam mal o viam perto de mais. Então voltou ao acampamento e preparou umas armadilhas que dispôs na clareira, ficando à espera.

Ao cabo de várias tentativas conseguiu apanhar um deles, o mais belo de todos. Segurou-o com todo o cuidado e regressou à cidade, e, assim que chegou a casa, meteu o Pássaro Azul na esplêndida gaiola. A gaiola era maravilhosa mas o pássaro parecia infeliz, e não tocou em nenhum dos alimentos que o homem lhe pôs, nem mesmo os mais apetitosos. Ao fim de três dias, receando que a ave morresse de fome, o homem, embora pesaroso, soltou-a.

Mas o Pássaro Azul não regressou de imediato à montanha. Estaria fraco? Não, agora mostrava-se feliz, no galho mais alto da árvore mais frondosa do quintal. E começou a cantar, emitindo um misterioso pio, suave e contínuo: *tuit... tuit... tuit...*

Aquele piar, ou aquele canto, desencadeou ressonâncias enfeitiçantes na alma do homem, o canto não era repetitivo nem uniforme, modulava-se magicamente, e o homem sentiu uma necessidade íntima e desgarradora de saber o que aqueles sons significavam...

De súbito — seria alucinação? — começou a entender o que o Pássaro dizia:

— Queres possuir a felicidade? Terás de aprender que a felicidade há-de ser livre, para que a possuas. Agora que me conheces, já te pertenço para sempre.

O homem ainda pensou que o Pássaro Azul iria regressar à gaiola de livre vontade, mas em vez disso pôs-se a voar à volta dele, cantando:

— Quando quiseres encontrar-me, liberta o teu coração de pesos inúteis, relaxa-te, aquieta o espírito e vai ter comigo à clareira da montanha. Estaremos juntos todos os dias. Mas é preciso que me arranjes um cantinho no teu coração, onde me alimentarás de amor. Então, ouvir-me-ás de novo, entoando o Cântico da Felicidade!

O Pássaro Azul foi-se embora mas alguma coisa ficou. Algo que não era visível nem exterior ficou para sempre na alma do homem. A sua vida mudou e todos notaram a milagrosa transformação que nele se operara. Cantava enquanto trabalhava, e muitas pessoas eram atraídas porque ele tinha sempre algo para dar. Todos se sentiam bem na sua presença, e nas horas de folga calava-se e recolhia-se em silêncio. Descobriram que era nesses momentos que ele visitava a clareira e se reabastecia de fé, de luz e de alegria.

Um dia os amigos perguntaram-lhe:

— Que significa aquela gaiola vazia lá fora, com um letreiro: «Aqui mora o Pássaro Azul da Felicidade»?

O homem respondeu, sorrindo:

— É preciso ter a gaiola vazia para o encontrar e para possuí-lo verdadeiramente. Só se pode possuí-lo em liberdade, porque ele pertence a todos!

Os amigos ponderaram:

— Temos a certeza que o encontraste, porque o vemos em ti!

Ao que ele replicou:

— Se quiserem, posso ajudar-vos a encontrá-lo, também...

A história acaba sem dizer se eles tinham um coração bastante espaçoso e sem grades, onde pudesse voar livremente o Pássaro Azul da Felicidade.



XVI.

MAX HEINDEL: Em Busca do Templo Ignoto



**Carl Louis Fredrik von Grasshof
(MAX HEINDEL)
[1865-1919]**

Da Obra "Instruções Iniciáticas"

por António de Macedo

Max Heindel (1865-1919), um investigador e místico dinamarquês emigrado para a Escócia e mais tarde para os Estados Unidos da América, tinha perfeita consciência desse sério escolho. Filho de pai alemão e mãe dinamarquesa, nasceu em Aarhus, Dinamarca, em 23 de Julho de 1865 e o seu nome de baptismo era Carl Louis Fredrik von Grasshoff. Aos 16 anos partiu para Glasgow, na Escócia, onde estudou engenharia; viajou pelo mundo na qualidade de engenheiro chefe dum vapor comercial e entre os anos de 1895 e 1901 foi engenheiro consultivo na cidade de Nova York. Em 1903 mudou-se para Los Angeles e pôde dar largas aos estudos e investigações que o fascinavam, de

metafísica e gnose espiritual. Adoptou o pseudônimo de Max Heindel e quando decidiu viajar de regresso à Europa, em 1907, para tentar descobrir os misteriosos Irmãos da Rosacruz, já tinha concluído que não servia de nada ler dezenas ou mesmo centenas de livros e estudar todos os rituais iniciáticos se quisesse atingir a iluminação.



Helena Petrovna Blavatsky
(1831-1891)

Começara por se deixar cativar pelos ensinamentos de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), e durante dois anos - 1904 e 1905 -, chegou a ser vice-presidente da Loja de Los Angeles da Sociedade Teosófica. Depressa porém se deu conta do confuso sincretismo das doutrinas «teosófica»(64) e da inextricável mistura de tradições que propugnam, como se Judaísmo, Cristianismo, Budismo e Hinduísmo se pudessem harmonizar rasteiramente na «base da Montanha», Insatisfeito com esta amálgama, Max Heindel pressentiu que o caminho do ocidente (a Via, a Verdade e a Vida) estaria traçado a partir do Alto da Montanha Sagrada na linhagem da Sabedoria Cristã, quer mística quer iniciática, e não numa mescla de tradições; abandonou a Sociedade Teosófica e empenhou-se numa nova busca.

Teve conhecimento que na Alemanha se evidenciava então um instrutor cujas conferências e cujos ensinamentos pareciam coincidir com a senda que aspirava percorrer: tratava-se de Rudolf Steiner (1861-1925), cientista, escritor e mais tarde fundador do movimento espiritual e filosófico conhecido por Antroposofia(65). Também Rudolf Steiner fora atraído pelas doutrinas de *Madame Blavatsky*, que ao contrário do que propalam os seus muitos detractores, e apesar da notória falta de sistematização dos seus escritos - de que sobressaem *Isis Unveiled* (1877) e *The Secret Doctrine* (1888) -, vislumbrou verdades e conotações tradicionais com assinalável argúcia e desenvolveu pontos de vista audaciosos - comprováveis em muitos casos pelo seu copioso conhecimento das fontes - que justificam a considerável influência que exerceu na sua época e bastante depois.

Muito erros espalhou, sem dúvida, e as verdades que enuncia apresentam-se, por vezes, «disformes pelas turvações duma alma agitada de paixões diversas, de tal sorte que essas verdades assim reflectidas criam o efeito

duma paisagem maravilhosa num espelho convexo», conforme observou Édouard Schuré na sua introdução à edição francesa de *Das Christenthum als mystische Thatsache* de Rudolf Steiner(66), mas não é totalmente correcto dizer-se, como faz Umberto Eco pela boca dum personagem de *O Pêndulo de Foucault*, que Madame Blavatsky se limitou a repetir, sob a falaz roupagem de coisa oculta, conhecimentos e pseudoconhecimentos que andavam por aí ao alcance de qualquer um(67).

Steiner contactou em 1897 uma filial da Sociedade teosófica, mas tal como Max Heindel, não prosseguiu essa via ao reconhecer que a senda da Sabedoria Ocidental não estaria em doutrinas budistas ou hinduístas, mas sim na tradição Cristã. Entretanto conseguiu chegar ao alcance dos Mestres da Rosacruz, cujos ensinamentos absorveu preparando-se para empreender a magna tarefa de constituir uma Escola de Ocultismo a fim de ser transmitida, aos eleitos, a Iniciação Rosacruziana.



Rudolf Steiner (1861-1925)

Nota do Editor: Dr. Rudolf Steiner, grande filósofo espiritualista e fundador da Sociedade Antroposófica, a quem Max Heindel dedicou a primeira edição de sua obra "The Rosicrucian Cosmo-Conception" pois os ensinamentos recebidos através de um dos Hierofantes da Ordem Rosacruz confirmavam a linha de pensamento compartilhada por este grande escritor e conferencista, o que nos leva a inferir que ambos os autores receberam graus de iniciação na mesma Ordem.

E é em Berlim que Max Heindel o encontra, no Outono de 1907, na sequência da viagem que empreendera, desde a América, arrastado pela sua ânsia de conhecimento místico e pela fama internacional de que já desfrutavam nessa época os cursos de Rudolf Steiner. Max Heindel frequentou esses cursos e teve várias entrevistas com Steiner mas logo se deu conta de que os ensinamentos deste não acrescentavam nada ao que já sabia. Entre a desilusão e uma inequívoca admiração pela personalidade e pelos conhecimentos daquele instrutor, Max Heindel decidiu-se pelo regresso à América, e foi então que, ainda em Berlim e quando se aprestava a partir, recebeu inesperadamente a visita de um doze Irmãos (*Fratres Seniores*) da Ordem Rosacruz, um dos Hierofantes dos Mistérios, que se prontificou a transmitir-lhe os ensinamentos desde que se comprometesse e mantê-los em segredo.

Durante anos Max Heindel buscara incansavelmente e suplicara aos céus que lhe fosse concedido algo que lhe permitisse mitigar a sede de luz espiritual que o mundo tanto anseia. Sabendo por experiência própria o que é sofrer devido à ânsia de conhecimento, foi incapaz de satisfazer o pedido do Irmão Maior, e recusou aceitar o que quer que fosse que não pudesse partilhar com os seus irmãos no mundo, que sabia tão animicamente famintos como ele.

O Mestre abandonou-o.

Podeis imaginar o que sente um homem que durante tanto tempo esteve privado de alimento, e repentinamente aparece alguém a oferecer-lhe uma cõdea de pão, e logo se retira sem lhe permitir que a prove?

[...]

No meio do seu desespero e da frustração de ter perdido tempo e dinheiro numa viagem inútil, apareceu-lhe o Mestre de novo ao fim de cerca de um mês, e disse-lhe que tinha passado a prova do egoísmo: se tivesse aceite a oferta de guardar os conhecimentos sem os partilhar, ele, o Mestre, não teria regressado"

Disse-lhe também que houvera um primeiro candidato escolhido pelos Irmãos Maiores que recebera instruções durante vários anos mas que falhara a prova em 1905, e que sendo ele, Max Heindel, o segundo candidato em vista, os Mestres se haviam servido do primeiro - que não era outro senão o próprio Steiner - como isco para o atrair à Alemanha.

Após várias entrevistas, o *Frater Senior* deu-lhe as instruções necessárias para encontrar o Templo da Rosacruz nas imediações duma aldeia chamada Kirchberg, que nesse tempo se situava em território alemão, perto da fronteira com a Boémia. Max Heindel esteve durante mais de um mês, no Templo, em comunicação directa com os Mestres por quem foi iniciado, ficando encarregado de disseminar no Ocidente os respectivos Ensinamentos da Nova Era Cristã.

Quando entrou pela primeira vez no Templo da Irmandade Rosacruz, Max Heindel surpreendeu-se: na sua imaginação havia figurado esse centro como uma imponente e magnífica estrutura, e o que viu era exactamente o oposto. Foi convidado a entrar no que parecia ser a casa rural, modesta embora espaçosa, de um cavaleiro da província, residência que ninguém associaria à sede mundial de um tão antigo quão poderoso grémio de místicos. Centenas de homens e mulheres, levados pela curiosidade, têm percorrido a Alemanha na esperança de encontrar esse edifício e passam por ele sem o ver, porque, tal como Max Heindel, imaginam-no como um Templo grandioso de pedra e materiais nobres. E Heindel só o descobriu quando os seus olhos se abriram para vislumbrar o *Templo espiritual* a interpenetrar e a envolver a estrutura física(69).



Ao regressar aos Estados Unidos Max Heindel redigiu e publicou em 1909, em Chicago, um volumoso tratado sob inspiração directa dos Irmãos Maiores, *The Rosicrucian Cosmo-Conception*(70), e mais tarde fundou em Oceanside, na Califórnia, uma Escola preparatória, *The Rosicrucian Fellowship* a qual, convém deixar bem explícito desde já, *não é a Escola de Mistérios Rosacruz*, é apenas uma escola *no mundo visível* que prepara todo aquele que aceite percorrer os progressivos e ordenados passos que o hão-de conduzir àquela elevada Escola de Mistérios. E interessante notar que Rudolf Steiner publicou em Leipzig, em 1910, um dos seus livros mais importantes, *Die Geheimwissenschaft im Umriss* («A Ciência Secreta em Esboço»), com desenvolvimentos doutrinários e passagens inteiras que parecem extraídos para não dizer copiados de *The Rosicrucian Cosmo-Conception*, publicado como vimos no ano anterior. Pessoalmente não creio que tenha havido plágio, incluso de Max Heindel que poderia ter aproveitado os apontamentos dos cursos e das conferências de Steiner a que assistira em Berlim: e não creio que isso tenha acontecido não só atendendo à estatura moral, espiritual e intelectual dos dois homens, como também ao que sobressai do conjunto das respectivas obras. Por muito estranho que pareça esta é também a opinião, ainda que relutante, do avinagrado René Guénon(71) que tinha um ódio vesgo contra tudo o que lhe cheirasse a "teosofismo" - termo que utiliza para o distinguir da autêntica *teosofia* tradicional e lhe serve de rótulo a um estendal de concepções e doutrinas de que discorda e vão de Madame Blavatsky a Alice Bailey, passando pelos ditos de Heindel e Steiner. Se Guénon reconhece que nenhum deles plagiou, podemos estar seguros de que assim foi. A única explicação plausível, portanto, e que só pode ser a verdadeira, é que tendo tido ambos os mesmos Mestres Rosacruzcianos, as suas obras e respectivos ensinamentos hão de apresentar determinadas semelhanças, mas ao passo que Max Heindel se manteve fiel à tradição Cristã e Rosacruz, Steiner a breve trecho se desviou introduzindo no seu sistema elementos espúrios.

Lendo e estudando *The Rosicrucian Cosmo-Conception* e outros livros que Max Heindel escreveu, como *Letters to Students*, *The Rosicrucian Mysteries*, *Gleanings of a Mystic*, *Web of Destiny*, *Mysteries of the Great Operas*, *Teachings of an Initiate*, etc, dei-me conta duma sensação nova, muito forte e muito real, depois de tanto tempo andar errante à procura da Fonte ou de quem quer que dela directamente tivesse haurido: eis-me pela primeira vez em contacto - admirável, ardente e afectuoso contacto! - com alguém que «tinha lá estado».

O que Max Heindel descrevia possuía o incontestável cunho da sinceridade, era a expressão apaixonada e genuína de quem fora admitido aos Mistérios e subira os luminosos degraus, as observações eram autênticas, plenas, nada de palavreado vazio e inane, era a voz revelada e reveladora dum surpreendente rol de «reportagens» vividas e cheias de emoção mística... - não à maneira do filósofo-visionário Emanuel Swedenborg (1688-1772), que descreve miudamente as suas explorações pelas inúmeras moradas invisíveis e pelos graduais planos dos céus e dos infernos por onde o seu espírito andou (teria andado?), com a clínica frieza do médico legista a dissecar corpos peça a peça -, mas à maneira quase duma criança a relatar em tom cândido e fácil, sem surpresas e com aceitação, uma deslumbrante, diáfana, experiência nova. Não deixa de ser elucidativo o primeiro parágrafo, na primeira página, com que abre *The Rosicrucian Cosmo-Conception*:

O fundador da Religião Cristã proferiu uma máxima oculta quando disse: «Em verdade vos digo, quem não receber o Reino de Deus como uma criancinha nele não entrará» (Mc 10, 15). Todos os ocultistas reconhecem a imensa importância deste ensinamento de Cristo e esforçam-se por vivê-lo dia a dia.

Sobretudo é quase comovente senti-lo ansioso, a ele Max Heindel, por partilhar, com quem esteja disposto ao esforço ascensional, o segredo dos caminhos que se hão-de sofrer e seguir e que se revelam afinal tão claramente traçados nas Escrituras cristãs. Aceitei o convite, embora - ai de mim! - a lonjura do horizonte e a vastidão da esfera sejam tão de mais para a minha pequenez.

Mas toda a jornada começa sempre por um primeiro dia, infante, de escola.



Templo de Cura em Mount Ecclesia,
Sede Mundial da The Rosicrucian Fellowship,
Associação Internacional de Místicos Cristãos estabelecida em 1909, na Califórnia, por Max Heindel.

E por falar em escola, volto um pouco atrás para frisar que aquela Escola preparatória - *The Rosicrucian Fellowship*, conforme citei -, fundada por Max Heindel por inspiração dos Irmãos Maiores, representa *um arranque inteiramente novo* na obra da Ordem Rosacruz (73) , e é dirigida invisivelmente pelos mesmos Irmãos Maiores da Ordem sob a direcção de Christian Rosenkreuz, ou do Grão-Mestre incógnito que adoptou este nome simbólico, sendo assim a

referida Escola como que uma «reencarnação», no mundo visível, da antiga Ordem Rosacruz instituída por Rosenkreuz. Trata-se portanto duma ressurgência *decidida a partir dos Planos Superiores*: por outras palavras, apareceu mediante renascimento num local inteiramente novo, a fim de transmitir os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental às populações do Ocidente. Não pretende descender em linha recta ou oblíqua - tal como outras sociedades se arrogam - de quaisquer lojas rosacruceanas anteriores, existentes na América, na Inglaterra, em França, no Egipto ou em outros locais, por muitos antigas que sejam - e quanto mais antigas e extintas pior, como vimos. *The Rosicrucian Fellowship* está em permanente ligação directa com o Templo etérico da Ordem Rosacruz em virtude de ser o canal ou instrumento autorizado da Ordem para a Era actual (74).

«Tanto **Helena P. Blavatsky** como **Max Heindel** ofereceram as suas vidas em serviço às necessidades espirituais da raça. Cada um deixou como legado às gerações vindouras uma literatura metafísica que sobreviverá às vicissitudes dos tempos».

- Manly P. Hall (33.º Rito Escocês)

Notas:

(64) Os termos «teosofia» e «teosófico» devem com legitimidade aplicar-se a uma corrente espiritual que abrange século de existência e conta com nomes tão diferentes e tão profundos como *Meister Eckehart*, Nicolau de Cusa, Paracelso, Giordano Bruno, Jacob Bohme, Johann Georg Gichtel, Swedenborg, Eckartsusen, Friedrich Schelling, entre outros, além dos mais conceituados autores do Iluminismo Rosacruz a que me referi mais atrás. A expressão «teosofia» (sabedoria de Deus) foi usada pela primeira vez no século II por Ammonio Saccas de Alexandria, mestre de Orígenes, que a foi buscar a Paulo: «Nós prégamos um crucificado; para os judeus, escândalo; para os gentios, escultícia; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, fortaleza de Deus e sabedoria de Deus [gr. *Theou sophian*]» (1Cor 1, 24), e também: «Sabedoria, sim, falamos entre os perfeitos; não sabedoria deste mundo nem dos chefes deste mundo, condenado a perecer, mas sabedoria de Deus [gr. *theou sophian*] em mistério, a oculta, que Deus predestinou dos séculos para glória nossa» (1Cor. 2, 7). - A sociedade que Helena P. Blavatsky fundou em Nova York em 1875 começou por ser uma sociedade espírita, e o nome *The Theosophical Society* foi-lhe dado pelo seu tesoureiro, Henry J. Newton, que na verdade ignorava o real significado daquela palavra. Registe-se, como curiosidade, que a Igreja católica condenou a Sociedade Teosófica em 1919.

(65) É possível que Steiner se tenha inspirado no título duma obra do Rosacruceano Eugenius Philalethes, pseudónimo de Thomas Vaughan: *Anthroposophia Magia*, Oxford 1650.

(66) Édouard Schuré, «Introduction» apud Rudolf Steiner, *Le Mystère chrétien et les Mystères antiques (Das Christenthum als mystische Thatsache*, Berlim 1902), trad. e introd. de E. Schuré, Paris 1908, pp. 28-29.

(67) O *lâma* Kazi Dawa Samdup (1868-1923), mestre tibetano que atingira um elevado grau de conhecimentos e que 1919 traduziu para inglês com colaboração com Prof. W.Y.Evans-Wentz o *Bardo Thodol* («Livro dos Mortos Tibetano»), considerava que a despeito das críticas que lhe eram dirigidas, H.P.Blavatsky teria

incontestavelmente recebido um ensino lamaico superior, tal como ela dirigidas, H. P. Blavatsky teria incontestavelmente recebido um ensino lamaico superior, tal como ela prendia (cf. a introdução de Evans-Wentz a *The Tibetan Book of the Dead*, nota de rodapé na p. vi). - Fernando Pessoa já suspeito o mesmo escreveu: «Os caminhos do simbolismo, sobretudo desde que se entra na estrada mística ou interpretativa, são cheios de ilusões, de devaneios e de fraudes. [...] É fora de dúvida que Madame Blatsky era um espírito confuso e fraudoso; mas também é fora de dúvida que recebera uma mensagem e uma missão de Superiores Incógnitos» (Yvette K. Centeno, Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética - Fragmentos do espólio, Lisboa 1985. pp. 51-52).

(68) Augusta Foss Heindel, *Memoirs about Max Heindel and The Rosicrucian Fellowship*, Oceanside 1997.

(69) **Augusta Foss Heindel**, *op.cit.*, p.7. - Gostaria de salientar que a Autora utiliza a expressão Templo espiritual no sentido anagógico ou transcendental, referindo-se ao conteúdo; quando à matéria, **o Templo é etérico**. Sabe-se que esse templo, invisível aos olhares profanos, **se situa a 50° de Lat-Norte e 13° de Long-Este, ou seja, na actual república Checa, alguns a Nordeste de Marianske Lazne (antiga Marienbad) e a Sueste de Karlovy Vary.**

(70) Existe em português com o título: *Conceito Rosacruz do Cosmo*.

(71) René Guénon, *Le Théosophisme: Histoire d'une Pseudo-Religion* (1921), nova ed. aumentada Paris 1986, p. 221.

(72) Além do *Conceito Rosacruz do Cosmo*, os livros mencionados estão traduzidos em português com os títulos: *Cartas aos Estudantes*, *Os Mistérios Rosacruzes*, *Colectâneas de um Místico*, *A Teia do Destino*, *Mistérios das Grandes Óperas*, *Ensinamentos de um Iniciado*, etc.

(73) Cf. «Rosicrucian Societies in America», in *Rays from the Rose Cross*, vol. 88, n.º 4, July/August 1996.

(74) Max Heindel, *The Rosicrucian Cosmo-Conception or Mystic Christianity* (1909), reed. Oceanside 1977, pp. 530-532.

Bibliografia: António de Macedo, *Instruções Iniciáticas*. Editores Hugin, Lisboa, 1999.

Max Heindel

CRONOLOGIA

Segundo Ger Westenberg

1865

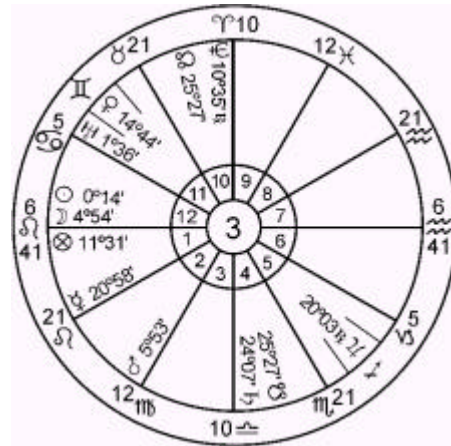
23 de Julho - Nasce Carl Louis Fredrik Von Grasshoff em Aarhus, Dinamarca.



Aarhus, a segunda maior cidade da Dinamarca, onde nasceu Carl Louis Fredrik Von Grasshoff



Mapa da Dinamarca, mostrando Aarhus, sua cidade natal e também Copenhagen



Mapa Astrologico de Carl Louis

15 de Outubro - Batizado na Catedral Luterana em Aarhus.



Pórtico da Catedral Luterana de Aarhus



Interior da Catedral Luterana de Aarhus, onde foi batizado em 15 de outubro de 1865

1867

20 de Julho - Nasce Louis Julius August, irmão de Carl.

1869

8 de Abril - Morte do pai de Carl na explosão de uma caldeira.

1872

6 de Novembro - Mudança para Copenhagem.



Copenhagem, onde cresceu e passou sua infância e adolescência

1872

26 de Novembro - Nasce Anna Emilie, sua irmã por parte de mãe.

1873

Acidente ao saltar sobre um canal.

Cerca de 1884

Muda-se para Glasgow, Escócia , onde estuda engenharia mecânica e trabalha como mestre em uma tabacaria .



Glasgow, a maior cidade da Escócia

1885

15 de dezembro - Carl casa-se com Catherine Dorothy Luetjens Wallace, nascida em 4 de janeiro de 1869 - mudam-se para Liverpool.



Liverpool, Inglaterra



Liverpool Moonlight, 1887, pintura a óleo de Atkinson Grimshaw

1886

15 de junho - A Sra. Grasshoff, sua mãe, casa-se com Fritz Nicolaj Povelsen.

5 de novembro - Nasce sua primeira filha, Wilhelmina; Carl torna-se oficial da Marinha Mercante.



Carl Grasshoff, aos 21 anos, com sua primeira esposa Cathy, e sua filha Wilhelmina

1888

Nov. 6 - Nasce sua segunda filha, Louise.

± dezembro. - Mudam-se para Copenhagen, onde alcança sucesso econômico se associando a seu irmão em uma empresa de importação/exportação.



Copenhagen, Dinamarca

1889

5 de novembro - Nasce sua terceira filha Nellie.

1891

15 de Janeiro - Nasce seu filho Frank.

Cerca de 1896

O casal se separa e Carl emigra sozinho para os E.U.A. mudando seu nome para Max Heindel; seus filhos ficam sob a guarda da Sra. Grasshoof ; trabalha como engenheiro numa cervejaria em Somerville próximo de Boston, MA.



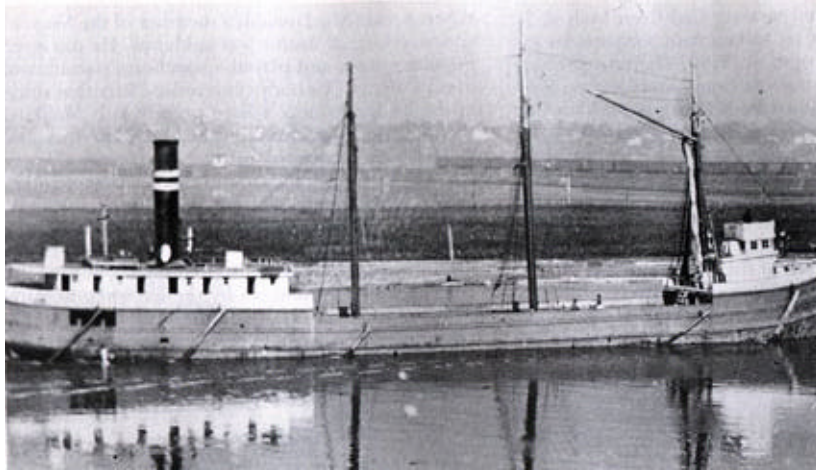
**De pé, sua irmã Anna Emilie e seu irmão Louis Julius August.
Sentada, sua mãe Anna Sorine Withen Grasshoff**

Cerca de 1897

Heindel casa-se com uma mulher dinamarqueza chamada Mrs. Petersen que tinha quatro filhos.

1898

7 de setembro - Os quatro filhos de Heindel viajam para os E.U.A. para viverem com ele.



Great Lake Steamer, sua última viagem marítima

Cerca de 1899

Heindel se divorcia , mudando com seus quatro filhos para Roxbury, um subúrbio ao sul de Boston, MA.



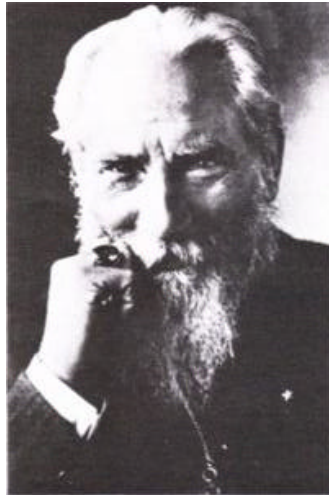
Somerville, MA, cerca de 1896, onde Heindel trabalhou como engenheiro numa fábrica de cerveja

1903

Heindel vai para Los Angeles, CA. em busca de emprego.

Dez. - Assiste um ciclo de conferências teosóficas ministradas por Charles Leadbeater em Los Angeles, CA.

217



Charles Leadbeater

Associa-se a Sociedade Teosófica ; torna-se vegetariano; estabelece amizade com Augusta Foss nascida em 27 Jan. de 1865 em Mansfield OH.



Max Heindel , Augusta Foss e amigos

1904/5

Vice-presidente da Sociedade Teosófica em Los Angeles.



C. Jinarajadasa,
ex-presidente internacional da Sociedade Teosófica

1905

Verão - Adoece seriamente devido a transtornos cardíacos, sua amiga Dra. Alma von Brandis, viaja para a Europa. Primeira experiência de translocação . Heindel renuncia a vice-presidência da Sociedade Teosófica após sua recuperação .

1906

Abril - Ciclo de Conferências independente ao Norte dos E.U.A., sobre Cristianismo Místico e Astrologia.

1907

Outono - Alma Von Brandis e Heindel viajam para a Alemanha para ouvirem Steiner. Após uma breve estada em Copenhagen para visitar sua mãe e filhos, usando seu nome de batismo tem acesso ao ciclo de Conferências e algumas entrevistas pessoais com o grande mestre antroposofista, então responsável pela seção alemã da Sociedade Teosófica.



Rudolf Steiner
Grande escritor ocultista e fundador da Sociedade Antroposófica

1908

Abril - Separa-se de Alma Von Brandis;

Abril/Maio - Heindel é aprovado no teste a que fora submetido por um dos Irmãos Maiores da Ordem Rosa Cruz Primeira Iniciação. Escreve o *Conceito Rosacruz do Cosmos*.



Max Heindel

1908

Verão - Retorna à America, New York ;
reescreve o manuscrito do *Conceito Rosacruz do Cosmos*.

Setembro - Heindel se estabelece em Buffalo, NY, e conclui o manuscrito do *Conceito Rosacruz do Cosmos*.

Novembro - Fundação do primeiro Centro Rosacruz em Buffalo, NY.

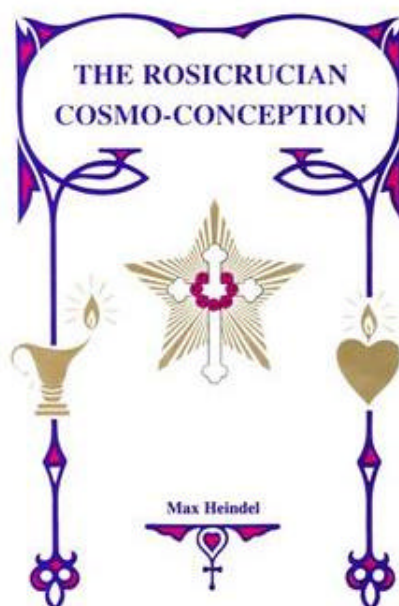
1909

Verão - Por meios próprios viaja para Seattle, WA onde ministra um novo ciclo de conferências.

8 de Agosto - Aclamado por entusiastas e simpatizantes funda a Fraternidade Rosacruz às 3:00 h. da tarde.

Heindel e William M. Patterson viajam para Chicago para providenciarem a impressão do *Conceito Rosacruz do Cosmos* e do *Ciclo de Conferencias Cristianismo Rosacruz* .

Novembro - Viaja para Yakima, WA, ministra conferencias e funda um novo Centro Rosacruz.



Capa do Conceito Rosacruz do Cosmos, desenhada por Max Heindel, Representando a união da mente e do coração no Caminho Rosacruz

1910

Publicação de Astrologia Científica e Simplificada.

Viaja para Portland;
ministra novo ciclo de conferencias e funda um novo Centro.

Fev. - Viaja para Los Angeles; visita Augusta Foss.

Fev. 27 - Funda o Centro Rosacruz de Los Angeles.

Abril - Heindel adoece; segunda iniciação em 9 de abril .
Escreve Filosofia Rosacruz em Perguntas e Respostas (I).

10 de Agosto - Terceiro Casamento, com Augusta Foss.
Escreve Os Mistérios Rosacruzes.

Novembro

- Estabelece a Sede Central numa pequena residencia em Ocean Park.
- Max Heindel adoece seriamente; terceira iniciação.



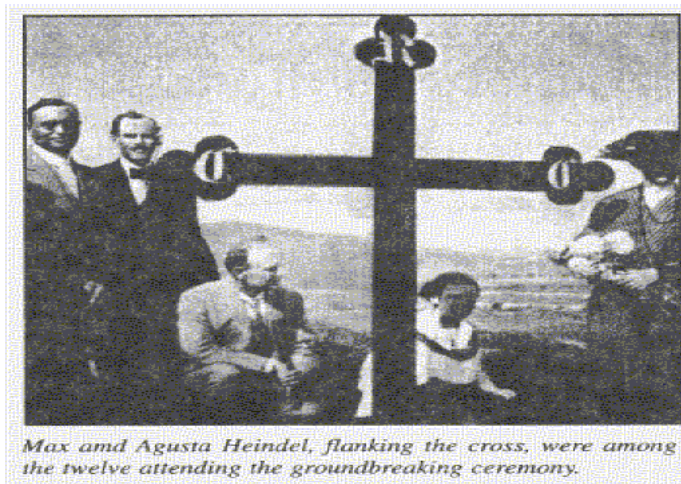
Pequena residência de Max e Augusta em Ocean Park

1911

Fevereiro - Planeja com Mr. Patterson comprar um terreno para a residência permanente da Sede Central .

3 de Maio - Compra quarenta acres de terra em Oceanside às 3.30 h. da tarde.

28 de Outubro - Lançamento da pedra fundamental às 12.40 h. da tarde e fixação da Cruz de Rosas dedicada à Christian Rosenkreutz.



30 de Outubro - Início da construção da primeira edificação.

1912

Primavera - Implantação de um sistema de irrigação próprio.
Probacionistas de Seattle, WA, confeccionam em metal um emblema luminoso para o lado externo e transportam-no para a Sede Central através de trem.

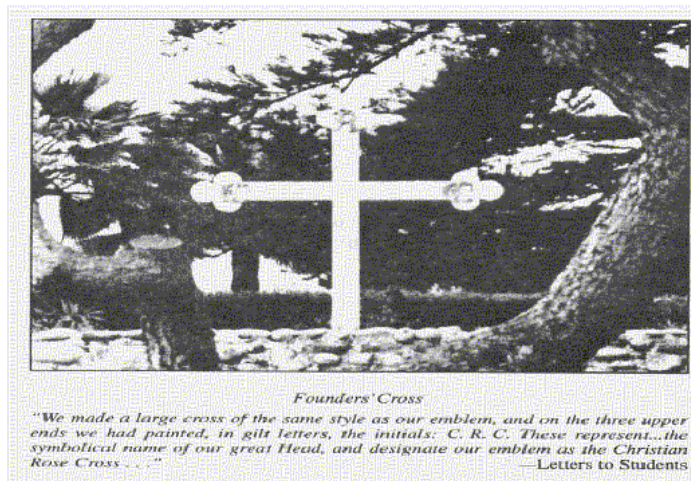
Dezembro - A Fraternidade Rosacruz (The Rosicrucian Fellowship) adquire personalidade jurídica.

1913

222

25 de Maio - Primeira reunião de probacionistas.

3 de Junho - Mudança da cor da Cruz de Rosas dedicada ao Fundador da Antiga Irmandade Rosacruz, Christian Rosenkreutz, de preto para branco.



4 de junho de 1913 - Início da Primeira Escola de Verão.

Junho - Início da publicação do Boletim Ecos de Mt. Ecclesia.

8 de agosto - Lançamento da pedra fundamental para o Sanitarium.

27 de novembro - Início da construção da Pro-Ecclesia; concluída em 24 de dezembro.



Pro-Ecclesia

1913

Dezembro - Construção da mais importante via na Sede Central , Ecclesia Drive; doação de 78 palmeiras. Aquisição de um pequeno órgão de segunda mão para a Pro-Ecclesia.

24 de dezembro de 1913 - Cerimônia de consagração da Pro Ecclesia.

1914

12 de abril - Primeiro Serviço de Páscoa em Mount Ecclesia.

23 de junho Primeiro Serviço de Cura.

26 de novembro - Consagração da Cafeteria, e confecção da pedra fundamental da Ecclesia ou Templo de Cura. Instalação de gerador de luz próprio.

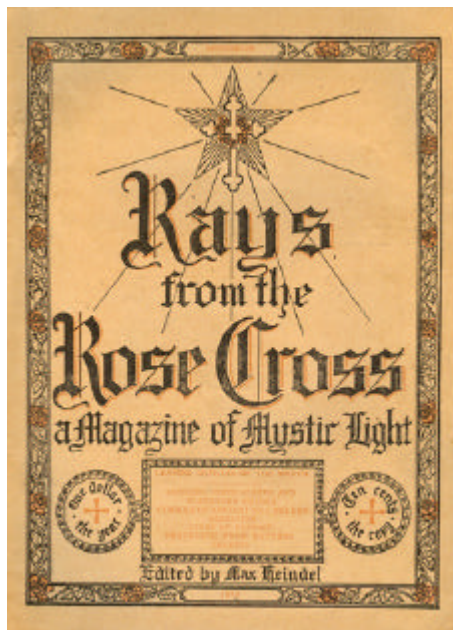
1915

Julho Pagamento final das terras de Mt. Ecclesia.

Verão - Construção da vivenda de Max Heindel e esposa. Revisão e ampliação de Mensagem das Estrelas e Astrologia Científica Simplificada , publicada em 1916.

1916

13 de março - Falecimento da mãe de Max Heindel.



Maior - Publicação da revista Rays from the Rose Cross.

1917

Março - Max Heindel recebe a visita da poeta Ella Wheeler Wilcox em Mt. Ecclesia.

224



Ella Wheeler Wilcox

13 de Março - Início da construção do novo Prédio Administrativo , concluída em Junho.

Maio - Construção da vivenda Ecclesia .



Primeiras edificações de Mount Ecclesia

July 15 Sr. e Sra. Heindel de férias calculam as Ephemerides e Tábuas de Casas

1918

Maio - Planos para instalar uma oficina de encardenação.

1919

Janeiro 6 - Transição de Max Heindel devido a um infarto de miocárdio as 8:25 da noite. Sucedido pela Sra. Heindel na condução da obra.

225



Carl Louis Fredrik Von Grasshoff
[MAX HEINDEL (1865 -1919)]

XVII.

Corinne Heline

por António de Macedo



Corinne Heline (1882 - 1975)

Uma luminosa «teia do destino» desde muito cedo se teceu na vida da rosacruciana **Corinne Heline**, autora de 28 volumes de obras esotéricas.

Antes de prosseguir o alinhavo do breve esboço biográfico que compilei de diversas fontes, sobre esta autora, cumpre-me esclarecer dois pontos que ao leitor de formação Rosacruciana podem parecer de problemática aceitação. São eles:

(1) A utilização, por Corinne Heline, do termo «New Age» — Nova Era —, termo que se divulgou a partir dos anos 70 do século XX como veículo de um conjunto heteróclito de ideologias mais ou menos «esotéricas», sendo que

algumas, inclusivamente, se contrariam entre si e em que se mistura um pouco de tudo, desde o tantrismo hindu à iniciação egípcia, passando por técnicas meditacionais de realização pessoal, etc. [NOTA: Não tenho nada contra o tantrismo, a iniciação egípcia ou as diversas formas de meditação; acho apenas que se não devem misturar — cada coisa em seu Raio];

(2) A intensa devoção de Corinne Heline à Virgem Maria, em aparente contradição com a doutrina expendida por Max Heindel nas suas obras, em geral, e em especial em *A Maçonaria e o Catolicismo*.

Quanto ao primeiro ponto, basta esclarecer que a «New Age» citada nas obras de Max Heindel, Theodore Heline e Corinne Heline no primeiro quartel do século XX, ao contrário da «New Age» de segunda vaga dos anos 70, não se refere apenas à iminente Era do Aquário, embora estes três pioneiros a ela façam frequente menção. No espírito da Filosofia Rosacruziana a verdadeira Nova Era é a **Sexta Época**, ou **Nova Galileia**, também designada, ocultamente, por «Reino de Deus»[1] e «Nova Jerusalém». Actualmente encontramos-nos na Quinta Época, Ariana. Ouçamos Max Heindel:

«Nas primeiras duas Épocas [Polar e Hiperbórea] o ser humano evoluciona um *corpo e vitalizou-o* ; na Terceira Época, Lemúrica, desenvolveu o *desejo* ; na Quarta Época, Atlante, produziu a *astúcia* ; e na Época actual, Ariana, incrementou a *razão*. Na Nova Galileia a humanidade terá corpos mais finos e etéreos do que actualmente, a Terra será transparente, e os corpos serão mais facilmente responsivos aos impulsos espirituais. [...] A Nova Galileia será formada por Éter Luminoso permeado de luz solar, nela não haverá noite e será uma terra de Paz (*Yeru-Shalem*) onde se realizará a Irmandade Universal de todos os seres, unidos pelo Amor» (*The Rosicrucian Christianity Lectures, Lecture 14: «Lucifer: Tempter or Benefactor?»*, p. 240).

No *Conceito Rosacruz do Cosmos*, Max Heindel acrescenta: «Os cristãos esotéricos e os estudantes de todas as escolas ocultas estão esforçando-se por atingir o grau mais elevado, que será alcançado, genericamente, na Sexta Época, ou Nova Galileia, quando a unificante Religião Cristã abrir os *corações* dos seres humanos, tal como o *œu entendimento* está sendo aberto agora» (Cap. XII - Evolução da Terra), e também: «Na Nova Galileia, que é a vindoura Sexta Época, o Amor tornar-se-á inegoísta e a Razão aprovará os seus ditames. A Irmandade Universal realizar-se-á porque cada um trabalhará para o bem de todos, e as propensões egocêntricas serão coisa do passado» (Cap. XIII - Em Direcção à Bíblia).

É a Nova Jerusalém descrita no Apocalipse:

«E vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido; e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a **Nova Jerusalém**, que descia do céu, de junto de Deus, ornamentada como uma noiva que se ataviou para o seu esposo» (Apocalipse 21, 1-2).

Esta Nova Jerusalém, construída no Primeiro Céu (região superior do Mundo do Desejo, ou do Mundo Astral como lhe chamava Paracelso) pelos

crístãos devotos, tornar-se-á visível durante a Sexta Época ou Nova Galileia, estando por conseguinte muitíssimo distanciada, no futuro, da Era do Aquário. Por isso Max Heindel tanto insiste no *serviço amoroso e desinteressado* aos demais: «O serviço constrói o **corpo anímico** [*soul body*], o glorioso Trajo de Núpcias sem o qual ninguém pode entrar no Reino de Deus, designado ocultamente como «Nova Galileia», e não importa o grau de consciência que o candidato tenha ou não do percurso, desde que cumpra o seu dever. Além do mais, como o luminoso corpo anímico se desenvolve por dentro e em torno da própria pessoa, a sua luz ensinar-lhe-á os Mistérios sem necessidade de livros, e quem tenha sido assim instruído por Deus conhece mais do que tudo quanto esteja contido em todos os livros do mundo» (Max Heindel, *Gleanings of a Mystic*, pp. 135-136).

Uma vez que a Nova Idade, ou Nova Galileia, se cumprirá nos tempos apocalípticos como «Nova Jerusalém», tal significa que ocorrerá então o Segundo Advento, do Cristo Glorioso — tempos esses em que «seremos arrebatados às nuvens ao encontro do Senhor, nos ares», tal como nos diz o Iniciado Paulo na sua primeira epístola aos Tessalonicenses (4, 17), significando «nos ares», aqui, «em corpo etérico», ou melhor, no subtil «corpo anímico» formado pelos dois éteres superiores: Luminoso e Reflector; então, cantaremos ao Senhor (Cristo) «um Cântico novo, dizendo: Digno és de tomar o livro e de lhe abrir o selos, pois foste degolado e com o teu sangue resgataste para Deus gente de toda a tribo, língua, povo e nação; fizeste deles *reis e sacerdotes* para o nosso Deus» (Apocalipse 5, 9-10).

Trata-se duma profecia, sem dúvida, mas sobretudo duma promessa, em que a condição conjunta de **rei** e **sacerdote** se verificará como recompensa desejável para essa vindoura Nova Era — «New Age» —, de santidade e de paz. É esta condição conjunta, de rei e sacerdote, que nos vai esclarecer em seguida o segundo ponto referido acima, acerca da (aparentemente) contraditória devoção da rosacruziana Corinne Heline à Virgem Maria.

No seu livro *A Maçonaria e o Catolicismo*, Max Heindel põe em paralelo as duas grandes linhagens da espécie humana, segundo uma interessante lenda maçónica que diverge nalguns pontos da tradicional génese bíblica: antes de conhecer Adão, Eva conheceu o anjo luciferino Samael, e dele teve Caim. Como entretanto Samael se revoltou contra Jahvé, foi expulso por este, e o filho de ambos, Caim, foi chamado «o filho da Viúva». Jahvé criou Adão, que se uniu a Eva e nasceu Abel. Mas Abel foi morto por Caim e Adão e Eva tiveram um novo filho, Seth, para substituir Abel.

O anjo Samael representa as forças marcianas de Lúcifer, que fizeram a sua morada no planeta Marte, são as «Hierarquias do Fogo» e deram origem à Ordem Maçónica e à «luz interna», aprisionada, que permite *ver e conhecer*. É a linhagem do **intelecto**, ou «linhagem *mental*» (Ocultismo — Escolas de Mistérios). Caim e seus descendentes são os seus representantes humanos.

Por sua vez o anjo Gabriel, anunciador dos nascimentos, representa as Hierarquias Lunares presididas por Jahvé, ou seja, as «Hierarquias da Água»

que deram origem à Igreja católica e à «fé devocional», e se opõem à Gnose; é a linhagem do **coração**, ou «linhagem *cordial*» (Misticismo — Igrejas). Seth e seus descendentes são os seus representantes humanos.

Desde tempos imemoriais que existe antagonismo entre ambas as linhagens:

(a) A do *homo faber* que trabalha o **fogo**: — o aparelho de Estado e os reis, os artífices, a indústria, descendentes de Caim e associados ao luciferino planeta **Marte**, deus do ferro, do fogo e da guerra, cuja Organização Iniciática, a Ordem Maçónica, tem como ideal Hiram Abiff, descendente de Caim e construtor do Templo de Salomão, modelo da «linhagem *mental*», também chamada «linhagem real»;

(b) A do *homo pius* submetido à **água** benta: — os clérigos, os devotos, os sacerdotes, descendentes de Seth e associados à húmida **Lua**, planeta da alma, da fecundação, das emoções, cuja Organização Sacramental é a Igreja; o seu ideal feminino é a Virgem Maria, modelo da «linhagem *cordial*», também chamada «linhagem sacerdotal».

Houve porém um tempo, recuadíssimo, em que aquele antagonismo não existia, simbolizado pelo mito de Melquisedec, misteriosa personagem bíblica que, sendo **Rei e Sacerdote** (união das duas linhagens) fez um sacrifício de **pão** e **vinho** (Génesis 14, 18-20), prefigurando a vindoura Dispensação Crística, que eliminou os sacrifícios de *carne e sangue*.

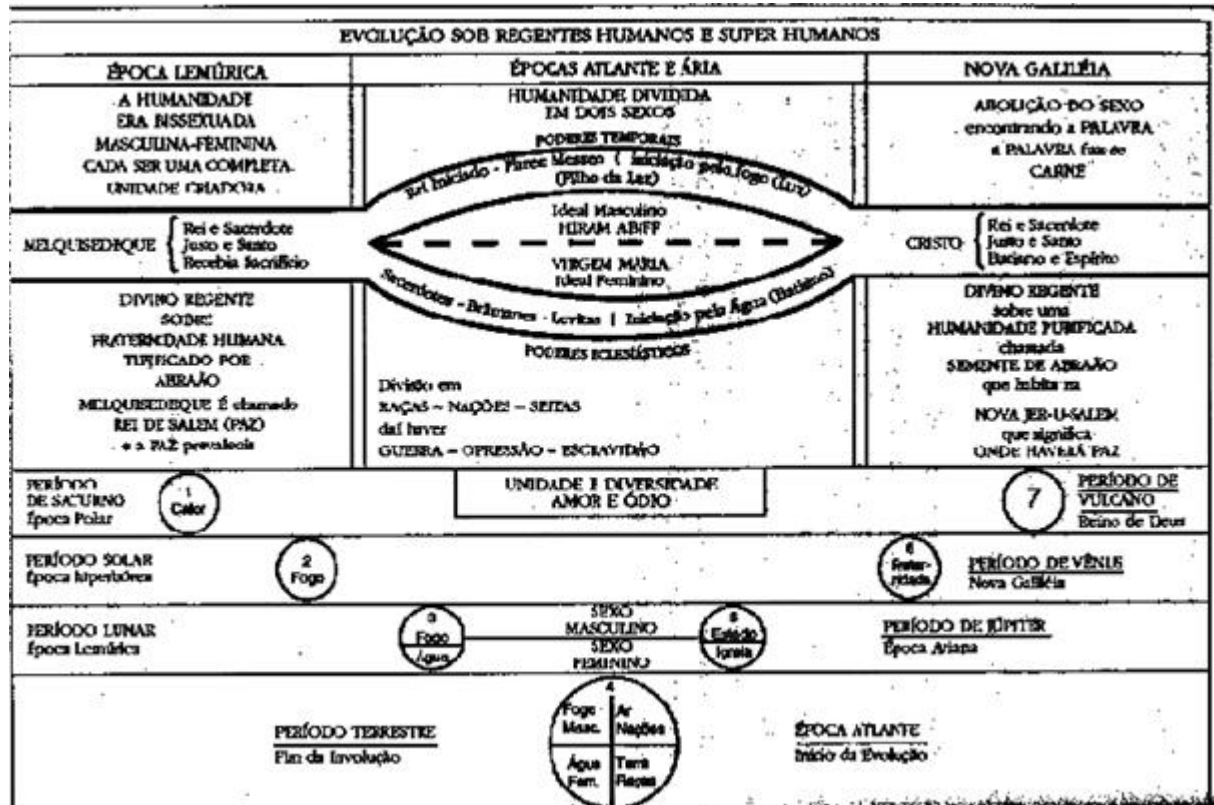
A desunião deu-se na quarta Idade, onde começa o terceiro capítulo do Génesis, e tem-se mantido até aos nossos dias — e manter-se-á ainda por toda a Época Ariana.

A Idade Vindoura, ou Nova Galileia, promoverá a *re-união* em Cristo, também Ele **Rei e Sacerdote**, «proclamado por Deus Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedec» (Hebreus 5, 10). Esta Ordem de Melquisedec, regida por **Cristo**, Rei e Sacerdote, justo e santo, reinará portanto na Sexta Época, a Nova Jerusalém do Apocalipse, em que todos os seres se reunirão em perfeito AMOR.

Por conseguinte, ambas as vias são indispensáveis, na fase actual, para se chegar a uma desejável, ainda que futura, plena convergência, e para que os seres humanos atinjam a perfeição de *sentir* com a mente e *pensar* com o coração.

Está assim explicada a perplexidade de certos estudiosos de Max Heindel que encontram, nos seus escritos, ora desenvolvimentos místicos (*cordiais*), ora desenvolvimentos ocultos (*mentais*); é que Heindel já se encontrava num grau de avanço em que a convergência começava a fazer-se sentir de forma marcante, ao longo de ambas as linhas. O mesmo sucede com Corinne Heline: sendo uma Iniciada numa Escola de Mistérios (Ocultismo), o seu avanço exige igualmente o desenvolvimento *devocional feminino*. Assim, a sua devoção à Virgem Maria, ou à Divina Mãe, é a indispensável via *cordial* (mística) paralela e complementar à

via *mental* (oculta), sendo esta proporcionada não só pelo intelectualismo imperante na nossa Época (razão científica e filosófica) mas também pelas Escolas de Mistérios, como por exemplo a actual Escola de Mistérios Rosacruz.



Evolução dos Regentes Humanos e Super-humanos. Max Heindel, Maçonaria e Catolicismo.

Após esta ressalva prévia, esboçemos em breves linhas o percurso espiritual de Corinne Heline.

Desde menina, já evidenciava uma mente brilhante e inquisitiva, a par duma consciência muito avançada; passava horas a visitar e a contemplar uma belíssima escultura da Virgem Maria na igreja católica que ficava do outro lado da rua onde se situava a Escola Dominical Metodista, onde estudava. Mais tarde, lembrar-se-ia que foi este primeiro e inspirador contacto com a Divina Mãe que haveria de constituir uma presença permanente, amorosa e protectora, para tudo quanto veio a escrever. Toda a sua dedicação, ao longo da vida, centrar-se-ia na Virgem Divina.

Corinne teve a consciência da sua missão desde a mais tenra idade. Tinha ela quatro anos e costumava reclinar a cabecita sobre a Bíblia aberta, que a mãe lia, e explicava: «Há uma coisa maravilhosa e muito bonita neste Santo Livro, e um dia hei-se saber o que é». Era ela uma alma que devido à sua preparação anterior, pôde facilmente imprimir na mente consciente, desde a infância, a importância do trabalho que lhe estava cometido na presente encarnação.

Na adolescência, descobriu o fascínio da literatura oculta na vasta biblioteca particular duma vizinha que a recebia carinhosamente, e que se interessava por Teosofia e Rosacruzianismo. Leitora ávida da Bíblia, Corinne

verificou que a podia entender melhor com o auxílio dos livros de filosofia oculta que a vizinha lhe emprestava. Os livros sobre reencarnação, sobretudo, desvendaram-lhe um novo mundo, dando-lhe resposta a muitas questões. Um dia a vizinha ofereceu-lhe um exemplar do *Conceito Rosacruz do Cosmo*, de Max Heindel, e toda a sua vida mudou a partir de então.

Corinne nascera em Atlanta, na Geórgia, em 13 de Agosto de 1882, no seio duma família abastada. A mãe morreu-lhe quando ela tinha 16 anos, deixando-lhe uma confortável herança que Corinne mais tarde utilizou para editar livros. A jovem sofreu profundamente com a morte da mãe, até que uma noite a mãe lhe apareceu dizendo que se encontrava feliz nos Mundos Superiores, e lhe pediu que deixasse de chorar e procurasse alegrar o pai, minorando-lhe o desgosto. Disse-lhe mais, que fosse a um velho baú onde estava guardado o dinheiro do Natal, e que comprasse uma Bíblia nova. Foi esta Bíblia que Corinne usou durante todo o tempo que levou a escrever a sua monumental obra *New Age Bible Interpretation*.

Após a morte da mãe, Corinne mudou-se para a Califórnia onde foi discípula durante cinco anos de Max Heindel, que a encorajou e auxiliou no seu desenvolvimento espiritual, tendo-lhe pedido, antes de morrer em 1919, que não deixasse de levar por diante o trabalho de divulgar certos aspectos dos ensinamentos Rosacruzes.

Foi cerca de três anos após a morte de Max Heindel, na véspera do Natal de 1922, que Corinne teve a súbita **inspiração mística** de que era chegado o momento de dar início ao trabalho que lhe estava superiormente destinado, ou seja, interpretar a Bíblia à luz da Tradição esotérica. Foi a seguinte, a visão que teve: viu-se presente na Última Ceia, onde decorriam duas celebrações: uma, com Jesus e os Seus discípulos, numa sala; e outra, numa sala só com mulheres, onde Maria sentada à cabeceira da mesa dava instruções para o futuro disseminar da Doutrina. Corinne ficou muito chocada quando Maria a encarregou de escrever uma interpretação da Bíblia, e escusou-se: «Porquê eu? Não tenho qualificações». Mas Maria aproximou-se dela, beijou-a numa face e disse: «Ajudar-te-ei».

Foi uma tarefa monumental aquela a que Corinne se dedicou nesta encarnação, e pela qual gerações de estudantes lhe ficarão eternamente em dívida. As suas obras constituem uma exposição exaustiva do plano de evolução e de Iniciação para as Eras de Peixes e de Aquário, tal como vem apresentado na Bíblia.

Logo após a morte de Max Heindel, Corinne entabulou uma relação duradoura com Theodore Heline, actor shakespeariano, escritor e editor da revista esotérica *Rays from the Rose Cross*. Mais tarde ele tornou-se editor e fundador duma outra revista esotérica, *New Age Interpreter*, tendo fundado igualmente uma casa editorial, a New Age Press. Corinne e Theodore viajaram largamente pelos Estados Unidos, dando conferências que esgotavam lotações, nomeadamente no Santuário do Centro New Age de Filosofia e Estudos Bíblicos, de Santa Mónica, onde foram ordenados ministerialmente. Foi nessa época que casaram, tendo Theodore por fim abandonado a sua carreira de escritor e

conferencista para se dedicar a apoiar Corinne e divulgar a obra dela por todo o mundo. Tal como Corinne e Max Heindel, ele foi um pioneiro da Era do Aquário, não se poupando a esforços para utilizar as suas experiências de vida numa tarefa tão exaltante como desafiadora.

Após a morte do pai de Corinne, o casal Heline comprou uma casa numa colina da Califórnia, à qual chamaram Madonna Crest («Outeiro de Nossa Senhora»), em homenagem à Virgem Maria. Era um local muito aprazível, um santuário de paz e tranquilidade, rodeado por um belo jardim cheio de árvores e flores. Foi aí que ela escreveu a maior parte da sua magnífica obra, e onde dava conferências e cursos, sempre muito concorridos.

Para além dos sete volumes de *New Age Bible Interpretation*, Corinne Heline escreveu muitos e inspirados livros, como por exemplo *Magic Gardens* e *Star Gates*, onde faz referência às quatro Sagradas Celebrações Sazonais — os Solstícios e Equinócios —, que eram sempre celebrados em Madonna Crest com rituais apropriados. Tanto nestes como em outros livros que escreveu, Corinne sempre procurou ajudar os investigadores espirituais a manifestarem no plano físico os Templos de Música e de Cura que formarão parte da nova expansão de consciência de Aquário, e respectivos métodos naturais de cura. Corinne tinha a capacidade de visitar estes antigos Templos fazendo uso da sua clarividência e da sua consciência expandida, que lhe permitiam aceder aos mundos invisíveis donde trazia os princípios espirituais com que enriquecia os seus livros.

Concluiu os sete volumes de *New Age Bible Interpretation* em 1954, quando já contava 72 anos. Theodore Heline transitou subitamente aos Mundos Superiores em 1971; Corinne poucos anos lhe sobreviveu, tendo transitado em 1975 com a bonita idade de 93 anos. O serviço fúnebre foi celebrado pelo reverendo Gene Sand, amigo do casal e que ensinou durante mais de 50 anos no Centro New Age de Santa Mónica. O serviço foi muito belo, segundo relatam testemunhas, e os possuidores de visão espiritual puderam contemplar um maravilhoso agrupamento que veio dar as boas-vindas a Corinne, entre os quais Max Heindel e outros que se haviam devotado a participar na construção do ciclo que agora se encerra. Actualmente, Corinne continua a sua obra nos planos superiores como discípula Maior da Hierarquia, para benefício de todos os estudantes e aspirantes que desejam ser instrumentos conscientes no alvorecer da Nova Era.

1] O Evangelho de Mateus, inserido em ambiente judaico em que o nome de Deus, por reverência, se evitava pronunciar, emprega preferencialmente «Reino dos Céus», ao contrário dos restantes evangelistas, dos Actos dos Apóstolos, das epístolas de Paulo, etc. onde a fórmula «Reino de Deus» é utilizada sem restrições. Ambos os sintagmas se podem usar indiferentemente, porque significam o mesmo.

Corinne Heline



Corinne Heline (1882-1975)

Uma vida em imagens



Le père de Corinne, David Smith

Seu Pai David Smith



Corinne avec sa mère

Corinne com sua mãe



Corinne à 3 ans

Corinne aos 3 anos



Corinne à 13 ans

Corinne aos 13 anos



Corinne aos 17 anos



Corinne Heline aos 18 anos



Corinne aos 21 anos



Corinne aos 33 anos



Corinne e seu esposo, Theodore Heline



Corinne e Theodore



Corinne e Theodore nas bodas de núpcias de Sarah e Craig Stewart



Corinne e Theodore na missão de San Jean Capistrano

ANEXO:

MEU TRIBUTO A MAX HEINDEL

por Corinne Heline



**Carl Louis F. Von Grasshoff
(Max Heindel)
(1865-1919)**

Queridos amigos, meu coração está muito feliz por poder estar aqui com vocês nesta ocasião e prestar minha pequena homenagem a nosso amado Max Heindel. Gostaria de contar-lhes sobre o dia em que conheci este homem extraordinário e, para fazer isso, terei que falar rapidamente sobre a minha vida pessoal. Espero que me perdoem por isso.

Talvez vocês saibam, pela minha maneira de falar, que nasci e fui criada no Sul. Eu era filha única e os meus primeiros anos foram cheios de dedicação por minha adorada mãe. Ela foi sempre para mim como uma linda fada. No entanto, ela era frágil e os dias de minha infância eram envoltos em medo de que algum dia eu poderia perdê-la. Assim, decidi, naquela época que se ela morresse eu iria com ela.

Como podem ver, eu não sabia nada sobre o Renascimento e a Lei de Consequência. Nasci procurando a Luz e respostas para perguntas que nem sequer sabia formular. Não compreendia exatamente o que estava buscando. Conseqüentemente, não tinha idéia onde achá-las. E, como todos sabem, o Sul é profundamente ortodoxo e conservador, mas uma coisa eu sabia: que em algum lugar devia haver uma resposta mais adequada para os problemas da vida e da morte do que a ortodoxia dava e estava determinada a encontrá-la.

Enquanto isso, minha mãe ficava cada vez mais fraca e eu estava sempre cheia de medo de perdê-la. Alguns meses antes de sua doença fatal, uma amiga me telefonou e disse ter encontrado um livro novo que ela estava certa de que era exatamente o que eu estava procurando. Naquela mesma tarde eu fui à sua casa e vocês podem adivinhar que o livro era o "Conceito Rosacruz do Cosmo".

Quando vi a Cruz de Rosas e li que nós tínhamos que transmutar as rosas vermelhas em uma rosa branca, eu soube que finalmente tinha encontrado o que queria. Naquela noite, antes de dormir, meu pedido já estava no correio a caminho de Oceanside. Contei os dias até o inestimável livro chegar e, assim que ele chegou, o médico disse que minha mãe tinha que se submeter a uma operação muito séria. Então, este livro passou a ser meu companheiro inseparável. Dormia com ele debaixo do travesseiro, pois, embora pareça estranho, ele era o único consolo que o mundo poderia me dar. Depois da operação, o médico disse que não havia esperança e que ela só teria alguns meses de vida.

Eu continuava apegada ao meu abençoado livro. Então, de repente, tive um pensamento novo e estranho. Será que eu devia me matar e ir com minha mãe como tinha planejado ou deveria ir para Oceanside e dedicar minha vida ao trabalho de Max Heindel? A segunda parte da pergunta era a resposta. Estava decidida e, dez dias depois que minha mãe me deixou, eu estava em um trem, o Conceito debaixo do braço, a caminho da Califórnia para encontrar Max Heindel. Ele parecia ser o único bálsamo para minha dor que o mundo poderia me dar.

Oh! Quem dera que eu pudesse descrevê-lo realmente no primeiro dia em que o vi aqui em Mt. Ecclesia! Ele veio encontrar-se comigo com as mãos estendidas e sua face iluminada pela ternura, simpatia e compaixão. E, notem bem, eu não tinha tido nenhum contato pessoal com ele. Conhecia-o só através de seu livro e vocês podem imaginar minha enorme surpresa quando ele segurou minhas mãos nas suas e disse carinhosamente: "Minha filha, eu estive com você dia e noite durante a provação pela qual você acabou de passar. Eu sabia que quando terminasse, você viria. Agora você pertence ao meu trabalho".

Aquele, queridos amigos, foi um dia muito significativo em minha vida. Foi o dia em que me dediquei completamente à vida espiritual e à Filosofia Rosacruz. Por cinco anos maravilhosos tive o privilégio de conhecer aquele homem sábio, de estudar e ser treinada sob sua direção e supervisão. Sempre considereei aqueles cinco anos como sendo os mais bonitos e mais espiritualmente frutíferos de toda a minha vida. Queria ser capaz de descrever aquele homem maravilhoso como o conheci. Quando penso em suas admiráveis características, talvez a qualidade que mais profundamente apreciei foi sua extraordinária humildade. Enquanto ele estava ávido em ajudar onde quer que fosse possível, estava sempre firme mantendo no seu interior a personalidade de Max Heindel. Enquanto eu estudava sua completa dedicação à vida simples, muitas vezes pensava nas palavras de nosso Senhor Cristo: "Eu não sou nada. É o Pai que tudo faz".

Eu penso, queridos amigos, que Max Heindel demonstrou a mais perfeita combinação do ser místico e prático que já conheci. Ele era simples e humilde. Os serviços domésticos mais simples ele fazia com a maior dignidade e satisfação. Ele descia ao curral e ordenhava a vaca se necessário fosse, pois como sabem, naquele tempo nós tivemos um curral e uma vaquinha aqui em Mt. Ecclesia. Ele tirava mel das abelhas, pois nós tivemos abelhas também. Ele subia nos postes telefônicos e consertava um fio partido; ele plantava árvores, cavava o jardim e colhia vegetais; ele fazia as coisas mais simples com a mesma dedicação e entusiasmo com que ia ao escritório, à sala de aula ou de

conferência para expandir sua grande sabedoria ou talvez encontrar o Mestre que o guiou neste grande trabalho.

Nas noites de sábado, era costume manter uma sessão de perguntas e respostas na biblioteca. Havia uma mesa que se estendia por todo o comprimento da sala e os estudantes se reuniam em volta com o Sr. Heindel, de pé, para responder as perguntas. Cada estudante podia fazer uma pergunta e tinha de ser por escrito. Então, o Sr. Heindel recolhia as perguntas e respondia uma a uma. Observando-o cuidadosamente, eu descobri que ele, intuitivamente, sabia a quem cada pergunta pertencia e sempre se dirigia àquele de quem a pergunta tinha vindo. Nas muitas vezes que assisti a essas memoráveis sessões, ele nunca se enganou em identificar a pessoa que tinha feito a pergunta. Era sempre cuidadoso e meticuloso e nunca deixava uma pergunta sem ter certeza de que aquele que perguntara estivesse completamente satisfeito com a resposta.

Foi numa destas maravilhosas reuniões esclarecedoras que eu adquiri meu primeiro entendimento do importante lugar que a cor e a música iriam ocupar na preparação do mundo para a próxima Nova Era. Max Heindel anunciava que dedicaria uma hora para perguntas e respostas nestas reuniões. Entretanto, constantemente, essa hora era estendida para duas ou duas e meia e até três horas. Eram momentos tão estimulantes que o tempo parecia voar nas asas do encantamento.

Queridos amigos, quisera ser capaz de dizer-lhes tudo o que Mt. Ecclesia significava para Max Heindel quando o conheci. Como ele amava este lugar! Ele sabia o grandioso destino que estava guardado para o trabalho que ele fundamentou. Naquela época, havia um banco colocado perto da Cruz de Rosas iluminada que ficava no jardim. Ali ele se sentava cada noite, por alguns minutos ou talvez uma hora antes de se recolher, orando ou meditando, irradiando amor e bênçãos sobre esta terra sagrada e sobre todos aqueles que viviam aqui servindo à Obra fielmente.

Quisera descrever para vocês como seu semblante amigo se iluminava quando ele, com profunda reverência e devoção, olhava a iluminada Cruz de Rosas que tanto significava para ele. Nunca se cansava de nos falar das coisas maravilhosas guardadas em Mt. Ecclesia. Ele falava constantemente da Panacéia, a fórmula da qual os Irmãos Maiores da Rosa Cruz são guardiães e cujos discípulos capacitados terão a permissão de usar na cura e consolo de multidões que chegarão de todas as partes do mundo para esta capela sagrada.

Ele nos falava de seu sonho de um belo teatro grego que seria, em sua visão construído no canyon abaixo da Capela e no qual seriam apresentadas peças com mensagens espirituais e verdades ocultas tais como os grandes dramas de Shakespeare e outros clássicos inspirados. Ele também via um tempo em que Mt. Ecclesia teria sua esplêndida orquestra composta de estudantes regulares e que apresentaria no teatro obras dos grandes mestres compositores, particularmente Beethoven e Wagner, os quais reconhecia como elevados Iniciados na música. Ele também dizia que haveria aulas de introdução musical. Max Heindel gostava de falar dos Irmãos Maiores e de como eles, em seus estudos sobre a Memória da Natureza, tinham sido capazes de observar através

das eras e ver as condições do mundo de hoje. Foi por esta razão que eles deram a Filosofia Rosacruz ao mundo.

Queridos amigos, a alma do mundo de hoje está doente, cheia de sofrimento, busca e questionamento. Não há resposta para estas perguntas. O que o mundo está verdadeiramente procurando é uma ciência mais espiritualizada e uma religião mais científica. A Filosofia Rosacruz tem a resposta para estas duas questões. A Filosofia é a continuação do trabalho que nosso Mestre, Cristo, trouxe para a Terra e deu para os Doze Imortais. Ela contém o inestimável presente que Cristo nos trouxe, isto é, as Iniciações Cristãs que contêm o verdadeiro sentido da religião da Era de Aquário que se aproxima. Max Heindel entendeu tudo isto muito bem. Ele sabia do grande destino que está reservado para a sua obra. Desta forma, nunca permitiu que o desapontamento ou as dificuldades o detivessem. Ele sempre manteve seus olhos fixos nas estrelas.

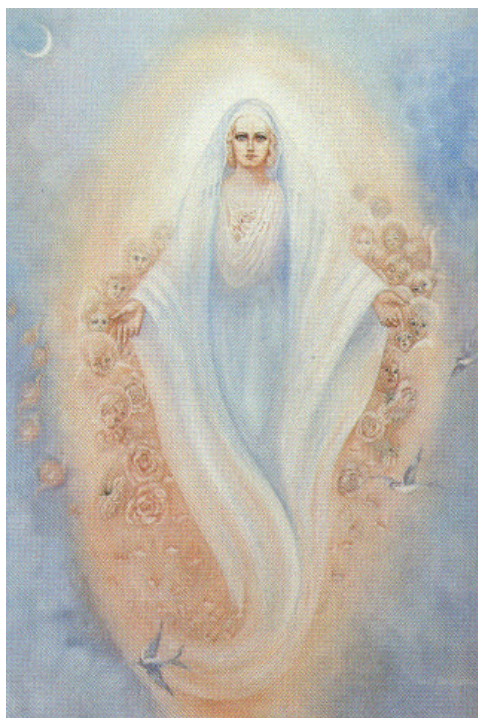
Queridos amigos, é um grande privilégio sermos guardiães deste grande trabalho e deste consagrado lugar, que foi escolhido pelos Grandes Seres como um local de treinamento para aqueles que puderem passar pelos testes rigorosos que os tornarão capazes de ser incluídos entre os pioneiros da Nova Era que se aproxima.

Assim, meus amigos, sigamos todos os passos de Max Heindel. Unamo-nos em paz, harmonia e amor para que possamos fazer nossa parte no desempenho da missão para a qual nosso amado líder se dedicou e sacrificou durante toda sua vida. Fixemos nossos olhos na direção das estrelas como ele fez. Vamos encarar este mundo com uma nova luz, um novo poder e uma nova esperança, porque só assim seremos fiéis à nossa busca e veremos o glorioso destino deste grande trabalho ser alcançado. É verdadeiramente a religião que será o coração e a pedra angular da nova Idade de Aquário. Que Deus abençoe cada um e todos no caminho da busca da Eterna Luz.

Este artigo, publicado na revista "Rays from the Rose Cross", em Jul/Ago. 1997, é baseado na palestra realizada em Mt. Ecclesia em 23 de julho de 1965, na comemoração do centenário do nascimento de Max Heindel. A oradora, Corinne Heline, competente aluna de Max Heindel e prolífica escritora de assuntos místicos e ocultistas. Sua obra mais conhecida é "New Age Bible Interpretation", uma coleção de sete volumes da qual o sétimo é "The Mystery of the Christos".

XVIII.

Prayer and The New Panacea



The Invisible Helper, painted by Mary Hanscom, 1937*

Lecture from "5th Rosicrucian International Meeting The Spiritual Panacea for the 21st Century", August , 2001, Fátima (Portugal). — Issued in Rays From the Rose Cross, vol. 94, # 6, Nov.-Dec. 2002, pp. 54-57, Oceanside (CA).

by

António de Macedo

How can we consider prayer, real and heartfelt prayer, as a new Panacea within reach of everybody in order to accomplish healing, or at least release, to the bodily, emotional and mental suffering of so many people all over the world?

We know the definition of Panacea given by the Ancients:

The Greek word *panakeia* means “universal medicine” (from *pan* “everything” and *akeomai* “to heal”, “to cure”). It was the name of the goddess who did general healing through plants—Panacea, sister of Hygieia and daughter of Asclepius.

Asclepius, son of Apollo, was the god of healing and of the science of Medicine. The Great Initiate Chiron, associated with the constellation of Sagittarius, was his Teacher, but Zeus, the king of the gods, afraid that Asclepius might render all men immortal, slew him with a thunderbolt.

During the seventeenth century, there was a burst of interest aroused by the first *public* manifestation of the Rosicrucian Order. A Rosicrucian Initiate named Michael Maier (1568-1622), one of the outstanding scholars of his time, wrote in his book *Themis Aurea* (1618):

“The Rosicrucian Brethren have not one Medicine for a great man, another for the poor, but equally respect both; frequent in visiting, comforters in affliction, and relievers of the poor; their labour is their reward, their pains to them gain”.

The Brethren form a true Panacea by drawing healing energies possessing occult properties from a Cosmic Field. It is more than a physical balm or an intricate web of symbolism; it is a Sacred Mystery, says Michael Maier, that the mystic devotee or the occult candidate ought to find in the “secret place” of his/her inner self. This reminds us of the enigmatic power of occult prayer:

“When you pray, go to your private room, shut yourself in, and so pray to your Father who is in that secret place, and your Father who sees all that is done in secret will reward you” (Matthew 6:6).

According to Mark (11:24), Jesus said that everything we ask and pray for, we must believe that we have it already, and it will be ours. Certain scholars thought that this statement was improbable, perhaps resulting from an error of the copyists, and tried to correct the aorist tense (“we have it already”) into something less definite, as, for instance, “we will have it”.

But they didn’t understand at least two things:

- First, that every blessing that God designs for us is already ours from all eternity, if only we are conscious thereof and summon the requisite faith;
- Second, that the efficacy of prayer is a predictable consequence: strong prayer is an invocation of White Magic uttered by a being made in the likeness and image of God, a being whose body is the shrine of the Divine Spirit: Man.

With this splendid and powerful force generated by the engine of prayer, a spiritual Panacea can be created that is within reach of every man and woman who is purified through living the Life. In other words, it is within reach of everyone reformed by a strenuous imitation of Christ and by an untiring endeavor to practice the ideals of Christian Rosenkreuz.

We have some idea of the nature of the Rosicrucian Panacea described by Max Heindel. On the memorable night of the 9th of April 1910, when the New Moon was in Aries, his Teacher appeared in his room and requested that he go to the etheric Temple in Germany while a guard was left to watch over Heindel's gravely weakened physical body. There he was shown certain extraordinary things that he reports in his books, namely in *Teachings of an Initiate* and *Occult Principles of Health & Healing*. One of those things was a substance with which the Universal Spirit could be readily combined. Potentiated by the collective thought/prayer of the Brothers, who ranged themselves in a certain pattern and prepared the room with harmonious music, the substance began to glow with a spiritual essence. The resulting Spiritual Panacea thus formed by the Elder Brothers used later used with instantaneous success.

Heindel firmly states that the use of this Panacea should be entrusted only to specially prepared Disciples.

We may well ask:

How many specially prepared Disciples exist all around the world?

We know that there are no limits to the Power of the Divine Force. As a little seed can give rise to an immense tree, so can a few Disciples, gathered in deep and mighty spirituality, do prodigious work in the Vineyard of the Lord.

Notwithstanding, as modest aspirants to whole knowledge and whole health, we can add to this Universal Healing Power with our contribution. We can do our part to help form the new Panacea.

Already, at the 6.30 PM weekly Healing Service, when the Moon enters one of the four cardinal signs in the Zodiac, we direct our thoughts of divine love and healing to the white Rose. In this way we contribute to the healing work conducted by the Elder Brothers of the Rosicrucian Order. But we can do much more, spiritually, to help the sufferers.

We can pray, and pray correctly.

In his book *The Web of Destiny* Max Heindel writes that "the subject of prayer is well worth the attention and study of all who aspire to spirituality". He calls prayer a magic *invocation*, not a magic *formula* !

This is serious, indeed!

The dangerous error of the low magicians is that they use the powerful instrument of prayer to violate another person's free will or to gain prominence or material advantages. This is a wicked and wrong use of the Great Cosmic Power. This is profanation. This is Black Magic.

Remember the maxim: "I don't pray to change God's will but to know how to adjust and align myself to it".

In the Bible we find three beautiful sets of statements bearing on the meaning and value of prayer:

1. — The human being is Divine:

“[In God] we live, and move, and have our being” (Acts 17:28);

“The Father and I are one” (John 10:30);

“God is love” (1 John 4:8.16);

“God is light” (1 John 1:5).

2. — We get what we ask for:

“And if you have faith, everything you ask for in prayer, you will receive” (Matthew 21:22);

“If you remain in me and my words remain in you, you may ask for whatever you please and you will get it” (John 15:7).

3. — God knows what we need:

“Thus, before they call I shall answer, before they stop speaking I shall have heard” (Isaiah 65:24);

“Your Father knows what you need before you ask him” (Matthew 6:8);

“Let anyone who is thirsty come to me” (John 7:37).

If this is true, if God knows everything that we need, why should we pray to Him for it? Obviously not to inform Him about what He already knows!

Correct prayer is a powerful source of good energy—for ourselves, for worldwide humanity, for all creation. Good vibrations are indeed the ultimate reality in the Universe, part of the Power of God. What, then, is the real usefulness of prayer?

If you go to the spring of the Water of Life with a small glass, you may fill the small glass; if you go to the spring of the Water of Life with a large barrel, you can fill the large barrel.

Prayer will draw down power proportionate to the intensity and focus with which it is generated. It opens the mystic channels through which will generously flow the always-extant gifts and blessings of our Father in Heaven.

An effective prayer for adopting a state of mind attuned to the all-pervading Mercy of God is the so-called Jesus prayer:

Lord Jesus Christ, Son of God, have mercy on me.

This is a mental invocation, commonly used in Eastern Christianity, considered highly efficacious when repeated continuously. It is contained in the words of the penitent publican, contrasted with self-praising words of the “righteous” Pharisee: “God, be merciful to me, a sinner”(Luke 18:13).

To pray for anyone who is in an unfavourable or hurtful condition is to shed Divine Light upon her or him; this is indeed a true Spiritual Panacea of great power.

Some may counter that ripe destiny is unavoidable, and to pray for persons under such a strong karmic influence is unreasonable, even a waste of time. Not at all! Undoubtedly, our prayer cannot remove the consequence that people must experience as a result of their past deeds; however, by surrounding them in vital waves of love and harmony, by means of our prayer they will be better able to meet any challenge with renewed strength and energy.

Two main ingredients compose the Panacea: faith and forgiveness.

When Christ cured a woman suffering from a chronic haemorrhage He said:

“My daughter, your faith has saved you; go in peace” (Luke 8:48).

The relationship between forgiveness and healing is clearly shown in Christ’s response to the censorious scribes after He cured the paralytic in Capernaum:

“Why do you have these thoughts in your hearts? Which of these is easier: to say to the paralytic, Your sins are forgiven, or to say, Get up, pick up your stretcher and walk?” (Mark 2:9).

A correct and efficacious prayer demands not only faith, but also and especially a forgiving heart because, as it is said, “forgiveness is the highest expression of love”. Before praying, we must forgive the offenses we have received from others, but above all we must learn to forgive ourself.

We can practice the Spiritual Panacea of Prayer alone or collectively. Max Heindel alerts us to the occult reasons which make collective prayer inadvisable under certain conditions.

In *The Web of Destiny* the author states that collective prayer, if it is to be efficacious, must be governed by scientific conditions.

The horoscopic influences of the participant worshipers must be reciprocally harmonious. The rising sign—the Ascendant—is of crucial importance. We know that astrologically there are four elements: Fire, Air, Earth and Water. Collective prayer will be more effective if the Ascendants of the participants are of the same elemental triplicity.

For optimum results, not only should the praying group have Ascendants belonging to the same element, say, for instance, to the signs Aries, Leo and

Sagittarius (triplicity of Fire). It would also be useful to investigate the reciprocal positions of each planet in the respective horoscopes.

But let us start moderately.

Let's begin our collective praying practice with members whose Ascendants belong to the same triplicity. This is only a first step, but it is also the essential one.

A workshop may be proposed, very simple, indeed, but also, I believe, remarkably fruitful:

1 — Like-minded and properly informed persons who meet in a group and care to participate are invited to write on a piece of paper the zodiacal sign of their Ascendants.

2 — Four groups are formed according to the triplicities of the respective rising sign: Fire, Air, Earth and Water.

3 — Each group may work with the healing miracles of Christ reported in the Gospels, according to the following criteria:

(a) From the Synoptics (Matthew, Mark and Luke—Rituals of Lesser Mysteries and associated with the elements of Air, Fire, and Earth, respectively), take and read the following episodes: i—Cure of the centurion's servant (Matthew 8:5-13); ii—The daughter of the Syro-Phoenician woman (Mark 7:24-30); iii—The blind man of Jericho (Luke 18:35-43). Try to find the esoteric meaning.

(b) From the Gospel of John (Ritual of Greater Mysteries and associated with astrological Water) pay special attention to the following "sign miracles": i—The healing of the official's son (John 4:46-54); ii—The cure of the lame at Bethesda (John 5:1-9); iii—Healing of the man born blind (John 9:1-7); iv—The resurrection of Lazarus (John 11:1-44). Also, try to determine the esoteric meaning.

4 — Compare and discuss the results obtained by each one of the four groups, paying special attention to the different interpretations imputable to the different views influenced by the respective triplicities.



(*) In this symbolical representation of an Invisible Helper, painted by Mary Hanscom in 1937, the artist portrays the etheric or soul body, such as (according to the Rosicrucian Teachings) a daytime visible helper functions in at night while the physical ody is recuperating from the day's activity. Actually, to etheric vision, the Invisible Helper appears clothed in garments worn during the day.

The face of the Invisible Helper was inspired by an experience the artist had when she was nine years old. A countenance haloed in flood of light appeared to her, and made such a vivid impression that it remained in her consciousness.

The Invisible Helper's hands, open and extended, are symbolic of service.

The new crescent moon signifies a time when the aspirant can best advance into Invisible Helpership.

The birds are placed in the picture to show that the Invisible Helper functions on the etheric level of the Earth plane.

The cherubs are indicative of unborn Egos, and thus symbolize the doctrine of Rebirth. Some of the faces were modeled on baby pictures of the secretaries in the Healing Department of The Rosicrucian Fellowship at time the painting was created.

As stated in the Rosicrucian Fellowship Temple Healing Service, "the white rose is symbolical of the heart of the Invisible Helper".

This painting is in The Healing Department of The Rosicrucian Fellowship at Mt. Ecclesia, Oceanside, California, USA.

*From Rays from the Rose Cross- A Christian Esoteric Magazine established by Max Heindel in June, 1913.
Printed and published by The Rosicrucian Fellowship 2222 Mission Avenue, Oceanside, California 92054 U.S.A.
Telephone:(760)757-6600 Fax (760) 721-3806 E-mail: rosfshp@rosicrucianfellowship.org Internet:
<http://www.rosicrucianfellowship.org>*



"When a person is intensely in earnest in supplication to a higher power, his aura seems to form itself into a funnel shaped form which resembles the lower part of the water spout. This leaps up into space a great distance and, being attuned to the Christ vibration of the interplanetary world of Life Spirit, it draws thence a divine power which enters the man or company of men, and ensouls the thought form which they have created. Thus the object for which they have united will be accomplished.

But let this be borne thoroughly in mind, that the process of praying or concentrating is not a cold intellectual process. There must be an amount of feeling adequate to accomplish the desired object, and unless this intensity of feeling is present, the object will not be realized. This is the secret of all the miraculous prayers which have been recorded: the person who prayed for something was always intensely in earnest; his whole being went into the desire for this or that thing for which he prayed, and thus lifted himself up into the very realms of the divine and brought down the response from the Father. "

- From the [Rosicrucian Fellowship Temple Healing Service](#)

XIX.

Origem da Oração Rosacruz



Por António de Macedo

Na conferência sobre «The Mystery of the Holy Grail», publicada em folheto em 1909 e incluída no livro *The Rosicrucian Christianity Lectures*, editado postumamente em 1939, Max Heindel ao referir-se à eficácia da verdadeira oração previne-nos contra as orações de carácter egoísta, palavrosas e sem um verdadeiro amor pelo nosso próximo, que frustram a finalidade que uma oração deve servir. A oração genuinamente eficaz, pelo contrário, deve estar em perfeita harmonia com a Natureza de Deus, que é **Amor**. Em seguida conta como encontrara uma oração em forma de poema na revista *London Light* alguns anos antes*, e intitulou-a:

AN IDEAL PRAYER (Uma Prece Ideal)

tendo-a conservado, desde então, como um tesouro inestimável. E, no texto dessa conferência, Max Heindel acrescenta:

«Este é o tipo de oração que eleva e enobrece, e quanto mais se cultivarem e mantiverem estas sublimes aspirações tanto mais se elevam os dois éteres superiores do corpo vital. Por isso as Igrejas dizem orai sem cessar, e nisso

estão de acordo com os ensinamentos ocultos pois dessa maneira actua-se sobre o corpo vital pela repetição constante de aspirações elevadas. Antes de podermos seguir a Senda Oculta é absolutamente necessário que se afrouxem os laços que prendem os dois éteres superiores aos dois éteres inferiores, pois a condição para podermos funcionar sem perigo fora do corpo denso, é que saíamos envolvidos naqueles, deixando o corpo denso ao cuidado destes».

Esta oração foi adoptada por The Rosicrucian Fellowship para ser lida entre a conferência e o Hino de Encerramento, no Serviço do Templo. O original inglês consta de seis quadras, em versos rimados, o que perfaz um total de 24 versos. Sabemos que 24 é um número cheio de significado, e a musicalidade da poesia pode acordar ressonâncias especiais nas subtis regiões do 2.º e 3.º Céus. Como as traduções portuguesas que se conhecem são em prosa, fica prejudicado um componente importante, melódico e espiritual, ainda que os conceitos do conteúdo estejam correctamente traduzidos. O texto original, da professora, poetisa e pacifista americana Florence May Holbrook (1860-1932), é o seguinte:



*Florence May Holbrook
(1860-1932)*

A Prayer

*Not more of Light I ask, O God,
But eyes to see what is;
Not sweeter songs, but ears to hear
The present melodies.*

*Not more of strength, but how to use
The power that I possess;
Not more of love, but skill to turn
A frown to a caress.*

*Not more of joy, but how to feel
Its kindling presence near,*

*To give to others all I have
Of courage and of cheer.*

*No other gifts, dear God, I ask,
But only sense to see
How best those precious gifts to use
Thou hast bestowed on me.*

*Give me all fears to dominate,
All holy joys to know;
To be the friend I wish to be,
To speak the truth I know.*

*To love the pure, to seek the good,
To lift with all my might
All souls to dwell in harmony,
In freedom's perfect light.*

O Centro Rosacruz Max Heindel (Benavente, Portugal) empreendeu a grata tarefa de apresentar uma nova tradução, que, respeitando o conteúdo, ao mesmo tempo procurasse preservar a musicalidade dos 24 versos rimados do original:

ORAÇÃO ROSACRUZ

*Não mais Luz, Senhor, Vos peço,
Mas olhos para ver a existente,
Nem canções mais doces; mas, se o mereço,
Ouidos para ouvir o Som presente.*

*Nem mais forças, mas apenas como usar
O divino poder que já possúo;
Nem mais amor, mas o dom de transformar
Num gesto de carícia um esgar de amúo.*

*Nem mais alegria, Senhor, mas sim sentir
No meu íntimo a sua cálida presença,
Para poder aos demais distribuir
Quanto tenho de coragem e bem-querença.*

*Não mais dádivas, amado Deus, Vos peço,
Mas apenas o saber e a inspiração
De espalhar à minha volta com sucesso
As que tenho a transbordar do coração.*

*Infundi-me todos os temores para que os domine,
E todas as santas alegrias, para as conhecer,
A fim de ser o amigo certo que desejo ser,*

E para que a chama da Verdade eu dissemine;

*Sendo capaz de à pureza amar, e à bondade,
Para elevar com toda a alma e energia
Até à luz da mais perfeita liberdade
As demais almas, num empíreo de harmonia.*

* Nota do Editor:

Em 1884, Max Heindel, então Carl Louis F. Von Grasshooff viajou para Glasgow . Nesta cidade ele conheceu sua primeira esposa, Catherine Dorothy Wallace que trabalhava com litografia. Ela era natural de Glasgow, nascida em 4 de janeiro de 1869 e filha do fabricante de boilers James Barr e Mary Anne Wallace. Carl tinha apenas vinte anos quando se casou com esta jovem de dezesseis anos, em 15 de dezembro de 1885.

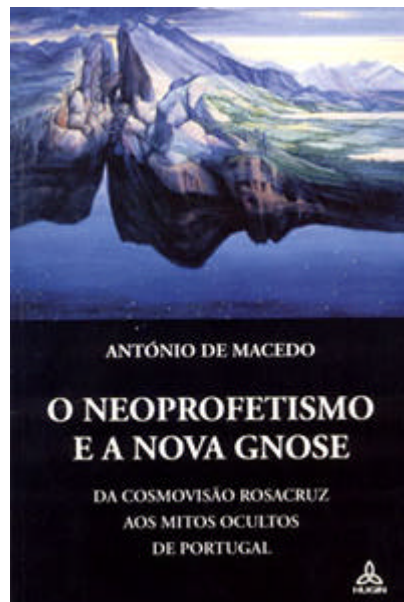
*O casal deixou Glasgow e fixaram residência em Liverpool. Foi nesta época que Carl comprou uma cópia do periódico "**London Light**" e leu pela primeira vez o poema "**A Prayer**" de Florence May Holbrook (1860-1932), que provocou uma profunda impressão sobre ele que jamais a esqueceu.*

XX

Inquisição e Tradição Esotérica:
Acção e Reacção no Colonialismo e Ex-Colonialismo
do Império Português*

IN:

António de Macedo



O NEOPROFETISMO E A NOVA GNOSE
Da Cosmovisão Rosacruz Aos Mitos Ocultos De Portugal
Hugin Editores, Lisboa, 2003

I - Hermetismo e Hermesismo



Hermes sobre Typhon, JAKnaap.

Hermes, como a personificação da Sabedoria Universal está aqui representado com o pé sobre o dorso de Typhon, o dragão da ignorância e da perversão. Para os Iniciados Egípcios, vencer o dragão devorador das almas era se libertar da necessidade de renascer.

Permitam-me que comece este breve trabalho com uma citação: «É infundada a muito generalizada suposição de que a filosofia hermética não teve cultores em Portugal. De facto, nem a alegada ortodoxia dos nacionais nem a vigilância intensa desenvolvida pelo Santo Ofício lograram impedi-la de medrar" (Gandra 1994, 13).

Se atribuirmos à expressão «filosofia hermética» o sentido mais abrangente de «hermesismo», tal como propõe o professor catedrático Antoine Faivre, da Sorbonne, obteremos um quadro do que se passaria na generalidade: «No espírito duma sugestão de Frances A. Yates propus que, ao lado do termo "hermetismo", que serve para designar o corpus dos Hermetica com suas gloses e exegeses, bem como o conjunto mais vasto de doutrinas, crenças e práticas cuja natureza se precisou no Renascimento, se empregasse também o termo "hermesismo" para designar a atitude de espírito que preside a este conjunto, e que não se restringe à tradição hermética alexandrina mas inclui a Cabala cristã, o rosacruzismo, a teosofia, o paracelsismo e, dum modo geral, a maior parte das formas de que se reveste o moderno esoterismo ocidental» (Faivre 1-1996, 48). Ou seja, aquela asserção de que a Inquisição portuguesa não impediu, nos séculos XVI, XVII e XVIII, a proliferação da «filosofia hermética» entre nós, aplicar-se-á, portanto, não só à Alquimia mas também a um vasto leque de secretae artes como a Cabala, a Astrologia, a Philo-Sophia Rosacruz, a Magia

operativa agrippina, além dos arcana flumina como as lendas do Graal ou a tradição misteriosa da «Igreja de João» oposta à «Igreja de Pedro», ou de Roma.

A própria Astrologia - complemento indispensável, em quanto Ciência Sagrada, do Rosacrucismo -, condenada pela Igreja desde os inícios do Cristianismo, nunca deixou de se desenvolver e espalhar durante toda a Idade Média e o Renascimento, fora e dentro de Portugal: essa difusão seria devida em grande parte, pensam alguns historiadores, aos estudiosos judeus que viviam em terras cristãs e consideravam a Astrologia como um ramo necessário aos seus estudos cabalísticos e talmúdicos. Imperadores e papas foram adeptos da Astrologia, como os imperadores Carlos IV e Carlos V, e os papas Sixto IV, Júlio II, Leão X e Paulo III. Durante a vigência destes governantes, a Astrologia era o grande regulador da vida oficial. É bem conhecido o caso do nosso rei D. Afonso V, que teria sido autor de dois tratados de Astrologia: em 1621 o editor Thomas Harper publicou em Londres *Five Treatises of the Philosophers Stone*, aí se dizendo que o autor de dois deles era «Alphonso, King of Portugal» (Gandra 2003, 120). Com a criação em 1513 da cadeira de Astrologia na Universidade de Lisboa, institucionalizou-se o seu ensino, e apesar de as Ordenações do Reino (título III, livro 5) imporem penalidades aos que se dedicassem à adivinhação do futuro, ressalvavam porém os astrólogos (Gandra 2001, 3).

II -Tradição hermesista lusa

Como se trata aqui de «Des-Colonização» (1) - e realço a maroteira do hífen entre o «Des», e a «Colonização», que põe a imaginação a galope sobre sequelas contrárias a contrárias sequelas -, deveria falar dos diversos países lusófonos que foram antigamente parte do «Império Português», mas, por razões de economia de espaço - embora não só... - limitar-me-ei a breves apontamentos sobre o Brasil e Goa, territórios onde a Inquisição portuguesa esteve particularmente activa, além de, naturalmente, um apanhado sobre o que se passou ou tem vindo a passar, quanto a essa matéria, no nosso luso rectângulo europeu.

O que pode surpreender à primeira vista, nos autores portugueses dos séculos XVI a XVIII, é a escassez de referências à corrente rosacrucista que se difundiu pela Europa na sequência de um certo «paracelsismo» quinhentista e - sobretudo numa maneira mais pública - logo após a divulgação dos famosos manifestos de 1614 e 1615 (*Fama Fraternitatis* e *Confessio Fraternitatis*), bem como do «romance alquímico» de 1616 *As Núpcias Químicas* de Christian Rosenkreuz, atribuído a Johann Valentin Andreae. Bom, veremos mais abaixo como o século XVII português, por exemplo, e respectiva Inquisição, sobretudo filipina até 1640, estiveram mais ocupados com o bandarrismo, o profetismo e o V Império do Padre António Vieira - além do Sebastianismo -, do que com o específico hermesismo rosacrucista europeu que ficava implícito nas «heresias» protestantes.

Mesmo antes de se ter encerrado o Contra-Reformista Concílio de Trento em 1563 e da publicação do *Index Librorum Prohibitorum* do papa Paulo IV, em 1559, o Inquisidor-Geral Infante D. Henrique - o «velho cardeal que trairia o povo português», no dizer de Agostinho da Silva (Silva 1988, 124) - já havia promulgado em Portugal um *Catálogo de Livros Proibidos*, em 1547, seguido de um novo

índice expurgatório intitulado Este he o Rol dos Livros Defesos por o Cardeal Iffante Inquisidor Geral nestes Reynos de Portugal , impresso em 1551. Sucederam-se-lhes outros índices e catálogos de livros proibidos em 1559, 1561, 1564, 1581, 1597 e 1624. Este de 1624, intitulado Index Auctorum damnatae memoriae, tum etiam Librorum qui vel simpliciter vel ad expurgationem usque prohibentur, vel denique iam expurgati permittuntur é um volume de grande formato com 1048 páginas, e foi o último a ser impresso em Portugal, antes do pombalino catálogo da Real Mesa Censórea, de 1768. Consolemo-nos com a duvidosa glória de ter sido um português, o dominicano Fr. Francisco Foreiro (1523-1581), o especialista encarregado por Paulo IV, no último ano do seu pontificado (1559), para a elaboração (entre outras tarefas) dum novo Index Librorum Prohibitorum de acordo com as doutrinas conciliares, atendendo sobretudo aos grandes conhecimentos do teólogo português na redacção do índice de livros proibidos. Francisco Foreiro compôs um prefácio doutrinário ao novo Index (que seria publicado em 1564, já sob o pontificado de Pio IV) onde apresenta e desenvolve as famosas «dez regras» de exame e censura de livros que passaram a constituir legislação permanente da Igreja (Gomes 1993, 74-75).

Acrescente-se, parenteticamente, que a influência perniciosa de Francisco Foreiro transcendeu largamente o âmbito religioso para se projectar na formação duma mentalidade sócio-cultural: «A Censura inquisitorial, baseada nos preceitos de Francisco Foreiro, tem sido mais julgada segundo o critério político - cerceamento do direito de liberdade de expressão - do que segundo o critério científico. [...] Ora, o que na verdade Francisco Foreiro inventa, mas enquadrada numa preceitualidade proibitória, é a epistemologia da crítica literária de garantia científica. No seu discurso ao Concílio, o que ele apresenta é um tratado sumário da arte de ler, de entender, e de ajuizar sobre o livro. [...] O método crítico de Francisco Foreiro originará uma tradição de crítica literário-doutrinal, como essa que incarna nas chamadas censuras da Inquisição. O censor apresenta a obra, descreve a sua composição, analisa as suas ideias, comenta a sua qualidade, avalia do seu valor e rectitude e, por fim, exara o juízo. Nós temos prestado nula atenção a este teor científico, esmagados que estamos pelo preconceito derivado da paixão. Todavia, há lugar para suscitarmos esta dúvida: - qual o contributo da censura inquisitorial para o surgimento da crítica literária?» (Gomes 1993, 77-78).

A resposta a esta pergunta do fecundo investigador e pensador Pinharanda Gomes é, desgraçadamente, óbvia: mais de 200 anos de pareceres censóreos apostos aos livros, segundo as normas de Foreiro, geraram em Portugal um «tipo» de crítica literária (e mais tarde cinematográfica...) que segue a mesma metodologia sem se dar conta dessa «herança genética», e aproveita sobretudo os seus defeitos, com umas pinceladas de (mau) estruturalismo a partir dos anos 60 do século XX, esquecendo-lhe as eventuais virtudes. Basta comparar as críticas literárias (e cinematográficas) que se fazem por cá, com as críticas muito mais correctamente territorializadas, mais epistémicas e empáticas que podemos ler no periodismo de países que não sofreram a influência do luso dominicano.

Retomando o fio à nossa meada, anotemos que um bom número de autores se tem debruçado sobre o curioso facto de a tradição hermesista portuguesa - com Foreiro ou sem Foreiro... - possuir características bem próprias que a distinguem

das correntes contemporâneas europeias. Basta consultar as obras, os estudos ou os rasgos de luz, ainda que por vezes extremados e assaz díspares nas suas manifestações, de Sampaio Bruno, Almada-Negreiros, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, António Telmo, Natália Correia, António Quadros, Afonso Botelho, António Barz Teixeira, Dalila Pereira da Costa, José Manuel Anes, Manuel J. Gandra, Lima de Freitas, António Cândido Franco, Yvette K. Centeno, Pinharanda Gomes, Gilbert Durand, Rainer Daehnhardt, Pedro Teixeira da Mota, Paulo Alexandre Loução, S. Franclim..., entre outros exemplos possíveis.

- Comunicação apresentada no XVII Congresso Internacional Des-Colonização e Polémicas promovido pela Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII e por CGD-Culturgest, Lisboa, em Maio de 2002

III - INQUISIÇÃO E REAL MESA CENSÓREA

Tive o cuidado e a paciência de consultar os catálogos e os índices de «livros defesos» que se publicaram em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII e pareceu-me possível chegar a algumas conclusões interessantes.

A mais imediata, em traço grosso e antes de esmiuçarmos um pouco, é que há duas fases bem distintas na preocupação global dos censores e na genérica actividade inquisitorial: a primeira, durante os séculos XVI e XVII, prende-se sobretudo (além de superstições, imoralidades e bruxarias várias) com as «heresias» **judaica** e **protestante** - como se o judaísmo fosse uma heresia do cristianismo, quando é precisamente o oposto...-, e a segunda incide em larga medida, já no século XVIII (e igualmente para além de superstições, imoralidades e bruxarias várias), sobre os escritos e os autores do **Iluminismo**. Até 1768 a censura em Portugal esteve quase só nas mãos de membros da Igreja católica: dependia do Tribunal do Santo Ofício, a quem competia a elaboração e a publicação dos «índices expurgatórios», mas não exclusivamente: na prática, os livros tinham de passar por três entidades e exigiam seis aprovações indispensáveis: duas do Santo Ofício, duas do Ordinário e duas do Desembargo do Paço (Marques 1963, 8).

Por outro lado, constatei que autores interessantes para a corrente teosófica e rosacruzista europeia como Mestre Johannes Eckhart, Trithemius, Marsilio Ficino, Jacob Bohme, Basílio Valentino, Bernardo Trevisano, George Ripley, Nicolas Flamel, Pico della Mirandola, John Dee, Simon Studion, Robert Fludd, Elias Ashmole, Athanasius Kircher, Henrique Khunrath, J. Valentin Andreae, Michael Maier, Valentin Weigel... não constam desses índices - e Paracelso só aparece no de 1624. Desconhecimento? Atraso? Desinteresse em Portugal? Em contrapartida, neles não faltam os nomes e as obras, por exemplo, de Guilherme d'Occam, Joaquim de Fiore, Ramon Llull, Arnaldo de Vilanova, Maquiavel, Cornélio Agrippi, João Reuchlino, Paulus Riccius, Dante (*De Monarchia*), Ariosto, Judá Abravenel ou Leão Hebreu (*Dialoghi d'Amore*), Erasmo, Guilherme Postel, Jerónimo Cardano, além de, claro, João Huss, Lutero, Calvino, Melanchthon e TODAS as edições da Bíblia em língua vulgar - a Igreja só deixava circular a Bíblia

em latim, por considerar perigoso que o povinho a lesse numa língua acessível e começasse a tirar as suas próprias conclusões!

Dois autores pouco citados mas fundamentais para a tradição esotérica ocidental, e que se diz terem influenciado as intuições místico-ocultas de Shakespeare, foram Horapollon e Andreas Alciatus. O livro *Hieroglyphica*, do primeiro, cujo manuscrito foi descoberto em 1422 em Florença, suscitou um grande interesse entre os humanistas, empenhados em decifrar os símbolos místicos de que a obra está repleta, e teve larga divulgação... A Inquisição ignorou-o. O segundo compôs um livro ainda mais estranho e misterioso, *Emblematum Liber*, com 212 emblemas enigmáticos e proféticos e publicado pela primeira vez em 1531. Apenas no índice de 1624 se lhe faz uma breve referência, não para o proibir mas para expurgar alguns dos emblemas, poucos e pouco significativos... Ignorância dos Inquisidores?

A partir de 1768 e por obra da mão férrea e totalitária do Marquês de Pombal, a função de proibir livros passou da Inquisição (órgão da Igreja) para a recém-criada Real Mesa Censórea (órgão do Estado) - ou seja, o Marquês percebeu rapidamente que os livros são mais perigosos que as pessoas, e, como já se tinha livrado dos Távoras em 1759 e do que eles representavam, não se importou que a Inquisição continuasse a queimar gente, porque a partir de então quem se encarregaria de «queimar» os livros suspeitos seria ele. Aliás esta partilha de poderes entre instituições, inquisitória e régia, não foi difícil de estabelecer: o Inquisidor-Geral - cardeal Paulo de Carvalho - era irmão do Marquês de Pombal... E lá vêm, no «Catálogo de livros defesos neste Reino» da Real Mesa Censórea, os nomes e as obras de Espinosa, Tomás Morus, Rabelais, Hobbes, La Mettrie, Voltaire, Diderot, Hume, Rousseau, Condorcet, John Locke, Goethe... e até La Fontaine!, não faltando os *Exercícios* de Santo Inácio de Loyola - como seria de prever, com a raiva que o Marquês tinha aos jesuítas... (Marques 1963, 118 segs.).

Apesar das medidas rigorosas de proibição, os livros interditos continuavam a entrar em Portugal, trazidos por viajantes ou mesmo de contrabando, e por conseguinte eram lidos e conhecidos pelos que se dedicavam ao estudo de matérias consideradas «heréticas» ou «perigosas» (Sá 1983, 17). Um dos exemplos mais significativos é o de Frei Vicente Nogueira (1586-1654), em cuja livraria, que foi confiscada pela Inquisição, se encontravam os autores e os textos mais importantes do hermesismo e; em geral, da *occulta philosophia* (Centeno 1995, 31). Estas práticas «ilícitas» prolongaram-se até aos fins do século XVIII, e as próprias listas oficiais de «Livros defesos» eram utilizadas pelos intelectuais e por numerosos estudantes para fazerem encomendas! Os livros podiam ser encomendados secretamente pelos livreiros estabelecidos a fim de servirem clientes de confiança, incluso com falsos títulos e encadernações enganosas, ou através dalgum diplomata estrangeiro residente em Portugal (Ramos 1974, 8-13).

IV - As queimas de livros

A prática de destruir livros perigosos ou apenas incómodos é muito antiga e foi partilhada por diversas civilizações e culturas. É bem conhecido o caso do imperador pagão Diocleciano, de Roma, que se autoproclamou *dominus et deus* e

mandou queimar todos os livros egípcios de Alquimia, nos finais do século III. No mundo cristão, a primeira notícia de uma queima de «livros proibidos» é-nos dada pelos Actos dos Apóstolos, escritos provavelmente já no primeiro quartel do século II por um bom conhecedor das técnicas da historiografia grega e que muitos estudiosos actuais não acreditam ter sido o mesmo Lucas do terceiro Evangelho. Aí se descreve como por força da pregação de Paulo, e após um ataque muito agressivo de espíritos malignos, os habitantes de Éfeso, judeus e gregos, que se dedicavam à magia, assustaram-se, converteram-se e trouxeram uma enorme quantidade de livros malditos que queimaram em público: «O valor dos livros foi calculado em 50 mil moedas de prata» (Actos 19, 13-19).

O sinal de partida estava dado. Durante a Antiguidade e na Idade Média foram condenadas várias doutrinas heréticas e os livros que as continham, tanto pelos papas como pelos concílios. Os livros reprovados não deviam ser lidos nem possuídos pelos cristãos: deviam ser queimados ou entregues à autoridade eclesiástica, e a partir do século XIV estas proibições foram suplementadas com a pena de excomunhão (Pereira 1976, 11-12). Apenas para nos cingirmos ao século XVI, registemos que a produção literária de mais de **dois mil autores** foi inteiramente ou parcialmente condenada! (De Bujanda 1995, 15). O *Rol dos Livros Defesos* publicado pela Inquisição portuguesa em 1561 é o mais volumoso de todos quantos apareceram no século XVI na cristandade, só suplantado no século seguinte pelo de 1624. Para que não restassem dúvidas aos prevaricadores, o *Rol* de 1561 é precedido duma carta do Inquisidor-Geral, cardeal D. Henrique, de 21 de Março desse ano, onde se lê, entre outros parágrafos, o seguinte: «Primeiramente mandamos sob pena de excomunhão *latae sententiae* (cuja absolvição reservamos a nós ou aos Inquisidores ou a quem para isso nossas vezes tiver) a quaisquer pessoas de qualquer qualidade ou preeminência que seja: que não tragam nem façam trazer, nem recebam, nem comprem, nem vendam, nem tenham, nem leiam livro algum dos contidos neste catálogo, nem outros quaisquer em que souberem que estão erros contra nossa santa fé» [Ortografia actualizada] (De Bujanda 1995, 55-56 e 593).

V - O amanhecer da História do Futuro

O século XVII desempenhou uma função capital em termos de paralelismo-antagonismo entre o que se passava em Portugal e no resto da Europa. O antipapismo alastrava pela Europa, quer sob a forma das diversas ramificações protestantes, quer sob a capa de sociedades secretas como a misteriosa Ordem Rosacruz; todos esses movimentos e correlativos abalos psicossociais e agitações político-religiosas culminaram na terrível Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), que subverteu sociedades e redesenhou fronteiras. Durante o mesmo período, em Portugal e no Brasil preponderava o gigantesco Padre António Vieira (1608-1697) e o seu discurso inflamado e profético - além de que nos batíamos na nossa própria «guerra dos trinta anos» (no curioso dizer de Lima de Freitas) para sacudir o ocupante espanhol de seis decénios que não quis largar este torrão com facilidade. Essa guerra ao longo das nossas fronteiras com a Espanha, conhecida como Guerra da Restauração, prolongou-se de 1640 até 1668, e foi sendo travada ao

mesmo tempo que combatíamos vitoriosamente os holandeses no Brasil sem falar noutras lutas em Africa e no Oriente.

«Um grande movimento dos espíritos acompanhava essas batalhas, essas tragédias e essas esperanças: velhos profetismos de origem joaquimita e templária, alimentados pelas correntes franciscanas e pelo milenarismo paraclético - refiro-me ao culto do Espírito Santo, que ganhou um vigor sem paralelo na pátria portuguesa - que conduziriam a fenómenos extraordinários. Citaremos as profecias do sapateiro Bandarra e a força imensa e magnética do verbo de António Vieira da Companhia de Jesus - o "imperador da língua portuguesa", como o cognominou Fernando Pessoa -, autor genial de sermões prodigiosos e das páginas sem paralelo da incompleta *História do Futuro* e da *Clavis Prophetarum*; lembraremos também a atmosfera febril de escritos anónimos, de milagres e prodígios, de visões e profecias que reinou nessa época. [...] Viu-se assim emergir quase ao mesmo tempo, como que surdindo de uma mesma nascente, o mito de Christian Rosenkreuz na Alemanha e, em Portugal, a memória da lenda velha de dois séculos do Beato Amadeu, segurando, no seu túmulo, o livro contendo uma "história do futuro", palpitante de mistérios, que seriam "brevemente" revelados segundo a vontade de Deus» (Freitas 1998, 183).

O Beato Amadeu era um fidalgo de nome João de Meneses da Silva (1431-1482) que acabou por professar na Ordem dos Irmãos Menores (Franciscanos) em 1454, depois de se ter convertido a uma vida de religiosidade e penitência em que adoptara o *nomen mysticum* de «Amadeus» - equivalente a *Theo-Philos*. Após a morte foram-lhe atribuídos diversos milagres, que contabilizaram para a sua beatificação, para além das muitas virtudes que demonstrara durante a vida. Escreveu um livro profético, *Raptus et Revelationes: Apocalypsis Nova*, que foi incluído no *Catalogo dos Livros que se prohibem nestes Regnos e Senhorios de Portugal*, segunda parte do *Index Librorum Prohibitorum* impresso em Lisboa em 1581, e onde o nome do Beato Amadeu figura como «Amadeus Lusitanus». Existe uma efígie do Beato Amadeu (reproduzida em Freitas 1998, 180) com um «livro ocluso» debaixo do braço direito - tal como, mais tarde, Christian Rosenkreuz -, livro esse, de mistérios e profecias, que só deveria ser aberto «em tempo oportuno».

No famoso políptico do século XV atribuído a Nuno Gonçalves, conhecido como *Tábuas de S. Vicente de Fora* e existente no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, reencontramos o tema do «livro ocluso»: no painel central da direita, a que António Quadros chama «Painel da Missão das Ordens de Cristo e de Aviz» (Quadros 11-1987, 173 segs.), o Hierofante tem o «livro ocluso» debaixo do braço, além de empunhar a vara simbólica da Iniciação: é o tempo passado e presente dos mistérios por abrir; no painel central da esquerda, «Painel da Aliança no Espírito Santo» (Quadros *ibidem*) o Hierofante já apresenta o livro aberto, o Evangelho de João, onde Jesus anuncia a vinda *futura e desveladora* do Paraclito (João 14, 16.26; 15, 26; 16, 7) - a verdadeira *História do Futuro* de que se haveria de encarregar António Vieira. Não deixa de saltar à vista, para quem contemple os painéis no seu conjunto, tal como se encontram agora, a organização *hermética* dos três grandes grupos humanos que os integram, num total de 60 personagens: o grupo de pessoas de *negro* («obra em negro» ou *nigredo*), o grupo de *branco* («obra em branco» ou *albedo*) e o grupo de *vermelho* («obra em rubro», ou *rubedo*).

Destaca-se, neste último, a majestosa figura do Hierofante, totalmente vestida de vermelho em suas duas aparições, que Lima de Freitas identifica com *il Messo di Dio*, o que virá como «Consolador», ou Paracleto (Freitas 2003, 303-312): com efeito, o **vermelho** é a cor simbólica do **Espírito Santo**, tal como o **azul** é a do **Pai** e o **amarelo-dourado** a do **Filho**.

VI - As duas progénies

O profetismo-hermesismo assumiu em Portugal um cariz próprio, como já se referiu, detectável em duas linhas convergentes:

1 - O Rosacruzismo Templário de D. Teresa e de seu filho D. Afonso Henriques (c. 1109-1185), atestado pelas assinaturas destes últimos onde é visível a sobreposição da Cruz à Rosa Mística (assinaturas reproduzidas em Daehnhardt 2000, extratexto entre 96-97), bem como a inequívoca declaração do primeiro rei português, em documento autógrafo onde confirma a doação do Castelo de Soure aos Templários por sua mãe, rainha D. Teresa, e em que lhes declara que «em vossa irmandade e em todas vossas boas obras sou irmão», atribuindo-se, portanto, a Irmandade Templária na dupla vertente iniciática e temporal (Alves 2001, 56) ;

2 - Os ideais trinitários do abade calabrês Joaquim de Fiore (1145-1202) e do médico e alquimista catalão Arnaldo de Vilanova (1240-1313), mestre da rainha D. Isabel de Aragão, mulher de D. Dinis, ideais esses que deram origem, através dos franciscanos *Spirituali* (condenados pelo papa João XXII) e por mão daqueles dois monarcas portugueses, à institucionalização das festas e do Culto do Espírito Santo, além de que D. Dinis era um «Fiel do Amor» pertencente à heterodoxa Ordem dos Trovadores.

VII - Roma e Anti-Roma

Comecemos por espreitar os primeiros versos duma canção de Dante inserida no seu enigmático livro *Vida Nova* (Dante 1984, 39):

*Damas que sabeis do Amor,
convosco vou falar da minha Amada,
não para acabar o seu louvor,
mas para aliviar o fogo que em mim arde.*

Nos tempos do florentino Dante (1265-1321) duas facções rivais, os Guelfos e os Gibelinos, confrontavam-se em contínuas guerras civis pelo controlo das cidades italianas. A designação «Gibelino» deriva de Waiblingen, nome dum importante castelo da família Hohenstaufen a que pertenceram alguns dos Imperadores do Sacro Império Romano (Germânico) que combateram os papas como por exemplo Frederico Barba Roxa (1122-1190) e Frederico II (1194-1250). Por sua vez «Guelfo» deriva do apelido alemão Welf, nome da família que apoiava o papa e aspirava ascender ao trono Imperial.

Ou seja, os Gibelinos, sobretudo em Itália, eram as famílias nobres partidárias do Imperador que se opunham às ambições do papado; os Guelfos eram as famílias nobres que apoiavam o papado sob o aspecto político-militar. Dante, que começara por ser um Guelfo moderado, ainda chegou a combater como cavaleiro contra os Gibelinos, mas a partir de 1300, reconhecendo os erros, a intolerância e o inevangélico fausto da Igreja de Roma, e a crescente ambição papal, mudou de campo e acabou por se opor frontalmente ao papa.

Estas guerras só viriam a terminar nos finais do século XIV. Dante engrossou, assim, as fileiras do «Infiéis de ROMA», ou seja dos «Fiéis do AMOR», como explica Sampaio Bruno ao referir que o descerrar dos mistérios trovadorescos provém da decifração duma palavra:

«Da mesma que em português e em espanhol, na língua latina: *amor*. Vocábulo que, em exacto e perfeito anagrama inverso, resulta *Roma*. De modo que os fiéis-do-Amor são os fiéis, não do amor, mas do contrário de Roma. Os fiéis-do-Amor são os infiéis-de-Roma. Como os fiéis-de-Roma são os infiéis do Amor, os contrários ao Amor, os inimigos do Amor. Exemplo formidável: a besta-fera, o monstro horrendo do Santo Ofício da Inquisição, essa "esfinge *humana*" do pastor, fiel-do-Amor, Fernão Álvares do Oriente. Em suma: Amor não é amor; Amor é Anti-Roma» (Bruno 1960, 142-143).

Ponderemos no inesperado facto de um respeitável número de poetas e cavaleiros da Idade Média e do Renascimento se travarem de amores na Semana Santa, de preferência à quinta-feira ou à sexta-feira de Paixão, e na igreja, durante o ofício divino: os exemplos abundam, e podemos citar, entre os mais notórios, os trovadores Ausias March e Luis Martelli, além de Dante, Boccaccio, Petrarca, Camões, o bolonhês Onesto. ..

Que poetas e cavaleiros eram estes?

VIII - Os Cavaleiros do Amor

...

O mesmo Sampaio Bruno, acima citado, elucida-nos *a contrario* através duma referência que faz a um livro sobre Camões, publicado em 1872, da autoria do general reformado e ensaísta Francisco Evaristo Leoni:

«Petrarca apaixonou-se por Laura na igreja, uma sexta-feira santa; Dante por Beatriz, no mesmo lugar onde se entoavam os louvores divinos; e Boccaccio refere que Panfílio se enamorou de Fiammetta num templo, durante a missa; o que é o mesmo que dizer que ele próprio se apaixonou por uma filha de Roberto, rei de Nápoles, na indicada ocasião. Como a moda pegasse, o bolonhês messire Onesto tomou amores numa igreja uma quinta-feira de endoenças (1) e Fizenzoula no dia de Todos os Santos; Guilherme de Nevers cativa-se na igreja pela filha do conde de Nemours; Ausias March, de Valência, por Teresa de Momboy numa sexta-feira de paixão, etc. etc.» (Bruno 1960, 66).

Bruno insurge-se contra a suposição de Leoni de que se trata duma «moda». Afirma-o claramente, um pouco mais adiante: é uma questão gravíssima e em extremo séria e não se trata de imitação literária. O que se passa, diz Bruno, é que o Amor não é exactamente amor, e a Amada, a que faz referência Dante nos versos da *Vida Nova* que acima transcrevi, não é exactamente uma dama.

Podemos encontrar um princípio de decifração no famoso soneto de Camões onde o poeta relata um dos tais amores entabulados durante a missa:

*O culto divinal se celebrava
No templo donde toda a criatura
Louva o Feitor divino que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.
[. . .]
Deixei-me cativar; mas hoje, vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.*

Camões não usa a palavra «igreja», mas «templo», e um outro autor da mesma linhagem, Manuel Faria e Sousa (1590-1649), que escreveu quase toda a sua obra em castelhano, da geração seguinte à de Camões e, como este, também Iniciado na misteriosa Ordem interna dos Alumbrados a que pertenceu Jorge de Montemor, ou Montemayor (cujos livros *Obras de Amores Profanos*, *Obras de Devoción* e *Diana* foram proibidos pelo Índice de 1581), diz num dos seus sonetos:

*El culto celestial se celebrava
Del mayor Viernes en la Iglesia pia,
Quando por Laura Franco se encendia,
y Liso por Natércia se inflamava.
Belardo por Luzinda, quando alzava
El Cielo a si la candida Maria:
Ariosto, Alcido, rindense aquel dia
Que la Belleza flores consultava...*

E mais adiante, remata com a seguinte convicção:

*Con reparo tan nuevo, determino
Creer que no es humano Amor, que espera,
Para poder herir, tiempo divino.*

Não é decerto Amor humano aquele que é acendido num «Templo», ou numa «Ecclesia», em «tempo divino»... Camões semeou diversas pistas nos seus versos, como neste exemplo da sua lírica:

*Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelizes obrigado...*

Os críticos literários pretendem ver na «materna sepultura» uma alusão à morte da mãe do poeta no momento do seu nascimento, mas ao ter acrescentado **«de novo ao mundo»** anula essa interpretação: segundo a Tradição Oculta do Ocidente, o útero materno é onde o espírito ingressa, após a morte no mundo Espiritual, para poder reencarnar no mundo material, ainda por cima, no caso de Camões, num dia nefasto, marcado por «estrelas infelizes» - e bem sabemos que o conhecimento da Astrologia, em quanto *Ciência Sagrada*, sempre esteve associado a esta Tradição Oculta (Monteiro 1985, 107). Tradição a que não é estranho o predomínio de um «platonismo místico» que coloriu o Renascimento, tão diferente do Gótico, que o precedeu, como do Barroco, que se lhe seguiu. Começou a difundir-se no século XV a partir sobretudo das obras de «teologia hermética» e de Astrologia de Marsilio Ficino (1433-1499) e das suas traduções de Platão e dos neoplatônicos; na primeira metade do século XVI, a influência de Ficino já dominava os meios artísticos da Itália e da Península Ibérica. Segundo este ideal, *conhecer* não é mais do que *recordar* o que vimos no perfeito mundo dos arquétipos e das ideias, antes de vir *de novo* ao mundo: a verdade não está nas aparências enganosas dos sentidos, mas na depuração do que é moral ou fisicamente feio para melhor se reatingir a perfeita realidade das ideias (Báez 1955, XII, XVII).

Complementaremos a compreensão do que se passava nessa época se nos lembrarmos que a tradição cavaleiresca, muito forte nos séculos XII a XIV, supunha um misterioso elo entre o que Ramon Llull (proibido pelos Índices de 1561 e 1581) chama a Ordem de Cavalaria - tal como a descreve num pequeno tratado que tem precisamente por título *Llibre de l'Orde de Cavalleria* - e a **Ordem dos Trovadores**.

Note-se que Ramon Llull não se refere a «ordens» de cavalaria, esta ou aquela em especial, mas à ORDEM DE CAVALARIA, e no capítulo IV do seu tratado vai mesmo mais longe pois refere-se inequivocamente ao «sacramento da cavalaria» (*sagrament de cavalleria*), o que pressupõe uma *hieropoiésis* do conceito (Llull 1987, 67). O nosso rei D. Duarte, autor do livro cifrado e alegórico *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, é um bom exemplo desta Gnose espiritual que vem de longe: a Demanda da Sabedoria equaciona-se com a «cavalaria» em quanto arte «cavaleira», ou «cabaleira» (de Cabala).

IX - A Ordem dos Trovadores

O mesmo ocorre com a ORDEM DOS TROVADORES, uma Ordem Iniciática com seus ritos e sua linguagem secreta, a *argótica*, que os estudiosos superficiais de literatura imaginam não ser mais do que um artifício literário onde abundam repetitivas referências ao «Amor cortês», à «Senhora», à «formosa Dama Fulana ou Sicrana», historicamente identificável. A realidade era outra. As «Leis do Amor», estritas e severas, comportavam graus de Iniciação com seus ritos, chaves e limites:

«O primeiro grau é o de *feignaire*, hesitante, ou melhor: **aspirante**; o segundo é o de *pregaire*, **postulante**; o terceiro é o de *entendeire*, **auditor**; e o quarto é o de *drutz*, amigo ou **iniciado**. Este último grau era atingido quando, tendo chegado ao 3º grau, *entendeire*, o fiel auditor era finalmente brindado com o AMOR DA SENHORA, mediante um beijo que ela lhe dava: o *osculum fraternitatis*. Depois disto ele tornava-se um *drutz*, um **iniciado**, um **amigo**, um verdadeiro Fiel do Amor, servente incondicional da *Domina Lux*, Senhora-Luz - e a partir de então ele passava a ter o direito de baptizá-la» (Aroux 1854, 461-462).

Compreendemos agora por que estes **Fiéis do Amor**, ou **Cavaleiros do Amor**, fiéis do Quarto Evangelho, o Evangelho de João o Iluminado, encontravam sempre a sua Amada na verdadeira Ecclesia de Cristo - o Templo: o Corpo do Espírito - durante os Ofícios mais sagrados da Cristandade: o Tempo da Paixão.

Registe-se, parenteticamente, que em Portugal, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, criada pelo *drutz* D. Dinis, ou *Ordo Militum Christi*, sucessora da Ordem dos Cavaleiros do Templo, ou *Ordo Militum Templi*, alicerçou a sua famosa «Gnose Náutica» na Gaia Ciência destes Cavaleiros do Amor, ou Cavaleiros de Amar, ou ainda, e em sua continuidade, **Cavaleiros do Mar**, que nas caravelas portuguesas deram novos mundos ao mundo...

Quem era afinal a Amada? Quem eram verdadeiramente a Beatriz de Dante, ou a Catarina de Camões, ou a Luzinda, ou a Laura, ou a Fiammetta?

Beatriz é a *Beatificatrix*, ou *Beatrix*, «aquela que torna feliz», ou que proporciona a verdadeira felicidade, ou seja, a beatitude, e Catarina é, naturalmente, a Cátara, isto é, a Pura, numa clara alusão a uma das mais importantes «beatitudes» (ou «Bem-aventuranças»): «Felizes os de coração puro, porque verão a Deus» (Mateus 5, 8). E precisaremos de explicar que Luzinda vem de luz, e Laura é o nome da folha, dedicada ao Apolo-Sol (*Iaurus* = loureiro), com que se coroavam os heróis e os poetas, e Fiammetta é a pequenina chama (pequenina mas poderosa) - a chama do puro Amor?

Esta Beatrix, ou esta Cátara, ou esta Luzinda, que os Fiéis do Amor adornavam com tais nomes aparentemente humanos para dissimular a perfeita Amada, era a Luz da Inspiração Divina, a *Hagia Sophia*, a **Santa Sabedoria**, cujo Templo assenta em sete pilares, ou sete colunas, como nos ensina o Livro dos Provérbios (9, 1-6).

Duas linhas convergentes, dissemos atrás, confluem na tradição mística e hermesista-profetista portuguesa: o peculiar Rosacrucismo Templário e o Culto Paraclético. Expressão própria aqui adquirem, apesar do sufoco inquisitorial: - o profetismo de Gonçalo Annes Bandarra, cujas Trovas vêm proibidas no índice de 1581; - a luso-mística do V Império visionada por Vieira, encarcerado pelo Tribunal do Santo Ofício e cuja *Apologia* lá vem proibida no catálogo pombalino de 1768; - e o mitologema do Sebastianismo.

1) Dá-se o nome de «endoenças» à celebração eclesiástica da Paixão de Cristo, na quinta-feira santa, e vem do latim *indulgentias*.

X - Culto do Espírito Santo - Profetismo - V Império - Sebastianismo

Vieira foi beber a sua crença apocalíptica e patriótica, além de em Bandarra (condenado a abjurar, em 1545, pelo Santo Ofício), nas profecias que eram atribuídas a S. Frei Gil de Santarém (c. 1185-1265), cujo lendário pacto com o diabo haveria de inspirar mais tarde a lenda do doutor alemão Fausto (c. 1480-1540): «São Frei Gil, religioso português da Ordem de São Domingos, de cujo espírito profético se dará notícia em seu lugar, diz assim: *Lusitania, sanguine arbata regia, diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus; insperate ab insperato redimeris*:

"Portugal, por orfandade do sangue de seus reis, gemerá por muito tempo; mas Deus lhe será propício e, não esperadamente, será remido por um não esperado" (Vieira 1983,79). Estava lançado o mito profético do Encoberto e do V Império...

As festas do Império e do Divino Espírito Santo, celebrando o Pentecostes e encenando simbolicamente o advento da Terceira Idade do mundo de acordo com a visão trinitária do abade Joaquim de Fiore, terão sido institucionalizadas pela rainha D. Isabel e por D. Dinis, por volta de 1323, provavelmente na vila de Alenquer. E porquê Alenquer?

«A sede da Igreja do **Pai** fora Jerusalém, a do **Filho**, Roma. A Terra Santa vindoura [do **Espírito Santo**] onde situá-la? [. ..] [O]s iniciados na doutrina dos *Spirituali* franciscanos identificavam-na com Alenquer. Segundo eles, essa era a povoação portuguesa que maiores semelhanças tirava de Jerusalém, a qual constitui no círculo judaico-cristão-islâmico o modelo paradigmático da Cidade Santa, o pólo teofânico por excelência» (Gandra 2003, 217-218).

«A principal cerimónia da Função, Folia ou Império, consistia, salvo ligeiras variantes regionais, na coroação com três coroas, uma imperial e duas reais, do Menino Imperador assessorado por dois reis - um homem jovem e outro idoso -, respectivamente na razão das idades do Espírito Santo, do Filho e do Pai» (Gandra 1997, 5).

O carácter fiel-do-Amor (ou infiel de Roma!) está na óbvia contestação da corrupção e do fausto in evangélico do papado: o Menino representa a inocência sem a qual não se entra no Reino de Deus (Marcos 10, 15), e os dois «reis», escolhidos entre os pobres, representam a «pobreza voluntária» (o ideal do Poverello!) que considera o fausto de Roma como um insulto à verdadeira práxis de Jesus e à dignidade humana.

Será bom lembrar que a rainha D. Isabel era filha de Pedro III de Aragão e de D. Constança, filha de Manfredo da Sicília (c. 1232- 1266) que confrontou o papado

violentamente e foi excomungado duas vezes. Este avô de Isabel, Manfredo, era filho do Imperador Frederico II, do Sacro Império Romano (Germânico), também excomungado duas vezes pelo papa. Entre outros projectos políticos e de conquista territorial, sobretudo em Itália visando os Estados Pontifícios, Frederico II opôs-se a que o ceptro imperial fosse outorgado pelo papa, continuando assim as guerras entre o Império e o papado - já referimos a sangrenta oposição entre Gibelinos e Guelfos -, guerras essas iniciadas por Frederico Barba Roxa que havia decidido estabelecer a supremacia do Império e limitar a autoridade do papa aos assuntos espirituais (Dieta de Besançon, 1157). Por sua vez o rei D. Dinis era neto de D. Afonso II, que, nas leis que fez promulgar nas Cortes de Coimbra (1211), criou sérias limitações à autoridade eclesiástica, o que deu azo aos conflitos entre a monarquia portuguesa e o papado que haviam de prolongar-se até ao reinado de D. Dinis. No prólogo dessas leis de 1211, D. Afonso II expende uma doutrina que teria ido beber em mestre Julião e em mestre Vicente: «Este afirmava, na esteira de Huguccio, que o Imperador recebe directamente de Deus o poder sobre as coisas temporais, dependendo da Igreja apenas naquilo que decorre do espiritual, sublinhando ainda que, na Hispânia, o rei se assemelhava a um Imperador, porquanto não recebia o gládio do papa» (Gandra 2003, 115-116).

Não surpreende portanto que Dinis e Isabel, com estes antecedentes, para além das influências de Joaquim de Fiore e dos franciscanos *Spirituali*, tenham dado o impulso que deram às «heréticas» Festas do Império e do Espírito Santo...

Este Império que se opõe ao papado, descobri-lo António Vieira, na Bíblia, como o Quinto que sobrepujará todos os outros. Para Vieira, «a dimensão *temporal* da criação divina é vislumbrada na tensão entre a Queda e a Redenção, sendo aquela referida à figura da sucessão dos *quatro impérios* (Assíria, Babilónia, Pérsia e Roma, ou Assíria, Pérsia, Grécia e Roma). Ao analisar Daniel 2, 27-45 e 7, 1-27, e Zacarias 6, 1-15, Vieira descobre o anúncio de um *Quinto Império*, inscrito na economia providencial da justiça divina e tornado necessário pela superabundância da Graça redentora (cf. Romanos 6, 20-21), entendida como poder santificante e causa eficiente tendente a *realizar-se*, na natureza e na história, pela deificação de todo o existente» (Borges 1995, 322).

Segundo a antiga Tradição Mística, o Livro de Daniel, onde Vieira bebeu a inspiração do V Império, é um Manual da Iniciação do Fogo, relacionada alquimicamente com a *Calcinação*, a *Transmutação* e a *Sublimação* - os Quatro Impérios; logo, o Quinto será o da Nova Ordem Crística, cujo Umbral é guardado pelo Leão, símbolo da Hierarquia do ígneo signo do Leão, tal como Cristo enunciou: «Quem não nascer da Água e do Espírito [Fogo] não pode entrar no Reino de Deus» João 3, 5), ou seja, o Reino da *Nova Ordem de Cristo* (Helene 1986, 464-511).

Por sua vez o Sebastianismo, tão intimamente associado a este conjunto de mitologismos-profetismos, teve uma curiosa e dúplice relação com o Santo Ofício: enquanto durou o domínio filipino, a Inquisição reprimiu o Sebastianismo como coisa ímpia (por óbvias razões políticas!), vejam-se por exemplo os casos dos sebastianistas Frei Miguel dos Santos ou Frei Estêvão Caveira de Sampaio, que

foram enforcados e esquartejados, respectivamente em 1595 e 1603 (Rêgo 1981, 182-183); depois da Restauração de 1640, eram os próprios familiares do Santo Ofício que defendiam o Sebastianismo: a um religioso de S. Jerónimo que duvidava do futuro regresso de D. Sebastião, lhe disse o inquisidor, ameaçando-o, em certo dia de Outubro de 1671: «V. Padre tem obrigação de crer que EI-Rei D. Sebastião é vivo e há-de vir; e se assim o não fizer, saiba que sou Familiar do Santo Ofício e o hei-de prender e levar à Inquisição». Muitos, incluso sacerdotes, davam por certo que D. Sebastião, quase cem anos após a sua «morte» (ou o seu mítico «eclipse», como Enoch ou Elias...), já tinha saído da Ilha Encoberta com dois mil galeões carregados de gente, munições e ouro, acompanhado pelo Rei Arthur de Inglaterra mais as nove Tribos ocultas de Israel (Rêgo 1981, 185-186).

XI - Brasil e Goa

Além do Livro de Daniel, Vieira descobrira também no Livro de Isaías um acrescido apoio para a sua tese profética, nos passos onde se diz que um sinal divino será dado às «costas e ilhas distantes e a povos longínquos» (Isaías 49, 1; 66, 19): «Digo primeiramente que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que directamente está além e da outra banda da Etiópia, como diz o profeta: *quae est trans flumina Aethiopae* [Isaías 18, 1], ou como verte e comenta Vátablo: *terra quae est sita ultra Aethiopiam, quae (Aethiopia) scatet fluminibus* [..] E assim é na geografia destas terras, que em respeito de Jerusalém, considerado o círculo que faz o globo terrestre, o Brasil fica imediatamente "de trás da Etiópia" (Vieira 1983, 148).

É um facto bem conhecido que o luso mitologema do V Império prolonga e explicita a tradição pentecostal portuguesa, que, expressando-se nos festejos populares da coroação do Menino Imperador do Espírito Santo e da coroação dos dois pobres como reis, que a Inquisição reprimiu, se espalhou e mantém viva sobretudo nos Açores e no Brasil:

«...no interior do país imenso que é o Brasil, os arquétipos culturais, levados pelos portugueses de quinhentos e de seiscentos, afeiçoados embora à terra, à psicologia e à criatividade cultural do seu povo, persistiram com um vigor surpreendente. Tal como os mitos do Encoberto e do Quinto Império [..], a Festa do Divino lançou raízes na alma do povo do Brasil. E a tal ponto que, se o Brasil, ao tornar-se independente em 1822, adoptou a forma de Império, foi devido, mostrou Agostinho da Silva, às Festas do Império, por ser uma palavra a que o povo estava habituado, entendendo por ela o Império do Espírito Santo» (Quadros 11-1987, 102-103).

A História o testemunha: o eminente estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada (1763-1838), que se formara em Filosofia pela Universidade de Coimbra e aos 26 anos já era sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, homem da confiança de D. Pedro, não só foi incumbido de organizar o primeiro ministério do governo brasileiro, como se lhe deve a decisão de que ao mais alto cargo político do novo país caberia o título de imperador. Diversos autores confirmam que a

relevância das Festas do Império e do Espírito Santo, no Brasil, contribuiu fortemente para essa decisão, além de que o novo imperador, D. Pedro I, só concordou em adoptar o título de Imperador do Brasil desde que o acto de aclamação ocorresse, como ocorreu, no palacete do Campo de Santana, no Rio de Janeiro, onde anualmente se aclamava o «Imperador» nas Festas do Divino (Gandra 2003, 60-61).

A peculiar heterodoxia lusitana que, sob a externa aparência de submissão a Roma, nos vem do Rosacrucismo Templário da Fundação e da linhagem joânica dos Fiéis-do-Amor, convergentes na Ordem dos Cavaleiros de Cristo, transferiu-se a longes terras, desde o Brasil a Goa: não terá sido por acaso que essa «Des-Colonização» - aqui entendida em quanto acção inversa de uma «colonização» fiel a Roma - assumiu formas que roçavam o heretismo, como nos demonstram, por exemplo, os contactos que desde D. João II e durante um século e meio os portugueses mantiveram activamente, em diversas embaixadas e em apoio político-militar, com os cristãos coptas da Etiópia - o mirífico reino do Preste João (Daehnhardt 2000, 105-120).

Quando Vasco da Gama chegou à Índia, uma das suas primeiras preocupações foi contactar os cristãos de São Tomé: as relíquias deste santo veneravam-se em Meliapor, importante porto comercial da Costa do Coromandel. Rezava uma antiga tradição que o apóstolo Tomé, que recebera as «palavras secretas de Jesus» segundo lemos no Evangelho que leva o seu nome - um apócrifo rejeitado pelo canonismo Romano -, partira para terras do Oriente onde evangelizara os partos, os medos, os persas, acabando por se fixar na Índia; dizia-se mesmo que no ano 53 d. C. fundara sete igrejas na Costa do Malabar. Morreu em Meliapor, martirizado, e nesse local se ergueu uma igreja. O cronista João de Barros, nas suas *Décadas da Ásia*, narra com brio e vivacidade o emocionante encontro dos dois grupos de cristãos, os de São Tomé e os do Almirante Vasco da Gama, gerando-se um excelente convívio que persistiu ao longo dos reinados dos governadores e vice-reis portugueses na Índia durante a primeira metade do século XVI: as diferenças de culto não impediram que se dessem bem os católicos de Portugal e os cristãos de São Tomé (Ferreira 2000, 51-52).

Os cristãos de São Tomé obedeciam ao rito nestoriano da Igreja síria e conservavam a liturgia caldaica do patriarcado da Mesopotâmia. Defendiam, como as primitivas comunidades iniciáticas cristãs e os Rosacruz, que Jesus (filho humano de José e de Maria) e o Cristo (divino Logos) são duas entidades distintas, unidas mistericamente num Alto Iniciado, o Cristo-Jesus. Em 1558 começaram as primeiras repressões sobre os cristãos de São Tomé, por parte do clero católico, com a apropriação abusiva dos ossos do santo que, sem autorização dos seus legítimos guardiães são-tomenses, foram trasladados de Meliapor - local tradicional de peregrinação onde se conservavam há mais de 15 séculos - para Goa, acabando por ser depositados, em 1560, numa igreja mandada edificar por ordem da rainha espanhola D. Catarina, mulher de D. João III (Ferreira 2000, 122-131). O Tribunal do Santo Ofício começou a funcionar em 1561 em Goa e logo em Damão, Diu, África Oriental, Ormuz, Malaca e Macau, e os principais visados não eram os muçulmanos ou os hindus, mas sobretudo os cristãos acusados de

heresia, fossem eles «judaizantes» ou cristãos de São Tomé - sobretudo estes últimos, designados como «arménios nestorianos» -, havendo notícias de terem sido queimados vivos em autos-de-fé, como por exemplo no de 1612 (Baião 1945, 275).

XII - Conclusão provisória

Termino este passeio pela missão histórico-mística de Portugal, durante os cruciais séculos XV a XVIII, com a observação de Rainer Daehnhardt de que de todos os eventuais inimigos do Tribunal do Santo Ofício, os piores não eram os que professavam outros credos, mas os cristãos que não se submetiam à vontade de Roma: «A pergunta mais pertinente, que afligiu todos os monarcas Iniciados portugueses, era a de saber se queriam construir um MUNDO PORTUGUÊS CRISTÃO ou CATÓLICO! Ainda hoje, para a maioria da população, ser cristão ou ser católico é considerado o mesmo. Para os coptas, os cristãos são-tomenses e os Templários rebaptizados em Cavaleiros de Cristo, não era!» (Daehnhardt 2000, 126-130).

Ainda hoje, portanto - o Mistério português continua.



XXI

As diferentes concepções sobre o "Jesus Histórico"



IN: *Antônio de Macedo*



ESOTERISMO DA BÍBLIA, 2006, Ed. ESQUILO

AS DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O «JESUS HISTÓRICO»

Resumidamente, podemos alinhar as seguintes ramificações actuais quanto às restantes tendências desta investigação:

• *Jesus como Mito — o Cristo Celestial não-histórico*

Para além de Timothy Freke e Peter Gandy, podemos considerar também, nesta tendência, os autores Earl Doherty, autor de *The Jesus Puzzle: Did Christianity begin with a mythical Christ?* (1999) e Robert M. Price. Earl Doherty sustenta que o cristianismo começou com um «Cristo mítico», cuja tradição pode ser encontrada em textos judaicos de especulação mística como as *Odes de Salomão*, a *Sabedoria de Salomão* e as obras de Fílon de Alexandria. O pensamento religioso da época, influenciado pelo platonismo e por ideias soteriológicas helenísticas, admitia com facilidade um céu de múltiplas camadas (sete céus, e por vezes mais) donde tivesse descido um Salvador até às esferas mais baixas a fim de se sacrificar pela salvação dos seres humanos, regressando em seguida à «mão direita» do Pai Celestial. Esta é a chamada «Tradição de Jerusalém», que se encontra exemplificada nas sete epístolas autênticas de Paulo.

• *Jesus como mito — personagem histórica de passado indefinido*

Os principais autores que advogam esta posição são Alvar Ellegaard e G. A. Wells. Alvar Ellegaard no seu livro *Jesus: One Hundred Years Before Christ* (1999) defende o argumento de que o cristianismo do primeiro século se desenvolveu a partir duma matriz essénia, e que o verdadeiro Jesus teria vivido uns cem anos antes e seria o «Mestre de Justiça» que é por diversas vezes mencionado nos manuscritos de Qumrân. Quando os apóstolos tiveram uma experiência mística em que viram o Mestre nos céus, passaram a designá-lo pelo nome de «Jesus»

(=Yehoshuah) que em hebraico significa «salvador», e a designação de «Mestre de Justiça» desapareceu a partir de então.

• *Jesus como herói helenístico*

Principal autor: Gregory Riley. Sobretudo nos seus livros *The River of God: A New History of Christian Origins* (2001) e *One Jesus, Many Christs: How Jesus Inspired Not One True Christianity, but Many* (1997), Riley argumenta que a vida de Jesus está moldada pelos modelos dos antigos heróis da mitologia grega, como por exemplo Heracles, em que o herói, tal como vemos em Hesíodo e noutros autores pagãos, actuava como um intermediário de Zeus, com direito a ser venerado após a morte. Segundo Riley, Jesus, tal como os antigos heróis helenísticos, não só oferecia ajuda mas também apresentava um modelo de vida que servia como exemplo e ideal para os seus seguidores.

• *Jesus o mágico*

Principal autor: o prof. Morton Smith, sobretudo no seu livro *Jesus the Magician: Charlatan or Son of God?* (1978). O Prof. Morton Smith (1915-1991) celebrou-se por ter descoberto, na Primavera de 1958, um velho manuscrito grego no mosteiro de Mar Saba, com um fragmento do que foi então designado por *Evangelho Secreto de Marcos*, manuscrito esse que suscitou vivas polémicas que têm perdurado até hoje. Em *Jesus the Magician* Morton Smith advoga a tese de que Jesus teria sido um mágico, um curandeiro e um exorcista, à semelhança de Apolónio de Tyana e outros mágicos notórios, comuns naquela época (séc. I AEC—séc. III EC).

• *Jesus o revolucionário*

Um dos principais representantes actuais desta posição é Robert Eisenman, sobretudo na sua obra *James the Brother of Jesus* (1998), que prosseguiu a linha de dois dos mais notórios pioneiros desta ideia, de que Jesus teria sido um revolucionário zelota. Foram estes: nos anos 30 do séc. XX, R. Eisler, no seu livro *The Messiah Jesus and John the Baptist* (1931), e nos anos 60, o conceituado historiador S.G.F. Brandon, no seu livro *Jesus and the Zealots: A Study of the Political Factor in Primitive Christianity* (1967). Eisenman argumenta que o cristianismo original de Tiago consistia num grupo de judeus observantes da Torah e nacionalistas, de tendência insurreccionista. A fim de reconstituir o Tiago histórico, Eisenman examina outras fontes diferentes dos evangelhos, como por exemplo as *Recognitiones* pseudoclementinas, concluindo que os evangelhos são ficções pró-gentílicas e pró-romanas que deliberadamente retratam Jesus como um pacifista e um messias espiritual, eliminando as verdadeiras razões políticas que estão na origem do processo que conduziu à morte de Jesus.

• *Jesus sapiencial, ou mestre de sabedoria*

Os principais representantes desta tendência são: John Dominic Crossan, Robert Funk, Burton Mack e Stephen J. Patterson. São sobretudo importantes os últimos livros de J.D. Crossan: *Excavating Jesus: Beneath the Stones, Behind the Texts* (2001), *The Birth of Christianity* (1999) e *Who Is Jesus?* (1999). Segundo Crossan, a maioria dos «ditos de Jesus», no seu conjunto, é específica duma situação existente nos anos 20 do primeiro século na Galileia, em que os trabalhadores rurais eram explorados enquanto os Romanos comercializavam a área. O Jesus histórico parece ter sido um artesão rural galileu deslocado, que, tendo ficado farto da situação, começou a pregar uma mensagem radical: uma visão igualitária do Reino de Deus presente na terra e disponível para todos, tal como decorre das palavras de Jesus e dos seus actos, sobretudo as curas e a «comensalidade aberta», em que todos são convidados a participar. O Jesus histórico seria portanto um mestre itinerante que poderia ser compreendido em analogia com os sábios Cínicos do helenismo, e cuja mensagem revolucionária foi vista como subversiva pelos Romanos que por isso o executaram.

• *Jesus como sábio espiritual*

Os principais representantes desta tendência são: Stevan Davies, Géza Vermès e Marcus Borg. Este último, sobretudo, é um autor dos mais importantes. Nos seus livros *Jesus, A New Vision* (1987) e *Jesus in Contemporary Scholarship* (1994), Marcus Borg argumenta que Jesus era um «curandeiro» carismático, ou um «homem de santidade», e ao mesmo tempo um sábio subversivo que ultrapassou a sabedoria convencional ensinando uma «sabedoria alternativa» como um «profeta social». Marcus Borg salienta sobretudo quatro aspectos: (1) A específica experiência religiosa de Jesus, independentemente dos pormenores históricos e confessionais dos evangelhos; (2) A experiência religiosa de Jesus como uma nova experiência divorciada do contexto judaico; (3) A adequação da experiência religiosa de Jesus a um supra-tempo que lhe permite integrar-se nas experiências espirituais actuais; (4) A descoberta nos evangelhos de uma construção que repercute nos impulsos latentes religiosos de qualquer povo.

• *Jesus como profeta das mudança sociais*

Principais representantes: Richard A. Horsley, Hyam Maccoby e Gerd Theissen. Sobretudo nos livros *Jesus and the Spiral of Violence: Popular Jewish Resistance in Roman Palestine* (1987), e *Sociology and the Jesus Movement* (1989), Richard A. Horsely apresenta Jesus como um revolucionário social no mundo judaico e greco-romano do seu tempo, e estuda as implicações sociopolíticas da visão de Jesus descobrindo nelas os

seguintes factores preponderantes: (1) Relações igualitárias; (2) Cooperação económica e autonomia; (3) Inclusão de todos os grupos étnicos; (4) Realinhamento das relações familiares.

• *Jesus como profeta apocalíptico*

Principais representantes: Bart Ehrman, Paula Fredriksen, Gerd Lüdemann, John P. Meier, E. P. Sanders. Bart Ehrman tem-se preocupado sobretudo com a formação e a reconstituição dos textos gregos neotestamentários, para enquadrar criticamente o que teria sido a «mensagem de Jesus», como p. ex. nos seus livros *The Orthodox Corruption of Scripture* (1993), *Lost Christianities* (2003), *The New Testament* (2004), *Misquoting Jesus* (2005). Gerd Lüdemann, antigo luterano, expõe as suas concepções num volume de perto de 700 páginas, *Jesus After 2000 Years* (2001), e John P. Meier, teólogo católico e professor da Catholic University of America, investiga minuciosamente as origens, a mensagem e as consequências dos ditos e actos de Jesus na sua obra monumental em 4 volumes *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus* (1991).

• *Jesus o Salvador*

Principais representantes: Luke Timothy Johnson, Robert H. Stein, e sobretudo N. Thomas Wright Este último autor, com vários livros importantes publicados, é um teólogo católico que vê Jesus fortemente enraizado no judaísmo da sua época, sendo, ao mesmo tempo, um profeta que está plenamente consciente da sua missão messiânica, e actua como um Redentor não só para o seu povo como para todo o mundo. Segundo Wright, Jesus vê-se a si mesmo como o profeta escatológico da nação, que se ofereceu em sacrifício para a redenção de Israel e para o fim dos dias do exílio. Ao fazê-lo, devolveu ao povo judeu a esperança no regresso do «Deus de Sião», providenciou a redenção a todos os povos e cumpriu o que o próprio Deus desejaria que acontecesse no final da História da humanidade.

• *Jesus na Índia*

Principal representante: o professor de História Fida M. Hassnain, autor do livro *A Search for the Historical Jesus* (1994), que se inspirou num pioneiro controverso, o judeu russo Nicolas Notovitch, que no séc. XIX publicou um livro de viagens na Ásia onde declarou ter encontrado, em Cachemira, provas de que Jesus teria ido para a Índia após a crucificação (visto que, segundo este autor, Jesus não morreu, e evadiu-se), onde ficou a pregar até falecer com uma idade bastante avançada. O livro de Notovitch intitula-se: *The Unknown Life of Jesus Christ* («A Vida Desconhecida de Jesus Cristo»), e foi publicado em Chicago em 1894. Nesse livro o autor descreve uma viagem que fez ao Oriente em 1870. Tendo che-

gado à Índia em 1887, Notovitch visitou o famoso Templo Dourado de Amritsar; e num lugar chamado Mulbek encontrou um Lama que lhe relatou uma tradição de um certo Issa (ou Jesus) que tinha chegado à Índia em meados do séc. I e aí tinha pregado e feito curas. De investigação em investigação, Notovitch concluiu que Jesus conseguira sobreviver à crucificação e fugira para a Índia, onde foi reverenciado e morreu idoso.



Jesus Cristo, Óleo sobre tela, Rembrandt Van Rijn (1606-1669)

XXII

Entrevista com o Professor António de Macedo



António de Macedo

Esoterologia bíblica, apócrifos, gnosticismo, hermeneutica bíblica, rosacrucianismo, iniciação, etc.

Entrevista concedida a Daniel Rodrigues Plácido,
em 06 de abril de 2007.

DANIEL PLÁCIDO - *O que é a Esoterologia Bíblica, afinal? Como o Senhor chegou até a mesma? E como tem sido sua experiência de professor desta disciplina em uma universidade (não esquecendo a pouca simpatia do meio acadêmico tradicional quanto ao tema “Esoterismo”)?*

ANTÓNIO DE MACEDO - *A Esoterologia é uma ciência histórica e etno-sociológica que resultou de estudos sérios, em meios acadêmicos, das correntes esotéricas e místicas, consideradas como realidades histórico-sociológicas, que, independentemente da sua presumível «verdade» ou «falsidade», interferiram e*

interferem nos respectivos contextos culturais e sociais, afectando formas e conteúdos literários, artísticos, filosóficos, educacionais, comportamentais, etc. O seu objecto de estudo é o esoterismo, definido como corpus de textos que constituem a expressão dum certo número de correntes espirituais, na história Ocidental desde a Idade Média até aos nossos dias, ligadas entre si por uma determinada «forma de pensamento» (correspondência, mediadores, transmutação, transmissão, etc.) que subjaz a essas correntes — e, de acordo com esta definição, a Esoterologia faz parte dos currículos académicos de certas universidades, como a Universidade de Paris (França), as Universidades de Amesterdão e Utrecht (Holanda), a Universidade da Califórnia (E.U.A.), etc., bem como numa secção do Departamento de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Alguns dos mais importantes esoterólogos da actualidade são, por exemplo, os professores catedráticos Antoine Faivre (França), Wouter J. Hanegraaff (Holanda), Pierre A. Riffard (Mauritânia), Arthur Versluis (E.U.A.), Roland Edighoffer (França), Karen-Claire Voss (E.U.A, Turquia), etc.

Especificamente, a Esoterologia bíblica debruça-se sobre os aspectos referidos atrás mas respeitantes apenas aos contextos bíblicos, investigando não só os conteúdos de carácter esotérico que se podem detectar na própria Bíblia, mas também as interpretações esotéricas que historicamente têm sido levadas a efeito sobre os livros bíblicos pelos mais diversos autores e correntes místicas e espirituais ao longo dos séculos, até à actualidade.

Quanto à minha experiência como professor devo dizer que tem sido das mais gratificantes, quer pelo empenho que eu próprio sinto, desde há muitos anos, por uma matéria que me é muita cara, quer pela excelente recepção e adesão dos alunos aos temas tratados.

DANIEL PLÁCIDO - *Na sua obra “Esoterismo da Bíblia”, o Senhor comenta em determinada passagem sobre as distorções e equívocos engendrados por livros populares como “O Código da Vinci” (agora também filme), porquanto este tipo de literatura amiúde parte de uma interpretação crua e literal dos documentos apócrifos, além de ignorar a fidelidade aos documentos históricos disponíveis, como é nítido na idéia do “casamento” de Jesus e Maria Madalena. O Senhor poderia falar um pouco disso?*

ANTÓNIO DE MACEDO - *Os muitos leitores d’ O Código Da Vinci com quem tenho contactado exprimem naturalmente as mais diversas opiniões, umas pró e outras contra, mas notei que um grande número deles acreditava que a investigação do autor Dan Brown para o seu livro tinha sido conduzida com honestidade e seriedade com base em documentos históricos, e, por outro lado, que se estaria agora a assistir a um processo de desmistificação da imagem de Jesus Cristo.*

Ora, na verdade o processo de «desmistificação» de Jesus Cristo não é de agora, nem sequer apenas do passado século XX: é coisa que tem vindo a durar há cerca de 2.000 anos... Os primeiros foram os judeus que nos textos rabínicos e talmúdicos dos séculos II e III d.C. puseram a circular a história de que Maria atraíçoa José com um soldado romano chamado Pandira ou Panthera, e portanto Jesus seria «filho

de Panthera» (em hebr.: Yeshuben Panthira). Daí a confusão dos evangelistas, diziam os judeus, que confundiram as palavras gregas huios pantherou (filho de Pantera) com huios parthenou (filho duma virgem). Existem diversos textos do Talmude da Babilónia, como por exemplo os tratados 'Aboda Zara, o Talmud Shabbat, o Sanhedrin, etc. onde se insiste nessa atribuição do nascimento de Jesus ao adultério de Maria.

Por outro lado, os autores pagãos dos primeiros séculos do Cristianismo, disseram o pior possível de Jesus e dos cristãos, como os filósofos Celso (Discurso Verdadeiro), Porfírio (Contra Christianos), Plotino (Enneadas Livro II, tratado IX), todos do séc. III, ou ainda Juliano (Contra Galilaeos), do séc. IV. A principal acusação era que Jesus seria um baixo mágico e um charlatão e que a falsa ressurreição não foi mais que um embuste dos seus sequazes (para não lhes chamar discípulos...), e portanto ou morreu mesmo e alguém roubou o corpo, ou então não morreu, e fingiu que ressuscitou porque se curou das feridas (há casos, embora raros, documentados por historiadores greco-romanos, de crucificados que sobreviveram e curaram-se dos ferimentos). Outros limitavam-se a acusar os cristãos de terem fabricado um Jesus mítico à semelhança das divindades pagãs, tais como Osíris, que morreu e ressuscitou, Dionysos, que também morreu e ressuscitou, filho da virgem Semele e do Pai dos deuses, Zeus, ou ainda Mithra, muito venerado no mundo romano, também filho da deusa-virgem Anaita, conhecido mito solar celebrado a 25 de Dezembro — data que a Igreja aproveitou; etc. Já no século II d.C., os autores patrísticos Justino Mártir (Diálogo com Tryphon, Apologia I e Apologia II) e Ireneu de Lião (Adversus Haereses) tiveram de combater essas «calúnias».

Ao longo dos séculos o processo de denegrir e aviltar a imagem de Jesus, ou então ajeitá-la aos gostos e preferências de cada época, não é novo e tem passado por diversas fases. Uma das acalmias nesse processo decorreu entre os séculos IV e XVII devido ao forte domínio e à preponderante intolerância da Igreja na cultura ocidental, em que o «Jesus Filho de Deus e duma Virgem Mãe» era simplesmente indiscutível. Mas as dúvidas e as críticas do «Jesus histórico» reavivaram-se com o Iluminismo filosófico a partir do séc. XVIII. Como vimos atrás, a ideia de que Jesus sobreviveu à crucificação e fingiu que ressuscitou já é muito antiga, e não apenas uma «descoberta» recente dos autores d'O Código Da Vinci e doutros textos. Um dos livros que causou mais sensação na sua época chama-se *The Unknown Life of Jesus Christ* e foi publicado em Chicago em 1894, da autoria do judeu russo Nicolas Notovitch. Nesse livro o autor descreve uma viagem que fez ao Oriente em 1870; tendo chegado à Índia em 1887, Notovitch visitou o famoso Templo Dourado de Amritsar; e num lugar chamado Mulbek encontrou um Lama que lhe relatou uma tradição de um certo Issa (ou Jesus) que tinha chegado à Índia em meados do séc. I e aí tinha pregado e feito curas. De investigação em investigação, Notovitch concluiu que Jesus conseguira sobreviver à crucificação e fugira para a Índia, onde foi reverenciado e morreu idoso...

Jesus, de facto, tem as costas largas, pois cada época redescobre um novo Jesus, ou uma nova faceta de Jesus, com base em autênticos ou supostos documentos, e com base também nas correlativas especulações. O Prof. Philip Jenkins, catedrático de História e Estudos Religiosos na Universidade de Pensilvânia, no seu livro *Hidden Gospels* (Oxford University Press, 2001), cuja leitura vivamente recomendo,

descreve todas essas especulações ao longo dos tempos, chamando especialmente a atenção para a descoberta de manuscritos antigos, de tipo mais ou menos gnóstico e classificados pela ortodoxia romana como apócrifos, desde o famoso tratado *Pistis Sophia*, do século II, encontrado em 1773 num alfarrabista de Londres, passando pelos códices coptas desenterrados num primitivo cemitério cristão, no Egito, em 1896 (*Berolinensis Gnosticus*), e outros, até aos mais recentes, como a biblioteca gnóstica de Nag Hammadi (1945) ou o ainda mais recente *Evangelho de Judas* (1978).

Em vários destes textos já se abordava o aspecto da preponderância de Maria Madalena na vida de Jesus, como discípula predilecta e privilegiada: *Pistis Sophia*, *Evangelho de Maria (Madalena)*, *Evangelho de Filipe*, *Evangelho de Tomé*, etc. — sendo que este último também refere Salomé com um papel semelhante.

Finalmente, em 1982 foi publicado um livro que também levantou celeuma na época (já lá vão 25 anos!), *The Holy Blood and the Holy Grail* («O Santo Graal e a Linhagem Sagrada»), de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, onde os autores «demonstram» que Jesus sobreviveu à crucificação, casou com Maria Madalena, teve filhos, emigrou para França e a sua descendência deu origem à dinastia Merovíngia... com todos os plots secretos que daí derivaram, desde os cavaleiros templários, passando pela heresia cátara, mais os bastidores do fantástico «Priuré de Sion» e seus esforços para restaurar o poder político dos descendentes Merovíngios, depostos há mais de 1300 anos. Ora foi precisamente nos argumentos deste livro de quase 500 páginas que o autor d' *O Código Da Vinci* se inspirou quase palavra por palavra, somente lhe entretecendo uma empolgante intriga policial.

Mas... será de se levar a sério?

Os «documentos históricos» utilizados pelo autor do *Código* são sobretudo os escritos não-canónicos utilizados por certas comunidades jesuânicas nos três ou quatro primeiros séculos do Cristianismo, e, em si, não são mais nem menos «históricos» do que os textos canónicos do Novo Testamento, que se compõem de quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas, João), um livro de actos, várias epístolas de Paulo e outros apóstolos — autênticas ou falsamente atribuídas —, e um apocalipse.

Que no século I já circulavam muitos evangelhos ou «histórias» de Jesus, e não apenas os quatro que ficaram na Bíblia, é um facto que o próprio evangelho de Lucas reconhece e testemunha logo nas suas primeiras linhas (Lucas 1, 1-3). Para além do famoso e primitivo *Evangelho Q*, reconstituído pacientemente pelos estudiosos bíblicos após anos e anos de trabalho, temos conhecimento de que eram utilizados muitíssimos outros, dezenas ou mais, aceites e venerados em diferentes *ekklésiai* e/ou círculos iniciáticos cristãos. A maior parte deles perdeu-se, ou deles só restam escassos fragmentos; o conhecimento que deles temos deriva não só das referências (nem sempre fidedignas) feitas pelos autores eclesiásticos da Patrística, mas também pela descoberta de manuscritos, encontrados em velhas bibliotecas, em alfarrabistas, em cemitérios, em terrenos escavados ou em mosteiros, sobretudo a partir do séc. XVIII, como referi atrás, e principalmente pela descoberta arqueológica da preciosa biblioteca gnóstica de Nag Hammadi, ocorrida em finais de

1945 no Alto Egípto, e que permitiu que se recuperassem 53 importantes tratados gnósticos dos séculos II a IV.

Seja como for, teremos sempre de levar em conta que tanto esses textos «apócrifos» como os evangelhos canônicos não tinham uma preocupação historicista, mas uma intenção mística e iniciática, ou então teológica — eram na verdade rituais iniciáticos e/ou encenações litúrgicas que têm de ser interpretados à luz dos princípios da Esoterologia Bíblica ou da Teologia e não da historiografia convencional. Por isso é preciso o maior cuidado quando se pretende tomar à letra o que neles se contém, pois mais importante do que o sentido literal, é o sentido espiritual, como dizia Paulo: «A letra mata, porém o espírito é que vivifica» (2 Coríntios 3, 6).

Vejamos um dos casos que mais especulações tem provocado, o da preferência dada por Jesus à discípula Maria Madalena, tal como vem relatada nalguns dos apócrifos, como os citados Pistis Sophia, o Evangelho de Filipe ou ainda o Evangelho de Maria (Madalena), já para não falar nos canônicos, nos quais Maria Madalena é sempre a primeira, ou das primeiras, a beneficiar da aparição do Cristo ressuscitado.

No Evangelho de Filipe, que faz parte dos códices encontrados em Nag Hammadi, há uma descrição dos principais ritos iniciáticos da respectiva Escola de Mistérios: o próprio autor do evangelho chama «mistérios» a esses ritos e signos simbólicos, que ele enumera e descreve, ainda que nem sempre de forma clara: baptismo, unção, eucaristia, redenção e câmara nupcial («matrimónio místico» ou «boda alquímica» do Pneuma-Espírito-Superior com a Psique-Corpo Anímico-Inferior).

A instrução iniciática era feita «de boca a boca», ou seja, por transmissão oral secreta de Mestre a discípulo, por isso há tantas referências simbólicas ao «beijo» em quanto forma de transmissão de conhecimento secreto nos variados textos gnósticos, nos quais se diz, por exemplo, que «os Iniciados engravidam mediante um beijo, e dão à luz» (Ev. de Filipe), ou a iniciação gnóstica simbolizada pelo beijo na boca que Jesus dá a Tiago, revelando-lhe «coisas que os céus não conheceram» (II Apoc. de Tiago), ou ainda, e de acordo com o mesmo princípio, os «beijos na boca» que Jesus dava a Maria Madalena registados no evangelho de Filipe.

Por conseguinte, o «casamento» de Jesus com Maria Madalena, e o simbolismo de ela ter «engravado» por obra de um «beijo» do Mestre, ficando «prenhe» de Gnose, é um facto místico e esotérico perfeitamente enquadrável no simbolismo das correntes gnósticas e esotéricas do cristianismo primitivo, e respectivos círculos iniciáticos (Matrimónio Místico do Eu superior com o Eu inferior), e não um evento cruamente biológico e historicista tal como tem dado azo a inúmeras e fantasiosas especulações. Aliás, os próprios gnósticos dos séculos II e III em cujos textos Dan Brown diz ter-se inspirado, ficariam horrorizados com a blasfémia de se pensar sequer que o simbolismo iniciático da Gnose pudesse ser entendido como um casamento físico entre o Mestre e algumas das suas discípulas...

DANIEL PLÁCIDO - O esoterólogo Pierre Riffard, alude em seu livro "O Esoterismo: uma antologia" ao fato da Igreja Católica não ser contrária ao Esoterismo em si, mas ser explicitamente contra alguns esoterismos em particular, considerados anti-católicos (rosacruz, maçonaria, teosofia, antroposofia, etc.). Pressupondo estar correta a asserção riffardiana, quais fatores ajudariam a compreender a ambiguidade desta relação Igreja -Esoterismo, na opinião do Senhor?

ANTÓNIO DE MACEDO - Antes de mais nada, convém deixar bem claro que a generalidade dos teólogos cristãos (católicos ou protestantes) consideram que a abordagem esotérica da Bíblia é uma abordagem ilegítima, e que qualquer método ou sistema esotérico de interpretar a Escritura contraria frontalmente as próprias formas e conteúdos bíblicos porque, segundo a teologia da Igreja, não há nada de secreto ou oculto nos versículos bíblicos, e muito menos nos ensinamentos de Jesus como ele próprio afirma: «Eu falei francamente [gr. parrêsiai, abertamente] ao mundo, eu sempre ensinei na sinagoga e no templo onde concorrem todos os judeus, e no oculto [gr. en kryptôi] não falei nada» (João 18, 20).

Para a teologia católica romana (e também protestante) a busca de significados espirituais profundos ou esotéricos nas passagens bíblicas constitui uma hermenêutica abusiva, e por isso mesmo não surpreende — segundo os teólogos — que os diversos intérpretes esotéricos apresentem contradições irreconciliáveis nas suas interpretações de específicos versículos bíblicos, visto que nenhuma autoridade individual, seja a dos diferentes esoteristas ou outros quaisquer intérpretes, se pode sobrepôr à autoridade da própria Escritura, tal como explicita o teólogo Ron Rhodes no seu artigo "Esotericism and Biblical Interpretation" (Christian Research Journal, Winter 1992, p. 28).

Tanto quanto julguei entender, o argumento de Pierre A. Riffard incide mais sobre a forma enviesada como a Igreja em certos casos lida com as situações incômodas, e Riffard estabelece, e bem, uma distinção entre o mistério e o segredo: a Igreja aceita o mistério, mas rejeita o segredo, tal como ele diz no seu livro: «...o esoterismo não é fustigado [pela Igreja] senão de forma indirecta [...]. Que vemos nós? O Index librorum prohibitorum contempla a heresia, a irreligião, a superstição, o erotismo... mas não o esoterismo. Quando a Igreja condena a maçonaria, não condena o seu esoterismo, uma vez que a Igreja apenas conhece uma maçonaria exotérica, ela não condena o mistério, mas sim o segredo, como o segredo de qualquer associação clandestina» (L'ésotérisme: Qu'est-ce que l'ésotérisme? Anthologie de l'ésotérisme occidental, p. 24). Nem pode ser de outro modo, visto que a interpretação verdadeira da Escritura é uma prerrogativa e um magistério que a Igreja recebeu dos apóstolos (por isso a Igreja se auto-denomina apostólica) e deles não se pode desviar; qualquer outra interpretação, nomeadamente de tipo esotérico, será sempre condenada pela Igreja como ilegítima. Um dos maiores teólogos portugueses, o professor catedrático Joaquim Carreira das Neves, dedica vários textos seus, importantes, a este assunto, por exemplo no seu livro Jesus de Nazaré, Quem És Tu? (todo o capítulo: «Jesus foi um esotérico?», pp. 242-249), ou o artigo «A Bíblia como História frente ao Esoterismo» (na revista Didaskalia, XX, 1, 1990, pp. 167-188), onde desenvolve claramente a posição da Igreja rejeitando em absoluto o carácter esotérico dos conteúdos bíblicos bem como as interpretações esotéricas que os vários esoteristas têm feito deles ao longo dos séculos.

Pese embora as objecções eclesiais que os teólogos possam argüir contra o Esoterismo bíblico, argumentando que «a Sagrada Escritura é uma literatura religiosa funcional», e não oculta ou de significados profundos, e que «Jesus não era um apocalíptico que falasse por enigmas» (Jesus de Nazaré, Quem És Tu?, pp. 243 e 245), a verdade é que tanto a Escritura judaica (Antigo Testamento) como os textos do Novo Testamento contêm inúmeras passagens susceptíveis de diferentes níveis de leitura: a «leitura literal», a «leitura teológica», a «leitura esotérica», etc. Como é óbvio, estas diferentes leituras conduzem a diferentes hermenêuticas; já as escolas rabínicas dos antigos judeus referiam os aspectos misteriosos, secretos e esotéricos de um certo número de livros da Escritura, proibindo mesmo o acesso a alguns deles (Génesis 1, Ezequiel 1 e 40-48, Cântico dos Cânticos, etc.), só os autorizando a adultos devidamente preparados e instruídos. Por sua vez o Targum, enquanto interpretação feita no Templo das leituras litúrgicas da Escritura hebraica, visava sobretudo trazer à luz o sentido oculto, ou esotérico, reconhecidamente existente na mesma Escritura.

Na hermenêutica cristã primitiva distinguiu-se o gigantesco Orígenes (sécs. II-III): ele considerava que a Bíblia fala uma linguagem de símbolos e que é crucial desvendar o «mistério último» contido cripticamente na Escritura. Foi figura preponderante na Escola de Alexandria, que preconizava o método alegórico para a hermenêutica bíblica, no que se opunha à Escola de Antioquia, que defendia o método histórico e literal. Escusado será dizer que foi esta última que venceu e preponderou na chamada «Grande Igreja», oficializada e imposta para todo o império romano por Constantino e sobretudo por Teodósio, no século IV. Em consequência, as teses de Orígenes foram condenadas no II Concílio de Constantinopla do séc. VI, que homologou os famosos «XV Anátemas Contra Orígenes».

Antes de concluir este item, vale a pena chamar a atenção para o seguinte:

Dos quatro evangelhos canónicos, o de Marcos é o mais antigo, o mais próximo das primitivas comunidades, ou ekklêsias, iniciáticas cristãs e portanto o mais esotérico — sobretudo se considerarmos o fragmento desse evangelho descoberto pelo Prof. Morton Smith em 1958 no mosteiro cristão bizantino de Mar Saba, em Israel, e divulgado em dois livros seus, em 1966 e 1973. Para além duma inequívoca cerimónia iniciática cristã referida nesse fragmento, o próprio evangelho de Marcos tal como chegou até nós, nas Bíblias correntes, não deixa lugar a dúvidas quanto ao esoterismo dos ensinamentos de Jesus: Marcos insiste na ideia de que existia um círculo iniciático interno (os Doze) que podia ter acesso ao conhecimento profundo, em contraste com as multidões (= «os de fora»: gr. 'oi exô, ou seja, os profanos) às quais só se poderia falar em parábolas e comparações: «E dizia -lhes [aos discípulos]: A vós, foi-vos dado [conhecer] o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora tudo se dá em parábolas» (Marcos 4, 11); «E com muitas parábolas semelhantes lhes falava a palavra [às multidões], segundo podiam entender; mas privadamente [gr. kat'idian] aos discípulos explicava tudo» (Marcos 4, 33-34). Muitos outros exemplos se poderiam aduzir, limitar-me-ei a apresentar mais um de carácter protocabalístico (Marcos 8, 16-21), e tem a ver com os números de pães e peixes, e o seu simbolismo numerológico, a propósito do milagre da multiplicação dos mesmos: o próprio Cristo chama a atenção para esses números, e obriga os discípulos a repeti-los: 5, 7 e 12, dizendo: «A vossa mente não alcança, nem entendeis?» (Marcos 8, 17), e perante a

obtusidade deles surpreende-se como é possível não verem o mistério oculto nessa numerologia, e repete: «Ainda não entendeis?» (Marcos 8, 21).

Ora, isto vem a propósito duma frase do evangelho de João, citada mais atrás, proferida por Jesus e utilizada pela Igreja para tentar provar que Jesus não era um esotérico: «Eu falei francamente ao mundo, eu sempre ensinei na sinagoga e no templo onde concorrem todos os judeus, e no oculto não falei nada» (João 18, 20). Esta frase é dita quando Jesus é preso pelos guardas do Templo a fim de ir a julgamento.

O evangelho de Marcos, muito anterior ao de João, refere a forma textual primitiva dessa frase: «Todos os dias estava no templo convosco ensinando, e não me prendestes» (Marcos 14, 49). O evangelho de Marcos terá sido redigido por volta do ano 70 d.C., ao passo que a redacção final de João é datável de perto do ano 100 d.C. O redactor tardio de João acrescentou «falei francamente, ou abertamente [gr. parrêsiai]», e insiste que nada disse «em oculto [gr. en kryptôi]». Trata-se obviamente dum acrescento proto-ortodoxo, de tipo eclesiástico, para acentuar o carácter «aberto» da doutrina, em contraste com o carácter oculto das outras comunidades iniciáticas, gnósticas ou não-gnósticas: a partir da segunda metade do século I, e sobretudo na viragem do século I para o século II, e seguintes, acentuou-se a tendência proto-ortodoxa que compreendeu que a melhor maneira de expandir a doutrina era «exoterizá-la», torná-la aberta e sem segredos e ao alcance de todos, e os «mistérios» deixaram de ser iniciáticos para serem apenas verdades reveladas que ultrapassam os poderes e as capacidades da razão natural — como o mistério da Imaculada Conceção, o mistério da Ressurreição, o mistério da Santíssima Trindade ou o mistério da Transubstanciação, mistérios esses que só podem ser aceites pela fé, e não entendidos pela gnose (conhecimento). Com isto desaparecia a exclusividade elitista dos círculos iniciáticos e gnósticos, que implicavam preparação, estudo, conhecimento, iniciação e segredo, acessíveis apenas a uns poucos, em contraste com a abertura a todos, mesmo os de fracas capacidades, proposta pela corrente proto-ortodoxa, porque aquilo que os crentes não entendessem, bastava que o aceitassem pela fé cega.

Podemos surpreender-nos que o evangelho de João, tão prezado pelas mais variadas correntes esotéricas e ocultistas tanto antigas como actuais, esteja inquinado com algumas passagens nitidamente anti-esotéricas, como esta e outras que pretendem pôr em causa, por exemplo, a autoridade do misterioso evangelho de Tomé: na famosa aparição aos discípulos, depois da Ressurreição, em João 20, 19-23, estão todos presentes menos Tomé, de modo que, quando Jesus sopra sobre eles e diz: «Recebei o Espírito Santo», conferindo-lhes o poder de perdoar os pecados, Tomé fica excluído dessa efusão mistérica e pneumática, o que obviamente tem por fim desacreditar a autoridade do respectivo círculo iniciático (Tomé não recebeu a efusão do Espírito Santo, por isso a sua comunidade e o seu evangelho não são válidos!)

A verdade é que o evangelho de João, nas cópias manuscritas mais antigas que chegaram até nós (aliás como os outros textos bíblicos), não oferece garantias de pureza original pois as mãos de muitos escribas e copistas passaram por ele, e hoje é impossível, mesmo com as mais sofisticadas técnicas de investigação e de «crítica

textual», ter uma ideia sequer aproximada de como seria o primeiro texto autógrafa donde foram feitas as sucessivas cópias ao longo dos séculos.

Já para não falar no problema da autoria dos evangelhos que só foi atribuída nos fins do século II d.C. pelo apologeta proto-ortodoxo Ireneu de Lião, que no entanto reconhecia (*Adversus Haereses* III, 11, 9) que certos grupos cristãos, que ele qualifica como «heréticos», não aceitavam a autoria joanina do Quarto Evangelho. Hoje existe um razoável consenso entre os especialistas bíblicos que o evangelho dito de João passou por vários estágios de transmissão do texto, com, pelo menos, três autores: (1) O autor do «evangelho dos sinais [gr. sêmeia]», em que os sete «milagres» registados em João fazem parte dum primitivo texto onde os «milagres» são designados como «sinais» certificadores da fé; (2) Um «evangelista» que interpreta os «sinais» como indicadores de uma revelação do Deus-Pai invisível, feita por intermédio de Jesus Cristo; (3) Um «redactor» eclesiástico, final, que acrescenta a proclamação do iminente fim do mundo, dos sacramentos e duma ética que coloca os cristãos como a elite entre os homens bons. Segundo certos biblistas, entre a primeira e a terceira fase decorreu um lapso de tempo de, pelo menos, 50 anos, ou seja, os últimos redactores e copistas tiveram tempo e oportunidade para «ajeitar» o texto a uma cristologia cada vez mais antignóstica, bem como à emergência crescente de Pedro como apóstolo principal.

DANIEL PLÁCIDO - Ainda sobre Igreja e Esoterismo, desejo levantar uma questão específica, a qual pode se desdobrar em outros aspectos: o chamado “docetismo” gnóstico, mencionado no seu livro “Esoterismo da Bíblia”. Conforme pude entender — e se estiver errado, me corrija —, esta teoria tinha duas variantes. Numa delas, o homem Jesus recebe Cristo (Espírito cósmico) no batismo do Jordão; no momento dramático da crucificação, Cristo abandona Jesus, e deixa este morrer sozinho. Noutra versão, Cristo na Terra apenas se valeu de um corpo “fantasma”, e por conseguinte, sua morte na cruz foi apenas de “aparência”... Semelhante teoria revela muito do dualismo gnóstico —ie, sua aversão à matéria—, e foi considerada “herética” pela Igreja de Roma. O Senhor poderia nos explicar melhor o que era o tal “docetismo”?

ANTÓNIO DE MACEDO - Antes de mais convém esclarecer que ao contrário da opinião convencional acerca de «ortodoxia» e «heresia» no cristianismo primitivo, opinião essa que durante muito tempo transmitiu a falsa noção de que haveria um tronco central do cristianismo («proto-ortodoxo» e mais tarde «ortodoxo»), derivado dos ensinamentos de Jesus e disseminado sem desvios pelos apóstolos, do qual divergiriam diversas tendências aberrantes e sectárias que por isso mesmo se chamam «heresias» — a realidade histórica é bem diferente. O primeiro a desferir um golpe demolidor nessa visão simplista foi Walter Bauer (1877-1960), um investigador do cristianismo primitivo de grande erudição, que em 1934 publicou uma importante obra de referência, em língua alemã, intitulada (na tradução inglesa) *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*. Através do estudo dos elementos históricos disponíveis Bauer concluiu que a corrente que veio a ser conhecida como «ortodoxia» era apenas uma, e nem sequer a mais significativa, dentre as inumeráveis formas de cristianismo nos primeiros séculos.

Na realidade, dos ensinamentos e dos actos de Jesus saiu directamente um leque de formas divergentes que deram origem a um não pequeno número de linhas de espiritualidade, das quais nenhuma delas se poderia dizer que representasse uma clara maioria de crentes face a todas as outras: tão-pouco se poderia dizer que a chamada «ortodoxia» existisse nos séculos II e III — quando muito poder-se-á falar em «proto-ortodoxia». Aliás, em muitas das regiões por onde se espalhou o cristianismo, as comunidades cristãs maioritárias e dominantes eram constituídas por elementos que perfilhavam concepções cristológicas — gnósticas ou não-gnósticas — que mais tarde viriam a ser consideradas como «heréticas». Por muito estranho que isto nos pareça (então Jesus não é um só, e os seus ensinamentos não são os que vêm na Bíblia?), a verdade é que os próprios discípulos não compreendiam Jesus, como vemos em tantas passagens dos evangelhos, sobretudo no de Marcos, onde se insiste que os discípulos interpretam de diferentes maneiras os discursos e os actos do Mestre, ou nem sequer os entendem, tal como o exemplo que citei na resposta à pergunta anterior (Marcos 8, 16-21).

Não surpreende, por conseguinte, que essas diferenças de interpretação dessem imediatamente origem a escolas e círculos iniciáticos com diferentes concepções cristológicas. Uns diziam que havia um só Deus, e que Cristo era a humanização d'Ele na terra; outros diziam que havia dois deuses, o Deus supremo e o Demiurgo, criador desastrado do mundo e da matéria, e que Cristo era um enviado do primeiro para resgatar os erros do segundo; outros diziam que havia dois deuses, Deus-Pai e Deus-Filho, porque consideravam a divindade de Jesus à parte; outros diziam que Jesus era completamente humano e não divino; outros diziam que Jesus era completamente divino e não humano; uns achavam que Jesus tinha vindo cumprir as profecias judaicas, e completar a lei; outros repudiavam a lei judaica, e que Cristo inaugurara uma nova era, a do amor, contra o rigor da lei, e rejeitavam o Antigo Testamento na sua totalidade; uns acreditavam que Jesus nascera duma virgem por obra do Espírito divino; outros defendiam que Jesus era um ser humano, nascido naturalmente de José e de Maria, e escolhido por Deus para desempenhar uma missão; etc. etc.

O professor catedrático Antonio Piñero da Universidade Complutense de Madrid, reputa do especialista de cristianismo primitivo, de gnosticismo e de línguas antigas, numa conferência sobre este assunto que proferiu o ano passado em Lisboa, referiu pelo menos doze concepções diferentes, algumas antagónicas, reinantes nas mais distintas comunidades cristãs primitivas e todas em pé de igualdade, não se podendo dizer que uma fosse mais «verdadeira» ou mais «importante» que as outras — o que importa realçar é que todas essas diferentes escolas e correntes cristãs se reclamavam de ter a sua origem nos ensinamentos deste ou daquele apóstolo, como por exemplo o gnóstico Valentim que se dizia discípulo de Theudas que por sua vez fora discípulo de Paulo, ou os que se diziam seguidores e discípulos de Tiago, de Pedro, de Tomé, etc. considerando-se ao mesmo nível de autoridade e de apostolicidade da corrente proto-ortodoxa que mais tarde daria origem à chamada «Grande Igreja».

É neste contexto que surgem designações cristológicas como «docetismo», «adopcionismo», «separacionismo», «patripassionismo», «subordinacionismo», etc.,

designações que foram sendo atribuídas às diversas concepções cristológicas que resumi mais atrás.

A pergunta refere dois aspectos distintos de alguns dos vários movimentos gnósticos: um deles, o «adopcionismo», ensina que Jesus foi um ser humano excepcional filho natural de José e de Maria, que pelas suas inúmeras virtudes mereceu ser «adoptado» por Deus-Pai como seu Filho, tornando-se um instrumento do divino Cristo-Logos; uma das variantes dessa doutrina diz-nos que essa «adopção» teria ocorrido no momento do Baptismo, com a descida da Pomba do Espírito Santo sobre Jesus, ao passo que outra refere que essa «adopção» somente ocorreu no momento da morte na cruz, quando o espírito se libertou, a sua missão se cumpriu e Deus-Pai o divinizou.

O «docetismo» propriamente dito pode também apresentar diversas variantes, por exemplo a do gnóstico Basilides ou a do gnóstico Cerinthus. De acordo com o primeiro, o Cristo-Logos sendo divino, eterno e perfeito, não poderia conspurcar-se com a sua involução num corpo de carne, visto que a matéria é impura e má por natureza. Assim, o Cristo era um «poder incorpóreo» (lat. *virtus incorporalis*) e o seu corpo era apenas aparential, parecia de carne mas na verdade era algo de fantasmático que devido ao seu grande poder crístico podia assumir aparência de solidez, comer, beber, falar às multidões, tocar nas pessoas e ser tocado, etc. — mas não passava tudo de aparência: a palavra «docetismo» quer dizer isso mesmo, vem do verbo grego *dokêin*, que significa parecer ou aparecer. No momento da crucificação, segundo Basilides, quem morreu foi Simão de Cirene que carregou a cruz, e o Cristo foi visto pelo apóstolo Pedro (Apocalipse de Pedro, Biblioteca de Nag Hammadi) pairando sobre a cruz, em espírito e rindo com o engano dos seus executores. Por sua vez, e de acordo com Cerinthus, o Cristo-Logos incarnou no corpo do Jesus histórico no momento do Baptismo; na crucificação, a Espiritual Força Crística abandonou o corpo de Jesus de Nazaré, e foi este quem sofreu e morreu, e por isso exclamou: «Por que me abandonaste?»

Em suma, tudo isto mais uma vez nos confirma as dificuldades com que depara o estudioso do cristianismo primitivo que queira apurar da «verdade» ou da «falsidade» de todas estas correntes, incluso a proto-ortodoxa. Por isso os investigadores esoterólogos procedem cautelosamente e não preconceituam da veracidade ou falsidade das diversas correntes místicas e esotéricas, debruçando-se antes sobre as condições e circunstâncias sócio-históricas que levaram ao seu surgimento, desenvolvimento e desaparecimento — ou, em alternativa, preponderância e triunfo histórico, como por exemplo o fascinante estudo que tenta explicar por que foi que a corrente proto-ortodoxa, organizada a pouco e pouco de forma patriarcal e autoritária, à semelhança da hierarquização rigorosa e implacável do Império romano, conseguiu finalmente vingar e ser aceite pelo imperador Constantino que, em Roma, disponibilizou enormes recursos financeiros aos cristãos, ou melhor, à chamada «Grande Igreja», que facilmente se impôs, com esses meios, e reescreveu a História dando desta corrente uma visão maioritária (Eusébio de Cesareia, *Historia Ecclesiastica*, sécs. III-IV), e fazendo com que os escritos que apoiassem outras visões ou outras correntes de espiritualidade cristã fossem sistematicamente destruídos.

DANIEL PLÁCIDO - *Se possível, complemento a pergunta acima com outra: o rosacruz Max Heindel, autor estimado pelo senhor, aceita a distinção entre Jesus e Cristo, todavia, ao mesmo tempo, enfatiza a morte real e física do Cristo-Jesus na cruz, no chamado “Mistério do Gólgota”; salvo engano meu, a visão de Heindel não é —de certa maneira— uma “conciliação” entre os pontos de vista do gnosticismo e da teologia cristã tradicional?*

ANTÓNIO DE MACEDO - *Realmente, o Rosacrucismo tem bastantes raízes gnósticas, e quando se estudam e comparam os antigos movimentos gnósticos com os princípios do esoterismo Rosacruz, encontramos muitos pontos de contacto, sobretudo em Max Heindel (1865-1919) que consegue uma excelente harmonização entre o princípio da Fé (cristianismo ortodoxo), e o princípio da Gnose (= conhecimento/intelecto espiritual, princípio dos gnósticos). Em vez de opor um ao outro, como faziam e fazem os acérrimos defensores da Igreja, por um lado, e os ocultismos teosofistas, por outro, para os quais a Salvação ou está exclusivamente na Fé ou exclusivamente na Gnose (para estes últimos a ignorância [gr. agnoia] é o pior dos pecados) — Max Heindel salienta (e quanto a mim, bem), que ambos os princípios se complementam e se harmonizam, porquanto o ideal do Homem Superior é unir o coração (Fé) e a mente (Gnose), em vez de ficar apenas na devoção mística (Fé—Igreja) ou nas iniciações ocultas (Gnose—Escolas de ocultismo).*

Outros autores importantes, para além de Heindel, também perfilham este princípio de harmonização: por exemplo o hermetista suíço Oswald Wirth (1860-1943), contemporâneo de Max Heindel e discípulo do famoso ocultista Stanislas de Guaita, explica que o ocultista desenvolve a sua individualidade através da exaltação do Enxofre e a sua Iniciação é masculina ou dórica (Marte), ao passo que o místico conforma a sua personalidade aos princípios da Iniciação feminina ou jónica (Mercúrio segundo Wirth, Lua segundo Heindel). O ideal máximo a alcançar consiste portanto na superior harmonização de ambos os princípios no mesmo ser humano a que Wirth chama o Teurgo e Heindel o Adepto, e no qual se concilia a elevada actividade intelectual do ocultista com a elevada passividade cordial do místico. Uma explicação mais aprofundada e muito clara deste excelso ideal encontramos-la no capítulo XVII da obra de referência Conceito Rosacruz do Cosmo de Max Heindel, onde se descreve o percurso das correntes sexuais respectivamente no místico, no ocultista e no Adepto, e sua sublimação e transmutação espiritual neste último.

Para a corrente Rosacruz seguida por Max Heindel, há de facto diferença entre Jesus e Cristo: Jesus de Nazaré é um ser humano altamente evoluído, filho natural de José e de Maria, que se qualificou com um intenso preparo esotérico e espiritual para receber, no momento do Baptismo, o Espírito Cósmico do Cristo que utilizou o seu corpo durante o ministério de três anos, incluso na Crucificação, somente o abandonando no sepulcro. Por isso o sepulcro de Cristo Jesus foi encontrado vazio: as altíssimas vibrações do Cristo desintegraram os átomos do corpo morto de Jesus, o qual perdera com a morte o forte poder coesor de que necessitava para conter a elevadíssima espiritualidade vibratória do Cristo. Foi este, e não Jesus, quem apareceu em corpo espiritual «ressuscitado» aos discípulos, e ascendeu aos céus; Jesus, nos reinos invisíveis, tem desde então trabalhado com as Igrejas cristãs,

sendo o génio protector da obra devocional das Igrejas mediante a qual a religião é fomentada e o ser humano é recuperado para Deus através da senda cordial (lat. cor, cordis, «coração») da Devoção.

Registe-se, por curiosidade, que a imagem de Jesus impressa no Sudário de Turim e cuja misteriosa formação tem constituído um quebra-cabeças para os cientistas das mais diversas especialidades, parece provir de uma radiação controlada emitida por um corpo que se desintegrou em átomos irradiando partículas de alta energia, o que justificaria, por um lado, o desaparecimento do corpo no sepulcro, e, por outro, a relutância da Igreja em aceitar a autenticidade do Sudário — se é autêntico, pode ser uma prova incómoda de que o Cristo não ressuscitou «em corpo de carne», mas em «corpo espiritual» ou «corpo etérico» como defendem os esoteristas...

DANIEL PLÁCIDO - *Falando de Rosacruz e rosacrucianismo, autores como G. Lessing (tido como rosacruciano), M. Heindel e R. Steiner concebiam o cristianismo como um ideal de moralidade livre e superior. Mesmo R. Abellio, que não era a rigor um “rosacruz”, assumia em sua autobiografia “Sol invictus”, sob a influência de Steiner, uma visão do Cristo como o “portador da liberdade”, ao abalar a autoridade paternalista da Lei antiga. Na sua visão de Rosacruz, o Senhor outrossim enxerga esta relação entre cristianismo rosacruz e uma ética da liberdade?*

ANTÓNIO DE MACEDO - *Sem dúvida, desde que não se confunda uma visão de liberdade com uma visão libertinária. Aliás esse ideal de liberdade, tipicamente cristão e revolucionário no contexto sócio-histórico em que surgiu (um ambiente impregnado, simultaneamente, de judaísmo patriarcalista e autoritário, e de paganismo greco-romano também patriarcalista e autoritário), já é muito patente nas cartas de Paulo — e refiro-me às sete epístolas consideradas autênticas pelos especialistas bíblicos: 1 Tessalonicenses, Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Filémon, Filipenses e Romanos, compostas entre os anos 50 e 56 d.C. — as restantes são pseudónimas e escritas muito posteriormente, nalguns casos para tentar «corrigir» precisamente essa visão de liberdade típica de Paulo, visão convivial e igualitária para todos os seres humanos, homens ou mulheres, senhores ou escravos, desta ou daquela etnia ou cor de pele, e correlativa não sujeição às autoridades repressoras, como naquele tempo a dos Romanos.*

Paulo sempre aceitou, tal como Jesus, a igualdade entre discípulos e discípulas, incluso cita o nome de mulheres diáconas e apóstolas (Febe: diácona, em Romanos 16, 1; Júnias: apóstola, em Romanos 16, 7), em contraste com a pseudopaulina e tardia epístola aos Efésios, por exemplo, em que se afirma que as mulheres têm de obedecer e submeter-se aos maridos (Efésios 5, 22-24), ou uma escandalosa interpolação na epístola aos Coríntios, em que se proíbe às mulheres de falarem nas igrejas e que perguntem aos maridos, em casa, se querem aprender alguma coisa (1 Coríntios 14, 34-35).

O cristianismo Rosacruz não pode deixar de perfilhar essa ética superior de liberdade e igualdade, aliás magnificamente expressa pelos dois maiores Iniciados cristãos, Paulo e João: «Não sabeis que sois templo de Deus, e o Espírito de Deus

habita em vós?» (1 Coríntios 3, 16); «O Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor há liberdade» (2 Coríntios 3, 17); «Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará» (João 8, 32) — e isto é válido para homens ou mulheres, senhores ou escravos, judeus ou gentios, como acentua Paulo sem equívocos: «...já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há varão nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus» (Gálata s 3, 28).

DANIEL PLÁCIDO - Para encerrar, li recentemente um artigo do R. Amadou, escrito em 1977, sob o influxo da contracultura dos anos 60-70; no artigo mencionado, o Amadou fazia uma crítica radical do que considerava versões burguesas e autocráticas de vida e de Esoterismo, postulando em contrapartida a iniciação esotérica como atualização da tradição, e como via da liberdade e efetivação do potencial humano. Trazendo um pouco daquela problemática para nosso contexto atual, e levando em conta os escritos do Senhor sobre iniciação e Nova Era, pergunto: em sua visão, o Esoterismo, e portanto a iniciação, poderia contribuir para nossa sociedade não perder o sentido da vida espiritual, sem ao mesmo tempo ter de ficar presa às formas ultrapassadas de religião e espiritualidade? Se sim, como seria isso?

ANTÔNIO DE MACEDO - Não creio que seja fácil de alcançar, esse ideal, nas sociedades laicas dos tempos que correm. Não estou a ver o presidente Lula da Silva, ou o presidente Hugo Chávez, já para não falar do presidente Putin ou do presidente Bush, a tornarem-se altos iniciados para dirigirem os destinos dos respectivos povos de forma esotericamente espiritual. Já houve tempo em que isso não só foi possível, como nem podia ser de outra maneira: os faraós do antigo Egito eram reis e sacerdotes, e os monarcas medievais eram reis pela «graça de Deus».

Entretanto os tempos mudaram com a evolução da História e da Humanidade. Por muito estranho que pareça o caminho da espiritualidade progressiva alcança-se apenas depois de ter batido no fundo da mais espessa materialidade — tal como diz um antigo provérbio alquímico: «Para que os ramos duma árvore alcancem o céu, é preciso que as suas raízes mergulhem no inferno». É isso que estamos a sofrer actualmente: o inferno da materialidade. Hoje os governantes (quaisquer governantes, mesmo o simples chefe de escritório ou o chefe de família) é um profano que na maioria dos casos se vangloria de ser ateu ou pelo menos agnóstico, e os que aparentam alguma forma de religiosidade, como os chefes de Estado de certas nações católicas ou protestantes, no fundo apenas seguem uma religiosidade exotérica não muito distante dum ritualismo meramente formal, sem a sacralidade de um sopro autenticamente divino — tal como, por muito que nos custe reconhecê-lo, as manifestações e os ritos culturais, meramente externos, da própria Igreja e da maioria dos crentes. É este porém um passo indispensável, a materialidade tem de ser confrontada, compreendida, vencida e ultrapassada para podermos ascender, com uma nova super-consciência, à verdadeira e livre espiritualidade.

Podemos interrogar-nos, de facto, se o Esoterismo e a Iniciação (que pressupõe adesão profunda e consciente a uma Escola de Mistérios), poderia contribuir para que a nossa sociedade não perdesse o sentido da vida espiritual, tão degradado

pelos formalismos de certo modo ultrapassados das religiões institucionalizadas. A isso só poderei responder que as religiões, com todas as suas insuficiências, são todavia meios indispensáveis para que a generalidade dos seres humanos «alcancem Deus», pois para a maioria é mais acessível o caminho devocional da Fé, mesmo cega e irracionalista, do que o caminho oculto da Gnose, que implica o entendimento e a abertura a uma racionalidade superior, a Razão do Logos. Quando o evangelho de João revela, nos seus primeiros versículos, que «No princípio era o Logos [= palavra, discurso racional] [...] e tudo foi feito por ele», revela do mesmo passo que a racionalidade (divina!) é uma característica do universo e de tudo quanto nele existe, incluso o ser humano: o Real é Racional. Mas, claro, esta racionalidade sublime, que não é rasteiramente racionalista como a da quotidiana razão instrumental, não é alcançável por quem quer, por isso a suprema Inteligência ordenadora do cosmo permite que o Homem se eleve ao nível da Divindade por duas vias: a senda da Evolução e a senda da Iniciação.

A senda da Evolução, a da humanidade comum, pode ser equiparada a um caminho ascensional circundando a montanha, em subida relativamente suave e sucessivas voltas espiraladas até atingir o Alfa-Ómega do cume. Claro que é um caminho longo e lento, talvez de muitos milhões de anos, e envolve todo o penoso percurso com seus muitos erros, tentativas, avanços e retrocessos — dos quais um dos passos inevitáveis é, precisamente, defrontar o desafio do materialismo e conseguir superá-lo e vencê-lo.

Por sua vez a senda da Iniciação é como subir a montanha por meios alpinistas, em que o candidato se iça na vertical, a pique e à força de pulso; é muito mais rápido mas requer um esforço e um preparo muitíssimo maiores, e são raros os que o empreendem, e muito mais raros ainda os que conseguem ir até ao fim sem desistir a meio.

Por isso não desanimemos! Se falharmos a plena realização da senda iniciática, sempre temos ao nosso dispor o caminho mais longo, mas não menos certo, da lenta evolução. Na certeza de que, quer num caso, quer no outro, o Alfa-Ómega do cume é o mesmo e estará sempre de braços amorosamente abertos, aguardando a nossa chegada ao topo e o regresso do filho pródigo à «Casa do Pai Misericordioso».

* António de Macedo, nascido em 1931, é professor de Esoterologia Bíblica na Universidade Nova de Lisboa, além de sociólogo, cineasta, escritor. etc.

E-mail: ademac@netcabo.pt Livro "O Esoterismo da Bíblia": <http://www.esquilo.com/>

* Daniel Placido, nascido em 1983, é livreiro e pesquisador do Esoterismo. E-mail: danielrplacido@yahoo.com.br

XXIII

Os Reinos Mágicos estão aqui mesmo

Entrevista concedida a Estela Guedes.



ANTÓNIO DE MACEDO "OS REINOS MÁGICOS ESTÃO AQUI MESMO"

**Alquímístico, homem do Novo Cinema Português,
da televisão, da FRC, ele está aqui mesmo, no
TriploV**

ESTELA - O António de Macedo é uma figura bem conhecida, como cineasta. E também como autor de romances de ficção científica, como um dos fundadores da SIMETRIA (<http://simetria.esoterica.pt/>), e organizador dos Encontros de Ficção Científica & Fantástico de Cascais, etc.. Tem tido intervenções na rádio e na televisão, e além disso é professor. Porém os nossos leitores, na maioria americanos ou residentes nas duas Américas, no TriploV só o conhecem pelas suas comunicações ao Colóquio Internacional *Discursos e Práticas Alquímicas*, em linha nas Alquimias, e do texto do Paulo Brito e Abreu sobre um dos seus livros esotéricos, *Laboratório Mágico*. Por isso, gostava que nos falasse ao menos de algumas das suas longas metragens, marcos importantes no cinema português.



ANTÓNIO DE MACEDO - Nem sei por onde começar - talvez pelo fim! Como consequência de um sistema corrupto de apoios financeiros do Estado ao cinema português, vulgo "subsídios", com uma legislação armadilhada para favorecer o "clube dos favoritos" do qual estou obviamente e saudavelmente excluído, há quase dez anos que sou sistematicamente ostracizado e impedido de filmar... O meu último filme de longa-metragem, *Chá Forte Com Limão*, de 1992-1993, é dedicado a Karen Blixen, autora dos extraordinários *Sete Contos Góticos*, e na aparência é uma "ghost story" victoriana (passa-se em 1870). No fundo é muito mais do que isso, claro, o macabro e os espectros são só "cenário", o filme vai descrevendo sucessivas etapas de geração-degeneração-regeneração, são etapas iniciáticas de quem foi "ao lado de lá" e ao voltar a este mundo descobre que este mundo é só esquecimento, e que a verdadeira memória é a memória da Casa do Pai, cuja luz ofusca todas as inúteis frivolidades dos grandes-pequenos dramas terráqueos. Antes desse tinha eu feito *A Maldição de Marialva* (1990), cuja acção decorre pouco antes do ano 1000 na Idade Média pré-portuguesa, no burgo de Marialva, na Beira Alta. A Dama Maria Alva apropria-se diabolicamente dum burgo conquistado aos mouros pelo conde

Gunefredo, a quem ela consegue fazer matar, e dá o seu próprio nome à vila. Maria Alva veste de branco, e encarna o poder das trevas. Mas não conta com a chegada dum alquimista que vem de longes terras, chamado Hélio e que traja sempre de negro - e encarna o poder da luz... Será que o inferno um dia acabará, por não ter base divina em que se sustente, não podendo portanto ser eterno? A aposta do alquimista Hélio, mais do que apenas vencer o mal, é conduzi-lo à redenção e à "reintegração do ser". O filme **Os Emissários de Khalôm** (1987) tem uma história curiosa. Em 1984 escrevi um conto, **A Noiva Vestida de Nuvens** (que mais tarde seria publicado na colectânea **O Limite de Rudzky**), onde trabalhei a ideia duma mítica cidade, Khalôm, a "sétima cidade de refúgio", que desce das galáxias como a Nova Jerusalém do Apocalipse e que provoca transcendentais transformações. Esse tema pareceu-me promissor e voltei a trabalhá-lo neste filme, **Os Emissários de Khalôm**, descobrindo-lhe novos desenvolvimentos e novas surpresas; não contente com isso, voltei a aprofundar o tema numa peça de teatro, **O Osso de Mafoma**, onde a mítica cidade de Khalôm se materializa num deserto da Palestina do século X, antes dum terrível combate entre um exército cristão e um exército muçulmano, combate fatal onde morrem todos e só um guerreiro cristão sobrevive. Mais tarde voltei a explorar a ideia dessa prodigiosa cidade com 240 mil anos que tanto surge no passado como no futuro, umas vezes na Terra e outras vezes em impensáveis regiões do Universo, e escrevi um romance de ficção científica, **Sulphira & Lucyphur**, uma espécie de "space opera" onde o tema dos "emissários de Khalôm" ressurgiu e se revê em novas facetas... Quem são os misteriosos Emissários de Khalôm? Que pretendem? Por que - uma vez mais - um deles vem vestido de branco e outro de negro? E... serão só dois? Bom, para não me alongar, passo por alto **Os Abismos da Meia-Noite** (1983) onde exploro um tema que depois reelaborei num romance, **Erotopofia**, ou **O Príncipe com Orelhas de Burro** (1979), inspirado num romance místico-mágico de José Régio, ou **As Horas de Maria** (1976), que provocou um dos maiores escândalos em Portugal que envolveu seriamente a Igreja católica quando foi estreado em Lisboa em 1979, ou **A Promessa** (1972), selecção oficial à competição do Festival de Cannes de 73, ou ainda o **Domingo à Tarde** (1965), um dos inauguradores do "Novo Cinema Português" dos anos 60 e que recebeu o Diploma de Mérito do Festival de Veneza desse mesmo ano de 65, para concluir no que eu consideraria talvez o meu filme mais significativo, **O Princípio da Sabedoria** (1975). Este filme - talvez mais incógnico do que os outros! - é tão caleidoscópico que escapa a qualquer forma de descrição e muito menos de classificação; eu diria apenas que nele perpassam dezenas de personagens num jogo de perda-busca-encontro-perda-reencontro, num espaço fantasmagórico constituído por um palacete enigmático rodeado de um enorme e labiríntico jardim mais enigmático ainda. No final todas as vivências se entrecruzam e tudo quanto passou é um perpétuo refazer: o lema do filme é: "a verdade é uma mentira"...

ESTELA - O António de Macedo também é um homem da televisão. Nota muita diferença na televisão para a qual realizou programas e na que se faz agora?

ANTÓNIO DE MACEDO - Uma diferença abissal! Televisão, agora, não faço: só vejo, e pouco; quando comecei a fazer filmes e programas para TV foi nos anos 60 do século XX, ainda era a preto-&-branco e a TV era um mar sem ondas quando comparada com os alucino-psico-frenesins dos dias de hoje. Nos anos 60 limitei-me a executar uma encomenda de dois telefilmes de 12 minutos cada, um sobre o poeta Afonso Lopes Vieira e outro sobre Fernão Mendes Pinto, além de mais uma série de 12 pequenos filmes semi-ficcionados sobre a prevenção dos acidentes no trabalho. A partir de 1974, com a liberalização democrática e a abolição da censura, fiz dezenas e dezenas de telefilmes documentais sobre o que se convencionou chamar, na altura, "filmes de intervenção": documentos com uma duração que variava entre os 25, os 40 e os 50 minutos, abordando tudo o que de escaldante se estava a passar por esse país fora, por exemplo: ocupações de terras e de fábricas pelos trabalhadores, manifestações sócio-políticas, expressões

espontâneas de teatro popular em aldeias longínquas, a independência das ex-colónias, velhas profissões em vias de extinção, cooperativas de tudo, inclusive de ópera, aparecimentos de OVNI's em Portugal, séries sobre a protecção à criança, recuperação de deficientes, colecções de bonecas, informação científica, programas sobre teatro profissional, etc. etc. - A partir dos anos 80 as encomendas da RTP foram rareando e fixei-me mais nos filmes de longa-metragem. Quanto à TV de hoje... realmente, não tem nada a ver com a desses saudosos e agitados tempos. Hoje privilegiam-se os "reality shows" e os "big Brothers" numa curiosa inversão do "sentido" do espectáculo: os principais intérpretes e intervenientes já não são actores (excepto em intermináveis telenovelas que estão sempre a serrar o mesmo presunto), mas os próprios espectadores que saltam alegremente para o "lado de dentro" do pequeno ecrã e vão expor as suas mazelas domésticas ou exhibir reais ou supostos dotes histriónicos. Perdeu-se e perverteu-se o lado "sacro" do mistério da "arte do espectáculo" para ficar apenas a vulgaridade e o super-efémero. Ou seja, em vez do "fogo" criativo, que dá calor e luz, só ficou a fumaça, que engasga e cega...

ESTELA - Nos seus livros, quer de ficção científica quer iniciáticos, reparei que por vezes aparece um fantástico fora dos quadros da imaginação. Eu costumo dizer que não vale a pena ao artista entrar em competição com a realidade, porque esta nos brinda com situações muito mais fantásticas do que as dos romances... Será o caso?

ANTÓNIO DE MACEDO - Gosto dessa, uma imaginação fora da imaginação! Tanto nos meus filmes como nos meus romances, perambulo bastante entre a "ficção especulativa" e o "fantástico" - seja o que for que se entenda por isso... desde que se espessurize em obra-acção, como dizem os anglo-americanos: "imagination is image-in-action"! E não só nas minhas obras mais recentes: na verdade sempre naveguei nessas ondas, numa forma ou doutra, desde o princípio: por exemplo no meu filme *Domingo à Tarde* (1965), que citei há pouco, não resisti à provocatória tentação de incluir um pequeno "filme dentro do filme" que se opõe, pelo seu expressionismo visionário e fantástico, à crua nudez da história hospitalar contada no filme propriamente dito - conferindo uma "quinta dimensão" a essa história e iluminando-a com uma outra forma de sabedoria. Concordando com o que a Estela sugere, também costumo dizer que o fantástico - pelo menos na forma de arte que pratico - é um real mais real do que o real, porque aprofunda as invisíveis frinchas desse mesmo real onde os sonhos e a vida se cruzam, se fundem e se indistinguem, ou como explico a páginas tantas dum livro meu (*Instruções Iniciáticas*): "os reinos mágicos estão aqui mesmo, diante dos nossos olhos, umas vezes solidamente, no vasto Império da Imaginação, outras sorratamente, por entre os interstícios do chamado mundo real".

ESTELA - A ficção científica esforça-se por ter base científica mesmo. Um romance em que figurasse uma dupla clone/clonado com a mesma idade, por exemplo, corria o risco de ser logo excluído, caso se apresentasse a um concurso... Isto quer dizer que os ficcionistas ou têm formação científica ou andam muito bem informados sobre as novidades da Astrofísica ou da Biologia. E isso leva a desenvolvimentos para a utopia ou contra-utopia. Há algum Homem Novo que a ficção científica nos esteja a propor?

ANTÓNIO DE MACEDO - Bom, o tal Homem Novo que a FC propõe é uma obsessão que já vem da FC clássica dos anos 50 do século XX. Um dos mais conhecidos é o romance **Childhood's End** (1953) de Arthur C. Clarke, onde uma geração inteira de crianças terrestres sofre uma espécie de apoteose metamórfica que faz com que os seus cérebros se fundam com a "mente cósmica". Outros encaram o futuro da humanidade como uma forma de fusão

colectiva numa gigantesca e espantosa "colmeia mental" humana, como por exemplo no livro **Half Past Human** (1971) de T. J. Bass. Aliás as últimas especulações (e realizações...) da engenharia genética para aí apontam, ou seja, a criação dum ser humano, quer do ponto de vista biológico, quer do ponto de vista mental, capaz de responder eficazmente aos mais arrojados desafios da imaginação, tanto nos espaços siderais como no fundo dos oceanos,

para não falar na sua simbiose com componentes ciberorgânicos, acoplação a computadores ou, inversamente, a utilização em computadores de ADN humano. Ou ainda a acoplação a animais - por exemplo dotando cães amestrados com mãos humanas, o que lhes permitiria executar determinadas tarefas, libertando o humano dum certo tipo de empregos chatos. Um dos autores de FC que mais tem explorado as infinitas potencialidades de seres humanos mutados por engenharia genética - e não só - é Brian Stableford (além de escritor é cientista e geneticista), do qual recomendo vivamente dois dos seus livros mais fascinantes sobre este inesgotável assunto: **The Third Millenium** (1985) e **Sexual Chemistry: Sardonic Tales of the Genetic Revolution** (1991).

ESTELA - O António de Macedo deve pertencer mais ou menos à geração do Ernesto de Sousa. Eu detesto entrevistas em que ao entrevistado só se pergunta o que não lhe diz respeito, fugindo sempre à pessoa que está na nossa frente, como se afinal estivesse ali só para dar chancela à opinião que o entrevistador formula sobre terceiras... Acontece no entanto que o TriploV é dedicado ao Ernesto e o António de Macedo tem decerto algum testemunho importante sobre ele...

ANTÓNIO DE MACEDO - Sim, fui contemporâneo do José Ernesto de Sousa apesar de ele ser 10 anos mais velho do que eu, e tornámo-nos amigos na passagem dos anos 50 para os anos 60, devido a uma curiosa conjunção de factores: em 1958 fundei com dois colegas (o escultor Carlos Gama e o escritor Manuel de Seabra) uma pequena firma editora, que ostentava o pomposo nome de "Clube Bibliográfico Editex Lda." Instalámos o escritório, com uma empregadita mal paga, na Travessa do Fala-Só, em Lisboa, num 1º andar do número 15, do lado



António de Macedo, fazendo a sua refeição vegetariana no Convento dos Cardaes, no último colóquio "Discursos e Práticas Alquímicas". Lisboa, Setembro de 2002

direito. O José Ernesto morava no mesmo andar, mas do lado esquerdo! Fomos portanto vizinhos durante cerca de três anos, que foi o tempo que a Editex durou antes de falir ingloriamente... como é costume nestes luso-juvenis empreendimentos em que o sonho se sobrepõe à realidade. Durante esses três anos a Editex publicou várias coisas, entre as quais uma enxundiosa obra minha, em fascículos mensais, intitulada *A Evolução Estética do Cinema*. A saída de cada fascículo era acompanhada por uma sessão cinematográfica, tipo cineclubes (com muitas cautelas, em academias privadas, porque a Censura e a Pide não perdoavam a Cristo quanto mais à cultura...), sessão essa que constava de um filme clássico que tivesse sido abordado no respectivo fascículo, com apresentação e orientação dos debates por uma personalidade dessa época ligada ao cinema ou ao cineclubismo, como por exemplo Vasco Granja, Manuel Ruas, Baptista Bastos, Manuel de Azevedo, Henrique Espírito Santo e... indispensavelmente, Ernesto de Sousa, que animou de maneira magistral - como só ele sabia, era um fabuloso comunicador - uma ou duas dessas sessões. O nosso convívio cimentou-se no cineclubismo e também durante umas tumultuosas reuniões semanais que fazíamos em casa da Maria Teresa Horta com os jovens inconformistas desse tempo, onde o Ernesto de Sousa, mais velho que nós, pontificava, e onde se discutia política, cinema, política, arte, política, pintura, política, poesia... o que deu azo a que a Pide invadisse um dia a casa da Maria Teresa Horta e eu realizasse o meu primeiro filme profissional, a curta-metragem *Verão Coincidente* (1962-1963) inspirado num revolucionário poema dela que saíra publicado em 1961 com o mesmo título. Praticamente mantive mais ou menos contacto com ele quase até ao fim; lembro-me sobretudo do entusiasmo que nos empoçou, a nós jovens dessa época, a ideia que ele teve de realizar e produzir o filme *Dom Roberto* (1962) financiado com leilões de quadros que pintores amigos lhe punham à disposição (os leilões eram na Sociedade Nacional de Belas-Artes, e sempre muito concorridos e animados), e da criação duma espécie de cooperativa do espectador, em que cada cooperante teria direito a assistir às exibições do filme, a quando da estreia, consoante a sua participação nas acções da cooperativa! Enfim, tempos...

ESTELA - As *Alquimias* são um dos directórios mais frequentados do TriploV. Já perguntei isto ao José Augusto Mourão e agora pergunto -lhe a si: como interpreta este fenómeno de atracção?

ANTÓNIO DE MACEDO - A ideia da Alquimia sempre exerceu um grande fascínio - o fascínio de tudo quanto nos prometea desvendar, manipulatoriamente, os profundos arcanos da Natureza, sobretudo se no final, para além de se levantar o Véu de Isis, ainda se perfile, como bónus, a mirífica ilusão do ouro-sem-fim e da juventude eterna. De qualquer modo, penso que o interesse actual pela Alquimia é mais sério e mais espiritual (corresponde a uma real e cada vez mais intensa fome do espírito) do que o dos reis, imperadores e nobres da Idade Média e do Renascimento que contratavam alquimistas e astrólogos para lhes fabricarem ouro e predizerem as horas propícias às respectivas operações...

ESTELA - Sabe que tive uma grande surpresa, com o Colóquio de Alquimia, ao descobrir que o último alquimista não foi Fulcanelli... Há muitos alquimistas no activo, e até em Portugal... O António de Macedo é alquimista?

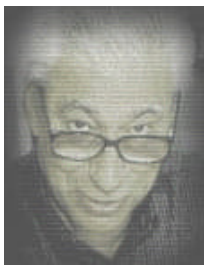
ANTÓNIO DE MACEDO - Não, não sou no sentido convencional do termo. Prefiro auto-classificar-me, mais modestamente, como "alquimístico".

ANTÓNIO DE MACEDO - Bom, eu diria que há mais do que um esoterismo, há vários, ou, talvez melhor, há sucessivos graus de "desvelação" esotérica. Um haddith do profeta Muhammad diz que cada versículo do Alcorão tem um sentido esotérico, e esse sentido esotérico tem um outro, e assim sucessivamente até sete... Uma espécie de pensar o pensar do ultrapensar do

ultrapensar! O que me limito a fazer nos meus livros (e nas minhas aulas) sobre esoterismo bíblico é apenas descascar (enfim, tentar descascar...) a primeira camada da cebola. Depois, quem vier a seguir que se esforce por descascar e esquadrihar o resto, de acordo com a controversa e obscura etimologia da palavra, segundo alguns autores: seria uma confluência de dois termos gregos: "eisô" ou "esô", dentro de, e "têrô", observar, espiar; guardar, conservar. Logo, esô+têrô seria qualquer coisa como o resultado multiplicativo de duas ideias: esquadrihar no mais dentro da "coisa" e guardar no interior de "si-mesmo". Acha que serve?

ESTELA - Por agora, vai servindo... Olhe, eu identifico o seu modo de estar espiritual como rosacruciano. Tenho lido autores que entendem a Fraternidade Rosa-Cruz como autónoma, outros que a ligam à maçonaria, alegando que um dos graus desta é o Cavaleiro Rosa-Cruz. Creio que é Max Heindel quem diz, num dos seus livros, que não era maçom filiado, mas que o era de coração ou pensamento... De que modo se ligam essas duas entidades?

ANTÓNIO DE MACEDO - Sim, de facto Max Heindel tem um estudo muito bem feito, intitulado *Maçonaria e Catolicismo* onde descreve as duas grandes linhagens humanas: - a dos descendentes de Caim, ou seja, os artífices, construtores, fabricantes, cientistas, homens de Estado, etc., em suma, a chamada "linhagem real", associada ao Fogo e ao planeta Marte, - e a linhagem dos descendentes de Seth (terceiro filho de Eva, para "substituir" o falecido Abel), ou seja, os devotos, os místicos, os elementos da Igreja, bispos, cardeais, em suma, a chamada "linhagem sacerdotal", associada à Água e à Lua. A primeira compreende a Ordem Maçónica, iniciática, a dos "construtores", e a segunda compreende a Igreja, a dos devotos, não-iniciática e sacramental. Fernando Pessoa tem razão ao distinguir cuidadosamente entre "Maçonaria" e "Ordem Maçónica". A Ordem Maçónica é ancestral (e não me refiro apenas à lenda de Salomão e de Hiram Abiff), ao passo que a Maçonaria especulativa assumiu a sua forma actual no século XVIII, embora o sistema da "Estrita Observância", por exemplo, se reclame duma origem Templária. Por sua vez a Ordem Rosacruz, de inspiração judaico-cristã, busca o seu ideal na Ordem de Melquisedec, a Ordem da Justiça e da Paz cujo sacrifício é não-sangrento e cujos símbolos são o trigo/pão e a uva/vinho. Cristo, como Sumo-Sacerdote Eterno da Ordem de Melquisedec, veio preparar a gloriosa fusão da linhagem real com a linhagem sacerdotal, da mente e do coração, da cruz e da rosa; no fundo é o ideal dos Reis Magos e da Estrela de Belém: Reis e Sacerdotes, numa humanidade final justa e santa, unida tanto pelo lado mental como pelo lado cordial. O facto de o 18º grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria ter a designação de Cavaleiro Rosa-Cruz deve-se sobretudo a considerações historicistas e ritualistas, impregnadas de Alquimia, mais do que a uma necessidade iniciática. Este grau foi criado nos finais do século XVIII e o seu tema é a "palavra perdida".



INDEX-ANTÓNIO DE MACEDO NO TRIPLOV:

<http://www.triplov.com/macedo/index.htm>

http://simetria.esoterica.pt/quem/q_ademac.html

Amor ou Caridade?

Um dos mais belos textos escritos sobre o amor foi-nos transmitido pelo Iniciado Paulo na sua primeira carta aos Coríntios. É todo o capítulo treze. Começa assim: «Se eu falar as línguas dos seres humanos e dos anjos mas não tiver amor, não sou senão um bronze que soa ou um címbalo que tine», e termina pela conhecida frase: «Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, esses três; mas o maior de todos é o amor» (1 Coríntios 13, 1-13).

Nas diversas versões da Bíblia em línguas modernas deparamos umas vezes, nestas e noutras passagens, com a palavra «amor» e outras com «caridade». Qual das traduções estará mais correcta?

Os 27 textos do Novo Testamento (quatro Evangelhos, um livro de Actos dos Apóstolos, treze cartas ou epístolas atribuídas a Paulo, uma homilia aos Hebreus, sete cartas atribuídas a outros apóstolos, e um Apocalipse) foram todos escritos originalmente em grego, porque o grego era a grande «língua franca» de comunicação entre as diferentes etnias e os diferentes povos da bacia mediterrânica oriental e do Médio Oriente, sobretudo a partir do século IV AEC após as conquistas de Alexandre Magno, conquistas essas que decorreram entre 324 AEC e 314 AEC. A preponderância do grego continuou a manter-se nos tempos de Cristo e dos escritos do Novo Testamento, e até bastante depois.

O conceito «amor», em grego, pode ser expresso pelas seguintes palavras:

(1) erôs, que designa o amor paixão, o desejo apaixonado, o amor ardente; (2) philia, que designa o amor composto de amizade e desejo; (3) agapê, que designa o amor afeição, o amor devocional ou fraternal.

A palavra grega que os dois grandes Iniciados do amor, João e Paulo, utilizam nos seus escritos neotestamentários é preferencialmente agapê, devido à sua conotação espiritual.

A partir do século III EC a importância do grego como língua «internacional» começou a decrescer, em toda a área mediterrânica, impondo-se o latim cada vez mais, de tal maneira que no século III já circulavam diversas versões latinas da Bíblia. Essas traduções latinas, porém, apresentavam não poucas discrepâncias entre si, o que se tornava gravemente inoportuno para a unidade ambicionada pela corrente ortodoxa e eclesiástica cristã que viria a tornar-se a «Grande Igreja». Para remediar este inconveniente o papa Dâmaso encarregou no ano 382 EC o seu secretário Eusebius Hieronymus (347-420 EC) — mais conhecido por S.

Jerónimo —, de fazer uma tradução latina aceitável para as autoridades da Igreja, a partir dos originais do Antigo Testamento (hebraicos) e do Novo Testamento (gregos).

Jerónimo, que foi um dos maiores eruditos bíblicos do seu tempo, deu a tradução por concluída ao cabo de 25 anos de trabalho, e a sua versão latina acabou por se impor na cristandade do Ocidente, ficando conhecida como Vulgata Latina. Quando se deparou com a delicada palavra agapê, Jerónimo hesitou em traduzi-la pelo termo latino amor, amoris, visto que, diferentemente do grego, que tem três palavras diferenciadas para «amor», o latim amor, oris tanto pode designar o amor afeição como o amor paixão, tanto o amor lícito como o ilícito, além de se achar excessivamente contaminado pelas fábulas mitológicas e conotado com o amor pagão — em latim, Amor era o outro nome do deus Cupido e simbolizava uma expressão da luxúria, como na frase flagrare amore, estar inflamado de amor. Uma outra palavra latina que Jerónimo tinha à sua disposição era o substantivo caritas, caritatis, que significa a «qualidade daquele que é caro, ou querido» (caritas vem de carus, a, um, que significa precisamente «caro, querido»), e pode designar o amor ternura ou o amor afeição, ou um simples afecto, tal como vemos por exemplo na expressão caritas patriae, amor à pátria (Cícero).

Traduzir agapê por amor, oris estava fora de questão, porque na homilética eclesiástica o amor já era frequentemente associado à flamma amoris e ao spiritus fornicationis, ou seja, ao amor carnal e luxurioso, nos antípodas do amor cristão; por outro lado, traduzir por caritas parecia insuficiente, porque, sendo embora um termo de conotação afectuosa, não era suficientemente espiritual.

Perante este dilema, Jerónimo decidiu cunhar algo de mais expressivo, e, assim, pegou no substantivo caritas, atis, e pincelou-o com um cheirinho do termo grego charis, charitos, que significa «graça», «dom», «encantamento», «graça divina», originando o curioso termo latino charitas, atis, que tanto na Vulgata como noutros autores eclesiásticos passou a designar o sublime e excelso amor cristão. De facto, o termo latino charitas acabou por se impor ao longo da Idade Média e não só na linguagem mística, pois evoluiu para as línguas modernas originando por exemplo charité em francês e charity em inglês. Por outro lado caritas, atis, deu em português «caridade». Entretanto, por evolução semântica, o termo português «caridade» foi perdendo a conotação de elevado afecto sensível e passou a designar uma certa comiseração esmoler, ou uma piedadezinha sentimentaleira, que está muito longe de traduzir, hoje em dia, a noção de excelso e puro amor transmitido pela palavra agapê.

Por aqui se vê que a superior noção que se exprime em grego por agapê e em latim (de Jerónimo) por charitas, será hoje mal traduzida por «caridade»,

atendendo ao actual e (quase) depreciativo significado da palavra. Portanto será preferível, apesar de tudo, traduzi-la por «amor».

Antes de concluir, remate-se com a seguinte curiosidade:

A Vulgata Latina, de Jerónimo, com ulteriores correcções, foi autenticada pelo Concílio de Trento (1545-1563) como versão latina oficial da Bíblia, para a Igreja católica, assim se mantendo até ao século XX. O Decretum de Canonis Scripturis, emitido na 4.^a sessão do Concílio (8 de Abril de 1546), declara que quem não aceite os livros da Vulgata Latina como sacros e canónicos, seja anátema («Si quis autem libros ipsos integros cum omnibus suis partibus, prout in Ecclesia catholica legi consueverunt, et in Veteri Vulgata latina editione habentur, pro sacris et canonicis non susceperit, et traditiones praedictas sciens et prudens contempserit, anathema sit»). Ou seja, quem se atrevesse a mexer numa só vírgula, corria o risco de ir parar ao inferno...

O pior é que com o rápido desenvolvimento da crítica textual e dos estudos bíblicos, levados a cabo por eruditos laicos, sobretudo a partir dos séculos XVIII e XIX, tornaram-se demasiado evidentes os erros mais grosseiros com que estavam inquinadas bastantes passagens da tradução de Jerónimo. A própria Igreja sentiu necessidade de proceder a uma reformulação (leia-se: uma nova tradução latina) do texto canónico da Bíblia, e assim, sob os auspícios de Pio XII começou a ser publicada, em 1945, uma nova versão latina, editada pelo Pontifício Instituto Bíblico, de Roma, começando pelo Livro dos Salmos do Antigo Testamento. Finalmente, ao cabo de 34 anos, já havia uma nova tradução latina integral da Bíblia que passou a ser designada por Neovulgata — só lhe restava ser oficializada pela Santa Sé para poder ultrapassar os anátemas do Concílio de Trento! Foi o que fez João Paulo II: promulgou a Constituição Apostólica *Scripturarum Thesaurus*, em 25 de Abril de 1979, onde se declara que a Nova Vulgata *Bibliorum Sacrorum editio* passa a ser o texto latino oficial de referência para os católicos, obrigatório na sagrada liturgia, em substituição da antiga Vulgata de Jerónimo.

Curiosamente, nas passagens onde figura a palavra grega *agapê*, e que Jerónimo traduziu pelo engenhoso termo *charitas*, a Neovulgata substitui-o pelo termo comum *caritas*, que tendo embora uma conotação de afecto, não possui nem a força espiritual de *agapê* nem a expressividade mística de *charitas*... Que significado poderemos atribuir a este retrocesso?

- António de Macedo

Apelo às novas gerações

António de Macedo



O Filósofo Meditando , Rembrandt van Rijn (1606-1669)

À guisa de conclusão sugiro que olhemos para o futuro, que é donde nos vem a inspiração e a luz para o presente. Li uma vez algures que uma boa chave de sucesso é sabermos que a vida **acontece** às pessoas que fazem planos.

De facto, fazer planos é organizar o futuro; é seleccionar com critério as sementes do amanhã.

Quando perguntaram a Diógenes por que pedia esmola a uma estátua, respondeu: «Para ganhar prática em não me darem nada»^[1].

Esta atitude «cínica» pode ter a sua graça mas não é inofensiva: fecha todas as portas porque no DAR é que está a verdadeira felicidade, não no receber — já o dizia Jesus, conforme o Iniciado Paulo nos revelou.

E não só no dar; a *maneira como* se dá (nem que seja apenas uma boa notícia) é talvez ainda mais importante.

Permiti que vos conte uma história. No fundo, é apenas um pequeno exercício. Um exercício para treinar boa disposição. Antes porém de a contar gostaria de justificá-la com a seguinte nota: é muito importante que os outros se habituem a ver-nos como portadores de boas notícias. Há indivíduos que se tornam pesados porque têm um prazer simultaneamente infantil e perverso em se exibirem com más novas: «Já sabem quem morreu?» «Parece que o Governo quer aumentar os impostos!» «Imaginem que Fulano foi atropelado esta manhã!» «Queres apostar que esse trabalho todo vai dar em nada?» «A mulher de Cicrano fugiu com o farmacêutico!» — ou então: «*Hoje* estou com uma dor de cabeça insuportável!», género de coisa que certas pessoas adoram dizer *todos os dias*.

Às vezes, reconheço, é impossível não transmitir uma má notícia, quando tem mesmo de ser. De qualquer modo, se vamos ter com alguém façamos os possíveis, *primeiro*, por dar ênfase a alguma boa notícia e só depois despachemos as más, de preferência sem excessiva ostentação. As pessoas devem habituar-se a ver-nos como *mensageiros de boas novas* e não como aves agoirentas.

Aprendi isto à minha custa e desde bastante novo — e finalmente aqui vai a tal mini-história que acima prometi. Quando tinha os meus 15 ou 16 anos, andava no 5.º ano do liceu e dava explicações individuais a meninos do 1.º e do 2.º ano a fim de ganhar uns cobres que ajudassem às minhas pequenas despesas. Como possuía boa memória conseguia dar explicações de várias disciplinas, mas a que mais me agradava ensinar era Matemática. Ao fim de um ano de andar a puxar por um desses meninos, dirigi-me ao liceu para lhe ver as notas finais e em seguida fui transmiti-las ao pai e à mãe, que esperavam ansiosos em casa (nesse tempo as classificações eram de 0 a 20). Desastradamente comecei pelo 8 a Francês para ir crescendo através do Português, da Geografia, etc. até culminar em glória no 17 a Matemática. Julgava eu que o final em beleza é que era bom, mas logo me dei conta pela cara deles de que tinha errado. O 17 não produziu efeito nenhum porque a **má impressão inicial** já se não desfez. Devia ter começado ao contrário!

Isto ensina-nos não só a ser cautelosos como a compreender que cada dia que gastamos tem de ser usado da melhor maneira, mais expressiva, mais bela e enriquecedora, porque jamais regressa e não podemos emendá-lo.

Diz-nos a *Daily Word*, numa das suas «meditações diárias», que cada dia que se nos apresenta pela frente, novinho em folha, é para ser vivido em *equilíbrio*, pois foi para isso que Deus o fez, não obstante os desentendimentos, obscuridades e conflitos aos quais a nossa ignorância, impreparação ou falta de fé atribuem por vezes proporções avassaladoras, e absurdamente exageradas em relação ao nosso *real* potencial para desfazer tais fantasmas.

Importa, pois, sabermos gerir cada dia que vivemos de acordo com os conselhos do Eclesiastes («um tempo para cada coisa»), ou seja, devemos

reparti-lo em descanso e exercício, em trabalho e divertimento, em aprender e em aplicar, em solidão e em sociabilidade, em silenciar e em ensinar...

É esta alternância inteligente e equilibrada da sístole e da diástole dos afazeres que torna o *meu* dia, e a *minha* vida, mais harmoniosos e mais produtivos, tanto material como espiritualmente.

Sei-o por experiência própria, sobretudo ao descobrir as insuspeitadas vitórias que afinal alcancei em todas as minhas batalhas perdidas.

Algumas das maiores dificuldades que tenho enfrentado na vida devem-se às incompatibilidades inerentes ao meu próprio carácter, fenómeno aliás que a maioria das pessoas arrasta como uma grilheta e as imobiliza em auto-conflito quando se apresenta o momento crucial de tomar a *tal* atitude decisiva.

No meu caso, por exemplo, percebi tardiamente que sou uma mistura de anarco-místico e de cavaleiro andante sedentário.

Primeiro, pareceu-me uma razoável maneira de ir andando nas nuvens até chegar um pouco mais longe, mas depois reconheci que essa discrepância, ou melhor, *dissonância*, poderia ser interessante em música pós-moderna mas na chamada «vida real» não é nada fácil de gerir.

Muito do que eu deveria ter feito e empreendido esfumou-se no fantástico reino dos sonhos em pé... Hoje sinto que poderia ter realizado muito mais e ter tido uma acção mais eficaz — e positiva — numa porção de coisas que acabei por não fazer porque as imaginei nas altitudes do inalcançável.

Jovens de hoje e de amanhã! Usai e abusai diluvianamente da vossa *imaginação* e acreditai nela, dai-lhe expressão *activa*, não a confundais com *fantasia* inoperante e não deixeis que outros façam o que pode e deve ser feito, *correctamente*, por vós. Dou-vos mais um exemplo:

Todos sabemos que os EUA são um país de história recente quando comparado com as fontes donde nos vem a ancestral sabedoria, o Egipto, a China, a Índia, o Tibete, as nações da velha Europa... Como é natural, a sua cultura começou por ser a das populações (europeias ou outras) que desde os séculos XVI e XVII desembarcaram no continente americano e o povoaram. Daí que os seus provérbios sejam, na quase totalidade, não só os ingleses mas também de outros povos antigos que se foram adaptando à língua e à mentalidade dos «States».

Todavia, os bons dos americanos, que muito tiveram de lutar e esforçar-se para construir aquele vasto e energético país, criaram um provérbio novo — creio que é o único tipicamente e originalmente americano! Reza assim:

«Se te deitas a dormir pensando que uma coisa é irrealizável, corres o risco de acordar com o barulho de alguém que a esteja fazendo».

Ora bem: não sei que melhor conselho vos possa dar. Nunca se deitem a dormir pensando que uma coisa é irrealizável: FAÇAM-NA!

Costuma-se dizer que um instrumento musical é, em si mesmo, uma coisa *morta* e *silenciosa*, que de súbito se torna *viva* e *arrebatadora* ao ser tocada por um músico de talento.

Se fordes artistas, não vos deixeis atrair e suggestionar pelo feio, como infelizmente está cada vez mais em voga. Buscai antes o Amor e a Beleza, para que o convívio entre as pessoas seja como um jardim de flores, e não como garras afiadas como tem sido.

Isto leva-nos a ter o maior cuidado com o fascínio que certas camadas das jovens gerações — sobretudo urbanas e dos países ditos «avançados» — têm pelos «cultos satânicos» em quanto forma de transgressão e rebeldia contra um *estado de coisas* que os sufoca e não sabem como correctamente combatê-lo, ou antes: dissolvê-lo e superá-lo. Não compreendem como utilizar a **luz** e optam por servir-se das **trevas** como arma e contra-arma de arremesso.

Essas atitudes exteriorizam-se em manifestações exibicionistas entre as quais se incluem, por exemplo, o *corpse paint* ou as músicas estilhaçantes da espécie *black metal*, ou *death metal*, ou *heavy metal*, ou *power metal*... ou ainda por meio de *graffiti* nas paredes das ruas, nas placas sinalizadoras, nas estações do metro, com traços agressivos e ângulos esquinados e súbitos, falsas runas que reproduzem — sem querer? misteriosa e invisivelmente incutidas? — certas fórmulas ritualísticas da Magia Negra..

Os poderes satânicos não são um exclusivo dos excessos do pós-racionalismo, são de sempre — e virá a talho de foice relembrar as palavras de um inspirado discípulo de Paulo:

«Porque não é nossa luta contra sangue e carne [semitismo para significar contra os mortais], mas contra os regentes, contra as autoridades, contra os mundanos senhores destas trevas, contra as forças espirituais da maldade nas regiões do invisível» (Efésios 6, 12).

Quereis observar como nas malhas do tempo se entretecem os urdumes da Negra Magia de todos os tempos?

Vede a chamada «lei de talião», que há 4.000 anos foi uma inovação democrática — sim, democrática!, pois tanto o príncipe como o plebeu que tirassem o olho a alguém recebiam ambos o mesmo castigo, sem distinção de castas — e que hoje é um despojo maligno dum sistema que Jesus veio revolucionar e arejar. Seja às claras, seja de modo velado, a *punição retaliativa* continua a fazer parte de muitos segmentos dos códigos penais. Se alguém usa mal a sua liberdade, tira-se-lhe a liberdade; se alguém mata alguém, aplica-se-lhe a pena de morte. Com a agravante de que a pena de morte, por exemplo — e era aqui que eu queria chegar —, é um disfarçado acto de Magia Negra que usa o derramamento do sangue para «esconjurar o inimigo», na ignara presunção de que esse acto dissuade o futuro ou potencial criminoso.

Puro engano! O resultado que se obtém é na verdade o oposto: como qualquer acto de Magia Negra, salda-se por um «choque de retorno» que cai redobradamente sobre quem o praticou ou ordenou.

De um ponto de vista esotérico, qualquer estudante do oculto sabe que a pena de morte é uma sementeira de influenciadores do mal, pois o espírito criminoso e mal-formado que foi obrigado a partir violentamente sem se redimir, procurará por todos os meios, desde as baixas camadas dos reinos invisíveis, actuar de forma maléfica sobre as mentes e as psiques frágeis que ainda estão neste mundo, e pode fazê-lo tanto mais facilmente pois se encontra liberto das pesadas amarras do corpo físico, o qual apesar de tudo constitui uma barreira e um limite para o alcance físico do mal. É um facto reconhecido que nos países onde a pena de morte se aplica a criminalidade aumenta.

Infelizmente a lei judaica do «olho por olho, dente por dente» ainda permanece muito enraizada na *persona* de grande parte das pessoas, mesmo das cristãs, não obstante terem decorrido dois milénios desde os ensinamentos de Cristo Jesus sobre a Graça e o Perdão.

Isto é muito óbvio nos filmes e nas séries televisivas, em que há sempre um «mau da fita» que comete as piores atrocidades deixando o espectador cheio de raivas e furores contra ele, esperando que o «herói» no fim se vingue e «mate» o vilão para devido «castigo». No momento «delicioso» em que o vilão morre finalmente às mãos justiceiras do herói, o público consumidor tem como que um orgasmo personalístico, a tensão descarrega-se e os espectadores ficam aliviados e todos contentes: «O Bem triunfou sobre o Mal!» — Mentira, não triunfou nada, foi exactamente o contrário: com a vingança redobrou-se a densidade das emoções negras, a espiral do mal fortaleceu-se e acentuou-se. É o Antigo Testamento, insidiosamente, a não deixar emergir o Novo, com as artimanhas que os *mass media* lhe proporcionam. Cada vez que um espectador ou um telespectador exulta com a «vingança final» num filme ou num telefilme destes, está a regredir 2.000 anos na Senda da Evolução.

Felizmente há cada vez mais pessoas a compreendê-lo e já começam a brotar com firmeza e consciência reacções cristãs exemplares; vou lembrar-vos um caso frisante:

Quando as Twin Towers do World Trade Center, em Nova York, e uma parte do edifício do Pentágono, em Washington, foram barbaramente destruídas em 11 de Setembro de 2001 pelo ataque terrorista que deixou a América e todo o mundo em choque, a reacção do Governo americano e das suas altas chefias militares foi logo: retaliar.

Impressionantemente, passadas as primeiras ondas de horror e emoção, e mal se esboçava uma infeliz, absurda e errónea tendência para suscitar um confronto entre a Cristandade e o Islão, o *povo* americano compreendeu que uma guerra de retaliação seria inútil e só criaria mais vítimas inocentes. Foi então um

espectáculo maravilhoso e extraordinário ver multidões nas ruas das cidades americanas contra a guerra, exibindo cartazes a condenarem a política de morte dos governantes e a exigir que se distinguisse entre «justiça» e «vingança», e ouvi-los entoar e repetir a milhares de vozes este *slogan*, em unísono:

Eie for eie,

Makes the world blind! [\[2\]](#)

Isto é verdadeiramente cristão.

Correndo o risco de vos chocar, dir-vos-ei que estou sinceramente convicto que a melhor forma de convívio entre os humanos é o comunismo. Mas atenção! O verdadeiro comunismo não foi o proposto por Marx e Engels e levado à prática por Lenine, Staline ou Mao-Zedong.

Refiro-me ao comunismo pregado e praticado por Cristo.

Um comunismo espiritual em que **todos nós**, mulheres e homens, somos irmãos por igual e filhos Bem Amados do Divino Pai; um comunismo novo como Cristo o apregou, o do Reino de Deus, o das *comunidades* (as *ekklêsiai* do primeiro século) conhecedoras do que autenticamente têm de *comum* e as une: o estímulo do calor e da pura amizade, a vocação iniciática, o espírito universal de amor de todos por todos, sobretudo pelos carentes e pelos que sofrem, a incondicional confiança no eterno Amor do Pai — ou no **Eterno Pai de Amor**.

Jesus atreveu-se, na Sua época, a dar-nos ensinamentos e exemplos para superar e dissolver todos os focos de intolerância, de fanatismo, de egoísmo, de sede do poder... Por isso o mataram. Consentiremos que a Sua morte tenha sido em vão?

Se a Cruz do Calvário é o clímax duma vida, que foi acção, luta, projecto e determinação, [...] penso que Jesus morreu daquela maneira para que o homem que nele acredita mate em si aquilo que o levou à morte. Ele morreu para matar aquilo que o matou, e aquilo que o matou foram as opressões religiosas e políticas, os determinismos e os mecanismos dos poderes religiosos e políticos que serviam um *status quo* de interesse pessoal e institucional, de segurança pessoal e institucional, de autocontemplação e auto-suficiência, que não se compadece com quem os perturba e os inquieta. Jesus morreu porque mexeu profundamente e radicalmente na questão do poder. (J. CARREIRA DAS NEVES, *Jesus Cristo - História e Fé*, 1989, pp. 268-269).

Jovem: se és daqueles que crêem na reencarnação ou no renascimento em sucessivas vidas terrenas, talvez não percas o teu tempo se meditares nesta «mensagem alquimística» que um dia alguém enviou — e que outro alguém (ou o mesmo?) recebeu:

Há uma voz no nosso íntimo que grita silenciosamente, sem descanso, ainda que muitas vezes a não queiramos ouvir:

«Tens o dever de criar um mundo melhor. Dizem-nos os livros que um mundo melhor é um mundo mais livre de injustiças, de crueldade, de corrupção, de

carências materiais e espirituais de toda a sorte. Que importa isso se morrerei amanhã? — replica o teu personalismo egoísta. Seja qual for a idade que tenhas, faz sempre a sementeira. Lava terrenos. Aprende a reconhecer as ervas daninhas. Arranca-as. Injustiças, frios, desigualdades, uivos de lobos predadores. Lembra-te que não é apenas para os teus filhos e netos que semeias e purificas. VOLTARÁS A ESTA TERRA UM DIA, NO FUTURO. E sem dúvida saborearás então o resultado do teu esforço de hoje. Que esse esforço dê frutos de bom alimento, e doces. Caso contrário, amargá-los-ás. Cuidado, pois, com o que modelas, agora, com as tuas ideias, as tuas vontades, as tuas paixões, as tuas palavras e as tuas mãos. Será esse o presente que ofereces ao futuro e com ele terás de conviver — quando *o futuro te for presente*».

Chegados ao termo da nossa jornada, não quero concluir sem vos deixar mais um exemplo — desta vez poético — de positiva esperança. É uma história que nos vem do Extremo Oriente e que o instrutor rosacruciano Edmundo Teixeira — que tanto me apraz citar! — contava aos meditantes que o liam. Inspira-se num episódio muito simples ocorrido com o grande poeta japonês Matsuo Bashô (1644-1694) que se celebrizou na composição do *haiku*, forma breve de poesia de três versos e dezassete sílabas. Um dos discípulos de Bashô compôs o seguinte *haiku* :

Uma libélula rubra.

Tirai-lhe as asas:

uma malagueta.

O mestre Bashô deu-lhe uma lição de sabedoria positiva invertendo a ordem dos versos:

Uma malagueta.

Colocai-lhe asas:

uma libélula rubra.

Edmundo Teixeira comentava: uma libélula perder as asas e reduzir-se a uma malagueta é uma ideia negativa e pessimista, é o retrocesso do reino superior ao inferior. Mas uma malagueta, ou uma lagarta vermelha, transformar-se em libélula é uma libertação, um desabrochar e uma ascensão ao céu infinito, que é a meta de toda a obra divina. Também na vida encontramos pessoas com os dois tipos de disposição: os que acham que tudo lhes corre para trás e os que não recuam perante o esforço de subir, nem que seja começando por um pequenino degrau. E rematava: O que preferem? Descer ou subir? A vossa escolha decidirá do fracasso ou do êxito das vossas vidas...

Um autor místico que escolhera o anonimato escreveu um dia:

«Não importa qual seja a minha prece: Deus não só lhe responde, como é a própria resposta».

Pessoalmente, sei que isto é verdade. Por um singular concerto de circunstâncias, durante os dois anos que levei a escrever este livro fui triturado por sucessivas

vagas de tribulações das mais pesadas que tenho sofrido na vida. No entanto, quando nos piores momentos me apetecia gritar, exausto: Pai por que me abandonaste?, uma voz silenciosa mas enérgica sustinha-me e dizia-me: Espera. E a espera não foi vã.

Só precisava de olhar na direcção certa — e Deus estava lá.

Aqui.

Isso posso afirmar-vos, com toda a sinceridade e com todas as forças da minha dor e da minha alegria:

DEUS NUNCA NOS ABANDONA.

-----ooOoo-----

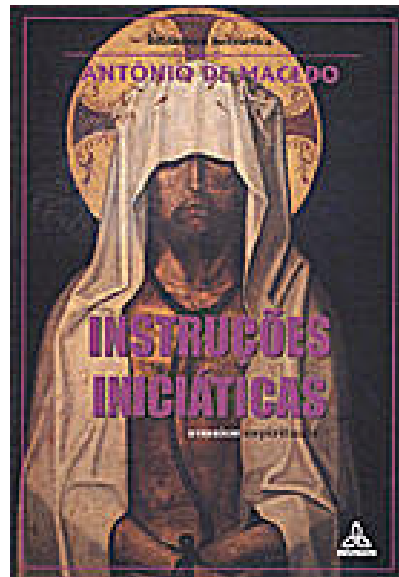
[1] DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas de Filósofos Eminentíssimos* VI , 49.

[2] «Olho por olho,
Faz o mundo cego!»

Livros

Instruções Iniciáticas

Ensaio Espirituais



Macedo, António

Biblioteca Hermética, nº 5

ISBN 972853400-0

346 págs. (2ª edição)

Eis um livro que propõe alguns sérios desafios ao leitor, alertando para os riscos e reptos dos próximos tempos. Comela por nos convidar a empreender uma renovada e imprevista viagem pela história e pelo futuro da Ordem Rosacruz, e pelos mitos fundadores da Ordem Maçónica, desvendando uma leitura da Bíblia em contraponto com a nova Rosacruz, e pelos mitos fundadores da Ordem Maçónica, desvendando uma leitura da Bíblia em contraponto com a nova Física.

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

Ao abrir da porta...

I — A maravilhada alegria do Caminho

1. Iniciação em Biarritz
2. Sabedoria divina, ciência profana
3. Místicos e ocultistas
4. Entre céu e terra: os perigos da desrazão
5. A nova era da crítica bíblica
6. No princípio era a Palavra
7. O romance da Rosacruz
- [8. Em busca do Templo ignoto](#)
9. Os filhos do Sol
10. A sombra dos deuses
11. A nova luz e a Nova Galileia
12. *Quid faciam, Domine?*
13. Na senda dos Mistérios
- [14. Paulo, o Iniciado](#)

II — A amorosa dor de dar a Vida

15. Do deus Acaso...
16. ... ao *deus absconditus*
17. Os santos Mistérios e a *Magna Mater*
18. A coroa de 12 estrelas
19. A nova Rosacruz e o Evangelho do Amor
20. Amor e vida ou Eros e Thanatos?
- [21. Graal Branco, Graal Negro](#)
22. Da Cruz à Imaculada
23. Depois da Cruz, a Rosa cheia de Graça
24. A teia de Arachne
25. A ROC e a ROT
26. Sacerdócio católico — no feminino?
27. A Vida Mãe, assumpta aos céus

III — A graça perdoadora da Verdade

28. Instruções iniciáticas
29. O preço profano da Graça
30. Iniciação mística, Iniciação oculta
31. Os sete Raios
32. As Escolas de Mistérios
33. As nove Iniciações menores — I
34. As nove Iniciações menores — II
35. As nove Iniciações menores — III
- [36. Regresso ao Pai de Amor](#)
 - Abreviaturas dos Livros Bíblicos
 - Índice remissivo

Editor:

Hugin Editores Lda.

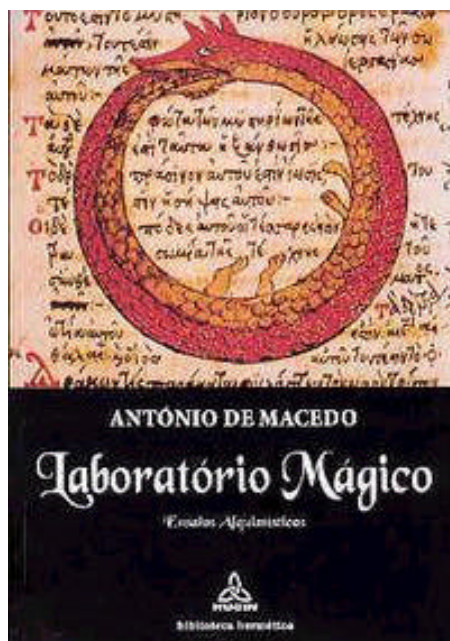
Apartado 1326

1009-001 LISBOA - Portugal

Email: hugin@netcabo.pt
<http://hugin.shopping.sapo.pt/>

Laboratório Mágico

Ensaio Alquímicos



António de Macedo
ISBN: 972-794-100-1
474 págs.

António de Macedo, autor de Instruções Iniciáticas, livro já publicado na colecção «Biblioteca Hermética» da Hugin, apresenta-nos agora um novo e estimulante trabalho, Laboratório Mágico, onde não só continua a abordar os mistérios dos mundos visíveis e invisíveis, como analisa algumas das questões mais controversas com que se defrontam o homem e a mulher ansiosos por Conhecimento: Por que razão existem a dor e o sofrimento? Será possível alcançar a felicidade? O que há depois da morte? Haverá ou não um inferno eterno? Ou, pelo contrário, como afirmam hinduístas e budistas, haverá reencarnação? Como se deverá entender o inquietante conceito de «ressurreição da carne»? O Santo Sudário é verdadeiro ou falso? Pode ou não haver uma autêntica cura espiritual? Como deve ser lida a Bíblia? Qual o papel actual da misteriosa Ordem Rosacruz? De um modo simples e claro, nas sugestivas páginas de Laboratório Mágico dão-se algumas surpreendentes respostas acompanhadas de um certo número de exercícios práticos que proporcionarão, ao leitor interessado, um caminho de realização e de harmonia espiritual, bem como uma maior capacidade para enfrentar os desafios da vida, transformando-a num oceano de oportunidades, de compreensão, de alegria e de Paz, «a Paz que excede todo o entendimento».

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS

Justificação dum título

I - ANAGLYPTA MIRABILIA:

"No mundo tereis tribulação..."

"Mas as crianças, Senhor..."

Vale de lágrimas?

Os três Preceitos Sagrados

A ponte de cruz

O inocente e o virtuoso

O crime de S. José

Lição iniciática 01: o Cristo interno

Primeira prática: Relaxe

[O Pássaro Azul da Felicidade](#)

II - ARCANA VIATORUM:

A lei das compensações

Os tesouros da terra e do céu

Pensamentos, palavras e obras

O Banco Cósmico

"Extra Ecclesiam nulla salus"

Igreja de Pedro, Igreja de João...

A umbrátil morada dos mortos

O fogo revelador

Lição iniciática 02: o Purgatório

1 - Seio de Abraão

2 - Inferno

3 - Tormentos

4 - Intransponibilidade

5 - Temporalidade

Segunda prática: Retrospecção

III - MAGIA MERCURIALIS:

O mediático Senhor do sábado

"Pai, nas tuas mãos..."

Os três exemplos de Jesus

Lição iniciática 03: domínio das paixões

Terceira prática: Concentração

A planície e a montanha

A Montanha Sagrada - 1

A Montanha Sagrada - 2

O ecumenismo do Amor?

Para além do sofrimento...

Diálogo entre Cristo e Buda
O Sermão da Planície - 1
O Sermão da Planície - 2
Lição iniciática 04: o Pai Nosso
Quarta prática: Oração
1 - Quando orar?
2 - Onde orar?
3 - Orar quanto tempo?
4 - Como orar?
5 - Rezar o quê?
O Sermão da Planície - 3

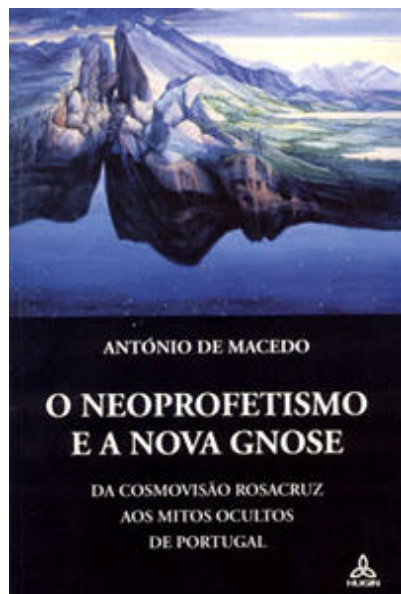
IV - MAGIA AUREA:

"Desperta, tu que dormes..."
Ressurreição ou Iniciação?
[A ressurreição corporal judaica](#)
As primitivas fontes cristãs
O Evangelho Q
Todo o oculto virá à luz
A Gnose sófica de Tomé
Ressurreição: uma realidade cósmica
1 - As comunidades Q e de Tomé
2 - A Escola de Paulo
3 - Sinópticos
4 - A Escola de João
Ressurreição da carne...?
... ou reencarnação?
De glória em glória
O Sermão da Ceia
Lição iniciática 05: o Cristo Ressurrecto
- A prova do Sudário de Turim
Quinta prática: Cura
[Conclusão: apelo às novas gerações](#)

Editor:
Hugin Editores Lda.
Apartado 1326
1009-001 LISBOA - Portugal

Email: hugin@netcabo.pt
<http://hugin.shopping.sapo.pt/>

ANTÓNIO DE MACEDO E A ALQUIMÍSTICA - MARIA ESTELA GUEDES



ANTÓNIO DE MACEDO
O NEOPROFETISMO E A NOVA GNOSE
Da Cosmovisão Rosacruz aos mitos ocultos de Portugal
Hugin Editores, Lisboa, 2003

Editor:
Hugin Editores Lda.
Apartado 1326
1009-001 LISBOA - Portugal

Email: hugin@netcabo.pt
<http://hugin.shopping.sapo.pt/>

António de Macedo reúne neste livro algumas conferências, entre elas as apresentadas ao Colóquio Internacional “Discursos e Práticas Alquímicas”, organizado pelo Centro Interdisciplinar da Universidade de Lisboa, Instituto S. Tomás de Aquino e TriploV, com impressão em livro na Hugin Editores os dois primeiros volumes. Todas as comunicações de António de Macedo estão em linha no site (<http://triplov.com/macedo>), bem como as dos outros participantes no colóquio (<http://triplov.com/alquimias>).

O livro estrutura-se em três capítulos, *Arque-Mitos*, *Itinerário* e *Lusomítias*. Com permissão da Hugin Editores e de António de Macedo, pomos em linha o texto “Inquisição e tradição esotérica”, da terceira parte do livro, não só pelo seu intrínseco valor, como para alertar os interessados para o colóquio “Inquisição Portuguesa: Tempo, Razão e Circunstância”, que terá lugar de 20 a 22 de Outubro de 2004 na Faculdade de Letras de Lisboa. O colóquio é promovido pelo Instituto São Tomás de Aquino, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pelo Centro de Estudos de Cultura e Ciência Brasil-Europa e pelo Centro de História da Universidade de Lisboa.

António de Macedo é um alquímico, perito em lidar com textos de um ponto de vista da filosofia oculta. Isto é, quer o autor quer esses textos participam de uma esfera de discurso em que o conhecimento é transmitido de forma velada, por ser secreto. Por isso, este conhecimento é em geral considerado pelas pessoas como oposto ao científico. O discurso da ciência, quando oferece barreiras à compreensão, não é por ser secreto, sim por exigir uma aprendizagem prévia de noções e teorias, que implicam glossário próprio. Tudo isto é uma ilusão, esta visão das diferenças não passa de um *cliché*. O discurso científico não se opõe ao esotérico nem pela ausência de segredo nem por causa da terminologia específica, sim pelo lugar de onde fala o enunciador. Seria outro *cliché* dizer que o enunciador científico fala do lugar do Poder e o místico do lugar do despojamento dos bens materiais. Para já, não existe uma ciência, existem duas, pelo menos: a que estagnou no cárcere do seu próprio paradigma, e a que sabe, e por saber recorre

ao segredo e a técnicas não-científicas para o entremostrear: essas técnicas são as do poeta e do esoterista. Não vejo grandes diferenças entre este tipo oculto de ciência e a alquímica de António de Macedo, salvo na intenção do que se publica e nos objectivos da investigação. Do ponto de vista retórico, ou literário, existe permeabilidade entre a arte, a ciência e a tradição esotérica.

É de segredos que trata o livro de António de Macedo, entre eles os que dizem respeito aos grandes mitos portugueses - sebastianismo, V Império, culto do Espírito Santo. O segredo existe quando é necessário seleccionar leitores. Por exemplo, no tempo da Inquisição, era necessário passar mensagens nos textos de maneira a não serem percebidas pelos inquisidores. António de Macedo fala até de modos de esconder os textos, dentro de livros com capas e títulos enganadores. Eu trabalho, como se sabe, com textos científicos cujos segredos se transmitem de forma análoga. Mas todos os segredos são de Polichinelo, como diria Paolo Fabbri. São segredos de Polichinelo para quem sabe. Quem sabe, lê claramente. Para quem não sabe, o segredo é real e não de Polichinelo. Quem não sabe, detecta a presença do código, mas falta-lhe depois chave para decodificar a mensagem. Há outras formas de passar mensagens secretas, a mais clássica do esoterismo é o símbolo. Dirão que o seu significado está hoje decodificado nos dicionários de símbolos, mas o símbolo é polivalente, ambivalente e polissémico. Por isso, face a dado texto simbólico, para quem tem a chave, o seu segredo é de Polichinelo. Quem não tem a chave, apenas detecta a presença do símbolo.

O símbolo é outro dispositivo usado no texto científico. Símbolos como o 3, o 33, o 666, o triângulo, o duplo, a pedra e alusões a S. João, são frequentes. E porque são frequentes, face a um mapa como o que se vê abaixo (1), sabendo que representa parte da área frequentada no século XIX por naturalistas como Rosa de Carvalho, Paulino de Oliveira e Júlio Henriques (2), é fácil verificar que está marcado com símbolos: o 3 da figura 3, o 3 das três vales, perdão, das três valas do Paúl de Arzila, a forma do desenho que limita o espaço do paúl - evoca uma pedra triangular - e uma das colunas sobre que repousa a pedra, apontada por uma linha tracejada, o Casal de S. João.

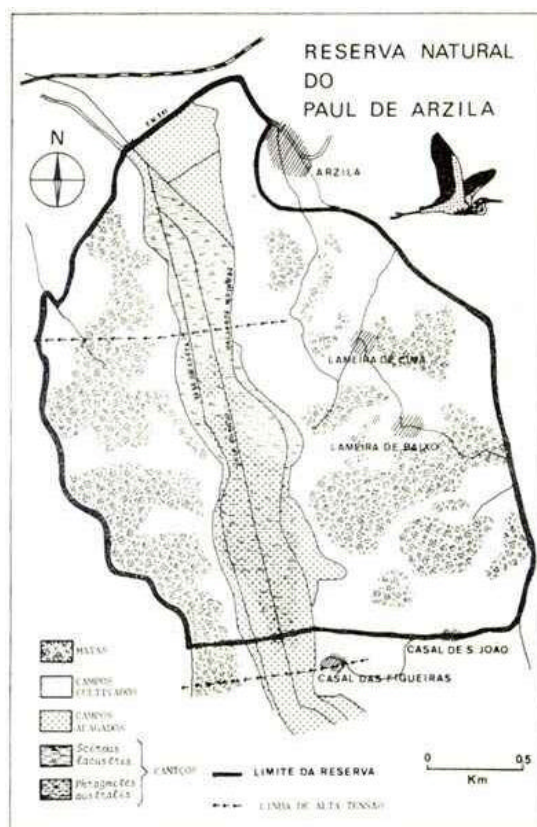


Fig. 3—Reserva Natural do Paul de Arzila com os respectivos limites que foram propostos. Assinalam-se as três valas do Paul e, no caniçal, as zonas de bunho (*Scirpus lacustris*) e de caniço (*Phragmites australis*).

Hoje vivemos em democracia, não se justificam segredos como os do tempo da Inquisição ou mesmo do período da censura anterior ao 25 de Abril. Porém os segredos permanecem, porque são diversas as suas motivações e porque no curso dos tempos se vão perdendo as chaves dos códigos. Há segredos por razões de Estado, há segredos de ordem divina, há segredos de ofício susceptíveis de enganar os oficiais do mesmo ofício, que geram novos segredos para salvar as aparências, e estes são os que pessoalmente mais enfrento.

António de Macedo enfrenta segredos da Tradição, entre ele e a origem dos mitos passou muito tempo, há chaves perdidas. Mas ele é hábil na exegese dos textos, ajuda-o o grande conhecimento adquirido na prática de leitura e a sua crença. A crença move montanhas, é uma energia interior muito poderosa. Por isso é sempre enriquecedor lê-lo, há sempre véus que se rompem para nos deixar ver um pouco mais além e subir mais um degrau, nessa viagem que representa a grande diferença entre o alquimístico e o científico: o espírito tende para o céu e nada limita as suas asas. O cientista, ainda que descubra a nova maneira de chegar a Saturno sem necessidade de naves espaciais, está sempre limitado pelo *plafond*...

...

(1) Francisco Ferrand de Almeida, "Paul de Arzila: futura reserva da biosfera". *Cyanopica*, 4 (3), 1986. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

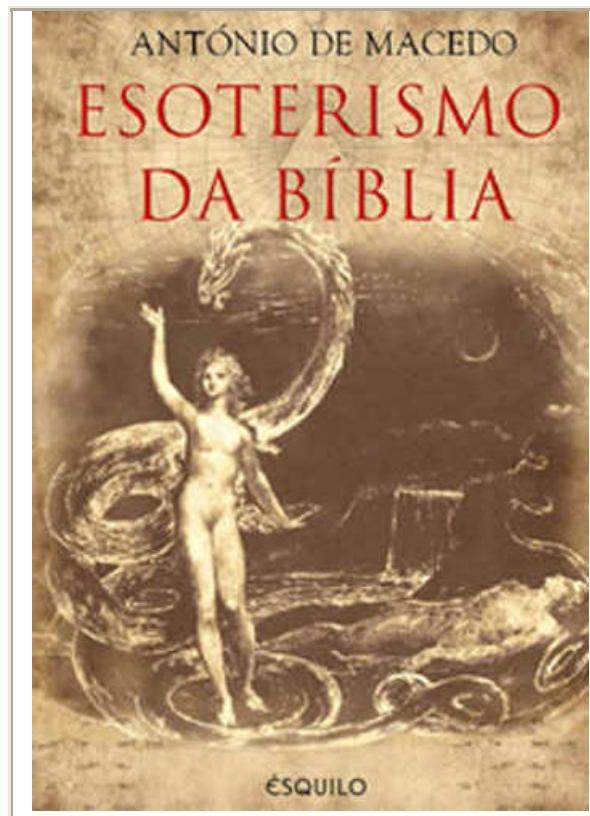
(2) Veja as cartas de Rosa de Carvalho em <http://triplov.com/rosa>, e a minha comunicação ao IV Colóquio Internacional *Discursos e Práticas Alquímicas*, "Cartas de Rosa de Carvalho: Há uma ciência maçónica?", em http://triplov.com/coloquio_4/meg1.htm



INDEX-ANTÓNIO DE MACEDO NO TRIPLOV:

<http://www.triplov.com/macedo/index.htm>

<http://www.triplov.com/map/index.htm>



ESOTERISMO DA BÍBLIA
António de Macedo

Formato: 16,2X23 Cm | Nº de Páginas: 288 | Preço: 18,00
1ª Edição: Abril de 2006
ISBN: 972-8605-73-0

Essencial para compreender a mensagem mais profunda e filosófica dos textos bíblicos

«Que os próprios textos da Bíblia contêm material esotérico, é um dado observacional indiscutível, além do facto, também indiscutível, de terem sido objecto de interpretações esotéricas, quer por parte da tradição judaica, quer da tradição cristã desde os seus primórdios.»

António de Macedo
in Preâmbulo

António de Macedo, especialista na investigação e estudo das religiões comparadas e actual docente da cadeira de «Introdução ao Estudo da Esoterologia Bíblica» na Universidade Nova de Lisboa, aborda neste livro uma série de temas relacionados com o esoterismo da Bíblia, com grande preocupação de credibilidade e precisão investigacional. Aqui se questionam as traduções correntes da Bíblia, confrontando-as com os textos originais, hebraicos e gregos, revelando estranhezas surpreendentes e desvendando as alterações feitas propositadamente pelos copistas para inflectir o sentido da mensagem cristã... Um livro com linguagem perfeitamente acessível ao público em geral mas que recusa o sensacionalismo de ocasião para investigar com seriedade e rigor alguns dos mistérios mais obscuros do nascimento, ascensão e expansão vertiginosa do Cristianismo, desde a sua fase de uma dissidência marginal do Judaísmo, passando pela sua posição super-preponderante de religião oficial do Império Romano, e até às suas inúmeras manifestações, quer oficiais, quer marginais, nos nossos dias.

Para encomendar:

<http://www.esquilo.com/esoterismo.html>

MARIA ESTELA GUEDES António de Macedo e o esoterismo

Mais um livro de António de Macedo acaba de sair, *Esoterismo da Bíblia* (Ésquilo, 2006). De novo uma obra muito cuidada e fundamentada, própria da maior autoridade portuguesa sobre o assunto, segundo creio. E não, não se trata de um padre, como alguns julgam, atentando distraidamente na palavra "Bíblia". Uma breve navegação pelo Google desvendará aos internautas os segredos maiores e menores de António de Macedo, ficcionista, e um dos nossos directores de cinema mais conhecidos, entre outros heroísmos curriculares.

Obra extensa, nela se desenvolvem estes principais temas: classificação cronológica dos livros bíblicos, hermenêutica, mistérios e mitologemas da Bíblia, e tradicionalismo esotérico cristão.

Padre, o autor? Mas justamente: se algum padre escrevesse o que escreve António de Macedo, seria corrido dos quadros da Igreja, uma vez que a Inquisição acabou nos tempos do Marquês de Pombal. Publicasse ele os seus livros sobre esoterismo no tempo dela e os inquisidores far-lhe-iam a cama numa crepitante fogueira. Ele não é padre, é um alquimístico - ou apenas um sábio.

A Igreja católica entende o cristianismo como religião revelada, sem véus, sem mistérios, portanto os textos fundadores também estão desprovidos de significações que exijam, para serem compreendidas, de conhecimentos esotéricos. Defender que há necessidade de iniciação porque existe um cristianismo esotérico, com mistérios e textos de mensagem velada, seria uma heresia. Aliás, António de Macedo não diz que é preciso ser iniciado para compreender a Bíblia, sim que existiu um cristianismo iniciático, diverso daquele que prega a Igreja católica.

Seria ou é, ainda hoje, uma heresia para a Igreja, não sei. Não pretendo com isto denunciar António de Macedo a nenhum Tribunal do Santo Ofício, sim contribuir para divulgar a sua obra, por merecer leitura a revelação e explanação desse outro cristianismo, muito diferente daquele a que nos habituámos. O conhecimento não ocupa lugar, é de conhecimento que falamos, ou, melhor dizendo, de *outro* conhecimento,

o que pressupõe pluralidade. Temos estado demasiado habituados a supor que dadas instituições detêm o exclusivo do conhecimento - a universidade, detentora do conhecimento científico, considerado o único verdadeiro; a Igreja católica, detentora do conhecimento cristão, considerado o cristianismo a única religião verdadeira - e falta-nos por isso abertura de espírito para admitir que há muitos conhecimentos, muitas vias de acesso a ele, e que todos são igualmente válidos, uma vez que nenhum se pode arrogar a pretensão de ser dono da Verdade. Quando tal pretensão se patenteia de forma física - ao dar corpo à repressão, à exclusão social, à perseguição política - então estamos face a manobras oportunistas de manipulação dos indivíduos, através da transmissão de valores que se exige eles reproduzam.

O quadro não se cinge ao aparelho repressivo de um Estado, partido ou agremiação, em geral parte da célula-base, a família. A família é um aparelho de reprodução de valores, no qual com dificuldade se aceita a diferença. Um artista numa honesta família pouca dada a actividades intelectuais, por exemplo, tende a ser rejeitado, porque não reproduz o sistema de valores vigente, entendendo-se, no caso específico, que os valores vigentes nessa família são os da pouca instrução, e correlata falta de apetência pela cultura.

Existisse *A Verdade*, como *O Livro*, e poderíamos queimar não só a biblioteca de Alexandria, como todas as que existem no planeta, incluídas as virtuais, pois bastaria, para suprir as necessidades de espírito do Homem, esse Livro, ou essa Verdade. Felizmente, não parece que exista tal foco de poder, capaz de tudo destruir. O que existe é propaganda, vontade de controlo por esta ou aquela instância, quando se apresenta como detentora dessa tal Verdade ou desse tal conhecimento único, excludor de outros.

António de Macedo tem conhecimento, e por isso o seu poder pessoal, sobre os textos bíblicos. A Bíblia não é monopólio de nenhuma associação religiosa em especial, e este livro à evidência manifesta as lacunas que existem na interpretação católica, excludora do mistério e de tudo o que ele comporta, enquanto via iniciática.



Professor António de Macedo

A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes e Outros Ensaios

Antologia

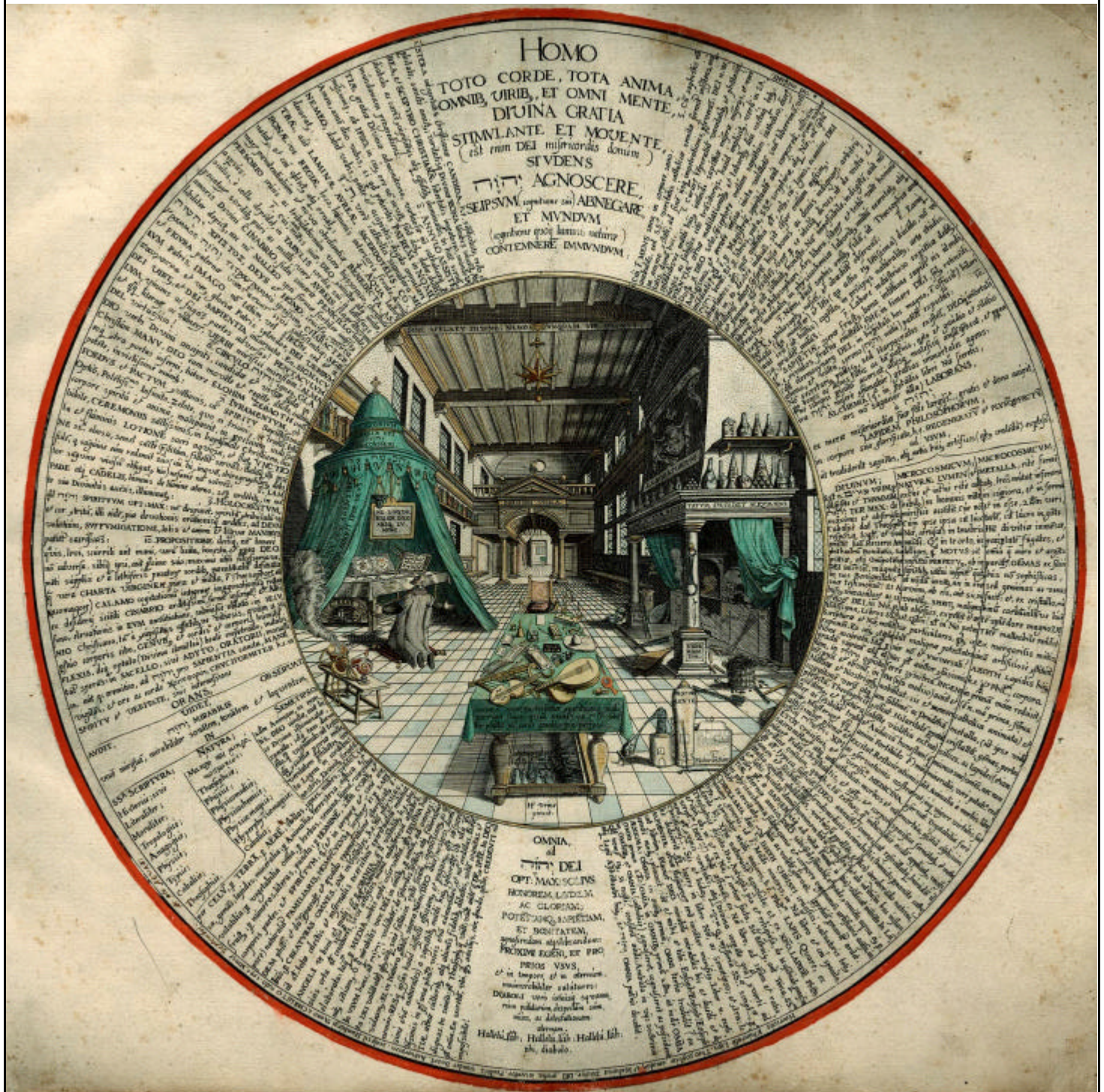
Artigos, Ensaios e Excertos de Obras Esotéricas Publicadas

Antônio de Macedo

Index

	Introdução	Pág 02
	Sobre o Autor e Sua Obra	04
I	O que é o Esoterismo?	08
II	Logos e Lithos: A Palavra Criadora e a Pedra Angular	15
III	Graal Branco, Graal Negro	25
IV	Paulo, O Iniciado	36
V	Magia Aurea: O Eneagrama Sagrado	48
VI	Os Solstícios e os Equinócios	59
VII	A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes	66
VIII	A Cosmologia dos Rosacruzes	80
IX	Eu e o Pai Somos Um: O Eterno Feminino na Nova Religiosidade	94
X	Iniciação Feminina: Astrológica, Mágica, Alquímico-hermética ou cabalística?	112
XI	A Misteriosa Escrita de Jesus	156
XII	O Uso do Pergaminho e o Pecado Original	159
XIII	A ressurreição corporal judaica	183
XIV	Regresso ao Pai de Amor	188
XV	O Pássaro Azul da Felicidade	196
XVI	Max Heindel: Em Busca do Templo Ignoto	203
	Max Heindel – Cronologia , Segundo Ger Westenberg	211
XVII	Corinne Heline	227
	Corinne Heline: Uma vida em imagens	234
	Meu Tributo à Max Heindel por Corinne Heline	237
XIX	Prayer and The New Panacea	241
XX	Origem da Oração Rosacruz	248
XXI	Inquisição e Tradição Esotérica	252
XXII	As diferentes concepções sobre o "Jesus Histórico	250
XXIII	Esoterologia Bíblica: Entrevista concedida à Daniel Plácido em abril de 2007	276
XIV	Os Reinos Mágicos estão aqui mesmo: Entrevista concedida a Estela Guedes.	291
XV	Amor ou Caridade	297
XVI	Apelo às Novas Gerações	300
XVII	Resenha de livros publicados	308

O Oratório Laboratório dos Alquimistas



“O Primeiro Estágio do Grande Trabalho”, mais conhecido como o “Laboratório do Alquimista” da obra *Amphitheatrum Sapientiae Aeternae* de Heinrich Khunrath (1560-1605)



Simbolismo Rosacruz, por Reinhard Ponty

O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.

Que símbolo final
Mostra o Sol já desperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

- Fernando Pessoa

Breve História do Movimento Rosacruz

A antiga Fraternidade Rosacruz consistia de seres altamente espiritualizados, puros e de incomensurável sabedoria.. Eram alquimistas médicos e matemáticos, doze indivíduos do século XIV, que foram orientados por um ser conhecido como "Cristão Rosa Cruz". Esses seres trabalharam secretamente e formaram uma fraternidade conhecida como "Ordem Rosacruz". Os conhecimentos de tal Ordem foram ministrados à apenas alguns sábios, sendo que nada foi revelado até o ano de 1614, data da publicação da Fama Fraternitatis, o primeiro manifesto Rosacruz. Essa sociedade secreta ainda existe e ainda trabalha pela elevação da humanidade. Somente aqueles que possuem um amplo desenvolvimento espiritual são admitidos como membros no círculo interno do movimento Rosacruz. Tais "médicos da alma" engajados no controle interno deste grande movimento, estão intimamente associados à evolução do mundo. Esses irmãos trabalham de forma secreta, incansável e abnegadamente pelo bem da humanidade.



Em 1908, Max Heindel que era de origem dinamarquesa, após ser testado em sinceridade de propósitos e desejo desinteressado em ajudar seus semelhantes, foi escolhido como o mensageiro dos Irmãos Maiores, para transmitir os ensinamentos Rosacruzes ao Ocidente, preparando a humanidade para a futura Era de Fraternidade Universal. Por meio de intensa auto-disciplina e devoção ao serviço ele conquistou o status de Irmão Leigo (Iniciado) na exaltada Ordem Rosacruz.

Sob a direção dos Irmãos Maiores da Rosa Cruz, gigantes espirituais da raça humana, Max Heindel escreveu o Conceito Rosacruz do Cosmos, um livro que marcou época se tornando uma referência marcante para todos os pesquisadores da tradição ocultista ocidental e aspirantes à espiritualidade.

Por meio de seu próprio desenvolvimento ele foi capaz de verificar por si mesmo muitos aspectos dos ensinamentos recebidos dos Irmãos Maiores, sintetizados no Conceito Rosacruz do Cosmos, fornecendo um conhecimento adicional mais tarde corporificado em seus numerosos livros.

Uma das condições básicas na qual os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental foram dados à Max Heindel era que nenhum preço poderia ser estabelecido para eles. Tal condição foi fielmente observada por ele até o fim de sua vida terrestre e tem sido cuidadosamente cumprida pelos dirigentes da Fraternidade Rosacruz (The Rosicrucian Fellowship). Ainda que os livros da Fraternidade sejam vendidos a preços acessíveis, que garantam a continuidade de suas publicações, os cursos por correspondência e os serviços devocionais e de cura são inteiramente gratuitos. A Fraternidade é mantida através de doações voluntárias de seus estudantes e simpatizantes, não havendo taxas ou mensalidades obrigatórias.

Passado um determinado tempo e estando ainda tais ensinamentos sob a sua responsabilidade, foi instruído a retornar à América e revelar ao público tais ensinamentos , até então secretos. Nessa época, a humanidade tinha alcançado o estágio mais avançado da religião cristã, quando os mistérios (que Cristo menciona em Mateus 13:11 e Lucas em 8:10) tinham que ser ministrados à muitos e não apenas para alguns.

Quando Max Heindel chegou à América, ele publicou esses elevados conhecimentos em seu livro "O Conceito Rosacruz do Cosmos" que foi traduzido em diversas línguas e continua a ser editado em várias partes do mundo. Também estabeleceu a Fraternidade Rosacruz como uma Escola Preparatória para a verdadeira, eterna e invisível Ordem Rosacruz, a Escola de Mistérios do Mundo Ocidental.

Ainda que a palavra Rosacruz seja usada por várias organizações, a Fraternidade Rosacruz não tem nenhuma conexão com estas.



Princípios e Finalidade

A Fraternidade Rosacruz, cuja sede mundial está situada em Mt. Ecclesia, Oceanside, California, foi fundada em 1909 por Max Heindel, que organizou e dirigiu todos os seus trabalhos até 1919, data de sua partida física. Sucedeu-o sua esposa Sra. Augusta Foss Heindel, que durante trinta anos dirigiu a Obra a frente de um Conselho Diretor.

A Fraternidade Rosacruz é uma organização de místicos cristãos compostas por homens e mulheres que estudam a Filosofia Rosacruz segundo as diretrizes apresentadas no Conceito Rosacruz do Cosmos. Tal Filosofia é conhecida como os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental e estabelece uma ponte entre a ciência e a religião. Seus estudantes estão espalhados por todo o mundo; mas sua Sede Internacional está localizada em Oceanside, California, E.U.A.

A Fraternidade Rosacruz não tem conexão com nenhuma outra organização. Foi fundada durante o verão e outono de 1909, após um ciclo de conferências proferido por Max Heindel em Seattle. Um Centro de Estudos foi formado e a Sede da Fraternidade se localizou temporariamente naquela cidade. Providencias foram tomadas para a publicação do Conceito Rosacruz do Cosmos. Com a publicação deste trabalho a Fraternidade Rosacruz foi definitivamente estabelecida.

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. Sua finalidade precípua é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspecto espiritual dos problemas relacionados à origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano tornar-se melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

(I) explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso de suas qualidades;

(II) ensinar o objetivo da evolução, o que habilita o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver suas próprias possibilidades, ainda desconhecidas para grande parte da humanidade;

(III) mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

Foram publicados livros e organizados Cursos por Correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos. O Movimento Rosacruz, publica e mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão de consciência, tratando de nossa origem espiritual e da finalidade de nossa evolução.

Relativo a outras sociedades Rosacruzes

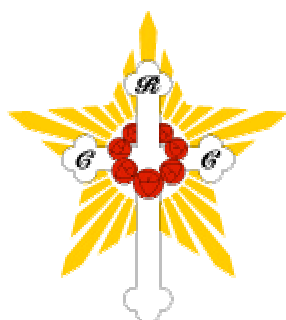
"É freqüente recebermos cartas de estudantes dizendo o que esta ou aquela sociedade pregam em relação a uma determinada matéria e perguntam: o que há de verdadeiro nisso? Como conciliar essas informações com nossos ensinamentos? Porque nossos ensinamentos são diferentes? Gostaríamos de dizer, de uma vez por todas, que é impossível responder a tais perguntas, porque não é política da Fraternidade Rosacruz discutir os ensinamentos de outras sociedades. Divulgar nossos próprios ensinamentos toma todo o nosso tempo e se nossa literatura for bem estudada, a razão para estes ensinamentos será sempre encontrada. Não existe nenhuma afirmação feita pela Fraternidade Rosacruz que não seja respaldada pela razão e pela lógica e estamos sempre desejosos de reiterar e de intensificar esse aspecto. Procuramos de todas as

formas possíveis satisfazer aos estudantes, mas não podemos tomar ao nosso cargo, rebater ou dar explicações sobre os ensinamentos que integram outras sociedades."

-MAX HEINDEL, "Ecos", Setembro de 1914

Esta nota de Max Heindel representa a nossa política até hoje e embora saibamos que possa existir um interesse natural em conhecer até que ponto outras organizações ou sociedades diferenciam-se da nossa ou se assemelham a ela, sentimos que a explicação mais satisfatória de objetivos, propósitos, política, etc., só pode ser dada pela própria organização. A *FRATERNIDADE ROSACRUZ* não tem nenhuma conexão com QUALQUER outra organização; seguimos o exemplo de Max Heindel e limitamos nossa informação e ensinamentos ao que foi divulgado na Filosofia Rosacruz, estando certos de que, lendo as explicações dadas por Max Heindel, apreciarão a nossa atitude.

Cursos por Correspondência



Para poder ajudar os que sentem uma necessidade imperiosa de se preparar de modo inteligente e respeitoso para o desabrochar de seus poderes espirituais interiores e latentes, a Fraternidade Rosacruz mantém três cursos por correspondência que fornecem instruções a estudantes de todo o mundo: Filosofia Rosacruz (Preliminar e Suplementar), Astrologia (Preliminar, Superior e Suplementar) e Ensinamentos Bíblicos à Luz da Filosofia Rosacruz.

CURSO PRELIMINAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ E SUA MATÉRIA

Este curso está aberto a todas as pessoas. Composto de 12 lições, prepara o Estudante ao caminho da espiritualidade. Recebidas as respostas das lições, são estas examinadas, corrigidas e devolvidas ao estudante com respostas impressas para sua comparação. Para este curso faz-se necessário o livro básico "Conceito Rosacruz do Cosmos".

Seu estudo compreende a seguinte matéria:

- I) Descrição de como a parte invisível do homem (mente, vontade e emoções) governa suas ações; as razões de nossos erros, como corrigi-los e, ainda, a chave para o desenvolvimento de nossas faculdades construtivas.
- II) A relação do homem com as demais ondas de vida que evoluem no mundo físico. Este estudo é tomado como base para a compreensão do sistema evolutivo.
- III) O mecanismo do ciclo de vida : os mistérios do nascimento e da chamada morte. Ampla e sólida explicação de como a Lei do Renascimento não só é possível , como também é uma necessidade fundamental para a existência do progresso e da justiça no universo.
- IV) Aquisição de poderes mais altos e modo de consegui-los, mediante a observação de princípios básicos e exercícios realizados com o pleno uso de nossa consciência - sem nenhum tipo de sugestão, negativismo ou processos mecânicos que jamais desenvolverão a verdadeira espiritualidade.

CURSO SUPLEMENTAR DE FILOSOFIA ROSACRUZ

Composto de 40 lições, são estas enviadas após a conclusão do Curso Preliminar, ocasião em que o estudante se converte em Estudante Regular da Fraternidade Rosacruz. As lições têm também suas respostas devolvidas, depois de examinadas e corrigidas. Com este curso, o Estudante ainda é inscrito na

Sede Mundial - The Rosicrucian Fellowship - de onde também passa a receber correspondência. Depois de decorridos dois anos, o Estudante pode solicitar à Sede Mundial, o ingresso no Probacionismo, um caminho que proporciona estudos mais profundos.

CURSO DE ESTUDOS BÍBLICOS À LUZ DA FILOSOFIA ROSACRUZ

Composto de 28 lições, que serão devolvidas ao Estudante depois de revisadas, sem respostas impressas.

CURSO DE ASTROLOGIA

Dividido em 3 partes:

Elementar , Superior e Superior Suplementar Todas as lições também são devolvidas ao Estudante depois de examinadas e corrigidas.

A astrologia a que nos referimos não deve ser confundida com quiromancia; trata-se de uma fase da religião mística tão sublime quanto as estrelas com as quais lida. Para os místicos, as estrelas não são corpos mortos que se movem no espaço em obediência a chamada lei natural cega, são encarnações dos "Sete Espíritos diante do Trono", poderosas Estrelas-Anjos que usam suas benéficas influências para guiar outros seres menos elevados, incluindo a humanidade, no caminho da evolução.

Há um lado da Lua que nunca vemos, mas essa metade escondida é um fator tão influente na criação dos fluxos e refluxos quanto sua parte visível. Da mesma forma, há um lado invisível do homem que exerce uma influência poderosa sobre a vida e, assim como as marés são reguladas pelos movimentos do Sol e da Lua, as eventualidades da existência também são medidas pelas estrelas circulantes que, por essa razão, podem ser chamadas de "O Relógio do Destino", e o conhecimento de sua importância proporciona um imenso poder; para o astrólogo competente, um horóscopo revela todos os segredos da vida.

Portanto, quando alguém fornece os dados de seu nascimento a um astrólogo; dá-lhe a chave de sua alma e não haverá segredo que ele não possa desvendar. Esses conhecimentos podem ser utilizados tanto para o bem como para o mal, tanto para ajudar ou para ferir, de acordo com a natureza do homem. Somente a um amigo deverá ser confiada a chave de uma alma e esta nunca deverá ser entregue a alguém com caráter duvidoso, que prostituirá essa ciência espiritual por causa de ganhos materiais.

Para um médico, a astrologia é de inestimável valor no diagnóstico de doenças e na prescrição de um remédio, pois revela a causa oculta de todo sofrimento de uma forma que muitas vezes deixa perplexo os cépticos e emudece os zombadores.

A opinião de milhares de pessoas é de grande valor, mas não prova nada, pois milhares de pessoas podem ter opiniões diversas; às vezes, um único homem pode estar certo e o resto do mundo errado, como quando Galileu afirmou que a Terra estava em movimento.

Hoje, o mundo inteiro se converteu à opinião pela qual ele foi torturado, e afirmamos que, sendo o homem um ser complexo, as curas só são bem-sucedidas na proporção em que corrigem efeitos nos planos físico, moral e mental do Ser. Também asseguramos que se pode obter resultados mais facilmente em determinadas épocas, quando os raios dos astros estão propícios para a cura de uma doença particular ou através de tratamentos com remédios previamente preparados sob tais circunstâncias favoráveis.

Se você for pai, o horóscopo vai ajudá-lo na identificação do mal latente em seu filho (a) e ensina-lo-á a tomar as devidas precauções. Mostrará também os pontos bons, para que você possa fazer do Espírito que lhe foi confiado um homem ou uma mulher melhor. Revelará fraquezas sistemáticas, o que capacitará você a preservar a saúde de seu filho; ressaltará quais os talentos que existem e como a vida deverá ser vivida em sua plenitude. Por isso, a mensagem das progressões estelares é tão importante que não podemos ignorá-las.

A fim de auxiliar os que estão prontos a ajudar a si mesmos, mantemos um Curso de Astrologia por Correspondência; mas não se engane: não ensinamos quiromancia. Se é isso o que procura, nada temos para você.

Notas:

1. Só depois de terminado o Curso Preliminar é que o estudante pode simultaneamente ou não, inscrever-se nos demais cursos.
2. Todos os cursos são inteiramente gratuitos, visto que os gastos são cobertos pelas contribuições voluntárias, conforme os ditames do coração e as posses de cada um, cumprindo-se, assim, a lei de DAR e RECEBER.



Centros e Grupos Rosacruzes no Brasil Associados a The Rosicrucian Fellowship

• Fraternidade Rosacruz Sede Central do Brasil

Rua Asdrúbal do Nascimento, 196
Bela Vista, São Paulo, S.P.
CEP 01316-030 – fone: (11) 3107-4740

rosacruz@fraternidaderosacruz.org.br
<http://www.fraternidaderosacruz.org.br>

• Centro Rosacruz de Campinas

Av.Francisco Glicério, 1326 - 8 Andar - Sala 82 - Centro - Cep.13012-100 - Campinas – SP

• Centro Rosacruz de Santo André

Av.Dr.Cesário Bastos, 366 - Vila Bastos - Cep.09040-330 - Santo André - SP

rosacruzandre@ig.com.br
<http://fraternidaderosacruz.tripod.com>
<http://www.fraternidaderosacruz.netfirms.com>

• Centro Rosacruz de São José dos Campos

Av.Madre Tereza 449 1 A S.217 - Centro - Cep.12201-970 - S.J.dos Campos - SP

• Fraternidade Rosacruz do Rio Grande do Sul

Rua Jacundá 120 - B. Guarujá - Cep. 91770-430 - Porto Alegre - RS

• Fraternidade Rosacruz Max Heindel - Centro do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza 19 - Tijuca - Cep. 20521-210 - Rio de Janeiro – RJ

Telefone celular: (21) 9548-7397

[E-mail: rosacruzmhrio@hotmail.com](mailto:rosacruzmhrio@hotmail.com)

• Grupo Rosacruz de Belo Horizonte

Av.Paraná, 287 - Apto.171 - Cep.30120-020 - Belo Horizonte - MG

• Centro Rosacruz de Florianópolis
Rua Quadrangular 231 - B.dos Ingleses - Cep.88058-455 - Florianópolis - SC

• Centro Rosacruz de Atibaia
Av.Alexandre José Barbosa 425 - Cep.13250-000 - Itatiba - SP

• Centro Rosacruz de Piracicaba
Rua Padre Galvão, 857 - São Dimas - Cep.13416-010 - Piracicaba - SP

• Centro Rosacruz de Porto Alegre
Caixa Postal, 181 - Cep. 90010-970 - Porto Alegre - RS

• Grupo Rosacruz de Ribeirão Preto
Av.Marechal Costa e Silva, 1768 - Cep.14080-120 - Ribeirão Preto - SP

• Centro Rosacruz de São Luís
Rua Grande, 1032 - Cep.65020 - São Luís - MA

Centros e Grupos Rosacruzes em Portugal Associados a The Rosicrucian Fellowship

Fraternidade Rosacruz de Portugal

Rua de Manuel Múrias, 12 - 5º Esq
1500-419 Lisboa - Portugal

Centro Rosacruz Max Heindel

Apartado 46
2396-909 Minde, Portugal

LINKS

[The Rosicrucian Fellowship](http://www.rosicrucian.com)
www.rosicrucian.com
www.rosicrucianfellowship.org

Por problemas de ordem técnica, o site da Sede Mundial não está sendo visualizado no Brasil, mas seu conteúdo pode ser visto em um site alternativo editado por um membro probacionsita da Rosicrucian Fellowship:

Site alternativo editado por Robert Jacobs, membro da The Rosicrucian Fellowship

<http://rosanista.users4.50megs.com/index.html>

Fraternidade Rosacruz - Sede Central do Brasil
<http://www.fraternidaderosacruz.org.br>



Emblema Iniciático Rosacruz, por Reinhard Ponty

As opiniões expressas neste e-Book são de inteira responsabilidade do autor .

E-Book editado com a autorização do autor e disponível para download gratuito pelo site :
<http://www.fraternidaderosacruz.org/>

Fraternidade Rosacruz Max Heindel
Centro Autorizado do Rio de Janeiro

Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Telefone celular: (21) 9548-7397
rosacruzmhrio@hotmail.com

Filiado a The Rosicrucian Fellowship

Mt. Ecclesia 2222 Mission Avenue, Oceanside, CA 92054-2399, USA PO Box 713, Oceanside, CA 92049-0713, USA (760)
757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)



2007-09-23